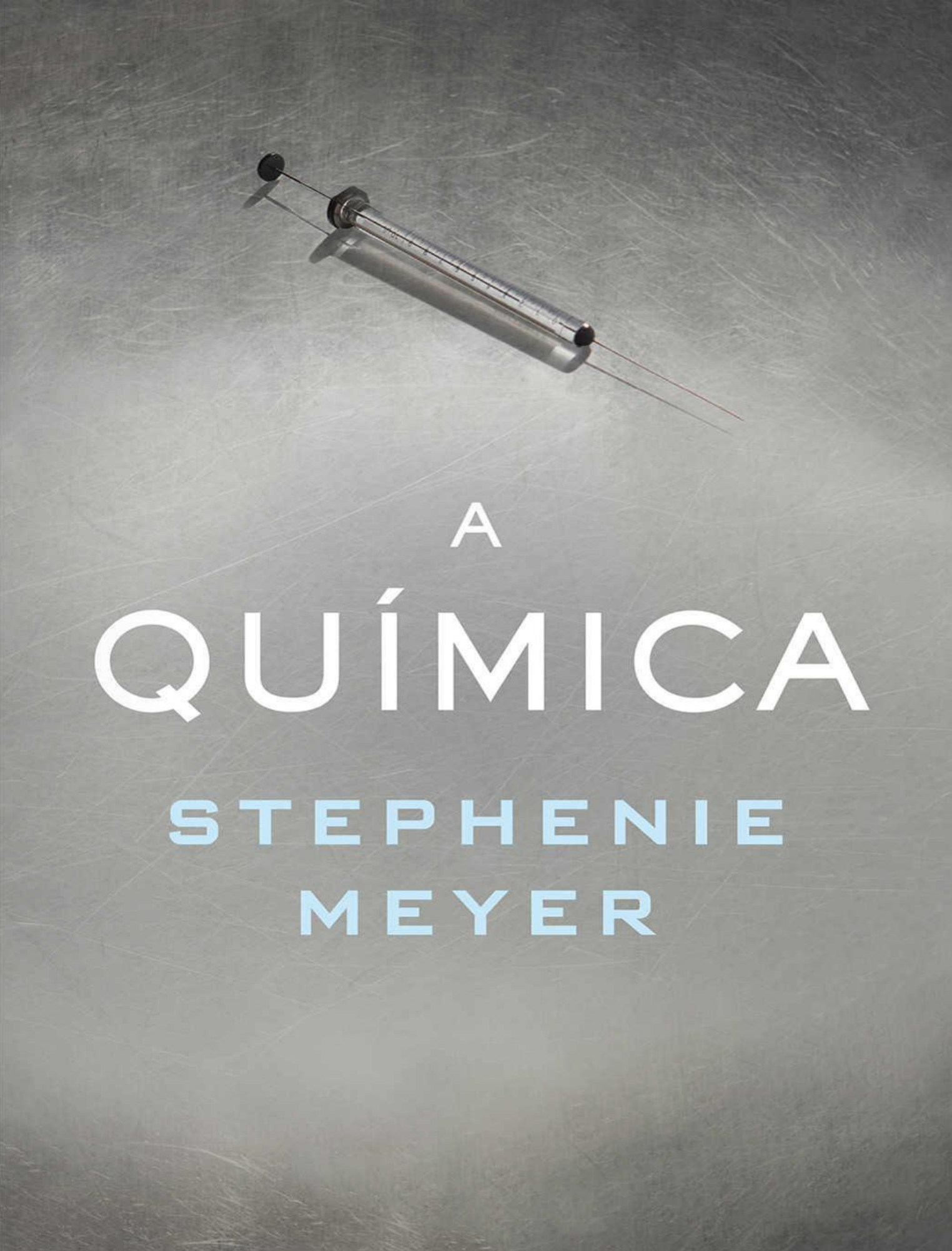


A QUÍMICA

STEPHENIE MEYER

A QUÍMICA

STEPHENIE MEYER

TRADUÇÃO DE
ADALGISA CAMPOS DA SILVA,
CÁSSIA ZANON E MARIA CARMELITA DIAS



Copyright © 2016 by Stephenie Meyer

TÍTULO ORIGINAL
The Chemist

PREPARAÇÃO
Nina Lua

REVISÃO
Tamara Sender
Juliana Pitanga

CAPA
© 2016 Hachette Book Group, Inc.

DESIGN DE CAPA
Mario J. Pulice

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Márcia Quintella

FOTOGRAFIAS
Kelly Campbell

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

REVISÃO DE E-BOOK
Manuela Brandão
Vanessa Goldmacher

E-ISBN
978-85-510-0091-5

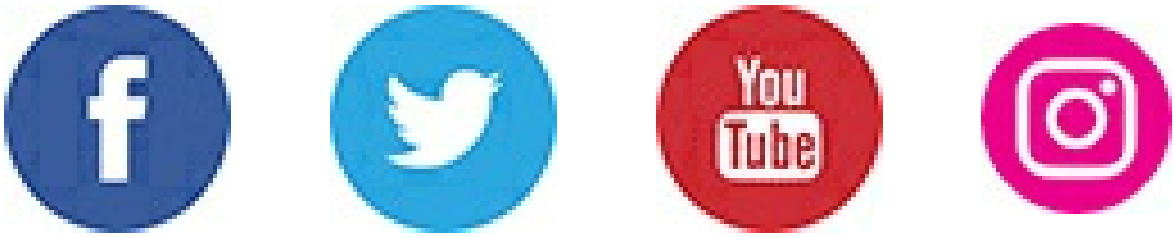
1ª edição

Edição digital: 2016

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27

Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora
Conheça os outros títulos da autora
Leia também

Este livro é dedicado a Jason Bourne e Aaron Cross

(e também a Asya Muchnick e Meghan Hibbett por alegremente ajudarem e instigarem minha obsessão)

CAPÍTULO 1

A missão desse dia se tornara rotineira para a mulher que, nessa época, apresentava-se como Chris Taylor. Ela havia acordado muito mais cedo do que gostaria e, em seguida, desfizera e guardara as proteções que usava à noite. Era realmente uma canseira preparar tudo antes de dormir apenas para desativar logo de manhã cedo, mas não valia a pena arriscar a vida só para se permitir um momento de preguiça.

Após essa tarefa cotidiana, Chris se enfiou em seu sedã nada extraordinário — já com vários anos de uso, mas sem nenhum dano considerável que o tornasse digno de nota — e dirigiu durante horas a fio. Atravessou três fronteiras e inúmeras linhas secundárias do mapa e, mesmo depois de atingir aproximadamente a distância correta, descartou diversas cidadezinhas pelas quais passou. Uma era pequena demais, a outra tinha apenas duas ruas para entrar e sair, aquela outra parecia receber tão poucos visitantes que seria totalmente impossível que ela passasse despercebida, apesar de toda a normalidade que tentava aparentar para ficar camuflada. Anotou alguns locais aos quais talvez desejasse voltar outro dia — uma loja de suprimentos para solda, um depósito de artigos militares e um mercado de produtores rurais. A época dos pêssegos estava chegando mais uma vez; ela deveria providenciar um estoque.

Por fim, no final da tarde, chegou a um lugar agitado onde nunca havia estado. Até a biblioteca pública estava um bocado movimentada.

Ela gostava de usar uma biblioteca sempre que possível. Coisas gratuitas eram mais difíceis de rastrear.

Estacionou no lado oeste do prédio, fora do alcance da única câmera, localizada acima da porta de entrada. Lá dentro os computadores estavam todos ocupados e nas proximidades havia vários grupos interessados, à espera de uma vaga, de modo que ela deu uma volta no local, pesquisando na seção de biografias para ver se achava algo pertinente. Descobriu que já lera tudo o que pudesse ser útil. Em seguida, buscou os lançamentos mais recentes do seu escritor de espionagem predileto, um ex-SEAL da Marinha americana, e apanhou alguns dos títulos adjacentes. Enquanto procurava um bom lugar para se sentar e esperar, sentiu uma pontada de culpa; de certo modo, roubar de uma biblioteca parecia algo de muito baixo nível. Porém, registrar-se ali estava fora de cogitação por uma série de motivos, e havia uma ligeira possibilidade de que algo que ela lesse naqueles livros a deixasse mais segura. A segurança sempre prevalecia sobre a culpa.

Não que ela não soubesse que isso era noventa e nove por cento em vão — era extremamente improvável que qualquer criação ficcional fosse de alguma utilidade real, concreta, para ela —, mas já fazia muito tempo que havia esgotado todas as fontes de pesquisa baseadas em fatos verídicos. Na ausência de fontes com certo nível de excelência, tinha se contentado com materiais menos qualificados. Não ter *qualquer coisa* para estudar a deixava ainda mais em pânico. E, na realidade, ela encontrara uma pista que parecera prática em sua investida anterior. Até já havia começado a incorporá-la à sua rotina.

Acomodou-se em uma poltrona desbotada em um canto discreto que tinha uma vista decente para os cubículos de computadores e fingiu ler o primeiro livro da pilha que separara. Pela maneira como os usuários dos computadores espalhavam seus pertences pelas mesas — um deles tinha até tirado os sapatos —, ela concluiu que a maioria ficaria por ali durante um bom tempo. A estação mais promissora estava sendo utilizada por uma adolescente com um monte de livros de referência e uma expressão irritada. A garota não parecia estar checando nenhuma rede social — estava efetivamente anotando títulos e autores encontrados pelo sistema de busca. Enquanto esperava, Chris manteve a cabeça inclinada sobre o próprio livro, aninhado na curva do seu braço esquerdo. Com a lâmina de barbear escondida na mão direita, recortou com cuidado o sensor magnético colado na lombada, retirou-o e o enfiou na fenda entre a almofada e o braço da poltrona. Simulando falta de interesse, pegou o livro seguinte na pilha.

Chris estava pronta, os romances desprovidos de seus sensores já guardados na mochila, quando a adolescente saiu para procurar outra fonte. Sem se levantar de súbito ou parecer estar com pressa, tomou o lugar na cadeira antes que as outras pessoas que ainda aguardavam se dessem conta de que haviam perdido a oportunidade.

Na verdade, verificar o e-mail costumava lhe tomar cerca de três minutos.

Depois disso, se não dirigisse de modo evasivo, ela teria mais quatro horas para retornar à sua casa temporária. Em seguida, obviamente, teria que remontar seus artefatos de segurança antes que pudesse finalmente dormir. Dias de e-mail eram sempre longos.

Embora não houvesse nenhuma conexão entre sua vida atual e aquela conta de e-mail — nenhum endereço de IP repetido, nenhuma conversa sobre lugares e nomes —, logo que terminasse de ler as mensagens e, se fosse necessário, de responder a elas, sairia porta afora e voaria para longe da cidade, ganhando o máximo de quilômetros de distância possível dessa localização. Por via das dúvidas.

Por via das dúvidas se tornara o mantra involuntário de Chris. Ela levava uma vida de preparações em excesso, mas, como costumava lembrar a si própria com frequência, sem essas preparações ela não teria vida alguma para levar.

Seria ótimo não ter que correr tantos riscos, mas o dinheiro não duraria para

sempre. Em geral, ela encontrava algum trabalho subalterno em uma loja pequena, de preferência um estabelecimento cujos registros fossem manuais. No entanto, esse tipo de serviço só gerava renda suficiente para as despesas básicas: alimentação e moradia. Nunca para as coisas mais caras em sua vida, como identidades falsas, instrumentos de laboratório e os vários componentes químicos que acumulava. Assim, ela mantinha uma presença discreta na internet, encontrava seus raros clientes pagantes aqui e ali e fazia tudo o que podia para evitar que esse trabalho chamasse atenção daqueles que queriam que ela fosse eliminada.

Os dois dias anteriores tinham sido infrutíferos em matéria de e-mails; assim, Chris ficou satisfeita ao ver uma mensagem esperando por ela — satisfeita aproximadamente pelos dois décimos de segundo que levou para processar o endereço do remetente.

l.carston.463@dpt11a.net

Logo ali — o verdadeiro endereço eletrônico dele, que poderia ser rastreado com facilidade e apontaria direto para os antigos patrões dela. À medida que o cabelo em sua nuca eriçava e a adrenalina perpassava o seu corpo — *corra, corra, corra* parecia ser o grito irrompendo de suas veias —, parte dela ainda era capaz de se sentir pasma, mal acreditando naquela arrogância. Ela sempre subestimara até que ponto eles podiam ser surpreendentemente descuidados.

Não é possível que já estejam aqui, pensou em meio ao pânico, os olhos já varrendo a biblioteca em busca de homens com ombros largos demais para seus ternos escuros, de homens com cortes de cabelo militar, de qualquer pessoa que se dirigisse ao ponto onde ela estava. Conseguia ver o carro pela vidraça da janela, e *parecia* que ninguém tinha mexido nele, mas ela não estivera exatamente vigiando-o, certo?

Então eles haviam conseguido encontrá-la de novo. Mas não tinham como saber o local onde ela resolveria verificar o e-mail. Nesse aspecto, ela mantinha uma rotina religiosa de escolher localizações ao acaso.

Justo nesse momento, um alarme devia ter disparado em um arrumado escritório cinzento, ou talvez em vários escritórios. Talvez houvesse até mesmo luzes vermelhas piscando. Era óbvio que haveria uma ordem prioritária planejada para rastrear esse endereço de IP. Havia gente prestes a agir. No entanto, mesmo que usassem helicópteros — e eles tinham meios de fazer isso —, ela ainda dispunha de alguns minutos. O suficiente para ver o que Carston queria.

O assunto era Cansada de fugir?

Filho da mãe.

Ela clicou e abriu a mensagem, que não era longa.

As diretrizes mudaram. Precisamos de você. Será que um pedido de

desculpas não oficial adiantaria? Podemos nos encontrar? Eu não ousaria perguntar se não houvesse vidas em risco. Muitas, muitas vidas.

Ela sempre gostara de Carston. Parecia mais humano do que uma porção de outros ternos escuros empregados pelo departamento. Alguns deles — em especial os que vestiam uniforme — eram assustadores. O que era provavelmente um pensamento hipócrita, considerando o tipo de trabalho que ela fazia antes.

Assim, era óbvio que eles tinham escolhido Carston para entrar em contato. Sabiam que ela estava solitária e amedrontada e mandaram um velho amigo para que se sentisse segura e acolhida. Era muito provável que ela percebesse que aquilo era um truque usando apenas o bom senso, mas o fato de a tática ter sido usada uma vez em um romance que ela roubara também contribuiu para isso.

Chris se permitiu uma respiração profunda e trinta segundos de pensamento concentrado. Ela deveria manter o foco no passo seguinte: sair da biblioteca, da cidade, do estado, o mais rápido possível — e decidir se isso seria suficiente. Será que sua identidade atual ainda estava segura, ou já estaria na hora de se realocar novamente?

No entanto, essa concentração foi minada pela insidiosa ideia embutida na oferta de Carston.

E se...

E se aquilo fosse de fato uma maneira de fazer com que eles a deixassem em paz? E se sua certeza de que se tratava de uma armadilha tivesse nascido da paranoia e do fato de ela ter lido romances de espionagem demais?

Se o trabalho fosse suficientemente importante, talvez eles lhe devolvessem sua vida em troca do serviço.

Pouco provável.

Ainda assim, não havia por que fingir que o e-mail de Carston extraviara.

Ela enviou a resposta que imaginou que esperavam, embora só tivesse arquitetado um esboço de plano.

Cansada de uma porção de coisas, Carston. No local onde nos encontramos pela primeira vez, daqui a uma semana, meio-dia. Se aparecer alguém com você, eu vou embora, blá-blá-blá, tenho certeza de que conhece as regras. Não faça besteira.

Ela se levantou e começou a caminhar no mesmo instante, um galope que aperfeiçoara apesar de suas pernas curtas e que parecia muito mais casual do que era de fato. Contava os segundos na cabeça, avaliando quanto tempo um helicóptero levaria para cobrir a distância entre Washington e o lugar onde ela

estava. Claro, eles poderiam alertar as autoridades locais, mas em geral esse não era o estilo deles.

Não era mesmo; no entanto, ainda assim... Chris tinha uma sensação infundada, mas aflitivamente desconfortável, de que talvez eles estivessem se cansando do estilo costumeiro, que não havia rendido os resultados que buscavam. Eles não eram pacientes. Estavam acostumados a conseguir o que queriam no momento em que queriam. E fazia três anos que a queriam morta.

Estava óbvio que o e-mail de Carston significava uma mudança de diretrizes. Se *fosse* uma armadilha.

Ela tinha que supor que sim, pois esse ponto de vista, essa maneira de organizar o mundo, era o motivo pelo qual continuava respirando. No entanto, havia uma pequena porção do cérebro dela que já começara a alimentar uma esperança tola.

Estava jogando um jogo de apostas baixas, tinha consciência disso. Apenas uma vida. A vida dela.

E a vida que ela vinha preservando contra tantos percalços tão poderosos era simplesmente isto: vida. O básico do básico. Um coração batendo, um par de pulmões se contraindo e se expandindo.

Estava viva, sim, e tinha batalhado arduamente para manter essa condição, mas, durante suas noites mais tenebrosas, às vezes ficava imaginando por que motivo continuava lutando. A qualidade de vida que mantinha valia tanto esforço? Não seria *relaxante* fechar os olhos e não ter mais que abri-los? Será que uma escuridão vazia não seria ligeiramente mais prazerosa do que o esforço constante e o terror inexorável?

Havia apenas uma coisa que a impedia de responder *Sim* e enveredar por uma das saídas indolores e tranquilas disponíveis, e essa coisa era um exagerado impulso competitivo. Tal impulso lhe fora bastante útil na faculdade de medicina e, agora, a mantinha viva. Ela não deixaria que eles *ganhassem*. Não havia a menor possibilidade de oferecer uma solução tão fácil para o problema deles. Era provável que a apanhassem no final, mas teriam que *batalhar* para isso, aqueles malditos, e também iriam sangrar.

Agora ela estava no carro, a seis quarteirões do acesso mais próximo para a autoestrada. Usava um boné escuro sobre o cabelo curto, óculos escuros masculinos de armação grande cobrindo quase todo o rosto e um blusão de moletom volumoso que disfarçava seu corpo magro. Para um observador desatento, ela passaria por um adolescente.

As pessoas que queriam vê-la morta já tinham perdido algum sangue. De repente, ela se pegou sorrindo enquanto dirigia, pensando nisso. Era esquisito como, agora, ela se sentia à vontade com o fato de matar gente, como o considerava prazeroso. Ela se tornara sedenta por sangue, um fato irônico, levando tudo em consideração. Passara seis anos sob a tutela daqueles indivíduos,

e em todo esse período eles não haviam chegado nem perto de fazer com que ela cedesse, de transformá-la em alguém que gostava do próprio trabalho. Porém, três anos fugindo deles tinham mudado muitas coisas.

Ela sabia que não teria prazer em matar uma pessoa inocente. Tinha certeza de que ainda não ultrapassara esse ponto, e não o ultrapassaria. Alguns indivíduos que faziam o mesmo tipo de trabalho que ela — o antigo — eram verdadeiramente psicóticos, mas Chris gostava de pensar que essa era a razão pela qual seus pares não eram tão bons quanto ela. Eles tinham as motivações erradas. Odiar o que fazia dera a ela o poder de desempenhar melhor a tarefa.

No contexto de sua vida atual, matar significava ganhar. Não a guerra, apenas uma pequena batalha por vez. Ainda assim, cada batalha representava uma vitória. O coração de outra pessoa deixaria de bater e o dela continuaria pulsando. Alguém iria atrás dela e, em vez de uma vítima, encontraria um predador. Uma aranha-marrom, invisível por trás de sua teia traiçoeira.

Era nisso que eles a haviam transformado. Ela ficava imaginando se tinham algum orgulho pelo que haviam realizado ou se sentiam apenas arrependimento por não terem agido rápido o suficiente para esmagá-la.

Depois de alguns quilômetros na estrada interestadual, ela se sentiu melhor. Seu carro era de um modelo popular, havia milhares de veículos idênticos na rodovia, e as placas roubadas seriam trocadas assim que ela encontrasse um local seguro no qual parar. Não havia nada que a ligasse à cidade que acabara de deixar para trás. Passara por duas saídas e tomara a terceira. Se quisessem bloquear a rodovia, eles não teriam ideia de onde fazê-lo. Ela ainda estava escondida. Ainda segura.

Obviamente seguir direto para casa estava fora de cogitação. Ela demorou seis horas no caminho de volta, ziguezagueando por diversas autoestradas e estradas secundárias, certificando-se o tempo todo de que ninguém a seguia. Na hora em que enfim chegou à sua pequena casa alugada — o equivalente arquitetônico de um calhambeque —, já estava quase dormindo. Pensou em fazer café, comparando os benefícios de uma injeção de cafeína com o fardo de uma tarefa a mais, e decidiu simplesmente se forçar a seguir adiante com a energia que ainda lhe restava.

Subiu a escada que levava à varanda se arrastando, automaticamente evitando o local apodrecido na esquerda do primeiro degrau, e destrancou os ferrolhos duplos da porta de segurança de aço que instalara na semana em que se mudara para a casa; as paredes — só estacas de madeira, placas de gesso, compensado e revestimento de vinil — não ofereciam o mesmo nível de segurança, mas, segundo as estatísticas, intrusos tentavam primeiro arrombar as portas. As grades das janelas tampouco representavam um obstáculo insuperável, mas eram suficientes para incentivar o gatuno comum a procurar um alvo mais fácil. Antes de girar a maçaneta, tocou a campainha. Três toques rápidos que pareceriam um

premir contínuo para qualquer um que estivesse observando. O som dos sinos de Westminster era apenas ligeiramente abafado pelas paredes finas. Ela atravessou a soleira da porta rapidamente e prendendo a respiração, por via das dúvidas. Não ouviu o ruído baixo de vidro quebrado, então soltou o ar ao fechar a porta atrás de si.

Ela mesma projetara toda a segurança da casa. Os profissionais que havia pesquisado no início tinham os próprios métodos. Nenhum deles dispunha do mesmo arsenal de habilidades especializadas com que ela contava. Os escritores dos diversos romances que agora usava como manuais implausíveis também não possuíam sua expertise. Tudo o mais que ela precisara saber tinha sido fácil de descobrir no YouTube. Algumas peças de uma velha máquina de lavar, um console de controle encomendado pela internet, uma campainha nova na porta, além de uma série de aquisições de diversos tipos, e ela montara uma armadilha.

Depois de entrar, trancou os ferrolhos e alcançou o interruptor mais próximo da porta para acender as luzes. Ficava em um painel com dois outros interruptores. O do meio era falso. O terceiro interruptor, o mais distante da porta, estava ligado ao mesmo cabo de sinal de baixa voltagem da campainha. Assim como a porta e aquela instalação, o painel de interruptores era décadas mais novo do que qualquer outro objeto no pequeno cômodo frontal que ela fazia de sala de estar, sala de jantar e cozinha combinadas.

Tudo parecia estar do jeito que ela deixara: a pouca mobília barata (nada grande o suficiente para esconder um adulto), mesa e bancadas vazias, nenhum enfeite ou peça de arte. Estéril. Ela sabia que, apesar do piso vinílico verde-abacate e mostarda e do teto texturizado, o lugar se parecia um pouco com um laboratório.

Talvez o cheiro fosse o responsável por isso. A sala estava tão escrupulosamente limpa que era provável que um intruso atribuísse o odor de loja de materiais para piscina a substâncias químicas de limpeza. Mas só se ele conseguisse entrar sem acionar o sistema de segurança. Se disparasse o sistema, não teria tempo para registrar muitos detalhes do local.

O restante da casa era composto de um quarto pequeno e um banheiro, posicionados em linha reta a partir da porta de entrada, nada no caminho para fazê-la tropeçar. Ela apagou as luzes para não precisar voltar ao interruptor mais tarde.

Cambaleando, meio sonâmbula, atravessou a única porta que dava para o quarto e prosseguiu com os passos seguintes de sua rotina. A iluminação que vinha de fora e atravessava as persianas horizontais — neon vermelho do posto de gasolina do outro lado da rua — era suficiente para que a luz fosse mantida apagada. Primeiro ela foi até o colchão de casal que ocupava a maior parte do quarto e arrumou dois dos grandes travesseiros de penas que ficavam sobre ele, dando-lhes o formato impreciso de um corpo humano. Depois, recheou os

travesseiros com os sacos plásticos cheios de sangue artificial usado em fantasias de Halloween; de perto, o sangue não era muito convincente, mas o objetivo era que os sacos servissem para um agressor que quebrasse o vidro da janela, afastasse as persianas e atirasse daquela posição propícia. Ele não seria capaz de detectar a diferença com a luz neon. Em seguida, a cabeça — a máscara que fazia de cabeça era outra aquisição da liquidação pós-Halloween, uma imagem caricata de um político derrotado, com a cor de pele bastante realista. Ela pusera enchimentos na máscara de modo a simular o tamanho da própria cabeça e costurara nela uma peruca morena barata. No entanto, o mais importante era um pequeno cabo, trançado entre o colchão e a base da cama, que ficava escondido entre os fios de náilon. Outro cabo, igual ao primeiro, estava pregado no meio do travesseiro no qual a cabeça descansava. Ela puxou o lençol com força, depois o cobertor, afofou tudo para formar uma figura e, então, enroscou as extremidades desencapadas dos dois fios, unindo-as. Era uma junção muito tênue. Se ela tocasse a cabeça, mesmo que de leve, ou empurrasse um pouquinho o corpo formado por travesseiros, os cabos deslizariam e se desconectariam sem fazer barulho.

Ela se afastou um pouco e deu uma olhadela na isca com os olhos semicerrados. Não era o seu melhor trabalho, mas *efetivamente* parecia alguém dormindo na cama. Mesmo se não acreditasse que era Chris, o invasor ainda teria que neutralizar o indivíduo que dormia na cama antes de partir à procura dela.

Cansada demais para trocar de roupa e vestir o pijama, ela apenas se livrou da calça jeans larga. Foi o suficiente. Agarrou o quarto travesseiro e puxou o saco de dormir que estava debaixo da cama; pareciam mais volumosos e pesados do que de costume. Ela os arrastou até o banheiro compacto, enfiou-os na banheira e realizou o mínimo ritual de higiene necessário. Nada de lavar o rosto, só escovar os dentes.

Tanto o revólver quanto a máscara de gás estavam embaixo da pia, escondidos atrás de uma pilha de toalhas. Ela pôs a máscara no rosto e apertou as tiras, depois colocou a palma da mão na entrada do filtro e inspirou pelo nariz para checar o fecho. A máscara funcionou perfeitamente. Sempre funcionava, mas Chris nunca deixava a familiaridade do procedimento ou sua exaustão fazerem-na pular qualquer etapa da rotina de segurança. Guardou o revólver na saboneteira embutida na parede acima da banheira, ao alcance fácil da mão. Ela não gostava muito do revólver: era uma atiradora decente em comparação com um civil sem qualquer treinamento, mas não tinha o nível de um profissional. Porém, precisava manter essa opção; algum dia, seus inimigos descobririam como seu sistema funcionava, e as pessoas que viessem capturá-la também usariam máscaras de gás.

Para falar a verdade, ela estava surpresa pelo truque tê-la mantido a salvo por

tanto tempo.

Com um recipiente para absorção de produtos químicos selado e enfiado embaixo da alça do sutiã, ela voltou para o quarto arrastando os pés. Ajoelhou-se ao lado da entrada de ventilação no piso, no lado direito da cama que nunca usara. A grade que cobria o buraco não estava tão empoeirada como deveria. Os parafusos superiores da grade só estavam atarraxados até a metade, e os inferiores nem sequer estavam lá, mas ela tinha certeza de que ninguém que olhasse pela janela repararia nesses detalhes ou entenderia o que significavam; talvez Sherlock Holmes fosse a única pessoa que ela *não* temia que estivesse tentando matá-la.

Soltou os parafusos superiores e removeu a grade. Algumas coisas ficariam imediatamente óbvias para qualquer um que olhasse pela entrada de ventilação. Primeiro, a parte posterior do buraco estava tapada, de forma que ele não era mais funcional. Segundo, o grande balde branco e a enorme bateria, que provavelmente não pertenciam àquele lugar. Ela puxou a tampa do balde e foi imediatamente recebida pelo mesmo odor químico que inebriava o cômodo da frente, um cheiro tão familiar que ela mal notava.

No escuro, enfiou a mão por trás do balde e puxou, primeiro, um instrumento pequeno, estranho, com uma bobina, braços de metal e fios finos; em seguida, uma ampola de vidro mais ou menos do tamanho do seu dedo; e, finalmente, uma luva de borracha daquelas usadas para limpeza. Posicionou o solenoide — o dispositivo que ela resgatara de uma máquina de lavar descartada — de forma que os braços dele ficassem submersos até a metade no líquido incolor dentro do balde. Ela piscou forte duas vezes, tentando se forçar a manter o estado alerta; tratava-se de uma tarefa delicada. Colocou a luva na mão direita, depois puxou o recipiente que estava preso à alça do sutiã e o manteve preparado na mão esquerda. Com a mão enluvada, inseriu cuidadosamente a ampola nas ranhuras que havia escavado nos braços de metal, com o objetivo de realizar o passo que executaria a seguir. A ampola estava logo abaixo da superfície do ácido, o pó branco no seu interior descansando inerte e inofensivo. Contudo, se a corrente fluindo através dos fios que estavam conectados de forma tão tênue em cima da cama fosse interrompida, a vibração provocaria o fechamento do solenoide e o vidro se quebraria. O pó branco se transformaria em um gás que não era nem inerte nem inofensivo.

O funcionamento desse artefato era, em sua essência, o mesmo do que ela montara no cômodo da frente; a única diferença era que, no quarto, o cabeamento era mais simples. Essa armadilha só ficava montada enquanto ela dormia.

Recolocou a luva e a grade da entrada de ventilação em seus devidos lugares e, tomada por uma sensação que não era intensa o bastante para ser chamada de alívio, voltou para o banheiro. A porta, assim como o buraco da ventilação, talvez

tivesse alertado alguém tão obcecado com detalhes quanto o Sr. Holmes — sem dúvida os revestimentos de borracha macia em volta de todas as extremidades estavam longe de ser comuns. No entanto, apesar de não vedarem completamente o banheiro em relação ao quarto, lhe dariam mais tempo.

Ela meio que caiu dentro da banheira, uma queda em câmera lenta por sobre o saco de dormir fofo. Demorara um pouco até se acostumar a dormir com a máscara de gás, mas agora nem pensava no assunto quando fechava os olhos, agradecida.

Ela se remexeu para se encaixar no casulo de náilon, retorcendo-se até o quadrado rígido de seu iPad ficar aninhado contra a parte inferior de suas costas. Ele estava ligado a uma extensão que puxava eletricidade dos fios da sala. Se a energia elétrica variasse ao longo daquela extensão, o iPad vibraria. Ela sabia, por experiência própria, que isso era suficiente para despertá-la, por mais cansada que estivesse, como nesta noite. Também sabia que poderia destapar o recipiente — ainda em sua mão esquerda, encostado contra o peito como o ursinho de pelúcia de uma criança — e prendê-lo na máscara de gás em menos de três segundos, mesmo que estivesse sonolenta, no escuro e prendendo a respiração. Ela havia treinado esse procedimento muitas vezes e, depois, o pusera em prática durante as três emergências que não haviam sido treinamento. Ela sobrevivera. Seu sistema funcionava.

Exausta como estava, tinha que deixar sua mente relembrar os acontecimentos nefastos do dia antes de se permitir cair em um estado inconsciente. Saber que havia sido descoberta novamente lhe dava uma sensação horrível — como a dor de um membro-fantasma, não conectado a nenhuma parte real do corpo, mas *presente* de qualquer forma. Tampouco estava contente com a resposta que dera ao e-mail. Arquitetara o plano de forma impulsiva demais para que se sentisse segura em relação a ele. E esse plano lhe exigiria agir mais rápido do que gostaria.

Ela conhecia a teoria — às vezes, se correr de forma precipitada em direção ao indivíduo segurando o revólver, você consegue pegá-lo desprevenido. Fugir era sempre sua jogada predileta, mas ela não via alternativa desta vez. Talvez no dia seguinte, após seu cérebro cansado ter se recuperado.

Cercada por sua teia, adormeceu.

CAPÍTULO 2

Enquanto esperava Carston aparecer, ela pensou nas outras vezes que o departamento tentara matá-la.

Barnaby — o Dr. Joseph Barnaby, seu mentor, o último amigo que tivera — a preparara para a primeira tentativa. Porém, mesmo com a perspicácia, o planejamento detalhado e a paranoia profunda dele, o que salvara a vida de Chris fora apenas uma sorte idiota, manifestada sob a forma de uma xícara a mais de café.

Ela não vinha dormindo muito bem. Àquela altura, já trabalhava com Barnaby havia seis anos, e, pouco depois da metade desse tempo, ele lhe relatara as suspeitas que tinha. No início, ela não quisera acreditar que ele pudesse ter razão. Ambos estavam simplesmente desempenhando as tarefas conforme o requerido, e as executavam muito bem. *Você não pode pensar nisso como uma situação de longo prazo*, insistira ele, embora estivesse na mesma divisão havia dezessete anos. *Pessoas como nós, que precisam saber de coisas que ninguém quer que saibamos, acabam se tornando inconvenientes. Você não tem que fazer nada errado. Você pode ser inteiramente confiável. São eles que não merecem confiança.*

Fora-se o tempo em que ela trabalhava para os mocinhos.

As suspeitas dele haviam se tornado mais específicas e, depois, deram origem a um planejamento, que evoluíra para uma preparação física. Barnaby sempre acreditara fortemente em preparação. Não que, no fim das contas, isso tivesse sido de alguma utilidade para ele.

Naqueles últimos meses, à medida que a data do êxodo se aproximava, a tensão começara a aumentar, e, de modo nada surpreendente, ela ficara com dificuldade para dormir. Naquela manhã de abril, haviam sido necessárias duas xícaras de café em vez de uma, como de costume, para fazer com que seu cérebro começasse a funcionar. Adicione essa xícara extra de café a uma bexiga menor do que a média, em um corpo também diminuto, e, em vez de uma médica sentada em frente à sua mesa de trabalho, você acaba com uma médica correndo para o banheiro, tão apertada para fazer xixi que não tem tempo de ao menos fazer *log out*. E ela estivera lá, no banheiro, quando o gás letal havia começado a se infiltrar no laboratório através dos dutos de ventilação. Barnaby estivera exatamente onde deveria estar.

Os gritos dele tinham sido seu último presente para ela, seu último aviso.

Tanto ele quanto ela haviam tido a certeza de que, quando viesse, o ataque não

aconteceria no laboratório. Seria um trabalho sujo. Cadáveres em geral levantavam algumas suspeitas, e assassinos espertos tentavam manter esse tipo de prova o mais longe possível. Não atacavam quando a vítima estava na própria sala de estar.

Ela deveria ter percebido que não podia nunca subestimar a arrogância dos indivíduos que queriam que ela morresse. Eles não se importavam com as leis. Eram próximos demais das pessoas que criavam as leis. Ela também deveria ter respeitado o poder que a pura estupidez tem de pegar uma pessoa inteligente completamente de surpresa.

As três vezes seguintes haviam sido mais diretas. Profissionais contratados, supunha ela, já que cada um deles agira sozinho. Até aquele momento, haviam sido apenas homens, embora uma mulher sempre constituísse uma possibilidade no futuro. Um dos caras tentara atirar nela, outro, esfaqueá-la, e o terceiro tentara esmagar o cérebro dela com uma barra de metal. Nenhuma das tentativas havia sido bem-sucedida porque os atos de violência tinham sido cometidos contra os travesseiros. E, em seguida, seus agressores haviam morrido.

O gás invisível mas extremamente cáustico invadira o pequeno quarto em silêncio — o processo levava cerca de dois segundos e meio depois que a conexão entre os fios se rompia. Depois disso, a expectativa de vida do assassino passava a ser de aproximadamente cinco segundos, dependendo da altura e do peso do sujeito em questão. Não deviam ser cinco segundos muito agradáveis.

A mistura que ela fizera na banheira não era a mesma que fora usada contra Barnaby, mas era bem semelhante. Tratava-se do método mais simples que ela conhecia de matar alguém com tanta rapidez e causando tanto sofrimento. Além disso, esse recurso era renovável, ao contrário de muitas das armas que possuía. Ela só precisava de um bom estoque de pêssegos e uma loja de artigos para piscina. Nada que exigisse acesso restrito ou mesmo um endereço de entrega, nada que seus perseguidores pudessem rastrear.

Ela estava irritadíssima com o fato de eles terem conseguido encontrá-la novamente.

Estava furiosa desde que acordara na véspera, e a raiva só aumentava à medida que as horas iam passando enquanto ela fazia seus preparativos.

Forçara-se a dar uma cochilada e depois viajara durante toda a noite seguinte em um carro adequado, alugado com o uso de uma identidade muito frágil em nome de uma tal Taylor Golding e um cartão de crédito recém-obtido, no mesmo nome. No início da manhã, havia chegado à cidade onde menos queria estar, o que fizera com que sua raiva atingisse um patamar ainda mais elevado. Ela devolvera o carro em uma Hertz perto do Aeroporto Nacional Ronald Reagan, depois atravessara a rua até outra locadora e alugara outro veículo, dessa vez com placa de Washington.

Seis meses antes, ela teria feito as coisas de modo diferente. Recolheria seus pertences da pequena casa que estivesse alugando, venderia o carro pela internet, com dinheiro vivo compraria outro de um cidadão qualquer que não mantivesse registros e, então, dirigiria sem rumo durante alguns dias até encontrar uma cidade de porte médio que parecesse adequada. Lá, recomeçaria todo o processo de se manter viva.

Agora, porém, havia aquela esperança bizarra e idiota de que Carston estivesse falando a verdade. Uma esperança muito anêmica. Era provável que não fosse uma motivação suficiente por si só. Havia algo mais — uma preocupação fraca, mas irritante, de que ela tivesse negligenciado uma responsabilidade.

Barnaby salvara a vida dela. Repetidas vezes. Toda vez que ela sobrevivia a outra tentativa de assassinato, era porque ele a alertara, a instruíra, a deixara preparada.

Se Carston estivesse mentindo — e ela tinha noventa e sete por cento de certeza disso — e montando uma emboscada, então tudo o que Barnaby dissera era mentira. Inclusive a parte sobre precisarem dela. E, se eles não precisavam dela, isso significava que tinham encontrado outra pessoa para o trabalho, alguém tão bom quanto ela.

Era possível que a tivessem substituído muito tempo antes, que tivessem matado uma leva completa de funcionários, mas ela duvidava disso. O departamento possuía dinheiro e acesso, mas não dispunha de mão de obra suficiente. Localizar, cultivar e treinar um funcionário do nível de Barnaby ou dela mesma era algo que levava tempo. Gente com tais habilidades não cresce em proveta.

Ela tivera Barnaby para salvá-la. Quem iria salvar o garoto idiota que eles haviam recrutado depois dela? O novato seria brilhante, exatamente como ela fora, mas estaria cego para o elemento mais importante. Esqueça *servir ao seu país*, esqueça *salvar vidas inocentes*, esqueça *instalações top de linha*, *ciência revolucionária* e *orçamento ilimitado*. Esqueça o salário de sete dígitos. Que tal não ser assassinado? Não havia dúvida de que a pessoa que agora desempenhava sua antiga função não fazia ideia de que a própria sobrevivência estava em jogo.

Ela gostaria de ter uma maneira de avisar aquele indivíduo. Mesmo que não pudesse despender todo o tempo que Barnaby utilizara para ajudá-la. Mesmo que só pudesse haver uma única conversa: *É assim que eles recompensam gente como nós. Prepare-se.*

Mas essa opção não existia.

A manhã foi gasta em mais preparativos. Ela se hospedou no Brayscott, um pequeno hotel boutique, sob o nome de Casey Wilson. A identidade que mostrou não era muito mais convincente do que a de Taylor Golding, mas dois telefones tocavam no momento em que ela fez o check-in, e a ocupada funcionária da

recepção não estava prestando muita atenção. Segundo a recepcionista, havia quartos disponíveis já nessa hora da manhã, porém Casey teria que pagar uma diária a mais, pois o horário de check-in se iniciava às três da tarde. Casey concordou com o pagamento extra sem reclamar. A recepcionista pareceu aliviada. Sorriu para Casey, efetivamente olhando para ela pela primeira vez. Casey controlou sua apreensão. Não importava que a moça se lembrasse do rosto de Casey; Casey daria motivos para se lembrarem dela na meia hora seguinte.

Casey usava nomes andróginos de propósito. Essa era uma das estratégias que ela tinha colhido dos arquivos de casos que Barnaby lhe fornecera, algo que os espiões de verdade faziam, mas se tratava também de bom senso — os autores de ficção também já usavam essa tática nos livros. A lógica era que, se estivessem procurando por uma mulher em dado hotel, as pessoas começariam pelos nomes claramente femininos na lista de hóspedes, como Jennifer e Cathy. Talvez os perseguidores levassem mais uma rodada para chegar a Casey, Terry ou Drew, nomes que poderiam pertencer aos dois sexos. E ela aceitaria de bom grado qualquer tempo que pudesse ganhar. Um minuto a mais poderia salvar sua vida.

Casey balançou a cabeça para o ansioso carregador que se aproximou dela oferecendo seus serviços e arrastou sua única mala até o elevador. Teve cuidado para não virar o rosto na direção da câmera no painel de controle. Quando entrou no quarto, abriu a mala para retirar uma grande pasta de documentos e uma sacola preta com fecho de zíper. Não havia nada na bagagem além desses dois itens.

Tirou o blazer, que conferia um ar profissional ao seu figurino composto de suéter cinza fino e calça preta, e pendurou-o. Ela pusera um alfinete nas costas do suéter para ajustá-lo ao corpo. Retirou o alfinete, e o agasalho ficou largo, fazendo com que ela parecesse um pouco menor e, talvez, um tiquinho mais nova. Limpou o batom e tirou a maior parte da maquiagem dos olhos, depois verificou o efeito no amplo espelho sobre a penteadeira. Mais nova, vulnerável; o suéter largo sugeria que ela estava tentando se esconder dentro dele. Achou o resultado satisfatório.

Se estivesse indo se encontrar com uma gerente de hotel mulher, ela teria se arrumado de maneira levemente diferente — talvez tentasse acrescentar alguns hematomas falsos com maquiagem azul e preta —, mas o nome escrito no cartão da recepção era William Green, e ela achou que não precisava perder mais tempo na tarefa.

O plano não era perfeito, o que a incomodava. Ela gostaria de ter contado com uma semana a mais para revisar todas as repercussões possíveis. No entanto, tratava-se da melhor opção possível de pôr em prática com o tempo disponível. Talvez fosse excessivamente elaborado, mas era tarde demais para

pensar em uma alternativa.

Ela ligou para a recepção e pediu para falar com o Sr. Green. A ligação foi transferida rapidamente.

— William Green falando. Como posso ajudar?

A voz era vigorosa e excessivamente acolhedora. Imediatamente, ela formou a imagem mental de um homem tipo morsa, com direito a um bigode cerrado.

— Humm, oi, espero não estar incomodando o senhor...

— Não, claro que não, Srta. Wilson. Estou aqui para ajudar no que for possível.

— Realmente preciso de ajuda, mas pode soar um pouco estranho... É difícil de explicar.

— Não se preocupe, senhorita. Tenho certeza de que posso auxiliá-la. — A voz do homem soava bastante confiante, o que a fez imaginar com que tipos de pedidos inusitados ele já deparara antes.

— Ah, meu Deus. — Ela hesitou. — Talvez isso fosse mais fácil pessoalmente? — Ela proferiu o pedido como uma pergunta.

— Claro, Srta. Wilson. Felizmente, estarei disponível dentro de quinze minutos. Meu escritório fica no primeiro andar, logo depois do balcão da recepção. Está bem assim?

— Sim, muito obrigada *mesmo* — disse ela, vibrando, aliviada.

Guardou a bagagem no armário e retirou com cuidado as notas de que precisava do bolo guardado na mala grande. Deslizou-as para dentro dos bolsos e, depois, esperou durante treze minutos. Desceu pelas escadas, a fim de evitar as câmeras do elevador.

Quando o Sr. Green a recebeu em seu escritório sem janelas, ela achou graça ao ver que a imagem mental que formara não se distanciava muito da figura real. Nada de bigode — não havia pelo algum a não ser o leve vestígio de sobrancelhas brancas —, mas o homem tinha de fato um quê de morsa em todos os outros aspectos.

Não foi difícil fingir medo, e ela soube que tinha o gerente nas mãos no meio de seu relato sobre o ex-namorado agressivo que havia roubado bens de família herdados. Ele se enfureceu de uma forma muito máscula, parecendo que queria vociferar contra o tipo de monstro que bate em mulheres miúdas. Porém, na maior parte do tempo, manteve a calma, dizendo apenas frases tranquilizadoras como *Tsc-tsc, vamos cuidar da senhorita, a senhorita está inteiramente segura aqui*. Ele provavelmente a teria ajudado mesmo sem a generosa gorjeta que ela lhe deu, mas sem dúvida o dinheiro não atrapalhou. Ele jurou contar a história apenas aos integrantes da equipe que participariam do plano, e ela agradeceu efusivamente. Ele lhe desejou boa sorte e se ofereceu para chamar a polícia, caso fosse necessário. Casey confessou, com extrema tristeza, que a polícia e as ordens de restrição tinham sido ineficazes no passado. Deu a entender que

poderia lidar com a situação sozinha contanto que tivesse a ajuda de um homem alto e forte como o Sr. Green. Ele ficou envaidecido e se apressou para deixar tudo pronto.

Não foi a única vez que ela usou essa estratégia. Barnaby a sugerira no início, quando o plano de fuga dos dois chegara ao estágio de aperfeiçoamento. No princípio, ela rejeitara a ideia, ofendida de algum modo obscuro, mas Barnaby era sempre prático. Ela era mulher, pequena; na cabeça de uma porção de pessoas, isso sempre faria dela o lado mais fraco. Por que não usar essa suposição como vantagem? Representar a vítima para não se tornar uma.

Casey voltou para o quarto e se trocou, vestindo as roupas que estavam guardadas na pasta, substituindo o suéter por uma camiseta preta, apertada, com decote em V, e adicionando um cinto preto largo com um trabalho de couro complexo. Toda a roupa que tirara precisava caber dentro da pasta, porque ela deixaria a mala para trás e não voltaria para o hotel.

Ela já estava equipada; nunca saía sem tomar certas precauções. Agora, porém, estava passando para a versão de alerta máximo no que dizia respeito à sua proteção pessoal, equipando-se literalmente até os dentes — ou o dente, para falar a verdade; inseriu uma coroa postiça cheia de algo muito menos doloroso do que cianeto, mas com o mesmo potencial de letalidade. Era o truque mais velho do mundo por um simples motivo: funcionava. E, às vezes, o último movimento disponível era escapar para sempre das mãos de seus inimigos.

A grande sacola preta tinha duas peças de madeira ornamentais na parte mais alta da alça. Dentro da bolsa estavam suas joias especiais em caixinhas acolchoadas.

Cada peça era única e insubstituível. Ela nunca mais teria a possibilidade de adquirir instrumentos ornamentais como esses; assim, zelava muito bem por esses tesouros.

Três anéis — um de ouro rosê, outro de ouro amarelo e o terceiro de prata. Todos tinham espetinhos ocultos embaixo de pequenas e engenhosas fendas retorcidas. A cor do metal indicava que substância revestia o espetinho. Uma tática bem simples, provavelmente o que se esperava dela.

Havia também os brincos, que ela sempre manejava com cuidado absoluto. Não se arriscaria a usá-los para essa parte da jornada; esperaria até ficar mais próxima do alvo. Depois que encaixasse os brincos, ela teria que movimentar a cabeça muito lentamente. As joias pareciam simples globos de vidro, mas o vidro era tão fino que uma nota musical mais alta poderia quebrá-lo, ainda mais porque as pequeninas esferas já sofriam pressão vinda do interior. Se alguém a agarrasse pelo pescoço ou pela cabeça, o vidro explodiria silenciosamente. Ela teria que prender a respiração — o que conseguia fazer por um minuto e quinze com facilidade — e fechar os olhos, se possível. Seu agressor não saberia que era preciso agir dessa forma.

Ela pendurou um enorme medalhão prateado no pescoço. Era muito vistoso e chamaria atenção de qualquer pessoa que conhecesse a identidade dela. Não havia, porém, nada letal a respeito dele; não passava de uma distração em relação aos verdadeiros objetos perigosos. Dentro dele havia a foto de uma garotinha bonita, com cabelo louro macio. O nome completo da criança estava manuscrito no verso do retrato; parecia algo que uma mãe ou uma tia usaria. No entanto, a garota da foto era a única neta de Carston. Casey tinha esperança de que, se fosse tarde demais para ela, um policial de verdade encontrasse seu corpo e, devido à falta de identificação, fosse forçado a pesquisar esse indício, que acabaria levando a investigação de seu assassinato até o lugar que lhe cabia. Era provável que o caso não tivesse nenhuma repercussão real para Carston, mas poderia tornar as coisas inconvenientes para ele, fazer com que se sentisse ameaçado ou pensasse que ela poderia ter liberado mais informações em outros lugares.

Porque ela sabia o suficiente sobre desastres ocultos e horrores sigilosos para causar muito mais do que inconvenientes a Carston. No entanto, mesmo agora, três anos depois de sua primeira sentença de morte, ela ainda não se sentia confortável com a ideia de cometer uma traição ou com a genuína possibilidade de gerar pânico. Não havia como prever o dano potencial de suas revelações, o mal que elas poderiam causar a cidadãos inocentes. Então, tinha se conformado em apenas fazer com que Carston *pensasse* que ela havia feito algo tão descuidado; talvez a preocupação provocasse um aneurisma nele. Um lindo medalhão com gotas de vingança para tornar mais palatável o fato de perder o jogo.

O cordão que prendia o medalhão, porém, *era* mortal. Sua resistência à tração era equivalente à de um cabo de aviação em proporção ao seu tamanho, e sua força era sem dúvida suficiente para estrangular uma pessoa. O cordão se fechava com um ímã, e não com uma presilha; ela não tinha nenhuma intenção de ser enforcada com a própria arma. Os enfeites de madeira na alça da sacola tinham espaços onde as extremidades do cordão se encaixavam; se o cordão fosse acoplado ali, as peças de madeira se transformariam em suportes para manejar o cabo. A força física não era a primeira opção dela, mas seria algo inesperado. Estar preparada lhe daria uma vantagem.

Dentro das tranças complexas do cinto de couro preto estavam escondidas diversas seringas com molas. Ela poderia puxá-las individualmente ou acionar um mecanismo que exporia todas as extremidades pontudas ao mesmo tempo, para o caso de um agressor pressioná-la contra o próprio corpo. A mistura de diferentes substâncias não provocaria um bom resultado no organismo dele.

Ela também carregava lâminas de bisturis com o gume tapado enfiadas nos bolsos.

Facas de sapato comuns, uma que despontava para a frente, outra para trás.

Duas latas com rótulos que diziam SPRAY DE PIMENTA na bolsa — o conteúdo de uma delas era exatamente isso, o da outra era um pouco mais debilitante a longo prazo.

Um bonito frasco de perfume que liberava gás, e não líquido.

Um objeto que parecia um batom hidratante no bolso.

E várias outras opções divertidas, por via das dúvidas. Além das coisinhas que ela levava consigo para o resultado improvável — o sucesso. Uma garrafa *squeeze* amarela em formato de limão, fósforos, um extintor de incêndio portátil. E dinheiro, bastante dinheiro. Enfiou uma chave do quarto na sacola; ela não voltaria para o hotel, mas, se tudo corresse bem, outra pessoa iria até lá.

Ela tinha que se movimentar com cuidado quando estava tão equipada, mas já tinha treinado o suficiente para conseguir andar com confiança. Era reconfortante saber que, se alguém a obrigasse a caminhar com menos cuidado, esse alguém levaria a pior.

Saiu do hotel, acenando com a cabeça para a funcionária que a recebera, a pasta em uma das mãos e a sacola preta no braço. Entrou no carro e dirigiu até um parque lotado perto do centro da cidade. Deixou o carro no estacionamento de um centro comercial vizinho e foi andando até o parque.

Ela conhecia bem o lugar. Havia um banheiro próximo da esquina sudeste, e foi para lá que se dirigiu. Como era de se esperar no meio da manhã de um dia escolar, o banheiro estava vazio. Dentro da pasta havia uma muda de roupa, além de uma mochila enrolada e mais alguns acessórios. Trocou de roupa, guardou na pasta as peças que despira e enfiou-a na enorme mochila, juntamente com a sacola.

Ao sair do banheiro, ela não era mais reconhecível de cara como mulher. Caminhou preguiçosamente em direção à extremidade sul do parque, os joelhos soltos, concentrada em evitar que os quadris gingassem e traíssem seu sexo. Ninguém parecia estar prestando atenção, mas agir como se houvesse algum observador era sempre uma estratégia mais inteligente.

Conforme a hora do almoço se aproximava, o parque começou a encher, o que ela sabia que aconteceria. Ninguém prestava atenção ao garoto andrógino sentado em um banco à sombra, digitando furiosamente em um smartphone. Ninguém chegou perto o suficiente para notar que o telefone não estava ligado.

Do outro lado da rua ficava o restaurante onde Carston costumava almoçar. Não era o local de encontro que ela havia sugerido. Ela também estava cinco dias adiantada.

Por trás de óculos escuros masculinos, seus olhos examinavam a calçada. Talvez o plano não funcionasse. Talvez Carston tivesse modificado seus hábitos. Afinal de contas, hábitos eram coisas perigosas. Assim como a expectativa de segurança.

Ela filtrara os conselhos que tanto os relatos factuais quanto os romances

haviam dado em relação a disfarces, concentrando-se sempre nos aspectos mais corriqueiros. Não ponha uma peruca platinada e saltos altos apenas porque você é uma morena baixa. Não tente parecer o seu *oposto*; tente algo *discreto*. Pense naquilo que chama atenção — como louras e saltos agulha — e evite. Aproveite seus pontos fortes. Às vezes aquilo que você acha que o torna pouco atraente pode mantê-lo vivo.

Nos seus dias normais do passado, ela se ressentira da estrutura de seu corpo, que lembrava o de um menino. Agora, a usava. Se você vestir uma camisa de time de futebol folgada e uma calça jeans surrada um pouco grande demais, qualquer olhar à procura de *mulher* pode descartar você imediatamente como sendo um *garoto*. O cabelo dela era tão curto quanto o de um garoto e fácil de esconder por baixo de um boné. Além disso, camadas de meia dentro de um par de Reeboks grandes demais davam a ela aquela aparência desleixada de um adolescente normal. Alguém que realmente olhasse para o rosto dela talvez percebesse algumas discrepâncias. Mas por que alguém olharia? O parque estava se enchendo de pessoas de todas as idades e sexos. Ela não se destacava, e ninguém que estivesse no seu encalço esperaria encontrá-la ali. Ela não retornara a Washington desde a primeira vez que o departamento tentara assassiná-la.

Abandonar sua teia, caçar, não era o seu ponto forte. Contudo, era algo sobre o que, pelo menos, ela refletira de antemão. A maior parte do que fazia em um dia típico consumia apenas uma pequena fração de sua atenção e inteligência. O resto de sua mente estava sempre arquitetando possibilidades, imaginando cenários, o que a deixava um pouco mais confiante agora. Estava agindo a partir de um mapa mental que tinha sido criado durante muitos meses.

Carston não havia mudado de hábitos. Exatamente ao meio-dia e quinze, ele se sentou a uma mesa de metal na parte da frente do café. Escolheu a que estava em uma posição que lhe permitia ficar completamente coberto pela sombra do guarda-sol, como ela esperava. Carston já fora ruivo. Já não tinha muito cabelo, mas ainda mantinha a mesma tez.

A atendente acenou para ele, fez um sinal afirmativo com a cabeça apontando o bloco de papel na mão, depois voltou para os fundos do café. Ele pedira o mesmo de sempre. Outro hábito potencialmente fatal. Se quisesse matar Carston, ela poderia providenciar isso sem que ele nem mesmo soubesse que ela estivera ali.

Ela se levantou, enfiou o telefone no bolso e jogou a mochila em um dos ombros.

A calçada levava até uma elevação e algumas árvores. Carston não conseguiria vê-la atrás delas. Tinha chegado a hora de mais um disfarce. Sua postura se transformou. Ela tirou o boné e puxou pelos ombros a camisa de time que vestia por cima da camiseta. Apertou o cinto e enrolou a barra do jeans, transformando-o numa calça estilo *boyfriend*. Os tênis Reebok saíram, dando

lugar às alpargatas esportivas/sapatilhas de balé que estavam dentro da mochila. Toda essa transformação foi realizada de modo casual, como se ela estivesse com calor e quisesse se livrar da roupa em excesso. O clima tornava isso plausível. Passantes poderiam ficar surpresos de ver uma moça em trajes masculinos, mas ela duvidava que esse momento permanecesse na memória de qualquer um. Havia muitos estilos extremos em exibição no parque naquele dia. O brilho do sol sempre tirava de casa os esquisitões de Washington.

A sacola voltou a ser pendurada no ombro. Ela deixou a mochila cair por trás de uma árvore desgarrada quando ninguém estava olhando. Se alguém encontrasse o objeto, não havia nada de essencial lá dentro.

Convenientemente segura de que ninguém conseguia vê-la, acrescentou uma peruca e, por fim, enfiou os brincos com cuidado.

Ela poderia ter confrontado Carston com seu disfarce de rapaz, mas por que abrir mão de qualquer segredo? Por que permitir que ele a conectasse à vigilância que ela andara realizando? Isto é, se ele tivesse reparado no rapaz, obviamente. Talvez ela precisasse voltar a se transformar em um garoto em breve; assim, ela não desperdiçaria aquele disfarce. Sair do hotel já usando o traje poderia ter economizado tempo, mas, se sua aparência não tivesse sido modificada, a imagem captada pelas câmeras de segurança do hotel poderia ser facilmente ligada à gravação de qualquer câmera pública ou privada que porventura a estivesse filmando agora. Ao gastar um tempo a mais modificando o visual, ela rompera o máximo de conexões que conseguira; se estivesse tentando encontrar o rapaz, ou a mulher de negócios, ou a fortuita visitante do parque em que ela se transformara agora, qualquer pessoa teria uma trilha complicada para seguir.

O look feminino era mais fresco. Ela deixou a brisa suave secar o suor que se formara por baixo da camisa larga de náilon e então se dirigiu para a rua.

Aproximou-se por trás, tomando o mesmo caminho que ele percorrera alguns minutos antes. A comida havia chegado — sanduíche de frango à parmegiana —, e ele parecia completamente concentrado em degustá-la. Mas ela sabia que Carston era melhor do que ela em aparentar algo que não era.

Sem alarde, ela se deixou cair na cadeira do outro lado da mesa. A boca de Carston estava cheia quando ele levantou o olhar.

Ela sabia que Carston era um bom ator e presumiu que ele encobriria sua verdadeira reação e exibiria a emoção que quisesse antes que ela pudesse capturar a primeira. Como ele não demonstrou nenhuma surpresa, ela chegou à conclusão de que fora apanhado totalmente desprevenido. Se ele *estivesse* esperando por ela, teria agido como se aquela aparição súbita o tivesse chocado. Mas o olhar firme do outro lado da mesa, os olhos que não se arregalaram, o mastigar metódico — isso era Carston controlando sua surpresa. Ela tinha quase oitenta por cento de certeza.

Ela não disse nada. Apenas retribuiu o olhar inexpressivo enquanto ele terminava de mastigar o naco do sanduíche.

— Imagino que teria sido fácil demais se simplesmente nos encontrássemos conforme o planejado — disse ele.

— Fácil demais para o seu atirador, sem dúvida. — Ela proferiu as palavras de modo suave, usando o mesmo tom de voz que ele. Qualquer pessoa que ouvisse a conversa por acaso pensaria que se tratava de uma piada. Mas, nas duas outras mesas ocupadas, todos conversavam e riam alto, e os pedestres que passavam nas calçadas tinham os ouvidos tapados por fones de ouvido ou telefones. Ninguém se importava com o que ela estava falando, exceto Carston.

— Isso nunca veio de mim, Juliana. Você deve saber disso.

Foi a vez dela de não demonstrar surpresa. Fazia tanto tempo desde que alguém se dirigira a ela por seu nome verdadeiro que ele passara a soar como o nome de uma estranha. Após o choque inicial, uma suave onda de prazer emergiu. Era bom que o nome dela soasse estranho aos seus ouvidos — significava que ela estava agindo corretamente.

Os olhos de Carston piscaram ao ver a evidente peruca. Na verdade, era bem parecida com o cabelo verdadeiro dela, mas agora ele suspeitava que ela estivesse escondendo algo bem diferente. Em seguida, ele se forçou a voltar a olhá-la nos olhos. Esperou por uma resposta durante mais um instante. Diante do silêncio dela, porém, continuou a falar, escolhendo as palavras com cautela.

— Os, ahn, grupos que decidiram que você deveria... se aposentar acabaram... caindo em desgraça. Nunca foi uma decisão popular, para começo de conversa, e agora aqueles de nós que sempre discordaram deles, como eu, não são mais comandados por aqueles grupos. — Podia ser verdade. Era provável que não fosse. Ele respondeu ao ceticismo estampado nos olhos dela: — Você passou por alguma... perturbação desagradável nos últimos nove meses?

— E aqui estava eu pensando que tinha ficado melhor do que você nessa brincadeira de esconde-esconde.

— Acabou, Julie. O poder foi sobrepujado pela justiça.

— Adoro um final feliz.

Sarcasmo puro.

Ele piscou, magoado pelo sarcasmo. Ou fingindo estar magoado.

— Não tão feliz assim — falou, lentamente. — Um final feliz significaria que eu não teria entrado em contato com você. Você teria sido deixada em paz pelo resto da vida. E teria sido uma longa vida, pelo menos no que estivesse ao nosso alcance.

Ela assentiu, como se acreditasse. No passado, sempre presumira que Carston era exatamente o que aparentava. Ele havia sido o rosto dos mocinhos por muito tempo. Agora, tentar decifrar o que cada palavra significava de fato chegava a ser uma diversão esquisita, como um jogo.

Exceto pelo fato de que havia aquela vozinha que perguntava: *E se não for um jogo? E se agora for verdade... se eu puder me libertar?*

— Você era a melhor, Juliana.

— O Dr. Barnaby era o melhor.

— Sei que você não vai querer ouvir isso, mas ele nunca teve o seu talento.

— Obrigada. — Ele ergueu as sobrancelhas. — Não pelo elogio. Obrigada por não tentar me dizer que a morte dele foi um acidente — explicou ela, tudo isso ainda em um tom descontraído.

— Foi uma decisão errada motivada pela paranoia e pela deslealdade. Uma pessoa capaz de se livrar do próprio parceiro por interesse sempre acha que o parceiro planeja o mesmo. Gente desonesta não acredita que exista gente honesta.

Ela manteve o rosto impassível como pedra enquanto ele falava.

Nos três anos de fuga constante, ela nunca repassara um único segredo de que tivesse conhecimento. Nem uma única vez dera a quem estivesse atrás dela qualquer motivo para considerá-la uma traidora. Mesmo quando tentaram matá-la, ela permaneceu leal. E isso não tinha sido levado em conta pelo seu departamento, de jeito nenhum.

Não havia muita coisa que eles levassem em conta. Ela divagou por um instante recordando como tinha chegado perto daquilo que procurava, o ponto que ela poderia ter atingido em sua linha de pesquisa e criação mais premente se não tivesse sido interrompida. Aparentemente, aquele projeto também não tinha sido levado em conta.

— Mas quem se deu mal foram eles, aqueles traidores — continuou Carston. — Porque nunca encontramos ninguém tão bom quanto você. Que inferno, nunca encontramos ninguém com a metade do talento do Barnaby. Fico impressionado com a capacidade que as pessoas têm de esquecer o fato de que talento genuíno é um bem limitado.

Ele fez uma pausa, claramente na expectativa de que ela falasse, pedisse algo, traísse algum sinal de interesse. Ela apenas o encarou educadamente, da maneira como alguém olharia para um estranho passando suas compras em uma caixa registradora.

Ele soltou um suspiro e depois se inclinou, com uma súbita intensidade.

— Temos um problema. Precisamos do tipo de resposta que só você pode nos dar. Não temos mais ninguém que possa fazer esse trabalho. E nós não podemos arruinar esse trabalho.

— *Vocês*, não *nós* — disse ela.

— Sei que você não é assim, Juliana. Você se importa com pessoas inocentes.

— Eu me importava. Pode-se dizer que essa parte de mim foi assassinada.

Carston se retraiu de novo.

— Juliana, sinto muito. Sempre senti muito por tudo isso. Tentei detê-los. Fiquei

muito aliviado quando você escorregou por entre os dedos deles. *Toda vez* que você escorregou por entre os dedos deles.

Ela não pôde deixar de ficar impressionada com o fato de ele admitir tudo. Sem negações, sem desculpas. Nada do tipo *Foi apenas um acidente infeliz no laboratório*, como ela esperava. Nada de *Não fomos nós; foram os inimigos do governo*. Nenhuma história, apenas reconhecimento.

— E agora todo mundo sente muito. — A voz dele baixou, e ela teve que se esforçar para entender as palavras. — Porque não temos você, Juliana, e pessoas vão morrer. Milhares de pessoas. Centenas de milhares.

Dessa vez ele esperou enquanto ela refletia. Ela levou alguns minutos para examinar todos os ângulos possíveis.

Ela também falou baixo, mas se assegurou de não transparecer interesse ou emoção na voz. Queria apenas declarar fatos para levar a conversa adiante.

— Você conhece alguém que tem informações vitais. — Carston fez que sim. — Você não pode anular essa pessoa porque isso levaria os outros a descobrirem que você sabe a respeito deles. O que apressaria qualquer que seja a providência que você preferiria que não fosse tomada. — Outro gesto de confirmação. — Estamos falando do pior, não é?

Um suspiro.

Nada estimulava tanto o departamento quanto o terrorismo. Ela tinha sido recrutada antes que a poeira emocional baixasse completamente em torno do buraco onde as Torres Gêmeas ficavam. A prevenção ao terrorismo sempre tinha sido o principal componente do trabalho dela, a melhor justificativa para ele. A ameaça do terrorismo também fora manipulada, transformada e distorcida, até que, no final, ela havia perdido grande parte da crença na ideia de que estava de fato cumprindo o papel de uma patriota.

— E um grande dispositivo — disse ela, afirmando, não perguntando.

O maior bicho-papão era sempre este: que alguém que odiava os Estados Unidos conseguisse pôr as mãos em alguma coisa nuclear. Essa era a nuvem escura que escondia a profissão dela dos olhos do mundo, que a tornava tão indispensável, por mais que o cidadão comum preferisse pensar que ela não existia.

E *acontecera*, mais de uma vez. Gente como ela havia evitado que tais situações se transformassem em tragédias humanas de grandes proporções. Havia um mecanismo de compensação. Horror em baixa escala contra carnificina por atacado.

Carston balançou a cabeça, e de repente seus olhos claros demonstraram medo. Ela não conseguiu controlar um ligeiro tremor interno quando percebeu do que se tratava. Havia somente dois tipos de medo daquela magnitude.

É *biológico*. Ela não enunciou as palavras, só mexeu os lábios.

A expressão sombria de Carston serviu como resposta.

Ela baixou os olhos por um instante, repassando todas as respostas dele e reduzindo-as a duas colunas, duas listas de possibilidades em sua cabeça. Coluna um: Carston era um mentiroso talentoso que estava dizendo coisas que pensava que a motivariam a visitar um lugar onde as pessoas estavam muito bem preparadas para descartar Juliana Fortis para sempre. Ele estava dançando conforme a música, tocando nos pontos mais sensíveis de Juliana.

Coluna dois: Alguém tinha uma arma biológica de destruição em massa, e as autoridades competentes não sabiam onde ela estaria nem quando seria usada. Mas conheciam alguém que sabia.

A vaidade recebeu um certo peso, fazendo a balança pender ligeiramente para um dos lados. Ela sabia que era boa. Era verdade que eles provavelmente não tinham encontrado alguém melhor.

Ainda assim, ela apostaria na coluna um.

— Jules, não quero ver você morta — disse ele com calma, imaginando o que passava pela cabeça dela. — Eu não teria entrado em contato com você se quisesse. Eu não ia *querer* me encontrar com você. Porque tenho certeza de que, neste exato momento, você dispõe de pelo menos seis maneiras de me matar e de todos os pretextos do mundo para usar uma delas.

— Você realmente acha que eu viria com apenas seis? — perguntou ela.

Ele franziu a testa nervosamente por um segundo, depois decidiu rir.

— Exato. Não tenho desejo de matar, Jules. Estou sendo franco.

Ele fitou o medalhão dela, e ela suprimiu um sorriso e retomou a voz descontraída.

— Eu preferiria que você me chamasse de Dra. Fortis. Acho que já passamos da fase dos apelidos.

Ele fez uma expressão magoada.

— Não estou pedindo que me perdoe. Eu devia ter feito mais — disse ele. Ela aquiesceu, apesar de, mais uma vez, não estar concordando com ele, apenas mantendo a conversa. — Estou pedindo que você me ajude. Não, não a mim. Ajude as pessoas inocentes que vão morrer se você não ajudar.

— Se elas morrerem, não vai ser por culpa minha.

— Sei disso, Ju... Doutora. Será culpa minha. Mas, na verdade, essas pessoas não vão se preocupar em apontar culpados. Estarão todas mortas.

Ela manteve o olhar fixo nele. Não seria ela a piscar.

A expressão dele mudou para algo mais sombrio.

— Você gostaria de ouvir o que vai acontecer com essas pessoas?

— Não.

— Talvez seja demais até mesmo para o *seu* estômago.

— Duvido muito. Mas não importa. O que *poderia* acontecer é secundário.

— Queria saber o que é mais importante do que centenas de milhares de vidas.

— Isto vai parecer terrivelmente egoísta, mas, para mim, o fato de respirar tem meio que sobrepujado qualquer outra coisa.

— Você não poderá nos ajudar se morrer — disse Carston, objetivamente. — A lição foi aprendida. Esta não será a última vez que vamos precisar de você. Não vamos cometer o mesmo erro de novo.

Ela detestava admitir, mas a balança estava começando a pender ainda mais para um dos lados. O que Carston dizia fazia sentido *mesmo*. Ela certamente conhecia mudanças de diretrizes. E se fosse tudo verdade? Ela podia se fazer de fria, mas Carston a conhecia bem. Ela teria dificuldades em permitir um desastre dessa magnitude se pensasse que havia uma chance de fazer algo. Tinha sido assim que, no começo, eles a haviam atraído para a pior profissão do mundo.

— Você não trouxe nenhum arquivo para cá, certo? — indagou ela.

CAPÍTULO 3

Nesta noite ela se chamava Alex.

Precisara se distanciar um pouco de Washington e acabara em um pequeno hotel de beira de estrada logo ao norte da Filadélfia. Era um dos seis que se alinhavam na rodovia interestadual na saída da cidade. Levaria algum tempo para que um rastreador conseguisse procurá-la em todos, mesmo que primeiro ele restringisse de alguma forma a localização para essa parte da cidade. Ela não havia deixado qualquer rastro que conduzisse um caçador até o estado da Pensilvânia. Apesar disso, dormiria na banheira como de costume.

Não havia uma mesa no pequeno quarto; assim, ela espalhou todos os arquivos sobre a cama. Ficava exausta só de olhar para eles. Fazer com que Carston os enviasse por FedEx até uma localização precisa não fora uma tarefa simples.

A informação estava pronta, de acordo com Carston. Ele esperava que ela fosse ao encontro com ele, e teria levado os arquivos consigo se estivesse aguardando por ela. Insistiu em cópias impressas, e ele concordou. Ela lhe passou as instruções para a entrega.

A dificuldade era quebrar os vínculos nas duas pontas.

Por exemplo, ela não podia apenas pedir que Carston jogasse os arquivos em uma lata de lixo e contratar alguém para apanhá-los — era fácil demais ter gente de olho naquele lixo. Os observadores veriam a pessoa que pegou os arquivos e a seguiriam. Essa pessoa poderia levar os papéis para um ponto de entrega separado antes que ela se aproximasse, mas os olhos dos observadores já estariam lá. Em algum momento ao longo do processo, o pacote teria que permanecer longe da visão dos observadores durante tempo suficiente para ela desempenhar um complexo jogo de esconde-esconde.

Portanto, conforme as instruções dela, Carston deixara uma caixa no balcão da recepção do Hotel Brayscott. O Sr. Green estava preparado. Ele pensava que Carston era um amigo que havia roubado aqueles bens de família herdados do ex-namorado violento — que certamente o estaria seguindo. O Sr. Green lhe dera o código para que ela pudesse observar o sistema de vigilância do hotel de modo remoto, a partir de um café a quilômetros de distância. O fato de ela não ter visto ninguém seguindo Carston não significava que não havia nenhum observador por lá, mas aparentemente ele apenas entregou a caixa e se afastou. O gerente se esmerou em seguir todas as instruções que ela lhe dera, muito provavelmente porque sabia que ela estava observando. A caixa seguiu pelo elevador de serviço até a lavanderia, onde foi transferida para o carrinho de uma camareira, deixada

dentro do quarto dela e, depois, colocada na discreta mala preta pelo ciclista para quem ela dera o cartão-chave do quarto e quinhentos dólares. O ciclista tomou uma rota tortuosa, seguindo as ordens que ela lhe passara por meio de um telefone barato pré-pago que já fora descartado, e acabou por deixar a caixa com um vendedor confuso na loja de xerox na calçada oposta ao café.

Se tudo desse certo, os observadores ainda estariam no hotel, esperando que ela entrasse pela porta da frente. Era provável que eles fossem espertos demais para não fazer nada além disso, mas, mesmo que tivessem mandado dez observadores, não haveria gente suficiente para seguir cada estranho que saísse do hotel. Qualquer um que estivesse na cola do ciclista teria encontrado grande dificuldade em segui-lo. Ela só podia cruzar os dedos e esperar que ninguém a estivesse observando naquele momento.

Precisava agir com rapidez. A hora seguinte constituía a parte mais perigosa do plano.

Obviamente, ela sabia que haveria algum tipo de dispositivo de rastreio no material. Avisara a Carston que examinaria o pacote à procura de algo do tipo, mas talvez ele tivesse imaginado que ela não contava com a tecnologia para fazer isso. O mais rápido possível, ela fez cópias coloridas de todas as páginas. Demorou quinze minutos, tempo demais. As cópias voltaram para dentro da mala, e os originais foram parar em um saco de papel que a funcionária do balcão lhe deu. Ela deixou a caixa na lata de lixo da loja.

Os passos seguintes eram uma corrida contra o tempo. Ela entrou em um táxi e pediu que o motorista se encaminhasse para uma parte mais perigosa de Washington enquanto procurava pelo primeiro lugar que lhe daria a privacidade de que necessitava. Não dava tempo de selecionar o local, e ela acabou pedindo que o taxista a aguardasse na entrada de um beco desagradável. Era o tipo de comportamento do qual ele se lembraria sem dúvida alguma, mas não havia outro jeito. Ela já podia estar sendo vigiada. Correu até o fundo do beco sem saída — que lugar para ser apanhada! —, esgueirou-se atrás de um coletor de lixo e, com o pé, abriu espaço no asfalto quebrado.

O som de um movimento às suas costas fez com que ela desse um salto e uma meia-volta, a mão no cinto preto largo, os dedos automaticamente à procura da fina seringa escondida na extrema esquerda.

Do outro lado do beco, um homem com a aparência confusa, sobre uma cama de papelão e trapos, a observava com uma expressão fascinada, mas não disse nada e tampouco esboçou qualquer movimento para sair dali ou se aproximar. Ela não tinha tempo para pensar no que ele veria. Mantendo o sem-teto em sua visão periférica, concentrou-se no saco com os documentos originais. Puxou da bolsa a garrafa *squeeze* em formato de limão e borrifou seu conteúdo dentro do saco de papel. O odor de gasolina saturou o ar em torno dela. A expressão do homem não se modificou. Então ela acendeu o fósforo.

Observou o fogo com cuidado, com o extintor de incêndio nas mãos para o caso de as chamas começarem a se espalhar. O mendigo pareceu entediado com essa parte da ação e virou as costas.

Ela esperou até que cada pedacinho dos papéis se transformasse em cinza antes de extinguir o fogo. Ainda não sabia o que havia nos arquivos, mas sem dúvida seria extremamente secreto. Ela nunca havia trabalhado em um projeto que não o fosse. Esfregou a ponta do sapato sobre o pó preto e cinza, triturando-o no piso. Não havia restado nenhum fragmento, certificou-se disso. Jogou uma nota de cinco dólares para o homem no papelão antes de voltar correndo para o táxi.

Em seguida vieram uma série de táxis, duas viagens de metrô e alguns quarteirões a pé. Ela não tinha certeza de que os despistara. Podia apenas fazer o melhor possível e ficar em prontidão. Outro táxi a deixou em Alexandria, onde ela alugou um terceiro carro com um terceiro cartão de crédito novo.

E agora ela estava nos arredores da Filadélfia, nesse quarto de hotel barato, um purificador de ar de perfume intenso brigando com o fedor entranhado de fumaça de cigarro, encarando as pilhas de papel dispostas organizadamente sobre a cama.

O nome do alvo era Daniel Nebecker Beach.

Vinte e nove anos. Pele clara, alto, compleição média, cabelo médio castanho-acinzentado com ondas alongadas — por algum motivo o comprimento a surpreendeu, talvez porque ela frequentemente lidava com militares. Olhos castanho-claros. Nascido em Alexandria, filho de Alan Geoffrey Beach e Tina Anne Beach (o sobrenome de solteira era Nebecker). Um irmão, Kevin, dezoito meses mais velho. A família morara em Maryland durante a maior parte da infância dos meninos, com exceção de uma breve temporada em Richmond, Virgínia, onde ele cursara o ensino médio por dois anos. Daniel frequentara a Universidade Towson e se formara em educação secundária, com especialização em inglês. Um ano após a formatura, perdera os pais em um acidente de carro. O motorista que os atingira também morrera; a concentração de álcool no seu sangue era de 0,21. Cinco meses após o funeral, o irmão de Daniel fora condenado por acusações relacionadas a drogas — fabricação de metanfetamina e venda para menores de idade — e sentenciado a uma pena de nove anos em uma prisão no Wisconsin. Daniel se casara um ano mais tarde e se divorciara dois anos depois; a ex-mulher voltara a se casar quase imediatamente após o término do apressado processo de divórcio e dera à luz uma criança com o novo marido — um advogado — seis meses depois do casamento. Nada muito difícil de ler nas entrelinhas. Durante o mesmo ano, o irmão morrera em uma briga na prisão. Uma fase difícil e bem longa.

Daniel atualmente lecionava história e inglês em uma escola de ensino médio em uma localização que muitos considerariam na parte errada de Washington.

Também era técnico do time feminino de vôlei e supervisionava o conselho de estudantes. Ganhara o título de Professor do Ano — por voto dos alunos — duas vezes seguidas. Nos três anos que haviam decorrido desde o divórcio, Daniel passara as férias de verão trabalhando com a ONG Habitat para a Humanidade, primeiro em Hidalgo, México, depois em El Minya, Egito. No terceiro verão, dividira seu tempo entre esses dois locais.

Nenhuma foto do irmão ou dos pais falecidos, mas havia uma da ex-mulher: um retrato formal de casamento em que os noivos apareciam juntos. Ela era morena e bonita, o ponto central da fotografia. Ele parecia quase um adendo atrás dela, embora seu largo sorriso fosse mais autêntico do que a expressão nos traços cuidadosamente posados da mulher.

Alex gostaria que o arquivo fosse mais robusto, mas sabia que, com sua natureza voltada para os detalhes, às vezes esperava demais de analistas menos obsessivos.

Para um observador superficial, Daniel era aparentemente limpo. Família decente (o ciclo autodestrutivo que culminara na morte do irmão podia ser entendido com facilidade à luz do acidente dos pais). Vítima no caso do divórcio (não é incomum a esposa de um professor batalhador perceber que o salário não sustentaria um estilo de vida esbanjador). Preferido das crianças carentes. Altruísta no tempo livre.

O arquivo não mencionava o que fizera com que o sujeito captasse a atenção do governo pela primeira vez, mas, uma vez arranhada a superfície, o lado escuro se revelara.

Tudo parecia ter começado no México. Àquela altura, ele não estava sendo observado, de modo que as únicas informações disponíveis eram as movimentações bancárias. Os contadores forenses haviam montado um histórico bem-documentado. Primeiro, o próprio saldo bancário, que se estagnara pouco acima de algumas centenas de dólares após o divórcio, de repente superara os dez mil. E então, algumas semanas depois, mais dez. No fim do verão, o total era de sessenta mil. Ele retornou aos Estados Unidos, e os sessenta mil dólares sumiram. Talvez o pagamento inicial na compra de um imóvel ou um carro descolado? Não, nada visível, nenhum registro. No ano seguinte, enquanto ele estava no Egito, não houve aumentos repentinos em suas finanças. Será que ele andara jogando? Talvez uma herança?

Esse único dado não era o suficiente para captar a atenção de ninguém sem que houvesse algum tipo de pista, mas ela não conseguiu localizar no arquivo o que tinha sido o catalisador. Mesmo com uma denúncia explícita, alguém do departamento de contabilidade precisaria ter feito horas extras, ou então estar muito, muito entediado, porque, apesar da falta de urgência, o analista financeiro havia farejado e perseguido aqueles sessenta mil dólares iniciais feito um cão de caça com o focinho colado no chão. Ele acabou encontrando a quantia — em

uma conta nova nas ilhas Cayman. Com mais cem mil dólares.

A essa altura, o nome de Daniel passou a figurar na lista. Não uma lista da CIA, do FBI ou da Agência de Segurança Nacional — na lista da Receita Federal. Nem mesmo uma lista de alta prioridade. O nome dele não estava perto dos primeiros lugares; ele não passava de alguém que deveria ser investigado.

Ela ficou imaginando por um momento como a morte do irmão o afetara. Ele parecia ter feito visitas bastante regulares ao irmão, o único parente que lhe restava. A mulher o larga, o irmão morre. Uma receita apropriada para fazer com que alguém vá mais fundo em suas escolhas ruins.

O montante continuou aumentando, e não era coerente com o que uma mula de drogas ou até mesmo um traficante ganharia. Nenhum desses trabalhos renderia tanto.

Então, o dinheiro começou a se movimentar, e rastreá-lo se tornou uma tarefa mais difícil, mas o total chegou a dez milhões de dólares em nome de Daniel Beach quicando do Caribe para a China, passando pela Suíça, e fazendo o caminho de volta. Talvez ele fosse um laranja e alguém estivesse usando seu nome para ocultar bens, mas, de modo geral, os bandidos não gostavam de colocar esses fundos nas mãos de professores que não participassem do esquema.

O que ele estaria fazendo para ganhar tanto dinheiro?

Evidentemente, a essa altura as pessoas com quem Daniel se associava já estavam sendo observadas — uma estratégia que, em pouco tempo, mostrou-se recompensadora. Um indivíduo chamado Enrique de la Fuentes apareceu em uma foto granulada em preto e branco tirada pela câmera de segurança do estacionamento do hotel em que Daniel Beach se hospedara na Cidade do México.

Fazia alguns anos que ela estivera fora do jogo, e o nome não suscitou nenhuma reação. Mesmo que ainda estivesse no departamento, provavelmente Enrique de la Fuentes não faria parte de seu lote normal de casos a tratar. Ela havia trabalhado uma vez ou outra no problema dos cartéis, mas as drogas nunca acendiam as luzes vermelhas nem faziam as sirenes tocarem como o terrorismo e as guerras em potencial.

De la Fuentes era um traficante de peso, e era raro indivíduos assim — mesmo os do tipo agressivo, emergente e passageiro — receberem qualquer atenção do departamento dela. Em geral, o governo dos Estados Unidos não se importava se os chefões do tráfico matassem uns aos outros, e normalmente as guerras entre traficantes tinham um impacto muito limitado na vida do cidadão americano médio. Traficantes não queriam matar seus fregueses. Não era bom para os negócios.

Durante todos os seus anos no departamento, mesmo com autorizações de alta segurança que faziam parte do seu trabalho, ela nunca ouvira falar de um chefão

do tráfico que se interessasse por armas de destruição em massa. É claro que, se houvesse uma possibilidade de lucro, ninguém podia ser descartado.

No entanto, *lucrar com venda de* era inteiramente diferente de *liberar*.

De la Fuentes havia adquirido um laboratório colombiano de porte médio em um ataque hostil (para usar um eufemismo) em meados dos anos 1990 e então realizara diversas tentativas de estabelecer uma base de operações logo ao sul da fronteira com o Arizona. Todas as vezes, ele fora repelido pelo cartel que ocupava a fronteira entre o Texas e o México, ali perto. Ele ficara impaciente e começara a procurar métodos menos ortodoxos para descartar os inimigos. Então encontrara um aliado.

Ela puxou o ar entre os dentes.

Ali estava um nome que ela conhecia — conhecia e odiava. Ataques de pessoas de fora eram horríveis o suficiente. Ela sentia a mais profunda aversão pelo tipo de gente que nascia em meio à liberdade e ao privilégio de uma nação democrática e, depois, usava justamente esse privilégio e essa liberdade para agredir seu cerne.

Esse círculo de terroristas domésticos tinha diversos nomes. O departamento os chamava de Serpente, graças a uma tatuagem de um de seus finados chefes — e à frase de *Rei Lear*. Ela havia contribuído para anular algumas de suas conspirações mais graves, mas o plano que tinham conseguido levar a cabo ainda lhe dava pesadelos ocasionais. O arquivo não dizia quem fizera o primeiro contato, apenas que haviam chegado a um acordo. Se De la Fuentes cumprisse com a sua parte, receberia dinheiro, homens e armas suficientes para aniquilar o cartel maior. E os terroristas teriam o que desejavam — a desestabilização da nação americana, horror, destruição e toda a publicidade com que já haviam sonhado.

Tudo isso era péssimo.

Afinal, o que seria melhor para gerar uma desestabilização do que o vírus de uma gripe mortal, criado em laboratório? Em especial um vírus que eles podiam controlar.

Ela percebeu quando a narrativa mudou do ponto de vista dos analistas para o dos espiões. Cenários muito mais claros.

Os espiões o chamavam de TCX-1 (não havia nenhuma anotação nos arquivos sobre o significado da sigla, e, mesmo com toda a sua especialização em medicina, ela também não fazia ideia). O governo estava ciente de que a supergripe TCX-1 existia, mas pensava que a erradicara durante uma incursão secreta no Norte da África. O laboratório fora destruído, os grupos responsáveis haviam sido capturados (e executados, em sua maioria). Ninguém mais ouvira falar de TCX-1.

Até que, alguns meses antes, a doença aparecera no México, com um suprimento da vacina que poderia salvar a vida de quem fosse infectado, já

incorporada a uma nova droga sintética.

Ela estava começando a sentir uma dor de cabeça daquele tipo extremamente localizado. Era como uma agulha quente que perfurava um ponto atrás do olho esquerdo. Ela dormira algumas horas depois de fazer o check-in e antes de mergulhar nos arquivos, mas não fora o suficiente. Andou até o seu nécessaire ao lado da pia, apanhou quatro comprimidos de um analgésico forte e os engoliu a seco. Dois segundos depois, lembrou que estava de barriga vazia, e o medicamento sem dúvida abriria um buraco no fundo do estômago assim que o atingisse. Ela sempre tinha um estoque de barras de proteína na bolsa, e rapidamente se serviu de uma enquanto voltava para a leitura.

Os terroristas sabiam que estavam sempre sendo observados; por isso, o que deram para De la Fuentes foi informação. O traficante teria que fornecer mão de obra — de preferência, mão de obra discreta e pouco visada.

Então o professor entrava em cena.

A partir das peças que as melhores mentes analíticas haviam conseguido encaixar, Daniel Beach, um bom homem em todos os sentidos, tinha viajado para o Egito e adquirido TCX-1 para um chefão do tráfico ganancioso e instável. E estava óbvio que ele ainda fazia parte da trama. A partir das provas disponíveis, ele parecia ser o responsável por distribuir o TCX-1 em solo americano.

A droga sintética inalável contendo a vacina já estava em circulação. Fregueses valorizados nunca estariam em perigo, e talvez essa fosse a segunda parte do plano. Mesmo o chefão de tráfico mais instável do mundo precisava ser pragmático no que se referia a dinheiro. Então, talvez indivíduos que não eram fregueses descobrissem onde encontrar a salvação — e isso criaria uma nova clientela desesperada. A essa altura, com certeza Daniel Beach já estava imune. Não era uma tarefa difícil fazer o vírus circular; bastava esfregar um pano infectado sobre uma superfície que fosse tocada com frequência — uma maçaneta, um balcão, um teclado. O vírus foi criado para se espalhar como o clássico incêndio florestal — Daniel nem precisaria expor muitas pessoas. Apenas algumas em Los Angeles, outras em Phoenix, outras em Albuquerque e mais algumas em San Antonio. O professor já reservara hotéis em cada uma dessas cidades. Dentro de três semanas, embarcaria em sua viagem mortal, supostamente para visitar mais filiais da Habitat para a Humanidade a fim de se preparar para o passeio da escola no outono seguinte.

A Serpente e De la Fuentes estavam tentando orquestrar o ataque mais implacável já perpetrado em solo americano. E, se De la Fuentes de fato já dispusesse do vírus e da vacina, as chances de sucesso dessa aliança eram excelentes.

Carston não estivera brincando. O que ela originalmente imaginara como um teatro para comovê-la agora parecia uma impressionante demonstração de autocontrole. De todos os desastres potenciais que já haviam passado por sua

mesa de trabalho — quando ela tinha uma mesa de trabalho —, esse era sem dúvida um dos piores, e ela já deparara com muita coisa ruim. Já houvera inclusive outra arma biológica com potencial para concretizar esse tipo de dano, mas aquela ameaça nunca saíra do laboratório. O plano atual era viável e já estava em andamento. E, nesse caso, não morreriam centenas de milhares de pessoas — o número chegaria à casa de um milhão, talvez mais, antes que o Centro de Controle e Prevenção de Doenças conseguisse tomar as rédeas da situação. Carston sabia que ela reconheceria isso. Ele minimizara o desastre de propósito, para fazer com que a história soasse mais realista. Às vezes a verdade era pior do que a ficção.

As apostas eram mais altas do que ela imaginara. Esse fato fez com que ela tivesse ainda mais dificuldade em justificar seu jogo de apostas baixas. Seria a concentração em salvar a própria vida defensável diante desse tipo de horror? Ela se mantivera linha-dura na conversa com Carston. Porém, se houvesse qualquer chance de esse plano ser mais do que uma armadilha, existiria alguma opção a não ser tentar detê-lo?

Se Daniel Beach desaparecesse, De la Fuentes saberia que alguém estava no encalço dele. Era provável que então agisse mais cedo do que o planejado, antes do que fora estabelecido. Daniel tinha que falar, e tinha que falar rapidamente. E, depois disso, precisava retomar sua vida corriqueira, ser visto e manter o traficante megalomaníaco calmo até que os mocinhos pudessem aniquilá-lo.

No início, o procedimento operacional padrão seria deixar os alvos de Alex à vontade durante um curto espaço de tempo. Tratava-se de grande parte de sua especialidade; Alex era a melhor em obter informações sem danificar o alvo. (Antes de Alex, Barnaby tinha sido o melhor e único homem para a tarefa.) A CIA, a Agência Nacional de Segurança e a maior parte das divisões governamentais desse tipo tinham as próprias equipes para interrogar alvos que eram descartados após a informação ser obtida. Com o passar do tempo, como demonstrou ter mais êxito até do que a melhor das outras equipes, Alex começara a receber muito mais trabalho. Ainda que as outras divisões preferissem continuar restritas, fazendo com que a informação circulasse apenas entre os próprios funcionários, os resultados falavam por si mesmos.

Ela suspirou e voltou a se concentrar no presente. Onze fotos de Daniel Beach estavam dispostas em uma fila sobre os travesseiros na cabeceira da cama. Era difícil conjugar as duas faces da moeda. Nas fotos mais antigas, ele parecia um escoteiro. De algum jeito, seu cabelo macio e ondulado passava uma imagem de inocência e intenções puras. Porém, embora o rosto que aparecia nas fotos dos espiões fosse o mesmo, tudo se transformara. O cabelo estava sempre escondido por baixo de um capuz ou de um boné (itens que ela própria usava para se disfarçar); a postura passara a ser mais agressiva; as expressões se tornaram frias e profissionais. Ela já investigara profissionais. Levava tempo.

Possivelmente mais do que um fim de semana. Ela observou mais uma vez os dois rostos ao mesmo tempo iguais e contraditórios e se perguntou por um instante se Daniel teria um distúrbio psiquiátrico ou se aquelas imagens mostrariam uma metamorfose. Nesse caso, o inocente não mais existiria.

Não que isso importasse... ainda.

A dor de cabeça parecia perfurar e queimar a parte interna do seu globo ocular. Ela sabia que aquela sensação não fora provocada pelas horas de leitura. Não, a fonte da dor era a decisão que surgia à sua frente.

Juntou todos os arquivos e enfiou-os em uma mala. A destruição da população do sudoeste dos Estados Unidos teria que ficar em segundo plano por algumas horas.

Ela estava em um carro diferente daquele no qual começara a manhã. Antes de fazer check-in no hotel, ela devolvera o veículo em Baltimore e, em seguida, pegara um táxi para York, Pensilvânia. O taxista a deixara a alguns minutos de distância a pé de uma casa onde um homem de sobrenome Stubbins estava vendendo seu Tercel de três anos, conforme anunciado na Craigslist. Ela pagara em dinheiro e utilizara o nome de Cory Howard. Depois dirigira até a Filadélfia em seu novo carro. Seu rastro *poderia* ser seguido, mas isso seria muito difícil.

Ela se dirigiu para um local a vários quilômetros do hotel e escolheu um bar suspeito que parecia bem movimentado, o que era desejável por dois motivos. Primeiro: ela seria menos notada no meio de uma multidão. Segundo: era provável que a comida fosse passável.

O salão de jantar estava abarrotado, por isso ela comeu no balcão. A parede atrás do bar era espelhada; ela conseguia observar a porta e as janelas da frente sem se virar. Um bom local de pouso. Ela devorou um hambúrguer engordurado, anéis de cebola e um milk-shake de chocolate. Delicioso. Enquanto comia, desligou o cérebro. Aperfeiçoara-se em fazer isso nos nove anos anteriores; era capaz de compartimentalizar quase tudo. E, enquanto ela se concentrava na comida e observava as pessoas ao seu redor, a dor de cabeça se amenizou até que restasse apenas um latejar maçante. Ao longo da refeição, o analgésico enfim ganhou e a dor se dissolveu por completo. Ela pediu uma fatia de torta de noz-pecã como sobremesa, embora estivesse empanturrada e só conseguisse beliscar. Estava ganhando tempo. Assim que a refeição terminasse, teria que tomar uma decisão.

A dor de cabeça estava aguardando no carro, como ela sabia que aconteceria, mas não voltou com a mesma intensidade de antes. Ela dirigiu ao acaso por ruas tranquilas, onde qualquer um que a seguisse ficaria em evidência. O bairro residencial estava escuro e vazio. Depois de alguns minutos, seguiu em direção à cidade.

Ainda havia duas colunas de possibilidades na sua cabeça.

A primeira, que dizia que Carston estivera mentindo a fim de atraí-la para a

morte, começava a parecer cada vez mais improvável. Ainda assim, ela precisava permanecer alerta. Toda aquela história poderia ser uma invenção. Todas as provas, os departamentos trabalhando em conjunto, os analistas individuais — cada um com seu estilo de redação — e as fotos de várias partes do mundo poderiam se mostrar uma armadilha muito detalhada. De qualquer forma, a cilada não seria infalível, já que eles não teriam como saber se ela decidiria simplesmente não aceitar a tarefa.

Mas por que Carston prepararia toda essa informação, se esperava atraí-la para um encontro combinado com antecedência? Eles poderiam tê-la assassinado com facilidade durante a reunião sem toda essa fachada. Se esperavam que o cérebro dela caísse no chão antes que ela pudesse abrir a pasta com os arquivos, bastaria levar uma pilha de papéis em branco para o encontro. Com que rapidez tudo isso poderia ter sido organizado? Como ela antecipara sua aparição, Carston não tivera tempo para fabricar o dossiê no local. Nessa hipótese, quem seria Daniel Beach? Alguém da equipe deles? Ou um cidadão insuspeito transposto por Photoshop para aqueles cenários exóticos? Eles com certeza sabiam que ela seria capaz de verificar algumas das informações.

No arquivo final, tinham lhe oferecido um plano de ação. Dentro de cinco dias, com ou sem a participação dela, eles pegariam o professor durante a corrida que ele fazia todos os sábados. Ninguém notaria a ausência dele até segunda-feira de manhã no horário da escola. Caso alguém porventura o procurasse, pareceria que ele havia tirado um fim de semana de folga. Se concordasse em ajudar, ela teria dois dias para obter a informação de que eles precisavam e, depois, estaria livre para partir. Tinham esperança de que ela consentisse em manter algum contato. Um endereço de e-mail de emergência, um perfil em uma rede social, mesmo um anúncio nos classificados.

Se ela não concordasse com a tarefa, eles fariam o melhor possível sem ela. No entanto, tentar deixar o informante sem marcas físicas seria uma ação lenta... lenta demais. Pensar no fracasso era devastador.

Ela quase salivou ao imaginar todas as maravilhas que a esperavam no laboratório. Coisas nas quais ela nunca conseguiria pôr as mãos no mundo real. Seu sequenciador de DNA, além do seu aparelho para reação em cadeia de polimerase. Os anticorpos já fabricados que ela poderia carregar nos bolsos se o convite fosse sério. Evidentemente, se Carston estivesse sendo franco, ela não teria mais que roubar aqueles itens.

Ela tentou imaginar como seria voltar a dormir em uma cama. Não levar consigo uma quantidade imensa de toxinas o tempo todo. Usar o mesmo nome todo dia. Manter contato com outros seres humanos de uma forma que não resultasse na morte de ninguém.

Não conte com isso, disse para si mesma. *Não deixe que isso suba à cabeça e afete o seu discernimento. Não deixe que a esperança a torne uma idiota.*

Por mais agradáveis que fossem alguns dos cenários que imaginou, ela não foi capaz de visualizar os passos que teria que dar para eles acontecerem. Era impossível se ver entrando mais uma vez pelas portas de aço brilhante até o local onde Barnaby havia agonizado até morrer. A mente dela se recusou terminantemente a construir a imagem.

A vida de um milhão de pessoas era um fardo pesado, porém, de muitas formas, ainda era uma ideia abstrata. Ela sentia que não existia nada que a fizesse atravessar aquelas portas.

Teria que contorná-las, por assim dizer.

Somente cinco dias.

Havia muito trabalho pela frente.

CAPÍTULO 4

A operação estava abrindo um rombo em suas economias.

Esse pensamento não parava de martelar seu cérebro. Se ela sobrevivesse até o fim da semana e nada mudasse em sua relação de trabalho com o departamento, teria sérios problemas financeiros. Mudar de vida três vezes por ano não era nada barato.

Para começar, só a tarefa de obter fundos com liquidez já fora um procedimento complicado. Ela tinha dinheiro — no início, o salário havia sido um fator importante na escolha daquele emprego, e antes disso ela herdara uma quantia razoável do seguro de vida da mãe. No entanto, quando você trabalha para paranoicos poderosos que provavelmente anotam em seu cadastro o momento em que você troca a marca da pasta de dente, não pode simplesmente sacar todo o seu dinheiro e guardá-lo embaixo do colchão. Se eles ainda não tivessem planejado fazer nada contra você, esse saque lhes daria um motivo para fazê-lo. Se já tivessem algum plano, então eles o acelerariam. Você poderia tentar retirar todos os seus investimentos quando saísse da cidade, mas isso limitaria sua capacidade de pagar por quaisquer preparativos com antecedência.

Assim como tantas outras providências, o esquema fora montado por Barnaby. Ele a mantivera no escuro a respeito dos detalhes para proteger o amigo ou os amigos que o ajudaram na empreitada.

No refeitório localizado alguns pisos acima do laboratório, ela e Barnaby se deixaram ouvir conversando sobre uma possibilidade promissora de investimento. Bem, Barnaby a chamara de promissora e se empenhara em convencê-la disso. Não havia nada notável na conversa; era provável que várias versões dela estivessem ocorrendo perto dos bebedouros de diversos escritórios normais naquele exato momento. Ela fingiu que ficara convencida, e Barnaby prometeu em voz alta que iria tratar de tudo. Ela transferiu certa quantia para uma firma de investimento — ou uma empresa que parecia uma firma de investimento. Alguns dias mais tarde, o dinheiro foi depositado em um banco em Tulsa, Oklahoma, em nome de Fredericka Noble — descontada uma "comissão" de cinco por cento para compensar os tais amigos pelo tempo despendido e pelo risco assumido. Ela recebeu uma notificação sobre essa nova conta em um envelope neutro colocado dentro de uma cópia de *Linfomas Extranodais* na biblioteca estadual. No mesmo envelope havia uma carteira de motorista de Oklahoma em nome de Fredericka Noble e com a fotografia dela.

Ela não sabia onde ficava o pouso de Barnaby, nem o nome que ele adotaria.

Tivera vontade de que partissem juntos — a vasta solidão de fugir já fazia parte dos seus pesadelos na época —, mas ele não considerava essa medida sábia. Ambos ficariam mais seguros separados.

Mais investimentos, mais envelopes. Algumas outras contas foram criadas para Freddie, mas também havia contas e documentos em nome de Ellis Grant, na Califórnia, e Shea Marlow, no Oregon. Todas as três identidades eram criações sólidas que se sustentariam se fossem examinadas a fundo. Ela descartou Freddie depois da primeira vez que o departamento a descobriu, mas isso apenas a deixou mais cautelosa. Ellis e Shea ainda estavam a salvo. Eram seus bens mais preciosos, e ela as usava com cuidado e parcimônia para não contaminá-las com qualquer associação com a Dra. Juliana Fortis.

Ela também começara a comprar joias — de boa qualidade, e quanto menores, melhor. Diamantes amarelos que lhe pareciam nada mais do que safiras amarelas, mas que custavam dez vezes mais do que os diamantes transparentes. Grossas correntes de ouro; pingentes pesados de ouro maciço. Diversas pedras preciosas soltas que ela fingia estar planejando incrustar. Sabia que não teria o retorno de metade do que gastara, mas as joias poderiam ser carregadas com facilidade e, mais tarde, convertidas em dinheiro vivo sem chamar atenção.

Usando um telefone público, Freddie Noble alugou um chalé pequeno nas cercanias de Tulsa, usando um cartão de crédito novo que seria coberto pela conta corrente do banco em Tulsa. O chalé veio com um senhorio simpático e idoso que parecia feliz em apanhar as caixas que ela enviava por correio — repletas das muitas coisas de que ela precisaria quando abandonasse sua vida como Juliana Fortis, uma miscelânea de objetos que incluía toalhas, travesseiros, joias soltas, condensadores de refluxo e balões de destilação — e recebia o aluguel sem fazer comentários sobre a ausência da inquilina. Ela plantou uma pista aqui e ali de que estava planejando largar um relacionamento ruim; era o suficiente para o senhorio. Encomendou mercadorias a partir de computadores de bibliotecas, fornecendo um endereço de e-mail que nunca acessava no notebook que ficava em casa.

Fez tudo o que podia para se aprontar e então aguardou que Barnaby desse o sinal. No fim, ele a alertou de que o momento da fuga havia chegado, porém não da maneira como ambos tinham planejado.

Aquele dinheiro, tão meticulosamente acumulado durante tanto tempo, agora fluía por seus dedos como se ela fosse uma espécie de filhinha de papai endinheirada. Uma grande farra na esperança de ganhar sua improvável liberdade, era o que prometia a si mesma. Tinha alguns truques para conseguir dinheiro de verdade, mas eram perigosos e envolviam riscos que ela deveria evitar a todo custo. No entanto, ela não tinha alternativa a não ser usá-los.

Certas pessoas precisavam de cuidados médicos por parte de profissionais que

se dispusessem a não seguir as regras. Algumas delas simplesmente queriam um médico que soubesse supervisionar a administração de um tratamento ainda não aprovado pelo órgão responsável pelo controle de alimentos e medicamentos, algo obtido na Rússia ou no Brasil. E outras precisavam que alguém lhes retirasse alguma bala do corpo, mas não queriam ir a um hospital, onde a polícia seria notificada.

Ela mantivera uma presença instável na internet. Alguns clientes a haviam contatado no seu e-mail anterior, que agora estava extinto. Ela teria que voltar a se tornar visível nos meios que a conheciam e tentar se comunicar com alguns contatos sem deixar nenhum rastro novo. Seria difícil; se o departamento tivesse encontrado os e-mails, provavelmente saberia sobre o resto. Pelo menos seus clientes compreendiam. Grande parte do serviço que ela lhes prestava variava do quase legal ao inteiramente criminoso, e os contratantes não se surpreenderiam com sumiços ocasionais ou novas identidades.

Obviamente, trabalhar à margem da lei adicionava outros perigos ao seu rol já sobrecarregado. Por exemplo, houvera o mafioso que considerara seus serviços muito convenientes e achara que ela deveria se estabelecer de vez em Illinois. Ela tentara explicar para Joey Giancardi sua história cuidadosamente engendrada sem se comprometer — afinal de contas, se era possível ganhar dinheiro pela venda de informações, a Máfia não era exatamente reconhecida por lealdade a quem não pertencia ao grupo —, mas ele insistira, para dizer o mínimo. Assegurara que, com sua proteção, ela jamais estaria vulnerável. No fim das contas, ela fora obrigada a destruir aquela identidade, uma vida razoavelmente bem-desenvolvida como Charlie Peterson, e fugir. Talvez houvesse também mafiosos procurando por ela agora. Mas isso não a fazia perder o sono. Quando se tratava de mão de obra e recursos, a Máfia não podia tocar no governo americano.

E era possível que, no fim das contas, a Máfia não tivesse tempo para gastar com ela. Havia uma porção de médicos no mundo, todos humanos e a maioria deles corruptíveis. Porém, se tivesse descoberto a verdadeira especialidade dela, Joey G teria batalhado muito mais para mantê-la.

Pelo menos o mafioso servira para transformar suas joias em dinheiro vivo. E o curso intensivo em cirurgia traumatológica também não caíra mal. Outro bônus de trabalhar no submundo: ninguém ficava irritado demais com a sua baixa média de aproveitamento. A morte dos pacientes já era algo esperado, e não era necessário contratar um seguro para o caso de a processarem por má conduta médica.

Sempre que pensava em Joey G, ela também se lembrava de Carlo Aggi. Não um amigo, não exatamente, mas algo próximo disso. Ele tinha sido o contato dela, a presença mais constante de sua vida naquela época. Apesar de, na aparência, corresponder ao estereótipo de um bandido, ele sempre fora delicado

com ela — a tratava como uma irmã mais nova. Assim, ela sentira uma dor maior do que nos outros casos quando não fora capaz de fazer algo por Carlo. Uma bala se alojara no ventrículo esquerdo dele. Era tarde demais para Carlo muito antes de terem levado seu corpo para que ela cuidasse dele, mas Joey G ainda nutria esperanças; Charlie havia feito bons trabalhos para ele no passado. Quando a médica declarou que Carlo havia chegado morto, Joey G filosofou. *Carlo era o melhor. Bem, às vezes você ganha, e outras vezes você perde*. E depois deu de ombros.

Ela não gostava de pensar em Carlo.

Teria preferido mais algumas semanas para pensar sobre outras coisas — para refinar seu esquema, considerar suas vulnerabilidades, cuidar dos preparativos perfeitos —, mas o plano de Carston chegara com um ultimato. Ela tivera que dividir seu tempo limitado entre manter a vigilância e organizar um ambiente de trabalho, de modo que nenhuma das duas tarefas havia sido realizada à perfeição.

Era provável que o departamento a estivesse observando, para o caso de ela tentar dar um passo sem eles. Após sua visita antecipada a Carston, era provável que esperassem isso dela. Mas que escolha tinha? Apresentar-se para bater o ponto, conforme o esperado?

Ela já vira o suficiente para apostar que, nesse dia, Daniel seguiria o mesmo padrão dos três dias anteriores. Algo acerca de seus trajes quase idênticos — calça jeans parecida, camisa social, casaco esportivo, tudo com diferenças insignificantes de matizes — fez com que ela suspeitasse que se tratava de uma criatura de hábitos arraigados em sua vida pública. Depois do horário escolar, ele permanecia no colégio para falar com os alunos e planejar as aulas do dia seguinte. Então, com diversas pastas e o notebook na mochila sobre o ombro esquerdo, saía, acenando para a secretária ao passar. Caminhava seis quarteirões e pegava o metrô na estação Congress Heights por volta das seis da tarde, justamente quando o caos do transporte público estava no pico. Fazia o trajeto direto pela linha verde até a estação Columbia Heights, onde ficava seu pequeno apartamento. Quando chegava lá, jantava comida congelada e corrigia exercícios dos alunos. Ia para a cama por volta das dez da noite e nunca ligava a televisão, pelo que ela observara. Era mais difícil acompanhar o que acontecia de manhã — ele tinha persianas de bambu que se tornavam basicamente transparentes quando a iluminação vinha de dentro, mas que ficavam opacas no sol matutino. Ele saía às cinco para uma corrida matinal, retornava uma hora mais tarde e saía de novo após trinta minutos, dirigindo-se à estação de metrô a três quarteirões de distância, o cabelo encaracolado e com comprimento médio ainda molhado do banho.

Duas manhãs antes, ela seguira seu trajeto de exercício o melhor que pudera, mantendo uma distância segura. Ele tinha uma passada forte e rápida — ficara

claro que era um corredor experiente. Enquanto observava, ela se pegou desejando ter mais tempo para correr. Não adorava correr, como parecia ser o caso de várias outras pessoas. Sempre se sentia exposta demais no acostamento de uma estrada, sem nenhum carro para servir de refúgio. Mas era importante. Ela nunca seria tão forte quanto a pessoa que enviavam atrás dela. Com as pernas curtas, também não seria mais veloz, e não existia nenhuma arte marcial que pudesse aprender para ter uma vantagem sobre um matador profissional. Porém, a persistência poderia salvar sua vida. Se seus truques permitissem que ultrapassasse o momento da crise, ela precisava ser capaz de prosseguir durante mais tempo do que o matador. Que maneira de morrer — respiração falhando, músculos perdendo força, inutilizada por causa de sua falta de preparo. Ela não queria partir desse modo. Por isso, corria com a maior frequência possível e fazia todos os exercícios que podia dentro de suas casas compactas. Prometeu a si mesma que, quando essa operação acabasse, procuraria um lugar adequado para correr — um local cheio de rotas de fuga e esconderijos.

No entanto, o trajeto de corrida de Daniel, assim como o apartamento e a escola, era um local óbvio demais para que ela tentasse qualquer coisa. A maneira mais fácil de agir seria agarrá-lo na rua quando ele estivesse terminando a corrida, cansado e desconcentrado, mas os bandidos também saberiam disso. Estariam prontos para ela. O mesmo poderia ser dito em relação à parte do caminho até a escola que ele fazia a pé. Então teria que ser no metrô. Eles saberiam que o metrô era outra opção possível, mas não seriam capazes de supervisionar cada linha e cada estação e, ao mesmo tempo, observar cada trecho da viagem.

Havia câmeras por toda parte, mas ela não podia fazer muito a respeito disso. Quando tudo terminasse, seus inimigos teriam um milhão de fotos que mostrariam com clareza seu rosto atual, de três anos depois. Ela achava que não havia mudado muito; ainda assim, eles sem dúvida atualizariam o cadastro dela. No entanto, isso era tudo o que eles seriam capazes de fazer. Seu cargo anterior no departamento lhe dera familiaridade suficiente com a mecânica de sequestrar um alvo na rua para saber que as dificuldades eram muito maiores do que as séries televisivas de espionagem davam a entender. O propósito das câmeras no metrô era ajudar a capturar um suspeito *após* o crime. Era impossível eles terem os recursos e a mão de obra para fazer uso da cobertura das câmeras em tempo real. Assim, tudo o que as imagens poderiam lhes dizer era onde ela estivera, não onde ela *estaria*, e, sem essa informação, a gravação seria inútil. Em geral, as câmeras eram usadas para descobrir coisas que eles já sabiam sobre ela — quem era, onde obtivera suas informações, qual era a sua motivação.

De qualquer modo, ela não conseguia pensar em uma opção menos arriscada.

Hoje ela se chamava Jesse. Adotou uma aparência profissional — o terninho preto com a camiseta preta de gola V por baixo e, obviamente, o cinto de couro.

Usava outra peruca, mais natural, mais leve, cabelo castanho-claro comum, na altura do queixo. Usava um elástico preto simples para prender o cabelo para trás e óculos com aros de metal fino que não pareciam servir de disfarce, mas que, ainda assim, despistavam o formato de sua testa e as maçãs do rosto. Seu rosto era simétrico, com traços miúdos, nada que se destacasse. Ela sabia que, de maneira geral, as pessoas não reparavam nela. Por outro lado, também sabia que não era comum o bastante para que alguém que procurasse especificamente por ela deixasse de reconhecê-la. Manteria a cabeça para baixo sempre que possível.

Usava uma pasta em vez da sacola; os detalhes em madeira da alça se encaixaram perfeitamente no pegador da pasta, que tinha os cantos encapados com metal, era pesada mesmo quando vazia e, se necessário, poderia ser usada com facilidade como um cassetete. O medalhão, os anéis, mas não os brincos. Ela teria que desempenhar um bocado de gestos abruptos, e não seria seguro usar os brincos. As facas nos sapatos, as lâminas de bisturi, o batom hidratante, os diversos sprays... quase completamente equipada. No dia de hoje, isso não a fazia se sentir mais confiante. Essa parte do plano ocorreria completamente fora de sua zona de conforto. Sequestrar alguém era algo que ela jamais imaginara que precisaria fazer algum dia. Nos três anos anteriores, ela não pensara em nenhum outro cenário que não fosse matar ou fugir.

Jesse bocejava enquanto dirigia pelas ruas escuras. Não dormira o suficiente nas noites anteriores, e muitas horas de sono não figurariam nos dias seguintes. Ela tinha algumas substâncias que poderiam mantê-la acordada, mas isso evitaria que caísse de cansaço por apenas setenta e duas horas, no máximo. Precisaria estar muito bem escondida quando isso acontecesse. Esperava que não fosse necessário usar as tais substâncias.

Havia muitas vagas no estacionamento econômico do Aeroporto Ronald Reagan. Escolheu uma que ficava perto da parada do ônibus para os terminais, onde a maior parte das pessoas preferia estacionar, e esperou a chegada do ônibus. Ela conhecia esse aeroporto mais do que qualquer outro, e foi invadida por uma sensação de comodidade da qual sentia falta — o conforto que advém de ambientes conhecidos. Dois outros passageiros apareceram antes que o ônibus chegasse, ambos com bagagem e expressão cansada. Eles a ignoraram. Ela foi até o terminal três, depois seguiu a direção contrária na passarela de pedestres até a estação de metrô, um trajeto que lhe custou cerca de quinze minutos andando rápido. O lado bom dos aeroportos: todo mundo caminhava apressado.

Ela havia pensado em usar botas com salto plataforma para parecer mais alta, mas depois resolvera que hoje precisaria andar muito — e talvez até correr, se as coisas não dessem certo. Preferiu sapatilhas escuras que se pareciam um pouco com tênis.

Quando se juntou à multidão descendo para a plataforma do metrô, tentou manter o rosto escondido o máximo possível das câmeras do teto. Usando sua

visão periférica, buscou um grupo adequado ao qual se agregar. Jesse tinha certeza de que os observadores procurariam uma mulher sozinha. Um grupo maior — qualquer grupo — constituía um disfarce melhor do que maquiagem ou peruca.

Havia diversos amontoados de pessoas se dirigindo para os trilhos com ela quando a primeira leva da hora do rush começou a entupir as escadas rolantes. Ela escolheu um trio, dois homens e uma mulher, todos com ternos escuros de executivos e pastas a tiracolo. A mulher tinha cabelo louro brilhante e, com seu sapato de salto alto e bico fino, ficava uns bons vinte centímetros mais alta do que Jesse. Ela contornou alguns outros grupos até ficar meio que escondida entre a mulher loura e a parede atrás delas. Quaisquer olhos que examinassem o novo quarteto seriam naturalmente atraídos pela loura alta. A não ser que estivessem procurando Juliana Fortis.

O quarteto de Jesse seguiu de forma decidida pelo meio da multidão, assumindo um local perto da extremidade da plataforma para esperar o trem. Nenhum dos outros do grupo parecia consciente da mulher pequena que se movimentava sincronizada a eles. Havia tantos corpos colados uns nos outros que a proximidade dela não era notada.

O trem apareceu acelerado, açoitando a plataforma e depois parando de forma brusca. Os outros integrantes do quarteto de Jesse hesitaram, procurando um vagão menos cheio. Ela pensou em abandoná-los, mas a loura também estava impaciente e conseguiu entrar no terceiro vagão que consideraram, já lotado. Jesse conseguiu se enfiar bem atrás da companheira de grupo, seu corpo pressionando tanto o da loura quanto o de outra mulher, mais corpulenta, que vinha em seguida. Ela ficaria invisível entre as duas, por mais desconfortável que fosse a posição.

Seguiram pela linha amarela até a estação Chinatown. Lá, ela abandonou o trio e se juntou a uma nova dupla, duas mulheres que poderiam ser secretárias ou bibliotecárias com suas blusas fechadas até o último botão e seus óculos com armação de gatinho. Avançaram juntas pela linha verde até a estação Shaw-Howard, a cabeça de Jesse inclinada na direção da morena mais baixa, fingindo estar concentrada na história sobre a festa de casamento do fim de semana anterior, que não incluía bebidas à vontade, um absurdo. No meio da história, ela largou as secretárias no trem e se misturou à multidão que saía do metrô. Fez uma rápida meia-volta no banheiro feminino lotado e, em seguida, juntou-se à multidão que descia para a plataforma à espera do trem seguinte. A questão do tempo era crucial agora. Ela não teria como se esconder em meio à massa de pessoas.

O som agudo e lamentoso do trem que se aproximava fez o coração de Jesse pulsar na garganta. Ela se manteve firme; sentia-se como um corredor agachado nos blocos de partida, esperando ouvir o tiro para sair em disparada. Estremeceu

ao pensar nessa metáfora — era bem possível que um revólver estivesse de fato prestes a ser disparado, mas teria balas autênticas e não seria apontado para o céu.

O trem guinchou ao parar, e ela prosseguiu.

Jesse caminhou apressada pela fila de vagões, abrindo caminho com os cotovelos pela turba de passageiros à medida que as portas se abriam com um ruído agudo. Perscrutando o mais rápido possível, procurou a figura alta com cabelo despenteado. Havia muitos corpos passando por ela, bloqueando sua visão. Tentou colocar um *X* mental em cada cabeça que não combinava com a imagem que buscava. Será que ela estava se movendo rápido demais? Ou de menos? O trem estava partindo no momento em que chegou ao último vagão, e ela não tinha certeza absoluta de que ele não estava ali dentro, mas achava que não. Pelo cálculo das duas viagens anteriores de Daniel, o mais provável era que ele estivesse no trem seguinte. Ela mordeu os lábios quando as portas se fecharam. Se tivesse desperdiçado essa oportunidade, precisaria tentar de novo na viagem seguinte dele. Não queria ter que fazer isso. A ação se tornava cada vez mais perigosa à medida que o momento de início do plano de Carston se aproximava.

Em vez de perambular às vistas de todos, Jesse continuou resolutamente em direção à saída.

Fez outro circuito pelo banheiro, gastando certo tempo fingindo conferir a maquiagem que não estava usando. Após contar até noventa mentalmente, retornou à fila de passageiros que seguiam para as plataformas.

A estação estava ainda mais lotada. Ela escolheu um ponto perto de um grupo de homens de terno na extremidade da plataforma e tentou se mesclar com o tecido preto de seus paletós. Os homens conversavam sobre o mercado de ações, algo que parecia tão distante da vida de Jesse que poderia muito bem ser ficção científica. O trem seguinte foi anunciado, e ela se preparou para caminhar e procurar novamente. Contornou os homens de terno e examinou o primeiro vagão enquanto o trem ia parando.

Movimentando-se rápido, os olhos de Jesse percorreram o vagão a seguir. *Mulher, mulher, homem idoso, baixo demais, gordo demais, moreno demais, sem cabelo, mulher, mulher, criança, louro...* Vagão seguinte...

Era como se ele a estivesse ajudando, como se estivesse do lado dela. Daniel estava junto à janela, olhando para fora, de pé, com o cabelo ondulado bem em evidência.

Jesse avaliou rapidamente o restante dos ocupantes enquanto atravessava as portas abertas. Muitos executivos — qualquer um deles poderia ter sido contratado pelo departamento. Mas não havia nenhum sinal óbvio, nenhum ombro largo demais que não cabia nos paletós de tamanho normal, nenhum fone de ouvido, nenhum volume embaixo dos casacos, nenhum contato visual entre os

passageiros. Ninguém usava óculos escuros.

Esta é a parte, pensou consigo mesma*, em que eles tentam capturar nós dois e nos arrastar para o laboratório. A não ser que isto seja uma cilada. Nesse caso, Daniel, com seu inocente cabelo encaracolado, será um deles. Talvez seja ele quem vai atirar em mim. Ou me esfaquear. Ou tentarão me tirar do trem para me matar em algum lugar mais reservado. Ou vão me dar um soco e me empurrar para os trilhos.*

Porém, se a história toda for verdadeira, vão nos querer vivos. É provável que façam algo semelhante ao que estou prestes a fazer com Daniel. Depois vão me transportar para o laboratório, e minhas chances de algum dia sair dali novamente serão... menos do que animadoras.

Mil outros finais infelizes passaram pela mente dela quando as portas do vagão se fecharam. Caminhou rápido para ficar ao lado de Daniel, compartilhando a mesma barra vertical para manter o equilíbrio, os dedos logo abaixo dos dele, que eram mais claros e muito mais compridos do que os dela. Jesse tinha a sensação de que seu coração estava sendo esmagado; doía cada vez mais conforme ela se aproximava do alvo. Ele não parecia notá-la, ainda olhava fixamente para fora da janela, parecendo distante, o que não se modificou quando o trem entrou na escuridão do túnel e a vista foi resumida a reflexos do interior do vagão. Ninguém lá dentro fez nenhuma menção de vir na direção dos dois.

Ela não conseguia vislumbrar nada do outro indivíduo dentro de Daniel Beach, o indivíduo que vira nas fotos do México e do Egito, que escondia o cabelo e se movimentava com uma confiança agressiva. O homem distraído perto dela poderia ter sido um poeta do Velho Mundo. Ele devia ser um ator incrível... ou seria possível que fosse um psicótico legítimo, sofrendo algum tipo de transtorno dissociativo de identidade? Ela não sabia o que pensar.

Jesse foi ficando mais tensa à medida que a estação Chinatown se aproximava. O trem deu uma guinada para entrar na estação, e ela teve que segurar mais forte na barra vertical para não esbarrar em Daniel Beach.

Três pessoas, dois ternos e uma saia, saíram do trem, mas nenhuma delas olhou para Jesse. Passaram apressadas, como se estivessem atrasadas para o trabalho. Outros dois homens entraram no vagão. Um chamou atenção de Jesse — um homem grande, silhueta de um atleta profissional, usando casaco de moletom com capuz e calça de ginástica. Mantinha ambas as mãos no bolso frontal do moletom e, a não ser que as mãos fossem do tamanho de caixas de sapato, carregava alguma coisa. Não olhou para Jesse ao passar por ela, apenas se dirigiu para o canto traseiro do vagão e agarrou uma alça suspensa. Com o canto do olho, ela manteve o reflexo do homem à vista, mas ele não parecia interessado nela ou no alvo.

Daniel Beach não havia se mexido. Estava tão distraído com seus pensamentos distantes que ela se viu relaxada ao lado dele, como se fosse a única

pessoa do trem da qual ela não tivesse que se proteger. O que era uma besteira. Mesmo que toda a situação não fosse uma armadilha e que ele fosse exatamente quem ela pensava que era, o sujeito ainda estava planejando se tornar um assassino em massa em um futuro muito próximo.

O atleta puxou um grande par de fones de ouvido do bolso do moletom e cobriu as orelhas com ele. O fio descia até o bolso. Provavelmente ligado ao telefone, mas talvez não.

Jesse decidiu fazer um teste na parada seguinte.

Quando as portas se abriram, ela se curvou como se para ajeitar o elástico inexistente na bainha de sua calça, depois se endireitou e deu um passo em direção à porta.

Ninguém reagiu. O atleta com os fones de ouvido estava de olhos fechados. Gente saiu, gente entrou, mas ninguém olhou para ela, e ninguém se mexeu para bloquear sua saída nem levantou de repente a mão coberta de um jeito estranho por um casaco.

Se seus inimigos sabiam o que ela estava fazendo, estavam deixando que ficasse livre para fazer do jeito dela.

Será que isso significava que era tudo real, ou só queriam que ela acreditasse na história por enquanto? Tentar adivinhar o que eles fariam lhe dava dor de cabeça. Ela agarrou a barra vertical de novo enquanto o trem iniciava o movimento.

— Não é a sua parada?

Olhou para cima, e Daniel Beach estava sorrindo para ela. Um sorriso perfeitamente doce e sincero do professor mais popular da escola, do voluntário da Habitat para a Humanidade.

— Humm, não. — Ela piscou, os pensamentos embrulhados. O que um passageiro normal diria? — Eu, hãã, só me esqueci de onde estava por um minuto. Começo a confundir todas as estações.

— Aguente firme. O fim de semana já vai chegar daqui a oito ou nove horas.

Ele sorriu novamente, um sorriso simpático. Ela estava mais do que desconfortável com a ideia de socializar com o seu alvo, mas Daniel transmitia uma normalidade estranha, provavelmente falsa, que fazia com que ela assumisse mais facilmente o papel que precisava desempenhar: uma passageira amigável. Uma pessoa comum.

Ela esboçou uma risada breve com a observação dele. Sua semana de trabalho estava só começando.

— Isso seria bem legal se eu tivesse folga nos fins de semana.

Ele riu e suspirou.

— Que chato. Direito?

— Medicina.

— Pior ainda. Eles libertam vocês por bom comportamento alguma vez?

— Muito raramente. Tudo bem. De qualquer forma, não sou muito chegada a festas loucas.

— E eu estou velho demais para elas — admitiu ele. — Um fato de que geralmente me lembro às dez horas da noite todo dia.

Ela sorriu educadamente e tentou evitar que seus olhos parecessem enlouquecidos quando ele riu. Confraternizar com o trabalho que faria a seguir era uma sensação tão assustadora quanto perigosa. Ela nunca tivera nenhuma interação com seus alvos de antemão. Não podia se dar ao luxo de olhar para ele como uma pessoa. Para permanecer impassível, só podia ver o monstro: um milhão de pessoas potencialmente mortas.

— Apesar de que eu gosto de jantar fora de vez em quando, num lugar tranquilo — continuou ele.

— Humm — murmurou ela, distraída. Soou como um sinal de concordância, percebeu.

— Oi — disse ele. — Eu me chamo Daniel.

Para sua surpresa, ela se esqueceu de qual era o seu nome no momento. Ele esticou a mão, que ela apertou, tremendamente consciente do peso de seu anel envenenado.

— Oi, Daniel.

— Oi... — Ele levantou as sobrancelhas.

— Humm, Alex. — Ops, esse já tinha passado havia alguns nomes. Ah, tudo bem.

— Muito prazer, Alex. Olhe, eu nunca faço isso. Nunca. Mas... bom, por que não? Posso lhe dar meu número? Talvez a gente possa sair para jantar num lugar tranquilo uma hora dessas?

Ela o encarou em estado de choque. Ele a estava paquerando. Um homem a estava paquerando. Não, não um homem. Alguém prestes a se tornar um assassino em massa trabalhando para um rei das drogas psicótico.

Ou um agente tentando distraí-la?

— Eu a assustei? Garanto que sou inofensivo.

— Hmm, não, eu só... bem, ninguém nunca me convidou para sair no metrô. — Era a mais pura verdade. Na realidade, fazia anos que ninguém a convidava para sair. — Fiquei sem reação. — Verdade também.

— Olhe, vou fazer o seguinte. Vou escrever meu nome e o número do telefone neste pedaço de papel e vou lhe dar. Quando chegar na sua parada, você pode jogá-lo na primeira lixeira que encontrar, porque jogar lixo no chão é errado, e imediatamente se esquecer de mim. Não vai atrapalhá-la muito... Apenas mais alguns segundos para encontrar a lata de lixo.

Ele sorria enquanto falava, mas os olhos estavam virados para baixo, concentrados em escrever a informação a lápis no verso de uma nota fiscal.

— Isso é muito gentil da sua parte. Agradeço.

Ele levantou o olhar, ainda sorrindo.

— Ou você não precisa jogar fora. Pode usar o papel para me telefonar e depois passar algumas horas conversando comigo enquanto eu lhe pago uma refeição.

A voz monótona acima deles anunciou a estação Penn Quarter, e ela se sentiu aliviada. Porque estava começando a ficar triste. Sim, ela passaria uma noite com Daniel Beach, mas nenhum dos dois se divertiria muito.

Não podia haver espaço para tristeza. Muitos inocentes morreriam. Crianças morreriam, mães e pais morreriam. Pessoas boas que nunca haviam feito mal a ninguém.

— Que dilema — respondeu ela com a voz baixa.

O trem parou mais uma vez, e ela fingiu ter sido empurrada pelo homem que saía por trás dela. A agulha adequada já estava em sua mão. Ela esticou o braço como se fosse se apoiar na barra vertical e agarrou a mão de Daniel com um movimento planejado para parecer acidental. Ele deu um pulo de surpresa, e ela segurou com força como se tentasse manter o equilíbrio.

— Ui. Desculpe, acho que dei um choque em você — disse ela, soltando-se da mão dele e deixando a pequena seringa deslizar até o bolso do paletó. Ela treinara bastante seus truques com as mãos.

— Sem problema. Você está bem? Aquele cara acertou você em cheio.

— Estou, sim, obrigada.

O vagão voltou a se movimentar, e ela observou o rosto de Daniel começar a perder a cor em alguns segundos.

— Ei, *você* está bem? — perguntou. — Parece meio pálido.

— Hum, eu... o quê?

Ele olhou ao redor, confuso.

— Você está com cara de quem vai desmaiar. Com licença — disse ela para a mulher no assento ao lado deles. — Pode deixar meu amigo sentar? Ele não está se sentindo bem.

A mulher revirou os enormes olhos castanhos e olhou acintosamente para o outro lado.

— Não — protestou Daniel. — Não... se incomode comigo. Estou...

— Daniel? — chamou ela. Ele estava balançando um pouco, o rosto branco como mármore. — Me dê sua mão, Daniel.

Parecendo confuso, ele esticou a mão. Ela segurou o pulso dele, movendo os lábios de maneira óbvia enquanto olhava o relógio e fingia que estava contando em silêncio.

— Medicina — murmurou ele. — Você é médica.

Essa parte estava mais próxima da versão que ela roteirizara, o que a deixou mais confortável.

— Sou, e não estou gostando nada do seu aspecto. Você vai descer na próxima

parada comigo. Vamos tomar um pouco de ar.

— Não posso. A escola... não posso chegar atrasado.

— Eu escrevo um atestado. Não discuta comigo, sei o que estou fazendo.

— Ok. Alex.

A L'Enfant Plaza era uma das maiores e mais caóticas estações da linha. Quando a porta abriu, Alex colocou o braço em volta da cintura de Daniel e o ajudou a sair. Ele passou um braço pelo ombro dela para se apoiar, o que não a surpreendeu. A triptamina que havia injetado nele tornava as pessoas desorientadas, submissas e bastante amigáveis. Ele a seguiria desde que ela não o pressionasse em excesso. A droga tinha um parentesco distante com uma classe de barbitúricos que os leigos chamavam de soro da verdade e que apresentava alguns efeitos semelhantes aos do Ecstasy; ambos eram bons para romper inibições e induzir cooperação. Ela gostava dessa síntese em particular por causa da desorientação. Daniel se sentiria incapaz de tomar uma decisão e, portanto, faria tudo o que lhe mandassem até que a substância perdesse o efeito — ou até que alguém lhe pedisse para fazer algo que realmente o empurrasse para além dos limites de sua zona de conforto.

Foi mais fácil do que ela imaginava, graças ao inesperado tête-à-tête. Ela planejara injetar a droga e, em seguida, fazer a velha cena do *Tem algum médico por perto? Ah, sim,* eu *sou médica!* para conseguir que ele a seguisse no início. Teria funcionado, mas ele não teria sido tão dócil.

— Muito bem, Daniel, como você está se sentindo? Consegue respirar?

— Claro. A respiração está boa.

Ela caminhou bem rápido com ele. Essa droga raramente deixava a pessoa enjoada, apesar de sempre haver exceções. Deu uma olhada para cima a fim de verificar a cor dele. Ainda estava pálido, mas os lábios não tinham assumido o tom esverdeado que prenunciava a náusea.

— Você está enjoado? — perguntou.

— Não. Não, estou bem...

— Acho que não está, não. Vou levar você para o meu trabalho, se não se importar. Quero ter certeza de que não é nada grave.

— Tudo bem... não. Tenho escola hoje?

Ele estava acompanhando o ritmo dela com facilidade, a despeito da desorientação. As pernas dele eram duas vezes mais compridas do que as dela.

— Vamos ligar para lá e avisar o que está acontecendo. Você tem o telefone de alguém da escola?

— Tenho, Stacey... na secretaria.

— Vamos telefonar para ela enquanto caminhamos.

Isso os deixaria mais vagarosos, mas não havia como evitar; ela tinha que amenizar a preocupação dele de forma a mantê-lo dócil.

— Boa ideia.

Ele assentiu, puxou um velho BlackBerry do bolso e batalhou com os botões. Ela apanhou o telefone das mãos dele com delicadeza.

— Qual é o sobrenome de Stacey?

— Está em "Recepção".

— Já achei. Tudo bem, vou digitar para você. Aqui, diga a Stacey que você está passando mal. Você está indo ao médico.

Ele pegou o telefone e, obediente, esperou Stacey atender.

— Alô. Stacey, aqui é o Daniel. Isso, o Sr. Beach. Não estou me sentindo bem, vou consultar a Dra. Alex. Desculpe. Detesto deixar vocês na mão. Desculpe, obrigado. Sim, melhorar, claro.

Ela se encolheu levemente quando ele mencionou o nome dela, apenas pela força do hábito. Não importava. Ela não seria Alex de novo por algum tempo, então tudo bem.

Tirá-lo da escola era um risco. Algo que De la Fuentes poderia notar se estivesse mantendo uma vigilância estreita sobre seu mensageiro da morte. Porém, ele com certeza não elevaria o alarme para crítico por causa da ausência do trabalho em uma sexta-feira. Quando Daniel aparecesse intacto na manhã de segunda-feira, o chefão do tráfico seria tranquilizado.

Ela apanhou o telefone da mão de Daniel e o colocou no bolso.

— Vou guardar para você, ok? Você parece estar perdendo o equilíbrio e não quero que perca o telefone.

— Tudo bem. — Ele olhou ao redor de novo e franziu a testa diante do gigantesco teto de concreto acima deles. — Para onde estamos indo?

— Meu consultório, lembra? Vamos entrar neste trem agora. — Ela não viu nenhum rosto do outro trem no vagão. Se alguém a estivesse seguindo, estava fazendo isso a distância. — Olhe, um assento aqui. Assim você pode descansar.

Ela o ajudou a se acomodar enquanto jogava furtivamente o telefone dele perto de seu pé e empurrava o aparelho para mais longe com o sapato.

Rastrear um celular era a maneira mais fácil de encontrar alguém sem ter muito trabalho. Celulares eram uma armadilha que ela sempre evitara. Era como marcar sua localização para o inimigo voluntariamente.

Bem, ela também não tinha ninguém para quem ligar.

— Obrigado — disse Daniel. Ele ainda mantinha um braço em torno dela. Mas agora, com ele sentado e ela em pé, ele a envolvia na cintura. Então a encarou confuso e depois acrescentou: — Gosto do seu rosto.

— Ah. Humm, obrigada.

— Gosto muito.

A mulher sentada ao lado de Daniel deu uma espiada e examinou o rosto dela. *Ótimo.*

A mulher não pareceu impressionada.

Daniel apoiou a testa no quadril dela e fechou os olhos. Por vários motivos, a

proximidade era desconcertante, mas também estranhamente reconfortante. Fazia muito tempo desde a última vez que um ser humano a tocara com afeição, mesmo que essa afeição emergisse de um tubo de ensaio. Apesar disso, ela não podia deixá-lo dormir ainda.

— Você dá aula de quê, Daniel?

Ele voltou o rosto para cima, a bochecha ainda apoiada no quadril dela.

— Principalmente inglês. É a minha matéria favorita.

— É mesmo? Eu era horrível em humanas. Sempre gostei mais de ciências.

— Ciências! — Ele fez uma careta.

Ela ouviu a mulher ao lado sussurrar para o passageiro ao lado:

— Bêbado.

— Eu não devia ter contado que sou professor. — Ele suspirou fundo.

— Por que não?

— As mulheres não gostam. Randall diz: "Nunca dê essa informação sem perguntarem." — O tom de voz dele ao pronunciar as palavras deixou claro que ele estava citando o tal Randall literalmente.

— Mas o magistério é uma profissão nobre. Educar os futuros médicos e cientistas do mundo.

Ele olhou para ela com um ar triste.

— Não dá dinheiro.

— Nem toda mulher é tão mercenária. Randall está namorando o tipo errado.

— Minha mulher gostava de dinheiro. Ex-mulher.

— Sinto muito por isso.

Ele suspirou de novo e fechou os olhos.

— Partiu meu coração.

Outra pontada de piedade. De tristeza. Ela sabia que ele nunca diria essas coisas se não estivesse dopado com o tal híbrido de ecstasy e soro da verdade. Agora ele falava com mais clareza; o efeito da droga ainda não estava cessando, a mente dele é que estava se adaptando a funcionar com ela.

Ela deu uns tapinhas no rosto dele e usou uma voz animada:

— Se ela se importava tanto assim com dinheiro, provavelmente não vale a pena chorar por ela.

Os olhos dele se abriram de novo. Eram de um castanho muito delicado, uma mistura exata de verde e cinza-claro. Ela tentou imaginá-los intensos, agressivos, no homem de boné e seguro de si que estava com De la Fuentes nas fotos, mas não conseguiu.

Ela não sabia o que fazer se ele de fato sofresse de distúrbio dissociativo de identidade. Nunca tinha trabalhado com alguém assim.

— Você está certa — concordou ele. — Sei disso. Tenho que encarar minha ex como a pessoa que ela realmente era, e não como a pessoa que eu imaginava.

— Exatamente. A gente cria tantas ideias sobre as pessoas, fabrica a pessoa

que deseja e, depois, tenta manter a pessoa real dentro do molde falso. Nem sempre funciona bem.

Baboseira. Ela não fazia ideia do que estava falando. Ela tivera apenas um relacionamento semissério, e não durara muito. Os estudos tiveram prioridade em relação ao rapaz, assim como o trabalho fora prioritário em relação a tudo o mais durante seis anos. Assim como respirar tinha prioridade sobre todo o restante agora. Ela tinha um comportamento obsessivo.

— Alex?

— O que é?

— Eu estou morrendo?

Ela sorriu de forma tranquilizadora.

— Não. Se achasse que você está morrendo, eu teria chamado uma ambulância. Você vai ficar bem. Só quero confirmar.

— Tudo bem. Vão tirar meu sangue?

— Talvez.

Ele suspirou.

— Agulhas me deixam nervoso.

— Vai ficar tudo bem.

Ela não gostava do fato de que mentir para ele a perturbava. Mas havia algo na confiança simples que ele sentia, no modo como ele parecia encontrar as melhores intenções em tudo o que ela fazia... Ela precisava se desembaraçar disso.

— Obrigado, Alex. De verdade.

— Estou só fazendo o meu trabalho. — Não era mentira.

— Você acha que vai me ligar? — perguntou ele, cheio de esperança.

— Daniel, tenho certeza de que vamos passar um bom tempo juntos hoje — prometeu. Se ele não estivesse drogado, teria percebido a rispidez na voz e o gelo nos olhos dela.

CAPÍTULO 5

O restante dos procedimentos seguiu de forma quase suave demais... Será que aquilo significaria alguma coisa? O nível de paranoia dela já estava muito alto, era difícil dizer se mais esse receio piorava tudo ou não.

Ele entrou no táxi na estação Rosslyn sem protestar. Ela sabia como ele se sentia — ela e Barnaby tinham testado a maior parte das preparações não letais para terem uma experiência concreta com o que podiam fazer. A sensação dessa droga era como estar em um sonho agradável, no qual os problemas e as preocupações ficavam a cargo da imaginação de outra pessoa, e só era preciso uma mão para segurar e um empurrãozinho na direção certa. Em suas notas, eles a haviam apelidado de *Siga o Líder*, apesar de ter um nome mais impressionante nos relatórios oficiais.

Foi uma viagem relaxante, e, se não fosse pelo fato de que precisava desesperadamente de suas inibições, ela poderia, mesmo naquela época, ter se entregado à droga novamente.

Daniel foi estimulado por ela a falar sobre o time de vôlei que treinava — ele perguntara se estaria de volta à escola a tempo para o treino — e passou todo o trajeto de táxi contando sobre as meninas, até ela ter a impressão de que sabia de cor o nome de cada uma, bem como seus pontos fortes na quadra. O taxista, alheio à conversa, cantarolava uma música, baixo demais para que ela descobrisse qual era.

Daniel parecia desligado a maior parte do trajeto, mas em um sinal vermelho especialmente demorado ele olhou para cima e franziu a testa.

— Seu consultório fica longe.

— Fica, sim — concordou ela. — É uma viagem diária infernal.

— Onde você mora?

— Bethesda.

— É um lugar agradável. Columbia Heights não é tão bom. Pelo menos na parte onde eu moro.

O táxi voltou a andar. Ela estava satisfeita; o plano ia muito bem. Mesmo que eles tivessem cronometrado o tempo que ela levou subindo e descendo do último trem, teriam extrema dificuldade para rastrear um táxi em um mar de carros idênticos ziguezagueando juntos na hora do rush. Às vezes, os preparativos pareciam um feitiço. Como se fosse possível moldar os acontecimentos ao formato desejável apenas com um planejamento *completo*.

Daniel tinha parado de tagarelar. Era a segunda fase do efeito da droga, e ele

estava ficando mais cansado. Ela precisava mantê-lo acordado só mais um pouco.

— Por que você me deu seu telefone? — perguntou ela quando as pálpebras dele começavam a se fechar.

Ele deu um sorriso lânguido.

— Eu nunca tinha feito isso.

— Nem eu.

— Provavelmente vou ficar constrangido com essa história depois.

— A menos que eu telefone para você, não é?

— Talvez. Não sei, isso não é do meu feitio.

— Então por que você tomou essa atitude?

Seus olhos suaves se mantinham fixos aos dela.

— Gosto do seu rosto.

— Você já disse isso.

— Eu realmente queria ver seu rosto de novo. Foi o que me deu coragem.

Ela franziu o cenho, a culpa latejava.

— Isso soa esquisito? — Ele parecia preocupado.

— Não, soa muito gentil. Não são muitos os homens que diriam algo assim para uma mulher.

Ele piscou feito uma coruja.

— Normalmente eu não faria. Sou muito... covarde.

— Para mim você parece bem corajoso.

— Eu me sinto diferente. Acho que é você. Percebi a diferença assim que vi seu sorriso.

Assim que eu o dopei, ela o corrigiu em pensamento.

— Bem, é um elogio e tanto — respondeu. — E lá vamos nós; consegue se levantar?

— Claro. Estamos no aeroporto.

— Sim, meu carro está aqui.

A testa dele formou um sulco, depois voltou ao normal.

— Você acabou de chegar de viagem?

— Acabei de chegar na cidade, sim.

— Eu viajo de vez em quando. Gosto de ir ao México.

Ela olhou para cima de maneira brusca. Ele olhava para a frente, observando por onde andava. Não havia nenhum sinal de aflição no rosto. Se ela o compelisse a revelar um segredo, qualquer atitude que pudesse desencadear pressão, sua mansidão poderia se transformar em suspeita. Ele poderia se agarrar a um estranho qualquer, vê-lo como um líder e tentar fugir. Poderia ficar agitado e chamar atenção para ela.

— Do que você gosta no México? — perguntou ela com cautela.

— O clima é quente e seco. Gosto disso. Nunca morei em um lugar que fosse

quente de fato, mas acho que eu apreciaria. Só que fico vermelho. Nunca consegui me bronzear. Você parece ter tomado bastante sol.

— Não, só nasci assim mesmo.

Ela herdou do pai ausente sua cor. Tinha sido informada por testes de DNA que ele era uma mistura de várias ascendências, predominantemente coreana, hispânica e galesa. Ela sempre imaginou como seria a aparência dele. A combinação com a ascendência escocesa da mãe lhe proporcionou um rosto estranhamente comum — ela poderia ter sido de quase todos os lugares.

— Deve ser bom. Eu preciso usar filtro solar, *muito* filtro solar. Ou então descasco. É nojento. Eu nem deveria estar lhe contando isso.

Ela riu.

— Prometo que vou esquecer. Do que mais você gosta?

— Trabalhar com as mãos. Ajudo a construir casas. Nada de muito especializado; eu só martelo onde me mandarem martelar. Mas as pessoas são gentis e generosas demais. Adoro essa parte.

Tudo era muito convincente, e ela estremeceu de medo. Como ele conseguia se agarrar tão bem a uma história, tão sem esforço, com as substâncias químicas circulando em seu organismo exatamente naquele momento? A não ser que, de alguma forma, tivesse criado certa resistência. A não ser que o departamento dela tivesse desenvolvido um antídoto, a não ser que eles o tivessem preparado e agora ele a estivesse enganando. Ela sentiu um arrepio na nuca. O departamento não necessariamente o havia preparado. Poderiam ser as interações dele com De la Fuentes. A interação entre drogas estranhas e as drogas dela surtiria que tipo de efeito? Ela tocou com a língua a coroa em um dos molares. O departamento a teria simplesmente assassinado se esse fosse o objetivo deles. Era provável que De la Fuentes desejaria puni-la por tentar interferir em seus planos. Mas como ele saberia tudo de antemão? Como Daniel tinha identificado nela um agente inimigo tão rapidamente? Ela nem mesmo trabalhava mais para alguém.

Atenha-se ao plano, disse a si mesma. *Ponha-o dentro do carro e você estará a salvo. Mais ou menos.*

— Também gosto das casas de lá — continuou ele. — Ninguém fecha as janelas, apenas deixa o ar entrar. Algumas janelas nem vidro têm. É muito melhor do que Columbia Heights, com certeza. Talvez não seja melhor do que Bethesda. Aposto que os médicos moram em casas bonitas.

— Eu não. Apartamento amarelado sem graça. Não passo muito tempo em casa, então não tem importância.

Ele aquiesceu com um ar de sabedoria.

— Você está fora salvando vidas.

— Bem, não exatamente. Não trabalho em pronto-socorro ou coisa do gênero.

— Você está salvando a *minha* vida.

Olhos cinza-esverdeados bem abertos, confiança total. Ela sabia que, se esse comportamento era genuíno, era a droga falando. Mas mesmo assim ela se sentiu desconfortável com aquilo.

Sua única opção era continuar representando a personagem.

— Estou apenas verificando sua condição. Você não está à beira da morte.

De certa forma, isso era verdade. Os rapazes lá do laboratório podiam muito bem acabar matando esse homem. Pelo menos ela poderia livrá-lo disso. Ainda que... depois que ela evitasse a catástrofe, Daniel Beach nunca mais veria o mundo de fora da prisão. O que a deixou...

Um milhão de pessoas mortas. Bebezinhos inocentes. Doces vovós idosas. O Primeiro Cavaleiro do Apocalipse em um cavalo branco.

— Ah, vamos pegar um ônibus também — disse Daniel suavemente.

— Vai nos levar até onde está meu carro. Depois você não vai precisar andar mais.

— Não me importo. Gosto de andar com você.

Ele sorriu com carinho para ela e os pés dele se enroscaram enquanto subia os degraus. Ela o amparou antes que caísse, depois o acomodou no assento mais próximo no ônibus quase vazio.

— Você gosta de filmes estrangeiros? — perguntou ele, do nada.

— Humm, de alguns, eu acho.

— A universidade tem um cinema bom. Talvez, se o jantar der certo, possamos tentar marcar de ler algumas legendas no cinema na próxima vez.

— Vou fazer um trato com você — respondeu ela. — Se você ainda gostar de mim depois desta noite, com certeza vou acompanhá-lo para vermos juntos um filme que não dá para entender.

Ele sorriu, as pálpebras fechando.

— Vou continuar gostando de você.

A situação era totalmente ridícula. Deveria haver um meio de afastar do *flerte* aquela conversa. Por que era ela que se sentia o monstro aqui? Tudo bem, ela *era* um monstro, mas já tinha aceitado a ideia, quase completamente, e sabia ser o tipo de monstro necessário para garantir o bem comum. Em alguns aspectos, ela era como uma médica normal — tinha que infligir dor para salvar vidas. Como cortar um membro gangrenado para salvar o restante do corpo. Dor aqui, salvação em outro lugar. E o outro lugar merecia muito mais ser salvo.

Estava só racionalizando, como sempre fazia, para poder tocar a vida. No entanto, ela nunca mentia totalmente para si mesma. Sabia que não existia em alguma zona cinzenta da moralidade; ela existia inteiramente em uma zona negra. E a única coisa pior do que Alex desempenhar bem o seu serviço era alguém fazê-lo mal. Ou simplesmente ninguém fazer o trabalho.

Contudo, mesmo que abraçasse totalmente o rótulo de *monstro*, ela nunca foi o tipo de monstro que matava gente inocente. Ela não mataria nem mesmo esse

homem imerso na culpa... esse homem que ainda a observava, por baixo dos longos cachos, com os enormes e adoráveis olhos castanhos.

Bebês mortos, entoava para si mesma, como um cântico. *Bebês mortos, bebês mortos, bebês mortos*.

Ela nunca tinha desejado ser espiã nem trabalhar disfarçada, mas agora percebia que tampouco estava emocionalmente preparada para o trabalho. Pelo visto, tinha solidariedade gratuita em excesso fluindo pelo corpo, o que era mais do que irônico. É por isso que você nunca conversava com seu alvo antes de *conversar* com ele.

— Muito bem, Daniel, vamos nessa. Consegue se levantar?

— Uhum. Ah, aqui, deixe que eu levo sua mala.

Ele ergueu a mão com fraqueza em direção à mala.

— Já apanhei — disse ela, embora seus dedos na verdade estivessem dormentes ao redor do pegador. — Agora você só precisa se concentrar em se equilibrar.

— Estou cansado demais.

— Eu sei. Olhe, meu carro está bem ali. O prateado.

— Tem uma porção de carros prateados.

Exatamente.

— Está bem aqui. Vou colocar você no banco de trás para poder se deitar. Por que não tira o casaco? Não quero que sinta muito calor. Tire os sapatos, isso mesmo — disse ela, livrando-se de algumas coisas que teria de administrar depois. — Dobre os joelhos para suas pernas caberem. Perfeito.

Daniel ficou deitado usando a mochila como travesseiro, o que certamente não era lá muito confortável, mas ele estava longe de se importar.

— Você é tão legal, Alex — murmurou, os olhos fechados. — A mulher mais legal que já conheci.

— Também acho você legal, Daniel — admitiu ela.

— Obrigado — disse ele, sem muita clareza, e em seguida adormeceu.

Ela rapidamente tirou do porta-malas a manta bege, que era da mesma cor que os assentos, e cobriu o homem. Puxou uma seringa da mala e a aplicou em uma veia perto do tornozelo dele, curvando o próprio corpo para impedir que alguém de fora visse o que ela estava fazendo. Os efeitos da *Siga o Líder* acabariam em aproximadamente uma hora, e ela precisava que ele dormisse mais do que isso.

Não é agente, concluiu ela. Um agente poderia ter simulado o efeito da droga, mas nunca se deixaria nocautear assim. Então era apenas um assassino em massa.

* * *

O LABORATÓRIO TEMPORÁRIO que ela tinha montado ficava em uma área rural da Virgínia Ocidental. Ela havia alugado um sítio pequeno e simpático com um celeiro de ordenha que fazia muito tempo não via uma vaca. O exterior do celeiro era feito de um material branco que combinava com a casa; no interior, as paredes e o teto eram revestidos com alumínio. O piso era coberto de concreto com valas apropriadamente espaçadas. Havia um quartinho de dormir nos fundos; no anúncio tinha sido descrito como um espaço extra para visitas, *prazerosamente rústico*. Ela tinha certeza de que muitos viajantes ingênuos considerariam encantadora a atmosfera rústica, mas tudo o que lhe importava era que a eletricidade e a água estivessem funcionando. A casa e o curral ficavam situados no meio de um pomar de macieiras de cem hectares, que, por sua vez, era rodeado por mais hectares de propriedades rurais. O vizinho mais próximo ficava a mais de um quilômetro e meio. Os donos do pomar ganhavam dinheiro fora da temporada alugando o espaço para moradores de cidades grandes que queriam fingir que moravam na roça.

Era muito caro. Ela franzia o cenho toda vez que pensava no valor do aluguel, mas não podia fazer nada. Precisava de uma propriedade isolada com um espaço aproveitável.

Ela vinha trabalhando à noite para conseguir aprontar tudo. Durante o dia seguia Daniel a uma distância segura e recuperava o máximo de sono possível dentro do carro durante o horário escolar. Estava completamente exausta no momento, mas ainda tinha muita coisa a fazer antes que terminasse o dia de trabalho.

Primeira parada, uma saída secundária da rodovia a mais de uma hora da cidade. Por essa estreita estrada de terra, que parecia não ser usada havia uma década, ela adentrou no pomar. A estrada deveria chegar a algum lugar específico, mas ela não seguiu adiante para verificar onde. Parou embaixo de uma grande sombra, desligou o motor e pôs-se ao trabalho.

Se Daniel fosse empregado do departamento ou, mais provavelmente, de uma das organizações com as quais trabalhava em parceria — a CIA, algumas divisões militares, alguns responsáveis por operações sigilosas que, como o departamento, não tinham nomes oficiais —, ele teria implantado um rastreador eletrônico. Assim como ela tivera um dia. Distraída, esfregou o dedo na pequena cicatriz proeminente na nuca, coberta por seu cabelo curto. Eles gostavam de marcar a cabeça. Se apenas uma parte do corpo pudesse ser recuperada, a cabeça era melhor para fins de identificação.

Ela abriu a porta traseira do carro e se ajoelhou no solo úmido ao lado da cabeça de Daniel. Começou pelo local onde tanto ela quanto Barnaby haviam sido marcados. Roçou os dedos delicadamente ao longo da pele dele e depois repetiu o movimento, pressionando mais forte. Nada. Ela tinha visto alguns alvos estrangeiros cujos dispositivos haviam sido removidos recentemente de pontos

atrás das orelhas, então checou ali também. Depois passou os dedos pelo cabelo dele, examinando o couro cabeludo para ver se havia algum calombo ou ponto mais rígido que não parecesse normal. Os cachos dele eram muito macios e tinham um perfume gostoso, cítrico. Não que se importasse com o cabelo dele, mas pelo menos ela não teria que passar as mãos em um emaranhado oleoso e malcheiroso. Ficou satisfeita com aquilo.

Agora o trabalho árduo. Se esse homem estivesse sendo monitorado por De la Fuentes, o rastreador provavelmente seria externo. Primeiro ela jogou os sapatos dele na mata que margeava a estrada — pareciam o item mais visado de todos; muitos homens usavam o mesmo sapato todo dia. Depois tirou a camisa, aliviada por ser de botões, embora mesmo assim fosse difícil removê-la devido ao peso de seu corpo. Não se deu ao trabalho de puxar pela cabeça a camiseta que ele usava por baixo; pegou uma lâmina no bolso e cortou o tecido em três partes facilmente removíveis. Examinou o peito — nenhum calombo nem cicatriz suspeitos. A pele do torso era mais clara do que a dos braços; ele tinha uma leve marca de bronzeado formando os contornos de uma camiseta, sem dúvida de quando ele havia construído as casas no México. Ou quando fora adquirir supervírus no Egito — um país também muito ensolarado.

Ela achou que os músculos dele eram mais de atleta do que de frequentador de academia. Nada de formas muito definidas, apenas um alinhamento bonito e suave que indicava uma pessoa ativa sem ser obsessiva.

Girá-lo de bruços foi difícil, e ele caiu no assoalho do carro, entre os assentos. Tinha duas suaves cicatrizes na escápula esquerda, paralelas e do mesmo tamanho. Explorou-as com cuidado, cutucando a pele ao redor, mas não sentiu nada que deveria estar ali, somente a musculatura normal, hipertrofiada.

Logo percebeu que deveria ter tirado a calça jeans antes de virá-lo. Teve que montar em cima dele, deitado daquela forma esquisita, e colocar os dois braços em volta do tronco para conseguir abrir a braguilha. Grata pelo fato de que ele não estava usando um jeans justo, subiu pelo outro lado do banco de trás e puxou a calça pelos pés. Não se surpreendeu ao ver que ele usava boxer em vez daquela cueca menor, em formato de sunga. Combinava com o estilo dele. Tirou a cueca, depois as meias, e em seguida juntou o restante das roupas, caminhou alguns metros para longe da estrada e enfiou tudo atrás de um tronco caído. Fez o mesmo com a mochila. O laptop seria um excelente esconderijo para algum dispositivo eletrônico que alguém quisesse fazê-lo carregar sem saber.

Não era a primeira vez que ela tinha que despir completamente um alvo. No laboratório, havia ajudantes que preparavam o alvo para ela — Barnaby os chamava de subalternos —, mas nem sempre ela estava no laboratório, e durante sua primeira viagem de campo para Herat, no Afeganistão, aprendeu a ser profundamente grata aos subalternos. Despir um homem que não tomava banho havia meses não era agradável — sobretudo quando não havia um chuveiro

disponível para ela depois de cumprir a tarefa. Pelo menos Daniel estava limpo. Era ela a única suando a camisa hoje.

Pegou a chave de fenda no porta-malas e rapidamente trocou a placa de Washington por outra que ela havia retirado de um carro semelhante em um ferro-velho da Virgínia Ocidental.

Por via das dúvidas, examinou em detalhes as partes posteriores das pernas, as solas dos pés e as mãos. Ela nunca tinha visto um rastreador nas extremidades, provavelmente porque às vezes eram decepadas quando alguém queria mandar um recado. Não achou cicatriz alguma. Tampouco encontrou calos que sugerissem algum treinamento com armas de fogo ou seu uso com frequência. Ele tinha mãos suaves de professor, apenas com alguns pontos mais rijos que devem ter sido bolhas de trabalho de alguém pouco experiente.

Tentou virá-lo de volta para o assento, mas logo percebeu que era um esforço em vão. Não era uma posição confortável para dormir, mas ele não iria acordar de qualquer jeito. Mais tarde ficaria dolorido, embora fosse completamente absurdo chegar a pensar nisso.

Enquanto ajeitava a manta e cobria o corpo dele da melhor maneira possível, ela construía uma história a seu respeito a partir dos documentos que havia lido e da evidência diante de si.

Ela acreditava que Daniel Beach era, em geral, o homem que ela via agora, o rapaz agradável e com muitas qualidades. A atração pela ex-mulher mesquinha era compreensível. Devia ser fácil se apaixonar por ele. Depois de algum tempo, o suficiente para se habituar ao amor, a ex teria mudado seu foco para as coisas que não possuía — o apartamento confortável, o anel vistoso, os carros. Provavelmente ela sentia saudades desse lado de Daniel agora. Era a grama do vizinho sempre mais verde ou coisa parecida.

No entanto, havia também escuridão em Daniel, enterrada lá no fundo, talvez nascida da dor e da injustiça de ter perdido os pais, agravada pela traição da mulher e depois inflamada pela perda do último membro da família. Essa escuridão não viria à tona facilmente. Ele a dividiria, a manteria afastada de sua vida refinada e a enfiaria à força em espaços sombrios, onde iria permanecer. Não era de admirar que ele falasse do México com tanta alegria. Ele teria dois Méxicos: o feliz, que o professor adorava, e o perigoso, onde o monstro crescia. Provavelmente ocupavam lugares separados em sua cabeça.

Ela tinha esperanças de que ele não fosse um psicopata genuíno. Apenas um homem dividido que não queria abrir mão da pessoa que acreditava ser, mas que necessitava do escape que a escuridão lhe oferecia.

Sentiu-se reconfortada com essa avaliação, que mudou um pouco seu plano. Havia um grande componente de espetáculo no que ela fazia. Para alguns alvos, um personagem mais clínico e sem emoção funcionava melhor — jaleco branco, máscara cirúrgica e aço inoxidável —; para outros, era a ameaça do

sádico enlouquecido (embora Barnaby fosse sempre mais bem-sucedido com esse papel; ele tinha o rosto e o cabelo ideais — cabelo branco, com pontas desgrenhadas, do tipo acabei-de-ser-eletrocutado). Toda situação tinha suas nuances — alguns temiam a escuridão; outros, a luz. Ela tinha planejado ser clínica — era o papel mais confortável, sua especialidade —, mas decidiu que Daniel precisava ser envolto pela escuridão para deixar o outro lado vir à tona. E o Daniel Negro era aquele com quem ela tinha que conversar.

Ela fez um trajeto de modo a despistar os outros. Se alguém estivesse rastreando os pertences ou as roupas de Daniel, ela não queria que essa pessoa se aproximasse mais.

Reconsiderou as possibilidades pela milionésima vez. Hipótese um, trata-se de uma armadilha muito bem-elaborada. Hipótese dois, trata-se de uma situação real e um milhão de vidas estavam em risco. Inclusive a dela própria.

Durante o longo trajeto de carro, a balança finalmente pendeu com vigor para um dos lados. Não era um agente do governo que estava ali no carro, disso tinha certeza. E, se fosse um cidadão inocente, selecionado ao acaso para expô-la, então eles já haviam perdido suas melhores oportunidades de capturá-la. Não houve ataque nem tentativa de segui-la... que ela tivesse visto.

Pensou nas montanhas de informações incriminatórias contra Daniel Beach e concluiu que era inevitável. Ela acreditava. Então era melhor se mexer e começar a salvar vidas.

Chegou à entrada do sítio por volta das onze horas, exausta e morrendo de fome, mas noventa e cinco por cento segura de que não havia rastro que pudesse levar o departamento ou De la Fuentes para a porta de sua casa. Deu uma olhada rápida na casa, checando se alguém tinha invadido (e sido morto, o que teria acontecido se alguém tivesse aberto a porta). Após desarmar os dispositivos de segurança, levou o carro até o celeiro. Assim que fechou a porta e rearmou o "alarme", pôs-se a preparar Daniel.

Todas as outras tarefas já estavam realizadas. Ela havia comprado marcadores de tempo em uma loja para artigos de casa na Filadélfia e conectado luminárias a eles em diversos cômodos da casa; como alguém que fosse viajar por algumas semanas, queria dar a impressão de que o local parecia ocupado. Um rádio estava conectado em um dos marcadores de tempo, para que também ruídos preenchessem o ambiente. A casa era uma boa isca. A maioria das pessoas iria checá-la antes de prosseguir para o celeiro escuro.

O celeiro permaneceria escuro. Ela havia levantado uma espécie de tenda no meio do lugar de forma a ocultar a luz e abafar o som, além de manter Daniel inteiramente alheio ao ambiente ao redor. Era um cubo retangular, de cerca de dois metros de altura por três de largura e quatro e meio de comprimento. Foi construído com tubos de PVC, lona preta e cordas elásticas de *bungee jumping*, e era revestido internamente com duas camadas de espuma acústica presas com

fita adesiva. Era rústica, só que mais funcional do que uma caverna, e ela já tinha se virado assim no passado.

No meio da tenda havia uma enorme prancha de metal com pés pretos ajustáveis e regulagem de altura. Era uma espécie de mesa de cirurgia veterinária e ficava exposta no celeiro — para dar autenticidade, sem dúvida. Era maior do que o necessário — o veterinário em questão lidava com vacas, e não gatinhos —, mas ainda assim se tratava de um achado e tanto. Foi um dos itens que a levaram à loucura de alugar essa armadilha extorsiva para turistas. Havia outra mesa com tampo de metal que ela transformara em escrivaninha, com o computador, os monitores e uma bandeja de coisas que ela esperava que fossem apenas acessórios. O suporte para soro estava perto da cabeceira da mesa e tinha uma bolsa de soro fisiológico pendurada. Um carrinho de metal com rodas, que ficava na cozinha, estava posicionado atrás do suporte; uma porção de seringas diminutas, mas ameaçadoras, estava enfileirada e bem à vista em uma bandeja de aço inoxidável. Havia uma máscara de gás e um aparelho de medir pressão na estante de metal embaixo das seringas.

E, evidentemente, os acessórios para imobilizar pacientes, do tipo usado em hospitais penitenciários, adquiridos no eBay, que ela havia prendido em orifícios laboriosamente perfurados na prancha de aço inoxidável. Ninguém conseguiria se desvencilhar dessas amarras sem ajuda. E, para ajudar, a pessoa em questão talvez precisasse de um maçarico.

Ela deixara duas saídas, nada mais do que aberturas, como a junção de duas cortinas. Fora da tenda, havia um catre, um saco de dormir, um fogão elétrico, um frigobar, além de todas as outras coisas de que ela precisaria. Ela também contava com um banheiro pequeno e modesto anexado ao quartinho dos fundos, mas era muito distante para ela dormir, e nem havia banheira, apenas um chuveiro. Nesse fim de semana teria que alterar sua rotina.

Ela usou cintas para mudanças a fim de mover o corpo inerte de Daniel de dentro do automóvel até um carrinho de carga, batendo a cabeça dele algumas vezes no processo. *Provavelmente* nada forte a ponto de causar uma concussão. Depois ela o levou no carrinho, baixou-o ao máximo e o virou sobre a mesa. Ele ainda estava profundamente apagado. Colocou-o de costas, com braços e pernas estendidos em ângulos de mais ou menos quarenta e cinco graus com o corpo, e subiu a altura da mesa. Uma a uma, fechou as amarras. Ele não seria capaz de mudar de posição por algum tempo. Em seguida, era a vez do soro; por sorte, ele estava bem hidratado, ou talvez apenas tivesse veias realmente muito boas. Aplicou a agulha com facilidade e o gotejar começou. Acrescentou ao soro uma bolsa de nutrição parenteral, que seria todo o alimento que ele teria nos próximos três dias, se durasse tanto assim. Ele teria fome, mas sua mente estaria aguçada quando ela quisesse. Ela ajustou o oxímetro de pulso no dedo do pé dele — se estivesse na mão, conseguiria removê-lo — e os eletrodos secos nas costas, um

atrás de cada pulmão, para controlar a respiração. Um leve toque do termômetro elétrico na testa dele mostrou que sua temperatura estava normal.

Ela não tinha muita prática com sondas vesicais, para recolher a urina, mas era um procedimento razoavelmente simples, e ele não estava em condições de reclamar caso ela fizesse algo errado. Já haveria muita coisa por limpar para ter que lidar também com urina.

Pensando nisso, colocou no chão os tapetes absorventes, revestidos de plástico — destinados ao treinamento de filhotes de cachorro —, em volta da mesa cirúrgica. Com certeza haveria vômito se precisassem passar da primeira fase. Se haveria sangue, dependia de como ele iria reagir aos métodos que ela adotava normalmente. Pelo menos ela tinha água encanada aqui.

Estava ficando frio no celeiro, então ela cobriu Daniel. Precisava mantê-lo apagado por mais um tempo, e o frio na pele nua não ajudaria. Após um instante de hesitação, pegou um travesseiro na cama do quartinho e o colocou embaixo da cabeça dele. *É só porque não quero que ele acorde, garantiu para si mesma. E não porque eu quero que ele fique mais confortável.*

Inseriu uma pequena seringa no acesso do soro e lhe administrou outra dose de sonífero, o que o manteria dormindo por pelo menos quatro horas.

A expressão inconsciente de Daniel era inquietante. E, de alguma forma, muito... pacífica. Ela não se lembrava de já ter visto feições tão intrinsecamente inocentes. Era difícil imaginar que esse tipo de paz e inocência existia no mesmo mundo que ela. Por um instante, se preocupou mais uma vez que estivesse lidando com uma falha mental diferente das suas experiências anteriores. Além disso, se De la Fuentes estivesse atrás de alguém em quem os outros pudessem confiar por instinto, esse era justamente o rosto que lhe agradaria. Aliás, isso explicaria por que o rei das drogas tinha escolhido um professor.

Deslizou a máscara de gás para o rosto dele e acoplou um filtro. Se suas precauções matassem Daniel, ela não conseguiria a informação de que precisava.

Em seguida, fez uma ronda final pelo perímetro. Pelas janelas, viu as luzes adequadas acesas na casa principal. No silêncio total da noite, ela pensou ter ouvido algumas melodias distantes de músicas pop nas paradas de sucesso.

Uma vez convencida de que todas as entradas estavam protegidas, comeu uma barra de proteína, escovou os dentes no banheirinho, programou o despertador para as três horas, tocou o revólver embaixo do catre, abraçou seu tubo, e depois mergulhou entre as dobras do saco de dormir. Seu corpo já estava adormecido, e seu cérebro seguia o mesmo caminho. Mal enfiou a máscara de gás no próprio rosto, ficou completamente inconsciente.

CAPÍTULO 6

Por volta das três e meia da manhã, ela estava de pé, vestida e alimentada, pronta para começar, embora exausta. Daniel continuava dormindo, inconsciente e tranquilo. Ele se sentiria descansado quando acordasse, mas desorientado. Não faria ideia da hora nem mesmo do dia. O desconforto era um instrumento importante no tipo de trabalho que ela fazia.

Ela puxou o travesseiro e o cobertor dele, reconhecendo que aquilo a deixava com remorso. Mas era importante; por mais bem treinado que fosse, todo alvo sentia um grande desconforto em ficar nu e indefeso diante do inimigo. Remorso seria o último sentimento a que ela se permitiria por alguns dias. Os outros sentimentos já foram bloqueados. Fazia mais de três anos, mas ainda sentia os bloqueios se formando dentro dela. Seu corpo se lembrava dos procedimentos. E ela sabia que tinha a força de que precisaria.

Seu cabelo ainda estava molhado da tintura feita às pressas, e a maquiagem no rosto parecia espessa, embora ela usasse muito pouco na verdade. Não sabia fazer nada complicado, então só tinha aplicado sombra escura, rímel pesado e batom vermelho-sangue. Não havia planejado mudar a cor do cabelo tão cedo, mas os fios pretos e a camuflagem no rosto faziam parte da nova estratégia. O jaleco branco de laboratório e o pijama cirúrgico azul-claro que ela havia comprado estavam cuidadosamente dobrados na mala. Em vez disso, vestia novamente camisa preta colada com calça jeans preta. Era uma vantagem que a casa dispusesse de máquina de lavar e secar. A blusa precisaria de uma lavagem em breve. Bom, na verdade já era para ter sido lavada.

Era estranho como um pouco de pó colorido e creme podia alterar o modo como um observador percebe uma pessoa. Ela se examinou no espelho do banheiro e ficou satisfeita com a aparência do rosto, bem severo. Passou um pente no cabelo, puxando-o para trás, depois atravessou o celeiro até a sala de interrogatório.

Ela havia colocado refletores pendurados na parte de cima da estrutura de PVC, no momento apagados. Acesas, somente duas luminárias que ficavam na linha da cintura. O revestimento de espuma cinza e a fita adesiva preta pareciam da mesma cor na penumbra. A temperatura havia baixado com o avanço da noite. Os pelos da barriga e dos braços do alvo estavam arrepiados. Ela passou o termômetro novamente na testa dele. Ainda dentro da média.

Finalmente, ela ligou o computador e instalou os protocolos. Entraria na proteção de tela depois de vinte minutos de inatividade. No outro lado do

computador, havia uma caixinha preta com uma pequena luz vermelha na lateral e com um teclado em cima, mas ela ignorou a caixa por ora e começou o trabalho.

Havia um sentimento que lutava para chegar à superfície à medida que ela injetava no acesso do soro a substância que faria o alvo recobrar a consciência. No entanto, ela o reprimiu com facilidade. Daniel Beach tinha duas faces, assim como ela. Agora ela assumia sua outra identidade, aquela que o departamento chamava de a Química, e a Química era uma máquina. Impiedosa e implacável. O monstro *dela* estava livre agora.

Se tudo desse certo, o dele também apareceria para participar.

A nova droga gotejou para as veias, e a respiração dele ficou menos regular. Uma mão de dedos longos se fechou e puxou, presa às amarras. Embora a consciência ainda não tivesse voltado de fato, seus traços revelaram um franzir de testa quando tentou virar para o lado. Os joelhos torceram, fazendo força contra os grilhões nos tornozelos, e de repente seus olhos se abriram.

Ela permaneceu em silêncio na cabeceira da mesa e observou o pânico do homem; a respiração dele ficou ofegante, a frequência cardíaca aumentou, o corpo se agitava para se livrar das amarras. Ele encarava descontroladamente a escuridão, tentando compreender onde estava e encontrar algo familiar. Parou de repente, tenso e com os ouvidos atentos.

— Olá? — sussurrou.

Ela permaneceu em silêncio, esperando pelo momento adequado.

Durante dez minutos, ele alternou entre tentar arrancar com violência as amarras e escutar ao redor, apesar do ruído dissonante de sua respiração.

— Socorro! — gritou, por fim. — Tem alguém aí?

— Olá, Daniel — respondeu ela com voz baixa.

Ele virou a cabeça para trás de modo abrupto, esticando a garganta, enquanto procurava o ponto de onde vinha a voz. Não era o instinto de um soldado profissional expor a garganta daquela maneira, observou ela.

— Quem está aí? Quem é você?

— Realmente não faz diferença quem eu sou, Daniel.

— Onde estou?

— Também é irrelevante.

— O que você *quer?* — disse ele, quase gritando.

— Agora sim; acertou. *Essa* é a pergunta que interessa.

Ela caminhou ao redor da mesa de modo que ele pudesse vê-la, embora ainda estivesse iluminada por trás e seu rosto estivesse tomado pelas sombras.

— Não tenho nada — protestou ele. — Nem dinheiro, nem drogas. Não tenho como ajudar.

— Não quero coisas, Daniel. Eu quero... ou melhor, eu *preciso* de informações. E a única maneira de você sair daqui é me dando essas

informações.

— Não sei de nada... nada importante! Por favor...

— Pare — interrompeu ela, com rispidez, e ele engoliu uma respiração assustada. — Está me ouvindo agora, Daniel? Esta parte é realmente crucial.

Ele assentiu, piscando rápido.

— Tenho que conseguir essa informação. Não existe alternativa. E se precisar, Daniel, vou machucá-lo até você me contar o que preciso saber. Vou machucá-lo de verdade. Não necessariamente *quero* fazer isso, mas não me importo se tiver que fazer. Estou lhe dizendo isso para você tomar uma decisão agora, antes de eu começar. Diga o que quero saber, e vou soltá-lo. Simples assim. Prometo não lhe fazer mal algum. Vou ganhar tempo, e você vai evitar muito sofrimento. Sei que não quer me contar, mas por favor tenha em mente que você *vai* me contar de qualquer maneira. Pode levar um tempo, só que no fim você não vai conseguir se controlar. Todo mundo cede. Então, escolha o caminho mais fácil agora. Vai se arrepender se não escolher. Entendeu?

Ela havia feito o mesmo discurso para muitos, muitos alvos em sua carreira, e era de fato muito eficiente. Em cerca de quarenta por cento das vezes, esse era o momento em que o alvo começava a confessar. Nem sempre *terminava* a confissão, é claro, e sempre tinha algo a esmiuçar, mas havia uma chance razoável de que a primeira admissão de culpa e alguma informação parcial fossem concedidas nessa altura. A estatística variava dependendo da pessoa para quem ela discursava; com militares homens, o primeiro relato acontecia antes que sofressem qualquer tipo de dor em aproximadamente metade das vezes. Apenas de cinco a dez por cento dos espiões autênticos diriam alguma coisa sem qualquer aflição física. A mesma proporção para os fanáticos religiosos. Para os bajuladores de baixo nível, o discurso funcionava cem por cento das vezes. Nunca uma pessoa em cargo de comando havia confessado um único detalhe sem sofrer alguma dor.

Ela realmente tinha esperanças de que Daniel não passasse de uma versão melhorada de um bajulador.

Enquanto ela falava, Daniel a encarava com o rosto crispado de medo. Mas então, quase no fim do discurso, ele estreitou os olhos e franziu a testa, em claro sinal de confusão. Não era uma expressão que ela esperasse.

— Você me entende, Daniel?

— Alex? Alex, é você? — disse ele, com perplexidade na voz.

Era exatamente por isso que não se devia fazer contato prévio com um alvo. Agora ela estava fora do roteiro.

— É claro que esse não é meu nome verdadeiro, Daniel. Você sabe disso.

— O quê?

— Meu nome não é Alex.

— Mas... você é médica. Você me ajudou.

— Não sou esse tipo de médica, Daniel. E não o ajudei. Eu dopei e sequestrei você.

O rosto dele estava sério.

— Você foi gentil comigo.

Ela teve que conter um suspiro.

— Fiz o que tinha que fazer para trazer você até aqui. Agora, preciso que se concentre, Daniel. Preciso que responda a minha pergunta. Você vai me dizer o que quero saber?

Ela mais uma vez percebeu a dúvida na expressão dele. Descrença de que ela poderia de fato machucá-lo, que isso realmente fosse acontecer.

— Eu lhe conto qualquer coisa que você quiser saber. Mas, como já disse, não sei de nada importante. Não conheço números de contas bancárias nem, sei lá, mapas do tesouro ou coisa parecida. Certamente nada que valha todo esse esforço.

Ele tentou gesticular com a mão amarrada. Olhando para si mesmo, pareceu notar pela primeira vez que estava despido. Sua pele se ruborizou — rosto, pescoço e uma linha no centro do peito —, e ele puxou automaticamente as mãos presas como se tentasse cobrir o corpo. A respiração e a frequência cardíaca se descontrolaram de novo.

Nudez; fossem agentes de operações especiais ou apenas terroristas de baixo escalão, todos detestavam.

— Não quero um mapa do tesouro. Não estou fazendo isso para ganho pessoal, Daniel. E sim para proteger vidas inocentes. Vamos falar sobre isso.

— Não estou entendendo. Como posso ajudar? Por que eu não desejaria ajudar?

Ela não estava gostando da maneira como o interrogatório transcorria. Aqueles que se agarravam à alegação de ignorância e inocência frequentemente levavam mais tempo para ceder do que os que admitiam a própria culpa, mas estavam determinados a preservar seu governo, sua jihad ou seus companheiros.

Ela caminhou até a escrivaninha e pegou o primeiro retrato. Era uma das fotos bem nítidas tiradas por quem vigiava De la Fuentes, um close.

— Vamos começar com este homem — disse ela, segurando a foto no nível dos olhos dele e usando uma das luminárias como spot.

Olhar completamente vazio, nenhuma reação. Mau sinal.

— Quem é esse?

Dessa vez ela permitiu que seu suspiro fizesse barulho.

— Você está tomando a decisão errada, Daniel. Por favor, pense no que está fazendo.

— Mas não conheço esse homem!

Ela o fitou com um ar resignado.

— Estou sendo totalmente franco, Alex. Não conheço esse homem.

Ela suspirou de novo.

— Nesse caso, acho que é hora de começar.

O olhar de descrença apareceu novamente. Ela nunca havia lidado com aquela situação em um interrogatório. Todos os outros que passaram por aquela mesa sabiam por que estavam ali. Ela havia encarado pavor e súplica e, de vez em quando, rebeldia impassível, mas nunca esse quase desafio estranho, crédulo: *Você não vai me machucar.*

— Hum, isso é algum tipo de fantasia ou fetiche? — perguntou Daniel em voz baixa, de algum modo encontrando um jeito de soar constrangido apesar de sua condição bizarra. — Na verdade, não conheço as regras desse negócio...

Ela se virou para esconder um sorriso inapropriado. *Controle-se*, ordenou a si mesma. Tentando manter a suavidade nos movimentos, como se decidisse se afastar naquele exato instante, ela voltou para sua escrivaninha. Apertou uma tecla do computador, mantendo-o ativo. Depois apanhou a bandeja de acessórios. Era pesada, e alguns objetos retiniram uns contra os outros enquanto ela andava. Levou a bandeja para perto de Daniel, colocou-a ao lado das seringas e enviesou a luminária para fazer os equipamentos metálicos brilharem forte.

— Lamento que você ache confuso — disse ela em voz constante. — Estou falando muito sério, posso assegurar. Quero que você dê uma olhada em meus instrumentos.

Ele obedeceu, e seus olhos se arregalaram. Ela observou, esperando alguma pista de que o outro lado viria à tona, o Daniel Negro, mas nada aconteceu. De alguma forma, seus olhos ainda eram doces, mesmo demonstrando um medo desprezível. Inocente. Falas de Norman Bates, personagem de Hitchcock em *Psicose*, faiscavam em sua cabeça. *Acho que devo ter um daqueles rostos que não dá para não acreditar.*

Ela estremeceu, mas ele, com os olhos fixos nos acessórios, não reparou.

— Não preciso usá-los com muita frequência. — Ela tocou de leve o alicate, depois alisou o enorme bisturi. — Meus serviços são solicitados quando querem deixar o alvo mais ou menos... intacto. — Ela roçou no alicate corta-cabo ao pronunciar a sílaba tônica da última palavra. — De qualquer maneira, não preciso realmente desses instrumentos. — Ela deu um peteleco no tubo do maçarico, provocando um som agudo. — Adivinha por quê?

Ele não respondeu, paralisado de terror. Estava começando a perceber. Sim, era tudo verdade.

Só que Daniel Negro já deveria ter notado isso. Então, por que ele não vinha à tona? Será que ele pensava que podia enganá-la? Ou que o charme dele no metrô havia derretido o seu coração feminino e frágil?

— Vou lhe dizer por quê — continuou ela, com uma voz tão baixa que era quase um sussurro. Inclinou-se com um ar conspiratório, mantendo um meio sorriso doce e pesaroso que não se refletia nos olhos. — Porque o que eu faço

dói... *muito... mais.*

Parecia que os olhos dele iam pular para fora das órbitas. Essa reação era familiar, pelo menos.

Ela se afastou com a bandeja, deixando o foco dele mudar naturalmente para a longa fileira de seringas, cintilando na luz.

— A primeira vez só vai durar dez minutos — prosseguiu ela, ainda virada para o outro lado, enquanto colocava as ferramentas de volta na escrivaninha. Deu meia-volta. — Mas vai parecer muito mais. Será apenas um aperitivo. Você pode considerar como uma injeção de advertência. Quando acabar, vamos tentar conversar de novo.

Ela apanhou a seringa que estava na extremidade da bandeja, empurrou o êmbolo até surgir uma gota na ponta da agulha, depois a tirou com um peteleco teatral na seringa, como uma enfermeira em um filme.

— Por favor? — murmurou ele. — Por favor, não sei do que você está falando. Não tenho como ajudar. Juro que ajudaria se pudesse.

— Você vai ajudar — prometeu ela, e enfiou a agulha no seu tríceps esquerdo.

A reação foi quase instantânea. Seu braço esquerdo teve um espasmo e deu um forte solavanco, puxando a amarra. Enquanto ele encarava apavorado os músculos se contorcendo, ela silenciosamente pegou outra seringa e passou para o lado direito. Ele a viu se aproximar.

— Alex, por favor! — berrou ele.

Ela ignorou Daniel e sua tentativa de escapar de alguma maneira, como se ele fosse forte o suficiente para se desvencilhar das amarras, e injetou uma dose de ácido láctico no seu quadríceps direito. O joelho dele se esticou com força e os músculos da coxa lançaram o pé para fora da mesa. Ele engoliu em seco e depois gemeu.

Ela seguiu com movimentos deliberados, sem nenhuma pressa, mas tampouco com lentidão. Outra seringa. O braço esquerdo já estava incapacitado demais para que ele tentasse resistir. Desta vez, injetou o ácido no bíceps. Imediatamente, o tríceps, na parte posterior do braço, começou a se revolver em direção ao bíceps, brigando pelo domínio da contração.

O ar explodiu para fora da boca de Daniel, como se ele tivesse levado um soco no estômago, mas ela sabia que a dor era muito, muito pior do que qualquer golpe.

Mais uma injeção, desta vez no bíceps femoral direito. A mesma batalha que parecia rasgar seu braço começou na perna. E consequentemente vieram os gritos.

Ela se posicionou ao lado da cabeça dele, observando friamente enquanto os tendões do pescoço, de tão esticados, pareciam tiras brancas. Quando ele abriu a boca para gritar de novo, ela colocou uma mordaça. Se ele mordesse a língua e a

arrancasse, não poderia contar nada.

Ela caminhou vagarosamente até a escrivaninha enquanto os guinchos abafados eram absorvidos pela dupla camada de espuma acústica, sentou-se e cruzou as pernas. Checou os monitores — sinais vitais elevados, mas nada preocupante. Um corpo saudável poderia experimentar uma dor muito mais forte do que as pessoas imaginam antes que órgãos importantes corressem algum risco sério. Esfregou o touchpad do computador para manter a tela iluminada. Em seguida, puxou do bolso o relógio de pulso e o apoiou no joelho, uma atitude principalmente teatral; ela poderia ter visto as horas no computador ou nos monitores com a mesma facilidade.

Ela olhava para ele enquanto esperava, o rosto sereno e o relógio prateado brilhando em contraste com a roupa preta. Os alvos costumavam achar desconcertante esse comportamento — que ela pudesse encarar seu trabalho de modo tão impassível. Assim, ela o observava, a expressão educada, como a de um membro da plateia em uma peça medíocre, enquanto o corpo dele se revirava e se contorcia na mesa e seus gritos engasgavam na boca amordaçada. Às vezes, seus olhos se voltavam para ela, aflitos e suplicantes, e outras vezes rodopiavam loucamente pelo cômodo.

Dez minutos podiam ser uma eternidade. Os músculos dele começaram a ter espasmos independentes entre si, alguns formando nós e outros com a impressão de que queriam ejetar dos ossos. O suor corria pelo rosto, escurecendo seu cabelo. A pele nas maçãs do rosto parecia prestes a abrir. Os gritos diminuíram de volume, se tornaram roucos, soando muito mais como os berros de um animal do que os de um homem.

Mais seis minutos.

E essas nem chegavam a ser as drogas boas.

Qualquer um que fosse doente o bastante poderia duplicar a dor que ela estava infligindo naquele momento. O ácido usado por ela não era uma substância controlada; era razoavelmente fácil de adquirir pela internet, mesmo por alguém que por acaso estivesse fugindo da banda podre do governo dos Estados Unidos. Antigamente, quando fazia interrogatórios com as melhores condições possíveis, em um lindo laboratório e com um lindo orçamento, além de um sequenciador e um reator, ela fora capaz de criar algumas preparações excepcionais e ultraespecíficas.

Na verdade, a Química nem de longe era o codinome apropriado para ela. No entanto, a Bióloga Molecular talvez soasse pomposo demais. Barnaby tinha sido o especialista em química, e os procedimentos ensinados por ele a mantiveram viva depois que ela perdeu o laboratório; no fim, ela se transformara em seu codinome. Mas, no início, fora sua pesquisa teórica com anticorpos monoclonais que tinha chamado atenção do departamento. Era uma pena que ela não pudesse arriscar e levar Daniel para o laboratório. Essa operação teria proporcionado

resultados muito mais rapidamente.

E ela havia chegado *perto demais* de efetivamente retirar a dor da equação, o que teria sido o seu Santo Graal, apesar de ninguém parecer ansioso por isso. Ela tinha certeza de que, se ainda estivesse trabalhando no laboratório nos últimos três anos, em vez de lutando para sobreviver, teria criado por agora a chave que destrancaria qualquer coisa da mente humana que fosse preciso. Sem tortura, sem terror. Apenas respostas rápidas, dadas com prazer, e depois uma viagem igualmente prazerosa para uma cela ou para o muro de execução.

Eles deviam tê-la deixado trabalhar.

Ainda faltavam quatro minutos.

Ela e Barnaby haviam conversado sobre diferentes estratégias para lidar com esses períodos do interrogatório. Barnaby contava histórias para si mesmo. Ele se lembrava dos contos de fadas da infância e pensava em versões modernas ou em finais alternativos ou no que aconteceria se os personagens trocassem de lugar. Ele dissera que algumas das ideias que lhe vinham à cabeça eram bastante boas, e, quando tivesse tempo, iria colocá-las no papel. Ela, no entanto, sentia estar perdendo tempo se não fizesse algo prático. Formulava planos. No início, planejou novas versões de um anticorpo monoclonal que controlaria a reação do cérebro e bloquearia os receptores neurais. Mais tarde, planejou a própria vida em fuga, pensando em tudo o que poderia dar errado, todos os piores cenários, e o que ela poderia fazer para evitar cair em cada armadilha. Depois, como escapar de uma armadilha que estivesse em vias de acontecer. E, em seguida, em como escapar se de fato caísse em uma armadilha. Tentava visualizar cada possibilidade.

Barnaby disse que ela precisava tirar uma folga mental de vez em quando. Divertir-se um pouco, senão, qual era o propósito de viver?

Apenas viver, concluiu ela. Apenas viver era tudo o que pedia. E assim ela despendeu o esforço mental necessário para tornar isso possível.

Hoje ela pensava no passo seguinte. Esta noite, a noite de amanhã, ou, que os céus o ajudem, na noite seguinte, Daniel ia contar tudo para ela. Todo mundo cedia. Todo ser humano tem um limite de resistência à dor, isso é um fato. Algumas pessoas conseguem lidar melhor com um tipo ou outro, mas isso significava que ela só precisaria provocar outro tipo de dor. Em algum momento, se ele não falasse, ela iria virar Daniel de bruços — para não engasgar no próprio vômito — e administrar o que ela chamava de agulha verde, ainda que o soro fosse transparente, assim como todos os outros. Se não surtisse efeito, ela tentaria um dos alucinógenos. Sempre havia uma nova maneira de infligir dor. O corpo tinha muitas formas diferentes de experimentar os estímulos.

Uma vez que tivesse a informação de que precisava, ela interromperia a dor, o doparia, e então mandaria um e-mail para Carston a partir desse endereço de IP e lhe diria tudo que descobrira. Depois fugiria e continuaria assim por um bom

tempo. Talvez Carston e companhia não fossem atrás dela. Ou talvez fossem. E era capaz de ela nunca saber, porque muito provavelmente continuaria escondida até a morte — se tudo corresse bem, de causas naturais.

Quase ao fim dos dez minutos, a dose começou a perder o efeito. Cada caso era diferente, mas Daniel reagia de acordo com a maioria. Seus gritos se transformaram em grunhidos ao passo que seu corpo lentamente se derretia em um amontoado de carne exausta em cima da mesa, e então ele ficou quieto. Ela retirou o objeto de sua boca, e ele arfou em busca de ar. Olhou para ela com um pavor surpreso durante um longo momento, e depois começou a chorar.

— Vou lhe dar alguns minutos — disse ela. — Ponha seus pensamentos em ordem.

Ela saiu pela passagem que ele não conseguia ver, depois se sentou silenciosamente no catre e ouviu os soluços de Daniel.

Chorar era normal, e costumava ser um bom sinal. Mas era óbvio que esse choro vinha de Daniel, o Professor. Ainda não havia sinal do Daniel Negro, nenhum vislumbre de reconhecimento ou tique de defesa. O que poderia atingi-lo? Caso fosse realmente um distúrbio dissociativo de identidade, será que ela conseguiria *forçar* o aparecimento da personalidade que queria ver? Naquele dia estava sentindo falta de um verdadeiro psiquiatra na equipe. Se ela tivesse ido gentilmente ao laboratório, como queriam, era provável que conseguissem encontrar um psiquiatra no momento em que ela pedisse. Bom, não havia nada que ela pudesse fazer sobre isso.

Comeu em silêncio uma barrinha macia de cereais enquanto esperava a respiração dele se normalizar, e depois comeu mais uma. Tomou junto uma caixa de suco de maçã, que pegou no frigobar.

Quando entrou de novo na tenda, Daniel fitava desesperado o teto de espuma acústica. Sem fazer barulho, ela se aproximou do computador e apertou uma tecla.

— Sinto muito que você tenha que passar por tudo isso, Daniel.

Ele não a ouvira entrar. Encolheu-se para o mais longe possível do som da voz dela.

— Não vamos fazer outra vez, está bem? — disse ela e se acomodou na cadeira. — Também quero ir para casa. — Era meio que mentira, mas também em grande parte verdade, por mais que fosse impossível. — E, apesar de você não acreditar, não sou realmente uma sádica. Não gosto de ver você sofrer. Mas não tenho opção. Não vou deixar todas aquelas pessoas morrerem.

A voz dele estava rouca:

— Não sei... do que... você está falando.

— Você ficaria surpreso de saber quantas pessoas dizem isso... e continuam dizendo a cada rodada daquilo que você acabou de vivenciar, e ainda pior! E então, na décima rodada para um, ou na décima-sétima para outro, de repente a

verdade surge. E tenho como contar aos mocinhos onde encontrar a ogiva, a bomba química ou o agente transmissor de doenças. E assim as pessoas permanecerão vivas, Daniel.

— Não matei ninguém — falou de maneira ríspida.

— Mas está planejando fazer isso, e vou convencer você a mudar de ideia.

— Eu nunca faria uma coisa dessas.

Ela suspirou.

— Isso vai levar muito tempo, não é?

— Não posso lhe contar algo que não sei. Você definitivamente pegou a pessoa errada.

— Também já ouvi isso muitas vezes — retrucou ela suavemente, mas com um toque de apreensão.

Se ela não conseguisse fazer o outro Daniel aparecer, será que estaria torturando a pessoa errada?

Tomou depressa a decisão de sair do roteiro novamente, embora lidar com doenças mentais não fosse uma de suas habilidades.

— Daniel, você costuma ter perda de memória?

Uma longa pausa.

— O quê?

— Alguma vez, por exemplo, já acordou em algum lugar sem saber como tinha chegado lá? Alguém já lhe disse que você havia falado ou feito alguma coisa da qual não se lembrava?

— Humm. Não. Bom, hoje. Quer dizer, é a isso que você está se referindo, certo? Que estou planejando fazer algo horrível, mas não sei o que é?

— Alguma vez você já foi diagnosticado com distúrbio dissociativo de identidade?

— Não! Alex, eu não sou o maluco aqui.

Isso não ajudou de forma alguma.

— Me fale sobre o Egito.

Ele virou a cabeça na direção dela. Sua expressão tornou seus pensamentos tão claros quanto se os tivesse expressado em voz alta: *Está brincando comigo, senhora?*

Ela apenas aguardou.

Ele soltou um breve e sofrido suspiro.

— Bom, o Egito tem uma das maiores histórias de qualquer civilização moderna. Há evidências de que os egípcios viviam na margem do Nilo ainda no décimo milênio antes de Cristo. Por volta de 6000 a.C...

— Isso é hilário, Daniel. Podemos falar sério agora?

— Eu não sei o que você quer! Está me testando para descobrir se sou mesmo professor de história? Não estou entendendo!

Ela ouviu a força retornando à voz dele. O lado bom das drogas que usava é

que o efeito passava rapidamente. Dava para manter uma conversa coerente entre as rodadas. E ela havia descoberto que os alvos tinham mais medo da dor quando não a sentiam. Os altos e baixos extremos pareciam acelerar o processo.

Ela apertou uma tecla do computador.

— Me fale sobre a sua viagem ao Egito.

— Nunca estive no Egito.

— Quer dizer que você não esteve lá dois anos atrás com a Habitat para a Humanidade?

— Não. Viajei para o México nas últimas três férias de verão.

— Você sabe que as pessoas têm controle dessas coisas, não é? Sabe que o número do seu passaporte é conectado a um computador e há um registro dos lugares para onde você viajou?

— Por isso você deveria saber que estive no México!

— Onde conheceu Enrique de la Fuentes.

— Quem?

Ela piscou de forma vagarosa, o rosto exprimindo tédio absoluto.

— Espere — disse ele, olhando fixamente para cima como se pudesse haver uma explicação no teto. — Conheço esse nome. Saiu no noticiário algum tempo atrás... junto daqueles funcionários do DEA que desapareceram. É um traficante de drogas, não é?

Ela ergueu de novo a foto de De la Fuentes.

— É ele?

Ela assentiu.

— Por que você acha que eu conheço este homem?

Ela respondeu lentamente:

— Porque também tenho fotos de vocês dois juntos. E porque ele deu dez milhões de dólares para você nos últimos três anos.

Daniel ficou boquiaberto, e suas palavras saíram engasgadas:

— O... quê?

— Dez milhões de dólares, no seu nome, espalhados entre bancos das Ilhas Cayman e da Suíça.

Ele a encarou por mais um segundo, então a raiva subitamente contorceu seu rosto e sua voz ficou ríspida:

— Se eu tenho dez milhões de dólares, por que moro em um apartamento conjugado, sem elevador e infestado de baratas em Columbia Heights? Por que para jogar vôlei usamos os mesmos uniformes remendados que a escola tem desde 1973? Por que pego o metrô enquanto o novo marido da minha ex-esposa dirige um Mercedes? E por que estou ficando *raquítico* por ter uma dieta praticamente à base de macarrão instantâneo?

Ela o deixou desabafar. A vontade de falar era um pequeno passo na direção certa. Infelizmente, este Daniel zangado ainda era a versão professor, apesar de

não ser um professor muito feliz.

— Espere aí... como assim você tem fotos minhas com o cara das drogas?

Ela foi até a mesa de trabalho e pegou a foto apropriada.

— Em El Minya, Egito, com De la Fuentes — anunciou, enquanto segurava a foto diante do rosto dele.

Finalmente, uma reação.

A cabeça dele se inclinou para trás; os olhos se estreitaram, depois se arregalaram. Quase dava para ver seus pensamentos se movendo, circulando no cérebro, e se estabelecendo em sua expressão. Ele estava analisando a foto e bolando um plano.

Ainda não havia nenhum sinal do outro Daniel, mas, pelo menos, ele parecia reconhecer aquela outra parte de si mesmo.

— Quer me contar sobre o Egito *agora*, Daniel?

Lábios crispados.

— Nunca estive lá. Esse não sou eu.

— Não acredito em você. — Ela suspirou. — O que é mesmo muito ruim, porque temos que seguir com nossa festa.

O medo retornou, rápido e forte.

— Alex, por favor, juro que não sou eu. Por favor, não recomece.

— É meu trabalho, Daniel. Tenho que descobrir como salvar aquelas pessoas.

Toda a hesitação desapareceu.

— Não quero machucar ninguém. Também quero que você salve aquelas pessoas.

Nesse momento ficou mais difícil não acreditar na sinceridade dele.

— Essa foto significou algo para você.

Ele balançou a cabeça uma vez, fechando a cara.

— Não sou eu.

Ela precisava admitir que estava mais do que apenas fascinada. Tratava-se de algo totalmente novo. Como ela gostaria que Barnaby estivesse ali para lhe aconselhar! Mas, bem, ela estava com pressa. Não tinha tempo para desejos. Empilhou as seringas, uma a uma, na palma da mão esquerda. Oito desta vez.

Ele a encarou com pavor e... tristeza. Começou a dizer alguma coisa, mas nenhum som saiu. Com a primeira agulha na mão direita, ela fez uma pausa.

— Daniel, se quiser dizer alguma coisa, fale logo.

Abatido.

— Não vai adiantar.

Ela esperou mais um segundo, e ele a olhou fixamente.

— O seu rosto... — disse ele. — É o mesmo de antes... exatamente o mesmo.

Ela se encolheu, depois se virou e foi até a cabeceira da mesa para ficar ao lado da cabeça dele. Daniel tentou se afastar dela, o que apenas deixou exposto seu músculo esternocleidomastoideo. Ela costumava poupar esse músculo em

particular para uma fase posterior do interrogatório; era uma das coisas mais dolorosas que podia fazer com um alvo naquelas limitações. Mas ela queria acabar logo com aquilo, então espetou a agulha na lateral do pescoço e empurrou o êmbolo. Sem olhar, recolocou a mordaça em Daniel assim que ele abriu a boca. Em seguida, deixando cair as outras seringas, saiu do cômodo.

CAPÍTULO 7

Ela estava enferrujada, só isso. Já *fazia* três anos. Era por isso que estava se sentindo assim. Era por isso que esse alvo a estava afetando. Não era nada exceto o fato de ela estar fora do jogo havia muito tempo. Ainda podia pegar o jeito de novo.

Entrou no cômodo uma vez durante a sessão para manter o computador funcionando, mas não ficou para assistir. Voltou apenas após a dose começar a perder o efeito, cerca de quinze minutos mais tarde.

Ele estava ali, deitado, arfando novamente; dessa vez sem chorar, embora ela soubesse que a dor havia sido bem pior do que antes. Sangue da sua pele esfolada agora manchava todas as amarras e pingava na mesa. Talvez ela precisasse paralisá-lo na próxima rodada para evitar que suas feridas piorassem. Essa era uma sensação igualmente aterrorizante; podia ajudar.

Ele começou a tremer. Ela chegou a se virar em direção à saída da tenda um milésimo de segundo antes de perceber que estava indo buscar um cobertor para ele. O que havia de errado com ela?

Foco.

— Você quer falar alguma coisa? — perguntou ela gentilmente quando a respiração dele ficou mais estável.

A resposta saiu em arfadas ofegantes, exaustas.

— Não sou eu. Juro. Não estou... planejando... nada. Não conheço o cara das drogas. Eu queria poder ajudar. Sério, sério, sério... queria poder ajudar. Sério mesmo.

— Humm. Você está mostrando resistência a esse método, então talvez eu tente algo novo.

— Resis... tência? — disse ele com a voz rouca, sem acreditar. — Você acha... que estou resis... tindo?

— Para ser franca, estou um pouco preocupada em bagunçar sua cabeça com alucinógenos... parece que já tem problema suficiente aí dentro. — Enquanto falava, tamborilava com os dedos no couro cabeludo suado dele. — Talvez não nos reste escolha senão fazer as coisas à moda antiga... — Continuou a tamborilar os dedos despreocupadamente na cabeça dele enquanto observava a bandeja de instrumentos na mesa. — Você é sensível?

— Por que. Isso está... acontecendo comigo. — A pergunta foi apenas retórica, ele não esperava uma resposta para o sussurro débil. De todo modo, ela lhe respondeu:

— Porque isso é o que acontece quando se planeja espalhar um vírus de gripe letal em quatro estados americanos, com potencial para matar *um milhão* de cidadãos americanos. O governo americano desaprova esse tipo de comportamento. E me mandaram obrigar você a falar.

Os olhos dele focaram nos dela, o terror de repente sendo superado pelo choque.

— Que. *Verdadeiro*. *Inferno!*

— Sim, é terrível, apavorante e perverso, eu sei.

— Alex, sério, isso é loucura! Acho que você está com algum problema.

Ela o confrontou.

— Meu problema é que você não me conta onde está o vírus. Já está com você? Ainda está com De la Fuentes? Quando será liberado? Onde?

— Isso é loucura. *Você é* louca!

— Eu provavelmente aproveitaria bem mais a vida se isso fosse verdade. Mas estou começando a achar que mandaram a médica errada. Nós *precisamos* do médico para malucos aqui. Não sei como fazer o outro Daniel vir aqui!

— O outro Daniel?

— O que eu vejo nessas fotos!

Ela girou e pegou um punhado de fotos da mesa, esbarrando no computador com raiva ao passar.

— Olhe — disse ela, colocando-as diante do rosto dele, tirando uma depois da outra e jogando-as no chão. — É o seu corpo. — Ela bateu uma foto no ombro dele antes de deixá-la cair. — Seu rosto, está vendo? Mas não a expressão certa. Outra pessoa está olhando através dos seus olhos, Daniel, e não tenho certeza se você sabe disso.

No entanto, ali estava novamente, o reconhecimento. Ele sabia *alguma coisa*.

— Escute, por enquanto, vou me contentar com que você me conte apenas o que vê nesta foto.

Ela ergueu a primeira foto do bolo, o Outro Daniel esquivando-se na porta dos fundos de um bar mexicano. Ele olhou para ela, angustiado.

— Não posso... explicar... não faz sentido.

— Você vê algo que eu não vejo. O que é?

— Ele... — Daniel tentou balançar a cabeça, mas mal se moveu, de tão fatigados que estavam seus músculos. — Ele se parece com...

— Com você.

— Não — sussurrou ele. — Quer dizer, sim, claro que ele se parece comigo, mas consigo notar as diferenças.

O jeito como ele falou. *Claro que ele se parece comigo*. A sinceridade transparente novamente; mas alguma coisa ainda retida...

— Daniel, você sabe quem ele é? — Uma pergunta de verdade dessa vez, sem sarcasmo, não retórica. Ela não estava bancando (mal) a psiquiatra agora.

Pela primeira vez desde que o interrogatório começara, sentiu que estava realmente descobrindo algo.

— Não pode ser — disse ele baixinho, fechando os olhos menos por exaustão e mais para não ver aquela foto, pensou ela. — É impossível.

Ela se inclinou para a frente.

— Me diga — murmurou.

Ele abriu os olhos e a encarou de maneira inquisitiva.

— Tem certeza? Ele vai *matar* pessoas?

Tão natural a opção dele por usar a terceira pessoa.

— Centenas de milhares de pessoas, Daniel — prometeu ela, tão séria quanto ele. Também usou a terceira pessoa: — Ele tem acesso a um vírus mortal e vai espalhá-lo a mando de um chefe do tráfico psicopata. Ele já tem hotéis reservados... no seu nome. Fará isso em três semanas.

— Não acredito — sussurrou.

— Também não quero acreditar. Esse vírus... é bem ruim, Daniel. Vai matar muito mais gente do que uma bomba. Não há como controlar a forma como ele se alastra.

— Mas *como* ele poderia fazer isso? *Por quê?*

Nesse ponto, ela estava quase sessenta e cinco por cento convencida de que não estavam falando sobre uma das múltiplas personalidades de Daniel.

— É muito tarde para isso. Só o que importa agora é detê-lo. Quem ele é, Daniel? Me ajude a salvar essas pessoas inocentes.

Um tipo diferente de agonia contorceu suas feições. Ela já havia visto isso antes. Se fosse outro alvo, ela saberia que o seu desejo por se manter leal estava em conflito com o desejo de evitar mais tortura. No caso de Daniel, ela preferia achar que a batalha era entre lealdade e querer fazer a coisa certa.

Na perfeita quietude da noite, enquanto esperava pela resposta dele, através da espuma que só deixava passar ruídos fracos, ela claramente ouviu um pequeno avião turbo-hélice acima deles. Bem perto.

Daniel olhou para o alto.

O tempo passou mais devagar enquanto ela analisava.

Daniel não parecia surpreso ou aliviado. O barulho não lhe pareceu sinalizar nem resgate nem ataque. Ele apenas o percebeu, como quem percebe um alarme de carro disparado. Nada relevante para ele, apenas uma distração momentânea.

Parecia que ela estava se movendo em câmera lenta quando deu um salto e correu para a mesa para pegar a seringa de que precisava.

— Você não precisa fazer isso, Alex — disse Daniel, resignado. — Eu vou falar.

— Shh — sussurrou ela, inclinando-se por cima da cabeça dele enquanto injetava a droga; dessa vez no acesso do soro. — Agora só vou colocá-lo para

dormir. — Ela deu tapinhas na bochecha dele. — Sem dor, prometo.

Um brilho de compreensão se revelou em seus olhos quando ele ligou o som ao comportamento dela.

— Nós estamos em perigo? — sussurrou de volta.

Nós. Hum. Outra escolha de pronome interessante. Ela nunca tivera um alvo como este antes.

— Não sei se *você* está em perigo — retrucou ela enquanto os olhos dele se fechavam. — Mas eu com certeza estou.

Houve um impacto violento, não logo do lado de fora do celeiro, mas perto demais para o gosto dela.

Ela colocou a máscara de gás no rosto dele, depois vestiu a sua e aparafusou o cilindro. Dessa vez não era treinamento. Ela deu uma olhada no computador — ainda faltavam cerca de dez minutos. Não tinha certeza se era suficiente, então apertou a barra de espaço. Depois apertou um botão na caixinha preta, e a luz na lateral começou a piscar depressa. Quase como um reflexo, cobriu Daniel de novo com o cobertor.

Apagou as luzes, de modo que o aposento ficou iluminado apenas pelo brilho branco da tela do computador, e saiu da tenda. Dentro do celeiro, tudo estava escuro. Ela tateou, com as mãos estendidas, até encontrar a bolsa perto da cama dobrável e, guiada pelos anos de prática, montou às cegas todo o seu aparato de segurança facilmente acessível. Enfiou o revólver na parte da frente do cinto. Pegou uma seringa na bolsa, espetou-a na coxa e apertou o êmbolo. Preparada na medida do possível, engatinhou até o canto nos fundos da tenda e se escondeu onde sabia que estaria a sombra mais profunda caso alguém entrasse com uma lanterna. Pegou o revólver, tirou a trava de segurança e o segurou com as mãos. Depois encostou a orelha na junção da tenda e apurou os ouvidos, esperando alguém abrir a porta ou uma janela do celeiro, e morrer.

Durante os vagarosos segundos de espera, sua mente disparou em mais análises.

Não era uma grande operação chegando para capturá-la. Nunca uma equipe de extração ou de eliminação que se preze anunciaria sua chegada com um avião barulhento. Havia formas melhores, formas mais silenciosas. E, se fosse uma equipe grande, estilo SWAT, enviada atrás dela sem instruções específicas, apenas abrindo caminho de repente, teria vindo de helicóptero. Pelo som, o avião parecia bem pequeno — três lugares no máximo, provavelmente dois.

Se mais uma vez um assassino solitário estivesse vindo pegá-la, como sempre fora o caso, ela não sabia o que esse cara achava que estava fazendo. Por que ele se anunciaria? O avião barulhento era a atitude de alguém que não tinha muitos recursos e estava com muita pressa, alguém para quem o tempo era muito mais importante do que uma ação camuflada.

Quem seria? Não era De la Fuentes.

Antes de tudo, um pequeno avião turbo-hélice não parecia o *modus operandi* de um chefe do tráfico. Ela imaginava que, com De la Fuentes, haveria uma frota de utilitários pretos e uma porção de assassinos com metralhadoras.

Além disso, ela tinha um pressentimento sobre aquele alvo.

Não, ela não era um detector de mentiras. Bons mentirosos, mentirosos profissionais, podiam enganar qualquer um, ser humano ou máquina. O trabalho dela nunca fora adivinhar a verdade a partir de contradições intrincadas ou de olhares evasivos do alvo. O trabalho dela era quebrar o alvo até não restar nada, a não ser carne submissa e uma história. Ela não era a melhor porque conseguia discernir a verdade da mentira; era a melhor porque tinha um talento natural para avaliar as capacidades do corpo humano e era um gênio com uma proveta. Ela sabia exatamente quanto um corpo poderia aguentar e como levá-lo até esse ponto.

Então, pressentimentos não eram o seu forte, e ela não se lembrava da última vez que havia sentido algo assim.

Ela acreditava que Daniel estava falando a verdade. Era por isso que esse exercício com ele a incomodava tanto — porque ele não estava mentindo. Não era De la Fuentes vindo atrás dele. Ninguém estava vindo atrás de Daniel porque ele não era nada além do que dizia ser: um professor de inglês e de história e um técnico de vôlei. Quem quer que estivesse chegando estava atrás dela.

Por que agora? Será que o departamento a estava rastreando o dia inteiro e só a encontrara agora? Será que estavam tentando salvar a vida de Daniel, tendo percebido tarde demais que ele não era o cara?

Sem chance. Eles teriam sabido disso antes de armar tudo. Tinham acesso a informações demais para serem enganados assim. O arquivo não era de todo falso, mas *havia sido* manipulado. Eles *queriam* que ela pegasse a pessoa errada.

Por um momento, sentiu uma onda de náusea. Ela tinha torturado um homem inocente. Logo afastou esse pensamento. Teria tempo para arrepender-se depois, se ela não morresse.

Mais uma vez, as colunas deram uma reviravolta. Armadilha elaborada, não uma crise real. Embora acreditasse que a situação com De la Fuentes fosse verdadeira, ela não mais acreditava que era tão urgente como lhe tinham dito. *Tempo* era o menor e mais fácil componente de se mudar em um arquivo; o prazo apertado era uma distorção. Apostas baixas novamente — apenas a própria vida para salvar. E talvez a de Daniel se desse.

Tentou afastar o pensamento — que quase pareceu um presságio — de que sua amostra de algum modo havia dobrado. Não precisava do peso extra.

Talvez outra pessoa — aquele garoto brilhante e acima de qualquer suspeita que ficara com o lugar dela no departamento — estava trabalhando no terrorista verdadeiro agora. Talvez eles não achassem que ela ainda tinha a habilidade para conseguir o que queriam. Mas por que envolvê-la naquilo tudo, então? Talvez o

terrorista estivesse morto, e eles quisessem um bode expiatório. Talvez eles tivessem descoberto esse sósia semanas antes e o tivessem mantido de reserva. Consiga que a Química faça alguém confessar *algo* e feche com chave de ouro uma situação ruim?

No entanto, isso não explicaria o visitante.

Deviam ser quase cinco da manhã. Talvez fosse apenas um fazendeiro que gostava de começar o dia cedo e conhecia a área tão bem que não se importasse de voar sem radar no meio de um monte de árvores altas no breu da noite e apreciasse uma aterrissagem colidindo com o solo por pura adrenalina...

Dava para ouvir a respiração áspera de Daniel através do filtro da máscara de gás. Ela se questionou se agira certo deixando-o dopado. Ele estava tão... exposto. Desamparado. O departamento já havia demonstrado quão preocupado estava com o bem-estar de Daniel Beach. E ela o havia deixado amarrado e indefeso no meio do aposento, uma presa fácil. Ela tinha uma dívida com ele. Mas sua primeira reação foi neutralizá-lo. Sabia que não teria sido seguro soltá-lo. Claro que ele a teria atacado, tentado se vingar. Caso se tratasse de força bruta, ele estaria em vantagem. E ela não queria ter que envenená-lo ou atirar nele. Pelo menos dessa maneira, a morte dele não seria sua responsabilidade.

Ela ainda se sentia culpada, a presença vulnerável dele na escuridão criando preocupações na periferia da mente dela, como lixa no algodão, roubando parte de sua concentração.

Tarde demais para ficar remoendo.

Ela ouviu o som abafado de movimento do lado de fora. O celeiro era rodeado por arbustos com folhagem densa, farfalhante. Alguém estava neles agora, olhando através das janelas. E se ele simplesmente invadisse o celeiro pela lateral disparando uma Uzi? Obviamente não estava preocupado com barulho.

Será que ela deveria baixar a mesa cirúrgica, baixar Daniel para o caso de a tenda ser cravada de balas? Ela havia lubrificado bem a base ajustável, mas não tinha certeza se não rangeria.

Correu para a mesa e girou a manivela, baixando-a o mais depressa que conseguiu. Houve um rangido baixo, grave, mas ela achou que não poderia ser ouvido do lado de fora do celeiro, muito menos através da barreira de espuma. Correu de volta para o seu canto e apurou os ouvidos.

Mais farfalhar. Ele estava em outra janela, do outro lado do celeiro. Os fios das armadilhas que ela havia montado eram discretos, mas não invisíveis. Com sorte, ele só estaria procurando um alvo do lado de dentro. Será que tinha passado pela casa primeiro? Por que não havia entrado?

Barulhos do lado de fora vindo de outra janela.

Apenas abra, pensou ela consigo mesma. *Arraste-se para dentro.*

Um som que ela não entendeu — um sibilo, seguido por um tinido pesado

vindo de cima. Depois um *tump*, *tump*, *tump* tão alto que o celeiro pareceu balançar. Ela primeiro achou que eram pequenos explosivos, então automaticamente se acocorou em uma posição de proteção, mas, no segundo seguinte, percebeu que não era *tão* alto assim, era apenas o contraste com o silêncio anterior. Não havia som de nada quebrando — nenhum vidro se despedaçando nem metal se partindo. Será que a reverberação seria suficiente para romper as conexões em volta das janelas e da porta? Ela achava que não.

Então percebeu que as batidas na parede estavam vindo *de cima*, até que pararam. Sobre ela.

Problema enorme: o invasor estava vindo pelo telhado.

Ela ficou de pé em um segundo, de olho na junção da tenda. Ainda estava escuro demais para ver alguma coisa. Acima dela, o som de um maçarico. O intruso também tinha um.

Toda a preparação dela estava dando errado. Olhou outra vez para Daniel. Ele estava com a máscara de gás, ficaria bem. Então ela disparou para o maior espaço do celeiro, inclinada e com os braços esticados para tirar os objetos que estivessem no caminho; moveu-se o mais depressa que pôde em direção ao fraco luar que se infiltrava pela janela mais próxima. Teria de passar por baias de ordenha de leite, mas ela achava que se lembrava da rota mais fácil. Irrompeu no espaço aberto entre a tenda e as baias, meio que correndo, e tocou em um equipamento de ordenha. Ela se esquivou dele e tentou chegar à janela...

Algo tremendamente duro e pesado a derrubou de cara no chão, deixando-a sem fôlego e prendendo-a. O revólver voou na escuridão. A cabeça dela bateu com força no concreto. Pontos brilhantes pipocaram em sua visão.

Alguém a agarrou pelos pulsos e a puxou por trás, torcendo-os depois com violência para o alto até ela achar que estava a ponto de deslocar os ombros. A nova posição forçou o ar para fora, fazendo-a soltar um grunhido. Os polegares logo giraram os anéis nos dedos anulares das mãos, expondo os espetos embutidos.

— O que é isso? — perguntou a voz de um homem diretamente acima dela: sotaque americano genérico. Ele mudou o jeito de segurá-la e agora prendia os pulsos com apenas uma mão. Com a outra, arrancou-lhe a máscara de gás. — Então talvez não seja uma mulher-bomba, afinal. Deixe-me adivinhar, esses fios não estão conectados a cargas explosivas, não é?

Ela se contorceu embaixo dele, girando os pulsos, tentando fazer com que os anéis tocassem a pele dele.

— Pare com isso — ordenou, golpeando a parte de trás da cabeça dela com algo duro, provavelmente a máscara de gás, e seu rosto bateu com força no chão. Ela sentiu o lábio cortado e gosto de sangue.

Ela se preparou. Com tão pouco espaço, provavelmente seria uma lâmina rasgando a artéria carótida. Ou um fio em volta do pescoço. Ela torcia para que

fosse a lâmina. Não sentiria a dor do corte — não com a dextroanfetamina especialmente desenvolvida que corria em suas veias no momento —, mas era provável que sentiria o estrangulamento.

— Levante.

O peso em suas costas foi tirado, e ela foi erguida pelos pulsos. Apoiou os pés no chão o mais depressa que pôde para eliminar a pressão das articulações dos ombros. Precisava manter os braços utilizáveis.

O invasor estava atrás dela, mas dava para ver, pela altura de onde vinha sua respiração, que era um homem alto. Ele a puxou pelos pulsos até ela ficar nas pontas dos pés, lutando para manter contato com o chão.

— Tudo bem, baixinha, agora você vai fazer uma coisa para mim.

Ela não tinha o treinamento necessário para vencê-lo numa luta, tampouco tinha força para se libertar. Podia apenas tentar usar as opções que havia preparado.

Deixou o peso do corpo ceder precariamente sobre os ombros tensionados por um segundo enquanto chutava o chão com a ponta do sapato esquerdo com pressão suficiente para fazer liberar o estilete do salto (a lâmina frontal estava no sapato direito). Então golpeou desajeitadamente na direção de onde as pernas dele deveriam estar. O intruso desviou com um pulo, afrouxando a mão o bastante para que ela se libertasse e girasse, a mão esquerda voando para dar um tapa. Ele era alto demais; ela não acertou o rosto, e o espeto no anel se quebrou ao atingir algo rígido no peito dele: uma armadura. Ela cambaleou para trás, para longe do golpe que podia ouvir chegando, mas não ver — suas mãos estavam estendidas, tentando tocar a pele desprotegida do homem.

Algo cortou as pernas dela bem embaixo. Ela caiu no chão e rolou para longe, mas ele voltou para cima dela. Agarrou-a pelo cabelo e bateu seu rosto no concreto de novo. O nariz dela estalou e o sangue encharcou seus lábios e queixo.

Ele se abaixou para falar no ouvido dela:

— Acabou o recreio, querida.

Ela tentou dar uma cabeçada nele. A parte de trás da cabeça dela acertou algo, mas não um rosto — metálico, cones irregulares...

Óculos de visão noturna. Por isso ele conseguia controlar a luta tão bem.

Ele deu um tapa na parte de trás da cabeça dela.

Se pelo menos ela estivesse com os brincos.

— Sério, pare. Olhe, eu vou sair de cima de você. Posso ver você, mas você está às cegas. Estou armado e vou atirar no seu joelho se tentar mais algum truque estúpido, está bem?

Enquanto falava, ele tirou os sapatos dela com a mão, um depois do outro. Não checou os bolsos dela, então ela ainda tinha as lâminas de bisturi e as agulhas no cinto. Ele saiu de cima dela. Ela o escutou se afastar e tirar a trava de segurança da arma.

— O que você... quer que eu faça? — perguntou na sua melhor voz-de-menininha-assustada. O lábio cortado ajudou. Ela imaginava que seu rosto estava pavoroso. Iria doer horrores quando o efeito das drogas passasse.

— Desarme as armadilhas e abra a porta.

— Preciso — funga, funga — que as luzes estejam acesas.

— Sem problema. Ia mesmo trocar os óculos de visão noturna pela sua máscara de gás.

Ela baixou a cabeça, tentando esconder sua expressão. Uma vez que ele colocasse a máscara, noventa por cento das defesas dela se tornariam inúteis.

Ela mancou — forçado demais? — até o painel perto da porta e acendeu as luzes. Não conseguia pensar em nenhuma outra opção no momento. Ele não a matara de imediato; isso significava que não estava sob ordens diretas do departamento. Ele devia estar cumprindo uma missão. Ela precisava descobrir o que ele queria e então retardá-lo até conseguir uma vantagem.

As más notícias eram que, se ele precisava da porta aberta, provavelmente não era apenas para ter uma rota de fuga fácil. Significava que ele tinha reforço, o que diminuía as chances dela. *Ou de Daniel*, acrescentou uma voz em sua mente. Como se ela precisasse de mais pressão. Mas Daniel estava ali por causa dela. Ela se sentia responsável por ele. Estava em dívida para com ele.

Quando ela se virou, piscando por causa do brilho das luzes do alto, o homem estava a seis metros de distância. Ele devia ter mais de um metro e noventa de altura, e a pele do seu pescoço e mandíbula era branca; porém, isso foi tudo o que ela pôde descobrir. O corpo dele estava coberto com uma peça única de corpo inteiro — quase como um traje de mergulhador, mas grossa, com placas salientes de Kevlar. Tórax, braços e pernas — todos protegidos. Ele parecia ser bem musculoso, mas parte disso poderia ser atribuída ao Kevlar. Calçava coturnos pesados, também pretos, e usava um gorro preto. O rosto estava escondido pela máscara de gás. No ombro estava pendurado um rifle de assalto — um fuzil de precisão McMillan calibre .50. Ela havia feito o dever de casa; não era difícil se tornar especialista em praticamente qualquer coisa quando se passa todo o tempo livre estudando. Entender de marcas e modelos de armas fazia com que ela soubesse muito sobre um agressor, ou um suspeito na rua que pudesse estar planejando virar um. O agressor em questão tinha mais de uma arma; levava uma pistola semiautomática com silenciador no coldre no quadril e uma SIG Sauer P220 na mão direita, apontada para o joelho dela. *Destro*, ela reparou. Não havia dúvidas de que ele poderia acertar o joelho dela daquela distância. Ela sabia que, com aquele fuzil, ele provavelmente poderia atingi-la no lugar que quisesse da distância que quisesse.

A aparência dele lhe lembrava a do Batman, mas sem a capa. Além disso, ela achava que se lembrava de algo sobre o Batman nunca usar armas. Apesar de que, se ele as usasse, levando em conta seu gosto e habilidade, provavelmente

escolheria aquelas.

Se ela não conseguisse fazer com que aquele assassino tirasse a máscara, não importaria quantos amigos supersoldados estivessem esperando por ele do lado de fora. Ele não hesitaria em matá-la quando conseguisse o que queria.

— Desarme suas ligações.

Ela fingiu uma rápida tontura enquanto mancava até a porta do celeiro, tentando ganhar o máximo de tempo possível para pensar. Quem iria querê-la viva? Será que ele era uma espécie de caçador de recompensas? Será que achava que poderia vendê-la de volta ao departamento? Se eles tivessem oferecido uma recompensa por ela, com certeza não pediriam menos do que sua cabeça. Seria então um chantageador-barra-caçador-de-recompensas*? Eu tenho o que vocês querem, mas vou soltá-la viva, de volta à luta, se não dobrarem o prêmio*. Astuto. O departamento sem dúvida pagaria.

Essa foi a melhor conjetura que pôde formular até chegar à extremidade da porta.

O sistema não era complicado. Havia três séries de dispositivos para cada área de acesso. A primeira estava do lado de fora, nos arbustos à esquerda da porta do celeiro, escondida sob uma fina camada de terra. Depois havia o fio detonador que passava pela junção onde a porta se abria, conectado de maneira frouxa o suficiente para se romper com o mais leve puxão. A terceira era o dispositivo de segurança, enfiado embaixo de painéis de madeira ao lado da porta; seus fios expostos estavam separados por dois centímetros e meio de distância. A corrente só ficava estável se pelo menos duas das conexões estivessem ligadas. Ela ficou pensando se deveria fazer o processo parecer mais complicado do que de fato era, mas decidiu que não tinha sentido. Ele só precisaria observar a instalação por alguns segundos para entendê-la.

Ela amarrou bem apertado as pontas do terceiro dispositivo e depois recuou.

— Está... desligado. — Ela fez sua voz falhar no meio das palavras. Tinha esperanças de que ele compraria a ideia de que havia vencido a luta.

— Você faria as honras? — sugeriu ele.

Ela foi mancando até o outro lado da porta e então a abriu, já fixando o olhar na escuridão onde supunha que estariam as cabeças negras dos companheiros do invasor. Não havia nada além do sítio ao longe. Então ela baixou o olhar e ficou paralisada.

— O que é *aquilo*? — sussurrou.

Na verdade, não era uma pergunta para ele, era apenas uma expressão do choque dela.

— Aquilo — respondeu ele em um tom de voz que só poderia ser descrito como irritantemente presunçoso — são cinquenta e cinco quilos de músculos, presas e dentes.

Ele deve ter feito algum tipo de sinal — ela não viu, pois seus olhos estavam

fixos no "reforço" dele —, porque o animal disparou para ficar ao lado do homem. Parecia um pastor-alemão, um bem grande, mas não tinha a cor que ela associava à raça. Era negro retinto. Será que poderia ser um lobo?

— Einstein — disse ele ao animal, que olhou para cima, alerta. Ele apontou para ela, e a palavra seguinte era inegavelmente um comando. — Controlar!

O cão — lobo? — correu na direção dela, pronto para o ataque. Ela recuou até encostar na porta do celeiro, com as mãos para cima. O cão se preparou, o focinho a poucos centímetros da barriga dela, a boca aberta expondo caninos brancos longos e afiados. Um rosnado baixo e retumbante começou a surgir no fundo da garganta dele.

Intimidar teria sido uma palavra mais apropriada para o comando.

Ela pensou em tentar enfiar um dos espetos do anel na pele do cachorro, mas duvidou que fossem longos o bastante para atravessar o pelo espesso. E não parecia que a criatura fosse ficar lá sentada, deixando que ela a acariciasse.

O pretenso Batman relaxou um pouco, ou pelo menos foi o que ela achou. Era difícil ter certeza sobre o que seus músculos estavam fazendo embaixo da armadura.

— Muito bem, agora que quebramos o gelo, vamos conversar.

Ela esperou.

— Onde está Daniel Beach?

Ela sentia o choque estampado no rosto por mais que tentasse reprimi-lo. Todas as suas teorias rodopiaram novamente e viraram de cabeça para baixo.

— Me responda!

Ela não sabia o que dizer. Será que o departamento queria que Daniel morresse primeiro? Certificar-se de que todos os detalhes estavam bem resolvidos? Ela pensou em Daniel, exposto e inconsciente no meio da tenda — não exatamente um bom esconderijo — e ficou enjoada.

Batman andou com raiva até ela. O cão reagiu, se movendo para o lado com o intuito de permitir que o homem se aproximasse enquanto o rosnado do animal ficava mais alto. O homem empurrou bruscamente o cano do SIG Sauer para baixo da mandíbula dela, fazendo sua cabeça bater na porta do celeiro.

— Se ele estiver morto — sibilou o homem —, você vai desejar que também estivesse. Vou fazer você *implorar* para que eu mate você.

Ela quase bufou. Esse assassino provavelmente bateria nela algumas vezes — talvez, se tivesse alguma criatividade, a cortasse um pouco — e depois atiraria. Ele não fazia ideia de como provocar e manter uma dor genuína.

Mas as ameaças lhe disseram uma coisa: pelo visto ele queria Daniel vivo. Então eles tinham isso em comum.

De qualquer modo, resistir era algo contraproducente àquela altura. Ela precisava que ele pensasse que ela estava fora do jogo. Precisava que ele relaxasse a guarda. E tinha que voltar ao seu computador.

— Daniel está na tenda. — Ela apontou com o queixo, mantendo os braços erguidos. — Ele está bem.

Batman pareceu ponderar sobre isso por um instante.

— Tudo bem, damas primeiro. Einstein — vociferou. — Levar.

Ele apontou para a tenda. O cão latiu em resposta e ficou ao lado dela, encostando o focinho na sua coxa e dando uma mordiscada.

— Ai! — reclamou ela, pulando para trás.

O cachorro foi para trás dela e a empurrou novamente.

— Apenas ande, devagar e com firmeza, para essa tal de tenda, e ele não vai machucar você.

Ela realmente não gostava de ser seguida pelo cão, mas continuou mancando, mantendo o ritmo compatível com o que andara fingindo. Olhou para trás para o animal a fim de ver o que ele estava fazendo.

— Não se preocupe — disse Batman, se divertindo. — As pessoas não têm um gosto muito bom. Ele não *quer* comer você. Só vai fazer isso se eu mandar.

Ela ignorou a provocação e foi lentamente até o ponto de acesso encoberto.

— Segure a ponta aberta para que eu possa ver lá dentro — instruiu ele.

A lona estava rígida com as camadas de espuma. Ela a enrolou para trás o máximo que conseguiu. Estava bem escuro no interior. A tela do computador exalava um brilho branco na escuridão; os monitores, verde-musgo. Como ela conhecia as formas, notou Daniel embaixo do cobertor, a apenas trinta centímetros do chão, o peito subindo e descendo calmamente.

Houve um longo período de silêncio.

— Você quer... que eu acenda... as luzes? — perguntou ela.

— Segure aí.

Ela o sentiu se aproximando por trás e então o frio círculo do cano da arma pressionou sua nuca, na linha do cabelo.

— O que é isso? — murmurou ele.

Ela ficou completamente imóvel enquanto os dedos enluvados dele tocavam a pele perto da arma. A princípio, ela ficou confusa, mas depois percebeu que ele havia reparado na cicatriz.

— Hum — grunhiu, e baixou a mão. — Tudo bem, onde fica o interruptor?

— Na mesa.

— Onde está a mesa?

— A cerca de três metros para dentro, do lado direito. Na direção da tela do computador.

Será que tiraria a máscara de gás e colocaria os óculos novamente?

A pressão da arma desapareceu. Ela o sentiu passando por trás, embora o focinho do cachorro ainda pressionasse seu traseiro.

Um barulho rastejante chiou pelo chão. Ela baixou o olhar e notou o grosso fio preto da luminária mais próxima passar chicoteando pelo seu pé. Ouviu o barulho

quando ela caiu, mas não escutou nenhum vidro se partindo.

Ele passou arrastando a luminária, depois apertou o interruptor. Por uma fração de segundo, se permitiu ter esperança de que a lâmpada havia quebrado, mas logo a luz bruxuleou, ganhando vida.

— Controlar — ordenou ele ao cão.

O rosnado recomeçou, e ela se manteve imóvel.

Iluminando o caminho à frente, ele entrou na tenda. Ela observou o vasto feixe de luz percorrer as paredes e depois se assentar na forma no centro.

Ele entrou no quarto, deslizando com passos sinuosos totalmente em silêncio. Sem dúvida era um homem de muitas habilidades. Ele rodeou o corpo que estava no chão, conferindo as extremidades e provavelmente procurando por armas antes de se concentrar em Daniel. Agachou-se, retirou o cobertor, examinou as amarras ensanguentadas e o soro, seguiu os sensores dos monitores e então os observou por um instante. Abaixou a luz, posicionando-a em um ângulo para o teto a fim de conseguir ampliar o raio de iluminação ao máximo. Por fim, esticou as mãos, retirou cuidadosamente a máscara de gás do rosto de Daniel e a colocou no chão.

— Danny. — Ela o ouviu sussurrar.

CAPÍTULO 8

Batman arrancou a luva preta da mão direita, pressionou dois dedos na carótida de Daniel e inclinou-se para escutar a respiração dele. Ela observou a mão do seu agressor: pele clara, dedos tão compridos que quase pareciam ter uma junta a mais. Pareciam... íntimos.

Batman sacudiu de leve o ombro de Daniel e perguntou, mais alto:

— Danny?

— Ele está sedado — adiantou ela.

O rosto do homem se voltou rapidamente em sua direção, e, embora não pudesse ver, Alex sentia o olhar dele fixo nela. De repente, ele ficou de pé e se jogou para cima dela. Agarrou-a pelos braços, erguendo-os acima da cabeça, ao mesmo tempo que aproximava o rosto mascarado do dela.

— O que você fez com ele? — gritou Batman.

A preocupação dela com a segurança de Daniel passou. *Danny* ficaria bem. A pessoa com quem precisava se preocupar era ela mesma.

— Não há nada de errado com ele — respondeu calmamente, abandonando o papel de donzela ferida. — Ele vai acordar da sedação em aproximadamente duas horas, sentindo-se bem. Posso despertá-lo antes, se quiser.

— Não parece — grunhiu.

Os dois se encararam de forma desafiadora por alguns segundos, desafio que ela não tinha certeza se ganhara ou perdera. Via apenas o próprio rosto refletido na máscara do sujeito.

— Muito bem — disse ele. — Vamos situar você.

Com um movimento suave, ele prendeu as mãos dela nas costas. Com a mão direita, sem luva, mantinha seus pulsos presos e apertados; a esquerda provavelmente segurava o revólver. Ele a forçou a entrar no cômodo, seguindo em direção à cadeira dobrável perto da mesa, e ela o acompanhou docilmente. O bafo quente e pesado do cão estava próximo, vindo logo atrás.

Ela tinha quase setenta por cento de certeza de que poderia retorcer a mão em uma posição que faria os pequenos espetos do anel entrarem diretamente em contato com a pele dele, mas não tentou. Era um risco e ela queria Batman vivo. Havia uma grande lacuna em seu entendimento do que estava acontecendo, e ele teria pelo menos algumas respostas de que ela precisava. Então puxou com cuidado o disfarce para tapar os pequenos espetos do anel.

Ela não ofereceu resistência quando ele a colocou sentada na cadeira, sem muita gentileza. Puxou as mãos dela para a frente e as amarrou juntas.

— Tenho a impressão de que você é o tipo de pessoa em quem devo ficar de olho nas mãos — murmurou ele enquanto se abaixava para atar os tornozelos dela aos pés da cadeira.

Durante todo o tempo, o rosto do cão estava diante do dela, sem piscar. Algumas gotas de saliva morna caíram e ensoparam sua manga. *Nojento.*

Ele amarrou os cotovelos de Alex no encosto da cadeira e se levantou, inclinando-se na direção dela, sombrio e ameaçador. O cano comprido da arma com silenciador estava a apenas alguns centímetros da testa dela.

— O interruptor que acende a luz de cima fica bem ali.

Ela fez um gesto brusco com o queixo para indicar a régua de extensão na extremidade da mesa. Dois fios de extensão normais estavam conectados ali.

Ele olhou naquela direção, e ela imaginou que ele estivesse considerando com cautela os interruptores.

— Escute, qualquer coisa que possa matar você, vai me matar primeiro — assinalou ela.

Ele resmungou, depois se inclinou para o outro lado e esmurrou o interruptor da luz.

As luzes de cima se acenderam.

De repente, a tenda parecia menos ameaçadora. Com todo o equipamento médico, poderia ser uma tenda de atendimento em uma zona de guerra. Com exceção dos objetos de tortura na bandeja, obviamente. Ela viu o rosto dele se virar para lá.

— Acessórios — explicou ela.

Ela sentiu outra vez seu olhar intenso. Ele deu mais uma olhada em Daniel, nu e claramente intacto na mesa de cirurgia. Seu foco se voltou para ela.

— O que é aquela luz piscante? — perguntou, fazendo um gesto para a caixinha preta com o teclado.

— Está me informando que a porta está desbloqueada — mentiu com um tom de voz neutro.

Na verdade, a caixa não estava ligada a nada. Não passava de uma boa isca para distrair da verdadeira armadilha.

Ele assentiu, aceitando a resposta, depois se inclinou para examinar o computador. Não havia documentos abertos, nenhum arquivo na área de trabalho. A tela só exibia uma figura geométrica em tons claros, quadradinhos brancos sobre um campo cinzento um pouco mais escuro.

— Onde estão as chaves?

Ele fez um gesto com a cabeça na direção de Daniel.

— Coladas com fita adesiva no fundo da mesa de trabalho.

Ele parecia observá-la através da máscara.

Ela se esforçava para parecer calma e dócil. *Tire a máscara, tire a máscara, tire a máscara*, rezava em silêncio.

Ele chutou a cadeira onde ela estava.

Ela manteve o pescoço firme enquanto a coxa e o braço esquerdos atingiram o chão com força. Foi capaz apenas de evitar que a cabeça batesse novamente no concreto. Não tinha certeza se já sofrera uma concussão, e realmente precisava que seu cérebro funcionasse em perfeitas condições.

Ele agarrou o encosto da cadeira e a colocou ereta. Segurava as chaves na mão direita.

— Isso não era necessário — disse ela.

— Einstein, controlar.

Rosnando bem próximo ao rosto dela, mais saliva pingando em seu peito.

Batman deu meia-volta e rapidamente destrancou as correntes de Daniel.

— O que tem no acesso?

— Soro fisiológico na bolsa de cima, nutrientes na de baixo.

— Sério? — perguntou com sarcasmo. — O que acontece se eu puxar os tubos?

— Ele vai precisar beber alguma coisa quando acordar. Mas não use as garrafas de água no lado esquerdo do frigobar fora da tenda. Contêm veneno.

Ele se virou, tirando a máscara para encará-la mais intensamente enquanto puxava o gorro ao mesmo tempo.

Iiiisso!

Ela não exibiu uma expressão de alívio quando ele deixou a máscara cair no chão.

— Você mudou suas táticas — observou ele acidamente, passando a mão livre pelo cabelo úmido e curto. — Ou será que as garrafas da direita é que estão envenenadas?

Ela olhou tranquilamente para ele.

— Achei que você fosse outra pessoa.

E então ela *olhou* de verdade para ele.

Naquele momento, ela não tinha recursos para evitar uma reação visível em seu rosto. Todas as teorias rodopiaram novamente, e uma porção de coisas se encaixaram nos eixos.

Ele deu um sorriso irônico, percebendo o que ela estava vendo.

Tantas pistas que ela não havia percebido...

As fotos que *eram* de Daniel, mas ao mesmo tempo *não eram*.

Os furos no arquivo sobre a história de Daniel, as fotos que estavam faltando.

Tempo, datas, *datas de nascimento* — as pequenas alterações mais fáceis de fazer se alguém quisesse esconder alguma coisa.

A estranha hesitação de Daniel em acreditar no que estava vendo enquanto observava as fotos do espião.

Seus conflitos em se manter leal.

Aqueles dedos compridos, muito compridos.

— O outro Daniel — sussurrou ela.

O sorriso desapareceu.

— Hein?

Ela soltou o ar com força e revirou os olhos. Não deu para evitar. Era tudo muito parecido com uma das novelas ridículas a que sua mãe assistia. Lembrou-se da frustração de cada feriado que ela e a mãe passavam juntas, as tardes perdidas para os dramas implausíveis, inacreditavelmente lentos. Ninguém nunca morria de verdade; todo mundo voltava. E ainda havia os gêmeos. Sempre os gêmeos.

Batman realmente não se parecia tanto assim com Daniel, em se tratando de gêmeos idênticos. Os traços de Daniel eram refinados, e seu aspecto geral, delicado. Batman era anguloso e cheio de expressões contidas. Seus olhos castanho-claros pareciam mais escuros, talvez apenas porque as sobrancelhas eram mais caídas, formando uma sombra. O cabelo tinha a mesma cor e os mesmos cachos, mas fora cortado rente, como era de se esperar de um agente. A julgar pelo pescoço mais grosso, ela podia adivinhar que Batman era mais malhado, diferentemente da compleição esportiva de Daniel. Não avantajada com exagero, ou ele não seria capaz de se passar pelo irmão nas fotos. Apenas mais rígida, mais definida.

— Kevin Beach — disse ela em tom neutro. — Você está vivo.

Ele se sentou na beirada da mesa. Enquanto seus olhos o seguiam, ela não os deixou fixar nem por um segundo no relógio do computador bem perto do cotovelo dele.

— Quem você estava esperando?

— Eu tinha alguns palpites. Todos incluíam tanto eu quanto seu irmão mortos. — Balançou a cabeça. — Não posso acreditar que caí nessa história.

— Qual história?

— Daniel nunca encontrou De la Fuentes, não é? Sempre foi você.

O rosto dele, que tinha começado a relaxar, de repente se retesou de novo.

— O quê?

Ela indicou as fotos espalhadas pelo chão. Ele parecia notá-las pela primeira vez. Inclinou-se para examinar uma delas e se agachou para pegá-la. Depois a que estava embaixo dela e a seguinte. Amassou-as com a mão.

— *Onde você conseguiu isso?*

— Foi uma gentileza de um pequeno departamento que trabalha para o governo americano... inteiramente à margem da lei. Já fui funcionária deles. E me pediram para fazer um serviço freelance.

O rosto dele se contorceu, escandalizado.

— Isso é altamente sigiloso!

— Você não acreditaria até que ponto tenho autorização para acessar dados sigilosos.

Aproximando-se, ele agarrou a parte da frente da camiseta dela e a levantou com a cadeira alguns metros acima do chão.

— Quem é você?

Ela se manteve calma.

— Vou lhe contar tudo o que sei. Fui enganada e estou tão feliz quanto você com isso.

Ele a colocou no chão de novo. Ela queria calcular de cabeça, marcar o tempo, mas tinha medo de que ele notasse a distração. Ele permanecia diante dela, com os braços cruzados.

— Qual é o seu nome?

Ela falou o mais lentamente possível para poder ganhar tempo:

— Eu costumava me chamar Dra. Juliana Fortis, mas agora há um atestado de óbito com este nome. — Ela observou o rosto do homem para descobrir se essa informação provocava alguma reação nele; não provocou, pelo visto. — Eu trabalhava sob a direção do departamento... que nem tem nome. Nem existe oficialmente. Os funcionários de lá trabalhavam com a CIA e alguns outros programas de operações sigilosas. Eram especialistas em interrogatório.

Ele se recostou na beirada da mesa.

— Três anos atrás, alguém resolveu eliminar dois ativos-chave do departamento. Ou seja, eu e meu mentor, o Dr. Joseph Barnaby. — Ainda nenhum sinal de reconhecimento. — Não sei por quê, apesar de nós termos acesso a informações extraordinariamente sensíveis, e imagino que o motivo tenha a ver com algo que sabíamos. Assassinaram o Dr. Barnaby e tentaram me matar. Desde então estou fugindo. Já me encontraram quatro vezes. Por três vezes, tentaram me matar. Na última, pediram desculpas.

Os olhos dele estavam semicerrados, avaliando.

— Disseram que estavam com um problema e precisavam de mim. Então me deram uma pilha de arquivos sobre o caso De la Fuentes e nomearam seu irmão como colaborador. Disseram que em três semanas Daniel estaria espalhando o supervírus por todo o Sudoeste americano. Falaram que eu tinha três dias para descobrir onde o vírus estava localizado e como evitar que De la Fuentes levasse seu plano adiante.

Ele estava balançando a cabeça.

— Disseram tudo isso para você? — perguntou, incrédulo.

— O contraterrorismo sempre foi o principal componente do meu trabalho. Sei onde estão enterradas todas as ogivas nucleares e bombas sujas.

Ele comprimiu os lábios, tomando uma decisão.

— Bom, como você já sabe os detalhes, acho que não vai afetar muito a política de vazamentos se eu contar que eliminei De la Fuentes seis meses atrás. A morte dele não é de conhecimento geral. O que restou do cartel mantém a notícia em segredo para não parecer vulnerável aos olhos dos concorrentes.

Ela ficou surpresa com o alívio que sentiu. Saber que tantas pessoas estavam destinadas a uma execução dolorosa tinha sido um peso maior do que ela se dera conta.

— Sim — falou de forma quase inaudível. — Isso faz sentido.

Aparentemente, o pessoal do departamento não era *tão* desumano assim. Eles usaram uma catástrofe para motivá-la, mas não estavam fazendo asneiras com civis ainda em perigo.

— E a Serpente?

Ele a olhou sem entender.

— Desculpe, esse foi o apelido dado pelo departamento. Os terroristas domésticos?

— Meus associados capturaram dois dos três líderes e eliminaram toda a divisão do sul. Nenhum sobrevivente.

Ela deu um sorriso tenso.

— Você é uma interrogadora — disse ele com uma voz repentinamente gélida. — Uma torturadora.

Ela ergueu o queixo.

— Sou.

— E torturou meu irmão para obter informações que ele não tinha.

— Sim. Nas fases bem iniciais, pelo menos.

Ele lhe deu uma bofetada. A cabeça dela girou para o lado, a cadeira bamboleou, e ele a empurrou com o pé.

— Você vai pagar por isso — prometeu.

Ela avaliou a mandíbula por um instante para verificar se algo estava quebrado. Quando conferiu que nada estava gravemente comprometido, respondeu:

— Não tenho certeza, mas acho que é por esse motivo que fizeram isso com ele. Por esse motivo me fizeram engolir essa história toda elaborada.

— Que motivo? — indagou entre os dentes.

— Não tiveram muito sucesso em matar. Imagino que pensaram que você faria melhor esse trabalho.

Ele cerrou o maxilar.

— Mas o que não entendo — continuou ela — é por que simplesmente não lhe *pediram* isso. Ou ordenaram, imagino. A não ser que... você não seja mais da CIA? — arriscou.

A arma tinha fornecido a pista. A partir de sua pesquisa, ela tinha quase certeza de que HDS era a arma mais usada pelos agentes da CIA.

— Se você não sabia sobre mim, como sabe onde trabalho? — questionou.

Bem no meio da pergunta, pela visão periférica ela viu o retângulo branco brilhante escurecer. Tentando deixar o gesto imperceptível, inspirou o máximo de ar pelo nariz que conseguiu.

— Me responda — grunhiu ele, erguendo a mão de novo.

Ela apenas o encarou, prendendo a respiração.

Ele hesitou, com a testa franzida, e depois seus olhos se arregalaram. Ele se abaixou para pegar a máscara.

Desmaiou antes de atingir o chão.

Outro baque: o cão havia caído, formando uma poça de pelos ao lado de sua cadeira.

Durante um teste, certa vez ela prendeu o fôlego por um minuto e quarenta e dois segundos, porém nunca mais foi capaz de repetir o feito. Geralmente ela ficava ofegante em um minuto e quinze segundos, ainda acima da média. A capacidade pulmonar se tornara uma prioridade em sua vida. Desta vez, obviamente, ela não tivera tempo de se preparar com antecedência, contudo não precisaria de mais do que um minuto.

Deu um pulo e fez a cadeira saltar por cima do corpo inerte de Batman e se empurrou para a frente, apoiando os joelhos nas costas dele. Com as mãos presas na frente era fácil... mais ou menos. Kevin Beach tinha deixado a máscara de Daniel no chão, então ela a puxou com o dedo e depois inclinou a cadeira para trás, até que todas as quatro pernas estivessem apoiadas no chão. Aproximou o rosto das mãos o máximo que conseguiu e deslizou a máscara por sua cabeça, pressionando com força a borda de borracha no rosto, para criar vedação. Com um ruído forte, soltou o ar, desobstruindo o cilindro, e então inspirou de forma hesitante.

Mesmo se um pouco do produto químico ainda estivesse presente, ela imaginava que ainda assim ficaria bem. Desenvolvera uma resistência considerável e não ficaria apagada tanto quanto as outras pessoas. No entanto, seria muito vantajoso ter um início imediato.

Ela disparou para a mesa e esfregou a tira em torno dos punhos no fio do bisturi na bandeja de acessórios. A tira se rompeu rapidamente com a pressão que ela provocava. Foi fácil cortar o restante das tiras, e logo ela ficou livre.

Em primeiro lugar, as coisas mais importantes. Ela reprogramou o protetor de tela do computador para aparecer depois de quinze minutos de inatividade.

Ela não conseguia levantar Batman do chão. Ele estava esparramado com o rosto para baixo ao lado do irmão, mas seus braços e pernas estavam próximos o suficiente de Daniel para ela usar as correntes que tinham ficado no pulso e no tornozelo esquerdos dele para prender os de Kevin. Ele havia jogado a chave negligentemente na mesa ao lado de Daniel, e ela a guardou no bolso.

Não voltou a amarrar Daniel. Talvez fosse um erro, mas já lhe causara tanto mal que parecia injusto. E, lá no fundo, ela não sentia medo dele. Outro grande erro.

Retirou as armas de Batman e removeu os cartuchos e os percutores do rifle e da HDS. Colocou a trava de segurança na SIG Sauer e a enfiou nas costas do

cinto. Ela gostava dessa arma, parecia mais séria do que a Walther PPK dela. Foi até as baias do celeiro para pegar sua pistola e a enfiou ao lado da SIG Sauer. Estava mais acostumada com sua arma. Era melhor mantê-la à mão também.

Encontrou seus sapatos, guardou as outras armas, e, ao voltar para a tenda, pegou as cintas de carga. O cão era pesado demais para ser carregado com facilidade, então ela passou as cintas em volta dele e o levou para o quartinho. A princípio, ela simplesmente fechou a porta e se afastou, afinal cães não tinham polegares opositores. Porém, um instante depois mudou de ideia. O nome do cão *era* Einstein, então vai saber do que ele era capaz... Ela procurou algo para arrastar até a frente da porta. A maior parte da maquinaria pesada estava aparafusada. Depois de alguns segundos de reflexão, contornou até o sedã prateado. Cabia perfeitamente entre a tenda e as baias. Ela o colocou diante da porta do quartinho, forçou o para-choque dianteiro na madeira e o deixou engrenado. Para garantir, puxou o freio de mão.

Fechou a porta do celeiro e a rearmou. Uma olhada rápida para fora lhe mostrou que já estava quase amanhecendo.

Voltou para o Outro Daniel. Era uma tarefa árdua retirar o Bat-uniforme. O tecido entre as placas de Kevlar era grosso e revestido com cabos finos, quase feito uma cartilagem. Ela quebrou duas lâminas no tecido antes de finalmente desistir quando alcançou a altura da cintura. Resolveu despir por trás a parte superior do uniforme e apalpar as pernas, que não tinham muito Kevlar para ocultá-las. Encontrou uma faca embainhada nas costas, além de outras enfiadas uma em cada bota. Tirou as meias dele. Faltava o dedo mindinho do pé esquerdo, mas ele não tinha outras armas que ela pudesse encontrar. Não que ele fosse precisar de alguma caso colocasse as mãos nela de novo. Seu corpo inteiro era cingido com feixes de músculos magros e rijos. Suas costas eram uma confusão de cicatrizes — algumas causadas por balas, outras por lâminas, além de uma queimadura feia —, sendo que sob a linha do cabelo ficava a mais reveladora. Ele também havia removido o rastreador. Definitivamente não era mais um funcionário da CIA. Desertor? Agente duplo?

Mas como ele tinha encontrado o irmão?

Ela se lembrou do zumbido do barulhento avião turbo-hélice, o baque estrondoso da aterrissagem improvisada. Alguém com pressa, era o que ela havia pensado. Alguém que tinha o tempo como maior problema.

Ela se virou para olhar para Daniel. Parecia que outro exame seria necessário. Ela havia feito um mais detalhado das costas dele, então observou atentamente sua barriga, sua virilha e suas coxas. Algo que devia ter feito antes, mas ela havia interpretado terrivelmente mal a situação.

Foi a ideia de tempo — a pressa com que Batman tinha chegado e atacado — que lhe indicou o que devia procurar. Um rastreador comum mostraria apenas onde a pessoa estava, e Daniel não tinha ido tão longe assim de casa, não tão

longe para deixar seu irmão morto em pânico, a ponto de ele vir correndo e armado. Portanto, esse rastreador deveria monitorar algo além do que apenas a localização e deveria estar alocado no ponto exato.

Ela se arrependeu quando viu o rastro vermelho de uma cicatriz visível na ponta da fita adesiva que ela havia colocado para firmar o tubo da sonda na perna dele. Puxou a fita adesiva — era sempre melhor fazer isso quando o alvo ainda estava desacordado — e depois retirou a sonda. Ele acordaria em breve.

A cicatriz era bem pequena, sem nenhum relevo aparente. Ela se deu conta de que o dispositivo deveria estar implantado mais ao fundo, próximo da artéria femoral, sem dúvida. Quando a pressão arterial dele enlouqueceu na primeira rodada do interrogatório, ou mesmo por causa do medo quando ele despertou pela primeira vez, seu irmão devia ter sido alertado. E quem mais o estivesse monitorando. O rastreador precisava ser removido.

Ela tinha tempo suficiente antes que ele acordasse, então pegou o estojo de primeiros socorros. Depois de colocar as luvas, anestesiou o local e esterilizou o bisturi. Ainda bem que ela não tinha quebrado todos com o uniforme de Batman. Esfregou a pele com iodo e depois fez uma incisão rápida e firme, seguindo a linha da antiga, ainda que um pouco mais comprida. Ela não tinha fórceps nem pinças, então fez apenas uma inspeção criteriosa com um dedo por dentro e outro por fora. Quando encontrou o aparelho — uma cápsula pequena do tamanho de uma pastilha — conseguiu retirá-lo com facilidade.

Limpou o local e, em seguida, fechou a ferida com cola cirúrgica.

Depois disso, tratou a pele esfolada nos punhos e nos tornozelos dele, limpando e fazendo curativos. Por fim, cobriu Daniel com o cobertor e lhe arranjou um travesseiro.

Deixou a cápsula arrefecer na mesa de aço. Para qualquer um que observasse o rastreador em um monitor, pareceria que Daniel Beach havia acabado de morrer. Ela tinha a impressão de que a morte dele não aborreceria ninguém no departamento. Entendia melhor o plano do outro lado e tinha certeza absoluta de que a questão não girava em torno dela.

Ela saiu da tenda para cuidar do próprio rosto, primeiro limpando o sangue e depois tentando determinar a extensão do dano. O lábio estava inchado, e o corte precisava de um ponto, então aplicou uma gota de cola cirúrgica. Em sua bochecha faltavam algumas camadas de pele, e logo ela apresentaria olhos roxos bem chamativos. O nariz estava inchado e torto, então ela tirou vantagem de seu atual estado indolor para colocá-lo no lugar da melhor forma que pôde.

A dor logo voltaria, embora ela tivesse administrado em si mesma a dose máxima da droga que ela particularmente chamava de *Sobrevida*. Não era destinada a funcionar a longo prazo, servia apenas para passar por um ataque como o que ela acabara de sofrer. Uma espécie da adrenalina que seu corpo gerava naturalmente, só que mais potente e contendo alguns opiáceos para

bloquear a dor. A *Sobrevida* não estava nos livros; sua lista de tarefas não incluíra criar preparações *anti*-tortura, mas ela achou que pudesse ser algo de que precisaria algum dia, e estivera certa. Não era a primeira vez que a usava — ela havia reagido de forma exagerada às tentativas anteriores de assassinato —, mas *era* a primeira vez que ela de fato sofrera uma agressão considerável com a *Sobrevida* no seu organismo. Ficou satisfeita com o resultado.

Ela não tinha nada com o que pudesse estabilizar o nariz, então precisaria tentar ser mais cuidadosa com seu rosto durante algum tempo. Ainda bem que costumava dormir de costas.

O rosto seria um problema. Um grande problema. Ela não poderia entrar em um mercado nesse momento sem ser notada.

Depois de fazer tudo o que achou que estava ao seu alcance, se deitou na cama dobrável por dez minutos, apenas para recuperar a energia... ou o que restava dela. A droga ainda a fazia se sentir forte, mas ela sabia que sofrera danos físicos e teria que lidar com as consequências. Precisava de um tempo para descansar e se curar, um tempo que ninguém lhe daria.

CAPÍTULO 9

Ela decidiu acordar Daniel. Quando Batman se recuperasse — o que provavelmente aconteceria em cerca de quinze minutos —, a conversa não seria muito pacífica. Ela queria ter uma oportunidade para se explicar — e se desculpar — antes que os gritos e as ameaças de morte começassem.

Ajustou os protocolos do computador.

A mistura química no ar já tinha se dispersado havia muito tempo, portanto ela não precisava mais usar a máscara dentro da tenda. Pegou a outra máscara e enfiou ambos os conjuntos de tiras em seu cinto, mantendo-os próximos.

Primeiro puxou o tubo intravenoso conectado a Daniel. Não queria que ele tivesse nada ligado ao corpo quando acordasse. Ele já sofrera o suficiente. Suas veias ainda tinham boa aparência. Seria fácil injetar a solução na fossa cubital de seu outro cotovelo. Ela se sentou na beirada da mesa, que fora abaixada quase até o chão. Abraçou os joelhos e esperou.

Daniel despertou lentamente, piscando na direção das luzes acima de sua cabeça. Ele levantou uma das mãos para cobrir os olhos, e foi aí que se deu conta. Observou a mão, que estava livre, com um curativo. Em seguida, seus olhos dispararam ao redor do espaço claro.

— Alex? — perguntou, baixinho.

— Logo aqui.

Ele se virou com cuidado para onde ela estava, mexendo as pernas embaixo do cobertor para verificar se ainda estava amarrado.

— O que está acontecendo agora? — perguntou cautelosamente, os olhos ainda lutando para ganhar foco.

— Eu acredito em você. E lamento muito pelo que fiz — disse ela.

Ela o observou enquanto ele processava suas palavras. Cuidadosamente, ele se apoiou em um dos cotovelos e agarrou o cobertor, percebendo mais uma vez que estava nu. Era engraçado como as pessoas de fora do mundo da medicina reagiam a isso; em geral, médicos eram bastante relaxados a respeito da nudez. A relação dela com a nudez era exatamente igual à de todos os outros médicos, mas Daniel não se daria ao luxo de supor isso. Ela deveria ter vestido o jaleco.

— Você acredita em mim? — perguntou ele.

— Acredito. Sei que você não é a pessoa que eu pensava. Fui... enganada.

Ele endireitou um pouco mais a postura, movimentando-se com cautela, esperando algum tipo de dor. No entanto, ele devia se sentir bem, apenas cansado dos espasmos musculares. E a parte superior de sua coxa estaria um pouco

dolorida quando o efeito da anestesia passasse.

— Eu... — começou ele, e então parou abruptamente. — *O que aconteceu com o seu rosto?*

— É uma longa história. Posso lhe dizer uma coisa antes de começar a contá-la?

Daniel assumiu uma expressão de preocupação. Por ela? Não, não podia ser por ela.

— Tudo bem — concordou ele, hesitante.

— Olhe, Daniel, o que eu lhe disse antes era verdade. Não gosto de machucar as pessoas. Não gostei de machucar você. Só faço isso quando penso que a outra opção é muito pior. Eu nunca tinha feito isso: machucar alguém totalmente inocente. Nunca. Nem todas as pessoas a quem já me pediram para interrogar eram depravadas como as outras, mas todas faziam pelo menos parte da trama. Há muito tempo percebi que meus antigos chefes são capazes de se rebaixar a qualquer nível, mas ainda não consigo acreditar que fizeram com que eu interrogasse alguém totalmente inocente.

Ele pensou no assunto por alguns segundos.

— Você está me pedindo para perdoá-la?

— Não, não estou pedindo isso. Nunca pediria isso. Mas queria que você soubesse. Eu nunca teria machucado você se não acreditasse piamente que isso ia salvar muitas vidas. Sinto muito.

— E aquele traficante de drogas? O vírus? — perguntou ele, ansioso.

Ela franziu a testa.

— Recebi novas informações. Parece que já cuidaram de De la Fuentes.

— Ninguém vai morrer?

— Não por causa de um vírus letal espalhado por um chefão do tráfico, por isso não.

— Isso é bom, não é?

Ela suspirou.

— Sim, acho que é o lado bom do que ocorreu aqui.

— Agora você vai me dizer o que aconteceu com o seu rosto? Você sofreu um acidente? — E lá estava a preocupação, mais uma vez.

— Não. Meu machucado tem a ver com as novas informações que recebi. — Ela não sabia bem como contar a novidade para ele.

Indignação súbita. Os ombros dele se contraíram.

— Alguém *fez* isso com você? De propósito? Por ter me machucado?

Sem dúvida a mente dele não funcionava como a de alguém do meio em que ela trabalhava. Coisas que seriam óbvias para qualquer um que algum dia tivesse trabalhado em alguma faceta de uma missão eram totalmente estranhas para ele.

— Pode-se dizer que sim — respondeu ela.

— Deixe que eu fale com ele — insistiu Daniel. — Também acredito em você. Sei que não queria fazer aquilo. Você estava tentando ajudar.

— O problema não é bem esse. Humm, Daniel, sabe quando eu estava mostrando aquelas fotos e você reconheceu a pessoa que aparecia nelas, mas não quis me contar quem era? — O rosto dele se fechou. Ele anuiu. — Pode relaxar. Não estou pedindo para me confessar nada, isso não é um truque. Eu não sabia que você tinha um irmão gêmeo. Eles ocultaram isso no arquivo, para eu não ter como...

— Não, mas não era o Kevin — interrompeu ele. — Foi isso que não entendi. Parecia com ele, mas é impossível. Kevin está morto. Morreu na prisão ano passado. Não sei quem poderia ser a pessoa nas fotos, a não ser que, na verdade, fôssemos trigêmeos, e acho que minha mãe teria reparado... — A voz foi diminuindo quando ele observou que a expressão dela se modificara. — O que foi? — perguntou.

— Não sei como lhe contar.

— Me contar o quê?

Ela hesitou por um momento, depois se levantou e contornou a mesa. Os olhos dele a seguiram, e então ele se sentou, juntando o cobertor cuidadosamente em volta da cintura. Ela parou e olhou para baixo. Os olhos dele acompanharam os dela.

O rosto de Kevin Beach estava voltado na direção da mesa de cirurgia onde Daniel estava sentado. Era curioso como ele se parecia mais com Daniel quando estava inconsciente, toda a tensão de sua expressão apagada.

— Kevin — murmurou Daniel, o rosto ficando branco e depois tingindo de um vermelho-vivo.

— Você sabia que seu irmão trabalhava para a CIA? — perguntou ela, calmamente.

Ele ergueu o olhar, perplexo.

— Não, não, ele estava na prisão. Ele foi preso por tráfico de drogas. — Balançou a cabeça. — As coisas degringolaram quando nossos pais morreram. O Kev não conseguiu se controlar. Se autodestruiu. Quer dizer, depois de West Point...

— *A Academia Militar de West Point?*

— É — respondeu, o rosto neutro. Evidentemente, não captou a relevância dessa informação. — Antes das drogas, meu irmão era uma pessoa diferente. Ele se formou como um dos melhores da turma. Foi aceito na escola Ranger... — Daniel foi parando de falar, avaliando o cenho franzido dela.

É claro. Alex conteve um suspiro, aborrecida consigo mesma por não ter se preocupado mais com as lacunas no arquivo, por não ter despendido tempo para encontrar uma biblioteca distante onde pudesse procurar em segurança todas as conexões familiares de Daniel.

Ele olhou para o irmão de novo.

— Ele não está morto agora, ou está?

— Está só dormindo. Vai acordar daqui a alguns minutos.

A testa de Daniel se franziu.

— Que *roupa* é essa?

— Algum tipo de uniforme militar blindado, acho. Não é minha especialidade.

— A CIA — murmurou ele.

— Operações sigilosas, imagino. Seu irmão não se autodestruiu, simplesmente mudou de divisão. É por isso que estava envolvido com o chefão do tráfico.

Os olhos arregalados de Daniel ficaram sombrios.

— Ele estava ajudando o traficante com o vírus? — sussurrou.

— Não. Na verdade, estava tentando pará-lo. Basicamente, estamos do mesmo lado, mas ninguém adivinharia isso só de nos observar.

Ela cutucou a forma desfalecida de Kevin com o pé.

A cabeça de Daniel se voltou bruscamente para ela.

— Foi Kevin que fez isso com o seu rosto? — Engraçado, mas ele soava mais aborrecido com isso do que com a ideia de que o irmão era um assassino.

— Foi, e eu fiz isso com ele. — Outro cutucão.

— Mas ele vai acordar?

Alex anuiu. Ela estava um pouco aflita com a perspectiva de Batman acordar. A cena não seria nada bonita. E Daniel estava sendo tão gentil em relação a tudo, em relação a ela. Isso provavelmente mudaria assim que o irmão começasse a falar.

Ele sorriu só um pouco, encarando as costas expostas de Kevin.

— Então você ganhou?

Ela deu uma risada.

— Por enquanto.

— Ele é *muito* maior do que você.

— Eu diria que sou mais esperta, mas cometi alguns erros bem grandes a respeito da minha segurança aqui. Acho que simplesmente tive mais sorte desta vez.

Daniel começou a ficar de pé, mas parou.

— Minhas roupas estão em algum lugar por aqui?

— Desculpe, não. Achei que poderiam conter algum dispositivo de rastreamento. Tive que tirá-las e me livrar delas.

Ele corou novamente, o rubor descendo até aquela pintinha no seu tórax. Pigarreou.

— Por que alguém ia querer *me* rastrear?

— Bem, àquela altura eu pensava que o chefão do tráfico pudesse estar monitorando você. Ou então que você fazia parte de uma armadilha, e nesse caso meu departamento usaria você para *me* rastrear. O que está um pouco mais

perto da verdade, aliás.

Ele franziu o cenho.

— Estou tão confuso...

Ela relatou os pontos essenciais da maneira mais sucinta possível. Enquanto ela falava, Daniel se levantou, enrolando o cobertor em volta da cintura como se fosse uma toalha gigante, e começou a andar de um lado para outro na frente do corpo do irmão.

— Tentaram matar você *quatro* vezes? — perguntou, quando ela terminou o relato.

— Cinco agora, acho — respondeu ela, olhando explicitamente para Batman.

— Não consigo acreditar que o Kevin está vivo. — Ele suspirou. Dobrou as pernas compridas embaixo do cobertor e se postou no chão, ao lado da cabeça do irmão. — Não consigo acreditar que ele mentiu para mim. Não consigo acreditar que deixou que eu pensasse que ele era um criminoso... Não consigo acreditar que ele deixou que eu pensasse que ele *tinha morrido*... Não consigo acreditar na quantidade de vezes que fui visitá-lo... Você tem ideia de *quanto tempo* leva para ir de carro de Washington até Milwaukee? — Ele encarou o irmão em silêncio. Ela o deixou quieto durante um momento. Também não conseguia imaginar como se sentiria se Barnaby voltasse à sua vida sem avisar. Como processar uma coisa dessas? — Quando ele acordar — murmurou Daniel —, vou dar um soco no pescoço dele. — Bem, era uma maneira de processar a situação. — Por que você o amarrou? — indagou Daniel.

— Porque ele vai tentar me matar assim que recobrar a consciência.

Olhos arregalados de novo.

— *O quê?*

— Não é difícil entender. Tudo o que ele sabia quando entrou é que alguém estava machucando você. Ele só me deixou viver porque não tinha certeza de que você estava bem. Por exemplo, talvez eu precisasse lhe dar um antídoto ou algo assim. Tenho certeza absoluta de que, se eu não tivesse assumido o controle da situação, ele teria atirado em mim no minuto em que você acordasse.

Ela percebeu que Daniel não acreditara em suas palavras. Ele balançou a cabeça, as sobrancelhas se cerrando, aborrecido. Uma mecha de cabelo caiu sobre a testa dele, ainda um pouco úmida de suor. Era impressionante como, na realidade, havia passado tão pouco tempo, mas tudo tinha se transformado. E ela precisava de um novo plano.

Seria seguro voltar à sua casa mais recente, o local onde morava quando Carston entrara em contato com ela? Sem dúvida seria o mais fácil. Havia comida lá, e ela não precisaria ver ninguém até que seu rosto voltasse ao normal. Ela achava que não tinha comprometido a casa...

Mas e depois? Qual tinha sido a quantia que ela torrara para montar aquela armadilha idiota? Por quanto tempo ainda conseguiria se sustentar com o que

restava?

Carston estava a par de sua presença on-line, então seria arriscado procurar um emprego real via internet. O departamento não precisava saber nem mesmo de seu paradeiro para mantê-la de mãos atadas.

Algo tocou em sua perna, e ela deu um pulo. Era apenas a mão de Daniel.

— Não quis assustar, desculpe.

— Tudo bem.

— É que você está parecendo tão preocupada. Não fique assim. Eu vou falar com Kevin.

Ela sorriu sem achar graça.

— Obrigada, mas não estou preocupada com o Lázaro no momento.

— Você está preocupada com o seu departamento.

Ela se virou, foi até computador e apoiou a mão na barra de espaço. Esperava que o gesto não parecesse deliberado.

— É — falou, sem olhar para ele. — Pode-se dizer que sim.

Com o canto do olho, ela viu a respiração de Kevin se alterar ligeiramente antes de voltar a se regularizar. Ainda bem que ela tinha se afastado. Com certeza não queria estar ao alcance dele agora.

— Será que tem... não sei... tem alguma coisa que eu possa fazer para ajudar? — perguntou Daniel, sério.

Ela o encarou, surpresa ao sentir os olhos se encherem de lágrimas verdadeiras.

— Eu acho que não mereço sua ajuda, Daniel. — Ele fez um barulho irritado no fundo da garganta. — Além disso — continuou ela —, você já tem problemas suficientes.

Estava claro que ele não havia refletido sobre as implicações a longo prazo do que acontecera.

— Como assim?

— Agora você passou a ser um alvo também. Você acabou de saber uma porção de coisas que não deveria. Se for para casa, se voltar para a sua vida normal, vão acabar com você.

— Não... voltar? — Ele estava completamente estupefato. A piedade brotou do íntimo de Alex. Mais uma vez, ela se lembrou de como o estilo de vida dele era distante do dela. Era provável que ele tivesse pensado que resolveria tudo contratando um advogado ou escrevendo para um político. — Mas, Alex, eu *tenho* que voltar. Meu time de vôlei está participando do campeonato!

Ela não conseguiu se controlar. Caiu na gargalhada, e as lágrimas que tinham começado a se formar viraram gotas de verdade. Ela percebeu a expressão dele e fez um gesto com a mão sinalizando um pedido de desculpas.

— Desculpe — disse ela, engasgando. — Não tem graça nenhuma. Desculpe. Acho que meus analgésicos estão começando a perder o efeito.

Ele se levantou em um impulso.

— Você precisa de alguma coisa? Uma aspirina?

— Não, estou bem. Só preciso baixar a bola.

Daniel se aproximou e apoiou uma das mãos de leve no braço dela. Ela sentiu a ferroada, com o hematoma ali começando a ficar mais sensível. O dia que tinha pela frente seria muito difícil.

— Tem certeza? — perguntou ele. — Não tem nada mesmo que eu possa providenciar para você?

— *Por que* você está sendo tão gentil comigo?

Ele lançou-lhe um olhar de surpresa.

— Ah, acho que entendi o que você quer dizer.

Finalmente, pensou ela. Estava começando a pensar que talvez a droga que usara para sequestrá-lo, a *Siga o Líder*, tivesse algum efeito neurológico permanente que não havia sido detectado nos testes.

— Olhe — disse ela. — Depois que eu bater um papinho com o Kevin, vou juntar minhas tralhas e, então, deixar com você a chave para que liberte seu irmão quando eu já estiver dentro do meu carro.

— Mas para onde você vai? E os seus ferimentos?

— Você está sendo gentil de novo, Daniel.

— Desculpe. — Ela riu mais uma vez. O som falhou no final, como um soluço. — Falando sério — disse ele —, você não precisa ir embora agora. Pela sua aparência, acho que seria bom se dormisse um pouco e recebesse cuidados médicos.

— Não está nos meus planos.

Ela se acomodou na cadeira da mesa de trabalho, com a esperança de que ele não conseguisse notar como ela se sentia tensa e exaurida.

— Eu queria conversar mais com você, Alex. Não sei o que devo fazer agora. Se o que você disse sobre eu não poder mais voltar for mesmo verdade... nem sei como começar a pensar no assunto.

— É verdade, sim. E sinto muito. Mas acho que seu irmão deve poder contar os detalhes. Imagino que ele saiba melhor do que eu como se esconder.

Daniel olhou para o irmão, vestido com um Bat-uniforme pela metade, com uma expressão de dúvida.

— Você acha?

— Não concorda, Kevin? — perguntou ela. Estava quase certa de que já fazia pelo menos alguns minutos que ele tinha acordado.

Enrolado no cobertor, Daniel caiu de joelhos perto do irmão.

— Kev?

Lentamente, com um suspiro, Kevin virou a cabeça para olhar para ele.

— Oi, Danny.

Daniel se inclinou e o abraçou de um jeito estranho. Kevin deu tapinhas no

braço do irmão com a mão livre.

— Por quê, Kev, por quê? — perguntou Daniel, a voz abafada no cabelo do outro.

— Eu estava tentando manter você a salvo, garoto. A salvo de gente como aquela... — Nesse momento, ele acrescentou diversas expressões bem pouco elogiosas para descrevê-la; ela conhecia todas as palavras separadamente, mas as combinações soavam bastante inusitadas.

Daniel se afastou de repente e deu palmadas na cabeça de Kevin.

— Não fale assim.

— Você está brincando? Aquela psicopata *torturou* você.

— Não por muito tempo. E ela só fez isso porque...

— Você está *defendendo* aquela... — Mais criatividade.

Daniel bateu no irmão de novo. Sem força, mas Kevin não estava a fim de brincadeiras. Agarrou a mão do outro e a torceu até atingir uma posição desagradável. Daniel ergueu o joelho direito por baixo do corpo e tentou dar um impulso para se afastar da mesa. As rodas travadas gemeram no piso à medida que a prancha de metal se deslocava alguns centímetros.

Os olhos dela se arregalaram. A mesa devia pesar mais de cento e oitenta quilos, no mínimo. Ela retrocedeu rápido com a cadeira.

Daniel lutava com a mão livre, tentando se desvencilhar do irmão.

— Se você não largar o Daniel vou ter que dopá-lo de novo — ameaçou ela. — A má notícia é que a substância química que estou usando tem alguns efeitos colaterais negativos. Mata só uma pequena porcentagem do seu cérebro a cada dose, mas se acumula com o tempo.

Kevin largou a mão de Daniel, encarou-a uma vez, depois focalizou o irmão.

— Danny, me escute — sibilou. — Você é melhor do que ela. Pegue as chaves e me livre desses... — De repente, seu rosto paralisou e ficou da cor de uma beterraba, e os vasos de sua testa começaram a pulsar no mesmo ritmo das palavras. — *Cadê o meu cachorro?* — berrou. A mesa se deslocou mais alguns centímetros, com um guincho.

— Está dormindo no quarto dos fundos. — Ela teve que se esforçar para manter a voz inalterada. — Ele pesa menos do que você, então o gás vai demorar mais para perder o efeito.

Daniel esfregava o pulso, parecendo confuso.

— Cachorro?

— Se ele não estiver cem por cento... — ameaçou Kevin.

— Seu cachorro vai ficar ótimo. Agora, preciso fazer algumas perguntas.

Daniel direcionou um olhar enlouquecido para ela.

— O quê?

Ela o fitou e balançou a cabeça.

— Não desse jeito. Apenas uma troca normal de informações. — Virou-se

para Kevin. — Podemos conversar com tranquilidade por uns poucos minutos, por favor? Depois vou deixar vocês em paz.

— Nem em sonho, sua psicopata. Temos contas a ajustar.

Ela ergueu as sobrancelhas acima dos olhos pretos faiscantes.

— Será que podemos conversar por alguns minutos antes que eu o coloque em coma induzido, então?

— Por que motivo eu faria qualquer coisa para você?

— Porque isso envolve a segurança do seu irmão, e eu consegui perceber que esse é um assunto com o qual você se importa.

— Foi você que arrastou Daniel para dentro dessa...

— Isso não é toda a verdade. Você está tão envolvido nisso quanto eu, Kevin Beach.

Ele a fuzilou com o olhar.

— Eu já não gostei de você, moça. É bom não piorar esse sentimento.

— Relaxe, operação sigilo. Apenas me escute.

Os olhos de Daniel corriam de um lado para outro, como se ele estivesse assistindo a uma partida de tênis.

Kevin cravou os olhos nela.

— A CIA acha que você está morto? — perguntou ela.

Ele grunhiu.

— Vou tomar essa resposta como um "sim".

— É um "sim", sua... — Daniel deu uma pancada com as costas da mão na cabeça de Kevin e se afastou rapidamente enquanto o irmão tentava agarrá-lo. Então, Kevin se voltou novamente para ela. — E pretendo que eles continuem pensando isso. Eu me aposentei.

Ela aquiesceu, refletindo sobre a resposta. Abriu um documento em branco no computador e digitou uma linha de termos médicos ao acaso.

— O que você está digitando?

— Anotações. Digitar me ajuda a pensar.

Na realidade, ela tinha certeza de que ele iria reparar se ela tocasse "acidentalmente" no computador de tempos em tempos para mantê-lo ativo, e talvez ela precisasse daquele truque de novo em breve.

— E aí, o que importa? Morri. Danny não deve mais ser um alvo.

— Eu fui um alvo? — indagou Daniel.

Kevin se apoiou no cotovelo direito e se inclinou na direção do irmão.

— Eu trabalhava infiltrado, garoto. Qualquer pessoa que fizesse uma conexão entre nós dois usaria você como fator de barganha. Esse é um dos aspectos negativos do trabalho. Foi por isso que passei por toda a farsa da prisão. Contanto que Kevin Beach estivesse fora do caminho, os bandidos não saberiam a seu respeito. Deixei de ser o Kevin há muito tempo.

— Mas quando visitei você...

— A Agência me conectou diretamente com o diretor do presídio. Quando você ia me visitar, eu ia de avião até lá e me encontrava com você, quando possível. Já se eu estivesse indisponível...

— Era por isso que você ficava na solitária. Ou assim me diziam. Não porque tinha brigado.

— Isso aí.

— Não acredito que você mentiu para mim durante tantos anos.

— Era a única coisa que eu podia fazer para deixar você a salvo.

— E que tal procurar um emprego diferente?

Ela interrompeu quando os vasos sanguíneos na testa de Kevin começaram a inchar de novo.

— Humm, será que poderíamos suspender o drama familiar por um tempo? Acho que matei a charada. Por favor, escutem. Tenho certeza de que vão me dizer se eu estiver errada — disse. Dois rostos praticamente idênticos a observaram com expressões praticamente opostas. — Muito bem — continuou ela. — Então, Kevin, você simulou a própria morte depois do projeto com De la Fuentes, certo? — Kevin não esboçou nenhum tipo de reação, então ela prosseguiu: — Isso aconteceu há seis meses, pelo que você contou. Só posso concluir que a Agência ficou desconfiada com a ausência de um corpo...

— Ah, mas havia um corpo.

— Então eles ficaram desconfiados com as incoerências acerca do cadáver — disparou ela. — E, por precaução, elaboraram um plano para obrigá-lo a aparecer. — Kevin franziu o cenho. Ele conhecia seus antigos chefes, assim como ela conhecia os dela. — Daniel é o seu ponto fraco... Como você disse, o fator de barganha para usar contra você. Eles sabem disso. Decidem apanhar seu irmão, ver o que acontece. Mas também sabem do que você é capaz, e ninguém quer estar sob a sua mira caso você esteja de fato vivo.

— Mas... — começou Kevin, parando de repente, provavelmente ao perceber que o argumento que estava prestes a propor, fosse qual fosse, não se sustentaria.

— Você é um problema para a CIA. Eu sou um problema para o meu departamento. As pessoas que ocupam os cargos mais altos nos nossos antigos locais de trabalho são bem próximas. Então, me oferecem um acordo: "Faça um serviço para nós, e vamos parar de perseguir você." Sem dúvida tiveram que preparar tudo com muito cuidado antes de entrar em contato comigo. Organizar os arquivos, deixar tudo pronto para me oferecer uma história de crise que eu não seria capaz de ignorar. Não levantam um dedo contra mim porque já sacrificaram três integrantes nas tentativas anteriores e não querem amargar outras baixas. Sabiam que eu executaria a missão equipada com tudo a que tenho direito. Porém, se você fosse bom *de verdade*, talvez eu não estivesse preparada o suficiente para enfrentá-lo.

O rosto de Kevin se alterara enquanto ela desfiava a história.

— E, de um jeito ou de outro — concluiu ele —, um dos problemas fica resolvido.

— É sofisticado. Se eu tivesse que chutar, parece mais coisa da sua agência do que da minha.

— Sim, soa mesmo como uma ação deles — concordou Kevin, de má vontade.

— Então eles nos juntam, como dois escorpiões dentro de um pote, e sacodem bem — continuou ela. — De um jeito ou de outro, acabam sendo recompensados. Talvez, se tiverem muita, muita sorte, nós eliminamos um ao outro. Ou, na pior das hipóteses, o vencedor sai fragilizado. E tudo isso sem nenhuma possibilidade de haver baixas no lado deles.

E eles a *haviam* fragilizado: tinham reduzido seus bens e danificado seu corpo. Sucesso parcial para eles.

— E eles não se incomodam com o fato de que meu irmão também está dentro do pote — disse Kevin, furioso. — Só que ele é uma formiga, não um escorpião. Simplesmente jogam Daniel dentro da mistura, sem darem a mínima para o fato de que ele é indefeso.

— Ei — protestou Daniel.

— Sem querer ofender, Danny, mas você é tão perigoso quanto um gatinho.

Daniel abriu a boca para responder, mas foi interrompido por um ganido alto vindo do quarto dos fundos, seguido de rosnados raivosos e alguns latidos altos. Depois, ouviu-se o barulho estridente de garras na madeira da porta.

Ela ficou contente ao perceber que o esforço de segurar a fera valera a pena.

— Ele está irritado — acusou Kevin.

— O cachorro está ótimo. Tem um banheiro lá atrás, ele nem vai ficar desidratado.

Kevin apenas levantou as sobrancelhas, menos preocupado com o animal do que ela esperava. O barulho das garras e dos rosnados não cessou.

— Você trouxe um cachorro mesmo? — perguntou Daniel.

— É mais um parceiro. — Ele olhou para ela. — E agora? O plano deles falhou.

— Por pouco.

Ele deu uma risada.

— Podíamos começar outro round.

— Por mais que eu fosse adorar injetar algumas coisinhas no *seu* organismo, prefiro não dar esse prazer a eles.

— Justo...

Em meio a esse diálogo, o cão arranhava e latia. Estava dando nos nervos.

— Acontece que eu tenho um plano — disse ela.

Kevin revirou os olhos.

— Aposto que você sempre tem um plano, não é, baixinha?

Ela o fitou com um olhar impassível.

— Não posso contar com meus músculos, então tenho que contar com meu cérebro. Parece que você tem o problema oposto.

Ele riu, com ar debochado.

— Humm, Kev. Gostaria de salientar que você *está* acorrentado ao piso.

— Cale a boca, Danny.

— Por favor, rapazes, será que eu poderia obter mais um segundo do seu tempo? — Ela aguardou até eles olharem para ela. — Eis o plano: vou escrever um e-mail para o meu antigo chefe. Dizer que fiquei sabendo da verdade, da verdade genuína, e que vocês dois foram neutralizados. Que não gostei nem um pouco de ter sido manipulada. E que, se ele tentar entrar em contato comigo por qualquer meio, vou fazer uma visita pessoal à despensa dele.

— Você vai cantar vitória? — perguntou Kevin, um tom de descrença na voz. — Francamente!

— Acorrentado ao piso — murmurou Daniel.

— É um presente — disparou ela de volta. — Você morre de novo. Ninguém vai procurar qualquer um de vocês.

A expressão cínica de Kevin se dissolveu. Por um segundo, a semelhança dos gêmeos ficou muito mais evidente.

O som do cão parecia uma trituradora de madeira uivante no quarto dos fundos. Ela não tinha planejado recuperar o depósito de caução que fizera pelo imóvel, mas agora estava óbvio que, de qualquer forma, não teria essa opção.

— Por que você faria isso pela gente? — indagou Kevin.

— Vou fazer isso pelo Daniel. Devo isso a ele. Eu deveria ter sido mais esperta. Não deveria ter mordido a isca.

Estava tudo tão inteiramente óbvio agora: como ela tinha despistado a vigilância deles (porque não houvera nenhuma vigilância). Como tinha sido fácil capturar Daniel (porque ninguém estava tentando detê-la). O modo idiota como haviam lhe dado um prazo com tempo suficiente para ela atuar. Era constrangedor.

— Mas o que vai acontecer com você? — perguntou Daniel, baixinho.

Ela quase teve que ler os lábios dele, sua voz abafada pelo barulho do cão.

— Ainda não decidi.

Ela descobrira algumas coisas com esse exercício de credulidade, coisas que talvez eles não quisessem que ela soubesse.

Não haveria helicópteros ou equipes de eliminação. Carston (a única pessoa sobre cuja participação ela podia ter certeza absoluta no momento) e qualquer outro que a quisesse ver morta tinham enviado somente assassinos ocasionais porque contavam apenas com esse tipo de gente. Os inimigos dela haviam sido dirigidos para essa colaboração tempestuosa, e ela sabia que não era porque o departamento carecia de recursos. Só podia ser porque ela não era conhecida por

todos. E Carston — e seus comparsas, fossem quem fossem — não podia permitir que ela se tornasse conhecida.

Quando vira o obituário de Juliana Fortis e lera sobre a cremação, ela havia suposto que todos os envolvidos participassem da farsa. Mas e se apenas algumas pessoas-chave soubessem? E se Carston tivesse jurado aos seus superiores que o serviço seria concluído e, então, tivesse ficado com medo de admitir que havia falhado na primeira tentativa?

Ou (ideia revolucionária) e se a maioria das pessoas do departamento pensasse que ocorrera um acidente *de fato* no laboratório? Que ela e Barnaby haviam se confundido com os tubos de ensaio e provocado uma mistura fatal? E se os superiores de Carston não a quisessem morta? E se apenas aqueles poucos indivíduos-chave tivessem querido aquilo e, agora, precisassem manter as tentativas para terminar o trabalho sem levantar suspeitas? Isso mudaria tudo.

Combinava. Encaixava-se com os fatos.

Isso fez com que ela se sentisse mais forte.

Aqueles que haviam planejado a morte dela tinham medo do que ela sabia, mas nunca haviam tido medo *dela*. Talvez estivesse na hora de mudar isso.

Ouviu-se um súbito barulho ensurdecedor — uma porta de madeira se fragmentando. E então o rosnado de fúria se aproximou.

CAPÍTULO 10

Ela demorou um segundo para perceber o que tinha acontecido. Ao fim desse segundo, o lobo furioso disparava aos saltos para dentro da tenda.

Aparentemente ainda havia um pouco de adrenalina no sistema dela. Antes que o animal entrasse ela já tinha subido na mesa, e o seu sistema nervoso, não satisfeito com essa distância, lançou-a em direção à estrutura de PVC no teto antes que ela tivesse tempo de perceber o que estava fazendo. Ela se segurou com as mãos, jogou as pernas para cima e cruzou os tornozelos em torno do tubo, enroscando também os cotovelos com firmeza. Quando virou a cabeça para o lado, notou que a criatura estava embaixo dela, as patas enormes na mesa, tentando cravar os dentes nela. Uma pata bateu com força no teclado, o que era muito ruim. Um tantinho de gás ajudaria um bocado nesse momento: ela já estava com as duas máscaras.

O cão rosnou e salivou enquanto ela tentava se manter suspensa. Agarrara-se a um tubo de PVC 200, com doze centímetros de diâmetro, de uso industrial, mas que ainda balançava com o súbito peso extra. Tinha certeza de que o tubo aguentaria o seu peso... a não ser que alguém atacasse a base. Esperava que Kevin não pensasse nisso.

Ele começou a rir. Ela conseguia imaginar a cena do ponto de vista dos espectadores na tenda.

— Quem está acorrentado ao chão agora? — perguntou ele.

— Ainda é você — murmurou Daniel.

Ao som da voz do dono, o cão soltou um leve ganido e olhou ao redor. Largou a mesa e foi examinar Kevin, dando um último rosnado na direção dela. Kevin afagou o cão enquanto o animal se curvava para lambê-lo, ainda ganindo ansiosamente.

— Estou bem, companheiro. Tudo bem.

— Ele é igualzinho ao Einstein — disse Daniel, a voz denotando espanto.

O cão olhou para cima, em guarda com o som de uma nova voz.

Kevin deu tapinhas no pé de Daniel.

— Bom garoto, ele é legal. Tranquilo. — A fala soou como outro comando.

Como que para confirmar isso, a enorme fera parou de ganir e se aproximou de Daniel, com o rabo abanando furiosamente. Daniel afagou a imensa cabeça como se esse gesto fosse a coisa mais natural do mundo.

— Este é Einstein Terceiro — explicou Kevin.

Daniel esfregou os dedos no pelo denso, admirando o cachorro.

— Lindo.

Os braços dela estavam ficando cansados. Tentou mudar de posição sem parar de observar a cena abaixo. O cão disparou até a mesa, voltando a rosnar.

— Alguma esperança de você controlar o cachorro? — perguntou ela, tentando manter a voz tranquila.

— É possível. Se você me jogar as chaves.

— E, se eu der as chaves, você não vai me matar?

— Eu já disse que vou controlar o cachorro. Não seja gananciosa.

— Acho que vou ficar aqui em cima, então, até o gás derrubar vocês todos. É provável que Daniel tenha neurônios suficientes para se virar mesmo depois de perder mais alguns.

— Olhe, acho que vou ficar bem. Porque, mesmo que o Einstein não consiga alcançar você, Daniel *consegue*. E, se o gás atingir você depois que ele pegar suas máscaras... Bem, cair no chão inconsciente não vai matar você, obviamente, mas vai causar um bom estrago.

— Por que eu faria isso? — indagou Daniel.

— O quê? — reclamou Kevin.

— Ela está do nosso lado, Kev.

— Ei, calma aí. Você está maluco? Tem dois lados opostos aqui, garoto. O seu irmão está em um deles, e a sádica torturadora, no outro. De que lado você está?

— No do bom senso, acho.

— Ótimo — grunhiu Kevin.

— Humm, mas esse não é o seu lado, Kev.

— *O quê?*

— Calma. Escute, proponho uma trégua aqui.

— Não acredito que você ainda não esteja tentando estrangular essa mulher com as próprias mãos.

— Ela só fez o que você faria se estivesse no lugar dela. Seja sincero: se soubesse que um estranho mataria milhões de pessoas e precisasse descobrir como detê-lo, o que você faria?

— Encontraria outra solução. Aliás, foi isso que *fiz*. Escute, Danny, essa não é a sua praia. Conheço gente como ela. Esse pessoal é doente. Eles atingem um nirvana deturpado com a dor dos outros. São como serpentes venenosas; não dá para virar as costas para eles.

— Ela não é assim. E, afinal de contas, por que isso afeta tanto você? Quem foi torturado *fui eu*. Você não sabe nada sobre isso...

Kevin apenas o encarou por um minuto, o rosto inexpressivo, e depois apontou, com a mão esquerda atada, para o pé esquerdo atado. Sacudiu os quatro dedos do pé.

Daniel levou alguns segundos para compreender e, então, engasgou, horrorizado.

— Amadores — zombou ela, ainda presa ao teto.

— Não sei, não — disse Kevin, frio. — Eles me pareceram muito bons.

— E conseguiram o que queriam?

Ele produziu um barulho de descrença com o fundo da garganta.

— Você está de brincadeira?

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Pois é.

— E você teria conseguido fazer com que eu falasse?

Os lábios dela se curvaram em um sorriso sombrio.

— Ah, *sim*.

Com o canto do olho, ela percebeu que Daniel estremeceu convulsivamente.

O cão ficara quieto, mas permanecia alerta embaixo dela. Parecia inseguro com a situação, com o dono conversando de um jeito tão calmo com o alvo.

— Ei, eu sei quem você é — disse Kevin de repente. — Sim, a garota. Ouvi boatos a seu respeito. Exagero. Disseram que você nunca tinha falhado. Que era perfeita.

— Não é exagero.

A expressão dele era cética.

— Você trabalhava com o velho, o Cientista Maluco, como o chamavam. A Agência chamava você de Espirradeira. Sinceramente, não percebi isso de imediato porque ouvi dizer que vocês dois tinham morrido em um acidente no laboratório. Além do mais, sempre imaginei que a Espirradeira fosse bonita.

Daniel começou a dizer alguma coisa, mas ela o interrompeu.

— Espirradeira? Horrível.

— Oi?

— Uma flor? — grunhiu ela para si mesma. — *Passiva* demais. Um veneno não faz o envenenamento, não passa de um agente inerte.

— Como você era chamada na sua unidade?

— A Química. E o Dr. Barnaby não era um cientista maluco. Era um gênio.

— Tecnicalidades — disse Kevin.

— De volta à trégua que eu estava propondo — intrometeu-se Daniel. Pela maneira como ele olhava para as mãos e os braços dela, ela achou que talvez ele tivesse adivinhado como estavam doendo. — Alex vai me entregar as chaves e, Kevin, você manda o Einstein sair de perto dela. Eu solto você quando achar que está tudo sob controle. Alex, confia em mim?

Ele ergueu os olhos grandes e claros na direção dela, enquanto Kevin soltava impropérios em uma fúria inarticulada.

— As chaves estão no bolso esquerdo dianteiro da minha calça. Eu as pegaria para você, mas vou cair se soltar as mãos.

— Tome cuidado, ela pode esfaquear você!

Daniel nem pareceu ouvir o aviso do irmão. Quando subiu na cadeira, ele

ficou com a cabeça acima da dela. Teve que se curvar, o cocuruto pressionado no teto de espuma. Apoiou as costas dela com uma das mãos, sustentando parte do peso, enquanto procurava delicadamente a chave no bolso.

— Peço desculpas por meu irmão ser tão inepto no que diz respeito a interações sociais — sussurrou. — Ele sempre foi assim.

— Não ouse pedir desculpas por mim, seu idiota! — berrou Kevin.

Daniel sorriu para ela, depois pegou a chave e desceu. Na verdade, ela concordava com Kevin. Como Daniel podia tratá-la daquele jeito? Onde estava o ressentimento absolutamente natural? Onde estava o desejo humano de retaliação?

— Estou com as chaves, Kev. Tem uma guia para o cachorro?

— Uma *guia*? O Einstein não precisa de coleira!

— O que você sugere, então?

Kevin o encarou com um olhar firme e sinistro.

— Tudo bem. De qualquer modo, prefiro matar a moça com minhas próprias mãos. — Assoviou para o cachorro. — Descansar, Einstein.

O cão, que havia se aproximado ansiosamente de Alex e Daniel, aproximou-se com calma da cabeça do dono e se sentou, a língua despencando no que parecia ser um sorriso. Um sorriso cheio de dentes.

— Me solte.

— Primeiro as damas. — Daniel subiu na cadeira de novo e ofereceu a mão para ela. — Quer ajuda?

— Ahn, acho que me viro sozinha.

Ela baixou as pernas em direção à mesa, esticando os braços enquanto tentava tocar a superfície com a ponta dos pés. Como tinha conseguido subir ali? As mãos cansadas começaram a escorregar.

— Pronto.

Daniel a pegou pela cintura no momento em que ela caía e a pousou cuidadosamente: um pé na mesa, o outro no meio da bandeja de acessórios, provocando um tinido. A saia de cobertor que ele usava afrouxou; ele agarrou o tecido o mais rápido que pôde e o apertou em volta da cintura.

— Não dá para acreditar nisso — murmurou Kevin.

Alex ficou parada cautelosamente, observando o cão.

— Se ele tentar qualquer coisa — sussurrou Daniel para ela —, vou distraí-lo. Cachorros me amam.

— O Einstein não é burro — grunhiu Kevin.

— Vamos tentar não checar essa informação. Agora é a sua vez.

Ele desceu da cadeira e se agachou ao lado de Kevin.

Alex escorregou da mesa com o mínimo de barulho possível, uma das mãos se esticando para encostar no teclado. O cão não reagiu: estava observando Daniel soltar o dono. Ela abriu as preferências do sistema. O protetor de tela não

era a única maneira de liberar o gás do sono, e ela ainda estava com as duas máscaras.

Porém, sabia que isso só dificultaria a situação. Teria que confiar em Daniel para lidar com Kevin, pelo menos por enquanto. Acomodou-se na cadeira.

Daniel tinha começado a soltar o tornozelo do irmão, mas a operação seguia lenta porque ele usava uma das mãos para segurar o cobertor.

— Passe logo a chave, eu faço isso — disse Kevin.

— Seja paciente.

Kevin xingou alto.

A chave girou e ele se apoiou nos pés de imediato, agachado ao lado do braço aprisionado. Arrebatou a chave da mão de Daniel e livrou o pulso em menos de um segundo. Levantou-se, esticando o pescoço e mexendo os músculos das costas. A parte superior do seu Bat-uniforme pendia, formando uma espécie de saia estilosa. O cão continuava imóvel a seus pés. Kevin se voltou para Alex.

— Onde estão minhas armas?

— Banco traseiro do carro.

Sem dizer mais nada, ele saiu da tenda a passos largos, com o cachorro logo atrás.

— Não abra nenhuma porta ou janela! — gritou ela. — As armadilhas estão montadas de novo.

— O carro também? — berrou ele de volta.

— Não.

Um segundo depois.

— Onde estão os pentes? Ei, e os percutores?

— Percutores na geladeira, balas no banheiro.

— Ah, fala sério!

— Foi mal.

— Quero minha SIG Sauer de volta.

Ela franziu a testa e não respondeu. Levantou-se rígida. Talvez pudesse desmontar as armadilhas. Já estava mesmo na hora de ir embora.

Daniel permanecia de pé no meio da tenda, olhando fixamente para a mesa prateada; uma de suas mãos segurava o suporte do soro, como se ele tentasse buscar um apoio. Parecia tonto. Hesitante, ela se aproximou.

— Você vai ficar bem? — perguntou ela.

— Não faço ideia. Não consigo entender o que devo fazer agora.

— Seu irmão deve ter um plano. Ele morou em algum lugar por aí durante esse tempo, vai encontrar um lugar para você.

Ele a fitou.

— É difícil?

— O quê?

— Fugir? Se esconder?

Ela abriu a boca para dizer algo tranquilizador, mas pensou melhor.

— É, é bem difícil. Você acaba se acostumando. A pior parte é a solidão, e você não vai ter que lidar com ela. Então isso lhe dá uma pequena vantagem. — Resolveu não expressar o pensamento de que talvez a solidão fosse uma companhia melhor do que Kevin Beach.

— *Você* se sente muito sozinha?

Ela tentou fazer piada.

— Só quando não estou com medo. Então, não, não me sinto sozinha com frequência.

— Já decidiu o que vai fazer agora?

— Não... Meu rosto é um problema. Não posso ficar rodando por aí deste jeito. As pessoas vão se lembrar de mim, e isso não é seguro. Vou ter que encontrar um esconderijo até o inchaço passar e os hematomas clarearem o suficiente para cobrir com maquiagem.

— *Onde* você se esconde? Não entendo como isso funciona.

— Pode ser que eu tenha que acampar por um tempo. Tenho alimento suficiente e bastante água. Por falar nisso, não beba a água da geladeira sem falar comigo primeiro, a da esquerda está envenenada. De qualquer maneira, pode ser que eu apenas procure um local remoto e durma no carro até me recuperar. — Ele piscou algumas vezes, provavelmente impressionado com o lance da água envenenada. — Talvez a gente possa fazer algo para *você* ficar mais discreto — disse ela de modo mais suave, tocando o cobertor com um dedo. — Acho que tem algumas roupas na casa. Duvido que caibam direito, mas vão ser melhores do que o seu traje atual.

Uma onda de alívio atravessou o rosto dele.

— Sei que parece besteira, mas acho que isso vai me ajudar bastante, de verdade.

— Certo. Espere só eu desarmar a armadilha do gás letal.

* * *

NO FIM DAS contas, Alex acabou devolvendo a SIG Sauer, apesar de se arrepender um pouco. Ela gostava do peso da arma. Precisava arrumar uma igual.

Os pertences dos donos do sítio estavam guardados no sótão, em um conjunto de cômodas que tinham seis ou sete décadas de idade. O proprietário era obviamente muito mais baixo e gordo do que Daniel. Ela deixou Daniel resolvendo esse assunto enquanto voltava ao celeiro para pôr as coisas no carro.

Kevin estava lá quando ela entrou, apertando uma grande quantidade de tecido preto em um rolo fácil de carregar; ela demorou um instante para perceber que se tratava de um paraquedas. Manteve distância enquanto ele

trabalhava, mas a trégua parecia firme. Por algum motivo, Daniel tinha se colocado entre ela e a animosidade do irmão. Nenhum dos dois compreendia *por que* ele estava fazendo aquilo, mas Kevin se importava demais com Daniel para violar a confiança dele naquele momento. O irmão ainda estava remoendo anos de mentiras.

Ou foi isso que ela disse a si mesma a fim de reunir a coragem necessária para passar perto do cão a caminho do carro.

Ela era uma veterana em fazer malas, por isso não demorou muito. Quando tinha ido se encontrar com Carston, armazenara seus pertences e desmontara o sistema de segurança da casa alugada, para o caso de não retornar. (Um de seus pesadelos era que o departamento a capturasse enquanto ela estivesse fora e, então, um senhorio inocente entrasse na casa e morresse.) Guardara os equipamentos fora de Washington e voltara para pegar as coisas quando começara a organizar o Projeto de Interrogatório do Professor. Então enfiou tudo dentro das sacolas pretas gastas — os cilindros pressurizados, os quilômetros de fios, as baterias, os frascos revestidos de borracha, as seringas, os óculos de proteção, as luvas grossas, o travesseiro e o saco de dormir. Empacotou seus acessórios e alguns dos objetos novos que havia adquirido. Os grilhões eram um bom achado, e o catre oferecia um nível de conforto decente e dobrava até formar um retângulo pequeno. Colocou o laptop na pasta, apanhou a caixinha preta que só servia de distração, assim como o medalhão, puxou os longos cabos e enrolou os fios de extensão. Teria que deixar as luzes para trás, o que era uma pena. Não haviam sido baratas. Desmontou a tenda, deixando apenas uma pilha inútil de espuma acústica e tubos de PVC, e empurrou a mesa de volta para o lugar onde a tinha encontrado. Quanto aos orifícios que abrira, não havia nada que pudesse fazer.

Ela podia apenas esperar que tivesse disfarçado as coisas o suficiente para que os proprietários ficassem somente confusos e zangados pela destruição, e não desconfiados de que algo nefasto tivesse acontecido ali. Existia a possibilidade de eles denunciarem a inquilina destruidora para as autoridades, mas a polícia local também não conseguiria deduzir nada a partir da bagunça que encontraria. Contanto que certas palavras não fossem registradas no boletim de ocorrência, não existia nenhum motivo para que alguém do governo voltasse a atenção para o incidente. Ela tinha certeza de que havia histórias de destruição muito mais interessantes no Airbnb.

Balançou a cabeça ao deparar com a porta do quarto dos fundos. O cão havia mastigado ou cavado um buraco de sessenta centímetros de altura por trinta de largura bem no centro da sólida tábua de madeira. Pelo menos ele só tinha pulado em cima do carro em vez de destruí-lo em sua rota de fuga.

Ela havia terminado de encher o porta-malas quando Daniel voltou.

— Bela calça capri — comentou Kevin, enrolando o cabo do seu arpéu em

um caracol perfeito.

Alex ficou imaginando se ele tinha voltado a subir no telhado para recuperá-lo e, se tivesse, como ela não tinha visto nada.

Era verdade que a calça de Daniel só chegava até a metade das canelas. A camisa de algodão estava larga, e as mangas eram provavelmente curtas demais: ele as enrolara até os cotovelos.

— Se pelo menos eu tivesse um traje de mergulhador pela metade. — Daniel suspirou. — Aí, sim, eu me sentiria pronto para encarar o mundo.

Kevin resmungou:

— Eu teria um traje de mergulhador completo se a psicopata não fosse tão pervertida.

— Não seja convencido, eu estava procurando armas.

Daniel a observou enquanto ela fechava a mala do carro.

— Você está indo embora?

— Estou. Preciso chegar a algum lugar seguro para poder dormir.

Ela imaginava que sua aparência estivesse desmazelada o suficiente para que a explicação fosse um pouco redundante.

— Eu estava pensando... — disse Daniel, interrompendo-se, hesitante.

Kevin olhou por cima do rifle, alarmado pelo tom de voz do irmão.

— O que você estava pensando? — perguntou, desconfiado.

— Bem, eu estava pensando nos escorpiões no pote. Alex disse que só havia dois resultados possíveis: um mata o outro ou os dois morrem. E imagino que as pessoas que queriam matar vocês tenham pensado a mesma coisa.

— E daí? — indagou Kevin.

— E daí que existe uma terceira opção — disse ela, adivinhando o raciocínio de Daniel. — Os escorpiões se afastam, uma alternativa pela qual eles não estarão esperando. É isso que vai deixar você seguro, Daniel.

— Mas também há uma quarta opção — respondeu Daniel. — É nisso que estou pensando.

Kevin inclinou a cabeça. Claramente, não estava entendendo. Ela compreendeu tudo logo antes de Daniel falar:

— E se os escorpiões unissem forças?

Ela contraiu os lábios, mas relaxou a expressão quando o movimento repuxou a ferida.

Kevin grunhiu.

— Pare de falar besteira, Danny.

— Estou falando sério. Eles nunca esperariam isso. Então nós estaremos duplamente seguros, porque teremos as duas criaturas perigosas no mesmo time.

— Nem pensar.

Ela se aproximou.

— É uma ideia inteligente, Daniel, mas acho que talvez alguns dos nossos

problemas pessoais sejam grandes demais para superar.

— Kev não é tão mau. Você vai se acostumar com ele.

— *Eu* não sou mau? — bufou Kevin, espiando pela mira da arma.

Daniel a fitou.

— Você está pensando em voltar, não está? Aquilo que você disse sobre visitar a despensa...

Perspicaz para um civil.

— Estou considerando a possibilidade.

Kevin estava concentrado no diálogo.

— Contra-atacar?

— Talvez funcione — disse ela. — Existe um padrão... Refleti sobre o assunto e acho que talvez não existam muitos indivíduos que sabem sobre mim. É por isso que eles se esforçaram tanto para ter cinquenta por cento de chance de acabar comigo. Acho que sou um segredo, então, se eu conseguir me livrar das pessoas que sabem desse segredo... bem, aí ninguém mais vai me procurar.

— Isso serve para mim também? — indagou Kevin. — Se estão usando essa estratégia para me pegar, você acha que eu posso ser um segredo também?

— É o lógico.

— Como você vai descobrir quem sabe?

— Se eu estiver em Washington quando mandar minha pequena mensagem para Carston, vou poder observar a quem ele vai recorrer. Se for de fato um segredo, eles não vão poder conversar no escritório.

— Eles vão saber que você está por perto. Seu endereço de IP vai denunciar.

— Talvez nós possamos trabalhar juntos de maneira limitada. Um de vocês dois poderia mandar o e-mail para mim de algum lugar distante.

— Qual é a sua experiência com vigilância? — perguntou Kevin de súbito.

— Humm... Eu ganhei bastante prática nos últimos anos...

— Você tem algum treinamento *formal*?

— Sou cientista, não agente de campo.

Ele aquiesceu.

— Certo, deixe comigo.

Ela balançou a cabeça.

— Você está morto de novo, lembra? Você e Daniel podem desaparecer agora. A cavalo dado não se olham os dentes.

— Esse ditado é burro. Se os troianos *tivessem* olhado os dentes do cavalo, talvez tivessem vencido aquela guerra.

— Esqueça o ditado. Estou tentando ficar quite com o seu irmão.

Daniel estava observando a conversa em silêncio, movendo a cabeça de um lado para outro.

— Escute, Espirradeira, eu *tive* treinamento. Muito. *Ninguém* vai me pegar espionando, e vou conseguir ver mais do que você. Posso esconder o Daniel em

um lugar onde ele vai ficar totalmente seguro, então isso não é problema. E, se você estiver certa e esse tal de Carston for correndo para os outros conspiradores, ele vai me mostrar quem na Agência pensou nisso. Vou ver quem colocou Danny em perigo para me pegar. Aí posso anular meu problema e você anula o seu.

Ela refletiu sobre o assunto, tentando ser objetiva. Era difícil não deixar a antipatia pelo irmão de Daniel enviesar sua análise. Mas essa antipatia não era justa. Afinal, ela não se sentiria da mesma maneira que Kevin se um irmão dela estivesse amarrado à mesa? Não faria as mesmas coisas se pudesse?

No entanto, ela ainda desejava muito poder injetar alguma substância agonizante nele, só uma vez.

— Em primeiro lugar, não me chame de Espirradeira — disse.

Ele sorriu com desdém.

— Segundo, eu entendo o que você está falando. Mas como vamos coordenar as ações? Eu preciso me esconder por um tempo. — Ela apontou para o próprio rosto.

— Deve isso a ela — disse Daniel. — Se você tem um lugar seguro para mim, talvez ela devesse ir para lá também. Pelo menos até os machucados sararem.

— Eu não devo nada a ela, a não ser talvez outro soco na cara — bramiu Kevin. Daniel se empertigou e deu um passo à frente em direção ao irmão; Kevin levantou as mãos em um sinal de *eu me rendo* e suspirou. — Mas o melhor é andarmos rápido, então talvez esse seja o arranjo mais fácil. Além disso, assim ela pode nos levar de carro. O avião já era: tive que saltar de paraquedas para descer. Eu estava pensando em pedir carona para sair daqui. — Daniel arregalou os olhos, incrédulo. Kevin riu da expressão do irmão, depois se virou para ela com um sorriso. Olhou para o cão, depois novamente para ela, e seu sorriso ficou mais largo. — Acho que talvez eu até aprecie a sua presença no rancho, Espirradeira.

Ela rangeu os dentes. Se Kevin tivesse uma casa segura, isso resolveria muitos dos problemas dela. E, antes de ir embora, ela poderia temperar a comida dele com um laxante forte.

— O nome dela é Alex — corrigiu Daniel. — Quer dizer, eu sei que não é, mas é assim que ela se chama no momento. — Ele se virou para ela. — Alex está bom, certo?

— Tão bom quanto qualquer outro nome. Vou ficar com ele por enquanto. — Ela olhou para Kevin. — Você e o cachorro vão no banco de trás.

CAPÍTULO 11

Há muitos e muitos anos, quando era uma menininha chamada Juliana, Alex gostava de imaginar que fazia viagens de carro em família.

Ela e a mãe viajavam de avião nas poucas férias que tiravam — isso se visitas por obrigação aos avós em Little Rockpudessem ser classificadas como *férias*. A mãe, Judy, não gostava de dirigir por longas distâncias, pois ficava nervosa. Judy dizia que morria mais gente em acidentes de carro do que em desastres aéreos, embora também ficasse muito tensa em aviões. Juliana cresceu sem temer os perigos associados a viagens, ou germes, ou roedores, ou espaços apertados ou qualquer uma das muitas coisas que tiravam Judy do sério. Como não havia outra pessoa para desempenhar o papel, ela tinha que ser a sensata da casa.

Como a maioria dos filhos únicos, Juliana achava que ter irmãos seria a cura para a solidão de suas longas tardes fazendo o dever de casa na mesa da cozinha enquanto esperava Judy chegar do consultório dentário que administrava. Juliana ansiava pela faculdade e por dormitórios e colegas de quarto, como se aquilo fosse realizar seu sonho de ter companhia. O problema foi que, quando chegou à faculdade, descobriu que sua vida de solidão familiar e responsabilidade adulta havia resultado na incompatibilidade de coabitar um espaço com adolescentes comuns de dezoito anos. Então a fantasia fraternal ruiu, e já no terceiro ano ela tinha um pequeno apartamento próprio.

Entretanto, a fantasia sobre uma viagem de carro com uma família grande e calorosa havia sobrevivido. Até aquele dia.

Para falar a verdade, ela provavelmente estaria de melhor humor se não estivesse sentindo o corpo inteiro como um único e imenso hematoma latejante. E ela *provocara* a primeira discussão, ainda que de maneira involuntária.

Ao atravessar a fronteira do condado, ela abriu a janela e jogou fora o pequeno rastreador que havia extraído da perna de Daniel. Por precaução, ela não tinha a intenção de carregar o aparelho por muito tempo, mas também não queria deixá-lo bem no meio de sua última base de operações. Ela achava que tinha removido a maior parte das evidências, mas nunca dava para ter certeza. Sempre que podia limpar os rastros, ela reservava um tempo para isso.

Do retrovisor, ela viu Kevin se inclinar para a frente.

Ele tinha conseguido recuperar uma mochila que havia jogado do avião quando pulou; naquele momento, ele e Daniel pareciam bem normais de calças jeans e camisetas de manga comprida — uma preta, outra cinza —, e Kevin tinha duas novas pistolas.

— O que era aquilo? — perguntou Kevin.

— O rastreador que estava em Daniel.

— O quê? — disseram Kevin e Daniel, juntos.

Em seguida, falaram um por cima do outro:

— Eu *tinha* um rastreador? — perguntou Daniel.

— Por que você fez isso? — reclamou Kevin.

A mudança do tom em Kevin chamou a atenção do cachorro, que levantou a cabeça para fitá-lo. Mas depois o animal decidiu que estava tudo bem e enfiou a cara para fora da janela novamente.

Ela se virou primeiro para Daniel, olhando para ele por debaixo do boné que deveria manter na sombra seu rosto deformado.

— Como você acha que seu irmão o encontrou?

— Ele me rastreou? Mas... onde estava?

— No ponto dolorido da parte interna de sua coxa direita. Mantenha a incisão limpa, tente evitar que infeccione.

— Você sabe o trabalho que deu colocar isso? — resmungou Kevin.

— Se você pode rastrear, então outra pessoa também pode. Eu não queria dar chance ao azar com nossa localização.

Daniel virou-se no banco do carona para encarar o irmão.

— Como você... Como foi possível eu não saber disso?

— Você se lembra, cerca de dois anos depois de a vadia ir embora, de uma loura gostosa com pernas compridas naquele bar que você vai quando está deprimido. Qual o nome?...

— Lou's. Como você sabia daquilo? Eu nunca falei... Espere, você mandou me *seguirem*?

— Eu estava preocupado com você depois que a vadia...

— O nome dela é Lainey.

— Que seja. Sempre achei que você não deveria ficar com ela.

— Desde quando você aprovou alguma garota para mim? Pelo que lembro, você só gostava das garotas que queriam você. Era um insulto para você se alguém preferisse a mim.

— A questão é que você não estava sendo você mesmo. Mas ter mandado seguirem você não teve relação com...

— *Quem* me seguiu?

— Foi só por alguns meses.

— Quem?

— Alguns camaradas meus. Não da Agência. Eram alguns policiais que eu conhecia, um detetive particular por um tempinho.

— O que eles estavam procurando?

— Era só para confirmar que você estava bem, que não ia se jogar da ponte ou algo do tipo.

— Eu não acredito em você. De todo o... Espere aí. A loura? Você quer dizer aquela garota, qual era o nome dela? Kate? A que me pagou uma bebida e... Ela era espiã?

Pelo retrovisor, ela viu Kevin abrir um sorriso.

— Não, na verdade ela era prostituta. Kate não é o nome verdadeiro dela.

— Pelo visto, ninguém em todo o planeta além de mim usa o nome verdadeiro. Estou vivendo em um mundo de mentiras. Nem sei o nome de nascença de Alex.

— Juliana — disse ela, ao mesmo tempo que Kevin. Eles lançaram olhares irritados um para o outro.

— *Ele* sabia? — perguntou Daniel, ofendido.

— Veio à tona quando você estava inconsciente. Foi o nome que me deram quando nasci, sendo que não é mais o verdadeiro. Não significa nada para mim. Eu sou Alex agora.

Daniel franziu o cenho, não totalmente satisfeito.

— De qualquer jeito — emendou Kevin, mantendo um tom de quem estava contando uma piada de que realmente gostava —, a loura deveria ter levado você de volta para casa, mas você disse a ela que seu divórcio ainda não estava finalizado e que *não parecia certo*. — Kevin deu uma risada rouca. — Não acreditei quando ouvi. Mas era tão *você*... Nem sei por que fiquei surpreso.

— Muito engraçado. Mas não vejo como essa pequena troca resultou em um rastreador na minha perna.

— Não resultou. Eu só gosto muito dessa história. Mas, enfim, isso que foi a dor de cabeça. A prostituta foi fácil de arrumar. E, se você a tivesse levado para casa, pelo menos teria sido prazeroso implantar o rastreador. Levar você ao consultório do seu clínico geral deu muito mais trabalho. Mas uma hora consegui que um funcionário temporário da clínica ligasse para você e o chamasse para fazer um check-up. Quando você chegou lá, viu um dos novos médicos. Um cara que você nunca tinha visto.

Daniel ficou boquiaberto, sem acreditar.

— Ele disse que *eu tinha um tumor*!

— Um tumor *benigno*... que ele extraiu lá no consultório com anestesia local e imediatamente lhe assegurou que não era nada. Ele nem chegou a cobrar. Não faça tempestade em copo d'água.

— Você está falando sério? Como pôde... — Os gritos de Daniel ecoavam no último volume. — Como você *justifica* essas coisas para si mesmo? Todos esses anos você me manipulou! Me tratou feito um animal de laboratório que existe para a sua diversão!

— É difícil, Danny. Eu tenho me exposto tentando manter você a salvo. A Agência queria que eu me fingisse de morto desde o começo, mas eu não podia fazer isso com você, não depois da mamãe e do papai. Então fiz um monte de

promessas e passei todos os meus fins de semana livres voando para Milwaukee para bancar um criminoso.

A voz de Daniel estava mais calma quando ele respondeu.

— Eu *fui de carro*. E tudo aquilo foi realmente necessário?

— Pergunte à menina-veneno. Esses tipos de trabalho não são para pessoas de família.

Daniel olhou para ela.

— Isso é verdade?

— É. Eles gostam de recrutar órfãos. De preferência, filhos únicos. Como seu irmão falou antes, relacionamentos dão poder de barganha aos bandidos.

O tom dele ficou mais brando em seguida.

— Você é órfã?

— Não tenho certeza. Nunca conheci meu pai. Ele ainda pode estar vivo em algum lugar.

— Mas sua mãe...

— Câncer de útero. Eu tinha dezenove anos.

— Sinto muito.

Ela assentiu com a cabeça.

Houve um breve momento de silêncio, bastante agradável. Alex prendeu a respiração e rezou para que continuasse assim.

— Quando finalmente fiz você pensar que eu estava morto... — começou Kevin.

Alex ligou o rádio e começou a procurar as estações. Kevin não entendeu a deixa. Daniel apenas olhava pelo para-brisa.

— ... eu estava apenas começando com Enrique de la Fuentes. Eu achava que ia sair do controle nos primeiros dias. Eu sabia o que ele havia feito às famílias dos seus inimigos. Era hora de libertar você.

— Libertar da mentira da visitação, você quer dizer — resmungou Daniel.

Alex achou uma estação de música clássica e aumentou o volume para que ficasse mais alto do que a voz de Kevin.

— Foi quando implantei o rastreador. Eu precisava saber que você estava bem. Não tinha mais ninguém cuidando de você, só eu.

Daniel soltou um grunhido de descrença.

O volume da música estava piorando a dor de cabeça de Alex. Ela voltou a baixar o volume.

— Acabou... mal com a Agência. O plano era esperar até que as coisas acalmassem e eu fosse esquecido, depois mudar o rosto. Em algum momento, eu voltaria para você, garoto. Não me reconheceria a princípio, mas eu não deixaria você pensar que estaria sozinho a vida inteira.

Daniel olhava fixamente para a frente. Ela se perguntou se ele acreditava no que o irmão estava dizendo. Ele cambaleava sob o peso de tantos modos

diferentes de traição.

— O que aconteceu com a Agência? — perguntou Alex.

Ela realmente não queria estar envolvida na conversa, mas pelo visto Daniel não a continuaria. Antes de se juntar a essa improvável aliança, não importava muito para ela de uma forma ou de outra como Kevin saíra da CIA. Agora a informação era importante, porque a afetava também.

— Quando o trabalho com o vírus acabou e De la Fuentes saiu do circuito, a Agência quis me puxar novamente para lá, mas ainda havia algumas pontas soltas que me incomodavam. Eu queria ajeitar tudo aquilo. Não teria tomado muito mais tempo, e eu estava em uma posição excepcional de poder com o cartel. Era também uma boa oportunidade para influenciar o que acontecia lá... quem assumia, quais seriam os planos, além de poder coletar informações confiáveis sobre a nova estrutura. Eu não podia acreditar que a Agência estivesse me chamando de volta. Eu me recusei a sair. Pensei que tivesse sido claro ao me explicar, mas... acho que eles não acreditaram em mim. Devem ter pensado que eu me tornara um trapaceiro, que eu tinha virado a casaca e estava escolhendo o cartel. Ainda não faz sentido para mim. — Ele balançou a cabeça. — Achei que eles me conhecessem melhor.

— O que eles fizeram? — perguntou Daniel.

— Eles me queimaram. Contaram para as pessoas que eu era agente, que eu havia matado De la Fuentes. E essas pessoas vieram em busca de vingança.

— E, até onde a CIA sabia, elas conseguiram vingança — adivinhou Alex.

— Exatamente.

— Você o matou? — perguntou Daniel. — De la Fuentes?

— Faz parte do trabalho.

— Você já matou muitas pessoas?

— Quer mesmo saber?

Daniel esperou em silêncio, sem olhar para trás.

— Tudo bem. Certo. Eu já matei por volta de... hum... quarenta e cinco pessoas, talvez mais. Não tenho certeza do número. Nem sempre há tempo para checar o pulso. Consegue entender por que eu precisava deixar você longe da minha vida?

Daniel então olhou para Alex.

— Você já matou alguém?

— Três vezes.

— Três... Ah! As pessoas que o seu departamento mandou atrás de você?

— Isso.

— Pare de agir como se isso a tornasse melhor do que eu — interveio Kevin, irritado.

— Eu não estava... — começou Daniel.

Foi a vez de Kevin gritar:

— Pergunte quantas pessoas ela torturou antes de você. Pergunte a ela quanto tempo durou cada tortura. Quantas horas... ou quantos dias? Eu só atiro nas pessoas. Limpo e rápido. Eu nunca faria o que ela faz. Com ninguém, principalmente com um civil inocente como...

— Cale a boca — vociferou Daniel. — Apenas pare de falar. Não transforme isso tudo em uma questão a respeito dela. Sejam lá quais dores ela me causou, lembre-se, você me causou mais. Doeu mais, e durou muito, muito mais. Você diz que tinha uma boa razão. Ela também. Ela não sabia que haviam mentido, que a haviam manipulado. Eu *sei* como é.

— Você fala como se ela fosse uma observadora inocente aqui.

— Eu disse para *calar a boca*! — urrou Daniel, elevando as últimas três palavras a decibéis ensurdecedores.

Alex se encolheu. O cão ganiu, tirando a cabeça do lado de fora da janela e encarando o dono.

— Calma — disse Kevin, talvez para o cachorro.

Daniel percebeu a reação dela.

— Você está bem?

— Na verdade, acima de muitos outros machucados incômodos, estou com uma dor de cabeça absurda.

— Sinto muito.

— Não se preocupe.

— Parece que você vai se espatifar, figurativa e literalmente. Quer que eu dirija? Você podia tentar tirar um cochilo.

Ela pensou nisso por um momento. Sempre tivera que fazer as coisas por conta própria, mas tudo bem, porque assim ela sabia que tudo estava sendo feito da maneira correta. Ela não tinha ninguém com quem revezar a direção, mas tudo bem também, porque assim não precisava confiar em outra pessoa. Confiança era fatal.

Ainda assim, ela conhecia seus limites. Parecia um luxo a ideia de poder dormir e viajar ao mesmo tempo.

E ela acreditava que Daniel não a machucaria, não a trairia. Mesmo sabendo que poderia ser um erro grave, ela ainda assim confiava nele.

— Obrigada — respondeu ela. — Seria muito bom. Vou parar na próxima saída.

As palavras soaram estranhas para ela à medida que saíam da boca. Como se fossem algo que uma pessoa pudesse dizer na televisão, falas de um ator para o outro. Mas ela imaginou que era assim que as interações humanas habituais soavam normalmente. Ela não tivera muito disso na vida.

O silêncio foi muito agradável pelos três quilômetros que restavam até a próxima saída. A paz a deixou ainda mais sonolenta. Suas pálpebras já fechavam devagar de modo involuntário quando ela estacionou no acostamento sujo.

Ninguém falou enquanto eles trocavam de lugar. Kevin afundou a cabeça no assento, os olhos fechados. Daniel tocou de leve no ombro dela ao passarem um pelo outro.

Cansada como estava, ela não adormeceu imediatamente. Primeiro pensou que era estranho ter o carro se movendo por baixo dela; seu corpo se acostumou, por força do hábito, com a ideia de que sempre seria ela no volante e sabia que dormir não era permitido. Ela espiou Daniel algumas vezes por baixo do boné, apenas para ter certeza. Ele sabia dirigir direito. Não havia problema em relaxar um pouco. Claro, o banco era desconfortável, mas não muito pior que seu arranjo usual na hora de dormir. Ela havia ensinado a si mesma a descansar onde conseguisse. Mas sua cabeça estava... um tanto descontrolada. Assim que percebeu isso, soube que era da máscara de gás que ela estava sentindo falta. Havia se tornado parte do seu ritual de sono.

Entender o problema ajudou. Ela puxou o boné mais para baixo por cima do rosto machucado e se obrigou a relaxar. Ela decidiu que não amarraria cabos hoje. Nem faria armadilhas de gás venenoso. Tudo estava bem, prometeu a si mesma.

* * *

ESTAVA ESCURO QUANDO ela acordou. Sentia-se entrevada, incrivelmente dolorida e faminta. Também precisava fazer xixi. Desejou ter dormido mais tempo e, assim, evitar todas essas sensações desagradáveis, mas os irmãos estavam discutindo de novo. Ela sabia que esteve apagada por muito tempo, então não podia culpá-los por se esquecerem dela, mas desejava que os dois não estivessem discutindo sobre *ela* quando acordou.

— ...mas ela *nem é* bonita — dizia Kevin, enquanto ela voltava aos poucos à consciência.

— Você nem sabe como ela é — replicou Daniel, zangado. — Você arrebentou o rosto dela antes de ela ter a chance de se apresentar.

— Não é só o rosto, garoto. Ela tem o corpo de um menino magrelo de dez anos.

— Você é a razão por que as mulheres acham que todo homem é mau-caráter. Além disso, o termo é *sílfide*.

— Você lê livros demais.

— Você não lê o suficiente.

— Eu chamo do que é.

— Você tem uma percepção limitada.

— Ei, tudo bem, não fiquei ofendida — interrompeu Alex.

Não havia maneira oportuna de entrar na conversa, mas ela não queria fingir que estava dormindo. Ela tirou o boné do rosto e limpou a saliva que tinha vazado

do lábio machucado.

— Desculpe — murmurou Daniel.

— Não se preocupe. Eu tinha que acordar.

— Não, eu digo *por ele*.

— O desprezo do seu irmão pelo meu charme é um tipo especial de elogio.

Daniel riu.

— Bem observado.

Kevin sorriu com desdém.

Alex se espreguiçou, depois gemeu.

— Me deixe adivinhar. Ao imaginar a parceira do Cientista Louco, a misteriosa Espirradeira, você via uma loura, certo? — perguntou ela, fitando o rosto dele, subitamente rígido. — Sim, com certeza uma loura. Seios fartos, pernas longas e bronzeadas, lábios carnudos e enormes olhos azuis? Deixei algo de fora? Ou também havia um sotaque francês?

Kevin não respondeu. Ela se virou e olhou de relance para ele, que mirava para fora da janela como se não estivesse escutando nada.

— Acertei de primeira. — Ela riu.

— Ele sempre foi fã do óbvio — disse Daniel.

— Nunca vi uma mulher assim no trabalho — disse Alex, olhando para Daniel. — Não estou dizendo que uma criatura dessas não tenha o cérebro necessário, mas, realmente, para que passar décadas enterrada em pesquisas sem glamour quando há tantas opções?

— Já encontrei garotas assim no trabalho — resmungou Kevin.

— Claro, agentes — consentiu Alex. — É um trabalho sexy. Excitante. Mas, acredite em mim, jalecos de laboratório não são atraentes, não são apertadinhos, apesar da versão vadia de fantasia de Halloween.

Kevin voltou a olhar para fora da janela.

— Como você está se sentindo? — perguntou Daniel.

— Ai.

— Ah. Desculpe.

Ela deu de ombros.

— Deveríamos achar um lugar para dar uma parada. Vai ser impossível comer em um restaurante sem alguém chamando os policiais atrás de vocês dois. Precisamos encontrar um hotel em algum lugar, e então alguém sai para fazer compras.

— Serviço de quarto não é uma opção? — perguntou Daniel.

— Esse tipo de hotel nota quando você paga em dinheiro — explicou Kevin, antecipando-se a ela. — Desculpe, mano. Vamos ter que passar aperto esta noite.

— Você dirigiu o dia inteiro? — perguntou ela.

— Não, Kev e eu revezamos.

— Não acredito que dormi tanto.

— Acho que você estava precisando.

— É, acho que passei tempo demais dando o máximo de mim.

— Tão pouco tempo — murmurou Kevin —, tanta gente para torturar.

— É verdade — concordou ela, com suavidade, apenas para implicar.

Daniel começou a rir. Ele parecia gentil e doce — mais do que qualquer pessoa que ela conhecia —, mas com certeza era estranho. E instável, provavelmente.

Encontraram um lugar pequeno na periferia de Little Rock. Alex achava que devia reconhecer pelo menos um pouco da cidade, mas nada evocava suas visitas aos avós na infância. Talvez a cidade tivesse crescido demais ao longo dos anos desde que fora até lá. Talvez ela só estivesse na parte errada. Em algum lugar ali por perto, a mãe e os avós estavam enterrados. Ficou pensando se isso deveria despertar algum sentimento. Mas o lugar na verdade não importava. Ela não estaria mais perto dos parentes só por estar mais perto do material genético deles.

Kevin insistiu em resolver tudo na recepção. Provavelmente era melhor mesmo que Kevin tomasse a frente naquele momento; Alex estava fora de serviço, graças ao seu rosto, e, mesmo que ela parecesse bem, ainda era ele o especialista. Ela só sabia o que havia aprendido com pesquisa teórica e alguns anos de tentativa e erro. Kevin aprendera muito mais e já havia provado isso em campo. Daniel estava fora de questão. Ah, seu rosto era ótimo, mas seus instintos eram todos errados.

Um exemplo bem ilustrativo foi a maneira como ele discutiu quando reparou que Kevin havia reservado somente um quarto para eles. Não lhe ocorreu que o recepcionista seria mais capaz de se lembrar de um homem que entrou sozinho e pagou em dinheiro vivo a reserva de dois quartos. E, quando Kevin estacionou três portas antes do quarto deles, Daniel não entendeu por quê. Falsa orientação, explicaram eles, mas era estranho tudo o que Daniel já tinha aprendido, todo hábito que ele cultivara. Ele pensava como uma pessoa normal que nunca tivera nada a esconder. Havia muita coisa que ele teria que aprender.

Ele até perguntou se deveriam pedir permissão antes de levar o cachorro para o quarto.

Só tinha uma cama, mas Alex havia dormido doze horas seguidas, então ela estava bem para ficar de vigia. Kevin saiu por meia hora e voltou com sanduíches enrolados em papel celofane, refrigerantes e um grande saco de comida para cachorro. Alex devorou seu sanduíche e em seguida completou a refeição com um punhado de analgésicos. Einstein comeu com o mesmo entusiasmo, direto do saco, mas Daniel e Kevin estavam mais tranquilos quanto à comida. Pelo visto, ela havia perdido algumas paradas em *drive-throughs* também.

A rápida avaliação de si mesma no espelho arranhado do banheiro não foi

muito animadora. Seu nariz estava inchado, o dobro do tamanho normal, vermelho e bulboso. Pelo lado positivo, havia chances de o nariz sarar e ficar diferente do que antes, mudando assim um pouco a aparência dela. Talvez não tão esteticamente satisfatório quanto seria com uma cirurgia plástica, mas provavelmente menos doloroso no geral, ou pelo menos mais rápido. Seus olhos roxos exibiam uma contradição impressionante em relação à expressão "olho roxo", pois ostentavam um arco-íris de cores, do amarelo-icterícia, passando para o verde biliar até o roxo doentio. Seu lábio rasgado tinha um inchaço em cada lado da fissura, como dois balões de carne, e ela nem sabia como era possível desenvolver hematomas *dentro* da boca. Havia um golpe de sorte: ela ainda tinha todos os dentes. Conseguir uma prótese seria complicado.

Levaria um tempo até Alex poder fazer *qualquer coisa*. Ela realmente esperava que o refúgio de Kevin fizesse jus ao nome. Preocupava-se com o fato de ser levada para o desconhecido. Ela não tinha planejado nada, e isso era cem por cento perturbador.

Ela tomou um banho e escovou os dentes — um suplício mais doloroso do que de costume — e deslizou para dentro de sua legging preta e de uma camiseta branca limpa. Havia chegado aos limites de seu guarda-roupa. Tinha esperanças de que o refúgio contasse com uma máquina de lavar roupas.

Daniel estava dormindo quando ela voltou, esticado de bruços com um braço embaixo do travesseiro e o outro caindo pela lateral da cama, dedos longos roçando o tapete desbotado. Seu rosto adormecido era realmente indescritível — como antes, quando ele estava inconsciente, sua inocência e serenidade não pareciam pertencer ao mesmo mundo que o dela.

Kevin não estava no quarto, nem o cão. Embora ela presumisse que o cachorro tinha necessidades, não conseguiu evitar ficar em alerta máximo até eles voltarem.

Kevin a ignorou, mas o cão a cheirou quando passou por ela. Ele desabou de costas, os braços abertos, e imediatamente fechou os olhos. Só se mexeu seis horas depois. O cachorro pulou para a beirada da cama e se encolheu com o rabo em cima das pernas de Daniel e a cabeça usando os pés de Kevin como travesseiro.

Alex se sentou na única cadeira que havia — o carpete estava com um aspecto questionável demais para que ela ficasse no chão — e se curvou sobre o notebook para ver as notícias. Ela não tinha certeza de quando o desaparecimento de Daniel seria percebido ou, assim que fosse, se seria transmitido pelos meios de comunicação. Provavelmente não. Homens adultos sumiam o tempo todo. Seu pai, por exemplo. Esse tipo de coisa era comum demais para virar notícia, a não ser que houvesse algum detalhe excepcional — como partes do corpo desmembradas na casa dele.

Também não havia nada a respeito da queda de um avião monomotor na

Virgínia Ocidental — sem feridos ou mortos encontrados, o proprietário da aeronave ainda sendo procurado —, mas ela duvidava de que os noticiários fossem dar mais do que uma nota no jornal on-line local. Quando a notícia surgisse, não chamaria atenção de ninguém em Washington.

Ela esgotou sua busca por informações que pudessem colocá-los em perigo. Parecia que, até então, eles estavam limpos naquela frente, pelo menos. O que Carston estaria pensando naquele momento? O que estaria planejando? Ela só tinha que devolver Daniel na segunda-feira antes da escola, e ainda era sábado... bem, quase domingo. O departamento sabia que ela não faria Daniel ceder; ele não tinha nada para contar. Eles precisavam ter em mente que em alguma hora ela saberia da existência dos gêmeos idênticos. Deviam ter certeza absoluta do status de Kevin na terra dos vivos. Esperavam que ele saísse logo no início do jogo, e estavam certos a respeito disso. A única coisa que eles não previram foi que a torturadora e o assassino pudessem ter uma conversa.

Nunca teria sido dessa maneira sem a interferência de Daniel. Ele havia sido um recurso tático para eles, apenas um peão, movido para uma posição de risco a fim de atrair os jogadores mais cruciais para o centro do tabuleiro. Eles nunca teriam adivinhado que Daniel seria o catalisador da mudança.

Ela planejava se manter fiel ao seu lado do acordo — faria o papel de vencedora (embora esse fosse na verdade o papel do perdedor) e deixaria Daniel e Kevin serem dados como mortos. No caso de Kevin, morto *novamente*. Mas, ah, como ela gostaria de ser a que bancaria a morta. Não seria mais fácil para o departamento acreditar que alguém como Kevin Beach — que derrubou um cartel — tivesse obtido êxito onde eles falharam? Não faria sentido para eles pararem de procurar então? Qual seria a sensação de desaparecer, mas dessa vez sem ninguém a procurando?

Ela suspirou. As fantasias só dificultavam tudo; não fazia sentido dar-se ao luxo de perder tempo com isso. Os dois homens estavam bem apagados, tinha certeza, então ela enfiou a mão na bolsa e pegou o tubo pressurizado que havia selecionado. Tinha somente as duas máscaras de gás, então nada mortífero essa noite, apenas o indutor de sono por vias aéreas que ela havia conectado ao computador no dia anterior. Era suficiente. Permitiria que ela controlasse as consequências se alguém os descobrisse.

Depois de amarrar os fios — somente uma linha dupla; ela não teria que armar nem desarmar de fora do quarto essa noite —, ela voltou a se acomodar na cadeira. Deu uma olhada nos gêmeos. Os dois homens dormiam profundamente, em paz. Ela se perguntou se esse hábito seria saudável para um espião. Talvez Kevin realmente confiasse nela o suficiente para fazer soar o alarme, pelo menos, e talvez até mesmo para lidar com o problema sem matá-los. Ela e os irmãos eram estranhos aliados, sem dúvida.

Como era esquisito observá-los... Parecia errado, e ela esperava sentir aquilo.

Mas também era bom, satisfazendo uma necessidade que ela nunca soube que existia, e *isso* ela *não* esperava.

Ela ficou pensando na análise que fizera da situação, procurando falhas em sua teoria. No entanto, quanto mais analisava, mais sentido fazia. Até a aflitiva falta de evolução em seus assassinos-em-potencial — na terceira tentativa, *alguém* deveria saber de seu sistema e mudar a abordagem — fazia sentido sob essa perspectiva. Nunca houve uma *operação*, apenas indivíduos descartáveis mandados atrás dela com pouca ou nenhuma instrução. Ela pensou sobre cada conjectura e se sentiu mais confiante do que nunca ao compreender quem a caçava.

E então ela ficou entediada.

O que ela queria mesmo era logar no site do programa de patologia da Universidade Columbia e ler as últimas teses de doutorado, mas não era seguro fazer isso enquanto o departamento despendia todos os esforços tentando localizá-la, coisa que eles estavam fazendo, ela tinha certeza. O departamento não podia rastrear *todas* as conexões que qualquer um tenha feito com os antigos interesses dela, mas esse talvez fosse óbvio demais. Com um suspiro, colocou fones de ouvido auriculares, abriu o YouTube e começou a assistir a um tutorial sobre como desmontar e limpar rifles. Provavelmente era uma informação de que ela nunca precisaria, mas mal não ia fazer.

Kevin acordou às cinco e meia em ponto. Levantou e se sentou depressa, tão alerta que parecia ter sido ligado no interruptor. Afagou o cão e foi até a porta. Só levou um segundo para notar a máscara de gás que ela estava usando e se deter abruptamente. O cão, no seu encalço, parou também e apontou o focinho na direção dela, olhando para o que tinha incomodado o dono.

— Me dê um segundo — disse Alex.

Ela se levantou a duras penas, ainda dolorida — se mais ou menos dolorida do que no início da noite, ela não sabia dizer —, e andou rija até a porta para desfazer suas medidas de segurança.

— Eu não disse que você poderia fazer isso — disse Kevin.

Ela não olhou para ele.

— Não pedi sua permissão.

Ele soltou um grunhido.

Ela levou apenas alguns segundos para desobstruir o caminho dele. Tirou a máscara e a usou para apontar a porta.

— Faça bom proveito.

— Faça bom proveito, *você*.

Ela pensou ter ouvido Kevin resmungar enquanto passava, mas foi baixo demais para ter certeza. O cão o seguiu, o rabo abanando tão rápido que chegava a desfocar. Ela imaginava que o rapaz da recepção provavelmente não estivesse prestando nenhuma atenção a essa hora, mas ainda assim achava que Kevin

estava arriscando um pouco a sorte deles. Uma discussão aos gritos com o gerente não os ajudaria a passar incógnitos.

Ela remexeu na comida que Kevin havia comprado na noite anterior. Os sanduíches que sobraram não pareciam tão apetitosos quanto oito horas antes, mas havia uma caixa de biscoitos recheados de cereja em que ela não tinha reparado. Estava prestes a comer o segundo biscoito quando Kevin voltou com o cachorro.

— Você quer dormir algumas horas? — perguntou ele.

— Se não se importar de dirigir, posso dormir no carro de novo. É melhor chegarmos logo ao nosso destino.

Ele concordou discretamente com a cabeça, depois foi até a cama e cutucou o irmão com o pé.

Daniel gemeu e rolou, deitando-se de costas e cobrindo a cabeça com um travesseiro.

— Precisa disso? — perguntou ela.

— Como você argumentou, melhor ir andando. Danny sempre teve problema com o botão soneca do despertador.

Kevin arrancou o travesseiro da cabeça de Daniel.

— Vamos, garoto.

Daniel piscou por alguns segundos, com o semblante sério, e depois ela viu o rosto dele mudar em função das lembranças que o atingiam, conforme ele percebia onde estava e por quê. Era doloroso ver a paz de seus sonhos desmoronar na desolação de sua nova realidade ao acordar. Seus olhos varreram o quarto até encontrá-la. Ela tentou exibir uma expressão tranquilizadora, mas o estrago em seu rosto provavelmente superaria qualquer arranjo estampado em suas feições. Pensou em alguma coisa para dizer, alguma coisa que fizesse o mundo parecer um pouco menos escuro e assustador para ele.

— Biscoito? — ofereceu ela.

Ele piscou novamente.

— Hum, aceito.

CAPÍTULO 12

Alex não aprovou o refúgio.

Chegaram lá no fim da tarde. Ela fizera questão de não cochilar mais do que quatro horas durante a viagem. Não queria ficar com o horário trocado para sempre. Portanto, estava acordada quando passaram da autoestrada para uma via de mão dupla, depois para uma estrada ainda menor, até finalmente chegarem a um *caminho* de terra — chamar aquilo de estrada seria muito elogioso.

Claro que era escondido, mas se alguém conseguisse achar... bem, só havia uma saída. Ela nunca teria escolhido viver enfurnada num canto como esse.

— Relaxe, assassina — disse Kevin quando ela reclamou. — Ninguém está nos procurando aqui.

— Deveríamos ter trocado as placas do carro.

— Cuidei disso enquanto você roncava.

— Você não estava roncando — disse Daniel, baixinho. Ele tinha assumido o volante, enquanto Kevin dava as instruções. — Mas é verdade que paramos num ferro-velho e roubamos algumas placas.

— Então estamos presos aqui num beco sem saída enquanto o Sr. Smith vai para Washington — resmungou ela.

— É seguro — disse Kevin, de súbito, num tom nitidamente planejado para encerrar a discussão. — Então nem pense em pendurar as suas armadilhas mortais pela minha casa.

Ela não respondeu. Faria o que quisesse quando ele tivesse ido embora.

Pelo menos a estrutura dele não tinha vizinhos por perto. Eles rodaram por no mínimo quinze minutos no caminho de terra sem ver qualquer sinal de outros seres humanos. Isso diminuiria os efeitos colaterais se, por alguma razão, ela sentisse necessidade de reduzir tudo a cinzas.

Chegaram a um portão alto ladeado por uma cerca de tela reforçada e com uma espiral de arame farpado por toda a extensão. A cerca era tão comprida, tanto para um lado quanto para o outro, que não dava para ver onde terminava. Ao lado do portão, havia uma placa sisuda com a inscrição PROIBIDA A ENTRADA e um aviso adicional que dizia: SE ENTRAR, É POR SUA CONTA E RISCO: OS PROPRIETÁRIOS NÃO SE RESPONSABILIZAM POR DANOS CONSEQUENTES DA INVASÃO.

— Que sutil — disse ela.

— Isso resolve o problema — respondeu Kevin.

Ele sacou um chaveiro remoto do bolso e apertou um botão. O portão abriu, e Daniel entrou com o carro.

Ela deveria ter imaginado que o refúgio dele seria muito óbvio.

Após alguns quilômetros, a casa surgiu como uma miragem, o segundo andar cinza-claro pairando sobre uma leve névoa acima da relva seca e amarelada. Aqui e ali, algumas árvores escuras e raquíticas cravejavam o mato, dando-lhe certa textura. No alto, o céu azul desbotado se estendia até o infinito.

Ela nunca se sentira totalmente confortável com as Grandes Planícies. Havia sido uma garota urbana por bastante tempo. Essa paisagem a fazia se sentir muito exposta... muito fugaz. Como se um vento forte pudesse simplesmente apagar tudo à vista. O que devia acontecer por aqueles lados, de dois em dois anos. Ela torceu para que não estivessem em uma temporada de tornados.

O restante da casa se revelou quando chegaram ao ponto mais alto de uma pequena subida no caminho quase todo plano. Era um grande sobrado de dois andares, em ruínas, com uma varanda precária margeando metade do térreo. A relva seca terminava a cerca de vinte metros da casa, substituída por uma cobertura de cascalho cor de areia até a treliça rachada que tentava camuflar os alicerces. Os únicos intervalos na vegetação sem graça eram a casa, as árvores atrofiadas, a cicatriz avermelhada do caminho de terra e, mais além, várias formas indistintas que estavam em movimento, vagando às margens da estradinha. Ela tinha visto muitas vacas na viagem, mas esses bichos eram pequenos demais para serem vacas. Pareciam ser peludos, variando do preto, do marrom e do branco até uma combinação das três cores.

As formas começaram a convergir em direção ao carro, movimentando-se muito mais depressa que vacas.

O rabo de Einstein começou a balançar com tanta força que soava feito um pequeno helicóptero no banco de trás.

— Que lugar é esse, Kev?

— Meu plano de aposentadoria.

Os animais alcançaram o carro — eram seis cachorros de tamanhos variados. *Fantástico*, pensou Alex. Um deles podia ser gêmeo de Einstein. Outro era gigantesco, dando a impressão de ter parentesco mais próximo com equinos do que com caninos. Ela reconheceu um dobermann, dois rottweilers e um pastor-alemão com as cores tradicionais.

Depois que se aproximaram, os cachorros se mantiveram em silêncio absoluto, numa postura agressiva, mas, tão logo viram Einstein, todas as caudas começaram a balançar e os animais participaram de um estridente coro de latidos.

— Treino cães de guarda, tanto para propriedades comerciais quanto privadas. Também vendo alguns para famílias que só querem um animal muito bem-educado.

— Como mantém essa atividade por baixo dos panos? — perguntou ela.

— Pode seguir, Danny, eles vão sair da frente — instruiu Kevin.

Daniel tinha parado quando os cachorros cercaram o carro. Em seguida, avançou com cautela e, como prometido, os cachorros se posicionaram ao lado do automóvel, escoltando-os na entrada. Kevin então se dirigiu a Alex.

— Não tem nada no meu nome. Ninguém jamais vê a minha cara. Tenho um sócio para isso.

Enquanto ele falava, ela viu uma figura sair em direção à varanda. Um homem grande usando um chapéu de caubói. Não conseguiu registrar nenhum outro detalhe daquela distância.

— Todo mundo sabe que o sítio dos cachorros é aqui. Ninguém se incomoda com a gente. Não há conexão com minha vida passada — dizia Kevin, mas ela não prestava muita atenção. Seus olhos estavam grudados no homem que esperava no último degrau da varanda.

Kevin notou sua preocupação.

— O quê, Arnie? É gente boa. Confio minha vida a ele.

Ela franziu o cenho ao ouvir aquela expressão. Daniel olhava para ela também. Começou a diminuir a velocidade.

— Tem algum problema, Alex? — perguntou em voz baixa.

Ela ouviu os dentes de Kevin rangerem às suas costas. Era visível o quanto detestava o jeito com o qual Daniel se dirigia a ela para pedir orientação.

— É só... — Com o semblante confuso, ela apontou para Daniel e para o irmão. — *Isso* já é muito para mim. Vocês dois. Não sei como confiar nem em vocês, quanto mais em *outra* pessoa. Uma pessoa por quem só *ele* responde — completou, apontando para Kevin, que fechou a cara.

— Bem, isso é difícil, baixinha — respondeu Kevin. — Porque é a sua melhor opção, e o cara por quem eu respondo faz parte do trato. Se quiser executar esse seu plano, vai ter que engolir isso.

— Vai dar certo — tranquilizou Daniel, e então apoiou de leve a mão direita na esquerda dela.

Era idiota como um gesto assim podia fazer a pessoa se sentir melhor. Não era como se Daniel compreendesse nem sequer os elementos mais básicos do perigo que corriam. Mas, mesmo assim, o coração dela desacelerou um pouco, e sua mão direita — inconscientemente agarrada à maçaneta da porta — relaxou.

Daniel seguiu devagar. Os cachorros acompanharam o carro com bastante facilidade até eles pararem no cascalho. Ela pôde dar uma olhada melhor na pessoa à espera na varanda.

Arnie era um homem alto, corpulento, parte latino, talvez parte americano nativo. Podia ter quarenta e cinco anos, mas também podia ser dez anos mais velho. Seu rosto era enrugado, só que parecia ser mais uma consequência ao vento e ao sol do que os sinais da idade. Seu cabelo, que pendia alguns

centímetros abaixo do chapéu, era grisalho. Olhou para eles sem qualquer emoção quando chegaram, embora fosse impossível ele ter esperado um terceiro passageiro, mesmo se Kevin lhe tivesse contado sobre Daniel.

Einstein precipitou-se para fora do carro assim que Kevin abriu a porta, e imediatamente começou a farejar e a ser farejado. Daniel e Kevin saltaram quase tão rápido, ansiosos para esticar as longas pernas. Alex foi mais hesitante. Havia muitos cães, e o cavalo-cachorro cheio de pintas marrons aparentava ser mais alto de quatro do que ela em pé. Eles pareciam estar entretidos uns com os outros no momento, mas quem sabia como reagiriam a ela?

— Não seja tão covarde, Espirradeira — gritou Kevin.

A maioria dos cães se amontoou em cima dele, quase o derrubando com o peso combinado da saudação dos animais.

Daniel deu a volta no carro, abriu a porta para ela e lhe estendeu a mão. Ela suspirou, irritada, e saiu sozinha. Seus sapatos rangeram no cascalho, mas os cachorros pelo visto não a notaram.

— Arnie — gritou Kevin em meio ao barulho dos cachorros felizes. — Este é meu irmão, Danny. Ele vai ficar aqui. E, hã, uma hóspede... temporária, acho. Não me vem à cabeça uma maneira melhor de chamá-la. Mas *hóspede* parece meio positivo demais, se entende o que quero dizer.

— A sua hospitalidade é de tirar o fôlego — murmurou Alex.

Daniel riu, depois subiu os degraus com dois passos rápidos. Estendeu a mão para o homem de semblante impassível, que não pareceu tão alto ao lado de Daniel, e eles trocaram um aperto de mão.

— Prazer em conhecê-lo, Arnie. Como meu irmão não contou absolutamente nada sobre você, estou ansioso para conhecê-lo melhor.

— Idem, Danny — disse Arnie. Sua voz era um barítono retumbante que soava como se não fosse usada o suficiente para fluir sem percalços.

— E esta é Alex. Não dê ouvidos ao meu irmão. Ela vai ficar o tempo que quiser.

Arnie olhou para ela, desta vez prestando atenção. Ela esperou por uma reação ao estado lastimável de seu rosto, mas ele se limitou a olhá-la com serenidade.

— Prazer — disse ela.

Ele assentiu.

— Podem levar as suas coisas para dentro — disse Kevin. Tentou andar em direção aos degraus da varanda, mas os cachorros ziguezagueavam em alta velocidade ao redor de suas pernas. — Ei, seus tapados! *Atenção!*

Como um pequeno pelotão, os cachorros imediatamente recuaram alguns passos, ficaram lado a lado e permaneceram imóveis com as orelhas em pé.

— Assim é melhor. Descansar.

Os cachorros se sentaram ao mesmo tempo, as línguas pendiam de sorrisos

com presas afiadas.

Kevin juntou-se aos dois em frente à porta.

— Como eu disse, vocês podem pegar suas coisas. Danny, tem um quarto para você no segundo andar, saindo da escada e virando à direita. Quanto a você... — Olhou para Alex. — Bem, acho que o cômodo na outra ponta do hall vai servir. Como eu não estava esperando companhia extra, ele não está equipado como quarto.

— Eu tenho um catre.

— Eu não tenho nada — disse Daniel, e, embora estivesse de ouvido atento para isso, ela não captou tristeza alguma nas palavras. Ele estava tentando aparentar que estava bem. — Precisa de ajuda com os seus pertences, Alex?

Ela fez que não com a cabeça.

— Vou levar só algumas coisas para dentro. O resto vou esconder em algum lugar do lado de fora da cerca.

Daniel ergueu as sobrancelhas, confuso, mas Kevin estava balançando a cabeça positivamente.

— Já tive que fugir no meio da noite — explicou ela a Daniel, falando baixo, embora Arnie provavelmente conseguisse ouvi-la. Ela não tinha ideia do quanto ele sabia a respeito do antigo trabalho de Kevin. — Às vezes não é muito fácil a gente voltar para pegar as nossas coisas.

Daniel franziu a testa. Um pouco da tristeza que ela vinha esperando ver transpareceu na expressão dele. Esse era um mundo em que poucos entravam por vontade própria.

— Não precisa se preocupar com isso aqui — afirmou Kevin. — Estamos seguros.

Kevin era uma daquelas pessoas que *tinham* escolhido essa vida, o que a fazia suspeitar de todos os julgamentos dele.

— Melhor estar sempre preparada — insistiu ela.

Kevin deu de ombros.

— Se você prefere assim, conheço um lugar que talvez funcione.

* * *

A CASA ERA bem mais simpática por dentro do que por fora. Ela tinha imaginado papel de parede mofado, painéis de carvalho dos anos 1970, sofás bambos, linóleo e fórmica. Mesmo que houvesse uma tentativa de criar um ambiente rústico, os equipamentos eram novos, de última geração. Havia até bancadas de granito na ilha da cozinha sob o lustre de chifre de alce.

— Caramba — murmurou Daniel.

— Mas quantos empreiteiros estiveram dentro desta casa? — murmurou ela para si mesma. Testemunhas demais.

Kevin ouviu, embora não fosse a intenção dela.

— Nenhum, na verdade. Arnie trabalhava com construção. Atravessamos a divisa do estado com todos os materiais e nós mesmos fizemos a obra. Bem, principalmente Arnie. Satisfeita?

Alex contraiu os lábios inchados.

— Como vocês se conheceram? — perguntou Daniel a Arnie, educadamente.

Devia mesmo estudar Daniel, pensou Alex, praticar as formas dele de interação. É *assim* que se age feito uma pessoa normal. Ou ela nunca soubera fazer isso ou tinha esquecido completamente. Sabia suas falas para servir mesas, para trabalhos administrativos; sabia reagir num ambiente de trabalho da forma menos memorável possível. Sabia falar com pacientes quando estava fazendo o seu bico ilegal de médica. Antes disso, aprendera as melhores maneiras de arrancar respostas de um alvo. Mas, fora dos papéis determinados, sempre evitava contato.

Foi Kevin que respondeu à pergunta de Daniel.

— Arnie teve um pequeno problema que de certa forma se relacionava com um projeto em que eu estava trabalhando um tempo atrás. Ele quis sair, e me deu informações muito valiosas em troca de eu não assassiná-lo.

Arnie, sempre calado, abriu um grande sorriso.

— A gente se deu muito bem — continuou Kevin — e manteve contato. Quando decidi começar a me preparar para a aposentadoria, procurei Arnie. Nossas necessidades e nossos interesses se alinhavam perfeitamente.

— Parceiros ideais — disse Alex numa voz doce.

Ótimo, então podiam estar à procura dele *também*, deixou de acrescentar em voz alta.

Kevin e Daniel foram à suíte do andar de baixo para juntar algumas roupas para Daniel e equipá-lo com artigos de higiene. Alex seguiu sozinha para o andar de cima, localizando com facilidade o quartinho que Kevin lhe oferecera. Serviria. No momento, ele o usava como depósito, mas havia espaço suficiente para seu catre e seus objetos de uso pessoal. Uma das grandes caixas de plástico substituiria razoavelmente uma mesa. O banheiro ficava no corredor. Era ligado tanto ao corredor quanto ao que seria o quarto de Daniel.

Fazia muito tempo que ela não dividia um banheiro. Pelo menos esse era maior e mais elegante do que os banheiros com que estava acostumada.

Os irmãos ainda estavam ocupados quando ela voltou ao carro para separar as suas coisas. Havia três cachorros na varanda. Um, que ela tinha quase certeza de que era Einstein, um rottweiler preto enorme e um cão marrom-avermelhado de cara triste e orelhas caídas que lhe lembrava o cachorro que quebra a perna no final de *A Dama e o Vagabundo*. Então isso provavelmente significava que era um hound ou um cão de caça ou coisa assim — não tinha certeza qual era qual.

O rottweiler e o hound começaram a vir na direção dela com uma atitude

mais de interesse do que de ameaça, mas isso bastou para que ela desse um passo enorme recuando para a porta. Einstein ergueu a cabeça e deu um latido abafado que mais parecia uma tosse, e os outros dois pararam. Sentaram-se onde estavam, como tinham feito quando Kevin lhes dera o comando de descansar.

Ela não sabia ao certo se Einstein de fato tinha autoridade para dar ordens aos outros cães — cachorros reconheciam hierarquia? —, então andou com cautela pela varanda, esperando que eles atacassem. Mas se mantiveram naquela posição relaxada, limitando-se a observá-la com curiosidade. Quando ela passou, o rabo do hound bateu ruidosamente nas tábuas do chão, e ela teve a estranha impressão de que ele estava exibindo uma expressão carente porque previa que receberia carinho. Esperava que não se decepcionasse muito por ela não ter coragem suficiente para tentar.

Vasculhou suas coisas espremidas no porta-malas, montando um kit de emergência que enfiou numa mochila. E a carregaria sempre consigo. Levou quase todas as suas roupas sujas para lavar — com sorte haveria uma máquina de lavar —, mas deixou os equipamentos mais profissionais com as outras sacolas no porta-malas. Precisava ter pelo menos uma muda de roupa em seu estoque de coisas fora da propriedade. Havia fugido numa noite memorável — depois de o assassino número dois ter sido morto com gás enquanto tentava degolá-la — só de calcinha e sutiã e, portanto, teve que roubar o macacão de um vizinho da traseira da caminhonete que ele usava para trabalhar. Tinha aprendido essa lição. E a sempre dormir com um pijama que pudesse servir de roupa de passeio.

Mesmo com a cama de armar, era uma bagagem fácil de carregar escada acima. Ela voltou para pegar uma das sacolas, que continha seu equipamento básico de laboratório. Não devia desperdiçar o tempo ocioso quando podia estar se preparando. Ao passar pelo quarto principal, ouviu uma discussão, e o barulho a deixou feliz por não estar participando daquilo.

Após tanta prática, a montagem do laboratório era um processo rápido. Um dos frascos de vidro estava lascado, mas ainda parecia usável. Montou o evaporador rotativo e depois preparou alguns condensadores e duas vasilhas de aço inoxidável. Usara quase toda a sua *Sobrevida*, e, pelo andar da carruagem dessa semana, provavelmente precisaria de mais. Tinha D-fenilalanina de sobra, mas se decepcionou quando verificou a reserva de opioides. Menos do que imaginara. Não era o bastante para sintetizar mais *Sobrevida*, e só lhe restava uma dose.

Ainda estava de cara fechada por causa da falta de suprimentos quando ouviu Kevin chamando do andar de baixo:

— Ei, Espirradeira. Tique-taque.

No momento em que ela passou pela porta da frente, Kevin já estava no sedã, e Daniel, no banco do carona. Quando Kevin a viu hesitante na varanda, deu uma

buzinada irritantemente demorada. Ela andou o mais devagar possível até o carro e se sentou no banco de trás, franzindo a testa, pois ia ficar cheia de pelo de cachorro.

Saíram pelo portão, seguiram o mesmo caminho estreito de terra e percorreram mais alguns quilômetros antes de passar para uma estrada menos protuberante que levava basicamente para o oeste. Essa estrada não passava de duas marcas de pneu na relva. Seguiram por ali por uns nove ou onze quilômetros, calculou ela. Nos primeiros quilômetros, ela captou vislumbres da cerca do sítio, mas, depois disso, estavam muito a oeste para ainda vê-la.

— Essa terra também é sua?

— Sim, depois de passar por alguns outros nomes. Esse lote é propriedade de uma empresa que não tem nenhum vínculo com o lote onde fica o sítio. Eu sei fazer isso, sabe.

— Claro.

A paisagem passou a mudar à sua direita. A relva amarelada formava um limite estranhamente uniforme e depois o solo se transformava em terra vermelha pura e plana. Quando começaram a voltar para norte em direção a esse limite, Alex ficou impressionada ao ver que a terra vermelha era, na verdade, a margem de um rio. A água era da mesma cor que a margem vermelha, e seguia suavemente para oeste, sem corredeiras nem obstáculos. Tinha uns doze metros na área mais ampla que ela conseguia ver. Observou o fluxo da água enquanto seguiam mais ou menos paralelos a ele, fascinada com sua existência no meio da campina seca. Apesar de avançar com tranquilidade, o rio parecia estar fluindo bem depressa.

Não havia cerca dessa vez. Um celeiro caindo aos pedaços, calcinado pelo sol, erguia-se a uns cinquenta metros da estrada, parecendo ter chegado ao fim de sua longa vida e aguardando apenas o sistema meteorológico certo acabar com seu sofrimento. Ela vira centenas exatamente iguais na rápida excursão deles por Arkansas e Oklahoma.

Estava longe de ser tão simpático quanto o seu estábulo de ordenha.

Kevin se virou na direção do celeiro, passando pela grama. Ela não via nenhuma estrada nem nenhum caminho oficial.

Aguardou no carro com o motor ligado enquanto ele saltou para destrancar o enorme cadeado antiquado e abrir as portas. Do lado de fora, na luz clara do céu aberto e sem nuvens, era impossível enxergar qualquer coisa naquele interior sombrio. Ele voltou depressa para levar o carro até a escuridão.

Dessa vez, o interior combinou com a promessa do lado de fora. Uma luz fraca era filtrada pelas ripas do celeiro para iluminar pilhas de equipamentos agrícolas corroídos, grande parte de um trator enferrujado, as carcaças de alguns carros antigos e um enorme monte de feno empoeirado ao fundo, meio coberto por uma lona. Nada que valesse a pena roubar, nem examinar mais de perto. Se

alguém se desse ao trabalho de forçar a entrada ali, a única coisa de valor que encontraria seria sombra.

Quando o motor desligou, ela teve a impressão de ter distinguido o barulho do rio. Não podiam estar a mais de uns duzentos metros dele.

— Isso vai funcionar — afirmou. — Vou colocar minhas coisas num canto e vocês podem usar esse carro quando voltarem.

— Entendido.

Ela amontoou as quatro sacolas retangulares numa fenda sombria parcialmente escondida atrás de uma pilha de lenha cheia de teias de aranha, que estavam empoeiradas.

Kevin vasculhava perto de uma pilha de metal enegrecido — talvez à procura de peças para outro trator — e voltou com uma lona velha esfarrapada que estendeu por cima das sacolas.

— Belo toque — aprovou ela.

— A apresentação é tudo.

— Acho que você ainda não conseguiu dar um jeito nesse lugar — comentou Daniel, com a mão na carcaça de carro mais próxima.

— Eu meio que gosto do jeito que está — disse Kevin. — Deixa eu te levar para conhecer. Só para o caso de você precisar de alguma coisa enquanto eu não estiver aqui. O que não vai acontecer. Mas por via das dúvidas...

Pensativa, ela balançou a cabeça.

— A preparação exagerada é a chave do sucesso. Esse é mais ou menos o meu mantra.

— Então você vai amar isso — disse Kevin.

Foi até o meio trator e se abaixou para mexer nas porcas no centro do enorme pneu furado.

— Tem um teclado atrás dessa calota — dirigiu-se a Daniel. — O código é o dia do nosso aniversário. Não é muito original, mas eu queria que você conseguisse lembrar com facilidade. É a mesma combinação da fechadura da porta externa.

Um segundo depois, toda a parte da frente do pneu se abriu: não era de borracha, e sim de um material mais rígido e mais leve, e movia-se com dobradiças. Dentro havia um arsenal.

— Ah, *sim*. — Ela suspirou. — Batcaverna.

Imediatamente notou uma SIG Sauer que combinava com a pistola que ela roubara dele por um instante. Ele não precisava de duas.

Kevin lhe lançou um olhar intrigado.

— Batman não usa armas.

— Que seja.

Daniel estava examinando as dobradiças na porta oculta.

— Isso é muito inteligente. Foi Arnie que fez?

— Não, fui eu. Obrigado.

— Eu não sabia que você era habilidoso. E quando teve tempo para fazer isso, levando em conta a derrubada de cartéis e tudo o mais?

— Tive tempo livre entre um trabalho e outro. Se eu ficar parado, enlouqueço.

Fechou o falso pneu e depois apontou para a carcaça de carro perto de onde Daniel estivera antes.

— Levante a tampa da bateria e digite o mesmo código. Ali são fuzis, o próximo são lançadores de foguete e granadas.

Daniel riu, depois reparou na expressão do irmão.

— Espere aí. É isso mesmo?

— Ela gosta de estar preparada. Eu gosto de estar extremamente bem armado. Mas esse eu não consegui esconder tão bem, afinal é o tipo de coisa de que eu poderia precisar de uma hora para outra.

Kevin contornou a lateral da enorme pilha de feno, e eles foram atrás. A lona pendia para o chão daquele lado. Alex estava bastante confiante de que sabia pelo menos a categoria do que ficava escondido ali, e, claro, ele levantou a lona para revelar uma garagem aconchegante atrás do feno com um veículo muito grande espremido lá dentro. Pela postura dele, era obviamente seu orgulho e sua alegria.

— Tem uma picape lá no sítio que passa despercebida, mas *esse* está aqui para casos de emergência.

Daniel fez um pequeno ruído parecido com um soluço. Alex olhou para ele e se deu conta de que estava segurando o riso. E logo entendeu a piada.

Os dois tinham lidado por anos com o trânsito da capital, embora ele mais recentemente. E apesar do engarrafamento e das opções apertadas de estacionamento, que eram mais adequadas a uma Vespa do que a um sedã de porte médio, sempre havia alguém tentando enfiar sua gigantesca compensação-móvel numa vaga. Como se alguém precisasse de um Hummer em algum lugar, ainda mais na cidade. Era melhor arranjar uma placa personalizada com a inscrição BA.BA.CA e encerrar o assunto.

Quando viu a boca de Alex se contrair, Daniel se descontrolou. De repente, estava bufando de rir. Era um *heh-heh-bufo-heh-heh* esquisito, contagioso, muito mais engraçado que o colossal utilitário militar. Ela começou a rir junto, admirada com quão fora de controle o riso imediatamente pareceu ficar. Não ria tanto assim fazia muito tempo. Tinha esquecido como aquilo dominava todo o seu corpo e não passava.

Daniel estava com uma das mãos no feno enquanto se curvava, a outra na lateral do corpo como se sentisse uma pontada. Foi a coisa mais engraçada que ela já vira.

— O que foi? — perguntou Kevin. — *O que foi?*

Daniel tentou se acalmar para responder, mas então um acesso de riso de

Alex o desconcentrou, e ele tornou a cair na gargalhada, arfando entre uma explosão de riso e outra.

— Este é um veículo de assalto de vanguarda — reclamou Kevin, meio gritando para que o escutassem acima das gargalhadas frenéticas deles. — Tem sólidos pneus de borracha e vidros à prova de mísseis. Em toda a extensão há painéis que um tanque não consegue amassar. Isso aí poderia salvar sua vida.

Ele só estava piorando a situação. Lágrimas escorriam pelo rosto dos dois. O lábio de Alex estava protestando e suas bochechas doíam. Daniel soluçava de verdade, incapaz de se empertigar.

Kevin ergueu as mãos, revoltado, e afastou-se deles com passos pesados.

Eles caíram na gargalhada de novo.

Finalmente, um bom tempo depois de Kevin ter desaparecido, Alex voltou a respirar. A gargalhada de Daniel também perdia força, embora ele continuasse apoiando a mão na lateral do corpo. Ela se solidarizou: também sentiu câimbra. Estranhamente exausta, sentou-se no chão coberto de feno e pôs a cabeça entre os joelhos, esforçando-se para regular a respiração. Passado um instante, sentiu Daniel se acomodar ao seu lado. A mão dele tocou de leve em suas costas.

— Ah, eu precisava disso. — Ele suspirou. — Estava começando a parecer que nada seria engraçado de novo.

— Não me lembro da última vez que ri assim. Minha barriga está *doendo*.

— A minha também.

E depois ele deu outra risada *heh-heh-heh*.

— Não comece — pediu ela.

— Desculpe. Vou tentar. Talvez eu esteja um pouco histérico.

— Hum. Talvez a gente devesse se esbofetear.

Ele teve outro acesso de riso, e ela também não conseguiu se conter.

— Pare — gemeu.

— Será que devíamos falar de coisas tristes? — perguntou ele.

— Tipo levar uma vida de isolamento e medo, sendo caçado a cada minuto do dia? — sugeriu ela.

O celeiro sombrio pareceu ficar ainda mais escuro, e ela imediatamente se arrependeu de ter falado isso. Por mais que doesse, tinha sido muito bom rir.

— Essa é boa — disse Daniel baixinho. — Que tal deixar na mão quem conta com você?

— Isso não combina muito comigo, mas definitivamente é uma ideia deprimente. Embora, no seu caso, duvido que alguém interprete desse modo. É mais provável que pensem que você foi assassinado. Todo mundo vai ficar inconsolável e vai deixar flores e velas na calçada da escola.

— Você acha?

— Claro. É provável que tenha até ursinhos de pelúcia.

— Talvez. Ou talvez ninguém sinta minha falta. Pode ser que digam: "Até que

enfim nos livramos daquele incompetente e agora podemos contratar um professor de história de verdade. O time de vôlei das meninas poderia ter uma chance sem ele para atrapalhar. Sabe do que mais? Vamos encontrar um chipanzé para fazer esse trabalho e colocar o salário dele no fundo de aposentadoria."

Ela assentiu com falsa seriedade.

— Talvez você tenha razão.

Ele sorriu, depois ficou sério de novo.

— Alguém acendeu velas por você?

— Não sobrou ninguém para se importar. Se o sobrevivente tivesse sido Barnaby, ele podia ter acendido uma vela por mim. Fiz isso algumas vezes por ele, em catedrais. Não sou católica, mas não consegui imaginar outro lugar onde eu pudesse fazer isso discretamente. Sei que Barnaby não está aqui para se importar, mas eu precisava de alguma coisa. Conclusão, luto, o que fosse.

Uma pausa.

— Você amava ele?

— Sim. À parte o meu trabalho... e você já viu quão carinhoso e fofo era *aquilo*... ele era tudo o que eu tinha.

Daniel assentiu.

— Bem, não estou mais com vontade de rir.

— Provavelmente a gente precisava desabafar. Agora podemos voltar para a programação normal da nossa depressão.

— Parece ótimo.

— Ei, seus patetas — gritou Kevin do lado de fora do celeiro. — Estão prontos para voltar ao trabalho, ou querem rir feito colegiais mais um pouquinho?

— Hum, rir, acho — respondeu Daniel.

Ela não conseguiu evitar... e deu uma risadinha.

Daniel pôs delicadamente a mão sobre a boca machucada dela.

— Nada disso. É melhor vermos que trabalho há para fazer.

CAPÍTULO 13

Kevin mantinha um campo de tiro atrás do celeiro, de frente para o rio. Alex olhou para aquilo com desconfiança, mas precisava concordar que tiroteios aleatórios tinham menos probabilidade de chamar atenção no Texas rural do que em qualquer outra parte do mundo.

— Quando foi a última vez que você pegou uma arma? — perguntou ele a Daniel.

— Humm... acho que com o papai.

— Sério? — Kevin suspirou. — Bem, acho que só nos resta torcer para você se lembrar de *alguma coisa*.

Ele levara um sortimento de armas, que apoiara sobre um fardo de feno. Havia outros fardos organizados em pilhas da altura de um homem e ostentando perfis impressos em preto, dispostos a distâncias variadas da posição deles. Alguns estavam tão afastados que ela mal os distinguia.

— A gente poderia começar com as pistolas, mas quero treinar você com alguns fuzis. O melhor jeito de permanecer são e salvo é atirar de muito, muito longe. Se possível, prefiro manter você afastado das coisas à queima-roupa.

— Esses fuzis não se parecem com nenhum que eu já tenha usado — disse Daniel.

— São de precisão. Este aqui tem o recorde da baixa mais distante, a mais de mil e seiscentos metros.

Ele deu um tapinha no McMillan que levava pendurado às costas. Daniel arregalou os olhos, incrédulo.

— Mas como dá para saber quem é o alvo de tão longe assim?

— Observadores. Mas não se preocupe com isso. Você não precisa aprender esse tipo de distância. Aliás, só quero que você seja capaz de abater as pessoas a partir de um local elevado, se necessário.

— Não sei se eu seria realmente capaz de atirar numa pessoa.

Foi a vez de Kevin parecer descrente.

— É melhor resolver isso. Porque, se você não atirar, seu adversário vai se aproveitar disso, sem sombra de dúvida. — Daniel pareceu prestes a argumentar, mas Kevin balançou a mão, rejeitando o miniconflito. — Olhe, vamos só ver se você consegue lembrar como se dispara uma arma.

Depois que Kevin revisou os fundamentos, ficou claro que Daniel se lembrava de muita coisa. Habituou-se com o fuzil com uma facilidade muito mais instintiva do que Alex jamais sentira com armas de fogo. Era visível que ele tinha um

talento natural. Ela nunca tivera a mesma aptidão.

Após terem sido disparadas rodadas de tiro suficientes para que ela superasse o medo do barulho todo, Alex ergueu a SIG Sauer.

— Ei, você se importa se eu experimentar isto aqui nos alvos mais próximos?

— De jeito nenhum — disse Kevin, sem desviar os olhos da linha de mira do irmão. — Junte-se ao grupo.

A SIG era mais pesada que sua pistola e tinha um coice mais substancial. No entanto, em certo sentido, isso dava uma sensação boa. De poder. Ela levou algumas rodadas para se acostumar com a mira, mas depois se tornou quase tão precisa com a SIG quanto era com sua própria arma. Pensou que, com o tempo, ficaria ainda melhor. Talvez conseguisse treinar com frequência enquanto estivesse ali. Em geral, não tinha a possibilidade de se dedicar a esse tipo de coisa.

Quando Kevin encerrou a aula de tiro, o sol estava quase se pondo. Coloria toda a grama amarela de vermelho, como se estivesse de fato encostando no horizonte e incendiando todo o capim seco.

Com relutância, ela guardou a SIG com as outras armas. Conhecia o código. Talvez pudesse se abastecer quando a *festa* de Kevin terminasse.

— Bem, Danny, é bom ver que você ainda consegue... e que meu talento não é simplesmente sorte. Mamãe e papai nos passaram bons genes — comentou Kevin na volta para a casa.

— Para prática de alvo. Ainda não acho que eu seja capaz de fazer o mesmo que você.

Kevin bufou.

— As coisas mudam quando tem alguém tentando matar você. — Daniel olhou pela janela lateral. Era visível que não estava convencido. — Tudo bem. — Kevin suspirou. — Pense no seguinte: imagine alguém que você quer proteger... Mamãe, por exemplo... está em pé atrás de você. Alguns principiantes precisam visualizar para entrar no estado de espírito certo.

— Isso não tem muito a ver com atirar da posição de um *sniper* — ressaltou Daniel.

— Então imagine que a mamãe está sendo enfiada na mala de um carro pelo cara na sua mira. Use a imaginação.

Daniel estava farto.

— Tudo bem, tudo bem.

Ela sabia que ele ainda não estava convencido, mas concordava com Kevin a respeito desse assunto. Quando alguém vem à sua caça, seus instintos de sobrevivência despertam. Numa situação ele-ou-eu, a pessoa sempre escolhe a si própria. Daniel não saberia como era essa sensação até que os caçadores o alcançassem. Ela torcia para que ele nunca tivesse que saber.

Bem, Kevin faria o possível, e ela também. Talvez, juntos, os dois pudessem

tornar o mundo um lugar mais seguro para Daniel Beach.

No sítio, a excursão continuou. Kevin os levou até um pavilhão moderno, escondido atrás da casa e cheio de cachorros.

Cada animal tinha uma baia climatizada e acesso à sua área externa particular. Kevin contou a Daniel sobre o cronograma de exercícios, explicando que cães já estavam prometidos e quais já estavam prontos para ser utilizados. Ela presumiu que ele estava treinando o irmão para sua vida futura no sítio. Daniel pareceu amar aquilo, fazendo festa em todos os cachorros e aprendendo seus nomes. Os animais adoraram a atenção e pediram mais. Ela desejou poder abaixar o volume de seus latidos e ganidos. Os cães que ficavam soltos aparentemente tinham sido formados pelo mesmo programa e acompanhavam Kevin nas rondas.

Alex desconfiava que Kevin lhe permitira acompanhar o passeio com o intuito de deixá-la desconfortável. O cão malhado, do tamanho de um cavalo (ela foi informada de que se tratava de um dogue alemão), estava sempre no seu pé, e ela tinha certeza de que o bicho não resolvera fazer isso por conta própria. Kevin devia ter dado um comando invisível. Ela sentia o bafo do gigante na nuca. Era provável que sua camisa estivesse salpicada de saliva nas costas. O hound a estava seguindo também, mas ela achou que ele mesmo poderia ter decidido realizar a missão. Continuava com os olhos úmidos e tristes toda vez que Alex o encarava. Os outros cães formados pelo programa rodeavam Daniel e Kevin. A única exceção era Einstein, que não saía de perto de Kevin e parecia levar a inspeção das tropas muito a sério.

Eles passaram por baias com pastores-alemães, dobermanns, rottweilers e vários outros cães de raças cujo nome ela não sabia. Alex se manteve bem no centro do longo caminho entre os canis e não tocou em nada. Era melhor reduzir ao mínimo o número de impressões digitais que seriam apagadas mais tarde.

Havia dois filhotinhos de hound dividindo uma baia, e Kevin mencionou para Daniel que eram crias de Lola, apontando para o cachorro que seguia Alex.

— Ah, Lola, hein? Desculpe — murmurou Alex, muito baixo para os homens ouvirem. — Eu não devia ter presumido.

Lola pareceu saber que estavam falando dela. Lançou um olhar esperançoso para Alex e balançou o rabo, que ficou batendo na perna da moça. Alex abaixou depressa para afagar-lhe a cabeça.

Kevin fez um ruído de repulsa quando ela se endireitou. Estava olhando para ela.

— Lola gosta de *todo mundo* — disse Kevin a Daniel. — Ótimo faro, mau gosto. Estou tentando eliminar dos filhotes a falta de critério enquanto mantenho o gênio olfativo.

Daniel balançou a cabeça.

— Já chega.

— Não estou brincando. Espero que esses animais tenham instintos melhores do que o da Lola.

Alex se agachou para esfregar os dedos nos flancos da cadela. Vira Daniel fazer o mesmo e sabia que Kevin ficaria louco com isso. Lola imediatamente rolou no chão, oferecendo a barriga. De repente, o cão gigante se deitou do outro lado de Alex, e ela teve quase certeza de que ele também exibia uma expressão esperançosa. Afagou com cuidado o ombro do cachorro, e ele não arrancou sua mão com uma mordida. Em vez disso, o animal bateu o rabo duas vezes no chão. Ela interpretou isso como um encorajamento e coçou entre as orelhas dele.

— Vamos, Khan, você também, não!

Tanto Alex quanto o dogue alemão ignoraram Kevin. Ela se abaixou e se sentou de pernas cruzadas de frente para os dois cachorros, de modo que ficou de costas para os irmãos. Como estaria rodeada de máquinas mortíferas peludas, era melhor ter algumas delas como aliadas.

Lola lambeu-lhe o dorso da mão. Era nojento, mas também meio gostoso.

— Parece que Alex tem uma fã — comentou Daniel.

— Ok. Aqui é onde guardamos a comida. Arnie vai buscar a ração de quinze em quinze dias em Lawton. Temos quase tudo de que precisamos para...

O resto do que Kevin disse se perdeu em meio aos ganidos e resmungos dos cães deixados para trás.

Ela afagou os cachorros por mais alguns minutos, sem saber ao certo qual seria a reação deles quando parasse. Por fim, pôs-se de pé com cuidado. Tanto Lola quanto Khan se levantaram rapidamente, parecendo bem felizes em segui-la enquanto ela voltava para a casa. Acompanharam-na até a porta e depois foram descansar na varanda.

— Boa menina, bom menino — disse ela enquanto entrava.

Era provável que a intenção de Kevin fosse intimidá-la, mas ela teve a sensação de que os cachorros estavam na verdade tomando conta dela, em vez de vigiá-la, e gostou. Imaginou que por esse motivo eram treinados. Era uma sensação confortável. Se ela levasse uma vida diferente, talvez fosse bom acrescentar um cachorro. Só que ela não sabia onde arranjaria uma máscara de gás canina.

Arnie estava no sofá da sala, diante de uma tevê de tela plana presa à parede. Dedicava-se assiduamente a uma refeição de micro-ondas apoiado em seu colo e não reagiu à entrada dela.

O cheiro da comida (macarrão e bife de Salisbury) lhe deu água na boca. Não era uma refeição quatro estrelas, mas ela estava com *muita* fome.

— Hum, você se importa se eu pegar um pouco de comida? — perguntou.

Arnie resmungou sem desviar o olhar do jogo de beisebol. Ela torceu para que aquilo significasse um "não", porque já estava a caminho da cozinha.

A geladeira (um impressionante exemplar de aço inoxidável com duas portas)

estava praticamente vazia. Condimentos, algumas bebidas esportivas e um pote gigante de picles. Também precisava de uma boa limpeza. Ela verificou a gaveta do freezer e descobriu algo valioso: estava lotada de refeições como a que Arnie estava comendo. Esquentou uma pizza de queijo no micro-ondas e comeu-a num banco de bar que arrastou até a ilha. Durante todo esse tempo, Arnie pareceu alheio à sua presença.

Se fosse *necessário* acrescentar outra pessoa à equação, Arnie não parecia ser uma opção tão ruim, na verdade.

Ela ouviu os homens voltando e seguiu para o andar de cima. Todos tinham sido forçados a conviver em um espaço apertado na viagem até o sítio, mas agora havia quartos disponíveis e era possível darem algum espaço uns para os outros. Ela sabia que Daniel e o irmão tinham muito para resolver e não precisava ouvir as conversas entre os dois.

Não havia muito o que fazer no depósito. Abasteceu suas pequenas seringas de ácido, embora não conseguisse imaginar um cenário em que precisaria delas ali. Podia ter se dedicado a colher os núcleos de seus caroços de pêssego, mas os deixara no celeiro. Não valia a pena se arriscar a tentar se conectar à internet, pois talvez permanecesse no sítio durante algum tempo. Não tinha nada para ler. Havia um único projeto sobre o qual andara pensando, mas parte dela rejeitava por completo a ideia de colocá-lo no papel. Já fazia um tempo que a segurança nacional não era exatamente sua amiga, mas ainda assim ela não colocaria o público em perigo. Escrever suas memórias não era uma opção.

No entanto, precisava refletir sobre tudo aquilo de uma forma organizada. Quem sabe se apenas anotasse algumas palavras-chave que a ajudassem a lembrar?

Tinha certeza de uma coisa: algo que entreouvira nos seis anos em que trabalhara com o Dr. Barnaby fora a razão do ataque ao laboratório e de todas as tentativas de assassinato que se seguiram. Se conseguisse identificar a informação relevante, teria uma ideia muito melhor de quem estava por trás dos planos de matá-la.

O problema era que tinha ouvido um monte de coisas, todas elas delicadíssimas.

Começou a fazer uma lista. Criou um código de acordo com o qual as questões mais importantes, as nucleares, eram designadas com legendas entre A1 e A4. Quatro grandes bombas que haviam sido controladas durante o seu tempo de serviço. Aqueles eram os projetos mais sérios em que ela trabalhara. Tinha que ser algo da maior gravidade para que sua seção merecesse ser destruída.

Esperava ela. Se tivesse sido um capricho de um almirante trapaceiro que pensava que podia ter sido mencionado em uma investigação, ela nunca conseguiria descobrir.

Todas as ações terroristas não nucleares de que conseguia se lembrar receberam códigos entre T1 e T49. Ela sabia que havia planos menores — que não tinham dado em muita coisa — que lhe estavam escapando da memória. Os mais importantes, de T1 a T17, iam de ataques biológicos até importação de bombardeiros suicidas, passando por desestabilização econômica.

Ela estava tentando pensar em um sistema que a ajudasse a distinguir todas as diferentes ações (a primeira letra da cidade de origem mais a primeira letra da cidade-alvo? Isso diferenciaria os acontecimentos o suficiente? Seria possível ela esquecer o significado de suas anotações? Mas listar os topônimos inteiros era muita informação para colocar por escrito) quando ouviu Kevin chamando-a.

— Ei, Espirradeira! Onde você está se escondendo?

Ela fechou o computador e foi para o alto da escada.

— Precisa de alguma coisa?

Ele dobrou a esquina e olhou para ela. Os dois permaneceram parados, separados pelo lance de escada.

— Só um aviso. Estou indo. Deixei um telefone com Daniel. Ligo quando estiver pronto para você mandar o e-mail.

— Pré-pago descartável?

— Este não é o meu primeiro rodeio, irmã.

— Bem, boa sorte, então.

— Não transforme a minha casa num laboratório mortífero enquanto eu estiver ausente.

Tarde demais. Ela conteve um sorriso.

— Vou tentar me controlar.

— Então, acho que é isso. Eu diria que foi um prazer...

Ela sorriu.

— Mas sempre fomos sinceros um com o outro. Por que começar a mentir agora?

Ele retribuiu o sorriso, depois ficou sério.

— Você fica de olho nele?

O pedido a desconcertou um pouco. Pelo fato de Kevin confiar seu irmão a ela daquele jeito. E a reação dela a chocou mais ainda.

— Claro — prometeu imediatamente.

Foi perturbador notar como a resposta era sincera e espontânea. Claro que faria tudo o que pudesse para manter Daniel a salvo. Isso nem estava em questão. Lembrou-se de novo do sentimento estranho que viera à tona pela primeira vez no escuro de sua tenda de tortura: sua premonição de que a aposta havia dobrado, passando de uma para duas vidas.

Parte dela se perguntava quando se livraria desse sentimento de responsabilidade. Talvez essa fosse uma sensação comum para se ter depois de interrogar um inocente. Ou talvez isso só acontecesse quando esse inocente

fosse... qual era a palavra certa? *Honesto? Virtuoso? Saudável?* Alguém tão *bom* quanto Daniel.

Ele grunhiu, depois virou as costas e se encaminhou para a sala principal da casa. Ele saíra do seu campo de visão, mas ela ainda conseguia ouvi-lo.

— Danny, venha cá. Precisamos fazer mais uma coisa.

Curiosa... e procrastinadora, com o catálogo de pesadelos passados começando a lhe dar dor de cabeça, ela desceu a escada em silêncio para ver o que estava acontecendo. Conhecia Kevin o bastante para ter certeza de que ele não estava chamando o irmão para uma despedida sincera com beijos e abraços.

A sala da frente estava vazia: Arnie tinha se mandado. Mas ela conseguia ouvir vozes do outro lado da porta de tela. Foi para a varanda, onde Lola esperava por ela. Coçou a cabeça da cachorra distraidamente enquanto registrava o cenário, iluminado pelas lâmpadas da varanda e pelos faróis do sedã.

Einstein, Khan e o rottweiler estavam enfileirados em estado de alerta diante de Kevin, que parecia se dirigir a eles enquanto Daniel observava.

Kevin começou com a estrela do time.

— Venha, Einstein. — O cachorro se adiantou. Kevin virou o corpo para apontar para Daniel. — Esse é o seu doce, Einstein. *Doce*.

O cão correu na direção de Daniel, abanando o rabo, e começou a farejar suas pernas de cima a baixo. Pela expressão de Daniel, ele estava tão confuso quanto Alex.

— Ok — disse Kevin aos outros cachorros. — Khan, Gunther, *atenção*. — Virou-se novamente para Einstein e Daniel, abaixando-se em posição de luta e aproximando-se lentamente. — Vou pegar o seu doce — provocou com uma voz que parecia um grunhido.

Einstein deu uma volta e se colocou entre Daniel e Kevin. Os pelos se eriçaram alguns centímetros acima de seus ombros, e um rosnado ameaçador deslizou por entre suas presas subitamente arreganhadas. O cão demoníaco que ela conhecera estava de volta.

Kevin fingiu virar para a direita, e Einstein o bloqueou. Em seguida, o dono mergulhou para a esquerda, na direção de Daniel, e o cachorro se lançou em cima de Kevin, derrubando-o com um baque forte. Em menos de um segundo, as mandíbulas de Einstein envolviam o pescoço do dono. A cena seria assustadora, não fosse pelo sorriso de Kevin.

— Bom garoto! Garoto esperto!

— Mate ele! Mate ele! — sussurrou Alex.

Einstein soltou e recuou, abanando o rabo de novo. Começou a saltitar para trás e para a frente, pronto para outra brincadeira.

— Ok, Khan, sua vez.

De novo, Kevin identificou Daniel como o *doce* do dogue alemão e, em seguida, fez menção de atacar. Einstein ficou com Khan. Supervisionando,

imaginou Alex. O cachorro gigante empurrou o peito de Kevin com uma de suas patas enormes, derrubando-o. Com a mesma pata, Khan o segurou no chão enquanto Einstein partiu para cima da jugular.

— Mate ele! — disse ela de novo, mais alto.

Dessa vez, Kevin a ouviu e lhe lançou um olhar que dizia claramente: *Se não estivesse ensinando algo muito importante a esses cachorros, eu mandava eles estraçalharem você*.

Khan não participou da rodada seguinte, enquanto Einstein tornou a supervisionar. O rottweiler robusto derrubou Kevin com ainda mais força do que Einstein. Alex ouviu o chiado do ar saindo do peito dele. Isso doía, *sem dúvida*. Ela sorriu.

— Você se importa se eu perguntar o que significou tudo isso? — indagou Daniel quando Kevin se pôs de pé e começou a limpar a terra da calça jeans escura e da camiseta preta.

— É um comportamento de comando que criei para cães de proteção pessoal. Daqui para a frente, esses três cachorros vão protegê-lo, mesmo que isso custe a vida deles. E é bem provável que também peguem bastante no seu pé.

— Por que *doce*?

— É só uma palavra. Mas, para ser sincero, eu imaginava que ela seria usada principalmente para mulheres e crianças...

— Obrigado — retrucou Daniel.

— Ah, relaxe. Você sabe que não falei nesse sentido. Pense num comando melhor e a gente usa com a próxima geração.

Houve uma pausa desagradável. Kevin olhou para o carro, depois novamente para o irmão.

— Olhe, você está seguro aqui. Mas, de qualquer maneira, fique perto dos cachorros. E da senhorita-veneno. Ela é fogo. Não coma nada que tentar lhe dar.

— Tenho certeza de que vamos ficar bem.

— Se acontecer alguma coisa, dê este comando a Einstein — instruiu, estendendo um pedacinho de papel mais ou menos do tamanho de um cartão de visita.

Daniel pegou o papel e o meteu no bolso sem olhar. Alex achou estranho Kevin não falar a palavra em voz alta. Mas também era possível que tivesse anotado o comando por não confiar na memória de Daniel.

Kevin parecia estar de fato pensando em um abraço, apesar do que ela imaginara antes, mas então a postura de Daniel endureceu ligeiramente, e o irmão se afastou. Continuou falando enquanto se dirigia ao sedã:

— Quando eu voltar a gente conversa mais. Fique com o telefone o tempo todo. Ligo quando as coisas estiverem prontas.

— Tome cuidado.

— Entendido.

Kevin entrou no carro e ligou o motor. Apoiou a mão direita nas costas do banco do carona e olhou pelo vidro traseiro enquanto manobrava para embicar para a estrada. Não tornou a olhar para o irmão. Depois as luzes vermelhas sumiram ao longe.

A partida dele pareceu liberar um peso de cima do peito de Alex.

Daniel observou o carro durante um minuto, os três fiéis sentados aos seus pés. Então ele se virou e subiu os degraus até a varanda, pensativo. Os cachorros o acompanharam. Kevin não brincara ao dizer que eles ficariam no pé do irmão. Daniel tinha sorte de Khan se manter na retaguarda, do contrário não conseguiria ver aonde ia.

Ele parou perto de Alex e se virou, de forma que os dois passaram a observar a monótona noite negra. Os cachorros se ajeitaram em volta dos pés deles. Lola foi empurrada pelo rottweiler e soltou um ganido como sinal de protesto. Daniel agarrou o guarda-corpo da varanda com ambas as mãos, segurando firme como se estivesse esperando uma mudança na gravidade.

— É ruim eu estar aliviado por ele ter ido embora? — perguntou. — Ele é... demais, sabe? Não consigo processar tudo porque ele *fala* o tempo todo.

Sua mão direita relaxou a pressão, depois tocou o cóccix dela de uma forma quase automática, como se ele não a tivesse posicionado ali de modo consciente.

O jeito como ele vivia tocando nela lembrou a Alex as experiências que ela e Barnaby haviam realizado anos antes com tanques de privação sensorial. Era um meio eficaz de forçar alguém a falar sem deixar quaisquer marcas, mas, no geral, o método era demorado demais para que fosse a melhor opção.

Porém, qualquer um que entrasse no tanque, não importava o seu nível de resistência, tinha a mesma reação quando saía: desejava contato físico como um viciado que buscasse a próxima dose. Ela pensou numa experiência memorável com um cabo do exército — um voluntário com quem trabalharam na fase inicial de testes — e no abraço muito demorado e de certa forma inadequado que ela recebera quando ele fora libertado. Havia sido necessário mandar que os seguranças o arrancassem de cima dela.

Daniel devia se sentir como aquele soldado. Fazia dias que estava completamente desligado de qualquer coisa que considerava vida normal. Precisava da garantia de que outro ser humano vivo estava ao seu lado.

Claro, esse diagnóstico também se aplicava a ela. Desligara-se da vida normal muito antes de Daniel. Embora isso significasse que estava acostumada com a falta, também significava que tinha sido privada de contato humano por muito tempo. Talvez por isso se sentisse estranhamente reconfortada quando ele a tocava.

— Não acho que isso seja ruim — respondeu. — É natural você precisar de espaço para lidar com tudo isso.

Ele deu uma risada, um ruído mais sombrio do que o seu acesso de risos

anterior.

— Acontece que a única pessoa que preciso que me dê espaço é ele. — Suspirou. — Kev sempre foi assim, mesmo quando éramos crianças. Tem que estar no comando, tem que ser o centro das atenções.

— Características curiosas para um espião.

— Acho que ele deve ter descoberto um jeito de suprimir esses instintos quando está trabalhando... e aí tudo vem à tona quando não está.

— Não posso opinar sobre isso. Sou filha única.

— Sortuda. — Tornou a suspirar.

— Ele provavelmente não é tão ruim assim. — Ela se perguntou por que estava defendendo Kevin. Talvez estivesse apenas tentando animar Daniel. — Você teria mais facilidade para lidar com ele, não fosse por esta situação um tanto extrema em que está metido.

— Justo. Eu devia tentar ser justo. Acho que só estou... com raiva. Com muita raiva. Sei que ele não teve intenção de fazer isso, mas as escolhas de vida *dele* de repente destruíram todas as *minhas*. Isso é a cara do Kevin.

— Aceitar o que aconteceu com você leva um tempo — disse Alex, devagar. — É provável que você continue com raiva, porém fica mais fácil. Na maior parte do tempo eu esqueço que estou com raiva. Mas é diferente para mim. Foi gente que eu não conhecia muito bem que fez isso comigo. Não foi a minha família.

— Mas os seus inimigos tentaram matá-la. Isso é pior. Nem tente comparar o que lhe aconteceu com o que está acontecendo comigo. Kevin nunca teve intenção de me machucar. Só é difícil, sabe? Eu me sinto como se tivesse morrido, mas tenho que continuar vivendo, de qualquer forma. Não sei como.

Ela deu um tapinha na mão esquerda dele sobre o guarda-corpo, lembrando-se de como esse mesmo gesto fizera com que se sentisse melhor no carro. A pele em cima dos nós dos dedos dele estava esticada.

— Você vai aprender, como eu aprendi. Vira rotina. A vida que a gente teve antes fica... mais embaçada. E a gente se torna filosófico. Quero dizer, as pessoas enfrentam desastres o tempo todo. Qual é a diferença entre isso e ter a sua nação tomada por uma guerrilha, certo? Ou a sua cidade destruída por um tsunami? Tudo muda, e nada é tão seguro quanto antes. Só que, no fim das contas, segurança sempre foi só uma ilusão... Desculpe, talvez esse seja o pior papo animador do mundo.

Ele riu.

— Não é o *pior*. Na verdade, estou me sentindo imperceptivelmente melhor.

— Bem, então acho que meu trabalho aqui está terminado.

— Como você começou com isso tudo?

A pergunta saiu num tom leve, como se dissesse respeito a algo simples.

Ela hesitou.

— Como assim?

— Por que você escolheu essa... profissão? Quero dizer, antes de eles tentarem matá-la. Você foi do exército? Se alistou como voluntária?

Mais uma vez, as perguntas foram feitas num tom leve, como se ele estivesse indagando como ela se tornara uma economista ou uma decoradora. A própria falta de emoção era a indicação. Ele continuava virado para a frente, contemplando a escuridão.

Ela não fugiu dessa vez. Também ia querer saber essas coisas se o destino fizesse com que um de seus antigos pares acabasse do seu lado. Era algo que perguntara a Barnaby quando os dois haviam começado a trabalhar juntos. A resposta que deu não foi muito diferente da que recebera naquela época.

— Nunca escolhi de fato — explicou, lentamente. — E não, não fui do exército. Estava estudando medicina quando me procuraram. No início da faculdade, eu tinha me interessado em patologia, mas depois mudei o foco. Estava envolvida com uma linha de pesquisa específica... acho que podia ser chamada de um tipo de controle mental químico. Não havia muita gente fazendo exatamente o mesmo que eu, e encontrei muitas barreiras pela frente. Patrocínio, ferramentas, alvos... Bem, quase tudo se resumia a patrocínio. Os professores que me supervisionavam não entendiam a minha pesquisa por completo, então eu não tinha muita ajuda.

"Uns funcionários misteriosos do governo apareceram e me ofereceram uma oportunidade. Pagaram a dívida enorme que eu tinha por conta dos empréstimos estudantis. Consegui terminar minha formação enquanto passava a concentrar minha pesquisa nos objetivos dos meus novos contatos. Quando me formei, fui trabalhar no laboratório deles, onde eu tinha todas as tecnologias imagináveis à disposição e dinheiro nunca foi um obstáculo.

"O que eles queriam que eu criasse ficou óbvio. Não mentiram para mim. Eu estava ciente do trabalho para o qual contribuía, mas eles faziam com que tudo parecesse nobre. Eu estava ajudando o meu país...

Ele aguardou, ainda olhando para a frente.

— Eu não pensava que seria eu a pessoa que de fato *usaria* minhas criações num alvo. Pensei que só forneceria as ferramentas de que eles precisavam... — Ela balançou a cabeça lentamente para trás e para a frente. — Mas não foi o que aconteceu. Os anticorpos que criei eram muito especializados... para administrá-los, um médico precisava entender como funcionavam. Portanto, havia exatamente uma pessoa que podia realizar o trabalho.

A mão encostada em seu cóccix não se mexia: estava imóvel, paralisada.

— A única pessoa que chegou a entrar na sala de interrogatório comigo, além do alvo, foi Barnaby. No início, ele se encarregava do interrogatório. Ele me assustou no começo, mas se revelou uma pessoa muito delicada... Passávamos a maior parte do tempo no laboratório, criando e desenvolvendo. Na realidade, os

interrogatórios eram só cinco por cento do meu trabalho. — Ela respirou fundo. — No entanto, quando havia uma crise, eles quase sempre precisavam fazer múltiplos interrogatórios simultâneos. A velocidade era decisiva. Eu tinha que ser capaz de trabalhar sozinha. Não queria fazer isso, mas entendia por que precisava ser assim.

"Não foi tão difícil quanto pensei que seria. O pior foi perceber como eu era boa naquilo. Isso me assustou. Nunca deixou de me assustar.

Barnaby era a única pessoa para quem ela confessara isso. Ele lhe dissera para não se preocupar. Ela era simplesmente uma daquelas pessoas boas em tudo o que tentavam.

Alex pigarreou para se livrar do nó que se formara de repente em sua garganta.

— Mas obtive resultados. Salvei muitas vidas. E nunca matei ninguém... Não enquanto trabalhava para o governo. — Agora ela também contemplou a escuridão. Não queria ver a reação dele. — Sempre me perguntei se isso era o suficiente para que eu não fosse considerada um monstro.

Mas ela tinha quase certeza de que a resposta era não.

— Hummm... — Saiu apenas um ruído baixinho e persistente do fundo da garganta dele.

Ela continuou olhando para a escuridão à sua frente. Nunca tentara explicar a outra pessoa a escolha que fizera, a linha de dominós que a transformara no que era. Não achou que tivesse feito um bom trabalho.

E depois ele riu baixinho.

Nesse momento, ela se virou para encará-lo, incrédula.

Os lábios dele estavam franzidos num meio sorriso.

— Eu estava preparado para uma revelação realmente perturbadora, mas isso tudo me pareceu muito mais razoável do que eu esperava.

Ela franziu o cenho. Ele achava a história *razoável*?

A barriga de Daniel roncou. Ele tornou a rir, e a tensão do momento pareceu se dissipar com o ruído.

— Kevin não te alimentou? — perguntou ela. — Acho que aqui é estilo *self-service*.

— Uma comida me cairia bem — concordou ele.

Alex o conduziu ao freezer, tentando disfarçar a surpresa por ele parecer tratá-la como antes. Falar tudo aquilo em voz alta dera a ela uma sensação de perigo. Por outro lado, ele já sabia das piores partes da história, tendo se inteirado da forma mais cruel possível. Sua explicação não era nada depois daquilo.

Daniel podia até estar com fome, mas não se empolgou muito com os suprimentos disponíveis. Sem nenhum entusiasmo, escolheu uma pizza, como ela, resmungando sobre as deficiências de Kevin na cozinha, que pareciam ser antigas, pelo que ela ouviu. A conversa rolou com facilidade, como se ele a

considerasse uma pessoa comum.

— Não sei de onde Kevin tira toda aquela energia louca comendo só essas coisas — comentou ele.

— Arnie também não deve ser um bom cozinheiro. Aonde ele foi, afinal?

— Foi para a cama antes de Kevin sair. Deve acordar cedo. Acho que o quarto dele é para lá. — Daniel apontou para o lado oposto ao da escada.

— Você acha ele meio estranho?

— O quê, com aquela mudez? Acho que essa é só a base da relação dele com Kevin. Para ser amigo do Kev, o cara tem que aguentar ouvi-lo falando sem parar. O sujeito não tem espaço para opinar. — Ela bufou. — Tinha sorvete embaixo da pizza. Você quer? — perguntou ele.

Ela aceitou, então começou a busca por talheres e tigelas. Daniel achou uma concha e colheres, mas tiveram que servir o sorvete em canecas. Enquanto ela o observava tirando o sorvete do pote, algo lhe ocorreu.

— Você é canhoto?

— Hum, sou.

— Ah. Pensei que Kevin fosse destro. Mas, se vocês são gêmeos idênticos, isso não quer dizer que...

— Em geral, sim — disse Daniel, passando-lhe a primeira caneca. Sorvete de baunilha. Não era seu sabor favorito, mas ela ficaria feliz de ingerir qualquer coisa que contivesse açúcar naquele momento. — Somos um caso especial, na verdade. Somos chamados de gêmeos espelhados. Uns vinte por cento dos gêmeos idênticos se desenvolvem como opostos. Acham que isso acontece quando o óvulo se divide mais tarde. Então nossos rostos não são exatamente iguais, a não ser que você olhe para um deles como um reflexo. Isso não tem nenhuma implicação especial, principalmente para Kevin. — Ele saboreou a primeira colherada de sorvete e sorriu. — Eu, por outro lado, vou ter problema se algum dia precisar de um transplante de órgão. Como todas as minhas entranhas estão ao contrário, é muito complicado substituir certas coisas a menos que encontrem um órgão de outro gêmeo espelhado que seja compatível comigo geneticamente. Em outras palavras, é melhor eu torcer para nunca precisar de um fígado novo.

Daniel tomou outra colherada.

— Para mim, faria mais sentido se Kevin fosse o gêmeo com tudo ao contrário.

Os dois riram juntos, mas a risada foi muito mais suave do que no início do dia. Aparentemente, a histeria ficara para trás.

— O que tem no papel? Aquele com o comando para o cachorro.

Daniel sacou o cartão do bolso da calça jeans e o entregou para Alex.

Escrito, tudo em maiúsculas: PROTOCOLO DE FUGA.

— Você acha que algo ruim acontece se a gente falar isso em voz alta? —

perguntou ela.

— Talvez. Acredito em qualquer coisa depois de ver o esconderijo secreto dele.

— Kevin precisa contratar alguém para inventar nomes melhores para os comandos dele. Ele não é muito bom nessa parte.

— Acho que esse pode passar a ser o meu trabalho agora. — Daniel suspirou. — Eu *gosto* de cachorros. Talvez seja divertido.

— Ainda tem um pouco a ver com o magistério, certo?

— Se Kev me deixar ensinar alguma coisa. — Daniel fechou a cara. — Eu me pergunto se ele pensa em me deixar encarregado apenas de limpar os canis. Acho que é capaz disso. — Suspirou. — Pelo menos os alunos parecem ser inteligentes. Acha que eu conseguiria ensinar vôlei para eles?

— Bem... na verdade, acho que sim. Eles parecem não ter muitas limitações.

— Acho que não seria tão ruim. Certo?

— Certo — disse ela com confiança. E, depois, chamou-se mentalmente de mentirosa.

CAPÍTULO 14

Quando Alex acordou, o primeiro problema foi a dor. A inconsciência lhe dera um descanso da sensação incômoda, e esse período de alívio, embora bem-vindo, tornou ainda pior o despertar para a realidade.

O quarto estava um breu. Ela presumiu que houvesse uma janela em algum lugar atrás das caixas, mas devia estar coberta com blecaute. Kevin não devia querer muitas janelas iluminadas à noite. Melhor manter a casa com o aspecto de estar só parcialmente ocupada. Para todos os habitantes locais, Arnie era a única pessoa lá.

Ela rolou para fora da cama de armar, gemendo quando o ombro e o quadril esquerdos esbarraram na armação de madeira, e depois foi tateando até o interruptor. Abrira um caminho amplo da cama até a porta para não se machucar mais ainda andando no escuro. Com a luz acesa, desarmou os cabos e, em seguida, retirou a máscara de gás. Como havia gente ali que ela não queria matar, usara uma lata pressurizada de gás paralisante.

O corredor estava deserto, a porta do banheiro, aberta. Havia uma toalha molhada pendurada, portanto Daniel já devia estar acordado. Isso não foi surpresa. Ela ficara acordada até tarde com sua lista de memória. Mesmo enquanto continuava digitando, sentira-se desesperançosa com relação à probabilidade de lembrar dali a uma semana o que qualquer uma de suas notas crípticas representava. Enquanto trabalhava naquilo, notou muitos segredos pelos quais valia a pena matar, mas nenhum que dissesse respeito especificamente a ela ou a Barnaby. Teria havido outras vítimas se algum daqueles segredos fosse a raiz do problema. Pelo que ela fora capaz de rastrear no noticiário, sua morte e a de Barnaby não tinham sido acompanhadas por quaisquer outros nomes que ela reconhecesse. Pelo menos nenhum que tivesse se tornado público.

Enquanto lavava a cabeça, tentou pensar em alguma maneira de reduzir o espaço de tempo que pesquisava. Em geral, suas reflexões mais criativas eram feitas no chuveiro.

Barnaby sempre fora paranoico, mas só começara a *agir* de acordo com essa paranoia dois anos antes de morrer. Ela se lembrou da conversa inicial, da primeira vez que se dera conta de que estava de fato em perigo. Era fim de outono, por volta do Dia de Ação de Graças. Se a mudança não fosse aleatória, se não tivesse havido alguma espécie de catalisador, talvez a transformação fosse uma reação de Barnaby ao caso em que o problema residia. Ela não podia ter certeza das datas específicas, mas estava razoavelmente segura a respeito dos

interrogatórios que haviam sido realizados *depois* daquela mudança — de acordo com sua memória, todos haviam sido permeados da tensão e da distração recém-surgidas. Então esses podiam ser riscados. E ela se lembrava com facilidade de todos os casos do seu primeiro ano, quando tudo era novíssimo e estranhíssimo — esses também podiam ser deixados de lado. Com isso, restavam três anos de trabalho e dois alarmes nucleares para rever, mas ela estava feliz de poder restringir a busca, por ínfima que fosse essa restrição.

Ela gostava das toalhas fofas com que o banheiro estava equipado. Aparentemente, Kevin aproveitava seus pequenos confortos. Ou talvez fosse Arnie quem gostava de coisas luxuosas. Fosse quem fosse, essa pessoa também tinha abastecido o banheiro com todos os artigos de toalete que um hotel fornecia, só que em vidros de tamanho normal. Havia xampu e condicionador no chuveiro. Pasta de dente, loção e enxaguante bucal estavam dispostos na bancada. Simpático.

Ela passou a toalha no espelho e confirmou num piscar de olhos que ainda não estava em condições de aparecer em público. Quase todo o preto dos olhos se transformara em um verde doentio, com um toque de roxo nos cantos internos. Seu lábio começava a desinchar, mas isso só tornava a supercola mais óbvia. Os hematomas em suas bochechas apenas começavam a amarelar nas bordas.

Ela suspirou. Seria necessária mais uma semana, no mínimo, para que pudesse mostrar o rosto, mesmo maquiado.

Depois de se vestir com as peças menos sujas de que dispunha, Alex juntou o resto, embolou tudo dentro de uma camiseta que improvisou como saco de roupa suja e partiu em busca da lavanderia. O andar de baixo estava deserto e silencioso. Ela ouvia latidos ao longe. Daniel e Arnie deviam estar fora de casa lidando com os animais.

Ela encontrou uma lavanderia espaçosa atrás da cozinha. Viu a porta dos fundos (era sempre bom estar familiarizada com as saídas) e o grande acessório de plástico na metade inferior. Demorou um instante para perceber que era uma porta para cães — uma enorme porta para cães, grande o bastante para que Khan entrasse. Não vira nenhum dos cachorros dentro da casa até o momento, mas era provável que eles não fossem sempre proibidos de entrar. Pôs a roupa na máquina e foi procurar o café da manhã.

Os armários ofereciam muito mais do que a geladeira. Metade estava cheia de latas de comida de cachorro e a outra metade estava quase vazia. Havia café no pote em cima da bancada, ainda bem. Encontrou também uma reserva de biscoitos, que furtou. Pelo visto Kevin e Arnie ligavam menos para comida do que para toalhas. Encontrou uma caneca de brinde de um acampamento de escoteiros ocorrido em 1983, trincada e desbotada. O ano não se encaixava com o tempo de vida de nenhum dos homens que morava ali — devia ser uma aquisição de segunda mão. Mas dava para usar. Quando terminou, ela colocou a

caneca no lava-louça de aço inoxidável e depois foi ver o que estava na ordem do dia.

Lola e Khan estavam na varanda, junto com o rottweiler cujo nome ela não conseguia guardar. Todos se levantaram como se estivessem esperando por ela e a seguiram quando ela rumou para o celeiro. Ela fez carinho em Lola algumas vezes enquanto andavam. Parecia a atitude mais educada a tomar.

Ao norte do pavilhão moderno, havia uma área grande cheia de animais. Arnie estava no meio deles, gritando comandos para os cães brincalhões. A maioria não parecia lhe dar ouvidos, mas alguns atendiam aos pedidos do professor. Ela não viu Daniel. Entrou no pavilhão e atravessou-o na direção do quarto de suprimentos. Kevin e Arnie abasteciam o sítio muito melhor para os cães do que para si próprios. Daniel também não estava lá.

Foi vagando até o pátio de treinamento, sem saber direito o que fazer em seguida. Era uma situação estranha. Estava acostumada a ficar sozinha o tempo todo. No entanto, como não encontrava Daniel para ver como ele estava, ela se sentiu repentinamente perdida.

Arnie, claro, não prestou a menor atenção quando ela se aproximou da cerca e enganchou os dedos na grade. Ela observou-o enquanto ele trabalhava com um pastor-alemão bem novo, que, apesar da idade, tinha patas e orelhas enormes. O homem perseverou nas instruções mais do que a paciência dela permitiria. Os dois filhotes de Lola se encostaram na cerca e pediram lambidas da mãe, que condescendeu algumas vezes e, em seguida, latiu para eles, produzindo um ruído estranho que fez Alex pensar nas ocasiões em que sua mãe a lembrava de estudar depois do jantar. Obedecendo à ordem materna, os dois filhotes quase adultos voltaram na direção do homem com os petiscos.

Talvez Daniel tivesse retornado para o campo de treinamento. Kevin dissera que havia uma picape por ali, mas ela não vira sinal do carro. Desejou que Daniel tivesse esperado por ela. Queria brincar um pouco mais com a SIG. E, honestamente, treinar um pouco com sua pistola também cairia bem. No passado, sua vida nunca dependera de sua pontaria, mas isso poderia ocorrer no futuro. Ela não queria desperdiçar a inesperada oportunidade de aprimorar suas habilidades.

Continuou olhando Arnie com os cachorros por mais meia hora. Por fim, interrompeu a observação, mais por tédio do que por necessidade de obter informações.

— Ei — gritou acima dos barulhos dos cães. — Hã, Arnie? — Ele ergueu os olhos. Sua expressão não revelava nenhum interesse. — Daniel levou a picape para o campo? A que horas ele saiu? — Arnie fez que sim, depois encolheu os ombros. Ela tentou imaginar uma tradução, mas logo desistiu. Teria que simplificar as perguntas. — Ele levou a picape?

Arnie estava novamente focado nos cachorros, mas ela conseguiu obter uma

resposta.

— Acho que sim. Não estava lá na última vez que fui ao celeiro.

— O campo fica longe? — perguntou ela. Tinha parecido muito longe para ir a pé, mas era melhor perguntar.

— A uns oito quilômetros, em linha reta.

Não tão distante quanto ela pensava. Daniel era um corredor. Não podia ter deixado a picape? Bem, uma corrida até que cairia bem, mas era provável que ele estivesse voltando antes que ela conseguisse chegar ao destino.

— E você não sabe a que horas ele saiu?

— Não o vi. Mas foi antes das nove.

Mais de uma hora antes. Voltaria em breve, sem dúvida. Ela esperaria a sua vez.

Era bom que Daniel estivesse interessado em treinar. Talvez algo do que ela e Kevin haviam tentado lhe dizer tivesse mexido um pouco com ele. Ela não queria que ele vivesse com medo, mas era a melhor opção. O medo o manteria vivo.

Acenou um agradecimento a Arnie, depois voltou para a casa para terminar de lavar a roupa, o séquito peludo seguindo-a de perto.

Uma hora depois, estava vestindo roupas limpas pela primeira vez em muitos dias, e a sensação era fantástica. Pôs na máquina as peças que usara na véspera, feliz com a ideia de ter o guarda-roupa inteiro cheiroso de novo. Dedicou mais trinta minutos a seu projeto de memória. Pelo menos continuava se lembrando do significado de suas anotações doze horas depois de fazê-las. Estava, na medida do possível, tentando organizar tudo cronologicamente, embora seu sistema de numeração se baseasse na gravidade dos fatos. Talvez isso tivesse deixado as notas mais confusas do que deveriam, mas ela não queria reorganizar tudo nesse momento.

Nessa manhã, trabalhou nos eventos terroristas número quinze e número três — uma tentativa de atentado a bomba no metrô e o roubo de uma arma biológica —, tentando pensar em quaisquer nomes que tivessem surgido dentro do contexto.

Os terroristas e especuladores russos do número quinze haviam sido neutralizados, portanto era provável que sua situação não tivesse nada a ver com eles. De qualquer forma, ela anotou o caso. *NY* era uma abreviação muito óbvia, então usou *MB* para Manhattan-Bronx. O trem da linha 1 tinha sido o alvo. *TI* para a facção atrás do atentado, *VK* para vales do Kalasha, *VR* para o russo que lhes vendia os materiais. Alguns estranhos que haviam sido cúmplices: *RP*, *FD*, *BB*.

O caso número três tinha algumas pontas soltas, como ela lembrava, mas havia sido repassado à CIA. Ela olhou para as letras: *J, I-P* para Jammu, Índia, na fronteira com o Paquistão. *PT*: a Praga de Tacoma, chamavam. Fora desenvolvida por uma conhecida célula terrorista a partir de anotações de um

cientista americano, copiadas de um laboratório perto de Seattle. A célula dissidente, *FA*, também estava envolvida nos eventos T10 e T13. O departamento ainda estivera ajudando a CIA a conseguir informações sobre os remanescentes da célula no momento em que ela fora "desligada". Ela se perguntou se a CIA chegara a encerrar o caso por completo. Kevin andara tão ocupado no México que provavelmente não podia lhe dar a resposta. Ela anotou as iniciais de alguns nomes relacionados. *DH* era o cientista americano de quem a fórmula tinha sido roubada, e *OM* era um membro da célula terrorista que ela havia interrogado. Teve a impressão de que havia mais um americano envolvido de alguma maneira — não um participante do evento. Ou talvez aquele indivíduo estivesse relacionado ao número quatro... Ela só lembrava que o nome era curto, com um som entrecortado... Começava com *P*?

Nunca pudera manter quaisquer anotações, claro, portanto não havia nada a que recorrer. Era frustrante. Tanto que ela desistiu e decidiu procurar pelo almoço. Os biscoitos não tinham exatamente matado a sua fome.

Quando entrou no salão, ouviu o rugido abafado de um motor parando do lado de fora, depois o chiado de pneus pesados no cascalho. Finalmente.

Por força do hábito, olhou pela porta para se certificar de que era Daniel. Bem na hora em que pôs a cabeça para fora, o barulho do motor parou. Uma picape Toyota de modelo antigo, branca encardida e com uma capota igualmente velha e empoeirada estava estacionada onde eles haviam deixado o sedã na noite anterior. Daniel saltava do banco do motorista. Einstein saiu do carro atrás dele.

Enquanto admirava o aspecto comum do veículo — perfeito para não chamar atenção —, ela sentiu um calafrio subir por sua coluna, arrepiando-lhe a pele. Ficou imóvel, olhos arregalados se movendo de um lado para outro, feito um coelho assustado tentando descobrir de onde vinha o perigo. O que seu inconsciente notara que ela não percebera?

Concentrou-se no saco de papel aninhado no braço esquerdo de Daniel e continuou olhando enquanto ele puxava o banco dianteiro para a frente e pegava outro saco. Einstein perambulava alegremente em volta das pernas de Daniel. Khan e o rottweiler desceram correndo os degraus da varanda para se juntar a ele.

Ela sentiu o sangue fugir de seu rosto, deixando uma sensação de tontura.

E então o choque passou e ela começou a se mover. Correu atrás dos cachorros, sentindo a circulação voltar em suas bochechas machucadas.

— Ei, Alex — gritou Daniel, animado. — Tem mais uns sacos na traseira, se você estiver se sentindo... — Parou bruscamente quando processou a expressão dela. — O que aconteceu? Kevin...

— Aonde você foi? — Ela cuspiu as palavras entre os dentes.

Ele piscou uma vez.

— Só fui até aquela cidade por onde a gente passou na vinda. Childress.

Ela cerrou os punhos.

— Levei o cachorro — disse ele. — Não aconteceu nada.

Ela pressionou o punho na boca, fez uma careta e tentou se acalmar. Não era culpa dele. Ele simplesmente não entendia. Ela e Kevin deviam ter dado mais conselhos. A escorregada tinha sido dela, por supor que um pouco daquela orientação ocorrera quando ela estava dormindo no carro. Mas se Kevin não estivera preparando Daniel para sua nova vida, então sobre *o que* os dois haviam conversado durante todas aquelas horas?

— Alguém viu v... Claro que viu. Você comprou coisas. Quantas pessoas te viram?

Ele piscou de novo.

— Eu fiz alguma coisa errada?

— Você foi na cidade?

Uma voz grave retumbou atrás dela.

Daniel deslocou o olhar para um ponto acima da cabeça dela.

— Fui... Quero dizer, vocês estavam com pouca comida em casa. Eu só queria comprar umas coisas não congeladas, sabe. Você parecia ocupada...

Ela se virou para olhar para Arnie. A expressão dele era impassível, mas ela já o conhecia bem o suficiente para ver pequenas brechas na fachada; marcas de estresse em volta dos olhos, uma veia ligeiramente mais proeminente na testa.

— Você tem algum jeito de entrar em contato com Kevin? — perguntou ela.

— Você quer dizer Joe?

— Provavelmente. O irmão do Daniel.

— Não.

— O que foi que eu fiz? — perguntou Daniel de um jeito suplicante.

Ela suspirou quando tornou a se virar para ele.

— Você lembra que Kevin falou que ninguém por aqui tinha visto o rosto dele? Bem... agora já viram.

Daniel começou a perder a cor enquanto a informação era processada.

— Mas... eu usei um nome falso. Eu... eu disse que só estava de passagem.

— Com quantas pessoas você falou?

— Só com a caixa do mercado e a do...

— A quantos lugares você foi?

— Três... — Ela e Arnie trocaram um olhar; horrorizado da parte dela, mas inescrutável da dele. — Kevin deixou dinheiro para o caso de eu precisar de alguma coisa... Pensei que ele estivesse falando de coisas tipo ovos e leite — disse Daniel.

— Ele estava falando de identidades falsas — retrucou ela bruscamente.

O resto da cor de Daniel se esvaiu, o queixo caiu.

Alex e Arnie ficaram olhando para ele por um bom tempo.

Daniel respirou fundo, tentando visivelmente se centrar.

— Tudo bem — disse. — Fiz besteira. Podemos levar as compras para dentro antes de você me dizer qual foi a gravidade do erro? A situação só vai piorar se a comida estragar na picape.

Com os lábios bem apertados (ignorando o irritante naco de cola), Alex fez que sim e deu a volta até a traseira da picape para ajudar a descarregar. Viu a quantidade de sacolas dentro da cabine e sentiu de novo o sangue pulsar sob os hematomas.

Claro, além de ir à cidade mais próxima, ele comprara comida suficiente para alimentar um exército. E, se houvesse qualquer outra coisa que o tornasse ainda mais memorável, era provável que ele também a tivesse feito.

Num silêncio agourento, Alex e Arnie carregaram todos os sacos para dentro e os apoiaram na bancada da cozinha. Daniel ia de um lado para outro entre os armários e a geladeira, guardando cada item no lugar certo. Ela podia ter pensado que ele não estava levando a situação suficientemente a sério se não fosse pelo fato de que sua cor continuava mudando. Embora a expressão permanecesse a mesma, suas bochechas e seu pescoço enrubesciam de repente e, em seguida, voltavam a empalidecer.

Era provável que a pausa tivesse sido uma boa ideia. Deu a Alex uma chance de pensar em tudo e ser realista em relação ao perigo apresentado. Estivera prestes a roubar o carro de Arnie e desaparecer, mas sabia que isso seria uma reação exagerada. Esse tipo de resposta podia salvar a vida da pessoa, mas às vezes acabava apenas aumentando o perigo. Ela precisava ter em mente o aspecto de seu rosto. Fugir só lhe causaria mais problemas.

Daniel colocou o último item — um tipo de verdura folhosa — na geladeira e fechou a porta. Não se virou. Ficou parado, a cabeça ligeiramente inclinada na direção do aço inoxidável.

— Qual é a gravidade? — perguntou baixinho.

Ela olhou para Arnie. Ele não parecia propenso a falar.

— Me diga que você pagou em espécie — falou ela.

— Sim.

— Bem, isso é um começo, pelo menos.

— Mas não tudo — calculou Daniel.

— Não. Childress é uma cidade muito pequena.

— Pouco mais de seis mil pessoas — resmungou Arnie.

Era pior do que ela pensara. Sabia de escolas com um número de alunos maior do que esse.

— Então um estranho na cidade é memorável — disse ela. — Você deve ter sido notado.

Daniel virou-se para Alex. Tinha o rosto sereno, mas os olhos pareciam perturbados.

— Sim, consigo entender isso — concordou.

— Você estava no carro do Arnie, com o cachorro do Arnie — disse ela. — Alguém pode ligar você a ele.

— Einstein ficou no carro — disse Daniel. — Acho que não tinha ninguém olhando quando entrei ou saí.

— Tem umas cem picapes parecidas na cidade. Cinco que são exatamente da mesma cor, do mesmo ano e do mesmo modelo. Duas dessas têm capota de fibra — informou Arnie, não para Daniel, mas para Alex. — E metade dos habitantes levaria um cachorro junto.

— Isso ajuda — comentou ela. — Vocês foram bons nisso.

— O quanto isso te afeta? — perguntou Daniel a Arnie.

Ele encolheu os ombros.

— Não tem como saber. As pessoas esquecem as coisas bem depressa quando não têm nenhum motivo de verdade para lembrar. Se a gente não chamar atenção, é provável que isso não dê em nada.

— Enfim, o que está feito está feito — refletiu Alex. — Só temos que ser ainda mais cautelosos.

— Kevin vai ficar furioso. — Daniel suspirou.

— Quando ele *não está* furioso? — perguntou Alex, e Arnie deu uma risadinha. — De qualquer forma, a culpa é dele por não explicar nada para você. Um erro que eu não vou repetir.

Ela apontou para o sofá.

Arnie assentiu para si próprio, depois saiu pisando forte pela porta da frente, voltando ao trabalho. Kevin tinha escolhido um bom parceiro. Ela se pegou desejando que Arnie, e não Kevin, fosse o irmão de Daniel. Era tão mais fácil lidar com Arnie.

— Que tal eu preparar o almoço enquanto você faz sermão? — sugeriu Daniel. — Estou morrendo de fome. Não sei como Arnie sobrevive por aqui.

— Ok — disse ela. Pegou um banco de bar e se acomodou.

— Eu sinceramente achei que estivesse ajudando — murmurou Daniel, voltando para a geladeira.

— Eu sei, Daniel, eu sei. E também estou com fome — admitiu.

— Pode deixar que da próxima vez eu pergunto antes de fazer qualquer coisa — prometeu ele.

Ela suspirou.

— Já é um começo.

* * *

EMBORA ELA NÃO quisesse admitir, o sanduíche grande que Daniel preparou a ajudou muito a suavizar sua opinião sobre o incidente. Ela explicou o básico

enquanto comiam (haveria tempo para mais detalhes quando eles tivessem uma tarefa específica pela frente) e ele escutou com atenção.

— Não sei como ver o mundo desse jeito — confessou ele. — Isso tudo soa paranoico.

— Sim! Paranoia é exatamente o nosso objetivo. Paranoia é bom.

— No mundo real o mais comum é ensinarem justamente o contrário, mas vou tentar mudar minha perspectiva. Sei que consigo fazer o seguinte: vou conferir tudo com você de agora em diante. Antes de *respirar*.

— Você vai começar a pegar o jeito. Depois de um tempo, vira um hábito. Mas não pense no que você costumava conhecer como o mundo *real*. As coisas que acontecem *neste* mundo são muito mais reais e muito mais permanentes. São impulsos primitivos... de sobrevivência. Sei que você tem esses instintos. Nasceu com eles. Só tem que passar a usar essa parte do cérebro.

— Tenho que pensar do ponto de vista da caça. — Ele tentou manter a expressão positiva, mas ela notou como a ideia o arrasava.

— Sim. Você é a caça. Eu também. E o seu irmão. E, caramba, Arnie também, aparentemente. Parece que essa condição é bem popular por aqui.

— Mas você — disse ele devagar —, meu irmão e, provavelmente, até Arnie são também predadores. Eu só sou presa.

Ela fez que não com a cabeça.

— Eu comecei como presa. Aprendi. Você tem vantagens que eu nunca tive. Tem um código genético idêntico ao do seu irmão, o predador máximo. Vi você no campo. Quando aqueles instintos despertarem, você vai ser capaz de se cuidar.

— Você só diz isso para eu me sentir melhor.

— Digo isso porque tenho inveja. Se eu pudesse ser alta, forte e ter talento para atirar, isso mudaria esse jogo em que estou metida.

— Se pudesse ser esperto e paranoico, eu não teria nos colocado em perigo.

Ela sorriu.

— Não tem comparação. Você é capaz de aprender. Eu nunca vou conseguir crescer mais.

Ele sorriu também.

— Você é muito mais invisível desse jeito.

— Eca — grunhiu ela. — Vamos fazer algo produtivo e atirar nuns fardos de feno.

— Tudo bem, mas tenho que estar de volta às seis horas no máximo — avisou ele, olhando para o relógio no campo.

Alex ficou confusa.

— É o horário do seu programa de TV preferido ou algo assim?

— Não. Eu te devo um jantar, e não dá para eu te levar na cidade. — Ele sorriu contritamente. — Esse é um dos motivos para eu ter ido às compras, além da inanição.

— Hum...

— Eu convidei você para jantar. Não lembra?

— Ah, lembro, sim. Só pensei que provavelmente você tivesse desistido de qualquer coisa que pudesse ter oferecido antes de eu te sequestrar.

— Não vou me sentir bem se eu não te compensar. Enfim, alguém tem que cozinhar, e até que sou bom nisso. Já sei que Kevin e Arnie são zeros à esquerda nesse departamento.

Alex suspirou.

— É provável que eu seja tão ruim quanto eles.

— Então está combinado. Agora vamos melhorar a nossa pontaria.

* * *

DANIEL APRENDIA AS coisas tão depressa que não era de admirar que Kevin tivesse sido recrutado. Enquanto treinavam, ele contou a Alex sobre as proezas de Kevin nos esportes e sobre seu dom especial para atirar. Aparentemente, os meninos e o pai haviam participado de muitas competições, e Kevin quase sempre saíra com o troféu do primeiro lugar.

— Cometi o erro de ganhar dele uma vez, quando tínhamos nove anos. *Não* valeu a pena. Dali em diante, eu ia junto para deixar o papai feliz, mas não competia de verdade. Encontrei meus próprios interesses, coisas para as quais Kevin não ligava. Como livros. Envolvimento comunitário. Corrida de longa distância. Aulas de culinária. Coisas de mulherzinha, ele me dizia com frequência.

Alex carregou um pente novo. Estavam realmente gastando toda a munição de Kevin, mas ela não se importou muito. Ele tinha dinheiro para comprar mais balas.

De manhã, ela realizara uma busca completa no celeiro e encontrara algumas das reservas de dólares em espécie que ele mantinha. Pelo jeito, ele levara para casa um pouco do dinheiro da droga. Como regra geral, ela evitava roubar a não ser que tivesse esgotado todas as opções, mas nesse momento ficou muito tentada a pegar tantas notas quanto conseguisse carregar. Afinal, Kevin era em parte culpado por ela estar tão mais pobre do que no mês anterior.

— Eu me pergunto o que teria acontecido comigo se eu tivesse uma irmã ou um irmão que fosse melhor em química e biologia que eu no ensino médio — disse ela. — Será que eu teria desistido? Virado contadora?

Deu um tiro, depois sorriu. Bem no coração.

— Talvez você seja mais competitiva do que eu. Talvez tivesse disputado a coroa.

Ele se colocou descontraidamente na posição de tiro e disparou uma rodada num fardo cem metros mais distante que o dela.

Ela disparou de novo.

— Talvez eu fosse mais feliz como contadora.

Daniel suspirou.

— Você deve ter razão. Eu era bem feliz como professor. Não era uma carreira glamourosa, mas o prosaico pode ser bem satisfatório. Na verdade, ser comum em geral é altamente subestimado.

— Não sei. Mas parece bom.

— Você nunca foi comum. — Não era uma pergunta.

— Não — concordou ela. — Não de verdade. Como você pode perceber, isso acabou sendo uma lástima.

Sempre mais inteligente do que seria seguro, embora ela tivesse demorado um pouco a ver as coisas dessa maneira. Acertou duas vezes seguidas a cabeça do alvo.

Daniel se endireitou e encostou o grande fuzil no ombro. Einstein se pôs de pé e esticou as costas.

— Bem, tive algumas áreas em que transcendi o rotineiro — disse ele. Pelo tom de voz, Alex percebeu que ele estava tentando animar o ambiente de propósito. — E você tem sorte — continuou —, hoje vai me ver trabalhar na minha área preferida.

Ela largou a SIG e se alongou, mais ou menos como o cachorro fizera. Seus músculos se enrijeciam mais depressa com as contusões. Não estava se movimentando como de costume. Estava poupando as partes danificadas do corpo. Precisava se obrigar a usar igualmente os braços e as pernas.

— Parece empolgante. Como estou com fome, espero que a área a que você se refere seja a cozinha.

— É, sim. Vamos? — Ele fez um gesto abrangente com a mão livre na direção da picape.

— Assim que limparmos nossos brinquedos.

* * *

DANIEL PARECIA DE fato muito à vontade, cantarolando enquanto picava ingredientes e polvilhava condimentos numas coisas e colocava outras coisas em panelas. Claro, ela não pôde deixar de notar que muitos dos utensílios pareciam ser novos em folha: não haviam estado nos armários mais cedo, quando ela os revistara. Decidiu adiar o sermão sobre como as pessoas que estavam só de passagem pela cidade raramente compravam coisas para a cozinha. O cheiro começava a ficar incrível e ela não queria agourar nada.

Sentou-se de lado no sofá, as pernas encolhidas embaixo do corpo, assistindo ao noticiário e observando Daniel ao mesmo tempo. Nada interessante na televisão, só muitas notícias locais e algumas sobre as eleições, que ainda

demorariam vários meses. O processo eleitoral era irritante para Alex. Ela provavelmente teria que parar completamente de ver os noticiários quando a campanha começasse para valer. Por ser alguém que sabia mais do que a maioria das pessoas sobre o tipo de calhordice que acontecia nos bastidores e sobre como as decisões importantes quase não tinham a ver com o porta-voz testa de ferro que o povo elegia, era difícil dar muita importância à direita ou à esquerda.

Arnie tinha comido outra refeição congelada e se recolhido por volta de sete e meia, como, pelo visto, era seu hábito. Alex tentara convencê-lo de que valia a pena esperar por um jantar caseiro, mas ele nem se dera ao trabalho de lhe responder. Ela ficou admirada por Daniel não tentar persuadi-lo, mas talvez ele estivesse concentrado demais na comida para notar. Ela lhe ofereceu ajuda uma ou duas vezes, mas ouviu, em termos bem claros, que só estava autorizada a comer.

Daniel resmungou para si próprio enquanto dispunha os pratos que não combinavam, os talheres aleatórios e as canecas de café. Ela teria que lembrá-lo de que não devia sair para comprar louça com monograma. Ele levou toda a comida para a mesa, e ela se levantou avidamente, faminta e quase enlouquecendo com as fragrâncias variadas que flutuavam pela sala. Ele puxou uma cadeira para ela, o que lhe lembrou de gestos que ela vira em filmes antigos. Era isso o que gente normal fazia? Ela não tinha certeza, mas achava que não. Pelo menos não nos lugares aonde ia para comer.

Com um floreio, ele sacou um isqueiro e acendeu uma vela de bolinhas azuis e cor-de-rosa com a forma do número 1 e espetou-a num pão francês.

— Foi o mais próximo de uma vela convencional que consegui encontrar — explicou-lhe ao ver sua expressão. — E esse foi o melhor vinho que arranjei — prosseguiu, indicando a garrafa que estava aberta ao lado da caneca de café dela. As palavras no rótulo eram desconhecidas para ela. — É a melhor safra que tem no United Supermarket.

Ele fez menção de servir, e ela automaticamente cobriu a boca da caneca com a mão.

— Eu não bebo.

Ele hesitou, depois se serviu de uma pequena quantidade.

— Comprei suco de maçã hoje de manhã. Ou você prefere que eu pegue água?

— Suco seria ótimo.

— Posso perguntar? AA ou preferências religiosas?

— Segurança. Há quatro anos não toco em nada que possa prejudicar minha percepção.

Ele voltou e lhe encheu a caneca de suco antes de se sentar à sua frente. Tinha o semblante cuidadosamente despreocupado.

— Você não começou a fugir só há três anos?

— Sim. Mas, depois que realmente caiu a ficha de que alguém podia tentar me matar, foi difícil pensar em outra coisa. Eu não podia me dar ao luxo de me distrair. Podia deixar de notar alguma coisa. Acho que deixei de notar, sim, alguma coisa. Se eu estivesse alerta, Barnaby ainda podia estar vivo. A gente não devia ter esperado.

— Você não se sente segura aqui?

Ela olhou para ele, surpresa com a pergunta. A resposta era muito óbvia.

— Não.

— Porque eu fui burro hoje de manhã?

Ela balançou a cabeça.

— Não, de jeito nenhum. Eu nunca me sinto segura em lugar algum. — Ela ouviu como as palavras soaram blasés, como a palavra *obviamente* parecia estar implícita em sua réplica, e observou a expressão dele se desanimar um pouco. — Ei, mas eu provavelmente tenho transtorno de estresse pós-traumático. Não precisa ser assim. Tenho certeza de que outra pessoa poderia enfrentar melhor as coisas.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Sim, Kevin parece normalíssimo.

Eles riram de novo. Ela não tinha rido tanto nos três anos anteriores.

Ele levantou o garfo.

— Vamos?

CAPÍTULO 15

— Não, eu não estou exagerando. Tenho quase certeza de que esta é a melhor refeição que comi na vida. Sim, em geral me alimento de *fast-food*, portanto não sou uma juíza muito sofisticada, mas também sou sincera no que digo.

— Bem, esse é um elogio simpático. Obrigado.

— O que é isso mesmo?

Ela espetou o garfo na sobremesa no prato, desejando ter um pouquinho mais de espaço no estômago. Estava quase passando mal de tanto comer, mas ainda queria mais um bocado.

— Bolo de Bananas Foster.

— Quer *dizer*... — Ela foi em frente, ignorando o estômago cheio e saboreando uma pequena garfada. — Onde aprendeu a fazer isso?

— Fiz alguns cursos de culinária na faculdade. Assisto muito ao Food Network nos fins de semana e pratico quando dá.

— Tempo muitíssimo bem gasto. Mas pelo visto você não seguiu a sua vocação.

— Trabalhei em alguns restaurantes na época. Não dava para ter vida social. Quando eu namorava a minha ex... Bem, ela não gostava muito do horário. Meu trabalho principal nos permitia ter mais tempo juntos.

— Nem todo mundo faria esse sacrifício.

— Não foi bem um sacrifício. Trabalhar com a garotada sempre pareceu mais importante. Eu adoro. E podia cozinhar em casa. Então tive as duas coisas por um tempo.

— E aí você parou?

Ele suspirou.

— Bem, quando Lainey saiu de casa... eu não quis brigar. Deixei que ficasse com o que quisesse.

Alex pôde facilmente imaginar como isso se desenrolara. Tinha visto a conta bancária pós-divórcio de Daniel.

— Ela te depenou.

— Bastante. Daí a dieta a base de macarrão instantâneo.

— Isso é crime. — Ela olhou com desejo para o que sobrara do bolo.

— É a vida — retrucou ele. — Você teve a sua cota de sofrimento.

— Sinceramente, embora tudo tenha acontecido com um pouquinho de terror e tragédia demais, eu estava preparada para sair. Nunca foi o que eu quis fazer da vida. É só a coisa na qual eu era muito boa. — Ela encolheu os ombros. — O

trabalho cobrou seu preço.

— Não consigo nem imaginar. Mas eu quis dizer... no campo amoroso.

Ela o encarou, sem compreender.

— No campo amoroso?

— Bem, como você disse, tudo acabou em tragédia.

— A minha vida, com certeza. Mas...

— Só imaginei, pelo jeito como fala dele, que deve ter sido devastador perder... o dr. Barnaby como você perdeu. Você nunca disse qual era o primeiro nome dele.

— Era Joseph. Mas eu sempre o chamava de Barnaby.

Ela deu um gole no suco.

— E você se apaixonou por ele... logo no início?

O arquejo chocado dela levou um pouco de suco para os pulmões, e ela engasgou. Daniel levantou com um pulo e bateu em suas costas enquanto ela tentava regularizar a respiração. Passado um minuto, ela o dispensou com um gesto.

— Estou bem — disse, tossindo. — Sente-se.

Daniel ficou ao seu lado, com a mão meio estendida.

— Tem certeza?

— Apenas. Pega de surpresa. *Com Barnaby?*

— Pensei que você tivesse dito ontem...

Ela respirou fundo, depois tossiu outra vez.

— Que eu o amava. — Encolheu os ombros. — Desculpe, só estou tendo uns reflexos incestuosos seriamente repugnantes agora. Barnaby era como um pai para mim. Foi um bom pai... o único que tive na vida. Foi muito difícil saber como ele morreu, e sinto muita falta dele. Então, sim, definitivamente foi devastador. Mas não desse jeito.

Daniel voltou lentamente para seu lugar. Refletiu por um instante, depois perguntou:

— Com quem mais você cortou laços quando desapareceu?

Ela conseguia imaginar o longo sortimento de rostos passando pela mente de Daniel.

— Isso não foi muito difícil para mim. Parece bem patético, mas Barnaby era meu único amigo de verdade. Meu trabalho era a minha vida, e eu não podia falar sobre ele com ninguém além de Barnaby. Eu levava uma vida muito isolada. Havia outras pessoas em volta... por exemplo, os subalternos que preparavam os alvos. Eles sabiam o que estava acontecendo no geral, porém não tinham nenhum dos detalhes confidenciais sobre as informações que tentávamos obter. E, bem, eles sentiam pavor de mim. Sabiam qual era o meu trabalho. Portanto, não conversávamos muito. Havia alguns assistentes de laboratório responsáveis por várias tarefas fora das salas de ação, mas eles *não* sabiam o que

estávamos fazendo e eu tinha que tomar cuidado para não lhes dar nenhuma dica. Às vezes, integrantes das diferentes agências vinham separadamente para monitorar um interrogatório específico, mas eu tinha muito pouco contato com eles a não ser para receber instruções sobre os ângulos que deveria cobrir. Em geral, eles assistiam de trás de um vidro espelhado, e Carston me passava as informações. Eu achava que Carston fosse meu amigo, mas ele *tentou* me matar... Então não posso comparar isso com o que você está perdendo. Obviamente, eu não tinha muito o que perder. Mesmo antes de ser recrutada... acho que eu simplesmente não me conecto a outros seres humanos como uma pessoa normal. Como eu disse, é patético.

Daniel sorriu para ela.

— Ainda não percebi deficiência alguma.

— Hum, obrigada. Bem, está ficando tarde. Deixe-me ajudar a tirar a mesa.

— Claro. — Ele se levantou e se alongou, depois começou a empilhar os pratos. Ela teve que se apressar para pegar as poucas coisas que restavam antes que ele cuidasse de tudo. — Mas a noite ainda é uma criança — prosseguiu ele — e vou ter que falar da outra metade do nosso trato agora.

— Hã?

Ele riu. Estava com as mãos ocupadas, então ela abriu o lava-louça. Encheu a prateleira de baixo enquanto ele encheu a de cima e colocou as peças maiores na pia. Como trabalharam bem em conjunto, logo terminaram a tarefa.

— Você não lembra? É verdade, só faz alguns dias. Tenho que admitir, parece bem mais tempo. Podia ter sido há semanas.

— Não faço ideia do que você está falando.

Daniel fechou o lava-louça e depois se apoiou na bancada, cruzando os braços. Ela esperou.

— Pense. Antes que as coisas ficassem... estranhas. Você prometeu que se eu ainda gostasse de você depois de jantarmos juntos...

Olhou para ela com as sobrancelhas erguidas, esperando que preenchesse a lacuna.

Ah. Ele estava falando da conversa no metrô. Ela ficou chocada por ele conseguir se referir a ela com tanta leveza. Aquele tinha sido o último momento em que a vida dele fora normal. O último momento antes de tudo lhe ter sido roubado. E, embora não tivesse sido a responsável por isso, ela fora o meio usado por eles.

— Hum. Algo sobre um cinema que passa filmes estrangeiros na universidade perto de você, certo?

— Sim... Bem, mas não precisa ser tão específica. O cinema da universidade não é conveniente agora. Mas...

Ele abriu o armário às suas costas, esticou o braço e puxou algo da última prateleira. Tornou a se virar para ela com um enorme sorriso e lhe mostrou uma

caixa de DVD. A capa gasta tinha uma imagem de uma bela mulher com um vestido vermelho e um chapéu de aba larga.

— Ta-rã! — disse ele.

— Onde diabo você conseguiu isso?

O sorriso dele diminuiu um pouquinho.

— Na segunda loja a que fui. Um brechó. Tive muita sorte. Este é realmente um grande filme. — Avaliou a expressão dela. — Posso ler os seus pensamentos. Você está pensando: *tem algum lugar aonde esse idiota* não *foi? Estaremos mortos antes do amanhecer.*

— Não com tantas palavras. E desapareceríamos na noite a bordo da picape roubada de Arnie agora mesmo se eu considerasse isso tão grave.

— Mesmo assim, embora eu lamente muitíssimo meu comportamento imprudente, também estou bem feliz por ter achado esta preciosidade. Você vai amar.

Ela balançou a cabeça, mas não discordando, apenas se perguntando como as coisas tinham ficado tão estranhas em sua vida. Um passo errado e de repente ela se comprometia a ler legendas com a pessoa mais gentil e... íntegra que já tinha conhecido.

Daniel se aproximou dela.

— Você não pode dizer não. Fez um trato e pretendo que você o cumpra.

— Vou cumpri-lo, sim. Você só tem que explicar por que exatamente ainda gosta de mim — retrucou ela, terminando a fala mais abatida do que começara.

— Acho que posso fazer isso.

Ele se aproximou mais, encurralando-a na ilha. Colocou as mãos na beirada da bancada atrás dela, uma de cada lado, e, quando se inclinou, ela sentiu o puro cheiro cítrico do cabelo dele. Daniel estava tão perto que dava para perceber que se barbeara recentemente: tinha a mandíbula lisa e o vestígio de uma queimadura de barbeador embaixo do queixo.

A proximidade de Daniel a deixava confusa, mas não a assustava como teria acontecido se fosse quase qualquer outra pessoa em seu lugar. Ele não era perigoso, ela sabia disso. Mas não entendeu o que ele estava fazendo, nem quando ele abaixou devagar o rosto na direção do seu, começando a fechar os olhos. Nunca lhe ocorreu que ele estivesse prestes a beijá-la até os lábios entreabertos dele estarem quase encostando nos dela.

Essa descoberta a sobressaltou. E muito. E, quando se sentia sobressaltada, tinha reações arraigadas que se manifestavam sem sua aprovação consciente.

Ela se agachou sob o braço dele, girando para se desvencilhar. Afastou-se depressa vários passos, depois tornou a se virar para encarar o motivo do alarme, ficando meio curvada. Levou automaticamente as mãos à cintura, procurando o cinto que não estava usando.

Ao ver a expressão horrorizada de Daniel, Alex se deu conta de que sua

reação teria mais cabimento se ele houvesse puxado uma faca e a pressionado em sua garganta. Endireitou-se e deixou as mãos caírem, o rosto queimando.

— Ah, me desculpe. Me desculpe! Você, hã, me pegou desprevenida.

Daniel passou de horrorizado a incrédulo.

— Caramba. Não achei que estivesse indo tão depressa assim, mas talvez eu devesse reavaliar.

— Eu... sinto muito. O que *foi* aquilo?

Uma sombra de impaciência passou pelo semblante dele.

— Bem, eu estava prestes a te beijar.

— Foi o que pareceu, mas... *por quê?* Quer dizer, *me* beijar? Eu não... eu não estou entendendo.

Ele balançou a cabeça e se virou para se apoiar na ilha.

— Hum. Eu realmente achei que estivéssemos em sintonia, mas agora meio que acho que não estamos falando a mesma língua. O que *você* achou que estava acontecendo aqui? Com o jantar? E a velinha solitária? — Apontou para a mesa.

Ele foi na direção dela, que se forçou a não recuar. Confusão à parte, sabia que sua reação violenta e exagerada tinha sido grosseira. Não queria ferir os sentimentos dele. Mesmo que ele fosse um maluco.

— Claro... — Ele suspirou. — *Claro* que você já percebeu quantas vezes eu apenas... toco você. — Estava perto o suficiente para, se esticasse o braço, roçar os nós dos dedos pelo braço dela para demonstrar. — No planeta de onde venho, esse tipo de coisa significa interesse romântico. — Inclinou-se na direção dela de novo, os olhos semicerrados. — Por favor, me diga, o que significa no seu?

Ela respirou fundo.

— Daniel, o que você está tendo agora é uma espécie de reação a privação sensorial — explicou ela. — É algo que já vi, no laboratório...

Ele arregalou os olhos. Afastou-se dela. Sua expressão era de total atordoamento.

— Esta é uma resposta válida ao que você viveu, aliás é uma resposta muito branda, dadas as circunstâncias — continuou ela. — Você está indo extraordinariamente bem. Muita gente teria entrado em colapso nervoso a essa altura. Você pode achar essa reação emocional parecida com algo que tenha sentido antes, mas posso lhe garantir que o que está sentindo agora não é interesse romântico.

Daniel se recompôs enquanto ela explicava, mas o diagnóstico não pareceu esclarecê-lo nem tranquilizá-lo. Suas sobrancelhas baixaram e os lábios se contraíram nos cantos como se ele estivesse aborrecido.

— E você tem certeza de que conhece os meus sentimentos melhor do que eu porque...

— Como eu disse, já vi algo assim no laboratório.

— "Algo assim"? — repetiu ele. — Imagino que tenha visto muitas coisas no

seu laboratório, mas também tenho certeza de que ainda sou o mais qualificado para saber quando tenho interesse romântico. — Pelo tom de voz, Daniel *parecia* zangado, porém estava sorrindo e chegando mais perto enquanto falava. — Portanto, se o seu único argumento é anedótico...

— Esse não é o meu único argumento — começou ela, a contragosto. Estas não eram as palavras mais fáceis de se dizer. — Eu podia estar... absorvida pelo meu trabalho, mas não estava totalmente alheia. Sei o que os homens querem quando olham para mim, os que sabem o que eu sou... como você. E entendo essa reação. Não discordo dela. A animosidade do seu irmão: isso é uma reação normal, racional. Já a vi muitas vezes: medo, repulsa, uma ânsia de afirmar a dominância física. Sou o bicho-papão num mundo muito sinistro e assustador. Assusto gente que não tem medo de mais nada, nem mesmo da morte. Posso tirar das pessoas todas as coisas das quais se orgulham. Posso fazê-las trair tudo que consideram sagrado. Sou o monstro que elas veem nos pesadelos. — Era uma versão dela mesma que ela começara a aceitar, mas não sem certo sofrimento.

Ela não ignorava que estranhos, gente que não a conhecia, a viam antes como uma mulher do que como um demônio. Quando precisava, ela sabia usar sua habilidade de parecer delicada e feminina, como usara com o gerente de hotel com cara de morsa. Não era diferente de sua capacidade de parecer um menino. Ambas eram engodos. No entanto, mesmo os estranhos que a viam como alguém do sexo feminino não olhavam para ela com... *desejo*. Ela não era esse tipo de garota, e não havia problema nisso. Tinha nascido com seus próprios dons, e não se pode ter tudo.

Daniel esperou pacientemente enquanto ela falava, e a expressão dele era neutra. Alex achou que ele não estava reagindo às suas palavras com firmeza suficiente.

— Você entende o que estou dizendo? — perguntou. — Ser objeto de interesse romântico é intrinsecamente incompatível com a minha natureza.

— Eu entendo você. Só não concordo.

— Não sei como logo você pode discordar disso.

— Primeiro, mas não de todo relevante, eu não tenho medo de você.

Ela suspirou, impaciente.

— Por quê?

— Porque, agora que sabe quem sou, eu não me sinto ameaçado por você, e nunca me sentirei a menos que me transforme no tipo de pessoa que deveria se sentir.

Os lábios dela se curvaram de leve. Ele tinha razão, mas essa não era a questão.

— Segundo, e ainda superficial, acho que você vem desperdiçando todo o seu tempo com o tipo de homem errado. Um risco do seu trabalho específico, acho.

— Talvez. Mas qual é o ponto principal em torno do qual você está dando voltas?

Daniel tornou a entrar no espaço pessoal dela.

— Como eu me sinto. Como você se sente.

Ela se manteve firme.

— E como pode ter tanta certeza sobre os seus sentimentos? Você está no meio da experiência mais traumática da sua vida. Acabou de perder todo o seu mundo. Tudo o que resta é um irmão em quem você não confia totalmente, sua sequestradora/torturadora e Arnie. Portanto, a probabilidade de você se ligar a Arnie ou a mim era meio a meio. Isso é um sintoma bem básico da síndrome de Estocolmo, Daniel. Sou a única pessoa do sexo feminino em sua vida... não há mais opções. Pense nisso de forma racional. Pense em como o *timing* é inapropriado. Não se pode confiar em sentimentos originados em meio a grave angústia física e mental.

— Eu poderia considerar isso, menos por uma coisa.

— E o que é?

— Eu quis você antes de você ser o único ser humano do sexo feminino em minha vida.

Isso a desconcertou, e Daniel aproveitou, colocando as mãos de leve nos ombros dela. O calor das palmas dele a fez perceber que estava com frio. Ela tremeu.

— Lembra quando lhe disse que nunca havia convidado uma mulher no metrô para sair? Isso é só o começo. Em média, levo umas três semanas de interação razoavelmente regular, com uma quantidade embaraçosa de encorajamento por parte da garota, para tomar coragem de convidar alguém para tomar um café. Mas, desde o primeiro instante em que vi seu rosto, tive vontade de me afastar quilômetros da minha zona de conforto e garantir que o visse de novo.

Ela balançou a cabeça.

— Daniel, eu te droguei. Você estava sob o efeito de um composto químico com manifestações semelhantes às do ecstasy.

— Nessa hora, não. Eu lembro. Senti a diferença antes e depois de você ter me "paralisado". Foi quando as coisas começaram a ficar confusas. E, antes da droga, eu já estava totalmente envolvido. Tentava descobrir uma forma de saltar na sua estação sem parecer um *stalker*.

Ela ficou sem resposta. A proximidade física dele estava ficando desnorteante. Daniel ainda a segurava de leve, abaixando-se um pouquinho de modo a ficar com o rosto mais perto do dela.

Só a partir desse momento ela começou a considerar o que ele dissera. Tinha descartado tudo o que ele falara e fizera desde o sequestro como reflexos do trauma. Analisara-o como um alvo, sempre excluindo a si mesma da equação. Porque nada daquilo tinha a ver *com ela*. E tudo estava dentro dos parâmetros

normais do que ele havia vivenciado.

Ela tentou se lembrar da última vez que um homem a olhara daquele jeito, o que não deu nenhum resultado.

Nos últimos três anos, cada pessoa que ela conhecera, homem ou mulher, tinha sido uma potencial fonte de perigo. Durante os seis anos antes disso, como tinha acabado de explicar com amargura, ela fora repugnante para todo homem com quem interagira. O que a levou de volta à faculdade, à escola de medicina e aos breves relacionamentos que nunca incluíram muito romantismo. Já naquela época ela era antes de tudo uma cientista, assim como eram os homens de quem gostara. Suas relações nasciam da grande quantidade de tempo passado juntos e de interesses específicos que 99,99 por cento das pessoas não conseguiriam sequer começar a entender. Todas as vezes, eles tinham se contentado um com o outro por falta de opção. Não admira que as relações nunca tivessem dado em muita coisa.

E ela nunca vira aquela expressão neles. Daniel demonstrava assombro e fascínio misturados com algo elétrico quando olhava para o rosto dela... aquele rosto machucado, inchado. Pela primeira vez, ela se sentiu mortificada por sua aparência desfigurada por uma razão fútil. Suas mãos pendiam languidamente. Então ela levantou a mão e se cobriu o máximo que pôde, escondendo-se como uma criança.

— Pensei um pouco sobre isso — disse ele, e ela percebeu o sorriso na voz dele. — Sei o que estou dizendo.

Ela simplesmente balançou a cabeça.

— Claro, tudo isso é discutível se você não se sente da mesma maneira. Fui um pouco confiante demais hoje. — Ele parou. — Considerando que não estávamos falando a mesma língua, não é? Eu entendi tudo errado.

Daniel se calou de novo, como se esperasse uma resposta, mas ela não tinha ideia do que dizer.

— O que você vê quando olha para mim? — perguntou ele.

Ela abaixou a mão um pouquinho e olhou para ele, para o mesmo rosto desconcertantemente sincero que ela tentava entender desde o início. Que tipo de pergunta era aquela? Havia respostas demais.

— Não sei como responder a isso.

Ele estreitou os olhos por um momento, ponderando. Ela desejou que ele recuasse um passo para que pudesse pensar com mais clareza. Depois Daniel pareceu se preparar, endireitando os ombros para receber algum tipo de golpe.

— É melhor pôr as cartas na mesa. Responda a isso então: qual é a pior coisa que você vê quando olha para mim?

A resposta sincera saiu antes que ela pudesse pensar.

— Um fardo.

Percebeu a crueldade com que a palavra caiu sobre Daniel. Ele então lhe deu

o espaço que acabara de desejar, mas ela se arrependeu. Por que a sala estava tão fria?

Ele assentiu para si mesmo enquanto recuava.

— Isso é justo, é justíssimo. Eu sou um idiota. Não posso esquecer que coloquei você em perigo. Além do fato de que...

— Não! — Ela deu um passo hesitante na direção dele, ansiosa para ser clara. — Não foi isso que eu quis dizer.

— Não precisa ser gentil. Sei que sou inútil nisso tudo.

Ele apontou vagamente para a porta, para o mundo lá fora que estava tentando matar os dois.

— Você não é. Ser uma pessoa normal não é algo ruim. Você aprenderá todo o resto. Eu estava falando de... barganha. — Ela não pôde evitar: a expressão dele estava escancaradamente arrasada. Deu mais um passo na direção dele e pegou uma das mãos grandes e quentes dele com as suas, pequenas e geladas. Sentiu-se melhor quando a palavra *barganha* substituiu a dor nos olhos dele por confusão. Apressou-se a explicar. — Você se lembra do que Kevin e eu estávamos dizendo sobre barganha? Sobre como você era o recurso externo de que a agência precisava para fazê-lo se expor?

— Sim, isso faz com que eu me sinta *muito* melhor do que inútil.

— Deixe-me terminar. — Ela respirou fundo. — Eles nunca tiveram nada o que usar contra mim. Barnaby era a minha única família. Eu não tenho uma irmã com um casal de filhos e uma casa que o departamento pudesse ameaçar explodir. Não havia ninguém com quem eu me importasse. Sozinha, sim, mas eu também era livre. Eu era a única pessoa que precisava manter viva.

Ela o observou refletir sobre o que escutara, tentando entender o que ela queria dizer. Procurou um exemplo concreto.

— Olhe, se... se eles estivessem com você — explicou devagar —, se de alguma forma pegassem você... Eu teria que ir atrás. — Isso era tão verdadeiro que a assustou. Não entendia por que era verdade, mas isso não mudava o fato de que era real.

Os olhos de Daniel se arregalaram e pareceram permanecer assim.

— E eles venceriam, você sabe — disse ela, desculpando-se. — Matariam nós dois. Mas isso não significa que eu não tentaria. Viu? — Encolheu os ombros. — Fardo.

Daniel abriu a boca, mas não disse nada. Foi até a pia, depois voltou e se colocou diante dela.

— Por que você iria atrás de mim? Por culpa?

— Um pouco — admitiu ela.

— Mas não foi você que me envolveu nisso, não de verdade. Eles não me escolheram por sua causa.

— Eu sei... Por isso eu disse *um pouco*. Talvez trinta e três por cento.

Daniel abriu um leve sorriso, como se ela tivesse dito algo engraçado.

— E os outros sessenta e sete por cento?

— Outros trinta e três por cento... justiça? Essa não é a palavra correta. Mas alguém como você... Você merece mais do que isso. Você é melhor do que qualquer um deles. Não está certo alguém como você ter que fazer parte desse mundo. É um desperdício que faz mal.

Ela não pretendia ser tão veemente. Dava para perceber que só tornara a confundi-lo. Ele não percebia quão singular era. O lugar dele não era ali na imundície das trincheiras. Algo nele era simplesmente... puro.

— E os últimos trinta e quatro? — perguntou ele depois de pensar um pouco.

— Eu não *sei*. — Ela suspirou.

Ela não sabia por que nem como ele se tornara uma figura central em sua vida. Não sabia por que presumia automaticamente que ele estaria presente no futuro quando isso não fazia nenhum sentido. Não sabia por quê, quando o irmão dele lhe pedira para ficar de olho em Daniel, sua resposta tinha sido tão sincera e tão... *compulsória*.

Ele estava esperando por mais. Ela abriu os braços, impotente. Não sabia mais o que dizer.

Daniel deu um leve sorriso.

— Bem, *fardo* não parece uma palavra tão horrível quanto pareceu antes.

— Para mim, parece.

— Você sabe que, se eles vierem atrás de você, eu faria o possível para atrapalhá-los. Então você também é um fardo para mim.

— Eu não ia querer que você fizesse isso.

— Porque nós dois acabaríamos mortos.

— Sim, acabaríamos! Se eles vierem atrás de mim, você *corre*.

Daniel riu.

— Concordo em discordar.

— Daniel...

— Deixe eu dizer o que mais eu vejo quando olho para você.

Os ombros dela se curvaram automaticamente.

— Me diga a pior coisa que você vê.

Ele suspirou, depois estendeu a mão para delicadamente tocar as pontas dos dedos na maçã do rosto dela.

— Esses hematomas. Eles me cortam o coração. Mas, de uma maneira torta e errada, sou meio que grato por eles. Até que ponto isso é vergonhoso?

— Grato?

— Bem, se o idiota agressivo do meu irmão não tivesse te espancado, você teria desaparecido, e eu não teria como te encontrar de novo. Por causa dos seus ferimentos, você precisou da nossa ajuda. Você ficou comigo.

A expressão dele ao dizer as três últimas palavras foi muito desconcertante.

Ou talvez fossem aqueles dedos se demorando em sua pele.

— Agora posso te dizer o que mais eu vejo?

Ela o encarou com cautela.

— Vejo uma mulher que é mais... *real* do que qualquer uma que eu já conheci. Você faz qualquer outra pessoa que conheci parecer sem consistência, de alguma forma incompleta. Como sombras e ilusões. Eu amava a minha esposa, ou melhor... como você ressaltou com tanta perspicácia enquanto eu estava alto... amava a minha ideia de quem ela era. Amava de verdade. Mas ela nunca foi tão *presente* como você é. Nunca me senti tão atraído por alguém como me sinto por você, e senti isso desde o instante em que nos conhecemos. É como a diferença entre... entre *ler* sobre a gravidade e cair pela primeira vez.

Eles se encararam pelo que pareceu horas, mas poderiam ter sido minutos ou até segundos. A mão dele, que antes estava tocando apenas a maçã do rosto dela com as pontinhas dos dedos, relaxou aos poucos até a palma aninhar a mandíbula dela. O polegar roçou em seu lábio inferior tão de leve que ela não teve certeza se estava imaginando aquilo.

— Isso é totalmente irracional em todos os níveis — murmurou.

— Não me mate, por favor.

Ela assentiu.

Daniel colocou tão suavemente a outra mão em seu rosto que, apesar dos hematomas, ela não sentiu nem um pouco de dor. Era apenas corrente viva, do jeito que um globo de plasma deve parecer por dentro.

Ela se forçou a lembrar, quando os lábios dele encostaram delicadamente nos seus, que ela não tinha treze anos e aquele não era o seu primeiro beijo, portanto realmente... Daniel enfiou os dedos no cabelo dela, pressionando mais a sua boca na dele, com os lábios abertos, e ela nem sequer conseguiu terminar o raciocínio. Não conseguiu pensar em como as palavras deviam se concatenar.

Suspirou — apenas um leve sopro — e ele afastou o rosto um pouquinho, ainda segurando a cabeça dela com as mãos compridas.

— Machuquei você?

Ela não conseguiu lembrar como se dizia *Continue me beijando*, então ficou na ponta dos pés para jogar os braços em volta do pescoço dele e puxá-lo mais para perto. Daniel não se esquivou.

Deve ter sentido a resistência nos braços dela, ou suas costas estavam reclamando da considerável diferença de altura deles. Agarrou-a pela cintura e sentou-a na bancada da ilha, sem romper o contato entre os seus lábios. Por reflexo, ela envolveu o quadril dele com as pernas, ao mesmo tempo que Daniel apertava o tronco dela com os braços, fazendo com que seus corpos ficassem calorosamente fundidos. Os dedos dela se enroscaram no cabelo dele, e ela enfim pôde confessar a si mesma que sempre sentira atração por aqueles cachos rebeldes, que no íntimo havia se deliciado de uma maneira nada profissional ao

passar os dedos por eles enquanto Daniel estava inconsciente.

O beijo tinha algo de honesto e era tão *Daniel*, como se a personalidade dele — junto com o cheiro e o gosto dele — fosse uma parte da eletricidade que corria de um lado para outro entre os dois. Ela começou a entender o que Daniel dissera sobre como ela era real para ele. Daniel era algo novo para ela, uma experiência totalmente inédita. *Era* como se fosse o seu primeiro beijo, porque nenhum beijo jamais havia sido tão cheio de vida, tão mais forte que sua mente analítica. Ela não tinha que pensar.

A sensação de não pensar era incrível.

Tudo se resumia a simplesmente beijar Daniel, como se o ato de inspirar e exalar nunca houvesse tido outra finalidade.

Ele a beijou no pescoço, na testa, no topo da cabeça. Aninhou o rosto dela no pescoço e suspirou.

— Parece que esperei um século para fazer isso. É como se o tempo tivesse parado. Cada segundo com você tem mais peso do que dias antes de nos conhecermos.

— Isso não deveria ser tão fácil.

Depois que ele tinha parado de beijá-la, ela conseguiu raciocinar de novo. Desejou que não tivesse de fazê-lo.

Daniel levantou o queixo dela.

— Como assim?

— Não deveria haver alguma... falta de jeito? Narizes batendo, tudo isso. Quer dizer, já faz tempo, mas é como eu lembro que essas coisas são.

Daniel beijou o nariz dela.

— Em geral, sim. Mas isso não foi algo normal em nenhum aspecto.

— Não entendo como isso pôde ter acontecido. Vai astronomicamente contra todas as probabilidades. Você foi apenas uma isca aleatória que eles botaram numa armadilha para mim. E depois, por coincidência, por um mero acaso, você é exatamente... — Ela não soube como terminar.

— Exatamente o que eu quero — disse Daniel, inclinando-se para tornar a beijá-la. Recuou cedo demais. — Vou admitir, essa não é uma aposta que eu teria feito.

— Suas chances de ganhar na loteria teriam sido maiores.

— Você acredita em destino?

— Claro que não.

Ele riu do seu tom desdenhoso.

— Então, acho que carma também está fora de questão.

— Não existe nada disso.

— Você pode provar?

— Bem, de forma conclusiva, não. Mas também ninguém pode provar que os dois existem.

— Então você simplesmente terá que aceitar que esta é a coincidência mais improvável do mundo. Eu, no entanto, acredito que há certo equilíbrio no universo. Nós dois fomos tratados injustamente. Talvez este seja o nosso equilíbrio.

— Isso é irracional...

Daniel a interrompeu, os lábios fazendo-a esquecer no mesmo instante o que estava prestes a dizer. Beijou-a pela maçã do rosto até chegar à orelha.

— A racionalidade é supervalorizada — sussurrou ele.

Então os lábios dele estavam mais uma vez se movendo junto aos dela, e ela não pôde deixar de concordar. Isso era melhor do que lógica.

— Você não vai escapar de *Indochina* — murmurou ele.

— Hã?

— O filme. Coloquei nossa vida em perigo para comprá-lo, o mínimo que você pode fazer é...

Dessa vez, ela não o deixou terminar.

— Amanhã — disse ele quando pararam para tomar fôlego.

— Amanhã — concordou ela.

CAPÍTULO 16

Alex acordou no dia seguinte sentindo-se cheia de expectativa e também muito, muito burra.

Sério, era como se não conseguisse compreender um parágrafo inteiro de pensamento sem voltar para alguma parte do rosto de Daniel, ou para a textura de suas mãos, ou para a sensação da respiração dele em seu pescoço. E, claro, era daí que vinha o sentimento de expectativa.

No entanto, havia tantas questões práticas que simplesmente tinham que ser consideradas. Na noite passada, ou melhor, naquela manhã, quando ele lhe dera boa-noite pela centésima vez no alto da escada, ela estava exausta para pensar em qualquer uma delas. Mal teve energia para armar as suas armadilhas e vestir a máscara de gás antes de desmaiar.

Isso provavelmente foi bom: ela estava muito confusa para compreender ao certo a loucura em que tinha acabado de embarcar. Mesmo nesse momento, era difícil focar em qualquer coisa que não no fato de que Daniel provavelmente estava acordado em algum lugar. Ela estava impaciente para vê-lo de novo, mas também com um pouco de medo. E se a onda louca de emoção que parecera tão natural e irresistível na noite anterior tivesse evaporado? E se voltassem a ser dois estranhos, sem nada a dizer?

Isso talvez fosse mais fácil do que se o sentimento persistisse.

Naquele dia ou no seguinte, ou talvez no terceiro dia, Kevin ligaria...

Eca, Kevin. Dava até para imaginar a reação dele aos últimos acontecimentos.

Ela balançou a cabeça. Isso era irrelevante. Porque naquele dia ou no seguinte, Kevin ligaria e então ela mandaria o e-mail que faria os ratos correrem. Kevin compilaria uma lista de nomes. Iria atrás dos ratos dele, e, se ela não agisse simultaneamente, os ratos dela se esconderiam quando percebessem o perigo. Portanto, ela teria que deixar Daniel ali e embarcar em seu ataque de retaliação, sabendo muito bem que havia uma boa chance de não voltar. Como explicaria isso? Quanto tempo tinha? Dois dias, no máximo? Que *timing* terrível.

Não parecia certo começar o dia antecipando todas as horas que passaria com Daniel. Era desonesto. Ele ouvira o plano, mas ela tinha certeza de que Daniel não havia pensado nele o suficiente para perceber o que significava. Muito em breve, ela o deixaria ali sozinho. O tempo deles seria muito mais bem aproveitado treinando-o na arte de se esconder. Um pouco mais de prática de tiro

também não faria mal.

O sentimento de expectativa se transformou em profundo pavor quando seus pensamentos chegaram a uma conclusão depois de tantas voltas. O comportamento dela na noite anterior fora irresponsável. Se fizesse alguma ideia do que Daniel estava pensando, poderia ter resolvido isso tudo antes que fugisse do controle. Poderia ter mantido a distância adequada entre eles. Mas fora pega desprevenida.

Entender uma pessoa normal não era seu forte. Embora, na verdade, alguém que achasse a verdadeira Alex atraente não fosse de fato uma pessoa normal.

Ouviu latidos do lado de fora da casa que soavam como se os cachorros estivessem voltando do celeiro. Ela se perguntou se ainda era de manhã ou já de tarde.

Pegou uma muda de roupa limpa, desarmou a armadilha da porta e foi de fininho para o banheiro. Não queria ver Daniel antes de escovar os dentes. O que era idiota. Ela não poderia se permitir beijá-lo de novo. Não seria delicado com nenhum deles.

O corredor estava escuro, o banheiro, vazio. A porta do quarto de Daniel estava aberta e o quarto, também vazio. Ela fez depressa a sua higiene pessoal, tentando não passar muito tempo olhando no espelho, desejando que seu rosto estivesse menos machucado. Os lábios estavam piores do que no dia anterior, tinham inchado de novo, mas a culpa era dela. A supercola soltara enquanto ela dormia, e a marca mais escura no meio do lábio inferior dava margem para a possibilidade de a forma de sua boca ficar alterada para sempre.

Ouviu a TV enquanto descia a escada. Ao entrar na sala da frente, viu Daniel curvado sobre o rack abaixo do aparelho de tela plana. A porta da frente estava aberta, com uma brisa quente entrando pela tela. Ela agitava os cachos na parte de trás da cabeça de Daniel.

Ele estava resmungando sozinho.

— *Por que* alguém precisaria de cinco opções de entrada? — Passou os dedos pelos cachos que lhe caíam nos olhos. — Isso é um DVD. Não o lançamento de um ônibus espacial.

A "danielidade" dele a deteve onde estava, e uma onda de covardia lhe deu vontade de se virar e voltar de fininho para o andar de cima. Como diria a ele as coisas que precisava dizer? A ideia de fazê-lo infeliz de repente se tornou mais repugnante do que esperava que fosse.

Lola latiu do lado de fora, olhando, esperançosa, para ela através da tela da porta da frente. Daniel se virou e, quando viu Alex, abriu um enorme sorriso. Com quatro passadas longas, chegou ao outro lado da sala e então a levantou num exuberante abraço de urso.

— Você acordou — disse ele todo animado. — Está com fome? Tenho tudo para fazer omeletes.

— Não — respondeu ela, tentando se desvencilhar. Ao mesmo tempo, sua barriga roncou.

Daniel a pôs no chão e a encarou com as sobrancelhas erguidas.

— Quer dizer, sim — confessou. — Mas poderíamos primeiro conversar rapidinho, por favor?

Ele suspirou.

— Achei que você talvez fosse acordar com uma disposição analítica. Só uma coisa antes de você começar...

Ela queria se afastar. A culpa que sentia era enorme. Mas não era tão forte quanto a necessidade de beijá-lo. Não sabia se teria outra chance. Foi um beijo muito delicado, macio e lento. Daniel havia notado o estado dos lábios dela.

Quando ele se afastou — ele, não ela; foi como se ela não tivesse autocontrole algum — foi ela quem suspirou.

Ele deixou os braços caírem, mas lhe deu a mão ao conduzi-la para o sofá. Pequenas centelhas de eletricidade estalavam pelo braço acima, e ela se repreendeu em silêncio por ser tão boba. E daí que aquela fosse a primeira vez que ele lhe dava a mão? Ela precisava se controlar.

Lola tornou a latir, feliz, quando viu Alex se aproximando da porta. Alex lhe lançou um olhar de quem pede desculpas. Khan e Einstein estavam encolhidos na varanda atrás de Lola, Khan formando um enorme amontoado de pelo.

Daniel pegou o controle remoto, colocou a TV no mudo e o largou no chão. Puxou-a para que se sentasse ao seu lado, sem soltar a mão. Ainda estava sorrindo.

— Me deixe adivinhar. Você acha que estamos sendo imprudentes, não é? — disse ele.

— Bem... sim.

— Porque é impossível sermos de fato compatíveis, dada a origem da nossa relação. Concordo que não foi um primeiro encontro à Hollywood.

— Não é isso. — Ela olhou para a mão dele, que envolvia totalmente a sua.

Talvez ela estivesse errada. Talvez todo esse esquema de represália não tivesse sido bem pensado. Nada a impedia de fugir de novo. Poderia recuperar o dinheiro que perdera. Poderia ir para Chicago, resolver as coisas com Joey Giancardi, voltar a ser médica da Máfia. Talvez, dado o que sabia do plano para eliminá-la, a Família poderia de fato lhe oferecer alguma proteção.

Ou ela poderia se limitar a trabalhar no balcão de uma lanchonete num lugar isolado e viver sem os extras — como triptaminas, opioides e armadilhas. Quem poderia prever quanto durariam as identidades que ela já tinha se fosse discreta?

— Alex?

— Só estou pensando no futuro.

— Na nossa compatibilidade a longo prazo? — arriscou Daniel.

— Não, não a longo prazo. Eu estava pensando no que acontecerá hoje à

noite. Ou amanhã.

Ela enfim olhou para ele. Os doces olhos verde-acinzentados dele estavam só um pouco confusos, não perturbados. Ainda.

— Seu irmão vai ligar em breve.

Daniel fez uma careta.

— Caramba. Eu não tinha pensado nisso. — Encolheu os ombros. — Acho que é melhor mencionar isso de forma corriqueira pelo telefone... "Ah, Kev, me apaixonei pela Alex"... do que pessoalmente, certo?

Ela não aprovou nem um pouco o formigamento que começou em seu sistema nervoso quando ele ensaiou o anúncio brincalhão. Aquela não era uma palavra para se usar assim displicentemente. Ele não deveria tê-la usado. Mas, mesmo assim, surgiu o formigamento.

— Essa não é a parte que me preocupa. Você sabe qual é o plano.

— Quando Kevin estiver pronto, mandamos o e-mail. Então ele observa quem reage. Depois nos encontramos com ele e... — Daniel deixou a frase no ar, o cenho de repente franzido. — Depois vocês dois vão... Qual é mesmo a expressão?... *Liquidá-los*, certo? Isso será muito perigoso, não? Não podemos simplesmente deixar Kevin resolver tudo sozinho? Acho que ele não se importaria. Sinto que ele curte o trabalho dele.

— Esse não foi o trato. E, Daniel...

— O quê? — A voz dele estava mais séria, um pouco irritada. Ele começava a entender.

— Nem Kevin nem eu conseguiremos... bem, render o nosso máximo se a barganha que eles têm contra nós estiver no mesmo lugar que os bandidos estão.

As palavras ditas tinham quase um peso físico ao se assentarem, reverberando no silêncio que se seguiu.

Daniel a encarou, sem piscar, por um longo tempo. Ela esperou.

— Está brincando? — perguntou por fim. Sua voz não era muito mais que um sussurro. — Você acha realmente que vou permitir que você vá e eu fique de braços cruzados enquanto arrisca a sua vida?

— Não. E, sim, você vai.

— Alex...

— Eu sei me cuidar.

— Eu sei, mas... eu não consigo entender isso. Como vou suportar? Esperar aqui, sem saber? Alex, estou falando sério!

Ao dizer isso, sua voz transpareceu impaciência no final. Ela não estava olhando para ele; estava fitando a televisão.

— Alex?

— Coloque o som. *Agora.*

Daniel olhou para a TV, ficou imóvel por um instante, depois levantou com um pulo e pegou o controle remoto no chão. Apertou algumas teclas erradas até

a voz do locutor retumbar pelo sistema de som surround.

— ... desaparecido desde quinta-feira, quando a polícia acredita que foi sequestrado da escola de ensino médio onde leciona. Uma recompensa substancial está sendo oferecida por informações que levem ao seu resgate. Se você viu este homem, ligue para o número abaixo.

Na tela grande, o rosto de Daniel foi ampliado para o quádruplo do tamanho normal. Era mais uma foto amadora do que um retrato oficial do anuário da escola. Ele estava ao ar livre em um lugar ensolarado, muito sorridente, o cabelo revolto e molhado de suor. Os braços estavam sobre os ombros de duas pessoas mais baixas cujos rostos foram cortados da imagem. Era uma foto muito boa dele, atraente e cativante. Parecia o tipo de pessoa que alguém iria querer ajudar. Um número 0800 aparecia em vermelho-vivo na parte inferior da tela.

A imagem desapareceu, substituída por um âncora elegantemente envelhecido e uma animada âncora loura muito mais jovem.

— É uma pena, Bryan. Esperamos que ele em breve esteja de volta para sua família. Agora vamos dar uma olhada na previsão do tempo com a Marceline. Como ficará o tempo no restante da semana, Marcie?

A câmera passou para uma morena sensual em pé diante de um mapa digital do país.

— Esse noticiário é nacional — sussurrou Alex. Sua mente começou a trabalhar as possibilidades.

Daniel colocou a TV no mudo.

— A escola deve ter chamado a polícia — disse.

Ela se limitou a encará-lo.

— O quê?

— Daniel, sabe quantas pessoas desaparecem todos os dias?

— Ah... As fotos delas não vão parar nos jornais, não é?

— Especialmente as de homens adultos desaparecidos apenas há poucos dias. — Ela se levantou e começou a andar de um lado para outro. — Estão tentando forçá-lo a sair do esconderijo. O que isso significa? Aonde querem chegar? Eles acham que Kevin me matou? Ou acham que descobri a verdade e fugi com você? Por que pensariam que levei você comigo? Isso deve ter a ver com Kevin. Também é o rosto dele. Devem pensar que perdi. Certo? É mais fácil para a CIA forjar essa notícia do que para o meu departamento. Obviamente, se estiverem trabalhando juntos...

— Kevin vai ver? — Daniel ficou preocupado. — Ele está em Washington.

— De qualquer forma, Kevin não está mostrando o rosto.

Ela ficou andando de um lado para outro por mais um minuto, depois se sentou de novo com Daniel. Encolheu as pernas sob o corpo e pegou a mão dele.

— Daniel, com quem você falou ontem?

Ele corou.

— Já disse. Não falei com ninguém fora as pessoas no balcão.

— Eu sei, mas quem elas eram? Homens, mulheres, idosos, jovens?

— Hum, o caixa na mercearia era homem, mais velho, talvez uns cinquenta, hispânico.

— A loja estava cheia?

— Um pouco. Ele era o único caixa. Havia três pessoas na fila atrás de mim.

— Isso é bom.

— O brechó era pequeno. Só tinha eu lá. Mas a mulher no balcão estava com a TV ligada... estava assistindo a um programa de jogos. Não olhou muito para mim.

— Qual era a idade dela?

— Era mais velha do que o primeiro cara. Cabelo branco. Por quê? Gente mais velha assiste mais a telejornais, não?

Ela encolheu os ombros.

— Pode ser. A terceira?

— Recém-formada, acho. Lembro que me perguntei se o período letivo tinha terminado antes de perceber que ela trabalhava lá.

Alex de repente sentiu um nó no estômago.

— Uma jovem? E ela foi simpática... muito simpática. — Isso não era uma pergunta.

— Sim, como sabe?

Ela suspirou.

— Daniel, você é um homem atraente.

— Sou normal, no máximo. E sou dez anos mais velho do que o indicado para uma garota daquela idade — protestou.

— Você tem idade suficiente para ser intrigante. Olhe, não tem importância. Vamos fazer as poucas coisas que podemos. Você para de se barbear já e tentaremos não só não chamar atenção, mas também *não aparecer*. Além disso, tudo o que podemos fazer é torcer para que a garota não acompanhe telejornais. E para não botarem nenhuma informação nessas redes sociais que a garotada usa hoje em dia.

— Você acha que eles botariam?

— Se pensarem nisso, sim. Estão apelando para tudo.

Daniel apoiou a cabeça na mão livre.

— Sinto muito.

— Tudo bem. Nós todos cometemos erros nesta pequena missão.

— Você não cometeu. Está apenas tentando fazer com que eu me sinta melhor.

— Cometi vários erros graves nas últimas semanas.

Ele ergueu os olhos, incrédulo.

— Eu não ignorei o e-mail de Carston. Segundo, caí na armadilha. Terceiro,

não percebi o seu rastreador. Quarto, não instalei armadilhas no telhado do celeiro. E depois Kevin cometeu o erro de tirar a máscara de gás... Acho que esse é o único erro dele que me vem à cabeça, fora a falta de transporte para fugir. Putz, acho que ele ganhou essa rodada.

— Bem, ele também fez algo errado no início, senão a CIA teria acreditado que estava morto.

— Bem pensado. Obrigada.

— Mas Arnie... — disse ele com tristeza. — Arnie ainda está batendo um bolão.

— Você não odeia esses perfeccionistas insuportáveis?

Daniel riu.

— Muito. — O bom humor dele desapareceu. — Mas acho que você não cometeu tantos erros... Quer dizer, quando se trata do que é melhor para você, sim. Mas para mim... Bem, estou feliz por você ter caído nessa.

Ela lhe lançou um olhar irônico.

— Isso é levar o romantismo um pouco longe demais, não acha?

Ela desejou poder extirpar por completo a lembrança da primeira noite deles juntos, com um bisturi, se necessário. Desejou que aquelas imagens não estivessem tão vívidas em sua mente: os tendões se destacando no pescoço dele, o som dos gritos abafados. Estremeceu, perguntando-se quanto tempo levariam para se dissipar.

— Estou falando sério. Se não fosse você, eles teriam mandado outra pessoa atrás de mim. E, se tivesse levado a melhor sobre Kevin, essa pessoa teria me matado na hora, não?

Ela encarou seus olhos sinceros, depois tornou a estremecer.

— Você tem razão.

Daniel olhou fixamente para ela por um longo tempo, depois suspirou.

— Então o que faremos?

Alex franziu o cenho.

— Bem, as nossas opções são limitadas. O meu rosto ainda não está bom para ser observado. Mas está melhor do que o seu. Então podemos ficar aqui na moita ou ir para o norte. Eu tenho um lugar. Não é tão elegante quanto este nem tão bem protegido. Não tenho uma Batcaverna. — A inveja em sua voz ao dizer a última frase era perceptível.

— Então você acha que aqui é mais seguro?

— Depende. Eu queria saber a opinião de Arnie sobre a cidade antes de decidirmos. A de Kevin também ajudaria. Tomara que ele ligue logo. Os planos mudaram um pouco. Acho que ele vai conseguir o que deseja. No final, ele fica sendo o vencedor.

* * *

O DIA SE arrastou. Alex não queria deixar de ver TV. Não mudava muito as coisas saber quantas vezes a notícia tinha sido veiculada ou quanta repercussão conseguira, mas mesmo assim ela tinha que assistir. Arnie aceitou a nova situação com o estoicismo que ela esperara, só o estreitar dos olhos traindo a sua preocupação.

Alex queria mandar Arnie à Batcaverna com uma lista de tudo de que precisava. Adoraria ter a SIG Sauer e munição extra para ela e, para Daniel, a escopeta serrada que vira no esconderijo de Kevin. Um fuzil de precisão não era tão útil a curta distância quanto uma escopeta. Esta poderia incapacitar vários agressores com uma única carga de chumbo grosso.

Ela também queria arranjar máscaras de gás — não poderia instalar armadilhas na casa inteira se não tivesse uma terceira para Arnie. Duvidava que Kevin negligenciasse um equipamento de segurança tão óbvio, mas talvez isso fosse óbvio só para alguém como ela. No mundo dele, Kevin provavelmente só se preocupava com balas e bombas.

Contudo, embora ela quisesse muito essas coisas, poderia já ser tarde demais para preparativos. Se a caixa sedutora tivesse ligado após a primeira veiculação da notícia — que poderia ter ido ao ar mais cedo naquele dia ou até no anterior — levaria um tempo até seus inimigos começarem a busca. Alguém teria que chegar ali, depois fazer perguntas pela cidade e enfim começar a investigar possíveis pistas. Mas, se esse alguém tivesse sorte, a vigilância começaria. E ela não tinha como saber se já havia começado.

Embora ela e Daniel permanecessem dentro de casa com as janelas fechadas, alguém poderia estar observando Arnie naquele momento. Se ele fosse a pé à Batcaverna, o vigia o seguiria. Àquela altura, eles poderiam pregar uma faixa com os dizeres PARABÉNS, VOCÊ ENCONTROU O LUGAR CERTO! SIRVA-SE DE ALGUNS SINALIZADORES!

Eles não podiam fazer nada que pudesse revelar a existência da Batcaverna.

As defesas mais essenciais dela estavam ao seu alcance, tudo de importante estava na mochila — guardado em saquinhos Ziploc e devidamente etiquetado — para que pudesse pegar depressa. Pediu que Arnie levasse a picape para os fundos da casa, perto o suficiente da janela do quarto dele para que pudessem entrar no automóvel sem ninguém ver.

Ela desejou que Kevin ligasse ou que tivesse confiado neles o bastante para dar a Daniel o número de seu telefone descartável, para o caso de uma emergência. Talvez houvesse dispositivos de segurança adicionais instalados por ele no local e dos quais Arnie não tinha conhecimento.

Daniel preparou o jantar para os três e, embora não fosse um acontecimento tão descontraído quanto o da noite anterior, mesmo assim foi delicioso. Ela lhe disse para pegar leve com o estoque de ingredientes. Poderia levar um tempo até que fossem de novo às compras, mesmo no caso de Arnie.

Ela ficou surpresa com quão alheio Daniel parecia estar à presença de Arnie — bem, não alheio, apenas indiferente. Não que fosse grosseiro com Arnie ou o ignorasse, porém Daniel não fazia nenhum esforço para esconder sua nova intimidade com Alex na frente dele. Pegou a mão dela duas vezes. Beijou-lhe o topo da cabeça uma vez enquanto passava por ela com os pratos. Arnie, como era de se esperar, não demonstrou reação à exibição de Daniel, mas ela não pôde deixar de se perguntar o que ele achava daquilo.

Arnie lhes disse que fazia os cachorros percorrerem alternadamente o perímetro da cerca — os quase dez quilômetros — enquanto havia luz do dia, período em que os perseguidores estariam observando de binóculo. Se houvesse alguém de tocaia perto o suficiente para vigiar a casa, os cachorros o alertariam. Após esse aviso, ele foi se deitar cedo, mantendo sua rotina. Alex e Daniel ficaram acordados para assistir ao telejornal da noite.

Ele se enroscou nela no sofá com tanta naturalidade que o ato não pareceu algo fora do comum. Ela não se lembrava de se sentir fisicamente tão confortável com alguém em toda a vida. Até sua mãe era econômica nos abraços, uma pessoa que raramente expressava afeto em palavras ou atos. A proximidade de Alex com Barnaby era verbal, nunca física. Então ela achou que se sentiria constrangida e desconfortável com as pernas no colo de alguém, a cabeça aninhada no ombro de outro homem enquanto os braços dele a envolviam, porém sentia-se estranhamente relaxada. Como se essa proximidade de alguma forma eliminasse uma parte da tensão da situação.

A notícia sobre Daniel passou de novo na TV, mas apareceu mais tarde na programação do que antes, e ela percebeu que o âncora estava entediado com a matéria. A agência podia forçar que a notícia fosse veiculada por um breve período, porém não conseguiria impedir que as redes de TV reagissem à falta de substância da reportagem. Estava claro que haveria o óbvio segundo ato.

— Eu provavelmente deveria ter lhe avisado... se você ainda não pensou nisso — disse ela.

Daniel tentou soar descontraído, mas a cautela era perceptível na sua voz.

— Tenho certeza de que não pensei.

— Bem, se a notícia não obtiver resultados logo, terão que pegar mais pesado para manter a imprensa trabalhando para eles.

— Como assim pegar mais pesado?

Ela se recostou para ver o rosto de Daniel, torcendo o nariz para o que precisava dizer.

— Vão tornar a história mais atraente de alguma maneira. Dizer que você é suspeito de um crime. Inventar que você raptou uma aluna ou abusou dela. Algo nessa linha provavelmente. Mas eles podem ser mais criativos.

Daniel desviou o olhar do rosto dela para a TV, mas o apresentador tinha passado para previsões sobre as eleições. Ele corou, depois empalideceu. Ela

deixou que Daniel processasse a ideia. Podia imaginar quão difícil seria para um homem bom se dar conta de que estava prestes a se tornar um vilão.

— Não há nada que eu possa fazer em relação a isso — disse ele baixinho. Essa não era bem uma pergunta.

— Não, não há.

— Pelo menos meus pais não estão aqui para ver isso. Talvez... não acho que *todos* os meus amigos vão acreditar.

— Eu não acreditaria — concordou ela.

Daniel sorriu.

— A certa altura no passado não muito distante, você achou que eu ia matar uns dois milhões de pessoas.

— Eu não conhecia você na época.

— Verdade.

Quando o telejornal da noite terminou, os dois desejaram um boa-noite mais comedido, depois ela começou a arrumação. Teriam que partir depressa. Ela desmontou e guardou seu laboratório, depois se trocou, vestindo uma legging e uma camiseta preta — roupas confortáveis caso aquela fosse a noite em que tivessem que fugir.

Ela sabia que estava cansada, mas seu cérebro não conseguia desacelerar. Não queria perder mais nada. Daniel podia ter razão: talvez os primeiros grandes erros dela na verdade fossem coisas boas no sentido de que podiam ter salvado a vida dele. Mas ela não podia se dar ao luxo de cometer mais erros. Não era apenas a sua vida que estava em jogo. Suspirou. Havia vantagens em ter uma barganha, mas o fardo definitivamente era muito mais pesado.

Uma leve batida interrompeu seus pensamentos.

— Não abra a porta — avisou depressa, levantando-se com um salto. A cama de armar balançou embaixo dela.

— Você está usando máscara de gás? — perguntou Daniel após uma pausa.

— Estou.

— Achei que estava. Sua voz está abafada.

Mais uma pausa.

— O seu sistema de segurança é difícil de desarmar? — indagou ele.

— Me dê um minuto.

Levou menos do que isso para desarmar os cabos. Ela empurrou a máscara para o alto da cabeça e abriu a porta. Daniel estava encostado na moldura da porta. Não dava para vê-lo direito no escuro, mas ela achou que ele estava com cara de cansado... e triste.

— Você está muito preocupada — disse, tocando de leve na máscara dela.

— Na verdade, sempre durmo de máscara. É estranho se não estou com ela. Aconteceu alguma coisa?

— Além de tudo o que está acontecendo? Não. Eu só... me senti sozinho. Não

consigo dormir. Queria ficar com você. — Hesitou. — Posso entrar?

— Hum, tudo bem.

Ela deu um passo para trás e acendeu a luz.

Daniel olhou em volta e seu rosto assumiu uma nova expressão.

— *Este* é o quarto que Kevin te deu? Por que você não falou nada? Deveria ter ficado com o meu quarto!

— Estou bem aqui — garantiu ela. — De qualquer forma, não sou muito fã de camas. É mais seguro ter um sono leve.

— Não sei o que dizer. Não posso dormir numa cama *king size* sabendo que você está enfiada num cubículo cheio de coisas.

— De verdade, eu gosto dele.

Daniel lhe lançou um olhar desconfiado, que de repente se tornou envergonhado.

— Eu ia me convidar para entrar, mas aqui mal tem espaço para você.

— Podemos rearrumar alguns caixotes...

— Tenho uma ideia melhor. Venha comigo.

Daniel lhe estendeu a mão. Ela a pegou sem pensar no que fazia. Ele a puxou pelo corredor escuro até seu quarto, depois da porta do banheiro. A única luz vinha de um pequeno abajur na mesa de cabeceira.

Era um quarto muito bom, mais de acordo com a estética usual de Kevin do que o depósito que coubera a ela. Havia uma cama enorme no meio coberta com um edredom branco e com uma estrutura rústica de quatro colunas feita de troncos sem acabamento. Uma colcha dourada que combinava com o tom da madeira estava dobrada ao pé da cama.

— Viu? — disse Daniel. — Não tem como eu conseguir dormir aqui de novo depois de ver a sua triste situação. Eu me sentiria uma bosta de homem.

— Bem, não vou trocar de quarto. O meu já está com os fios todos armados.

Por um momento, ficaram constrangidos à porta.

— Na verdade, eu não tenho nada específico para falar com você. Só queria estar no mesmo lugar que você.

— Tudo bem. Eu também não estava dormindo.

— Vamos não dormir juntos — disse Daniel, depois corou e riu encabulado. — Isso não pegou nada bem. — Puxou-a de novo pela mão, em direção à cama grande. — Olhe, prometo ser um perfeito cavalheiro. É que vou ficar menos ansioso se puder ver você.

Ela subiu para o grosso edredom branco ao lado de Daniel, rindo com ele de seu constrangimento e se perguntando se *queria* que ele fosse um perfeito cavalheiro. Lembrou-se com severidade de que aquela não era a hora apropriada para esse tipo de pensamento. Talvez algum dia no futuro quando a vida dos dois não estivesse em perigo. Se esse dia chegasse.

Apesar de ter pegado a mão dela, no mais, Daniel lhe deu espaço. Deitaram-

se de costas nas pilhas de travesseiros de plumas. Daniel pôs a mão livre atrás da cabeça e olhou para ela.

— Sim, viu, este é melhor.

E era. Não fazia sentido: ela estava fora de seu quarto cheio de defesas e muito mais longe das outras armas, porém paradoxalmente se sentia mais segura.

— É, sim — concordou. Tirou a máscara de gás e a colocou do lado.

— Sua mão está fria.

Antes que ela pudesse retrucar, Daniel se sentou e pegou a colcha do pé da cama. Sacudiu-a e depois cobriu os dois com ela. Ao se deitar, ficou mais perto dela. Os ombros dos dois se tocavam e seu braço cobriu o dela quando ele tornou a lhe dar a mão.

Por que ela estava tão consciente de coisas que, no grande esquema da sobrevivência, não tinham muita relevância?

— Obrigada — disse ela.

— Não me entenda mal... digo isto como o maior elogio e não como uma afronta à sua companhia... mas acho que consigo dormir de verdade com você aqui.

— Sei o que você quer dizer. Foi um dia longo.

— Sim — concordou Daniel com veemência. — Você está confortável?

— Estou. Não *me* entenda mal, mas talvez eu coloque a máscara de novo em algum momento. É só um hábito de sono estranho.

Daniel sorriu.

— Como abraçar um ursinho de pelúcia.

— Exatamente como isso, só que a máscara não é fofa.

Daniel rolou para o lado dela e encostou a testa em sua têmpora. Ela sentiu os cílios dele roçarem em sua bochecha quando fechou os olhos. O braço direito dele estava enroscado em sua cintura.

— *Eu* acho você fofa — sussurrou ele com a voz de quem já estava meio dormindo. — E tremendamente letal também, claro. — Bocejou.

— Você é muito gentil — disse ela sem saber ao certo se Daniel tinha ouvido. Respirava num ritmo tão regular que ela achou que ele já poderia ter adormecido.

Esperou um pouco e depois, com muito cuidado, esticou a mão livre para tocar os cachos do cabelo dele. Eram muito macios. Contornou com os dedos os traços de seu rosto, totalmente calmos no sono. Era o mesmo rosto inocente e sereno que nunca pertencera ao mundo dela. Ela achou que nunca tinha visto algo tão belo.

Adormeceu assim, com a mão aconchegada possessivamente na nuca de Daniel, a máscara de gás esquecida às suas costas.

CAPÍTULO 17

Kevin não ligou.

Daniel não parecia achar isso estranho, mas Alex julgou detectar uma tensão adicional nos ombros de Arnie.

Estava demorando muito.

Pelo que ela entendera, Kevin só precisava ficar numa posição da qual pudesse seguir a única pessoa que eles tinham certeza de que estava envolvida: Carston. Ele podia ter feito a viagem de carro a Washington em dois dias, mesmo indo com calma. Ela lhe dissera exatamente onde encontrar seu antigo chefe quando chegasse. A tarefa demoraria algumas horas, no máximo. Se Carston não estivesse onde deveria, era função de Kevin ter ligado. O que estaria fazendo?

Ou teria acontecido algo com ele? Quanto tempo ela devia esperar antes de sugerir essa possibilidade a Daniel?

A nova preocupação alimentou ainda mais sua paranoia. Ela pôs um fio do lado de fora da porta do quarto, para que ficasse armado enquanto ela estivesse em outras partes do sítio. Era muito frustrante não poder armar o primeiro andar da casa inteiro. Só faltava uma máscara de gás.

A vantagem era que cada hora escondida ajudava seu rosto. Sob uma iluminação fraca e com muita maquiagem, ela talvez conseguisse passar despercebida durante três ou até quatro segundos.

A espera era uma mistura esquisita de tédio, estresse e o tipo mais estranho de felicidade. Felicidade condenada, felicidade com um prazo, mas isso não tornava o sentimento menos... abrangente. Ela devia estar péssima, o ritmo pulsante da caçada lhe enchendo os ouvidos, mas ela se via sorrindo como se esta fosse uma expressão costumeira. Não ajudava o fato de Daniel estar contente de um jeito tão inconveniente quanto ela. Os dois conversaram sobre isso na tarde seguinte, enquanto assistiam ao noticiário.

Alex pusera Lola sorrateiramente para dentro de casa quando Arnie saíra para treinar os outros animais. Sentia-se mal por terem que deixar a porta fechada, impedindo que os cães entrassem. Parecia grosseiro — e Einstein e Khan entraram com ela, o que deixou a sala incomodamente cheia de cachorros. Torceu para que Arnie não ficasse aborrecido. Os bichos deviam entrar em casa de vez em quando, do contrário não haveria a porta para cães na lavanderia. Ela não sabia se eles geralmente eram mantidos do lado de fora como parte do treinamento, um primeiro sistema de alarme ou porque Arnie era alérgico — embora, se fosse a última opção, isso significasse que ele tinha escolhido o estilo

de vida errado.

Lola apoiou as mandíbulas e as orelhas molengas na coxa de Alex, onde logo haveria bastante baba, ela tinha certeza. Einstein subiu com um pulo para o sofá e se posicionou ao lado de Daniel, abanando o rabo com entusiasmo diante da violação das regras. Khan se transformou num pufe comprido na frente do sofá. Depois da monótona reportagem de abertura do programa (focada em política, naturalmente, como se ainda não faltasse um ano para que algo de fato acontecesse), Daniel esticou as pernas e as apoiou nas costas de Khan. O cachorro não pareceu se incomodar. Alex afagou as orelhas de Lola, que abanou o rabo, batendo-o com força no chão.

Aquela cena toda era confortável e *familiar*, embora ela nunca na vida tivesse estado numa posição parecida. Nunca estivera rodeada tão de perto por seres vivos — tocando-os, escutando sua respiração —, muito menos de mãos dadas com um homem que a achava fofa... e letal. O fato de ser possível que ele conhecesse toda a sua história e, mesmo assim, fosse capaz de olhá-la daquele jeito...

Enquanto a ideia lhe passava pela cabeça, Alex olhou automaticamente para o rosto de Daniel e descobriu que ele também a fitava. Ele deu aquele sorriso rasgado, alegre, a barba por fazer conferindo-lhe um aspecto inesperadamente áspero, e ela sorriu de volta sem pensar. Todo tipo de emoções alegres borbulhava em seu peito, e ela se deu conta de que era provável que aquela fosse a melhor sensação que já tivera.

Suspirou, depois gemeu.

Ele olhou para a televisão, procurando um motivo para o resmungo dela, mas era só um anúncio.

— O que é?

— Estou me sentindo boba — confessou. — Idiota. Alegre. Por que tudo parece tão positivo? Não consigo concatenar ideias lógicas. Tento me preocupar e acabo sorrindo. Talvez esteja perdendo o juízo, e não me importo com isso tanto quanto deveria. Quero me dar um soco, mas meu rosto está finalmente começando a sarar.

Daniel riu.

— Acho que essa é uma das desvantagens de se apaixonar.

Frio na barriga de novo.

— É isso que você acha que a gente está fazendo?

— Me parece que sim.

Ela franziu o cenho.

— Não tenho com o que comparar. E se eu estiver mesmo ficando maluca?

— Você está sã, sem dúvida alguma.

— Mas não acredito que as pessoas possam se apaixonar tão depressa.

Na verdade, ela não acreditava muito em *amor*, aquele amor romântico.

Respostas químicas, claro; atração sexual, com certeza. Compatibilidade, sim. Amizade. Lealdade e responsabilidade. Mas *amor* parecia um pouco conto de fadas demais.

— Eu... Bem, eu nunca me apaixonava. Quero dizer, sempre acreditei em *atração* à primeira vista. Já vivi isso. E, sem dúvida, isso faz parte do que está acontecendo comigo agora. — Ele sorriu de novo. — Mas amor à primeira vista? Só fantasia, eu tinha certeza.

— Claro que é.

— Só que...

— Não tem só que, Daniel.

— Só que aconteceu uma coisa comigo naquele metrô, uma coisa totalmente fora da minha experiência ou da minha capacidade de explicar.

Ela não sabia o que dizer. Olhou para a TV justo quando o tema final do jornal começou a tocar.

Isso também chamou a atenção de Daniel.

— A gente perdeu a notícia?

— Não, não passou.

— E isso não é uma coisa boa — presumiu ele, uma tensão se insinuando na voz.

— Posso pensar em alguns significados possíveis para isso. Primeiro, eles divulgaram a história e, quando não obtiveram resultados, tiveram que deixá-la morrer. Segundo, a história está prestes a mudar.

Os ombros de Daniel se endireitaram numa atitude defensiva.

— Quando você acha que a gente vai ver a próxima versão?

— Muito em breve, se é isso que está acontecendo.

Havia uma terceira possibilidade, mas ela não estava pronta para dizê-la em voz alta. A pauta sem dúvida desapareceria se eles tivessem conseguido o que precisavam com a notícia. Se estivessem com Kevin nas mãos.

Ela achava que entendia o suficiente sobre a personalidade de Kevin para ter quase certeza de que não desistiria deles com facilidade. Ele era esperto o bastante para apelar para a versão mais crível da história se o departamento o pegasse: chegara tarde demais para salvar Daniel, e, após matar a Espirradeira, fora a Washington para buscar vingança. Ele seria capaz de se ater a essa história por algum tempo... esperava ela. Não sabia quem fazia os interrogatórios agora. Se essa pessoa prestasse... bem, por fim Kevin contaria a verdade. Por mais que ela não fosse a maior fã de Kevin, sentia-se mal por ele agora.

Claro, ele talvez tivesse estado preparado para a captura, como ela costumava fazer. Era possível que já estivesse morto.

Com ou sem Batcaverna, se Kevin não ligasse até meia-noite, estaria na hora de partir. Ela era capaz de sentir quando estava abusando da sorte.

Bem, todos os sentimentos de felicidade tinham se acalmado. Pelo menos isso

era um sinal de que ela não estava totalmente maluca. Ainda.

Enxotaram os bichos para a varanda antes da hora prevista para que Arnie voltasse, embora fosse provável que o cheiro de cachorro os traísse. Daniel começou a preparar molho de carne para o espaguete, e ela ajudou com as partes simples: abrir latas, medir temperos. Era fácil e gostoso trabalhar lado a lado, como se tivessem passado anos fazendo isso. Seria aquele o sentimento de que Daniel falara? De como era estranhamente fácil os dois ficarem juntos? Embora não acreditasse na teoria dele, ela precisava admitir que não conseguia explicar aquilo por conta própria.

Daniel trabalhava cantarolando, uma melodia familiar que, a princípio, ela não foi capaz de situar. Pegou-se cantarolando também alguns minutos mais tarde. Sem parecer se dar conta do que estava fazendo, Daniel começou a cantar a letra.

— *Guilty feet have got no rhythm* — cantou.

— Essa música não é mais velha do que você? — perguntou ela depois de um momento.

Ele pareceu surpreso.

— Ah, eu estava cantando em voz alta? Desculpe, eu costumo fazer isso quando cozinho, se não me controlar.

— Como você sabe a letra?

— Para a sua informação, "Careless Whisper" ainda é uma música muito popular nos karaokês. Eu arraso com ela em noites dos anos 1980.

— Você curte karaokê?

— Ei, quem disse que professor não sabe aproveitar a vida?

Ele se afastou do fogão, a colher coberta de molho ainda na mão direita, e puxou-a para dançar com a esquerda. Deu uma voltinha, a bochecha áspera colada na dela, enquanto cantava "*Pain is all you'll find...*". Depois tornou a se virar para o fogão, dançando sem sair do lugar enquanto cantava alegremente o resto da música.

Não seja idiota, a mente dela lhe disse quando o sorriso bobo tornou a se abrir de forma escancarada em seu rosto.

Cala a boca, respondeu seu corpo.

A voz de Daniel não era profissional, mas era agradável, um tenor de timbre leve, e ele compensava as deficiências com o entusiasmo. Quando ouviram os cachorros saudarem Arnie à porta, os dois estavam no meio de um dueto apaixonado de "Total Eclipse of the Heart". Alex parou de cantar imediatamente, enrubescendo, mas Daniel pareceu alheio tanto à covardia dela quanto à entrada de Arnie.

"*I really need you tonight!*", cantava aos brados quando Arnie passou pela porta, balançando a cabeça. Isso fez Alex se perguntar se Kevin tinha algum momento em que era divertido ou a relação dele com Arnie era puramente

profissional quando os dois ficavam sozinhos.

Arnie não comentou nada, limitou-se a fechar a porta de tela às suas costas, deixando o ar quente e puro se misturar com os cheiros de alho, cebola e tomate. Como estava escuro do lado de fora e claro dentro da casa, ela teria que garantir que ele fechasse a porta externa antes que ela e Daniel entrassem na parte do cômodo que seria visível a alguém que estivesse vigiando o lugar.

— Alguma novidade dos cachorros? — perguntou ela a Arnie.

— Não. Você teria ouvido os latidos se eles tivessem encontrado algo.

Ela franziu o cenho.

— A matéria não foi ao ar.

Alex e Arnie se entreolharam. Os olhos de Arnie passaram para as costas de Daniel, depois voltaram para ela, que entendeu o que ele estava perguntando e fez que não com a cabeça. Não, ela não falara com Daniel sobre Kevin e sobre o que o silêncio dele podia significar. Os olhos de Arnie se semicerraram do jeito sutil que parecia ser a única indicação de tensão daquele homem.

Pelo bem de Arnie, eles teriam que sair assim que possível. Se qualquer pessoa ligasse Daniel e Alex à casa, Arnie estaria em perigo. Ela esperou que ele entendesse quanto à picape.

O jantar foi desanimado. Até Daniel pareceu captar o estado de espírito. Ela decidiu que lhe contaria os seus temores em relação a Kevin tão logo estivessem sozinhos. Seria bom lhe permitir mais uma noite de sono decente, mas o melhor era que partissem antes que o dia raiasse.

Depois que terminaram — e nem um fio de macarrão tinha sobrado para contar a história; Arnie sentiria falta dessa parte de ter hóspedes em casa, pelo menos —, ela ajudou a tirar a mesa enquanto Arnie foi ligar a TV para ver o noticiário. A sequência das reportagens era repetitivamente familiar. Ela achou que seria capaz de recitar palavra por palavra com a âncora. Arnie ainda não assistira a três rodadas de telejornais nesse dia, então se acomodou no sofá.

Alex enxaguou os pratos e os entregou a Daniel para que ele os pusesse no lava-louça. Um dos cachorros chorou do outro lado da porta de tela. Provavelmente Lola. Alex esperava não tê-la mimado muito durante a tarde. Nunca pensou que fosse fã de cachorro, mas percebeu que ia sentir falta da calorosa e simpática matilha. Talvez ela arrumasse um cachorro algum dia — isto é, se Kevin de alguma forma ainda estivesse vivo e bem e, afinal, o plano fosse operável. Se todos os pensamentos felizes fossem verdadeiros, talvez Kevin até lhe vendesse Lola. Era provável que isso não fosse algo muito prát...

Um barulho abafado e rápido interrompeu seus pensamentos. Um ruído que não pertencia à normalidade do sítio. Mesmo enquanto seus olhos se moviam na direção de Daniel, procurando um utensílio que tivesse caído no chão ou uma porta de armário que tivesse batido para justificar o barulho, sua mente se adiantava. Antes que seu corpo se realinhasse ao cérebro, um latido fortíssimo

irrompeu da varanda, junto de um grunhido feroz. Outro barulho, menos perceptível em meio ao alvoroço dos cachorros, e o latido se transformou em ganido chocado e aflito.

Ela derrubou Daniel no chão enquanto ele ainda estava se virando na direção da porta. Era muito mais pesado do que ela, mas estava desequilibrado e caiu com facilidade.

— *Shhh* — sibilou ela ferozmente em seu ouvido, depois se arrastou por cima dele para a beira da ilha e olhou em volta.

Não conseguiu ver Arnie. Olhou para a porta de tela. Havia um pequeno buraco redondo no centro do painel superior. Tentou escutar acima do barulho dos cachorros e da televisão, mas não conseguiu ouvir nenhum som vindo de onde Arnie devia estar.

Tinha que ser um tiro de longa distância, do contrário os cachorros teriam notado algum movimento antes do disparo.

— Arnie! — sussurrou num tom rouco.

Não houve resposta.

Ela se arrastou para a mesa da sala de jantar, onde sua mochila estava encostada na perna da cadeira que usara. Arrancou sua pistola do saco Ziploc, depois deslizou-a pelo chão para Daniel. Ela precisava de ambas as mãos.

Daniel pegou a arma no meio do caminho para a ilha e se inclinou ao redor da beirada. Não tinha treinado com uma pistola, mas isso não importava muito dessa distância.

Ela enfiou os anéis e colocou o cinto.

Daniel se levantou numa fração de segundo, apoiando os cotovelos em cima da bancada. Não parecia ter nenhuma dúvida em relação à sua capacidade de atirar. Ela correu para a parede onde a sala de jantar se projetava do salão. Enquanto se movia, viu a mão de alguém empurrando a maçaneta para baixo. Mas não era a mão de alguém. Era uma pata preta peluda.

Então Kevin tinha escolhido não usar a maçaneta redonda padrão por motivos que iam além da estética.

Ela respirou fundo de novo quando Einstein irrompeu sala adentro, seguido de perto por Khan e pelo rottweiler. Ouviu Lola ganindo de dor do lado fora e rangeu os dentes.

Enquanto os cachorros se reuniam em silêncio em volta de Daniel, formando um escudo peludo, ela calçou os sapatos de luta e enfiou o garrote num bolso e as alças de madeira no outro.

— Dê o comando — sussurrou ela a Daniel.

Era provável que o atirador fosse entrar correndo, embora precisasse se manter alerta em relação aos cachorros. Se tivesse essa opção, trocaria o fuzil de longa distância por uma arma que fizesse buracos maiores. Cães daquele tipo continuariam em frente mesmo que estivessem com muita dor.

— Protocolo de fuga? — murmurou Daniel, inseguro.

As orelhas de Einstein estremeceram. Ele latiu, o que mais pareceu uma tosse discreta, depois trotou para a outra extremidade da cozinha e gemeu.

— Siga-o — instruiu Alex a Daniel. Atravessou como uma flecha o espaço entre a parede e a ilha, mantendo-se bem agachada. Daniel começou a se endireitar, mas antes que ela pudesse dizer qualquer coisa Einstein correu e pegou a mão dele com a boca. Tornou a puxar Daniel para o chão. — Fique abaixado — informou ela num sussurro.

Einstein os conduziu na direção da lavanderia, como Alex esperava, com Khan e o rottweiler guardando a retaguarda. Quando passou do salão para o corredor sombrio, tentou ver Arnie. Inicialmente, só conseguiu enxergar uma mão, imóvel, mas depois notou salpicos na parede do fundo. Era óbvio que havia massa encefálica misturada ao sangue. Portanto não adiantava tentar arrastá-lo com eles. Era tarde demais para Arnie. E o atirador obviamente era bom. Mais uma excelente notícia.

Alex ficou surpresa quando Einstein parou antes da lavanderia e colocou a pata num armário do corredor. Daniel abriu a porta e o cachorro pulou e puxou algum objeto lá dentro. Alex chegou mais perto justo quando um pesado monte de pele caiu em cima dela.

— O que é isso? — murmurou Daniel em seu ouvido.

Ela apalpou o monte.

— Acho que é um casaco de pele... sendo que tem mais alguma coisa. É muito pesado...

Passou as mãos rapidamente por cima do casaco, ao longo das mangas. Havia algo rígido e retangular por baixo da pele. Ela enfiou a mão dentro da manga, tentando entender o que estava examinando. Finalmente, seus dedos perceberam o que era. Não tinha certeza se teria conseguido juntar as peças caso não houvesse visto Kevin com um uniforme de Batman recentemente.

Einstein puxou outro denso volume de pele para cima deles.

— São forrados de Kevlar — sussurrou ela.

— A gente devia vesti-los.

Com muito custo, Alex vestiu o seu enquanto analisava a situação. O Kevlar fazia sentido, mas por que a pele volumosa? Será que Kevin tinha treinado os cachorros durante o inverno? Seria apenas uma preparação para o clima? Mas quando puxou as mangas (compridas demais, claro) para liberar as mãos, notou como o casaco de Daniel tinha uma cor tão parecida com a do pelo de Einstein e ela não conseguia ver onde acabava um e começava o outro. Camuflagem.

O casaco tinha um capuz forrado de Kevlar, que ela puxou sobre a cabeça. Então ela e Daniel eram apenas dois vultos peludos no escuro.

Einstein passou direto pela porta para cães no fundo da lavanderia, e Daniel o seguiu. Ela sentia o calor de Khan logo atrás de si. Ela atravessou a porta e viu

Einstein puxando Daniel para baixo enquanto ele tentava se agachar.

— Se arraste — explicou ela.

O processo era frustrantemente lento. O casaco ficava mais pesado e mais quente a cada metro que ela percorria, e o cascalho dava a sensação de que havia pontas de faca embaixo da palma de suas mãos e de seus joelhos. Quando chegaram ao capinzal, a tarefa se tornou um pouco menos penosa, mas ela estava tão impaciente com o ritmo que mal notou. Quando Einstein os conduziu em direção ao pavilhão onde os cachorros ficavam, receou que ele estivesse tentando levá-los para a picape que ela instruíra Arnie a estacionar em outro lugar. Mas a picape não era um meio de fuga muito bom. O atirador podia estar mantendo a posição, só esperando que alguém tentasse sair com o carro para a única estrada. Ou isso podia ser uma variação nova: talvez o atirador mandasse seus amigos varrerem a casa e fazerem as vítimas saírem enquanto ele esperava.

Ela ouviu os cachorros inquietos presos no pavilhão à frente, nenhum deles feliz com o que estava acontecendo. Tinham percorrido três quartos do caminho quando um ruído abafado lançou uma nuvem de terra em seu rosto. Einstein latiu asperamente, e Alex ouviu um dos cachorros atrás dela sair feito um trovão de sua pequena matilha, grunhindo num tom grave. O barulho pesado das patas batendo no chão, combinado com as passadas largas, lhe deu certeza de que era o rottweiler. Outro ruído abafado, a uma distância maior, mas o grunhido não mudou de ritmo. Ela ouviu algo, talvez um xingamento ao longe, e depois uma saraivada de balas foi disparada do que definitivamente *não* era um fuzil de precisão. Seus músculos se retesaram, mesmo enquanto ela se arrastava o mais depressa possível na cola de Daniel, esperando pelo som inevitável dos ganidos do rottweiler. O barulho não veio, e o grunhido desapareceu. Lágrimas brotaram em seus olhos.

Khan assumiu a posição ao lado dela — o lado do atirador —, e ela viu que Einstein estava dando a mesma proteção a Daniel. Kevin dissera que os cachorros dariam a vida por Daniel, e estavam provando isso. Era provável que Kevin ficasse irritado quando descobrisse que estavam fazendo o mesmo por ela.

Kevin. Bem, no momento a probabilidade de ele estar vivo era maior. Os noticiários não haviam cortado a pauta porque a Agência encontrara Kevin, mas porque conseguira localizar Daniel.

Chegaram ao pavilhão. Ela rastejou agradecida para o interior escuro. Os cachorros lá dentro estavam ganindo e latindo ansiosamente. Lutando com o volume pesado do casaco forrado, ela se pôs de pé, ainda encurvada mas capaz de se mover mais depressa. Daniel imitou-a, de olho em Einstein para ver se ele insistiria em que eles tornassem a se abaixar. Mas Einstein não prestava atenção nele no momento. Junto de Khan, estava correndo pela fileira de canis, parando a cada porta e depois saltando para a seguinte. A princípio ela não soube se deveria

correr também, mas depois entendeu o que os dois estavam fazendo. Os canis mais próximos se abriram, depois o conjunto seguinte. Kevin ensinara a seus melhores alunos como abrir os canis por fora.

Os cães liberados se calaram de imediato. A primeira dupla era formada por pastores-alemães que saíram correndo pela porta do celeiro, rumando para o norte. Antes que desaparecessem de vista, três rottweilers passaram disparados por ela na direção oposta. Um dobermann solitário veio atrás, depois outro quarteto de pastores-alemães, cada grupo indo para uma direção. Os cachorros começaram a sair juntos do prédio, tão depressa que ela perdeu a conta. Sem dúvida mais de trinta animais, embora alguns ainda fossem muito jovens. Uma parte dela queria gritar: *Estraçalhem eles, garotos!*, enquanto a outra parte queria lhes dizer: *Tomem cuidado!* Viu os filhotes de Lola passarem em disparada e tornou a ficar com os olhos marejados.

Na noite escura, alguém gritou em pânico. Tiros, depois gritos. Um sorriso tenso e sem alegria esboçou-se em seus lábios.

Mas nem todas as notícias eram boas. Ela ouviu disparos de outra direção. Definitivamente atacantes múltiplos.

— Pistola? — sussurrou ela para Daniel.

Ele assentiu e tirou a arma do cós da calça jeans. Estendeu-a a ela. Ela fez que não com a cabeça. Só queria saber se ele não a tinha deixado cair. Estava pingando de suor dentro do grosso casaco de pele. Puxou para trás o capuz e passou o antebraço na testa.

— E agora? — murmurou ele. — É para a gente esperar aqui?

Ela estava prestes a dizer que isso não correspondia bem a uma *fuga* quando Einstein voltou e, mais uma vez, puxou Daniel para baixo. Ela ficou de quatro e foi atrás enquanto Einstein os conduzia pela porta pela qual tinham entrado. Khan ainda estava lá, guardando a retaguarda de novo. Dessa vez, Einstein os conduziu para o norte, embora ela não soubesse de nenhuma estrutura adicional para aqueles lados. Provavelmente teriam que rastejar por um bom pedaço, percebeu ela, as mãos já muito arranhadas por causa do contato com os talos do capim seco. Tentou proteger as palmas com os punhos das mangas do casaco, mas essa parte não era forrada, portanto não adiantou muito. Pelo menos havia vultos peludos o bastante na noite para que um atirador se incomodasse com quatro que não estavam atacando. Ela olhou para a casa ao longe. Não viu nenhuma nova lâmpada acesa. Eles ainda não tinham começado a limpar o local. Os barulhos de cachorro continuavam, grunhidos distantes, o ganido dos filhotes de Lola e alguns latidos entrecortados.

Ela perdeu a noção do tempo, consciente apenas da quantidade de suor que produzia, do som áspero de sua respiração ofegante, do fato de que estavam percorrendo uma ligeira subida e de que, nesse momento, Daniel diminuía um pouco o ritmo. Suas mãos estavam sendo furadas, apesar do casaco. Mas ela não

achava que haviam chegado muito longe quando Daniel suprimiu um grito baixinho e parou. Ela se arrastou para o lado dele.

Era a cerca. Tinham chegado ao limite norte do sítio. Ela procurou Einstein, perguntando-se o que deviam fazer em seguida, e depois percebeu que o cachorro já estava do outro lado. Ele olhou para ela, depois apontou com o focinho para a borda inferior da cerca. Ela foi tateando pelo lugar que ele indicou e descobriu que havia um buraco na terra embaixo da cerca. O que pensara ser uma sombra era, na verdade, uma garganta estreita de rocha escura. O espaço tinha um tamanho que permitia que ela atravessasse com facilidade para o outro lado. Sentiu Daniel agarrar seu tornozelo, usando-a para se guiar. Depois que os dois passaram, ela se virou para observar Khan entrando com muito custo na fenda. Ela fez uma careta, sabendo que a borda inferior da cerca devia estar ferindo sua pele. Ele não fez nenhuma queixa audível.

Saíram no topo de um barranco raso e rochoso que não podia ser visto da casa, escondido ao abrigo da ligeira subida. Ela nunca adivinharia que o descampado que se estendia ao norte, na direção de Oklahoma, tinha fim. Einstein já estava descendo as pedras. Parecia que ele talvez estivesse percorrendo uma trilha indistinta, estreita. Khan cutucou-a por trás.

— Vamos — sussurrou ela.

Pôs-se de cócoras e, como Einstein não objetou, começou a descer com cuidado o barranco. Sentia Daniel seguindo-a de perto. Parecia, sim, haver um caminho, embora pudesse também ser uma trilha de caça. Um novo som surgiu na escuridão, um chiado delicado que ela levou alguns segundos para situar. Não havia se dado conta de que o rio se aproximava tanto da casa.

O barranco tinha apenas uns quatro metros de altura. Ao chegar ao fim dele, Alex sentiu que era seguro se levantarem. A água corria calmamente diante deles no escuro. Ela achou que podia alcançar o outro lado: o rio era muito mais estreito ali do que perto do celeiro. Einstein estava puxando algo embaixo de uma saliência, um lugar onde a água levara a margem, deixando uma prateleira de pedra proeminente. Ela foi ajudar e ficou elétrica ao ver que era um pequeno bote. Achou que finalmente entendia o protocolo.

— Nunca mais vou falar mal do seu irmão — murmurou asperamente enquanto ajudava a puxar o bote do esconderijo.

Se Kevin ainda estivesse vivo, e se ela e Daniel sobrevivessem à noite, ela sem dúvida quebraria essa promessa. Contudo, por ora, sentia-se cheia de gratidão.

Daniel pegou o outro lado do bote e empurrou. Em segundos, conseguiram pôr a embarcação na água, as panturrilhas rodeadas de rodamoinhos. A barra do casaco dela chegava muito mais perto do chão do que a dele, por isso uma boa parte de seu agasalho já estava dentro d'água. A pele ficou encharcada, pesando mais a cada passo. A correnteza era mais forte do que a superfície lisa insinuava,

e as mãos dos dois já estavam ocupadas segurando o barco quando os cachorros pularam para dentro. O peso de Khan abaixou a popa do bote, deixando-a perigosamente rente às ondulações da água, portanto os dois se amontoaram na proa ao lado de Einstein. Alex entrou primeiro, enquanto Daniel segurava a embarcação. Em seguida, ele pulou para o lado dela. O bote partiu feito uma flecha.

Ela se desvencilhou do casaco quente e pesado. Caso fosse necessário nadar, nunca conseguiria fazer isso vestindo aquilo. Daniel logo fez o mesmo, talvez imaginando o mesmo perigo, ou apenas porque confiava que ela havia tomado a atitude correta.

A forte correnteza empurrou-os rapidamente para oeste. Alex teve que presumir que isso fosse parte do plano, pois Kevin não deixara nenhum remo. Uns dez minutos mais tarde, o rio começou a correr mais suavemente, alargando-se numa curva aberta. Os olhos de Alex tinham se adaptado o suficiente para distinguir o que ela julgou ser a outra margem. A correnteza os empurrava para o sul, de volta para a margem de onde haviam partido. Einstein estava ansioso na proa, as orelhas em pé, os músculos retesados. Ela não sabia ao certo o que ele estava esperando, mas o cachorro saltou de repente para dentro d'água quando o bote ultrapassou algum limite invisível. O rio era suficientemente fundo para ele ter que nadar, mas ela não conseguiu calcular a distância entre as patas agitadas do cão e o fundo. Einstein olhou para eles e latiu.

Percebendo que provavelmente era uma boa ideia saltar antes de Khan, Alex logo pulou. A água fria passou por cima de sua cabeça por um instante, antes que ela subisse à tona. Ouviu dois barulhos de coisas caindo na água atrás dela — primeiro algo pequeno, depois algo enorme, produzindo uma marola que lhe cobriu a cabeça de novo. Khan passou nadando por ela, a água formando uma espuma branca em volta de suas patas, e conseguiu se apoiar no fundo do rio um segundo antes que os dedos dela encontrassem o solo arenoso. Ela se virou e viu Daniel lutando contra a correnteza enquanto tentava arrastar o bote de madeira para a margem. Sabia que não conseguiria ajudá-lo na tarefa na parte mais funda, por isso foi andando na direção dele, esperando que Daniel alcançasse uma área mais rasa. Agarrou a proa, e ele puxou pelo meio, a mão em volta do banco da embarcação. Não demoraram muito a chegar à praia, onde os cachorros se sacudiam. Puxaram o barco três metros para fora da água, depois Daniel largou-o e olhou para as mãos. Ela fez o mesmo. A madeira áspera não tinha sido bondosa com suas palmas já feridas. Sangravam copiosamente, o sangue escorrendo das pontas dos dedos.

Daniel enxugou a mão direita na calça jeans, deixando uma listra vermelha, depois esticou o braço para dentro do barco e pegou a pistola e algo menor: um telefone, que sem dúvida pertencia a Kevin. Daniel teve o bom senso de manter os dois fora da água, algo impressionante, dado o choque e a pressão sob os quais

os dois estavam. Felizmente, tudo que não era à prova d'água na mochila dela estava cuidadosamente guardado em Ziplocs.

Ela examinou rapidamente o rosto dele. Não estava com *cara* de que ia ter um colapso, mas essas coisas podiam ocorrer sem maiores avisos.

Daniel agarrou os casacos e segurou-os embolados nos braços de um jeito que parecia desconfortável. Ela já ia lhe dizer para deixá-los, mas então se deu conta de que haveria uma investigação criminal no futuro próximo. Melhor esconder todas as provas que pudessem.

— Jogue os casacos no rio... O barco também — sussurrou ela. — Não queremos que ninguém ache essas coisas.

Sem hesitar, ele voltou depressa para a beira da água e jogou os agasalhos na correnteza. Eram tão pesados que não demoraram a ficar encharcados e desaparecer sob a superfície. Alex começou a empurrar o bote, e Daniel se juntou a ela, puxando-o praia abaixo. Em segundos, estava correndo na água escura. Ela sabia que trazia as marcas do sangue e das impressões digitais deles, mas, com sorte, chegaria longe o bastante durante a madrugada para que, de manhã, ninguém o ligasse à casa de Kevin. O barco tinha um aspecto velho e corroído, certamente não valioso. Talvez quem encontrasse a embarcação considerasse que se tratava de lixo e a tratasse como tal.

Alex imaginou Kevin e Einstein na água vermelha com o dia claro, fazendo o percurso para treinar. Deviam tê-lo testado muitas vezes. Era provável que Kevin fosse ficar aborrecido por ela ter perdido o barco dele, independentemente do valor.

Ela e Daniel voltaram-se de novo para a terra. Foi fácil ver o celeiro, a única forma alta na escuridão plana. Enquanto corriam naquela direção, um ser quadrado e compacto se ergueu. Alex se sobressaltou, esperando que os cães reagissem. Mas depois seus olhos entenderam a forma: era um dos fardos de feno do campo de tiro. Ela respirou fundo para se acalmar e continuou correndo.

Chegaram ao celeiro e depois deram a volta correndo para as portas da frente. Daniel tinha pernas mais longas e, portanto, chegou primeiro. Já tinha aberto a fechadura quando ela o alcançou. Ele deu um puxão na porta, esperou ela e os cachorros entrarem e, em seguida, fechou-a.

Estava um breu.

— Me dê um segundo — sussurrou Daniel.

Ela mal ouvia os movimentos dele acima de sua pulsação e da respiração ofegante dos cachorros. Houve um leve rangido, seguido por um breve ronco metálico. Uma tênue luz verde apareceu à sua direita. Ela mal conseguiu distinguir o vulto de Daniel. A mão dele se iluminou quando tocou um teclado brilhante. De repente, uma luz branca mais forte irrompeu de uma linha comprida ao lado dele. Quando Daniel abriu a fenda com um puxão e mais luz inundou o espaço, ela viu o que ele fazia: estava diante de um dos carros antigos

sobre os cepos. Abriu a falsa bateria, inseriu o código do dia de seu aniversário, e o motor falso se abriu. Era a reserva de armas, iluminada por dentro.

— Ponha alguns desses no Humvee — sussurrou ela para Daniel. Era provável que o tom de voz baixo fosse desnecessário, mas ela não conseguiu se forçar a falar mais alto.

A luz foi suficiente para iluminar um espaço num raio de cerca de cinco metros ao redor dele. Os dois cachorros estavam postados ao lado da porta, voltados para fora como se esperassem intrusos, aguardando e arfando.

Alex correu para suas sacolas e se desvencilhou da lona velha. Abriu o zíper lateral do saco de baixo e pegou um par de luvas de látex, pondo-as nas mãos que sangravam. Pegou outro par e meteu-o no bolso da frente da calça jeans.

Quando se virou, Daniel já passara para o pneu oco do trator. Tinha dois fuzis pendurados nas costas e duas Glocks, além da escopeta que ela andara desejando, aninhadas nos braços. Enquanto ela observava, ele esticou o braço para pegar a SIG Sauer com que a vira treinar. Ele podia ser um novato no mundo dela, mas parecia ter instintos à altura.

Foram necessárias duas viagens para ela levar as sacolas até o veículo escondido atrás dos fardos de feno. Na primeira, deu as luvas a Daniel ao cruzar com ele. Ele as colocou sem pedir explicações. Ela ficou feliz de ver que as luzes internas do Humvee tinham sido desconectadas. Depois que suas coisas estavam no veículo, ela carregou as granadas, mas optou por deixar para trás os lançadores de foguete. Não tinha certeza se era capaz de imaginar como usá-los sem acabar explodindo a si própria.

— O dinheiro? — perguntou Daniel quando ela passou por ele.

— Sim, todo.

Ele reagiu andando rapidamente, e, por um segundo confuso, ela teve uma sensação de *déjà-vu*. Os dois trabalhavam bem juntos, assim como tinham se dado bem lavando a louça.

Havia um suprimento de Kevlar. Ela vestiu um colete e apertou as tiras ao máximo, mas a peça ainda ficou um pouco larga. Como não era insuportavelmente pesada, ela calculou que tivesse placas de cerâmica. Puxou outro colete para Daniel. Havia um par de roupas de borracha, mas eram muito grandes para ela, e Daniel provavelmente demoraria muito para conseguir entrar naquilo. Ela sorriu quando encontrou dois pesados bonés. Tinha ouvido falar deles, mas achou que só fossem usados pelo Serviço Secreto. Enfiou um na cabeça e levou o outro para Daniel junto do colete.

Ele vestiu os dois em silêncio, o rosto determinado e pálido. Ela se perguntou por quanto tempo ele se seguraria. Com sorte, a adrenalina natural duraria até que os dois conseguissem escapar.

Ela prendeu uma comprida lâmina fina à coxa, colocou um cinto para coldre por baixo do equipamento de couro habitual e, depois, pendurou outro nos

ombros. Foi para a traseira do Humvee. Pegou uma das Glocks e guardou-a na anca direita. Pôs a SIG embaixo de um braço e sua pistola embaixo do outro. Depois guardou a escopeta serrada no coldre da anca esquerda.

— Munição?

Ele assentiu. Deixara seu fuzil favorito pendurado num ombro. Ela apontou com o queixo para a arma.

— Mantenha isso com você, mas leve uma pistola também.

Ele pegou a outra Glocke segurou-a na mão enluvada.

— Precisamos limpar tudo em que você tocou.

Antes que ela terminasse a frase, ele já começara a andar. Pegou a lona que tinha escondido as sacolas dela e rasgou-a em duas tiras compridas. Jogou uma para ela e foi para a fechadura do lado de fora, Einstein seguindo-o como uma sombra. Ela começou no primeiro carro que ele abrira. Não demoraram muito a limpar tudo. Como havia sangue nos pedaços de lona, ela os enfiou também na traseira do Humvee.

Parou um instante para ficar à escuta. Nada senão quatro animais nervosos respirando.

— Aonde vamos agora? — perguntou Daniel. A voz estava tensa e mais sem inflexão que de hábito, mas ele soava controlado. — Sua casa no norte?

Ela sabia que exibia uma expressão séria, e possivelmente assustadora, quando lhe respondeu:

— Ainda não.

CAPÍTULO 18

— Você vai voltar — disse ele num sussurro oco.

Ela fez que sim.

— Acha que o Arnie ainda pode estar...

— Não. Ele está morto.

O corpo de Daniel balançou imperceptivelmente em reação à certeza fria das palavras dela.

— Então a gente não devia estar fugindo? Você me disse que, se eles viessem para cá, a gente fugiria.

Ele estava certo, e fugir também seria a reação natural dela.

Ela se perguntou se, nesse momento, sentia-se como aquelas mães sobre as quais se lia nos jornais, que levantavam um carro de cima do filho. Desesperadas, apavoradas, mas também tão poderosas quanto um super-herói.

Alex tinha o jeito dela de fazer as coisas: planejar, planejar, planejar para todas as possibilidades e, depois, quando o desastre chegava, executar o plano mais adequado. Ela não fazia nada impensado. Não seguia os instintos. Não escolhia lutar, mas sim fugir.

No entanto, nessa noite, ela não tinha apenas a si própria para proteger. Precisava levantar um carro.

Não havia plano algum, só instinto.

O instinto dela dizia que um ataque sério estava se desenrolando, um ataque bem-coordenado, organizado por gente que tinha mais informações do que devia. Ela e Daniel podiam fugir, mas quem sabia o que mais os caçadores haviam armado? Talvez houvesse outra armadilha.

Se conseguisse descobrir quem eles eram e o que sabiam, sua fuga com Daniel teria muito mais chance de sucesso.

Descobrir coisas era sua especialidade, afinal.

Atacar não era, mas isso significava apenas que essa reação não seria esperada. Droga, ela estava bem surpresa consigo mesma.

Os caçadores não sabiam da Batcaverna, do contrário estariam ali à espera deles. Não sabiam dos recursos aos quais ela tinha acesso.

Se refletisse sobre a situação, era provável que ela mudasse de ideia. Mas estava cheia de adrenalina e tentando tomar decisões inteligentes. Escolhas que os salvassem não apenas no momento, mas também no dia seguinte e assim por diante. Ela não seria capaz de fazer as escolhas certas se não tivesse as informações certas.

— Fugir provavelmente seria o mais seguro a curto prazo — respondeu.

— Então?

— Eu não tive essa chance antes... de interrogar um dos assassinos enviados para me pegar. Quanto mais informações eu tiver sobre eles, mais seguros estaremos no futuro.

Passou-se um segundo.

— Você não vai me deixar para trás — disse ele com tranquilidade.

— Não, preciso da sua ajuda. Mas só com uma condição.

Ele assentiu.

— Você tem que fazer *exatamente* o que eu pedir. Não importa o que você pensar sobre as instruções.

— Posso fazer isso.

— Você tem que ficar no carro. — Ele inclinou a cabeça ligeiramente para trás, depois crispou os lábios. — Exatamente o que eu pedir — repetiu. Ele tornou a assentir, contrariado. Ela não estava convencida de que ele concordara. — Preciso que você me dê cobertura — explicou. — E o Humvee é o melhor lugar para isso. Você não pode vigiar a minha retaguarda se for baleado. Certo. A coisa vai ficar feia. Você consegue aguentar?

— Já enfrentei coisa feia.

— Não como essa. — Ela parou um instante. — Meu palpite é que esses caras acham que estão aqui para pegar Kevin e você. Existe uma chance de as pessoas que importam pensarem que estou morta. Isso significa que tenho que fazer as coisas de uma maneira diferente do normal. Só posso fazer o que Kevin faria. Vai ser à moda antiga, e não poderemos deixar nenhum sobrevivente. — Ele engoliu em seco, mas assentiu mais uma vez. — Está bem, pegue os óculos de visão noturna, você dirige.

Ela desejou verdadeiramente que ele não precisasse ver o que vinha pela frente, que não tivesse que vê-la do jeito que ela teria que ser, mas não havia outro modo.

Quando eles passaram cautelosamente pela porta do celeiro, os cachorros calados na traseira do Humvee a não ser pela respiração pesada, ela sentiu que estava mudando, se preparando. A coisa ia ser feia e muito, muito suja. Isto é, se não a pegassem primeiro.

Ela puxou uma pequena seringa de uma bolsa em sua mochila. Era a última de que dispunha, mas por outro lado, se não a usasse agora, podia não estar viva para precisar dela em outro momento.

— Você confia em mim? — perguntou.

— Sim. — O jeito como ele falou deu um peso incomum à afirmativa simples.

— Como só tenho mais esta dose, vamos ter que dividir uma agulha, como se fôssemos viciados. Meu sangue é limpo, juro.

Ela se espetou na perna e apertou o êmbolo até um pouco menos da metade. Daniel era maior que ela.

— O que é isso? — perguntou ele, nervoso.

Ela se esquecera. Ele não gostava de agulha.

— Uma síntese de dextroanfetamina e um opioide... algo parecido com... adrenalina e analgésicos. Vai ajudá-lo a seguir em frente se for baleado.

Em qualquer lugar que não seja na cabeça ou no coração, foi a informação que omitiu.

Ele assentiu e, depois, manteve os olhos à frente com muito cuidado enquanto ela o espetou na coxa através do jeans. Não fez careta. Ela lhe injetou o restante da solução no corpo. Era suficiente para fazer efeito por trinta minutos, no máximo.

— Você está enxergando bem?

— Surpreendentemente bem.

— Pode ir mais depressa? — Ele pisou no acelerador como resposta. — Quando estiver no lugar, vá para o banco de trás e quebre esses vidrinhos laterais — instruiu ela. — Atire em qualquer coisa humana que não seja eu. Eu não devo ser difícil de identificar: vou ser muito menor do que qualquer outro indivíduo que você vir. — Os lábios dele tornaram a se crispar. — Fique aí dentro aconteça o que acontecer, entendeu? — disse. Ele assentiu. — Você tem algum problema em balear essas pessoas?

— Não. — Ele disse isso energicamente, depois cerrou os dentes.

— Ótimo. Se alguma coisa sair errado... se sua arma engasgar, se alguém entrar no carro, seja lá o que for, jogue uma granada pela janela. É o sinal de que você precisa de ajuda. Sabe usar uma granada?

— Qual é o seu sinal?

— Hã?

— Se você precisar da minha ajuda, qual é o seu sinal?

— O meu sinal é *fique no carro, Daniel.* A granada?

— Acho que sei — murmurou ele.

— Isso pode demorar um pouco, então não fique nervoso. Eu não vou começar um interrogatório antes de ter tudo sob controle. Ah, tire os óculos antes de jogar a granada, ou então feche os olhos. Cuidado com labaredas... elas cegam.

— Entendi.

De repente, um telefone tocou.

Daniel pulou, batendo com a cabeça no teto baixo.

— *Que diabo?* — gritou Alex.

— É o telefone do Kevin — disse Daniel, batendo freneticamente no colete com a mão direita. Desencavou o celular de um bolso externo planejado para munição. Ela pegou o aparelho da mão dele enquanto ele se atrapalhava.

Um número desconhecido apareceu na tela. Ela apertou o botão de atender.

— Danny? — esbravejou Kevin no ouvido dela.

— Péssima hora, Beach! Ele te liga depois!

— Bota ele na linha, sua...

Ela encerrou a ligação e desligou o telefone.

— Fique concentrado. Você pode ligar de volta para ele quando a gente terminar aqui.

— Sem problema.

Bem, Kevin estava vivo. Ela supôs que isso fosse uma boa notícia. Só que alguém teria que dizer a ele que seus preparativos para a aposentadoria tinham ido por água abaixo e que seu amigo estava morto.

— O que você vai fazer? — perguntou Daniel. — Me conte o plano para eu saber o que esperar.

— Se eles tiverem fechado o portão, vamos passar derrubando-o. Isso vai chamar a atenção deles. A gente ajusta o plano se houver mais de quatro pessoas esperando. Acelere até a casa, depois vire à direita para que o seu lado do carro fique exposto. Se houver quatro indivíduos ou menos, você diminui a velocidade, mas não para. Eu salto. Com sorte, eles vão se concentrar em você. Continue avançando alguns metros, depois pare de dirigir e comece a atirar. Eu vou acertá-los pelo lado. Atire para matar. Vou tentar derrubar alguém com quem eu ainda possa falar. Estou torcendo para que esse alguém esteja desmaiado no meu quarto no andar de cima também. Vou levar o Einstein para manter os outros cachorros afastados de mim. O Khan fica com você. Se eles se esconderem dentro da casa, eu volto e a gente entra derrubando a parede.

— Estou vendo o portão. Está aberto.

— Toca para a casa.

Ele acelerou.

— Luzes! — disse ele no mesmo instante em que ela as viu. Faróis vindo no sentido contrário, aproximando-se depressa.

— Tire os óculos! Plano novo. Acerte-os. Com força. Passe por cima deles se puder. Prepare-se, não perca o controle do carro.

Ela agarrou o painel com uma das mãos e o banco com a outra. Daniel empurrou os óculos para a testa e pisou fundo no acelerador. Ela desejou que houvesse um jeito de prender os cachorros. Eles iam sentir a batida.

O outro carro não reagiu à investida deles até o último segundo, como se talvez os seus ocupantes estivessem olhando para trás e não para a frente. Ou, talvez, com os faróis e as lanternas apagados e a pintura preta fosca, o Humvee fosse basicamente invisível à noite.

Era um SUV de porte médio, branco. Quando os viu, o motorista deu uma guinada para a direita de Alex. Daniel virou bruscamente o volante para a mesma direção, e o Humvee arremeteu contra o lado do carona do SUV com

um barulho ensurdecedor de metal rasgando e o estalo explosivo do vidro blindado se estilhaçando. Os cachorros voaram para a frente. Ouviu-se uma barulheira de metal batendo em metal enquanto o corpo de Khan foi lançado pesadamente contra as costas dos bancos do motorista e do carona. A cabeça de Alex projetou-se para a frente, ficando a centímetros do painel, mas o cinto de segurança a puxou para trás. O SUV voou alguns metros, cambaleou um instante sobre duas rodas e, depois, chocou-se contra o solo, o lado do motorista primeiro. O farol do lado do carona estourou com outra explosão de vidro. Khan e Einstein ganiram, caindo no chão.

— De novo! — gritou ela.

Daniel arremeteu com a frente do Humvee no chassi do SUV. O metal protestou e chiou. O SUV deslizou pelo pátio como se tivesse o peso de uma caixa de papelão. Ela percebeu que não seria possível fazer com que o carro rolasse. Não havia nada contra o que empurrá-lo, só a relva sem fim.

— Me dê cobertura. — Ela tirou os óculos da cabeça dele. — Use a luneta de visão noturna no fuzil. Einstein, venha!

Alex não esperou por uma resposta. Saltou do veículo antes que ele parasse totalmente. As unhas de Einstein roçaram na parte de trás de seu jeans molhado quando ele correu para se juntar a ela. Ela precisava andar depressa, antes que os homens no carro conseguissem se recuperar do impacto. Antes que conseguissem reagir com suas armas automáticas.

Alex correu direto para o para-brisa, uma Glock firme em cada mão. Ela era melhor com a SIG Sauer, mas o confronto seria a uma distância extremamente curta, e ela provavelmente ia querer se livrar da arma quando a noite terminasse.

Tudo estava muito nítido através das lentes, um verde bem vivo com contrastes vibrantes. O farol do lado do motorista continuava aceso, mas estava enterrado no chão e, por isso, só emitia um brilho enevoado na poeira que havia sido levantada. A moldura do para-brisa estava totalmente vazia, e ela viu dois homens nos bancos dianteiros e dois airbags murchos devido ao impacto inicial. O motorista era um bolo ensanguentado, o cocuruto apertado contra a moldura da porta lateral, o pescoço grosso curvado num ângulo impossível. Ela viu um olho aberto, fitando-a sem enxergar. O homem parecia jovem, vinte e poucos anos, pele corada, cabelo claro e o tipo de anatomia exageradamente desenvolvida que gritava *anabolizantes*. *Talvez* ele fosse um agente, mas o resto de seu visual não combinava com essa função. O cabelo tinha uns vinte centímetros de comprimento e havia um diamante cravado no lóbulo da orelha que ela conseguia enxergar. Alex seria capaz de apostar que ele era um brutamontes de aluguel. Não tinha cara de alguém que tomava decisões.

O carona estava se mexendo, a cabeça balançando confusamente, como se ele estivesse voltando a si. Era mais velho do que o outro, talvez trinta e poucos anos. Moreno, com uma barba cerrada de três dias, corpulento na cintura, com

jeito de quem levantava muito peso. Ela apostava que ele era um touro. Estava usando um lustroso terno bem-cortado que parecia inadequado para aquele tipo de operação, mas que pareceu estranhamente familiar para Alex. Ainda preso ao banco, ele estava bem no nível dos olhos dela. Ela se aproximou depressa e encostou o cano da pistola na testa do homem, observando o que as mãos dele faziam. No momento, estavam vazias e inertes.

— Você está no comando? — perguntou ela.

— Hã? — gemeu ele.

— Quem é seu chefe?

— Acidente. Sofremos um acidente, Agente — disse ele, piscando no escuro. Seus olhos pareciam estar ligeiramente dessincronizados.

Ela mudou a abordagem, recolhendo a arma e suavizando a voz.

— Está chegando ajuda. Preciso saber quantos de vocês há aqui.

— Hum, seis...

Isso significava que havia mais quatro, possivelmente rumando na direção da batida naquele exato momento. Pelo menos os cachorros estavam começando a se reunir em volta dela, todos em silêncio graças à presença de Einstein. Ela se perguntou se os cães teriam se lembrado dela se estivesse sozinha.

— Senhor? — chamou ela, tentando imaginar como um policial falaria com alguém num acidente de automóvel. — Onde estão os outros?

— Caroneiros — disse ele, os olhos volúveis começando a se mover com mais determinação. — Os outros estavam de carona. Pegamos quatro homens e os deixamos aqui. Depois havia cachorros... cachorros doidos nos atacando. Pensei que fossem rasgar os pneus com os dentes.

Ele estava ganhando mais controle, contando a história com cautela. Cerrou o punho, depois relaxou. Ela tornou a levantar a pistola, mantendo os olhos nas mãos dele.

— Essas... pessoas que viajavam de carona se feriram no ataque?

— Acho que sim. Acho que uns dois deles. Os outros entraram na casa.

Então, com sorte, haveria apenas outros dois homens. Mas estaria esse sujeito no comando da operação? A idade estava correta. No entanto, ela captara algumas informações no tempo que passara em Chicago. Num ataque orquestrado, em geral os caras deixados no carro tinham postos inferiores na hierarquia. O motorista era secundário. O astro do show seria aquele com o qual o contrato era firmado. O que tinha as habilidades.

— Acho que preciso de um médico — queixou-se ele.

— Uma ambulância está a caminho.

A luz do único farol sobrevivente do SUV estava quase totalmente bloqueada por capim grosso e terra, mas era suficiente para que os olhos dele começassem a se adaptar. Ela viu que eles se arregalaram quando o homem se deu conta de que havia uma arma em seu rosto.

Ele tentou agarrar algo dentro do casaco. Ela deu um tiro em seu ombro direito. Não queria mirar na mão e correr o risco de a bala perfurá-la e atingir um órgão vital. Ainda não esgotara as perguntas.

Ele gritou, e seu braço direito pulou num espasmo de dor, lançando sangue no pescoço e no queixo dela. A arma que ele tentara alcançar lhe escorregara da mão, batera na cara de seu companheiro morto e, em seguida, quicara para fora do carro e caíra no sapato dela. Ela sabia que o homem carregaria mais armas além daquela, então mirou para baixo e acertou-o na palma da mão direita.

Ele uivou de novo e fez força contra o cinto de segurança, como se estivesse tentando se atirar em cima dela através da moldura vazia do para-brisa. Havia algum problema com as pernas dele — ele não conseguia encontrar o ponto de apoio que procurava.

A ação eriçara os cachorros, que agora estavam rosnando. Einstein se lançou no lado do carona do carro, que no momento era o lado de cima. Apoiando as patas na moldura do vidro que faltava, espichou o pescoço para dentro do SUV e abocanhou o ombro direito do homem. O ombro que acabara de levar um tiro.

— Tire ele de cima de mim! Tire ele de cima de mim! — gritou o homem, apavorado.

Ela aproveitou a distração total dele para agarrar a arma a seus pés. Era um calibre .38 barato, destravado.

— Einstein, controle! — ordenou Alex, voltando a ficar de pé. Era o único comando de que se lembrava, além de *protocolo de fuga* e *descansar*. *Controle* parecia mais próximo do que ela queria. Einstein soltou o ombro, mas manteve os dentes bem próximos ao rosto do sujeito, deixando uma saliva sanguinolenta lhe pingar na pele.

— *Quem é você?* — gritou o homem.

— Sou a pessoa que vai mandar este animal morder a sua cara se você não me disser o que eu quero saber nos próximos trinta segundos.

— Tire esse bicho daqui!

— Quem está no comando?

— O Hector! Ele contratou a gente!

— Cadê ele?

— Na casa! Ele entrou e não saiu. O Angel entrou atrás dele e não saiu. Os cachorros iam arrancar as portas do carro! A gente caiu fora!

— Quem estava no fuzil de precisão? O Hector?

Einstein estalou os dentes a centímetros do nariz do homem apavorado.

— Isso! Isso!

Ela nunca pensara em usar animais num interrogatório, mas Einstein se mostrava um trunfo inesperadamente eficaz.

— O Hector ia fazer o serviço?

— É!

— Quem era o alvo?

— Não sei! Nossa tarefa era só dirigir e atirar em qualquer pessoa que tentasse sair.

— Einstein, *pega ele!*

Não foi a melhor improvisação. Os olhos de Einstein passaram para ela, claramente confusos. Isso não teve importância para o homem no SUV.

— *Não, não!* — gritou ele. — Eu juro! O Hector não contou nada para a gente. Aqueles matadores porto-riquenhos não contam nada a ninguém de fora da organização!

— Como vocês encontraram este lugar?

— O Hector deu os endereços!

Plural?

— Mais de um?

— Tinha três casas na lista! A gente fez a primeira mais cedo. O Hector disse que era o lugar errado!

— O que vocês fizeram lá?

— O Hector entrou. Cinco minutos depois, saiu. Disse para a gente passar para a seguinte.

— Isso é tudo que você sabe?

— Sim! Sim! Tudo!

Ela lhe deu dois tiros na cabeça com a arma dele.

Havia uma contagem regressiva correndo em sua mente. Ela não tinha ideia de quanto tempo se passara no processo de soltar os cachorros, descer o rio e carregar o Humvee. Não sabia quando Hector entrara na casa nem quanto tempo levara para chegar ao quarto dela. Mas sabia que a lata pressurizada de gás que armara ali continuaria a expelir silenciosamente as substâncias químicas por cerca de quinze minutos após alguém abrir a porta. Uma vez esgotado o conteúdo, ela teria talvez mais trinta minutos, dependendo do tamanho da pessoa envolvida, antes que a presa estivesse de novo em pé. Ia ser apertado.

Ela pulou no Humvee, segurando a porta para Einstein poder entrar. Jogou os óculos de volta para Daniel, captando apenas um vislumbre de seu rosto antes de voltar a ficar cega. Tudo o que conseguiu enxergar foi a expressão tensa dele.

— Vamos para a casa. O mesmo plano de antes se alguém sair. Pare longe o suficiente para que você consiga ver as laterais. Fique atento para se alguém tentar contornar a casa.

— Os cachorros vão me informar se virem alguma coisa.

— Certo — concordou ela. A matilha tinha mais vantagens do que ela pensara.

Ela tirou a pistola do coldre e guardou a Glock em seu lugar. Enfiou o calibre .38 no cinto, meteu a pistola na sacola a seus pés e, depois, vasculhou esta sacola, identificando pelo tato os itens de que precisava. Trocou o boné à prova de bala pela máscara de gás, ajustou-a rapidamente sobre sua boca e seu nariz,

atarraxou o filtro, depois pegou mais duas latas pressurizadas, lacres de plástico, luvas finas e sua caixa de brincos. Guardou tudo nos bolsos do colete. Tirou o pesado alicate por último e enfiou-o no cinto ao lado do coldre vazio, um cabo para dentro, outro para fora. Embora a ferramenta fosse compacta para as capacidades que possuía, os cabos quase alcançavam os joelhos de Alex. Dificultariam um pouco seus movimentos, mas ela precisaria do instrumento se as coisas caminhassem como queria.

Não tinha tempo de pensar no que Daniel poderia estar processando naquele momento, no que ele poderia sentir em relação a ela depois de vê-la matando um homem incapacitado.

A casa surgiu à frente, todas as janelas do andar de baixo acesas. As do andar de cima eram protegidas com black-out, então ela não conseguia saber se as luzes estavam acesas ou não.

— Você está vendo alguém?

— Um corpo... lá. — Daniel apontou para o pavilhão.

— A gente precisa se certificar de que ele está morto.

Ainda havia três homens que não tinham aparecido. Quanto menos sobreviventes, maiores as chances dela.

— Tenho quase certeza de que está. Parece que... não está inteiro.

A voz dele pareceu ecoar. A dela, não.

— Ótimo.

Ela não via ninguém perto da casa. Aparentemente, os sujeitos não eram burros o suficiente para ir correndo ver o que se passava do lado de fora. Nenhum vulto apareceu nas janelas. Eles teriam sem dúvida apagado as luzes se fossem atirar de uma delas. Talvez no andar de cima... as janelas estavam tão completamente tapadas que ela não conseguia identificar exatamente onde ficavam. Ou o black-out tinha sido puxado e alguém estava observando de um quarto escuro.

— Você consegue enxergar as janelas do segundo andar?

— Parecem estar todas tapadas — disse Daniel.

— Tudo bem, comece a diminuir a velocidade. Dois segundos depois de saltarmos, pare e fique preparado para atirar.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Entendi.

— Einstein, venha cá. Prepare-se.

Daniel enviesou o carro, deixando seu lado virado para as luzes da casa. Ela torceu para estar invisível do lado escuro do veículo. Abriu a porta e deslizou para a relva que se movia lentamente no chão. Tentou recriar o movimento que vira em inúmeros filmes: caiu ajoelhada, depois rolou para o lado quando Einstein pulou por cima dela. Tinha certeza de que caíra do jeito errado, mas não saberia *quanto* até que o efeito do *Sobrevida* passasse.

Esquecera-se de mandar Daniel fechar a porta e trancar tudo, mas isso era questão de bom senso, e ele parecia estar pensando rápido. Era possível que, mais uma vez, a responsabilidade disso fosse da genética: ele tinha predisposição para esse tipo de situação, assim como o irmão. De qualquer forma, se alguém tentasse entrar no carro, Khan estaria esperando. Ela podia imaginar como seria se um homem que já tivesse sido assaltado por dezenas de cães de ataque desse de cara com Khan no escuro, em posição superior. Isso sem dúvida afetaria a mira e o tempo de reação do sujeito.

Embora estivesse com as luvas, rastejar pelo cascalho seria atroz se ela não tivesse se drogado. Enquanto se afastava do Humvee, ouviu o rumor das patas de sua matilha se aproximando no mato seco — não só Einstein, mas as dezenas de outros sobreviventes. Ela nunca tivera um respaldo assim antes. Um atirador que observasse do alto teria dificuldade de distingui-la em meio aos animais.

Ela se agachou ao lado da varanda. O Humvee estava parado agora. Ouviu a porta bater. Um gemido baixo, bem perto de sua cabeça, a paralisou. O gemido silencioso se repetiu. Não era um som humano.

Ela se içou para a varanda, rolou sob a balaustrada e, depois, ficou agachada abaixo das janelas. Lola estava lá, encolhida no canto do fundo. Alex sabia que, mesmo machucada, a cachorra daria o alarme se outra pessoa estivesse perto. Arrastou-se em direção à cadela, as mãos enluvadas deslizando num rastro de sangue. Lola levantou a cabeça de leve, e seu rabo abanou uma única vez.

— Vai dar tudo certo, Lola. Já volto. Aguenta aí, está bem?

Fez um carinho nas orelhas da cachorra, que arfou baixinho.

Einstein esperou no escuro perto da porta. Alex se arrastou até ele.

— Fique com Lola, Einstein.

Ela não foi capaz de interpretar o olhar que ele lhe deu. Esperava que ele tivesse entendido. Dessa vez, precisava entrar sozinha na casa.

Se sobrevivesse à noite, ia procurar uma máscara de gás para cães.

Alex se agachou ao lado da porta e inseriu os brincos com cuidado. Eram delicados e elaborados e destoavam do resto de seu aparato sério, mas ela não tinha tempo para se preocupar com aparências. Além do mais, a situação poderia muito bem se tornar violenta. Pegou a lata maior do bolso da frente do colete, desatarraxou a tampa, abriu a porta e atirou o objeto para dentro de casa.

Não houve reação. Nada de grito, barulho ou passos recuando enquanto o gás se espalhava pelo cômodo. Ela esperou dois segundos, depois se levantou mais um pouco e passou correndo agachada pela porta com a Glock na mão direita e a escopeta na esquerda. Ela era desajeitada com a esquerda, mas, com uma arma daquelas, ninguém precisava ter boa pontaria de perto.

Não se deu ao trabalho de revistar o primeiro andar. Qualquer um que tentasse ir atrás dela nos cinco minutos seguintes sem máscara de gás seria derrubado rapidamente. Ela repassou todos os acontecimentos em sua mente ao se

encaminhar para as escadas. Hector tinha entrado na casa, procurando Daniel, ou Kevin, ou ambos. Como ele entrara sozinho, ela desconfiava de que só estivesse em busca de duas pessoas. Com Arnie liquidado, pensaria que era um contra um. Mesmo assim, precisava ter muita confiança em suas próprias habilidades para entrar sozinho.

Ele teria precisado verificar todos os cômodos do andar de baixo. Depois teria experimentado as portas do andar de cima.

Ela agora estava na metade da escada. Lá embaixo, a névoa que se propagava da lata era pesada, portanto não estava subindo com ela. Erguendo os olhos, viu que a porta do quarto de Daniel estava aberta, assim como a do banheiro. Havia luz se derramando da extrema direita. Só podia ser o seu quarto de guardados.

Pôs a escopeta no coldre, subiu furtivamente o resto da escada, pousou os cotovelos no primeiro degrau da descida e se inclinou ao redor da beira da balaustrada.

Havia um homem no chão do corredor, vestido com uma calça preta resistente e botas de combate. Sua cabeça e seus ombros estavam apoiados em outro conjunto de pernas que saía do quarto dela, estas com uma calça semelhante, mas calçando tênis pretos em vez de botas.

Se o homem de terno tivesse descrito os acontecimentos corretamente, Hector devia ser o sujeito caído no quarto dela. Ele teria aberto a porta, acendido a luz e caído. Após alguns minutos, Angel teria ido ver se ele precisava de ajuda, então veria as pernas do parceiro e deslizaria ao longo da parede de arma em punho até que o gás o dominasse.

Ela não tinha noção de quanto tempo fazia que eles estavam no chão.

Até agora, parecia que o homem de terno tinha sido bastante honesto com ela. Isso fez com que ela se sentisse segura o suficiente para guardar a Glock no coldre e pôr mãos à obra. Primeiro, pegou a arma que encontrou nas mãos do primeiro homem e a jogou por cima da balaustrada para o andar de baixo. Havia outra arma enfiada na parte de trás da calça do sujeito — esta também foi por cima da balaustrada. Ela não tinha tempo para revistá-lo com mais cuidado. Desejou poder injetar-lhe alguma substância que o deixasse quieto, mas, diferentemente do gás, que desapareceria do organismo na meia hora seguinte, a sedação com duração maior permaneceria na corrente sanguínea do homem, delatando-a para qualquer um que desconfiasse de que ela podia estar ali. Prendeu com lacre de plástico as mãos dele atrás das costas e, depois, os tornozelos.

Hector era mais baixo do que Angel, que era parecido com o louro morto no SUV a não ser pela cor da pele e do cabelo. Tanto Hector quanto Angel tinham cabelo escuro, como ela imaginara depois de ouvir a descrição do cara de terno. Hector não tinha mais que uma altura mediana e era magro, em forma, mas não

de um jeito que chamasse atenção na rua. Estava barbeado e sua pele não tinha marcas, pelo menos nas partes que ela podia ver. Usava uma camiseta preta de manga comprida. Angel tinha tatuagens em três dedos e em um dos lados do pescoço. Hector era mais esperto. Se a pessoa fosse viver de trabalho sujo, era melhor passar despercebida, evitar características que quaisquer testemunhas pudessem descrever com facilidade para o policial que fazia retrato falado.

Havia uma enorme Magnum com silenciador a centímetros da mão direita de Hector. O fuzil de precisão estava pendurado nas costas. Ela puxou o pente do fuzil, pegou as duas armas e as carregou até o corredor para jogá-las por cima da balaustrada. Ouviu quando elas bateram na madeira de lei no andar de baixo. Uma delas deu um estalo metálico quando atingiu as armas que haviam sido descartadas antes.

Voltou para amarrar Hector.

O corpo que jazia no quarto de guardados tinha sumido.

Ela arrancou a escopeta do coldre e se encostou na parede ao lado da porta. Não ouviu nenhum barulho. Ele teria que passar pela porta. Quando fizesse isso, ela atiraria nele. Mesmo o assassino mais experiente ficaria incapacitado com as pernas estouradas.

No entanto, o movimento que se seguiu não surgiu através da porta. Angel começou a se contorcer, gemendo em espanhol. Na fração de segundo em que Alex se distraiu, uma sombra se levantou de cima do corpo de Angel e voou para cima dela, fazendo com que ela derrubasse a escopeta e caísse no chão, junto com o homem. Ela se preparou para o impacto mesmo enquanto lutava com as mãos que tentavam pegar a arma que carregava na cintura. As mãos dele eram mais fortes do que as dela, mas aí veio o estrondo e, com ele, o estilhaçar de pequeninas lâmpadas de vidro.

Ela sentiu o gás escaldante lhe queimar o pescoço, a pele exposta em volta da base da máscara, e soube que provavelmente passaria algumas horas com o aspecto de quem tinha sofrido uma queimadura de sol. No entanto, seus olhos e seus pulmões estavam protegidos.

Seu atacante não estava preparado. Engasgou, as mãos voando automaticamente para a garganta, para os olhos cegados. Ela girou, o calibre .38 já sacado, e atirou, mirando no joelho dele. Em vez disso, acertou-o na coxa esquerda.

Ele caiu para o lado atingido e rolou ao encontro de Angel, que se debatia agora, fazendo força para arrebentar os lacres de plástico dos pulsos. As tiras eram resistentes, mas ele era um homem forte.

Ela não seria capaz de lidar com os dois. Teria que escolher. Depressa.

A cabeça de Angel era a coisa mais próxima dela. Disparou duas vezes bem no cocuruto. Ele tombou, flácido.

Hector arfava e esfregava os olhos ao mesmo tempo que tentava rolar para

longe dela, na direção dos degraus. Ela correu atrás dele, sem se afastar da parede, para se manter fora de seu alcance. Ele ainda não estava suficientemente no controle para tentar agarrá-la. Alex sacou o alicate da cinta e bateu com toda a força na parte de trás da cabeça do homem. Os movimentos desordenados dele pararam bruscamente.

Esse esforço todo seria um desperdício se ela o tivesse matado, mas era preciso amarrá-lo antes de verificar a pulsação dele.

Por segurança, ela atirou mais uma vez no joelho esquerdo dele, depois jogou o calibre .38 por cima do corrimão para o andar de baixo. De qualquer forma, só restava uma bala nele. Usou mais lacres de plástico para prender a perna direita ilesa e o braço direito de Hector à balaustrada. Ele não seria capaz de fazer muita coisa com a perna esquerda. Por falta de opção melhor, prendeu-lhe a mão esquerda à bota preta de Angel. O corpo inerte de Angel devia pesar no mínimo cento e vinte quilos. Era melhor do que nada. Alex tocou no pulso de Hector, ligeiramente satisfeita de localizar uma pulsação regular. Ele estava vivo. Ela teria que esperar para ver se suas funções cerebrais tinham sido preservadas.

Decidiu dobrar a quantidade de lacres, por via das dúvidas. Enquanto apertava o segundo cabo em volta da bota de Angel, ouviu a mudança na respiração de Hector quando ele voltou a si. O homem não gritou, embora sem dúvida estivesse com uma dor absurda. Isso não era um bom sinal. Ela já interrogara outros soldados calejados com bom controle de suas reações à dor. Demorava muito para domá-los.

Mas aqueles homens eram leais a seus companheiros ou a suas missões. Ela estava segura de que os sujeitos em questão eram assassinos contratados. Hector não deveria nada às pessoas que tinham lhe dado o serviço.

Ela se afastou alguns passos segurando firme a Glock, observando qual seria a eficácia de seu sistema de contenção. Estava escuro demais. Levantou-se e recuou para a porta do banheiro, mantendo os olhos na figura no chão. Foi tateando às suas costas até descobrir o interruptor, então acendeu a luz.

O rosto de Hector estava virado para ela. Seus olhos escuros, embora ainda lacrimejando, estavam concentrados. Ele não demonstrava nenhum sinal da dor que estava sentindo. Exibia um olhar desconcertante, embora as feições fossem, em outros sentidos, algumas das mais comuns que ela já vira. Possuía traços regulares e insignificantes. Não era atraente, mas também não era feio. Tinha um rosto do tipo que seria extremamente difícil de se escolher numa fila de suspeitos.

— Por que você não me matou? — perguntou ele, a voz rouca por causa das substâncias químicas. Fora isso, tinha uma voz comum. Nenhum sotaque. Poderia ser âncora de um telejornal. Sua fala não dava nenhuma pista de onde ele nascera.

— Quero saber quem contratou vocês.

A voz de Alex saiu áspera, ligeiramente distorcida pela máscara. Parecia um pouco menos humana. Ela esperava que isso o desconcertasse.

Ele assentiu uma vez, como se o gesto fosse direcionado a si próprio. Ela viu mudanças mínimas em suas mãos enquanto ele testava as amarras.

— Por que eu contaria qualquer coisa para você?

Ele não disse isso de um jeito zangado nem como um desafio. Pareceu apenas curioso.

— Você tem alguma ideia de quem eu sou? — Ele não respondeu, a expressão neutra. — Essa é a primeira razão pela qual você deve me contar tudo o que sabe... porque quem quer que tenha te mandado aqui não te deu a informação de que você precisava para ser bem-sucedido. Eles não te prepararam para o que você enfrentaria. Você não deve nada a eles.

— Eu não devo nada a *você* — ressaltou ele, ainda com um tom de voz educado, coloquial. Seus dedos se esticaram para baixo, tentando alcançar o lacre.

— Não, não deve. Mas, se você não falar comigo, eu vou te machucar. Essa é a segunda razão.

Ele pesou as palavras dela.

— E a terceira razão... se eu falar, você me deixa vivo.

— Você acreditaria em mim se eu prometesse isso?

— Humm. — Ele suspirou. Pensou um pouco e depois respondeu: — Mas como você vai saber se deve acreditar no que eu contar?

— Eu sei quase tudo. Só quero que você preencha alguns detalhes.

— Infelizmente acho que não vou ser de grande ajuda. Eu tenho um gerente. Ele trabalha como intermediário. Eu nunca vi a pessoa que pagou pelo serviço.

— Apenas me conte o que o seu gerente disse.

Ele pensou nisso, depois se mexeu como se quisesse encolher os ombros.

— Não gostei da sua oferta. Acho que você podia melhorar.

— Então vou ter que persuadi-lo.

CAPÍTULO 19

Ele observou com cara de paisagem enquanto ela enfiava a Glock no coldre e pegava o alicate corta-cabos do chão ao lado da perna de Angel.

Ela tinha considerado trazer o ferro de solda. O fogo podia ser mais doloroso do que praticamente qualquer coisa, além de ser motivo de fobia para muita gente. Mas Hector era um profissional. Ela não tinha tempo de fazê-lo ceder com dor. Sua resistência seria alta demais. O que o assustaria mais do que a agonia seria perder a precisão. Se não tivesse o dedo que usava para pressionar o gatilho das armas, ele não poderia fazer o seu trabalho. Ela começaria com algo menos vital, mas ele seria capaz de ver o inevitável chegando. Se conseguisse sobreviver a essa noite, ele iria querer sair disso mantendo a funcionalidade das mãos. Portanto, teria que falar para atrasá-la.

A mão esquerda de Hector era a mais conveniente. Quando ela encaixou as lâminas de aço em seu dedo mínimo, ele cerrou o punho e lutou ainda mais contra as amarras. Ela segurava os cabos do alicate com firmeza, tendo em mente o que pensaria se estivesse na posição dele — se ele pudesse pegar a ferramenta, teria uma chance de se libertar. Obviamente, tentou chutá-la com a perna esquerda, apesar da dor absurda que isso deve ter lhe causado. Ela se esquivou do golpe, chegou um pouco mais para perto dele, depois tornou a encaixar o alicate na base de seu dedo dobrado.

A ferramenta era feita para cortar vergalhão, e ela mantinha as lâminas afiadas. Não exigiria muita força de sua parte fechar o alicate no dedo dele.

Observou a reação do homem, debatendo-se em vão contra as amarras. Sua cara ficou roxa e as veias pulsavam em sua testa. Ele não gritou, apesar de ter sufocado um berro e arfado.

— Às vezes as pessoas não acreditam que estou falando sério — disse. — É bom acabar com esse equívoco.

No momento, Hector estaria pensando em quanto tempo teria antes que fosse tarde demais para reimplantar um dedo. Ele poderia viver sem o mindinho, mas precisava das mãos, e devia saber que ela não ia parar por ali.

Ela enfatizaria o argumento dela.

Pegou do chão o dedo quente e ensanguentado e foi para o banheiro andando de costas, mantendo contato visual enquanto ele se contorcia nas amarras. Nem mesmo os melhores lacres de plástico eram infalíveis. Ela se assegurou de que ele estava olhando quando jogou o dedo na privada e deu descarga. Agora ele sabia que ela não estava lhe deixando opções. Ela torcia para que isso o

encorajasse a lhe dar depressa o que queria.

— Hector — disse enquanto ele olhava fixamente para ela, rangendo os dentes e lutando para controlar a dor. — Não seja burro. Não vai doer nada se você me disser o que eu quero saber. Se você não disser, *vai doer*. Os seus dedos indicadores serão os próximos, depois os restantes. É isso que eu faço, e posso continuar fazendo pelo tempo que precisar. Você não vê? Eles mandaram você atrás das pessoas erradas, Hector. Não lhe contaram nada sobre o que você teria pela frente. Simplesmente o *entregaram* a mim. Por que protegê-los?

— Você vai atrás deles em seguida? — grunhiu ele, com os dentes rangendo.

— Claro.

Os olhos dele estavam cheios de veneno e ódio. Ela já tinha visto esse olhar no passado, mas de uma posição bem mais protegida. Se de alguma forma ele pusesse as mãos nela, se seus papéis se invertessem, ela faria o possível para morrer imediatamente.

— Eu não vim atrás de você — soltou ele, relutante — Me mandaram matar um homem. Recebi uma foto. Disseram que haveria um segundo homem, mas que o segundo seria fácil. O primeiro seria difícil. Eu nunca vi esse homem.

— Quando foi contratado?

— Ontem à noite.

— Depois você reuniu uma ajuda extra e veio hoje — estimou ela. — De onde?

— Miami.

— Como você soube para onde ir?

— Me deram três endereços. Este foi o segundo que tentei.

— Acho que não preciso perguntar o que aconteceu no primeiro.

A fúria em ebulição dentro dele se transformou num sorriso maligno.

— Eles eram velhos. Um homem e uma mulher. Não se encaixavam na descrição, mas eu fui bem pago. Não custa nada ser rigoroso, e só usei duas balas.

Ela assentiu. Ele não conseguia ver sua expressão por trás da máscara, mas ela manteve as feições relaxadas por hábito.

— Qual é a distância daqui para a outra casa?

— Quinze minutos de carro a sul da cidadezinha.

— De onde vieram os endereços?

— Ninguém me disse isso. Não perguntei.

Ela levantou o alicate.

— Nenhum palpite?

— O outro lugar não tinha nada a ver com esse. Não vi nada em comum.

Poderia ser mentira, só que faria mais sentido se fosse verdade. Por que Carston ou quem quer que estivesse dando as cartas na Agência precisaria dar ao assassino outros endereços, e não apenas o do local onde os dois estavam?

Ela quebrou a cabeça por um instante, tentando pensar em outra linha para explorar. Ela não tirava os olhos das mãos dele. Que fatores podiam ligar a casa de Arnie a outras aleatórias? Que semelhança geraria uma lista de endereços que, à primeira vista, não teriam ligação uns com os outros?

Aflita, pensou numa possibilidade. Uma de que não gostou muito.

— Que tipo de carro estava na entrada do primeiro lugar?

Ele pareceu surpreso com a pergunta.

— Uma picape velha.

— Branca?

— Com um trailer preto.

Ela cerrou a mandíbula.

Então eles tinham dado uma boa olhada na picape de Arnie — a caminhonete que ele descrevera era igualzinha a outras duas que havia na cidade. Eles deviam ter conseguido uma imagem de Daniel, do contrário não teriam tanta certeza da marca e do modelo. Daniel teria tido que descer a rua principal, passando pelo banco. Provavelmente foi assim que eles fizeram a imagem. Por que se dar ao trabalho de interrogar a garota que ligou a respeito do professor desaparecido? Bastava pegar a filmagem da câmera de circuito fechado da cidade e conseguir uma evidência sólida, depois ligar para o Departamento de Veículos Motorizados. Eles não tinham tudo — se as placas das caminhonetes estivessem nítidas, aquele casal do outro lado da cidade não teria morrido. Mas eles sabiam que Daniel estava vivo porque Kevin não teria cometido esse erro. E, mesmo no vídeo em preto e branco com pouca resolução, Daniel não se parecia exatamente com Kevin se a pessoa soubesse o que procurar.

Ela precisava da picape de Arnie. Precisava desesperadamente. Eles não podiam exatamente atravessar a cidade no Batmóvel sem serem notados. Onde ela iria conseguir outro veículo por ali?

Deu um passo atrás, sentindo-se cansada. Tinha tido um bom lugar para descansar, mas agora a caçada havia recomeçado. Nem tinha importância que, muito provavelmente, os bandidos pensassem que ela tivesse morrido. Porque eles sabiam que Daniel estava vivo.

Fardo.

A mão direita de Hector estava ocupada. Ele estava arranhando o lacre com a ponta dos dedos, quase deslocando o pulso para conseguir fazer isso. Não parecia que estivesse tentando rompê-lo nem chegar à trava do lacre. O que estava fazendo? Ela estendeu o braço para pegar a Glock. Provavelmente seria mais seguro dar um tiro naquela mão...

Um disparo violento explodiu no silêncio, muito mais alto do que ela esperaria que soasse fora da casa. Daniel...

Seus olhos moveram-se na direção de onde veio o tiro, embora ela soubesse que não deviam. Na fração de segundo que levou para trazê-los de volta

enquanto sacava a Glock do coldre, os dedos de Hector encontraram o que procuravam. Ele puxou do punho da manga uma lâmina serrilhada de treze centímetros. Em seguida, serrou o lacre retesado, que arrebentou com um estalo seco. O mesmo movimento se transformou num arremesso. Ela disparou no corpo dele ao mesmo tempo que a lâmina voou em seu rosto. Ela tentou se esquivar enquanto continuava atirando, sem ligar para a súbita pressão, que não era exatamente dor, cortando sua mandíbula — ainda não era dor, mas logo seria, quando passasse o efeito da droga. Ela sentiu o calor do sangue cobrindo o pescoço enquanto atirava no peito de Hector até esvaziar o carregador.

Hector jazia imóvel, os olhos abertos a encaravam, mas já sem foco.

Com movimentos bruscos e rápidos, passou um pano na Glock e a jogou por cima do corrimão, limpou e guardou o alicate e buscou a escopeta no fundo do corredor, tentando se concentrar no que fazer em seguida. Ela não sabia o que a esperava lá fora. Descia sorrateiramente os degraus, e seus dedos trabalhavam depressa para avaliar o novo estrago. A lâmina do assassino errara por um triz a sua carótida, atingindo o canto inferior da mandíbula e cortando o lóbulo da orelha até a metade. O pedaço solto balançava encostando no pescoço. *Lindo.*

Ela puxou o que sobrou do brinco de seu lóbulo esquerdo ferido. Só restou o gancho da joia, além de alguns fragmentos minúsculos de vidro fino ainda presos no arame retorcido. Em seguida, ela tirou o brinco direito, guardando as duas peças em um dos bolsos do colete tático, pois não seria sábio deixar tamanha evidência para trás. Até mesmo algo tão pequeno poderia ser uma pista para seus inimigos, que teriam uma razão para acreditar que ela estava viva.

No térreo, tirou um segundo para dar uma rápida olhada em Arnie. A cara dele estava virada para o chão. Ela só viu o que tinha sobrado da parte de trás de sua cabeça. Era óbvio que ele não tinha sofrido, mas não chegava a ser um grande consolo.

Ela planejara reunir provas quando saísse, mas não sabia se teria tempo para isso agora. Os cachorros estavam em silêncio — significava que estava tudo bem?

Bom, depois do tiroteio lá em cima, ela já esperava que qualquer pessoa do lado de fora tivesse ciência de sua presença. Ela se esgueirou até a porta e se agachou ao lado, abaixo, pensou, do que seria o alvo de qualquer um que atirasse através do drywall. Esticou o braço e abriu uma fresta da porta. Ninguém atirou nela.

— Daniel? — gritou bem alto.

— Alex! — gritou ele de volta.

Pela voz, pareceu tão aliviado quanto ela de repente se sentiu.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Sim. E você?

— Estou saindo. Não atire.

Ela passou pela porta da frente com as mãos ao alto, por via das dúvidas. Einstein levantou-se de um pulo de onde estava, ao lado de Lola, e ficou atrás dela.

Ela abaixou os braços e correu para o Humvee. O veículo só estava iluminado pela luz que vinha da porta da frente e das janelas, mas, daquela perspectiva, parecia ter saído absolutamente ileso do acidente proposital deles.

Daniel saltou do banco da frente.

— E o tiro? — perguntou ela, baixando a voz ao se aproximar.

Os cachorros ao redor do Humvee pareciam bastante relaxados, mas...

— O último homem. Ele deve ter escalado a lateral da casa para fugir dos cachorros. Estava tentando dar a volta para chegar ao telhado da varanda.

Daniel apontou o fuzil para uma silhueta caída no cascalho perto do canto direito da casa. Ela empurrou a máscara para a testa, passando-a com cuidado para que as tiras no lado esquerdo não tocassem a orelha. Olhou para a direção apontada pelo fuzil e se aproximou da figura estropiada. Einstein a seguia como uma sombra. Um grande pastor-alemão andava de um lado para outro a certa distância, parecendo não se interessar pelo corpo.

Einstein de repente acelerou e a ultrapassou. Farejou o corpo algumas vezes, enquanto ela seguia com cautela, e depois se virou para ela de rabo abanando.

— Isso quer dizer que a barra está limpa? — murmurou ela.

Ele continuou abanando o rabo.

Ela se inclinou para olhar mais de perto. Não demorou muito tempo para ver tudo o que tinha para ver. Impressionada, virou-se e voltou para o Humvee. Daniel estava parado junto à porta aberta do lado do motorista, dando a impressão de não saber bem o que fazer. Ainda não parecia estar tendo nenhum tipo de choque.

— Belo tiro — disse ela.

Uma bala entre os olhos, literalmente. Não podia ter sido melhor.

— Eu não estava muito longe.

Ele se aproximou, e suas mãos enluvadas envolveram firmemente os braços dela. Depois suspirou e girou para o lado, virando-a para que a luz já não estivesse atrás dela.

— Quanto desse sangue é seu?

— Não muito — disse ela. — Estou bem.

— Sua orelha!

— É, isso não vai ajudar muito, vai? Você é habilidoso com agulha e linha?

A cabeça dele deu um solavanco para trás com a surpresa.

— O quê?

— Não é difícil. Eu posso ir dizendo o que é para fazer.

— Hum...

— Uma coisa primeiro.

Ela se desvencilhou dele e subiu correndo os degraus da varanda. Lola continuava encolhida no mesmo lugar. Levantou a cabeça e balançou o rabo languidamente quando viu Alex.

— Ei, Lola, sua linda. Deixa eu dar uma olhada em você.

Alex se sentou de pernas cruzadas na frente dela. Afagou o flanco de Lola com uma das mãos enquanto procurava o ferimento com a outra.

— Ela está bem? — perguntou Daniel com doçura.

Ele estava do outro lado da balaustrada da varanda, os cotovelos pousados na beira das tábuas do piso. Parecia relutar ao máximo em se aproximar da casa. Ela não o censurava. Lola gemia quando Alex apalpava suas patas.

— Ela perdeu sangue. Parece que a bala atravessou a perna traseira esquerda dela. Não sei se atingiu o osso, mas a bala com certeza saiu do outro lado. Ela teve sorte.

Ele esticou o braço através das ripas para fazer carinho no focinho de Lola.

— Coitadinha.

— As coisas na traseira do Humvee devem estar uma zona total. Vou catar o kit de primeiros socorros. Mantenha Lola tranquila, ok?

— Claro.

Einstein acompanhou Alex até o veículo, assim como a seguira até a varanda. Ficou surpresa com o incentivo que aquela companhia silenciosa proporcionava, assim como a segurança, apesar de todas as provas conspirando contra.

Ela abriu a traseira do Humvee, e um impaciente Khan quase a derrubou no chão. Ela desviou no exato momento em que o cachorro saltou em cima dela. Ela imaginou que o compartimento de carga fosse apertado para ele, embora houvesse espaço de sobra quando ela entrou.

Armas e munições estavam espalhadas de qualquer maneira, balas soltas rolando embaixo de seus joelhos. Não havia tempo para organizar aquilo tudo. Sua conversa com Hector fora interrompida prematuramente, e ela não tinha conseguido fazer uma última pergunta vital. *O que acontece quando o trabalho é concluído?* Quem estava esperando uma ligação, e quando? Pelo menos havia a terceira casa ainda à espera. A menos que Hector tivesse feito uma ligação entre a primeira parada e a segunda.

Teria ele ligado para seu gerente, dito para qual endereço tinha ido e para qual partiria em seguida? Estaria o agente aguardando outra ligação? Ele já teria se dado conta de que a ligação estava atrasada?

Ela localizou a sacola que continha o kit de primeiros socorros. Não havia nada que pudesse fazer agora senão andar depressa e tomar as decisões certas. O único problema era que ela ainda não sabia exatamente que decisões eram essas.

— Tudo bem — bufou ela ao voltar com Einstein para junto de Lola.

Ajoelhou-se ao lado das patas da cachorra e logo se deu conta de que estava escuro demais para ver o que estava fazendo.

— Preciso que você traga o Humvee e ilumine um pouco a área por aqui — pediu ela.

Daniel afastou-se depressa da varanda, acompanhado por uma sombra descomunal: Khan ainda em serviço. Ela se perguntou como Khan e Einstein tinham decidido trocar tarefas. Tirou as luvas táticas e substituiu as luvas de látex ensanguentadas por um novo par. Estava injetando um sedativo suave em Lola no instante em que as luzes potentes do Humvee irromperam através das ripas da balaustrada. Mudou de posição para que o clarão abarcasse o ferimento do animal, e não o rosto dela. Parecia que a bala tinha entrado por um lado e saído por outro. Esperou as pálpebras de Lola fecharem antes de começar a limpar a ferida. A perna de Lola estremeceu algumas vezes, mas ela não chorou. Antisséptico, depois pomada, depois gaze, depois uma tala e mais gaze. Devia sarar bem, se ela conseguisse manter Lola afastada do curativo.

Ela suspirou. O que iam fazer com todos esses cachorros?

— E agora? — perguntou Daniel quando ela terminou.

Ele estava no chão ao lado da varanda, fuzil em punho, examinando as planícies escuras ao redor.

— Você consegue dar uns pontos na minha orelha, aproveitando que eu trouxe o kit para cá?

Daniel se mostrou reticente.

— Não vou fazer direito.

— Vai ser fácil — garantiu. — Nunca pregou um botão?

— Não em carne humana — murmurou ele, mas pendurou o rifle no ombro e subiu os degraus enquanto falava.

Ela acendeu um fósforo do kit e esterilizou a agulha. Não era o melhor procedimento-padrão da medicina, mas era o melhor que ela podia fazer naquelas circunstâncias. Balançou a agulha rapidamente para trás e para a frente a fim de esfriá-la, depois enfiou a linha de sutura pelo buraco e deu um nó numa ponta.

Passou a agulha para ele juntamente com um par de luvas limpo. Ele calçou as luvas e estendeu a mão devagar para pegar a agulha. Dava a impressão de não querer tocar no instrumento. Ela inclinou a cabeça para trás e derramou antisséptico no ferimento, esperando a fisgada quente correr por todo o talho e espalhar pela orelha. Depois virou a cabeça para ele, assegurando-se de estar no facho de luz mais forte.

— Provavelmente bastam três pontinhos. Comece por trás e puxe.

— Que tal um anestésico local?

— Já tenho analgésico o suficiente dentro de mim — mentiu ela.

Sentia o talho na mandíbula como se tivesse sido atingida por um ferro de marcar gado. Mas estava sem *Sobrevida*, e qualquer outra coisa que usasse a incapacitaria no mínimo parcialmente. Isso não era uma emergência, era apenas

dor.

Ele se ajoelhou ao seu lado. Pôs os dedos delicadamente sob a beirada de seu queixo.

— Foi muito perto da jugular! — Ele arquejou, horrorizado.

— É, ele era bom.

Não dava para ela ver o rosto dele, portanto não conseguiu interpretar o pequeno ruído hesitante em sua respiração.

— Vai, Daniel. Temos que correr.

Ele respirou bem fundo, e logo depois ela sentiu a agulha furar o lóbulo de sua orelha. Estava preparada para isso — não deixou transparecer no rosto nem cerrou os punhos. Tinha aprendido a isolar suas reações. Retesou os músculos do abdome, descarregando a pressão ali.

— Ótimo — disse, tão logo teve certeza de que conseguia manter a voz num tom normal. — Você está se saindo muito bem. Agora junte tudo e costure.

Enquanto ela falava, os dedos dele realizavam depressa a tarefa. Ela não sentia a agulha na parte machucada do lóbulo da orelha, a inferior, então só precisou lidar com a dor quando ele furava a metade de cima. Só três pontadinhas. Depois da primeira, não foi tão ruim.

— Eu... dou um nó ou coisa assim? — perguntou ele.

— Sim, atrás, por favor.

Ela sentia o aperto da linha enquanto ele trabalhava.

— Está pronto.

Ela levantou a cabeça, olhou para ele e sorriu. O movimento repuxou o corte na mandíbula.

— Obrigada. Teria sido complicado eu fazer isso em mim mesma.

Ele tocou em sua face.

— Aqui, deixe eu enfaixar isso para você.

Ela ficou imóvel enquanto ele cobria o talho com uma pomada e depois prendia com adesivo uma faixa de gaze em sua face. Envolveu a orelha dela pela frente e por trás.

— Provavelmente você deveria ter limpado o machucado primeiro — murmurou ele.

— Por enquanto, isso vai servir. Vamos botar Lola no Humvee.

— Deixa que eu pego.

Com delicadeza, Daniel levantou nos braços a Lola adormecida. As compridas patas dianteiras e as orelhas balançavam no colo dele e meneavam a cada passo. Alex sentiu uma vontade de rir totalmente inadequada subindo em seu peito e a engoliu para contê-la. Não havia tempo para histeria. Daniel deitou Lola no espaço atrás do banco do carona. O veículo só tinha os dois bancos dianteiros. Ela imaginou que Kevin tinha retirado os restantes para deixar espaço para carga.

— E agora? — perguntou Daniel voltando para a varanda, onde ela continuava sentada. Devia estar se perguntando por que ela não estava sendo proativa. Não sabia que ela estava procrastinando.

Ela respirou fundo e endireitou os ombros.

— Me dê o telefone. Está na hora de falar com o seu irmão.

— A gente não deveria ir andando?

— Só tem mais uma coisa que preciso fazer, mas quero contar a ele primeiro.

— O quê?

— A gente realmente tem que botar fogo na casa.

Ele arregalou os olhos e a encarou. Lentamente, sacou o telefone do bolso do colete.

— Eu deveria fazer a ligação — disse.

— Ele já me odeia — retrucou ela.

— Mas isso foi culpa minha.

— Não foi você que contratou um esquadrão de assassinos.

Ele balançou a cabeça e pressionou o botão para ligar o telefone.

— Ótimo — murmurou ela.

Enquanto guardava os suprimentos de primeiros socorros, ela observava Daniel de soslaio. Ele pôs o único número para o qual já tinha ligado, mas, antes que conseguisse efetuar a chamada, o telefone tornou a tocar.

Daniel inspirou o ar profundamente, do mesmo jeito que fizera antes de furar pela primeira vez a orelha dela. Ela imaginou que essa conversa seria a tarefa mais difícil de todas.

Ele tocou na tela. Ela ouvia Kevin guinchando tão alto que, a princípio, pensou que o telefone estivesse no viva-voz.

— *NÃO DESLIGUE O TELEFONE NA MINHA CARA, SUA...*

— Kev, sou eu. Kev! É o Danny!

— *QUE DIABO ESTÁ ACONTECENDO?*

— Foi culpa minha, Kev. Eu fui um idiota. Estraguei tudo. Me desculpe.

— *O QUE VOCÊ ESTÁ BALBUCIANDO?*

— Arnie está morto, Kev. Me desculpe. E alguns dos cachorros. Não sei direito quantos. É tudo minha culpa. Eu queria poder te contar como...

— *BOTA A SENHORITA-VENENO NO TELEFONE!*

— Isso está na minha conta, Kev. Estraguei tudo...

Kevin interrompeu, agora com a voz mais calma.

— Não há *tempo* para isso, Danny. Passe o telefone para ela. Preciso de alguém que fale com sensatez.

Ela se levantou e esticou o braço para pegar o telefone. Daniel observou com ansiedade enquanto ela segurava o aparelho a alguns centímetros da orelha.

— Você está segura? — perguntou Kevin.

Surpresa com a impessoalidade profissional dele, respondeu no mesmo tom:

— Por enquanto, mas temos que nos mexer.

— Já botou fogo na casa?

— Vou botar agora.

— Tem querosene no armário embaixo das escadas.

— Obrigada.

— Me ligue quando estiver na estrada.

Ele desligou.

Bem, *aquilo* tinha saído melhor do que ela esperara. Devolveu o telefone para Daniel, que exibia uma expressão de perplexidade. O gás dentro da casa já teria se dissipado há muito tempo, portanto ela não se incomodou com a máscara. Daniel entrou logo atrás, mas ela deixou Einstein vigiando na porta.

— Pegue umas roupas no quarto de Kevin — instruiu.

Poderia ter falado para ele ir até o andar de cima buscar o primeiro conjunto que tinha pegado emprestado, mas isso demoraria mais, e ela não sabia como ele reagiria ao ver os corpos. Podia ver os olhos dele passando para o sofá que escondia Arnie, e depois de volta para ela. Ambos tinham que ficar unidos. Ainda tinham uma longa noite pela frente se continuassem vivos amanhã.

— Quando tiver o suficiente para alguns dias, vá até a cozinha e pegue qualquer coisa que não seja perecível. Água também, o máximo que tivermos.

Ele assentiu com a cabeça e seguiu pelo corredor em direção ao quarto de Kevin. Ela subiu as escadas como uma flecha.

— Quer essas armas? — gritou ele às costas dela.

Ela contornou os corpos, tomando cuidado para não escorregar no sangue.

— Não, essas mataram gente. Se formos pegos, não quero ser ligada a nada. As armas de Kevin estarão limpas.

No quarto, ela despiu as roupas salpicadas de sangue e vestiu um jeans e uma camiseta limpos. Pegou o saco de dormir, com o qual envolveu o restante das roupas, depois pegou o kit de laboratório com a mão livre e chutou as roupas ensanguentadas para o corredor. Correu escada abaixo para o carro com aquela bagagem incômoda. Enquanto Daniel fazia a busca na cozinha, ela achou o querosene. Kevin tinha três latas de vinte litros de querosene guardadas juntas. Só podia tê-las reservado para incendiar a casa. Ficou feliz por ele ser tão preparado e tão profissional. Isso significava que a reação dele — uma vez que Daniel estivesse em segurança — tendia a ser mais pragmática do que violenta. Ela esperava que fosse.

Começou no andar de cima, certificando-se de que as suas roupas e os corpos estivessem bem encharcados de querosene. Os assoalhos de madeira não precisavam receber a mesma atenção. Ela jogou o líquido nos rodapés em todos os três cômodos, depois foi derramando o restante escada abaixo. Pegou outra lata e a esvaziou depressa pelo térreo. Era a primeira vez que tinha visto os outros quartos. Eram suítes amplas, com bela mobília e banheiros luxuosos. Ficou feliz

por Arnie ter tido uma vida confortável ali. Desejou poder ter feito alguma coisa para poupar a vida dele. Mas mesmo se ela e Daniel tivessem ido embora no primeiro dia em que a armadilha da pessoa desaparecida tinha saído no jornal, Arnie ainda teria acabado dessa maneira. Foi um pensamento muito triste.

As impressões digitais de Daniel estavam na área dos cachorros, mas, como era impossível fazer o equivalente de Carston na CIA acreditar que Daniel — ou Kevin — tinha morrido ali, isso não tinha muita importância. Eles saberiam que Daniel estava fugindo. Ela não queria tocar fogo naquele anexo e colocar os animais em perigo. O lugar não era rodeado por uma faixa larga de cascalho, como a casa, o que, com sorte, impediria que o fogo se alastrasse sem controle. Sem dúvida Kevin havia colocado o cascalho exatamente por essa razão.

Daniel a aguardava na frente do Humvee.

— Dê a marcha à ré, Daniel, e tente fazer os cachorros andarem também.

Ele pôs mãos à obra. Ela estava com a caixa de fósforos do kit de primeiros socorros. Deixara uma boa trilha de querosene pelo meio dos degraus da varanda, então foi fácil acendê-la e depois sair de perto antes que o incêndio realmente se alastrasse. Quando se virou, os cachorros estavam automaticamente fugindo das labaredas. Isso era bom.

Alex abriu a porta do lado do motorista e chamou Einstein. Ele saltou por cima do banco e se colocou ao lado de Lola. Tinha as orelhas em pé e a língua de fora. Ainda parecia ansioso. Alex invejou sua energia e seu otimismo.

Daniel estava andando em meio ao grupo de animais sobreviventes, dando um enfático "descansar" a cada um. Ela torceu para que isso ajudasse quando os carros de bombeiro começassem a aparecer. O barulho do tiroteio não teria chegado a nenhum dos vizinhos distantes, mas o clarão laranja do fogo no céu negro da noite era outra história. Eles tinham que correr agora. Ela não conseguia pensar em mais nada que pudesse fazer pelos cachorros. Era uma sensação de fracasso — esses animais tinham salvado a vida dos dois.

Alex ficou surpresa ao ouvir um resmungo bem atrás de sua cabeça. Ela se virou e deu de cara com Khan. Ele olhou para ela de um jeito que parecia impaciente, como se estivesse esperando que ela se mexesse. Seu focinho apontava para Einstein, que estava ao lado do ombro de Alex.

— Ah — disse ela ao se dar conta de que ele estava tentando entrar no carro. — Me desculpe, Khan, preciso que você fique.

Ela nunca tinha visto um bicho com uma cara tão ofendida. Não se mexeu, limitou-se a encará-la como se estivesse exigindo uma explicação. Ela foi a mais surpresa dos dois quando subitamente atirou os braços em volta do pescoço do animal e escondeu o rosto em seu ombro.

— Me desculpe, grandão — sussurrou no pelo dele. — Eu queria poder levá-lo comigo. Devo muito a você. Tome conta dos outros para mim. Você está no comando, ok?

Afastou-se, afagando seu pescoço grosso. Ele pareceu ligeiramente apaziguado e deu um passo para trás com má vontade.

— Descansar — disse ela baixinho. Deu tapinhas nele mais uma vez, depois virou-se para o Humvee. Daniel já estava sentado no banco do carona com o cinto de segurança afivelado.

— Você está bem? — perguntou ele calmamente quando ela entrou.

Era óbvio que Daniel não se referia a seus traumas físicos.

— Não muito. — Ela deu uma risada, e havia no som uma ponta da histeria que ela tentava conter. Khan ainda observava quando ela se afastou da casa.

Uma vez do outro lado do portão, ela pôs os óculos e apagou os faróis. Era mais seguro dirigir o Humvee nas planícies abertas do que ficar na única estrada que levava ao sítio. Por fim, chegaram a outra estrada, com calçamento regular. Ela se livrou dos óculos e acendeu os faróis ao virar para seguir sentido noroeste. Não tinha um destino em mente, apenas distância. Precisava se afastar o máximo possível do sítio de Kevin antes que o sol nascesse.

CAPÍTULO 20

Kevin atendeu no primeiro toque.

— Ok, Espirradeira, qual é a nossa posição? — foi a saudação dele.

— Estamos rumando para o norte no Humvee. Estou com Daniel, Einstein e Lola. Conseguimos catar um pouco do que precisávamos, mas não muito.

Ouviu-o dar um suspiro de alívio quando ela disse o nome de Einstein, mas a irritação continuava em sua voz.

— No Humvee? A picape está detonada?

— Está.

Ele pensou por um instante.

— Então só dirijam à noite até conseguirem encontrar um carro novo.

— É muito fácil falar. Nós dois estamos com sérios problemas na cara.

— É, eu vi Daniel no jornal. Mas a sua não pode mais estar tão ruim assim. Bota uma maquiagem.

— Piorou *ligeiramente* durante a noite.

— Ah. — Ele estalou a língua algumas vezes. — Danny? — perguntou, e ela ouviu a tensão que ele tentava disfarçar.

— Nem um arranhão.

As mãos não contavam. Os machucados lá tinham sido causados por eles mesmos.

— Ela me obrigou a ficar no carro — gritou Daniel alto o suficiente para o irmão ouvir.

— Muito bem — respondeu Kevin. — Havia quantos lá?

— Seis.

Ele respirou fundo.

— Agentes?

— Na verdade, não. Olha essa... Eles contrataram a *Máfia* para o serviço.

— O quê?

— Era quase tudo força bruta, mas eles tinham pelo menos um profissional de verdade no grupo.

— Você pegou *todos* eles?

— Os cachorros fizeram a maior parte do trabalho. Foram magníficos, por sinal.

Ele grunhiu em reconhecimento.

— Por que trouxe Lola?

— Foi baleada na perna. Fiquei com medo de que a sacrificassem se a

encontrassem. Falando nisso, devo chamar o Controle Animal? — perguntou. — Tenho medo de quando os bombeiros chegarem lá...

— Vou cuidar disso. Tenho um plano de contingência preparado para eles.

— Ótimo. — Ela nunca mais se acharia a mais preparada. Kevin era o rei da preparação.

— Qual é o seu plano agora?

Ela começou a rir — e ali estava de novo o som da histeria.

— Na verdade, não faço ideia. Estou pensando em acampar no Humvee por uns dias. Depois disso... — Deixou a frase no ar.

— Você não tem casa?

— Não uma onde eu possa estacionar essa besta ou esconder dois cachorros grandes. Nunca me senti tão chamativa na vida.

— Vou pensar em alguma coisa.

— Por que você demorou tanto a ligar? — perguntou ela. — Pensei que você tivesse morrido.

Daniel engasgou. Olhou para ela, chocado.

— Os preparativos. Essas coisas demoram. Não posso estar em todos os lugares ao mesmo tempo... Tive que plantar um monte de câmeras.

— Uma ligação teria sido legal de sua parte.

— Eu não sabia que vocês iam ferrar tudo. — De repente, a voz dele estava bem mais baixa. — O que o idiota fez? Não, não responda. Não quero que ele ouça. Diga apenas sim ou não. Ele ligou para alguém?

— Não — respondeu ela asperamente, irritada.

— Espere... a picape está detonada... ele não saiu da casa, saiu?

Ela teve vontade de dizer *Ninguém disse a ele para não sair*, mas Daniel ia saber que estavam falando dele. Ficou quieta, olhando para a frente, embora quisesse olhar de relance para Daniel e saber se ele tinha ouvido alguma coisa.

Kevin suspirou.

— Nem um pingo de bom senso.

Havia muitas respostas na ponta da língua, mas ela não conseguia pensar num jeito discreto de expressar nenhuma delas.

Ele mudou de assunto.

— Arnie... Foi ruim?

— Não. Ele não viu que ia acontecer. Não deve ter sentido nada.

— O nome verdadeiro dele era Ernesto — disse Kevin, mas parecia que estava dizendo aquilo mais para si mesmo do que para ela. — Era um bom sócio. Tivemos uma boa parceria. Curta, mas boa. — Pigarreou. — Tudo bem, agora me conte tudo o que aconteceu. — Depois mais baixo. — Menos o que quer que ele tenha feito para provocar isso. Ele deve estar traumatizado o suficiente.

Alex relatou o que tinha acontecido na noite anterior, de maneira objetiva e amenizando as partes mais truculentas. Quando disse simplesmente "Eu o

interroguei", Kevin teria visualizado bem o que isso significava.

— Então o que aconteceu com a sua cara?

— Ele era muito flexível. E tinha um tipo de faca de arremesso no forro da manga.

— Hum, que chato — disse ele, com certo pessimismo, e ela sabia o que ele estava pensando.

Cicatrizes faciais eram uma péssima notícia quando se queria passar despercebido. Eram muito fáceis de lembrar e reconhecer. De repente, a busca mudava de *Viu uma mulher baixa de feições comuns, cabelo de cor ou tamanho desconhecido, ou um homem que se encaixe nessa descrição?* para *Viu uma pessoa com essa cicatriz?*.

— Bem — concluiu ela —, parece que as pessoas no comando consideraram você o melhor. Não vou fingir que não me sinto insultada. Vamos ter que fazer um ajuste no plano. A isca tem que vir de você, e precisa ir para a pessoa certa. Já tem alguma ideia de quem seria?

Kevin ficou em silêncio por um momento.

— Quando o meu cara souber o que aconteceu essa noite... bem, talvez a gente não precise do e-mail. Ele vai ter que falar com o seu cara sobre isso. Estou pronto. Vou ver eles fazerem isso. Depois podemos decidir se precisamos mais.

— Parece bom.

— Por sinal — disse ele com aquela voz furtiva —, sei que você depurou a história por causa do garoto. Quero ouvir tudo em detalhes quando tornar a vê-la.

Ela revirou os olhos.

— Certo.

— Olha, Espirra, não deixe isto lhe subir à cabeça, mas... você agiu bem. Muito bem. Salvou a vida de Danny. Obrigado.

Ela ficou tão espantada que demorou um pouco a responder:

— Acho que estamos quites. Sem os seus cachorros e a sua Batcaverna, não teríamos conseguido. Então... obrigada.

— Você podia ter se mandado assim que viu aquela primeira notícia. Sabia que eles achavam que você estava morta, mas ficou para proteger alguém que era praticamente um estranho, embora eu tenha certeza de que o que você mais gostaria era viver livre de nós dois. Isso é honra, mesmo. Estou lhe devendo uma.

— Hum — disse ela, evasiva.

Eles não precisavam discutir *tudo* essa noite.

— Deixa eu falar com ele antes de você desligar — sussurrou Daniel.

— Daniel quer falar com você.

— Põe ele na linha.

Ela passou o telefone.

— Kev...

— Não se martirize, Danny.

Quando Kevin falou, Alex ouviu tudo. Ela se perguntou se Daniel tinha sido capaz de ouvir com a mesma clareza anteriormente.

— Sim — disse Daniel, abatido. — Sou responsável apenas pelo assassinato de Arnie essa noite, sem falar dos cachorros. Por que eu deveria sofrer?

— Olha, o que está feito está feito...

— Engraçado, Alex também disse isso.

— Ela sabe das coisas. Esse é um mundo novo, garoto. Tem um número de baixas maior. Ora, não estou dizendo que essas coisas não vão afetá-lo. Você só não pode deixar que turvem a sua visão.

A voz de Kevin ficou um tom mais baixa, e Alex se alegrou de saber que Daniel provavelmente não tinha conseguido distinguir a parte menos audível da conversa deles. Mas também queria saber o que Kevin não queria que ela ouvisse.

— É verdade — disse Daniel. Uma pausa. — Talvez não... Eu vou. Sim. Tudo bem. O que você vai fazer em relação aos cachorros? Tivemos que deixar Khan.

— É. — A voz de Kevin voltara ao volume normal. — Adoro aquele monstro, mas ele não é exatamente portátil, não é? Tem um criador não muito longe do sítio com quem Arnie trabalhou no passado. É mais um concorrente que um amigo, mas ele sabe o valor que meus cachorros têm. Arnie combinou com ele que, se quiséssemos cair fora, nós lhe venderíamos a nossa matilha. Arnie também meio que sugeriu que poderíamos decidir fazer isso de uma hora para outra, sem nenhum aviso prévio e no meio da noite. Vou ligar para ele, e ele vai se reunir com o Controle Animal antes que esses caras cometam alguma estupidez.

— Será que os policiais não vão se perguntar...

— Vou fazer um treino com ele antes. Ele vai dizer que Arnie ligou quando ouviu tiros ou coisa assim. Não se preocupe, os cachorros ficarão bem.

Daniel suspirou, aliviado.

— Me tira do sério saber que ele vai botar a mão no Khan, de graça. Ele anda tentando comprá-lo há anos.

— Sinto muito...

— Sério, garoto, não esquente a cabeça. A gente não dura nessa vida se apegando às coisas. Eu sei como recomeçar. Agora, seja bonzinho e faça tudo que a Espirradeira disser, ok?

— Espere, Kev, tive uma ideia. Era por isso que eu queria falar com você.

— Você teve uma ideia?

Alex sentia o ceticismo a um metro de distância.

— Sim, na verdade. Eu estava pensando na cabana dos McKinley perto do lago.

Kevin ficou um instante em silêncio.

— Hum, agora realmente não é hora para uma viagem ao passado, garoto.

— Na verdade, eu sou dois minutos mais velho que você, *garoto*, e eu tenho certeza de que você não se esqueceu disso. E não quero ficar rememorando nada. Eu estava pensando: os McKinley só usavam a cabana no inverno. E o seu pessoal da CIA provavelmente não iria saber desse detalhe sobre a nossa infância. E eu sei onde o Sr. McKinley sempre guardava a chave.

— Ei, nada mau, Danny.

— Obrigado.

— Isso seria a mais ou menos o quê? Umas dezoito horas do sítio? Só duas noites de viagem. E isso o traz para perto da minha posição. Os McKinley não guardavam um Suburban lá?

— Não podemos *roubar o carro deles*, Kevin.

No escuro, embora a mais de mil e quinhentos quilômetros de distância, Alex teve a sensação de estar trocando um olhar sugestivo com Kevin. E talvez um revirar de olhos — da parte dele, pelo menos.

— Depois conversamos sobre encontrarmos um carro. Diga à Espirradeira para tomar mais cuidado com a cara dela da próxima vez. Vamos precisar dela.

— Sim, até porque tenho certeza de que ela gosta *tanto* que batam na cara dela até tirar sangue que vai ser difícil para ela deixar de fazer isso.

— Sim, sim. Qualquer problema, me ligue. Entro em contato quando souber mais sobre os nossos amigos em Washington.

Kevin desligou. Daniel ficou um minuto olhando para o telefone antes de guardá-lo. Respirou fundo e exalou lentamente.

— Como você está?

— Tudo parece distante da realidade.

— Deixe-me ver sua mão.

Ele esticou o braço esquerdo, e ela pegou a mão dele com a sua direita. Ele estava mais quente que ela. Ela apalpou o pulso dele, e a pulsação parecia normal. Os arranhões e as perfurações em sua palma eram superficiais. Já tinham parado de sangrar por si sós. Ela olhou para ele, depois tornou a mirar a estrada. Estava muito escuro para avaliar a cor dele com algum grau de certeza.

— O que foi isso? — perguntou ele quando ela soltou sua mão.

— Procurando sinais de choque. Você está enjoado?

— Não. Mas, por outro lado, eu meio que me sinto como se *devesse* estar, se entende o que quero dizer. É como se eu fosse ficar assim quando puder processar tudo.

— Me diga se começar a se sentir atordoado, fraco ou com frio.

— *Você* parece estar com frio. Tem certeza de que não está entrando em choque?

— Acho que não totalmente. Se eu ficar tonta, encosto o carro e você dirige.

Ele esticou o braço, tirou a mão dela do volante e a segurou frouxamente. Os

braços deles balançavam no espaço entre os bancos. Respirou fundo de novo.

— Ouvi todos aqueles tiros, tão próximos, e pensei...

— Eu sei. Obrigada por ficar no carro como pedi. É bom saber que posso confiar em você.

Ele não disse nada.

— O quê? — perguntou ela.

— Bem, quando você fala dessa maneira — disse ele, parecendo envergonhado —, eu realmente não queria admitir isso... mas saí do carro por uns minutos, sim. Eu estava prestes a entrar na casa, mas Einstein me impediu. E depois me dei conta de que, de uma maneira ou de outra, as coisas eram decididas lá dentro, e se eles *tivessem* pegado você, eu teria mais chance de matar os filhos da mãe se ficasse dentro do Humvee. Eu não ia deixar aqueles caras escaparem, Alex. Sem chance.

Ela apertou de leve a mão dele.

— Você se lembra do que Kevin me disse antes, sobre visualização?

Ela fez que não com a cabeça. Tinha apenas uma vaga ideia.

— Estávamos no campo de tiro pela primeira vez, e eu disse que não me achava capaz de atirar em outra pessoa. — Ele deu uma risadinha sombria. — Ele me disse para visualizar uma pessoa de quem eu gostasse em perigo.

Enquanto ele falava, a lembrança voltou nitidamente.

— Ah.

— Bem, agora entendo. E ele tinha razão. No instante em que me dei conta de que Arnie tinha sido morto e o assassino estava indo atrás de *você* em seguida... — Ele balançou a cabeça. — Eu não imaginava que seria capaz de me sentir tão... primitivo.

— Eu falei que você entraria em contato com os seus instintos — disse ela, com leveza.

O tom jocoso, que aquele dia no campo trouxe de volta, pareceu erradíssimo no instante em que as palavras saíram. Sua voz era sombria quando ela acrescentou:

— Eu queria que não tivesse acontecido assim.

Ele apertou a mão dela dessa vez.

— Vai dar tudo certo.

Ela fez um esforço para se concentrar.

— Então, estamos indo para onde exatamente?

— Tallahassee. Passamos uns dois Natais lá quando éramos crianças. Uns amigos da família tinham uma casa lá para poderem fugir da neve. Deviam gostar de privacidade, porque a cabana é no meio do nada. Não é exatamente à beira do lago, mas o lugar é pantanoso, e os mosquitos vão ser de matar nessa época do ano.

— Você deveria ser corretor imobiliário. Tem certeza que não vai ter ninguém

lá?

— Não vejo os McKinley desde o enterro dos meus pais, mas, em todos esses anos, eles nunca foram para o sul no verão. Sempre foi só a casa de inverno deles.

— Bem, tanto faz irmos para esse lugar ou para qualquer outro. Se aquela cabana não funcionar, podemos achar outra coisa que esteja vazia.

Ela viu uma placa para a State Highway 70, sentido norte.

— Temos que virar para leste, atravessar Oklahoma City, depois descer e passar por Dallas. Vai ser bom, se alguém estiver olhando, entrar de novo no Texas. Faz a gente parecer inocente.

— A gente só se defendeu.

— Isso não vai fazer diferença. Se fôssemos pegos pelo que acabou de acontecer, a polícia teria que nos levar presos. Mesmo se explicássemos cada detalhe e eles acreditassem em cada palavra, o que é improvável, para não dizer impossível, eles ainda teriam que nos botar por algum tempo numa cela. Não demoraria muito. As pessoas que contrataram os assassinos chegariam a nós na cadeia tranquilamente. Seríamos alvos fáceis.

Ele sentiu o tremor nos dedos dela e esfregou o polegar de um jeito tranquilizador no dorso de sua mão.

— Então você está dizendo que uma série de crimes não seria uma boa ideia neste momento?

Ela não conseguia acreditar que ele era quem estava tentando animá-la.

— Provavelmente — concordou ela —, mas pode chegar a isso. — Olhou para o ponteiro da gasolina, depois chiou. — Isso aqui está gastando gasolina como se *quisesse* me tirar do sério.

— O que podemos fazer?

— Vou ter que entrar num posto de gasolina, pagar em espécie.

— Mas e a sua cara?

— Não tem jeito. Vou simplesmente fingir que sofri um acidente de carro... o que, aliás, não é fingir, é? Enfim, não tem mais nada que eu possa fazer.

O monstro que bebia gasolina obrigou Alex a parar muito antes do que ela teria gostado. Ela seguiu as placas em Oklahoma City para o aeroporto, supondo que os postos de gasolina em volta estariam de alguma forma movimentados mesmo tarde da noite. E, se eles fossem vistos lá, as pessoas poderiam pensar que os dois planejavam fugir de avião. Qualquer busca que se seguisse iria se concentrar no aeroporto.

Tinha mandado Daniel procurar aquele moletom gigante de capuz enquanto dirigia. Vestiu-o, desejando que estivesse mais fresco do lado de fora para não parecer tão anormal. Havia mais dois veículos no posto — um táxi e um caminhão. Ambos os motoristas, que eram do sexo masculino, olharam para o Humvee, claro. Ela lançou mão do seu andar largado de garoto quando saltou e

enfiou a mangueira de abastecimento no tanque. Enquanto o tanque enchia, ela entrou na loja. Pegou uma caixa de barrinhas de granola e uma embalagem com seis garrafas de água, e as levou para a cinquentona no balcão. A mulher tinha cabelo louro oxigenado com dois dedos de raízes escuras, dentes manchados de nicotina e um crachá que dizia BEVERLY. A princípio, não prestou muita atenção em Alex, só registrou os itens. Mas aí Alex teve que falar.

— Bomba seis — disse, no volume mais baixo possível para que não soasse como encenação.

Beverly levantou a cabeça e arregalou os olhos borrados de rímel.

— Ih, nossa mãe, meu amor! O que houve com o seu rosto?

— Acidente de carro — murmurou Alex.

— Todo mundo está bem?

— Está.

Alex olhou incisivamente para o dinheiro em sua mão, aguardando para contá-lo. De rabo de olho, viu o táxi se afastar.

— Bem, espero que você logo, logo se sinta melhor.

— Hum, obrigada. Quanto deu?

— Ah, isso está certo? Parece alto. Um, zero, três, cinquenta e cinco?

Alex entregou a Beverly seis notas de vinte e aguardou o troco. Outra picape — uma F250 grande e preta — parou na bomba atrás do Humvee. Ela viu três homens altos e magros saltando. Enquanto dois deles entravam na loja de conveniência, ela reavaliou a situação. Eles eram adolescentes muito altos. Metade de um time de basquete, talvez. Como ela, usavam moletons escuros de capuz. Pelo menos isso tornou mais normal o seu visual impróprio para aquela estação do ano.

— Essa sua picape é grande mesmo — comentou Beverly.

— É.

— Deve ser um sofrimento manter esse tanque cheio.

— É.

Alex estendeu a mão com impaciência.

Os garotos entraram, barulhentos e alvoroçados. O cheiro de cerveja e maconha os acompanhou. Do lado de fora, o caminhão saiu do estacionamento.

— Ah, pronto — disse Beverly, a voz subitamente impessoal. — Dezesseis e quarenta e cinco.

— Obrigada.

Beverly se distraiu com os recém-chegados. Olhou por cima da cabeça de Alex, os olhos estreitos. Os garotos altos estavam indo para o corredor de bebidas alcoólicas. Com sorte, eles arrumariam uma encrenca enorme por tentarem passar com identidades falsas por Beverly. Qualquer coisa que fizesse Alex se dissipar na memória dela.

Alex encaminhou-se de cabeça baixa para a porta automática. Não precisava

de mais nenhuma testemunha.

Com um baque seco, sua cabeça bateu no peito do terceiro garoto. A primeira coisa que ela registrou foi o cheiro. A camisa suada do garoto fedia a uísque. Olhou automaticamente para cima quando ele a agarrou pelos ombros.

— Se liga, carinha.

Ele era um garoto branco e parrudo, não tão alto quanto os outros. Ela tentou se desvencilhar dele. Ele a segurou com mais força com uma das mãos, puxando o seu capuz para trás com a outra.

— Ei, é uma garota — disse. Em seguida, falou mais alto, para os garotos ao lado das gôndolas refrigeradas: — Olhem o que eu achei.

A voz de Alex era gelada. Ela não estava a fim daquela bobagem.

— Tira as mãos de mim.

— Deixa essa garota em paz senão eu chamo a polícia — gritou Beverly de maneira estridente. — Estou com o telefone na mão.

Alex queria gritar. Era tudo de que precisava.

— Relaxa, coroa, a gente tem de sobra.

Os outros dois, um negro e um hispânico, já estavam preparados para defender o amigo. Alex tirou sorrateiramente uma seringa fina do cinto. Isso não a ajudaria a passar despercebida, mas tinha que derrubar esse garoto e dar o fora dali antes que Beverly chamasse a polícia.

— Já disquei o nove e o primeiro um — avisou Beverly. — Saiam já daqui.

Alex tentou se desvencilhar do garoto, mas o bobo alegre agora agarrava seus braços com força. Ela inclinou a agulha.

— Algum problema, filho?

Nãããããão, gemeu Alex no íntimo.

— O quê? — disse com toda a agressividade o garoto branco, largando-a e virando-se para trás para encarar o recém-chegado. Depois deu um passo rápido para trás, e ela teve que se agachar para sair da frente dele.

Passara tanto tempo perto de Daniel que tinha se esquecido de quão alto ele era. Tinha dois dedos a mais que o garoto mais alto, e postava-se com ombros mais largos e muito mais segurança. Pelo menos tinha posto um boné, escondendo o cabelo e cobrindo um pouco o rosto. A barba que começava a crescer era escura o bastante para camuflar ligeiramente os contornos de seu rosto. Isso era bom. Mas não era bom ele ter enfiado uma Glock — de um jeito bem aparente — no cós do jeans.

— Não, problema nenhum, cara — disse o garoto negro, e em seguida agarrou o garoto branco pelo ombro e o puxou para trás.

— Ótimo. Então por que vocês não saem daqui?

O garoto branco estufou o peito.

— Vamos quando pegarmos o que a gente veio buscar.

Daniel fez alguma coisa diferente no jeito como sustentava a mandíbula. Alex

não conseguia precisar o que era, mas de repente o rosto dele era o oposto de amigável. Ele se inclinou em direção ao encrenqueiro.

— *Agora.*

Não havia nada de fanfarronice no modo como ele falou, só uma autoridade absoluta.

— Qual é — insistiu o garoto negro.

Ele empurrou o garoto branco para trás de Daniel enquanto puxava a manga do terceiro garoto. Eles andaram depressa para a picape, dando cotoveladas uns nos outros e discutindo. Alex estava de costas para Beverly, cutucando Daniel para ele se virar também. Os garotos entraram na picape e o motorista pisou no acelerador, cantando pneu ao contornar o Humvee.

— Ei, obrigada, amigo — arrulhou Beverly para ele. — Agradeço a sua ajuda.

— Tudo bem — respondeu ele, estendendo um braço gentilmente para Alex sair primeiro.

Alex voltou correndo para o Humvee. Sentia Daniel logo atrás dela e torceu para que ele tivesse o bom senso de manter a cabeça baixa e não se virar.

— Bem, não sei como isso podia ter sido pior — disse Alex, revoltada, de volta à estrada. — Aquela mulher vai se lembrar da gente pelo resto da vida.

— Me desculpe.

— Você tinha que entrar lá como um caubói, com uma pistola presa na calça?

— As nossas placas são do *Texas* — ressaltou ele. — E o que eu devia fazer? Aquele garoto estava...

— Prestes a ter um episódio prolongado de vômitos violentos. Isso o teria incapacitado totalmente e talvez feito uma sujeira tão grande que Beverly nem se lembraria de mim.

— Ah.

— Sim. *Ah* mesmo. Eu sei cuidar de mim, Daniel.

A mandíbula dele endureceu de novo, como acontecera na loja do posto de gasolina.

— Eu sei disso, Alex, mas talvez chegue uma hora em que você de fato precise de ajuda. Quando isso acontecer, não vou estar esperando no carro de novo. Você deveria tentar entender isso agora.

— Eu lhe digo quando precisar de apoio.

— E eu vou estar presente — retrucou ele rapidamente.

Ela abandonou a discussão, e por um momento não se escutava ruído algum senão o ronco do motor descomunal queimando a gasolina nova. Depois, ele suspirou.

— Eu deveria ter sabido que você estava um passo à frente — disse ele.

Com um gesto de cabeça, ela aceitou o pedido de desculpas implícito, embora tivesse sentimentos conflitantes quanto à declaração dele.

— Onde você aprendeu a fazer isso? — perguntou ela após mais uma curta pausa.

— O quê?

— Intimidar as pessoas.

— A escola onde eu trabalho não é exatamente uma instituição seleta de ensino médio. Enfim, a maioria dos alunos quer alguém que assuma o controle. Isso faz com que se sintam mais seguros.

Ela riu.

— Então aqueles três garotos vão dormir um sono pesado hoje à noite.

* * *

O RESTO DA noite foi menos tenso. Daniel cochilou encostado na janela, ressonando, até o próximo posto de gasolina, uns trinta quilômetros a leste de Dallas. O homem sonolento na cabine não demonstrou interesse na cara de Alex. Depois de se afastarem o suficiente das câmeras do posto, ela parou num acostamento escuro e trocou de lugar com Daniel. Ele afirmou estar pronto e totalmente desperto. Ela cochilou como pôde até a parada seguinte, a sul de Shreveport, onde tornaram a trocar de lugar.

A aurora se aproximava. Alex usou o sofisticado GPS para procurar um parque nacional ou uma reserva de vida selvagem nas proximidades e descobriu que não estavam muito longe da enorme extensão da Floresta Nacional Kisatchie. Rumou para o canto do parque que ficava mais perto da rodovia I-49, depois vagou por estradas secundárias até encontrar uma área suficientemente isolada e coberta pelo mato para encostar o carro à sombra farta de um grupo compacto de árvores. Entrou de ré num lugar espremido entre as árvores e depois foi recuando até só ter espaço para abrir a porta traseira. Quando abriu a porta, o calor úmido do lado de fora rapidamente sobrepujou o ar mais fresco no interior do veículo.

Einstein ficou felicíssimo de saltar do carro e ficar livre para se aliviar. Foi mais difícil para Lola. Alex teve que renovar o curativo da cachorra quando ela acabou. Antes de Alex ter terminado, Daniel já tinha posto comida e água para eles do lado de fora. Depois Daniel tratou da operação mais fácil de se aliviar também, e Alex ficou com a versão mais complicada. Mas ela já morara num carro antes, e, embora não fosse a coisa de que mais gostasse, estava preparada.

Deu uma olhada na frente do Humvee e teve que admitir que estava impressionada. A olho nu, o veículo não tinha sequer um amassado.

As opções de café da manhã eram mínimas. Alex se viu com a mesma caixa de biscoito recheado com que iniciara sua primeira manhã no sítio. Daniel pegou um pacote também.

— O que vamos fazer em relação a comida? — perguntou.

Alex passou o braço na testa, secando o suor antes que pingasse nos olhos.

— Hoje à noite vou a alguns postos de gasolina e comprar um pouco em cada um. Isso vai nos ajudar a passar alguns dias. Se tiver algum pedido, é só me falar.

Alex bocejou, depois sibilou quando o movimento repuxou o talho no rosto.

— Você tem aspirina?

Cansada, ela fez que sim com a cabeça.

— Boa ideia. Nós dois precisamos dormir um pouco. Vai ficar tudo bem se a gente deixar os cachorros ao ar livre, certo? Não quero que eles tenham que passar confinados o dia e a noite inteiros.

Alex desencavou um par de analgésicos enquanto Daniel empurrava para os lados a bagunça na traseira do Humvee, abrindo um estreito espaço plano no meio para eles. Convencida de ter feito tudo o que podia, Alex estendeu o saco de dormir e enrolou a ponta para fazer de travesseiro.

Parecia normal de um jeito anormal ter Daniel deitado ao seu lado, e foi instintivo e confortável para ele enroscar um braço na cintura dela e esconder o rosto em seu pescoço. A barba dele arranhou a sua pele, mas ela não se importou.

Estava quase pegando no sono quando sentiu que ele se mexia ao seu lado. A princípio, achou que ele estivesse começando a roncar, mas o tremor continuou. Pegou os dedos dele que estavam em sua cintura, e viu que tremiam. Sentou-se bruscamente e torceu o corpo para ficar de frente para ele. Os olhos dele se arregalaram quando ela se mexeu tão de repente, e ele fez menção de se levantar. Ela pôs a mão no peito dele, empurrando-o para baixo.

— O que foi? — sussurrou ele.

Ela olhou para a cara dele. Era difícil dizer na penumbra, mas ele parecia mais pálido que antes. Ela devia estar esperando por isso. Agora que tinham a chance de depor armas por um instante, em sentido figurado, claro que acabariam sentindo os efeitos da forte tensão da noite anterior. Talvez não um verdadeiro choque. Mais provavelmente só um ataque de pânico convencional.

— Nada. A não ser talvez você — disse ela, antes de tocar a testa dele. Estava pegajosa. — Está se sentindo mal?

— Não, estou bem.

— Você estava tremendo.

Ele balançou a cabeça negativamente e respirou fundo.

— Me desculpe, eu só estava pensando em... como foi por um triz.

— Não pense. Já acabou. Você está fora de perigo.

— Eu sei, eu sei.

— Não vou deixar nada acontecer com você.

Ele deu uma risada, e ela ouviu o mesmo som de histeria presente em sua própria risada na noite anterior.

— Eu *sei* — repetiu ele. — Eu *vou* ficar bem. Mas e você? *Você* está segura?

— Puxou-a para o peito, aninhando o lado danificado de seu rosto cuidadosamente nos dedos compridos, e sussurrou em seu cabelo: — Eu podia ter perdido você, sem mais nem menos. Tudo que significa alguma coisa para mim foi embora; perdi minha casa, meu emprego, minha vida... Perdi a *mim* mesmo. Estou pendurado me segurando com a ponta dos dedos, Alex, e é em você que me seguro. Se acontecer alguma coisa com você... não sei como vai ser para mim. Não sei como vou continuar. Estou conseguindo lidar com o resto, Alex, mas não posso perder você, não posso.

Outro estremecimento percorreu o corpo dele.

— Não tem problema — murmurou ela, sem muita certeza, esticando o braço para pousar os dedos em seus lábios. — Estou aqui.

Aquela era a coisa certa a ser dita? Ela não tinha nenhuma experiência em consolar os outros. Sua mãe, Judy, mesmo nos estágios finais da doença que a matara, não quis compaixão nem mentiras. Se Juliana dissesse algo como *Você está com uma cara ótima, mãe*, a resposta de Judy era na linha de *Não se incomode com essa bobagem, eu tenho espelho*. Havia a impressão de que nunca ocorreu a Judy que Juliana precisasse de consolo. Afinal, não era Juliana que estava morrendo.

Ela aprendeu cedo a não buscar compaixão para si mesma. Nunca soubera muito bem como demonstrar isso para outra pessoa. Estaria mais confortável sendo imparcial, explicando que o que ele estava sentindo agora era uma reação natural ao espectro de uma morte violenta, mas já lhe dissera coisas assim e sabia que não ajudavam em nada. Portanto, se pegou imitando o que tinha visto na televisão, falando com doçura, acariciando seu rosto.

— Está tudo bem... acabou.

Pensou se deveria cobri-lo com o saco de dormir, só por via das dúvidas, embora já estivesse muito abafado e ele não sentisse frio. Mesmo assim, chegara à conclusão de que a temperatura dele estava mais alta que a sua. Física e metaforicamente.

A respiração dele ainda parecia turbulenta. Ela chegou a cabeça para trás e se apoiou para poder examinar o rosto de Daniel.

Ele já não estava apenas pálido. Seus olhos doces estavam assombrados, atormentados, a mandíbula tensa frente ao pânico que tentava dominar. Uma linha saliente pulsava em sua testa. Olhava para ela como se suplicasse por um alívio para a dor.

Sua expressão provocou uma lembrança que era um pesadelo, a lembrança de seu interrogatório, e ela impulsivamente jogou os braços em volta do pescoço dele, levantando sua cabeça do assoalho do carro e apertando-a contra o peito para não ver aquele rosto. Ela também sentiu um tremor, e o lado analítico de seu cérebro dizia que cada milímetro dela estava tão traumatizado quanto Daniel. Seu lado não analítico não queria saber por quê. Uma onda de pânico a inundava

e ela achava que não era capaz de abraçá-lo o suficiente para se assegurar de que ele de fato estava vivo, em segurança e ali. Como se, de repente, ela pudesse piscar e estar de novo dentro daquela tenda escura com Daniel gritando de agonia. Ou, pior, ela abrir os olhos no corredor escuro do andar de cima e achar o corpo ensanguentado de Daniel aos seus pés, e não o do assassino. Sua pulsação disparou e ela não conseguiu respirar.

Daniel rolou por cima dela, ficando ao seu lado, e tirou as mãos dela de sua cabeça. Por um segundo, ela achou que ele estivesse em vias de assumir o papel de confortador em que ela falhara de modo tão desastroso. Mas aí seus olhos se encontraram e ela se mirou num espelho que refletia todo o tumulto e todo o medo que tinha em sua própria cabeça. Medo da perda e medo de *ter*, porque isso possibilitava a perda. Em vez de conforto, a profundidade do medo dele intensificou o dela. Ela poderia perdê-lo, mas não sabia como aceitar isso.

CAPÍTULO 21

Os lábios deles se encontraram tão de repente que ela não sabia ao certo quem tinha dado o primeiro passo.

E depois seus corpos estavam se enroscando com uma espécie de fúria desesperada, lábios e dedos, línguas e dentes. Respirar era secundário, e ela só conseguia fazer isso em arquejos entrecortados que ainda a deixavam tonta. Não queria nada além de estar mais perto, e depois ainda mais perto, de estar *dentro* da pele dele de alguma forma para que Daniel jamais pudesse ser arrancado dela. Sentiu a queimação quando o ferimento na mandíbula tornou a abrir, e todos os machucados, antigos e recentes, se fizeram sentir, mas a dor não a distraiu daquela intensa necessidade. Eles se engalfinharam quase como adversários, virando e se contorcendo juntos nos limites do pequeno espaço, batendo contra as sacolas e depois de novo no chão. Ela estava espantada com quão eletrizante era a força bruta dele — a força de um homem sempre fora algo a ser temido, mas ela agora estava fascinada com aquilo. Tecido era rasgado, e ela não tinha noção de que roupa era. Lembrava-se da textura da pele dele, da forma dos músculos sob suas mãos, porém não imaginara que esses músculos em contato com os seus dariam tal sensação.

Mais perto, latejava o seu sangue. *Mais perto.*

E então ele se afastou bruscamente, a boca se separando da sua com um arquejo engasgado. Um ganido ansioso soou a seus pés. Ela se inclinou e viu Einstein com as mandíbulas cerradas no tornozelo de Daniel. O cachorro ganiu de novo.

— Einstein, *descansar* — grunhiu ele, chutando para soltar o pé. — Me *larga.*

Einstein o soltou, olhando para ela nervosamente.

— Descansar! — A voz dela estava rouca. — Está tudo bem.

Com um bufo hesitante, Einstein foi embora pelo porta-malas aberto.

Daniel rolou e bateu a porta. Virou-se para ela de joelhos, com as pupilas dilatadas e os olhos perturbados. Rangeu os dentes como se estivesse se esforçando para controlar algo.

Ela esticou o braço, enganchando os dedos no cós do jeans dele, e Daniel desabou sobre ela com um gemido surdo.

— Alex, Alex — sussurrou contra o pescoço dela. — Fique comigo. Não vá embora.

Mesmo no delírio do momento, ela estava ciente do que Daniel pedia. E falou sério quando respondeu, sabendo que podia ser o pior tipo de erro.

— Eu fico — prometeu bruscamente. — Eu não vou.

Suas bocas tornaram a colar uma na outra, e ela sentiu o coração dele batendo num ritmo sincopado contra o seu, alinhados sob suas peles já que o dele espelhava o dela.

O toque estridente do telefone cortou os sons mais graves — os batimentos cardíacos dos dois, a respiração ofegante — e a fez afastar-se dele num tipo de pânico diferente.

Daniel balançou depressa a cabeça de um lado para outro uma vez, com os olhos fechados, como se tentasse lembrar onde estava.

Ela se sentou, procurando a origem do ruído.

— Está aqui — disse Daniel, ofegando. Meteu a mão no bolso do jeans enquanto o telefone voltava a tocar.

Viu o número, depois apertou Atender com o polegar. Com a mão esquerda, puxou Alex de volta para junto do peito.

— Kev? — atendeu Daniel entre um arquejo e outro.

— Danny... ei, vocês estão em segurança?

— Estamos.

— O que está fazendo?

— Tentando dormir um pouco.

— Parece que você está correndo uma maratona.

— O telefone me assustou. Nervos meio à flor da pele, sabe. — Daniel mentiu de maneira tão deslavada que ela quase sorriu apesar do tumulto que sentia por dentro.

— Ah, certo, me desculpe. Deixa eu falar com a Espirradeira.

— Você quer dizer Alex?

— Tanto faz. Passe o telefone para ela.

Ela tentou acalmar a respiração para soar normal.

— Sim?

— O quê? Não me diga que também se assustou com o telefone.

— Eu não sou uma agente secreta. E a noite foi muito longa.

— Serei rápido. Encontrei o meu cara. O nome Deavers significa alguma coisa para você?

Ela refletiu por um instante, esforçando-se para direcionar os pensamentos para o que importava.

— Sim, conheço o nome. Apareceu em alguns dos arquivos quando as informações estavam sendo extraídas da CIA. Mas ele nunca monitorou um interrogatório. Ele é supervisor na CIA?

— É mais do que supervisor. É o segundo na linha de comando atualmente, com interesse em uma promoção. Foi um dos muitos potenciais que eu estava monitorando. Hoje de manhã cedo, Deavers recebeu uma ligação, esmurrou algumas paredes, depois deu um telefonema. Conheço esse cara... ele adora

botar os peões para correr. Não sai da sala dele. Manda um assistente trazer quem ele quer. Sempre o jogo de poder. Mas, depois dessa segunda ligação, ele saiu correndo para falar com aquele seu Carston feito um moleque de recados. Os dois se encontraram num pequeno parque residencial aleatório a quilômetros de distância dos respectivos escritórios e depois saíram para dar uma caminhada tranquila e suarenta, com cara de que queriam matar um ao outro o tempo todo. É o Deavers, com certeza.

— O que você planeja fazer?

— Hum. Acho que ainda quero que você envie o e-mail. Preciso ver quem mais sabe disso. Liquidar o Deavers não será muito difícil, mas isso só soará o alerta para os outros caras se ele não estiver agindo sozinho. Tem uma caneta aí?

— Só um segundo.

Ela se arrastou até o banco da frente e achou a mochila. Catou uma caneta, depois rabiscou no verso de uma nota de gasolina o endereço de e-mail que ele deu.

— Quando? — perguntou.

— Hoje à noite — decidiu ele. — Depois de vocês terem dormido um pouco e recuperarem o sangue-frio.

— Mandarei o e-mail de Baton Rouge. Você já tem um texto ou quer que eu improvise?

— Você sabe o que tem que ser escrito. Não deixe que pareça muito intelectual.

— Acho que consigo incorporar um troglodita.

— Perfeito. Depois de trocar de carro com os McKinley, venha para cá. — Kevin assumiu um tom de voz bem baixinho, mas não adiantou nada, pois Daniel estava muito perto. — Danny vai causar problemas em relação a ficar para trás?

Ela olhou para Daniel. Foi fácil interpretar a reação dele.

— Vai. De todo modo, não tenho muita certeza se é uma boa ideia. Pode me chamar de paranoica, mas não confio mais em esconderijos.

Daniel se abaixou para pressionar os lábios com força na testa dela, o que tornou difícil prestar atenção no que Kevin dizia.

—... arranje um lugar para Lola. Sua cara está muito ruim? Espirradeira?

— Hã?

— A sua cara. Como ela está?

— Curativo grande do lado esquerdo da mandíbula até a orelha. — Enquanto ela falava, Daniel chegou mais perto para examinar seus ferimentos e depois inspirou profundamente. — Além de toda a graça original.

— Dá para levar — disse Kevin. — Lola também está machucada. Eu contarei uma história que eles comprarão.

— Eles quem?

— O hotel para cães para Lola. Droga, Espirra, você precisa dormir um

pouco. Está ficando cada vez mais burra.

— Talvez eu escreva o seu e-mail agora, enquanto estou no estado mental certo.

— Me ligue quando estiver na estrada de novo. — Kevin desligou.

— Você está sangrando pelo curativo — disse Daniel, aflito.

Ela lhe entregou o telefone.

— Tudo bem. Eu devia ter colado o corte ontem à noite.

— Vamos cuidar disso agora.

Ela observou o rosto de Daniel: o pânico e a ferocidade em seus olhos tinham se transformado em simples preocupação. Seu peito ainda brilhava de suor, porém sua respiração estava normal. Ela não tinha certeza se também havia conseguido se acalmar.

— Agora *mesmo*? — perguntou.

Ele lhe lançou um olhar cauteloso.

— É, agora mesmo.

— Está sangrando tanto assim? — Ela tocou na gaze com cuidado, mas só sentiu um pouco de umidade quente. Pela expressão dele, esperava que o sangue estivesse jorrando.

— Está *sangrando*. Isso basta. Cadê o kit de primeiros socorros?

Com um suspiro, ela virou para as sacolas empilhadas. Como a errada era a de cima, precisou rearrumá-las. Enquanto procurava, sentiu os dedos de Daniel percorrendo com cuidado sua escápula esquerda.

— Você está coberta de machucados — murmurou ele, os dedos acompanhando a linha de seu braço. — Estes têm cara de recentes.

— Me derrubaram — confessou, pegando o kit e se virando.

— Você nunca me contou o que aconteceu dentro da casa — comentou Daniel.

— Você não quer saber.

— Talvez eu queira.

— Ok. *Eu* não quero que você saiba.

Daniel pegou o kit de primeiros socorros da mão dela, depois cruzou as pernas e encaixou o kit entre elas. Ela fez o mesmo com um suspiro pesado, inclinando o lado esquerdo do rosto para Daniel.

Delicadamente, ele puxou o esparadrapo da pele.

— Você pode fazer isso mais depressa.

— Vou fazer do meu jeito.

Ficaram sentados em silêncio enquanto ele trocava o curativo. O fato de estar imóvel fez com que seu corpo se lembrasse de quão exausta estava.

— Por que não quer que eu saiba? — perguntou ele enquanto passava um lencinho com remédio na pele dela. — Acha que não sou capaz de lidar com isso?

— Não, eu só...

— O quê?

— O jeito como você está olhando para mim agora. Não quero que isso mude.

De rabo de olho, ela o viu sorrir.

— Você não precisa se preocupar com isso.

Ela encolheu os ombros em resposta.

— Como eu faço isso? — perguntou ele, tirando a supercola da caixa.

— Junte os beiços do corte, trace uma linha de cola por cima, depois mantenha firme até a cola secar. Leva mais ou menos um minuto.

Ela conteve uma careta quando Daniel pressionou as pontas dos dedos com firmeza em sua pele. O cheiro familiar da cola impregnou o espaço entre os dois.

— Isso dói?

— Não tem problema.

— Você nunca se cansa de ser forte?

Ela revirou os olhos.

— Dá para aguentar a dor, obrigada.

Daniel se afastou para examinar o curativo.

— Não ficou legal — disse. — Você devia ter salvado a vida de um paramédico.

Ela pegou a cola da mão dele e tampou-a. Não queria que secasse. Quem sabe quando precisaria de novo dela, do jeito que aquela viagem estava se desenrolando.

— Tenho certeza de que dará conta — disse ela. — Só segure mais um pouco.

— Alex, sinto muito por agora há pouco. — A voz dele estava baixa, meio que pedindo desculpa.

Ela desejou poder virar a cabeça e olhar direto para ele.

— Não sei o que foi aquilo — continuou ele. — Não acredito que fui tão rude com você.

— Eu também não estava sendo delicada.

— Mas eu não estou machucado — lembrou Daniel com amargura. — Não tenho nenhum arranhão, como você disse.

— Acho que isso não é mais verdade — disse ela, roçando os dedos na pele do peito de Daniel. Dava para sentir os leves lanhos deixados pelas suas unhas.

Daniel inspirou bruscamente — ambos imersos por um segundo na lembrança — e ela sentiu um nó no estômago. Tentou virar o rosto, mas Daniel o segurou.

— Espere — alertou.

Ficaram sentados sem se mexer no silêncio carregado enquanto ela contou mentalmente duas vezes até sessenta.

— Já secou — insistiu.

Devagar, ele tirou os dedos da mandíbula. Ela se virou para Daniel, mas ele

estava de cabeça baixa, mexendo no kit. Achou o spray antisséptico e aplicou-o generosamente no ferimento. Depois pegou os rolos de gaze e esparadrapo. Com delicadeza — e sem fazer contato visual — segurou o queixo dela entre o polegar e o indicador e reposicionou sua cabeça. Prendeu a gaze no lugar.

— Agora devíamos dormir — disse Daniel ao pressionar o último pedaço de esparadrapo na pele dela. — Nós dois estamos exaustos e sem conseguir pensar com clareza. Podemos voltar a essa... discussão quando estivermos mais racionais.

Ela quis discutir, mas sabia que Daniel estava certo. Não estavam agindo como eles mesmos. Estavam agindo como animais: reagindo a uma experiência quase fatal com um imperativo inconsciente para perpetuar a espécie. Era mais biologia primitiva do que comportamento adulto responsável.

Ela ainda queria discutir.

Daniel descansou os dedos na lateral de seu pescoço, e ela sentiu a pulsação começar a acelerar sob o toque. Daniel também sentiu.

— Dormir — repetiu.

— Tem razão, tem razão — resmungou ela, deixando-se cair no saco de dormir amarfanhado. Estava exausta.

— Aqui. — Daniel lhe entregou a camiseta dele.

— Cadê a minha?

— Toda rasgada. Me desculpe.

Estava muito quente e abafado dentro do Humvee. Ela jogou de lado a camiseta dele e sorriu com remorso, sentindo a cola repuxar.

— Para pessoas com recursos tão limitados, não estamos sendo muito cuidadosos com as nossas coisas.

Daniel também deve ter notado a falta de circulação de ar. Inclinou-se e abriu o porta-malas de novo.

— Como eu disse... estamos exaustos.

Deitou-se ao lado dela e ela se aninhou junto ao seu peito, perguntando-se se realmente seria possível dormir com ele seminu ao seu lado. Fechou os olhos, esforçando-se para pegar no sono. Os braços dele a envolveram — com timidez no início, mas depois, passado um minuto, com mais firmeza, quase como se ele estivesse testando a própria determinação.

Se estivesse um pouco menos cansada, ela poderia ter dificultado as coisas para ele. No entanto, logo pegou no sono, apesar da consciência exacerbada do corpo dele e de todos os leves volts de eletricidade que soltavam faíscas quando suas terminações nervosas tocavam a pele nua dele. Enquanto se entregava ao sono, uma única palavra estranha rodava em sua mente.

Meu, insistia seu cérebro enquanto seus pensamentos se extinguiam. *Meu.*

* * *

QUANDO ALEX ACORDOU, o sol ainda estava forte no poente, e o saco de dormir embaixo dela, molhado de suor. As sombras tinham se movido, e um raio de luz batia em cheio no rosto dela, mesmo com o vidro fumê. Sonolenta, ela piscou por um instante, esperando o cérebro despertar.

Então acordou com um sobressalto ao se dar conta de que estava sozinha. Sentou-se depressa demais, ficando com dor de cabeça e zonza. A porta da mala do Humvee ainda estava aberta, e o ar quente e úmido lhe pesava na pele. Daniel tinha sumido do mapa. A camiseta dele também, por isso Alex teve que procurar depressa e em silêncio algo para vestir antes de ir procurar por ele. Era idiotice, mas, se ela estivesse prestes a deparar com outro grupo de assassinos, não queria fazê-lo vestida apenas com um sutiã cor da pele. Vestiu o suéter fino e muito largo porque foi a primeira coisa que encontrou, não porque fosse adequado ao clima. Pegou a pistola da bolsa e colocou-a nas costas. Quando ia sair do carro, ouviu barulho de papel embaixo do joelho.

Era o recibo no qual escrevera o endereço de e-mail. No verso, havia outro bilhete escrito com capricho.

Levei Einstein para passear. Volto logo.

Ela enfiou o bilhete no bolso. Ainda se movendo sem fazer barulho, saiu do Humvee. Lola estava esparramada num trecho de sombra ao lado da água e da comida que Daniel deixara. Começou a bater o rabo na relva ao ver Alex.

Bem, pelo menos com Lola ali, Alex sabia que não havia mais ninguém por perto. Bebeu um pouco de água, enxugou o suor do rosto com as mangas do suéter, depois as arregaçou o máximo que pôde.

— Nem sei para que lado eles foram — queixou-se para Lola, acariciando as orelhas da cadela. — E você não está em condições de rastreá-los, está, querida? Embora eu aposte que você os encontraria logo se estivesse recuperada.

Lola lambeu sua mão.

Alex estava com muita fome. Vasculhou a pequena reserva de comida que Daniel tinha trazido e se contentou com um saco de pretzels. Definitivamente teria que reabastecer o estoque deles naquela noite, mas detestava deixar rastros. É claro que havia centenas de rotas que eles poderiam ter tomado para infinitos destinos. Contudo, com persistência e um pouco de sorte, alguém conseguiria identificar um padrão. Não restavam a ela armadilhas cuidadosamente preparadas nem planos bem-concebidos, muito menos Batcavernas. Seus ativos eram dinheiro, armas, munição, granadas, facas, uma variedade de venenos e substâncias químicas incapacitantes, um veículo de assalto e um único cão de ataque brilhante. Suas desvantagens físicas incluíam este mesmo veículo de assalto que exigia atenção, uma cachorra manca, o próprio corpo debilitado de certa forma, um rosto chamativo, outro estampado num cartaz — de certa forma — de procurado e falta de comida, abrigo e opções. Suas desvantagens emocionais eram ainda piores. Ela não conseguia acreditar em quantos

problemas havia causado a si mesma num período tão curto. Parte dela queria mais do que tudo poder voltar no tempo, voltar para sua banheira aconchegante, seu rosto intacto e suas redes de segurança. Tomar outra decisão naquela biblioteca distante e deletar o e-mail.

Mas, se pudesse voltar no tempo, será que ela o faria? Aquela vida de terror e solidão diários era mesmo uma opção melhor? Ela de fato estava mais segura, mas mesmo assim era caçada. Sua vida nova e mais ameaçada não era uma existência mais plena em tantos aspectos?

Ela estava sentada ao lado de Lola, afagando as costas da cadela devagarinho, quando ouviu a voz de Daniel se aproximando. Após o primeiro choque de alarme, ela não entrou em pânico por ele estar falando com outra pessoa. Havia uma irritação especial na voz dele que só surgia quando falava com Kevin.

Einstein chegou primeiro. Correu animadamente para Alex e encostou o nariz úmido em sua mão. Cumprimentou Lola com uma cheiradinha e depois foi beber água.

Daniel surgiu, andando depressa a passos largos pelo meio da estrada de terra abandonada. Usava o boné à prova de balas. Por baixo dele, sua testa estava franzida. Segurava o telefone a dois centímetros da orelha.

— Já voltei. Vou ver se ela está acordada... Não, não vou acordá-la se ela estiver dormindo.

Alex se pôs de pé, limpando a sujeira do traseiro e se espreguiçando. O movimento chamou atenção de Daniel, em cujo semblante irritado esboçou-se lentamente um sorriso largo. Apesar de estar um pouco aborrecida, não pôde evitar retribuir o sorriso.

— Ela está aqui. Só mais um pouquinho de paciência, irmão querido.

Em vez de lhe entregar o telefone, Daniel a puxou para um abraço demorado. Com o rosto escondido no peito dele, inspirando seu cheiro, ela sorriu. Mas, quando Daniel enfim se afastou, ela balançou a cabeça, com as sobrancelhas erguidas numa expressão de incredulidade.

— Me desculpe — disse ele. — Eu não pensei direito.

Ela soltou um suspiro frustrado, depois estendeu a mão, esperando o telefone. Daniel o entregou com um sorriso encabulado, o outro braço ainda a envolvendo de leve.

— Não ligue para mim, só estou tentando nos manter vivos — murmurou ela, depois falou ao telefone: — Alô.

— Bom dia. Vejo que o idiota do meu irmão não aprendeu nada com os erros dele.

— O que aconteceu?

— Não muita coisa. Uma enxurrada de telefonemas, mas ninguém mais se envolveu.

— Então por que você ligou?

— Porque parece que você e Daniel têm uma capacidade infinita de ferrar as coisas. Isso está me deixando preocupadíssimo.

— Bem, foi *ótimo* falar...

— Não fique chateada, Espirradeira, você sabe que me refiro a Daniel. Só queria que você de algum jeito conseguisse colocá-lo na linha.

— Ele é jovem. Vai aprender.

— Antes de se matar?

— Você sabe que estou te ouvindo, não sabe? — questionou Daniel.

— Ninguém gosta de quem escuta a conversa dos outros — disse Kevin falando alto. — Dê espaço para a garota.

— Tome, fale você mesmo com ele. Vou arrumar as coisas para partirmos ao pôr do sol.

Devolveu o telefone para Daniel e se desvencilhou. Ele não falou muito com o irmão. Limitaram-se a trocar alguns insultos enquanto ela voltou para o Humvee e verificou os danos. O porta-malas continuava um caos total. Bem, ela tinha muito tempo livre agora e quase nada de produtivo para fazer. Puxou a pistola das costas e a guardou em um saco Ziploc na mochila. Em seguida, enrolou o saco de dormir e o colocou no banco da frente para poder localizar toda a munição avulsa.

Ouviu Daniel subir no porta-malas. Ele se pôs a revistar minuciosamente o espaço à procura de objetos espalhados.

— *Me* desculpe — disse enquanto vasculhava, sem olhar diretamente para ela. — Mas é que você estava dormindo e Einstein estava agitado, e parecia que nós estávamos sozinhos aqui. Pareceu normal fazer isso. Acho que esse deveria ter sido o primeiro indício de que eu estava fazendo algo errado.

Ela também não olhou diretamente para Daniel.

— Imagine se *você* tivesse acordado aqui sozinho.

— Eu devia ter pensado nisso.

— Lembro que alguém me prometeu recentemente que, antes de *respirar*, perguntaria se tinha problema.

Ele suspirou.

— Kevin tem razão, não tem? Eu sou péssimo nisso.

Ela começou a organizar os diferentes tipos de carregadores em sacos Ziploc, colocando depois cada um num bolso externo da sacola.

— Percebi a sua jogada — disse ela. — Você está fazendo isso para eu não ter escolha: ou eu concordo com Kevin, ou perdoo você.

— Está dando certo?

— Depende. Alguém viu você?

— Não. Nós não vimos sinal de vida além de uns passarinhos e uns esquilos. Sabe como quase todo cachorro corre atrás de esquilos? Einstein *pega* esquilos.

— Isso pode vir a calhar se tivermos que morar mais um tempo neste

Humvee. Não sou uma boa caçadora.

— Mais uma noite, certo? Vamos sobreviver.

— Eu realmente espero que sim.

— Hã... você quer guardar isso? — perguntou Daniel parecendo confuso. — São... nozes?

Alex verificou a que Ziploc Daniel estava se referindo.

— São caroços de pêssego — respondeu.

— Lixo?

Ela pegou o saco da mão dele e o enfiou na sacola que estava reorganizando.

— Lixo não. Uso esses caroços por causa do cianeto de sódio encontrado no seu núcleo. Não tem muito em um único caroço... tenho que arranjar centenas de caroços para conseguir uma quantidade razoável. — Suspirou. — Sabe, eu gostava de pêssego. Agora não suporto.

Ela olhou para cima e viu que Daniel estava imóvel, com os olhos bastante arregalados.

— Cianeto? — Ele parecia assustado.

— Um dos meus sistemas de segurança. Quando reage com o ácido líquido certo, gera o ácido cianídrico. Gás incolor. Faço ampolas cujo tamanho é suficiente para saturar um cômodo de três por três. Coisa bem básica. Não tenho mais acesso a materiais de alta qualidade. Hoje em dia faço muita química de fundo de quintal.

Daniel relaxou o rosto e balançou a cabeça como se tudo que ela tinha acabado de dizer fosse perfeitamente normal e sensato. Voltou a catar a munição espalhada. Ela sorriu para si mesma.

Alex teve que admitir que se sentiu um pouco mais sossegada com todo o equipamento deles organizado e bem-guardado. A melhor coisa no transtorno obsessivo-compulsivo era o barato que se tinha ao ver um lugar arrumado. Também se sentiu reconfortada por ter feito o levantamento de todas as armas que lhe restavam. Os brincos não podiam ser substituídos e vários de seus compostos estavam acabando, mas a maioria de suas armas ainda estava utilizável.

De jantar, tinham barrinhas de granola, Oreo e uma garrafa de água que dividiram sentados na beirada do Humvee aberto. Suas pernas ficaram penduradas a mais de um palmo do chão, já os dedos dos pés de Daniel tocavam o solo. Por insistência dele, ela tomou mais anti-inflamatório. Pelo menos os comprimidos vendidos sem receita podiam ser repostos com facilidade — não havia necessidade de fazer um grande estoque.

— Quando vamos embora? — perguntou Daniel depois que limparam tudo.

Ela avaliou a posição do sol.

— Daqui a pouco. Mais quinze minutos e acho que estará escuro quando chegarmos à estrada principal.

— Sei que estou encrencado e provavelmente mereço, sei lá, ir para a solitária ou algo assim, mas eu poderia te beijar até dar a hora? Prometo que serei mais cuidadoso com o seu rosto e as suas roupas.

— Cuidadoso? Isso não é muito tentador.

— Me desculpe. Essa é a melhor oferta que posso fazer agora.

Ela suspirou, fingindo relutar.

— Acho que não tenho mais nada para fazer.

Daniel segurou seu rosto de leve com as pontas dos dedos, evitando os machucados, e quando seus lábios tocaram os dela eram tão macios que não pesavam quase nada. Ela ainda sentia o zumbido, a eletricidade sob a pele, porém havia um estranho conforto na delicadeza do beijo. Foi como antes, como na cozinha do sítio, só que com um pouco mais de prudência. Mesmo assim, ela se lembrou da manhã, e isso mudou as coisas. Considerou modificar o ritmo, ir para o colo de Daniel e enroscar as pernas nele, porém hesitou. Estava tão bom daquele jeito. Tocou os cachos dele com os dedos — isso logo tinha virado um hábito seu.

Ele beijou seu pescoço, saboreando de leve os lugares onde a pulsação latejava sob a pele.

Daniel sussurrou no ouvido bom dela:

— Uma coisa me preocupa.

— Só *uma* coisa? — murmurou ela.

— Bem, fora o óbvio.

Sua boca voltou para a dela, ainda cautelosa, porém mais exploradora. Fazia quase dez anos que ninguém a beijava, mas parecia mais tempo. Ninguém nunca a havia beijado *assim*, com o tempo desacelerando e seu cérebro parando e toda aquela eletricidade...

— Quer saber o que é?

— Hum?

— A coisa que me preocupa.

— Ah, certo. Claro.

— Bem — disse ele, parando para beijar suas pálpebras. — Sei exatamente o que sinto por você. — Os lábios dela de novo, o pescoço. — Mas não tenho muita certeza do que você sente por mim.

— Não é óbvio o que sinto por você?

Daniel se afastou um pouco, ainda segurando seu rosto, e olhou para ela, curioso.

— Parece que sentimos o mesmo nível de atração um pelo outro — retrucou ele.

— Eu diria que sim.

— Mas você sente mais alguma coisa?

Ela o encarou, sem saber direito o que Daniel esperava.

Ele suspirou.

— Alex, estou apaixonado por você. — Ele observou o rosto dela, analisando sua reação, depois franziu o cenho e colocou as mãos nos ombros dela. — E vejo que você não acredita nisso, mas é a mais pura verdade. Apesar do que o meu comportamento recente pode sugerir, sexo não é o meu objetivo final aqui. E... acho que eu gostaria de verdade de saber quais são os seus objetivos.

— Os meus *objetivos*? — Ela o encarou, incrédula. — Você está falando sério?

Ele assentiu, solene.

A voz dela saiu mais áspera do que pretendia ao responder:

— Só tenho um único objetivo, que é manter nós dois vivos. Talvez, se eu conseguir fazer isso por tempo suficiente, possamos de fato ter uma expectativa de vida razoável além das próximas vinte e quatro a quarenta e oito horas. Se um dia estivermos nesta feliz posição, poderei pensar em ter outros objetivos. Objetivos implicam um futuro.

Os vincos de preocupação dele se espalharam da boca para a área ao redor dos olhos. Ele fechou a cara.

— As coisas estão realmente tão ruins?

— Estão! — explodiu ela, cerrando os punhos. Respirou fundo. — Pensei que isso também estivesse óbvio.

O sol estava se pondo. Os dois já deviam ter seguido viagem cinco minutos antes. Ela pulou do Humvee e assoviou, chamando os cachorros. Einstein passou por ela aos pulos, pronto para voltar para a estrada. Ela foi pegar Lola, mas Daniel chegou primeiro.

Alex se alongou e tentou pensar com clareza. Sentia-se descansada e provavelmente conseguiria dirigir a noite toda. Era só isso que importava. Simplesmente passar a noite sem chamar mais atenção do que o necessário. Mandar o e-mail de Kevin e depois transferir sua parafernália para um veículo menos chamativo. Esse era o limite de sua ambição.

Rodaram por um tempo em silêncio. Escureceu enquanto eles ainda estavam nas vias secundárias. Quando chegaram à rodovia I-49, Alex relaxou um pouco.

Não tinham visto muitos carros, e tudo com que haviam deparado era velho e se encaixava na paisagem rural. Por enquanto, ela tinha quase certeza de que ninguém sabia exatamente onde estavam.

Sabia que devia se concentrar, mas a estrada escura com um fluxo constante de tráfego anônimo era monótona, por isso não pôde deixar de se perguntar em que Daniel estaria pensando. Não era do feitio dele ser tão calado. Pensou em ligar o rádio, mas isso meio que pareceria covardia. Ela provavelmente lhe devia um pedido de desculpas.

— Hum, me desculpe se fui grossa naquela hora. — As palavras soaram muito alto após o longo silêncio. — Não sou boa no trato com gente. Não tenho uma justificativa. Sou adulta... eu deveria conseguir manter uma conversa

normal. Me desculpe.

Ele soltou um suspiro que não parecia ser de aborrecimento, era mais de alívio.

— Não, eu é que peço desculpas. Eu não deveria ter pressionado. Minha falta de foco nos colocou nessa posição. Vou tentar me controlar.

Ela balançou a cabeça.

— Você não pode pensar assim. Não é responsável por isso. Olha, alguém decidiu te matar. Isso aconteceu com Kevin há seis meses e comigo alguns anos antes disso. Você vai cometer erros, porque é impossível saber o que é erro e o que não é até estar feito. Mas erros não significam que você é culpado pelo que está acontecendo. Nunca se esqueça de que há um ser humano de verdade que decidiu priorizar o projeto dele em detrimento da sua existência.

Daniel refletiu por um instante.

— Entendo o que você está dizendo. Acredito nisso. Mas preciso ouvi-la com mais atenção... agir como você, manter o foco no que é importante. Não nos ajuda em nada eu ficar com a cabeça no mundo da lua feito um adolescente, preocupado se você sente o mesmo que eu.

— Sinceramente, Daniel, eu...

— Não, não — interrompeu ele. — Eu não tive a intenção de me apoderar da conversa com esse comentário.

— Eu só quero explicar. Se você é um adolescente, eu sou uma criancinha. Sou emocionalmente atrasada. Deficiente, até. Não sei como fazer nada disso, e, embora nossa sobrevivência obviamente seja a prioridade, também estou usando isso para fugir de perguntas que eu deveria ser capaz de responder. Quer dizer... amor? Eu nem sei o que é isso, ou se existe. Me desculpe, é só... estranho para mim. Eu avalio as coisas com base em necessidades e carências. Não consigo lidar com nada... *mais fofo*.

Daniel deu aquela sua risada *he-he-he* engraçada e toda a tensão de Alex se dissipou. Também riu, mas depois suspirou. Tudo parecia menos terrível quando ria com Daniel.

Ele parou de rir e então disse num tom leve:

— Então me diga do que você precisa.

Ela pensou por um instante.

— Eu preciso... que você esteja vivo. E gostaria de estar viva também. Isso é o básico para mim. Se conseguir mais do que isso, eu preferiria ter você perto de mim. Depois disso, tudo o mais são só adereços.

— Me chame de otimista, mas acho que estamos lidando com nada mais do que questões semânticas aqui.

— Talvez você tenha razão. Se conseguirmos mais umas semanas juntos, quem sabe não aprendemos a falar a mesma língua.

Ele pegou a sua mão.

— Sempre fui bom em linguística.

CAPÍTULO 22

Alex baseou-se na idade do caixa para escolher o posto de gasolina na periferia de Baton Rouge. O homem devia ter uns oitenta anos e ela tinha grandes esperanças de que a visão e a audição dele já estivessem comprometidas.

Depois de se certificar de que ele não prestava nenhuma atenção nela, embora sua maquiagem pesada estivesse longe de estar convincente, fez uma compra grande. Mais água, montes de nozes e carne-seca; qualquer tipo de proteína não perecível que conseguiu encontrar. Pegou algumas latas de suco de verduras, embora não fosse fã, pois na loja de conveniência não havia uma seção de verduras frescas. Admitiu para si mesma que em algum momento precisaria ir a um mercado de verdade, mas esperava que pudessem aguardar um pouco mais. A cada dia, seus hematomas clareavam um pouquinho.

Também não houve drama no cibercafé que funcionava vinte e quatro horas. Como era perto da universidade, não faltavam notívagos para ocupar os lugares vazios. Ela manteve o capuz puxado e a cabeça baixa, sentou-se num canto isolado e pediu um café preto sem olhar para o atendente que veio anotar o pedido. Desejou ter tempo para fazer isso de algum lugar que não ficasse no rastro do destino deles, mas a prioridade número um tinha que ser trocar o Batmóvel. Era sua maior desvantagem atual.

Criou uma conta de e-mail nova registrada num nome que não passava de uma combinação aleatória de letras e números, depois tentou incorporar Kevin.

Você devia ter deixado isso para lá, Deavers. Não devia ter envolvido um civil. Não estou aqui para fazer seu trabalho sujo, mas cuidei da interrogadorazinha para você. Texas foi uma boa maneira de dizer "de nada". Já chega.

Não era uma ameaça específica, mas várias estavam implícitas. Ela hesitou por um instante com o dedo no mouse, a setinha em cima do botão "enviar". Será que estava lhes dando alguma coisa que eles não tinham? Àquela altura eles saberiam que Daniel não era um dos que morreram no sítio. Ela não podia enganar Deavers sobre esse ponto. Haveria alguma maneira de isso voltar para eles que ela não tivesse percebido? Será que aquilo podia piorar a situação?

Apertou o botão. De qualquer jeito, a situação não tinha como ficar muito pior do que já estava.

Assim que a mensagem foi enviada, ela se levantou. O Humvee estava estacionado no beco dos fundos, atrás de algumas caçambas de lixo. Ela andou depressa, de cabeça baixa, com capuz, e uma seringa em punho. A ruela estava praticamente vazia, só havia um grupinho de pessoas espremidas na escuridão de

uma saída de emergência recuada. Observou o trio por um instante antes de entrar no veículo escuro.

Einstein encostou o nariz em seu ombro. Daniel segurou a mão dela.

— Sabe onde estão os óculos de visão noturna? — murmurou.

Ele largou a mão dela.

— Tem alguma coisa errada? — sussurrou ele em resposta. Depois virou-se para procurar entre os bancos.

— Nada de novo — garantiu ela. — Talvez uma coisa útil.

Ele lhe entregou os óculos. Ela os colocou e observou melhor o grupinho.

As pessoas estavam se dispersando. Aquela não era uma área da cidade particularmente barra-pesada, e todos ali vestiam roupas caras, mas casuais. Um homem de cabelo escuro estava de mãos dadas com uma loura. Ela exibia tantas etiquetas chamativas nas suas diferentes peças de roupa que parecia um piloto da Nascar patrocinado por marcas mais ou menos luxuosas. Esses dois estavam se afastando, seu caminho se desviando do Humvee. A loura andava bamboleando um pouco. O homem ao seu lado estava enfiando alguma coisa no bolso do moletom de capuz.

A terceira pessoa permaneceu na soleira escura da porta, encostada tranquilamente nela como se estivesse esperando a chegada de mais convidados em breve. Ela descreveria sua roupa como *de mauricinho*.

Pensou no que tinha acabado de sentir dentro do café antes de apertar "enviar": que a situação podia piorar muito. Ela achava que havia maneiras de que essa sua ideia espontânea desandasse, mas não conseguiu pensar em nenhuma outra com a qual pudesse lidar discretamente. E já seria uma mão na roda se o mauricinho fosse o que ela achava que ele era.

Tirou os óculos.

— Cadê a grana? — sussurrou.

Trinta segundos depois, com a seringa numa das mãos e o rolo de cinquentinhas na outra, saiu em silêncio do Humvee e seguiu na direção do homem, que continuava tranquilamente encostado na porta, como se não preferisse estar em nenhum outro lugar. Ela não enxergava com muita clareza sem os óculos, mas teve a impressão de ter captado a imperceptível reação que ele teve quando se deu conta de que ela se aproximava. Retesou-se ligeiramente, mas não se mexeu.

— Oi — disse ela quando chegou perto o suficiente para falar baixo e mesmo assim ter certeza de que ele ouviria.

— Boa noite — respondeu ele num sotaque sulista arrastado.

— Eu queria saber se você poderia me ajudar. Estou procurando... um produto específico. — Sua entonação aumentou no final da frase, como se fosse uma pergunta.

Ela não sabia comprar drogas na rua. Nunca tivera que fazer isso. Era a

primeira vez que o suprimento que conseguira acumular durante sua época em Chicago se esgotara. Joey G nunca se importou de pagar em mercadoria.

Ela esperava que o mauricinho a acusasse de ser policial, como os traficantes sempre faziam na tevê, mas ele apenas balançou a cabeça afirmativamente.

— Talvez eu possa ajudar. O que você está procurando?

Era improvável que *ele* fosse policial, a não ser que a venda que ela acabara de ver tivesse sido forjada para atrair um cliente de verdade. Se ele tentasse prendê-la, ela o derrubaria e fugiria. Uma caçada humana em Baton Rouge dificilmente seria seu maior problema, e ela sabia que ele não estava vendo direito seu rosto, afinal não reagira ao estrago.

— Opioides... ópio, heroína ou morfina.

Houve uma pausa enquanto ele fixou os olhos sob o capuz na escuridão. Ela achou que ele não conseguia ver muita coisa.

— Bem... é uma lista exótica. Ópio? Hã. Não tenho ideia de onde você pode conseguir isso por aqui.

— Heroína também serve. Eu preferiria em pó, se possível. Acho que é improvável você ter alguma coisa não traçada.

Era quase impossível que ele tivesse heroína pura. Qualquer coisa que conseguisse teria sido batizada duas ou três vezes antes de chegar às suas mãos. Não que ele não fosse dizer a verdade. Purificação era um pouco chato, mas ela arranjaria tempo.

Ele deu uma risada, e ela achou que seu estilo de comprar não devia ser o mais comum.

— Tenho coisa de primeira. Mas não é barato.

— O que é bom custa caro — disse Alex. — Não estou procurando uma pechincha.

— Duzentos o grama. Pó branco puro.

Até parece, pensou ela. Mas heroína batizada era melhor do que nenhuma heroína.

— Três gramas, por favor.

Ele parou. Embora estivesse muito escuro para interpretar a expressão dele, ela sabia o que ele queria pela maneira como inclinou a cabeça para o lado. Ela puxou o dinheiro do bolso e contou doze notas. Perguntou-se por um instante se ele tentaria lhe roubar o restante. Mas parecia um homem de negócios. Gostaria que alguém aparentemente endinheirado como ela virasse sua cliente.

Pegou o dinheiro que ela lhe estendeu, conferiu rapidamente, depois guardou-o no bolso traseiro do short cargo. Ela ficou tensa quando ele se agachou, mas só estava puxando uma mochila de trás de uma pilha de sacos de lixo encostada na parede. Não precisou procurar o que queria. Um segundo depois estava de pé, segurando três saquinhos de plástico. No escuro, ela não conseguia confirmar a cor, mas *parecia* quase branco. Esticou a mão e ele colocou os saquinhos em sua

palma.

— Obrigada — disse ela.

— Eu que agradeço, madame.

Ele fez um aceno de cabeça discreto e engraçado, quase uma mesura. Alex voltou depressa para o Humvee, feliz por ser difícil distingui-lo daquele ângulo. O traficante veria um veículo escuro e grande, e não muito mais que isso.

Einstein ganiu baixinho quando ela se sentou no banco do carona.

— Vamos — disse.

Daniel ligou o motor.

— Vire à esquerda naquela travessa para que aquele cara não consiga ver direito o carro.

— O que aconteceu? — sussurrou Daniel enquanto seguia suas instruções. Mesmo num sussurro, era fácil perceber a tensão dele. Não era nenhuma surpresa que o cachorro também estivesse ansioso.

— Só estava pegando alguns ingredientes de que eu precisava.

— Ingredientes?

— Eu estava sem opioides.

Enquanto seguiam por uma rua mais larga, Alex sentiu a tensão dele diminuindo, provavelmente devido à descontração dela.

— Então isso foi uma transação de droga?

— Foi. Lembra-se do que falei sobre química de fundo de quintal? Arranjar minhas matérias-primas está um pouco mais complicado do que costumava ser. Eu não queria perder a oportunidade.

Ele ficou um tempo em silêncio.

— Espero que tenha sido a coisa certa a fazer — murmurou ela.

— Acha que ele vai contar a alguém sobre nós?

Ela piscou.

— O quê? Ah, não. Não estou preocupada com o traficante. Eu estava pensando naquele e-mail que mandei.

— O e-mail foi uma decisão de Kevin — respondeu Daniel.

Ela assentiu.

— E a média de rebatidas dele é melhor que a minha.

— Não. Eu só quis dizer que se isso não der certo, foi uma decisão *dele*.

Ela riu. Foi um ruído pesado.

— Você não gosta disso?

— Não sei. Quero que termine... mas estou cansada, Daniel. Também quero fugir e me esconder.

— Até que isso não parece tão ruim... — concordou ele. — Ah, hum, se eu fosse convidado.

Ela olhou para ele, surpresa.

— Claro.

— Ótimo.

Ali estava de novo, aquele *claro* automático. A suposição maluca de que ele estaria presente em qualquer futuro que fosse permitido a ela.

Ela não sabia se era a tensão do cansaço ou outra coisa, mas uma sensação irritante de premonição a assombrou pelo restante da noite. Talvez fosse só a tremedeira por ter finalmente conseguido tomar café depois de dois dias de abstinência.

Ela quase se espantou quando, sete horas mais tarde, com o sol já bem acima do horizonte, chegaram sem incidentes à cabana isolada.

Daniel se enganara apenas em duas curvas enquanto os levava até lá — o que era impressionante, considerando que ele não ia à cabana desde que tinha dez anos —, e todas as estradas pelas quais haviam passado depois do nascer do sol estavam desertas. Isso significava que ninguém podia relatar que vira um veículo blindado na vizinhança.

Ela estacionou o Humvee atrás da garagem separada da casa. Daniel chutou algumas pedras ao redor da base dos degraus até encontrar a de plástico. Pegou a chave escondida e depois subiu os degraus da varanda seguido por Einstein.

Alex ficou parada diante da cabana feita de toras de madeira — era de cedro avermelhado com um telhado de duas vertentes, charmosa apesar dos sinais de que fora construída nos anos 1970 —, estava tão cansada que não conseguia dar os últimos passos. Felizmente, a noite passara sem problemas, mas ainda assim fora muito tempo na estrada. Na periferia de Baton Rouge, ela trocou de lugar com Daniel e depois ficou muito acelerada com a apreensão que a perturbava desde que enviara o e-mail para ceder de volta o controle a ele. Daniel cochilara algumas vezes, e no momento parecia quase animado. Passou por ela para buscar Lola na traseira do carro.

— Você está com cara de que também precisa ser carregada — comentou ao passar por ela de novo, dessa vez com a cachorra.

Deixou Lola ao lado da porta e depois voltou para pegar Alex.

— Me dê um segundo — murmurou ela. — Cérebro dormindo.

— Só mais alguns passos — encorajou ele.

Passou o braço em volta da cintura dela e a puxou com delicadeza para a frente.

Assim que ela começou a andar, ficou mais fácil. A inércia a fez subir os degraus e entrar pela porta. Ao passar por tudo isso e por um corredor apertado, registrou só em parte uma parede alta de janelas triangulares que dava para uma floresta pantanosa, sofás velhos que pareciam confortáveis, um fogão a lenha antiquado e uma pequena escadaria.

— O quarto principal é ali... acho... Kev e eu sempre ficávamos com o mezanino. Vou descarregar o carro e acomodar os cachorros, depois também vou dormir.

Ela assentiu enquanto ele a acompanhou até um quarto escuro com uma grande cama de ferro. Isso foi tudo o que ela viu antes de deitar.

— Coitadinha.

Enquanto caía no sono, ouviu Daniel rindo.

* * *

RECOBROU LENTAMENTE A consciência, erguendo-se por camadas de irrealidade onírica. Estava confortável e calma. Nada a fizera acordar sobressaltada, e antes mesmo de estar totalmente lúcida, notou o corpo quente de Daniel ao seu lado. Um zumbido abafado e próximo chamou sua atenção, mas antes que o ruído pudesse assustá-la, sentiu a brisa do ventilador percorrendo delicadamente seu corpo. Abriu os olhos.

Continuava escuro, mas a iluminação estava com uma cor diferente da que tinha quando ela desabara. A luz entrava pelas cortinas florais forradas que cobriam a grande janela na parede em frente. Início da noite, não tão quente quanto antes. Ela devia ter suado, mas o suor virara uma película consistente que ela ainda sentia no rosto.

O quarto era feito de toras compridas e avermelhadas, exatamente como a fachada. Mais luz entrava por trás da cama. Ela rolou e viu a claraboia acima da penteadeira aberta. Sua mochila, sua máscara de gás e seu kit de primeiros socorros estavam na pia.

Daniel podia não ser um fugitivo nato, porém era mais atencioso do que qualquer pessoa que ela conhecia.

Foi na ponta dos pés até o corredor e deu uma olhada rápida. O restante da cabana era pequeno, só havia uma cozinha com um cantinho contíguo que servia de sala de jantar, uma sala de estar com todas as janelas, o mezanino acima, e outro quarto pequeno com um banheiro no corredor. Ela usou esse banheiro para tomar uma ducha rápida da qual precisava muito. Havia xampu e condicionador no pequeno conjunto azul de chuveiro-banheira, mas nada de sabonete, por isso ela usou o xampu como sabonete líquido no corpo. Ficou feliz por não ter encontrado sabonete, assim como gostou de achar a geladeira vazia e uma fina camada de poeira em todas as bancadas. Fazia tempo que alguém estivera nesses cômodos.

Depois de trocar os curativos do rosto e examinar as mãos, que estavam com um aspecto muito melhor do que ela imaginava, olhou pelas grandes janelas ao lado da porta de entrada para conferir como os cachorros estavam. Eles cochilavam satisfeitos na varanda. Ela estava se habituando ao conforto de ter um sistema de alarme que a despertava cedo.

Sentia um pouco de fome, mas estava com muita preguiça para fazer alguma coisa a respeito. Lembrou-se de como fora acordar sozinha no dia anterior, e não

quis que Daniel sentisse o mesmo pânico. Já não estava com *sono*, mas o cansaço não passara, e a cama ainda lhe parecia atraente. Provavelmente estava evitando a realidade. Enquanto mantivesse os olhos fechados e a cabeça no travesseiro, não precisava começar o planejamento do que tinha de acontecer em seguida.

Voltou para a posição em que estava antes, encolhida ao lado de Daniel, e se permitiu relaxar. Não havia nada que precisasse fazer imediatamente. Vinte minutos de descanso sem pensar em nada não era pedir muito. Ou mesmo uma hora. Ela os trouxera vivos até ali. Merecia.

Infelizmente, não pensar em nada era uma tarefa difícil de executar. Ficou remoendo a promessa que fizera a Daniel: de que não o deixaria para trás. Por outro lado, sabia que nunca ficaria satisfeita se combinassem de mantê-lo longe para a segurança dele. Mesmo que pudesse armazenar comida para um ano, mesmo que pudesse ter certeza de que os donos não voltariam, mesmo que pudesse armar essa casa para que pulverizasse qualquer intruso, mesmo que pudesse trancar Daniel ali feito um prisioneiro para sair e se meter em confusão, não estaria satisfeita. Porque *vai saber*... Os caçadores já o haviam encontrado uma vez, e ela deixara um rastro, mesmo que fraco, até aquele lugar. Podia levá-lo para o norte em sua casa alugada, mas o departamento a contatara enquanto ela morava lá. Achava que eles não tinham o endereço, mas vai saber... Desde que Daniel ficasse perto dela, podia fazer o que fosse necessário para protegê-lo, coisas que ele mesmo não consideraria. Ela seria capaz de ver as armadilhas que ele não veria.

Mas será que eram suas carências falando? Ela queria ficar com Daniel. Será que sua mente estava procurando provas para essa necessidade? Será que sua lógica estava defeituosa, distorcida para satisfazer seus desejos pessoais? Como ela poderia ter certeza? Quando dissera a ele que não era uma boa ideia ter o fardo ao seu lado enquanto partia para o ataque, sabia que havia lógica nisso. Claro, se o pegassem enquanto ela estivesse longe, essa distância não anularia o poder que eles exerceriam sobre ela.

Ela suspirou. Como podia enxergar com clareza? Suas emoções transformaram toda aquela situação num nó de complexidade górdia.

Ainda inconsciente, Daniel se mexeu para envolvê-la com o braço. Ela sabia o que ele diria sobre seu dilema, e também sabia que o ponto de vista dele não a ajudaria a enxergar com mais clareza.

Ele suspirou, começando a se mexer. Seus dedos desceram por toda a coluna dela, depois subiram devagar. Brincou com as pontas molhadas do cabelo dela na nuca.

Espreguiçou-se e voltou a tocar o cabelo dela.

— Você já se levantou — murmurou.

Seus olhos se abriram devagar, piscando enquanto tentavam focar. No quarto imerso em escuridão, exibiam um tom cinza-escuro.

— E voltei logo — respondeu ela.

Ele riu, tornando a fechar os olhos. Puxou-a para mais perto.

— Ótimo. Que horas são?

— Acho que por volta das quatro.

— Algum motivo de preocupação?

— Não. Pelo menos por enquanto, não.

— Que bom.

— É, é bom mesmo.

— Bom é *isso* — disse ele.

Sua mão tornou a subir pela coluna dela, depois percorreu o ombro direito, passou de leve pela clavícula e, por fim, tocou o lado bom do rosto. Inclinou-o para cima até os narizes se encostarem.

— É, isso também — concordou Alex.

— Mais do que bom — murmurou, e ela teria concordado, mas ele a estava beijando.

A mão no rosto dela era macia, os lábios também, mas o braço em volta de sua cintura a apertava com força. Ela passou os braços em volta do pescoço dele e apertou-o mais ainda.

Não era como o carro, onde a excitação da caçada pulsava alto nos ouvidos de ambos, quando eles ainda estavam chocados e em pânico. Não havia horror. Só o ritmo dos dois corações, disparando sem medo.

Do jeito que eles estavam conduzindo as coisas, e em um lugar sossegado e, por enquanto, longe de qualquer perigo, onde estavam só os dois juntos sem interrupções, ela achou que era inevitável que nada mais pudesse mantê-los separados por mais tempo.

Então, o estranho foi como aquilo não pareceu nada inevitável. De alguma forma, foi a maior surpresa de sua vida. Era tudo uma confusão de opostos caindo juntos de um jeito que a deixava impotente para analisar qualquer um deles. Confortável, familiar... mas também elétrico e novo. Delicado ao mesmo tempo que era radical, mas tranquilizante e avassalador. Era como se cada terminação nervosa de seu corpo estivesse acesa simultaneamente com dezenas de estímulos conflitantes.

A única coisa de que ela tinha certeza era da "danielidade" dele, de uma alma pura, algo melhor do que qualquer coisa que já tivesse conhecido. Daniel pertencia a um mundo melhor do que aquele em que ela morava, e enquanto os dois fizessem parte um do outro, ela achava que tinha permissão para estar ali com ele.

Como sabia que, pelo padrão da maioria das pessoas, sua experiência com relacionamentos era bastante limitada, não tinha muito com o que comparar. Sempre pensara em sexo como sendo um acontecimento individual que tinha um fim definido, um esforço para gratificação física que às vezes satisfazia, outras

não.

Essa experiência não se encaixava na mesma categoria em nenhum nível. Era menos um acontecimento e mais uma exploração contínua de cada um, uma satisfação da curiosidade, um fascínio com cada pequeno detalhe descoberto. Não *envolvia* gratificação, mas não havia necessidade que não fosse saciada, tanto física quanto algo menos definível.

Ela procurou a palavra certa enquanto estavam deitados se beijando sem pressa e pacientemente, com a luz ganhando tons de vermelho em volta da cortina. Não sabia direito como rotular aquela emoção que a preenchia tão completamente e achou que era inclusive capaz de esticar sua pele. Era como aquela sensação alegre que a deixara sorrindo ao pensar nele, mas multiplicada por milhares, milhões, e depois aquecida num caldeirão até todas as impurezas e todas as sensações menores terem se consumido, deixando só *aquilo* para trás. Ela não tinha um nome para aquilo. O mais próximo que conseguia pensar era *prazer*.

— Eu te amo — murmurou ele, encostando nos lábios dela. — Eu te amo.

Talvez essa fosse a palavra. Ela simplesmente nunca pensou que a definição pudesse ser tão... abrangente.

— Daniel — sussurrou.

— Não precisa falar nada. Eu só tinha que dizer isso em voz alta. Poderia explodir se tentasse guardar isso dentro de mim. Provavelmente vou ter que repetir logo mais. Você está avisada.

Ele riu. Ela sorriu.

— Nunca mais quero voltar a não ter nada a perder. Estou feliz por ter você ao meu lado como meu fardo. Sou grata a isso. Queria ter você ao meu lado como *qualquer coisa*.

Apoiou a cabeça no peito dele e escutou sua respiração. Durante muito tempo, respirar tinha sido a prioridade dela. Se tivesse como falar com a mulher que ela era apenas um mês atrás, saberia que ficaria apavorada de expandir essa prioridade para incluir mais um par de pulmões. A mulher de um mês atrás teria saído correndo se sentisse a necessidade de qualquer outra coisa mais do que da própria vida. Mas olha o que ela teria perdido! Alex nem conseguia lembrar o que a mantinha firme naquela época. *Esse* era o tipo de vida que valia a pena lutar para ter.

— Acho que provavelmente eu tinha uns doze, treze anos quando desisti de levar uma vida extraordinária — refletiu ele, pensativo, traçando desenhos vagos com os dedos pelo cabelo dela. — Deve ser por volta dessa idade que todo mundo começa a virar adulto e deixar a fantasia para trás. A gente se dá conta de que nunca vai descobrir que é mesmo um alienígena, adotado por aqueles pais humanos banais com superpoderes incríveis que vão salvar o mundo. — Deu uma risadinha. — Quero dizer, a gente *sabe* disso bem antes, mas por muitos

anos não consegue deixar de lado. E aí o mundo abala um pouco a gente, a vida perde um pouco a graça, e a gente se conforma com a realidade... Acho que não me saí muito mal nisso. Encontrei felicidade de sobra no mundo cotidiano entediante. Mas quero que você saiba... esse tempo com você tem sido extraordinário. Teve terror, sim, mas junto teve um prazer que eu desconhecia. E isso porque *você* é extraordinária. Fico muito feliz por você ter me encontrado. Pelo visto, minha vida estava destinada a mudar drasticamente, de um jeito ou de outro. Sou muito grato por ter sido com você.

Ela sentia um nó na garganta, e se assustou ao se flagrar piscando furiosamente para não deixar as lágrimas escorrerem. Já tinha chorado de aflição, de dor, de solidão e até mesmo de medo, mas era a primeira vez que lágrimas de alegria brotavam em seus olhos. Parecia uma reação estranha, algo que nunca interpretara no sentido literal quando lia a respeito. Era a primeira vez que entendera que o prazer podia ser ainda mais intenso que a dor.

Ela não tinha a menor vontade de sair da cama, mas, por fim, precisaram comer. Daniel não reclamou, mas ela percebeu que ele ficaria feliz quando voltasse a ter acesso a comida de verdade. Foi estranho, enquanto estavam sentados à pequena mesa da salinha comendo carne-seca, amendoim e biscoitos de gotas de chocolate, rindo e acariciando as orelhas dos cachorros. Claro que logo eles cederam e trouxeram Einstein e Lola para dentro de casa. Se era para arrombar e invadir, era melhor fazer isso com estilo, achar que não precisavam entrar de novo no Batmóvel e passar a noite toda dirigindo, apreensivos. Tinham doze horas livres pela frente, para preencher do jeito que quisessem. Ela imaginava o que eles deviam escolher, mas a questão era a liberdade. Aquilo parecia bom demais para ser verdade.

Então, claro, Kevin teve que ligar.

— Oi, Danny, vocês estão bem? — ela o ouviu dizer. Como sempre, falava com uma voz penetrante.

— Estou excelente — disse Daniel.

Alex balançou a cabeça para ele. Não era preciso entrar em detalhes.

— Hum, ótimo. Presumo que chegaram nos McKinley.

— É. A casa não mudou.

— Que bom. Isso significa que ainda pertence a eles. Descansou o bastante?

— Hã, sim. Obrigado por perguntar.

Alex suspirou, sabendo que Kevin nunca perguntaria só por educação. Bom demais para ser verdade. Ela estendeu a mão no mesmo instante em que ouviu Kevin dizer:

— Deixe eu falar com a Espirradeira.

Daniel pareceu atordoado, visivelmente não acompanhando, mas lhe passou o telefone.

— Deixe eu adivinhar — disse Alex. — Você precisa que a gente se junte a

você o mais depressa possível.

— Sim.

Os cantos dos lábios de Daniel se curvaram para baixo.

— O que Deavers fez? — perguntou Alex.

— Nada... e não estou gostando disso. Porque é óbvio que ele está tramando alguma coisa, só que está sendo mais cauteloso. Não me deixa ver nada, porque imagina que eu esteja observando. Deve estar fazendo ligações do escritório de outras pessoas para que eu não possa ouvir. O que dizia no e-mail?

Ela recitou palavra por palavra. Havia decorado, pois sabia que ele iria querer os detalhes.

— Nada mal, Espirra, nada mal. Talvez um pouco informal para mim, mas tudo bem.

— Então o que você está pensando?

— Quero atacar até o fim dessa semana, o que significa que você tem que chegar aqui e se preparar para agir ao mesmo tempo.

Ela suspirou fundo.

— Concordo.

— O Suburban ainda está aí?

— Hum, ainda não conferi.

— Por quê? — perguntou ele.

— Dormi.

— Você precisa ser mais resistente, querida. O sono da beleza pode esperar algumas semanas.

— Eu gostaria de estar em plena forma para isso.

— Sim, sim. Quando você pode sair?

— Para onde estamos indo exatamente?

— Tenho um lugar onde podemos dormir. Você tem como anotar?

Ele lhe deu um endereço. Ficava numa parte de Washington que ela não conhecia muito bem. Pensou que ele os estava enviando para um local bem chique da cidade, mas isso não combinava com sua ideia de esconderijo. Devia estar imaginando o bairro errado. Fazia tempo que estava fora da cidade.

— Tudo bem, deixe eu arrumar nossas coisas. Sairemos assim que pudermos... *se* tivermos mais um carro disponível.

— Você vai ter que parar na periferia de Atlanta depois das nove da manhã. Encontrei um lugar para Lola.

— O que contou a eles? Sobre o buraco de bala na perna dela, quero dizer.

— Assaltaram você e roubaram seu carro. Você e a cachorra se machucaram. Você está indo para Atlanta passar um tempo com a sua mãe, mas ela é alérgica. Você está muito traumatizada, e eles não devem fazer perguntas. Seu nome é Andy Wells, e eles sabem que você vai pagar em dinheiro. Sou seu irmão preocupado, por sinal.

— Legal.

— Claro. Agora vá conferir a garagem e me ligue de volta.

— Entendido, senhor — disse ela com sarcasmo.

Ele desligou na cara dela.

— Vamos mesmo roubar o carro dos McKinsley? — perguntou Daniel.

— Se tivermos sorte, sim.

Ele suspirou.

— Olhe, vamos deixar o Humvee na garagem. Deve valer uns quatro ou cinco Suburbans, no mínimo. Se não conseguirmos trazer o carro deles de volta, não vão ter tanto prejuízo, certo?

— Imagino que não. Kevin não vai gostar que o brinquedo favorito dele seja oferecido como garantia.

— Essa parte é lucro.

A chave da casa servia para o portão da garagem. Daniel garantiu que lá dentro e à direita da porta, ao lado do interruptor, haveria um ganchinho com dois molhos de chave pendurados. Ele acendeu a luz.

Alex suprimiu um grito.

— Eu morri e fui para o céu.

— Hum, eles compraram um carro novo — disse Daniel, menos animado. — Acho que o velho Suburban finalmente deve ter parado de funcionar.

Alex deu a volta no veículo, afagando a lateral do carro com as pontas dos dedos.

— Olhe isso, Daniel! Já viu coisa mais linda?

— Hum, já. É só um SUV prata, Alex. É igual a trinta por cento dos carros na estrada.

— Eu sei! Não é fantástico? E olhe só isso!

Ela o puxou para contornar o carro e apontou para uma plaquinha de cromo ao lado da lanterna traseira.

Ele ficou olhando para ela, totalmente confuso.

— É um híbrido? E daí?

— É um híbrido! — cantarolou ela, jogando os braços em volta dele. — Até parece que é Natal!

— Eu não fazia ideia de que você era tão ecológica.

— Shhh. Sabe quantas vezes vamos ter que parar para abastecer isso aí? Duas! Talvez três, no máximo, até chegarmos. E olhe... *olhe* só essas placas maravilhosas!

Indicou com ambas as mãos, parte dela notando que devia estar parecendo uma apresentadora de programa de jogos.

— É, são placas de Virgínia. Os McKinley passam a maior parte do ano morando em Alexandria, Alex. Isso não é nenhuma surpresa.

— Esse carro vai passar despercebido em Washington! É como um

bombardeiro invisível. Se alguém for capaz de seguir o rastro que deixamos no Batmóvel texano, vai chegar num beco sem saída. Isso é uma coisa linda, Daniel, e acho que você não está percebendo totalmente a sorte incrível que é isso.

— Não gosto de roubar de amigos — resmungou ele.

— Os McKinley são gente boa?

— Muito boa. Foram uns amores com minha família.

— Então provavelmente não iriam querer que você morresse, certo?

Ele lhe lançou um olhar sombrio.

— Não, provavelmente não.

— Tenho certeza de que, se soubessem a história toda, iam *querer* que você pegasse o carro deles emprestado.

— *Pegar emprestado* sugere que vamos devolvê-lo.

— E claro que vamos. A menos que a gente morra. Acha que outra coisa além da morte podia impedir Kevin de recuperar o carro preferido dele?

Daniel ficou bruscamente muito mais sério. Cruzou os braços e se virou de frente para o carro, e não para ela.

— Não brinque com isso.

Alex ficou um pouco confusa com a mudança de humor dele.

— Não estou realmente brincando — esclareceu. — Eu estava tentando fazer você se sentir melhor em relação a pegar o carro. Se puder, a gente o traz de volta, prometo.

— Só... não fale em morte. Assim, de forma tão... descontraída.

— Ah, me desculpe. É só que, sabe, a gente ri ou chora por causa das coisas, é a única opção. E prefiro rir enquanto posso.

Ele olhou de soslaio para ela, mantendo a postura rígida por um instante. Depois relaxou de repente, liberando a mão para tocar o rosto dela.

— Quem sabe não fazemos o que Kevin quer. Talvez a gente possa apenas ficar aqui.

Ela apoiou a mão sobre a dele.

— Ficaríamos, se pudéssemos. Eles acabariam nos encontrando.

Ele balançou a cabeça, quase para si mesmo.

— Então está bem. Vamos começar a colocar as coisas no carro?

— Claro. Mas primeiro me deixe ligar para Kevin.

Daniel começou a transferir sacolas do Humvee para o Toyota enquanto Alex, toda entusiasmada, falava sobre o carro com Kevin. Ele não ficou muito mais animado que Daniel, mas entendeu imediatamente.

— Isso é ótimo, menina. Agora se apresse. O tempo está passando.

— Como não queremos chegar em Atlanta antes das nove, não precisamos sair daqui antes de... o quê? Duas da manhã?

— Está bem. Então espero vocês aqui por volta das cinco da tarde.

— Estou contando os segundos — disse de um jeito debochado.

O carro — ou a tarde com Daniel — a deixara eufórica.

— Que bom que você vai passar a noite toda dirigindo — disse Kevin. — Acho que gosto mais de você quando fica sem dormir.

Em seguida, tornou a desligar na cara dela.

— Eu devia levar Einstein para passear — refletiu Alex. — Trocar o curativo de Lola. Embalar a comida. Depois devíamos nos forçar a dormir um pouco. Mais uma vez vamos jogar para o alto nossa rotina de sono.

— Pelo visto não estou autorizado a passear com o cachorro — disse Daniel.

— Desculpe, Mais Procurado do País. Minha carinha triste está melhor do que a sua agora, com ou sem barba.

— Está escuro lá fora... Tem certeza de que é seguro você sair sozinha?

— Eu não vou sozinha. Vou ter um cão de ataque de uma inteligência sobrenatural e uma SIG Sauer P220.

Ele quase sorriu.

— Azar dos crocodilos famintos.

Ela disfarçou a cara de preocupação. Crocodilos. Não andara pensando em coisas como *essa*. Bem, ficaria longe da água. E torcia para que Kevin tivesse treinado Einstein não só para agressores humanos.

O passeio não foi longo, mas foi o suficiente para Einstein esticar um pouco as pernas. Ela não conseguia parar de pensar em répteis gigantes. A rua estava escura, mas ela não queria usar uma lanterna. Não via faróis nem luzes de casas, não ouvia nada além de ruídos do pântano. Ainda fazia tanto calor que o suor escorria pelas têmporas, mas ela ficou feliz por ter trazido o moletom de capuz, pois os mosquitos definitivamente estavam ativos.

Quando voltou, o Toyota estava na frente da casa e o Humvee, escondido na garagem. Daniel cuidara de tudo, menos do curativo de Lola. Então Alex fez isso, tentando dar um aspecto profissional ao seu trabalho. Com sorte, a pensão acharia que a cachorra tinha sido atendida por um veterinário. Com tristeza, ela afagou as orelhas de Lola. O animal ficaria melhor em algum lugar onde alguém pudesse tomar conta dela, mas Alex sentiria sua falta. Perguntou-se o que aconteceria com Lola se não conseguissem voltar para buscá-la. A cachorrinha era linda. Alguém iria querer ficar com ela. Alex se lembrou de ter imaginado levar Lola para casa num improvável futuro seguro. Quem dera...

Alex programou o despertador ao lado da cama para 1h45, mas era óbvio que Daniel não estava interessado em acumular sono.

— Vamos nos arrepender disso às oito da manhã — garantiu ela enquanto os lábios dele desciam pelo seu esterno.

— Nunca vou me arrepender disso — insistiu ele.

Provavelmente tinha razão. Considerando o tempo reduzido com o qual estavam trabalhando, não fazia sentido desperdiçar nem um segundo sequer em que ela pudesse ficar com ele. Felicidade com prazo final, exatamente como ela

pensara antes. Só que dessa vez a felicidade era maior. E o prazo, mais cruel.

CAPÍTULO 23

Alex conseguiu dormir um pouco, talvez trinta minutos, antes de o despertador tocar. A quantidade perfeita de sono para ela estar se arrastando quando eles saíram. Como estava mais alerta, Daniel ficou responsável pelo primeiro turno no volante, e ela reclinou o banco do passageiro o máximo possível. Os assentos eram muito mais confortáveis, a suspensão, mais macia, e foi mais fácil cochilar. Os cachorros pareciam contentes no banco traseiro e pareciam gostar do novo carro, também.

Quando chegaram ao hotel para cães ao norte de Atlanta, ela já estava refeita. Eram mais de nove e meia. Eles estavam um pouco atrasados, devido a algumas obras na estrada.

Daniel ficou no carro enquanto ela levava Lola até a recepção. Era um local informal, caseiro, com muitos hectares cercados à beira da estrada. Os cães que acompanharam o carro correndo quando eles passaram pareciam felizes e saudáveis. Obviamente, Lola não correria por um tempo.

O homem atrás do balcão da recepção foi muito simpático quando Alex entrou. Ficou claro que a ligara à reserva antes de ela se apresentar como Srta. Wells. Ela o acompanhou pacientemente quando ele mostrou o espaçoso canil que Lola ocuparia e explicou a agenda de visitas do veterinário. Agradeceu e pagou um mês adiantado, então deu um último abraço em Lola. Como Kevin havia prometido, o homem não comentou sobre o ferimento de Lola de maneira específica e não falou nada sobre o rosto de Alex. Vinte minutos mais tarde, ela e Daniel estavam de volta à estrada. Alex ficou feliz por pegar no volante. Precisava de algo em que se concentrar para não pensar em ter deixado Lola para trás.

Ela achou que Daniel ficaria arrasado, mas ele ainda estava falante, com os olhos alegres. Ou talvez percebesse como ela estava tentando lutar contra a tristeza e estivesse tentando ajudar. Conhecendo-o, era provável que fosse a última opção.

— Você sabe quase tudo a meu respeito por aquele maldito arquivo — reclamou Daniel. — Mas eu não sei várias coisas sobre você.

— Na verdade, eu já contei quase tudo. Minha vida era bem chata antes de se tornar estranha.

— Conte alguma coisa constrangedora sobre você no tempo da escola.

— Tudo relacionado a mim no tempo da escola era constrangedor. Eu era uma nerd completa.

— Isso me parece sexy.

— Ah, é? Minha mãe cortava meu cabelo em casa, e eu tinha a franja mais medonha dos anos 1990.

— Por favor, diga que você tem uma foto disso.

— Vai sonhando. Quando minha mãe morreu, queimei todas as coisas comprometedoras.

— Quem foi o seu primeiro namorado?

Alex riu.

— Roger Markowitz. Ele me levou ao baile de formatura. Meu vestido tinha as mangas fofas mais incríveis do mundo. Azul-royal, naturalmente. Roger tentou me dar um beijo de língua na limusine a caminho do baile, mas estava tão nervoso que vomitou em cima de mim. Passei a festa inteira no banheiro feminino tentando me limpar. Terminei com ele naquela noite. Acho que dá para descrever essa história como um romance épico.

— Que melodrama!

— Pois é. Romeu e Julieta são fichinha comparados com a gente.

Daniel riu.

— Quem foi o seu primeiro namorado sério?

— Sério? Nossa. Humm, não sei se alguém se qualificaria nessa categoria além do Bradley. Primeiro ano da faculdade de medicina em Columbia.

— Você fez medicina em Columbia? — perguntou ele.

— Eu era uma nerd muito inteligente.

— Estou impressionado. Agora voltemos ao Bradley.

— Quer ouvir uma coisa muito, muito constrangedora?

— Muito.

— O motivo para eu ter me sentido atraída por ele... — Ela fez uma pausa. — Talvez eu não devesse admitir isso.

— Tarde demais para recuar. Agora você precisa me contar.

Ela respirou fundo.

— Ok, tudo bem. Ele se parecia com o Egon. Sabe, de *Os Caça-Fantasmas*? Igualzinho a ele, com o topete, os óculos redondos, tudo.

Daniel se esforçou para continuar sério.

— Irresistível.

— Você não faz ideia. *Muito* gostoso.

— Por quanto tempo vocês ficaram juntos?

— Durante aquele primeiro verão. Então eu ganhei uma bolsa no segundo ano. Nós dois nos inscrevemos, e ele achou que ele estava garantido. Não aceitou bem quando eu, segundo ele, *roubei a bolsa dele*. Ele exigiu uma revisão das nossas notas. Algo que eu percebi várias vezes durante meu período de loucuras românticas: muitos caras não gostam que as garotas sejam mais inteligentes do que eles.

— Isso deve ter limitado muito as suas opções de namorados.

— Basicamente zerou as opções.

— Bom, posso garantir que eu nunca tive problema com uma mulher mais inteligente do que eu. Eu não gostaria de diminuir tanto as *minhas* opções. Acho que esse tipo de infantilidade costuma deixar de existir quando os homens crescem.

— Se você diz... Eu nunca saí com ninguém de fora da escola ou da faculdade. Não explorei o estágio adulto do macho humano. Bom, até agora.

— Nunca? — indagou ele, chocado.

— Eu fui recrutada quando ainda estava estudando. Já contei como foi depois disso.

— Mas... você deve ter conhecido gente fora do trabalho. Você tirava férias, não?

Ela sorriu.

— Não com muita frequência. E era difícil falar com pessoas fora do laboratório. Tudo era confidencial. *Eu* era confidencial. Não podia ser eu mesma de qualquer maneira ou falar sobre qualquer parte da minha vida real com alguém de fora. Era difícil demais ser um personagem imaginário. Eu preferia o isolamento. Ficava constrangida de tentar interpretar um papel. Irônico, não? Agora eu tenho um nome novo a cada quinze dias.

Ele pôs a mão no joelho dela.

— Sinto muito. Parece horrível.

— É. Normalmente era. É por isso que sou tão relutante com relações interpessoais. Mas, olhando pelo lado positivo, eu tive a oportunidade de fazer trabalhos de ponta com anticorpos monoclonais. E estou falando de coisa digna de ficção científica, do tipo que as pessoas não acreditam que exista. E eu praticamente não tinha limites na minha pesquisa prática. Eu conseguia tudo o que queria no laboratório. Meu orçamento era incrível. Sou responsável por uma porção maior da dívida nacional do que você imagina. — Ele deu risada. — Então a sua ex-mulher era mais inteligente do que você? — perguntou ela.

Ele hesitou por um instante.

— Você não se incomoda de falar sobre ela?

— Por que me incomodaria? Você não ficou com ciúme pela paixonite eterna que eu sempre terei pelo Roger Markowitz.

— Faz sentido. Bem, a Lainey era muito inteligente, à sua própria maneira. Não era culta, mas era esperta, perspicaz. Quando a gente se conheceu, ela era muito... intensa. Diferente de todas as mulheres com quem eu já tinha saído, garotas tranquilas que ficavam satisfeitas com a minha personalidade tranquila. A Lainey sempre queria mais de todos os aspectos da vida. Ela era um pouco... obstinada. No começo, eu achava que ela simplesmente tinha opiniões muito firmes e não tinha medo de discordar. Eu adorava isso nela. Mas então, com o

tempo... bem, na verdade ela não tinha opiniões muito fortes, simplesmente adorava um drama. Discutia se alguém dizia a ela que o sol nasce no leste. Pelo menos era sempre emocionante.

— Ah, então você é viciado em adrenalina. Agora tudo começa a fazer sentido.

— O que faz sentido?

— A sua atração por mim. — Ele a encarou, piscando de um jeito sério, como costumava fazer quando ficava surpreso. — Admita — provocou Alex. — Você só entrou nessa pela emoção das experiências de quase-morte.

— Humm, eu não tinha pensado nisso.

— Talvez a gente devesse esquecer essa história de Washington, no fim das contas. Se eu eliminar meus perseguidores e a vida se tornar segura e entediante, você vai cair fora, não vai?

Ela suspirou teatralmente.

Não soube dizer se ele estava falando sério ou entrando na brincadeira quando respondeu:

— Para começo de conversa, eu jamais gostei desse plano. Talvez seja *mesmo* mais inteligente fugir.

— Por outro lado, se eu fizer um trabalho ruim em Washington, a situação vai ficar muito mais perigosa. Você vai adorar isso. — Ele a encarou com ar sombrio. — Passei dos limites? — indagou ela.

— Um pouco.

— Desculpe.

Ele suspirou.

— Mas sinto informá-la que a sua teoria está errada. Sabe, eu superei logo meu amor pelo drama. Continuou sendo emocionante, mas imagino que se afogar em areia movediça também seja. Emocionante não é a mesma coisa que agradável.

— Mas você não foi embora.

Daniel olhou fixamente para a própria mão, que apertava a coxa dela com certa tensão, enquanto respondia.

— Não. Eu achava... bom, isso me faz parecer um idiota de primeira. Eu achava que conseguiria consertá-la. Ela tinha muitos problemas do passado, e eu deixava esses problemas serem uma desculpa quando ela fazia coisas para me magoar. Eu nunca a culpava, sempre culpava a história dela. Cliff... o cara por quem ela me deixou... Não é um nome incrível para um amante pelo qual ser trocado?... Cliff não foi o primeiro caso dela. Eu fiquei sabendo sobre os outros depois. — Ele olhou para Alex de repente. — Isso tudo estava no arquivo?

— Não.

Ele ficou olhando fixamente pelo para-brisa.

— Eu sabia que devia desistir. Sabia que não tinha nenhum motivo verdadeiro

ao qual me segurar. A Lainey que eu amava era apenas uma invenção na minha cabeça. Mas eu fui teimoso. Estupidamente teimoso. Às vezes, a gente se agarra a um erro simplesmente porque levou tempo demais para cometê-lo.

— Parece muito triste.

Ele olhou para ela e sorriu ligeiramente.

— É, foi mesmo. Mas a parte mais difícil foi admitir que nada tinha sido verdadeiro. Sabe, é humilhante ser enganado. Então, meu orgulho foi mais ferido do que qualquer outra coisa.

— Sinto muito.

— Eu também. As minhas histórias são muito menos divertidas do que as suas. Conte sobre outro namorado.

— Antes disso, quero fazer uma pergunta.

Ele ficou um pouco tenso.

— Vá em frente.

— Aquela história que você contou à prostituta, Kate, o que foi aquilo?

— Ahn? — Ele franziu a testa, confuso.

— A que deveria plantar o seu rastreador. Kevin disse que você contou a ela que o seu divórcio não era definitivo. Mas ele também disse que essa conversa aconteceu dois anos depois de você se separar. Você não contestou o divórcio, que foi finalizado em questão de meses. Por que você disse aquilo?

Daniel deu risada.

— Obrigado, de verdade, do fundo do coração, por não me fazer essa pergunta na frente do Kevin.

— De nada.

— Sim, o divórcio já estava no passado àquela altura. Mas aquela garota... garotas como *aquela* não entravam nos bares que eu costumava frequentar. E, se entravam, não se aproximavam de caras como eu.

— Como ela era?

— Se eu me lembro bem, era linda. E predadora. E estranhamente... assustadora. Não acreditei nem por um instante que ela se sentisse de fato atraída por mim. Senti que havia um plano, e não queria cair na armadilha. Naquele momento, eu estava um pouco sensível à ideia de ser enganado de novo. Mas claro que não queria ser grosseiro, então escolhi a recusa mais educada em que consegui pensar.

Alex deu risada.

— Você tem razão. Nunca, jamais conte ao Kevin que você ficou com medo da prostituta bonitona.

— Dá para imaginar? — Ele riu junto com ela. — Sua vez. Outro namorado.

— Estou ficando sem histórias... Vamos ver, eu saí com um cara chamado Felix durante duas semanas no começo da faculdade.

— E o que apagou o fogo da sua paixão?

— Você precisa entender que os únicos lugares onde eu conhecia garotos eram laboratórios.

— Continue.

— Bem, Felix trabalhava com animais. Ratos, na maioria. E tinha muitos deles no apartamento. Havia um... problema de cheiro.

Daniel inclinou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. O som da risada foi contagiante. Ela não conseguiu se segurar e riu junto com ele. Não foi tão fora de controle quanto naquela primeira tarde no refúgio secreto de Kevin, mas chegou perto. Todo o estresse pareceu se esvair do corpo dela, e ela se sentiu mais relaxada do que imaginou ser possível, considerando aonde estava indo.

Daniel acabou adormecendo no meio de uma frase enquanto descrevia a menina de que gostava no quinto ano da escola. Ele vinha lutando contra o sono fazia um tempo, e ela mais uma vez suspeitou que estivesse tentando manter a mente dela longe dos pensamentos negativos.

Foi relaxante vê-lo dormindo tranquilamente ao lado dela. Einstein estava roncando no banco traseiro, um bom contraponto ao som constante da respiração de Daniel. Ela sabia que deveria pensar em diversos planos, em maneiras de chegar a Carston sem se expor demais, mas queria apenas aproveitar o momento. Ela não teria muita paz no futuro próximo. Se esse fosse o último instante de satisfação plena que teria, ela queria vivenciá-lo por completo.

Estava em um estado raro de calma quando acordou Daniel, algumas horas mais tarde, ao se aproximarem dos arredores de Washington. Estivera furiosa e apavorada na última vez que pisara na cidade. Era provável que tivesse ainda mais motivos para se ter esses sentimentos agora, mas ainda estava aproveitando o tempo que lhe restava a sós com Daniel e não ia abandonar a sensação antes que fosse obrigada a fazer isso.

Daniel leu as instruções conforme eles se aproximavam do alvo. Como ela imaginava, tratava-se de um bairro chique que ia ficando cada vez mais refinado à medida que avançavam. Era mesmo a cara de Kevin se esconder em um lugar tão contraditório. Ela deu duas voltas ao redor do edifício no endereço indicado, duvidando de que estivesse no local certo.

— É melhor eu ligar para ele.

Daniel passou o telefone para Alex. Ela apertou o botão que ligava para o último número discado e ouviu um toque.

— Vocês estão atrasados — disse Kevin ao atender. — Qual foi o problema agora?

— O trânsito. Nada. *Acho* que estamos do lado de fora, mas... este lugar não parece certo.

— Por quê?

— A gente vai se esconder em um arranha-céu art déco chique?

— É. Uma amiga vai deixar a gente ficar aqui. Tem estacionamento embaixo

do prédio. Vai até o quarto subsolo. Encontro vocês lá.

Ele desligou.

Ela devolveu o celular a Daniel.

— Quero desligar na cara dele uma vez na vida.

— Você fez isso na primeira vez que ele ligou, lembra? De um jeito espetacular.

— Ah, é verdade. Isso realmente faz com que eu me sinta melhor.

Toda a tensão voltou quando eles entraram na garagem e a luz do dia desapareceu. Ela desceu em uma espiral claustrofóbica até chegar ao andar certo e então viu Kevin parado impacientemente ao lado de uma vaga marcada EXCLUSIVA PARA MORADORES. Ele acenou para que ela a ocupasse.

Ela se preparou ao abrir a porta, esperando alguns comentários maldosos sobre seu rosto ou observações depreciativas sobre as trapalhadas de Daniel, mas Kevin disse apenas:

— Não se preocupem com as câmeras, eu as deixei off-line hoje de manhã.

Em seguida, abriu a porta traseira do SUV para deixar Einstein sair.

Houve um verdadeiro reencontro com Einstein, que jogou Kevin no chão e atacou o rosto do dono com lambidas. Tentando fingir que não sentia nenhum ciúme da afeição de Einstein por Kevin, Alex ignorou os dois até ela e Daniel terem pegado a maior quantidade de objetos que eram capazes de carregar.

— Ahn, por onde vamos? — perguntou ela.

Kevin se levantou com um suspiro.

— Me sigam.

Em favor dele, Kevin pegou as últimas mochilas antes de todos se encaminharem ao elevador.

— Será que preciso de um chapéu? — perguntou Alex. — Vamos passar por um saguão? Não estou pronta para ser vista de perto.

— Não se preocupe, Espirra, este elevador vai direto para o apartamento. Aliás, cara, bela barba. Você ficou bonito com ela. Quero dizer que você não se parece muito mais com você mesmo.

— Ahn... obrigado?

— Sobre essa amiga... — começou Alex.

Kevin suspirou de novo.

— Nem todo mundo é um Arnie. Desculpe, baixinha, isto pode ficar ruim.

— Você não confia nela?

O elevador se abriu para um corredor luxuoso... ou seria uma antessala? Havia apenas uma porta no espaço.

— Eu paguei a ela o suficiente para mais uma semana, então confio nela até lá.

Alex sentiu os pelos da nuca arrepiarem. Daniel a deixara mais acostumada com interações humanas, mas ela sabia que ainda tinha problemas graves para

lidar com pessoas. Enquanto os três percorriam o pequeno corredor, ela tentou liberar alguns dedos da mão direita, com a qual segurava uma mochila, para conseguir tirar uma seringa do cinto. Assim que ela pegou a que queria, Daniel tocou em seu pulso. Alex ergueu o olhar, e ele a encarava com uma expressão que dava a entender que ela estava reagindo de modo exagerado. Franzindo a testa, Alex voltou a guardar a seringa. De qualquer forma, não demoraria muito para pegá-la se a necessidade surgisse.

Kevin tinha uma chave para a única porta. Ele inspirou fundo quando a abriu.

No começo, Alex não soube ao certo se eles não tinham ido parar no saguão do prédio, porque nunca entrara em um apartamento com uma ampla escadaria de mármore que levava a outro andar. O lugar era luxuoso, elegante e moderno, repleto de janelas do piso ao teto que fizeram com que ela se sentisse imediatamente exposta. Através dos vidros, o sol começava a se pôr no horizonte de Washington. Não *parecia* haver outros imóveis perto o bastante para ver o que se passava dentro do apartamento em que o grupo se encontrava, mas um telescópio possibilitaria isso. Ou a mira de um fuzil.

— Não — anunciou uma voz dura, mas de algum modo ainda aveludada, atrás deles.

Alex se virou depressa. O apartamento se estendia para o outro lado também, envolvendo a porta da frente e o corredor além dela. De um lado havia uma imensa cozinha branca, do outro, uma sala de jantar com lugar para dez pessoas à mesa. Havia mais janelas de cima a baixo em todos os cômodos. Encostada na ilha de mármore da cozinha estava o ser humano mais perfeito que Alex já vira pessoalmente.

A mulher era exatamente igual à descrição brincalhona que Alex criara para descrever a improvável aparência que Kevin imaginara para a Espirradeira. Ela tinha cabelo louro cor de mel, volumoso e comprido, que se erguia da cabeça em ondas cheias, parecido com o dos desenhos da Disney. Olhos azul safira, lábios carnudos e vermelhos voltados para cima nos cantos e um nariz reto e fino, tudo disposto com simetria perfeita em um rosto oval com maçãs do rosto proeminentes. Pescoço de cisne sobre clavículas elegantes. Obviamente, sua silhueta tinha forma de ampulheta, com uma cintura minúscula e pernas que pareciam ser maiores do que o corpo inteiro de Alex. A mulher ostentava apenas um quimono preto curto e uma expressão irritada.

— É temporário — disse Kevin em um tom de voz conciliatório. — Claro que vou pagar a mesma coisa por cada um deles. Três vezes o valor que acordamos.

A mulher surrealmente perfeita levantou uma sobrancelha e olhou séria para Einstein, cujo rabo balançava sem parar. Ele encarou a loura com os famosos olhos de cachorro pidão.

— Quatro vezes — prometeu Kevin. Ele largou as malas que estava carregando. — Você *gosta* de cachorros.

— Kate? — perguntou Daniel de repente, parecendo reconhecer a anfitriã e estar surpreso com isso.

O rosto da mulher se abriu em um sorriso de comercial de pasta de dente.

— Oi, Danny — ronronou. — Eu quase não reconheci você com toda essa barba. Bom, isso *realmente* faz com que eu me sinta melhor. Você deixou uma cicatriz horrorosa no meu ego, mas pelo menos não se esqueceu de mim.

— É, ahn, é um prazer ver você de novo — gaguejou ele, desnorteado com o cumprimento dela.

Os olhos da loura desviaram para Kevin.

— Tudo bem, *ele* pode ficar.

— São só algumas noites — argumentou Kevin. — Eu preciso da pequena também.

— Você sabe que eu não gosto de mulheres no meu espaço — disse ela em um tom de voz indiferente, olhando alternadamente para Alex e Kevin.

— Ah, tudo bem, a Espirra não é uma garota *de verdade* — garantiu ele.

Daniel largou as malas e deu meio passo para a frente antes que Alex puxasse as costas da camisa dele com o único dedo livre que tinha.

— Agora não — murmurou ela.

Kate (ou qualquer que fosse seu nome verdadeiro) encolheu os ombros graciosamente, afastou-se da ilha e deslizou na direção deles. Olhou para Alex de um jeito superior. Algo bem fácil, já que era uns trinta centímetros mais alta.

— O que aconteceu com seu rosto? O namorado deu uma ajustada em você?

Daniel ficou tenso. Alex não sabia ao certo o que era aquilo... Talvez alguma defesa territorial? Era apenas um palpite. Alex não tinha muita experiência com outras mulheres. No passado distante, sofrera com algumas colegas de quarto imaturas, gostara de algumas outras cientistas geeks e travara conversas superficiais com as raras subalternas que não fugiam dela. Na maior parte do tempo, trabalhara com homens, e não conhecia todas as regras para interações com cromossomos XX. Confusa, escolheu a verdade, embora provavelmente devesse ter esperado para ver o que Kevin havia contado à loura.

— Hmm, não, foi um assassino da máfia. — Alex mexeu o maxilar, sentindo o curativo repuxar sua pele. — Ah, e os machucados mais antigos são de quando o Kevin tentou me matar.

— Se eu estivesse tentando matar você de verdade, você estaria morta — resmungou ele. — Alex revirou os olhos. — O quê? Você quer mais um round? — perguntou. — Estou à disposição, querida.

— A próxima vez que eu derrubar você vai ser permanente — prometeu ela.

Kevin riu. Não com sarcasmo, como ela esperava, mas com divertimento.

— Está vendo o que eu quero dizer, Val?

A mulher parecia se esforçar para não abrir um sorriso.

— Ok, você despertou meu interesse. Mas só tenho um quarto extra.

— A Espirra está acostumada com a falta de conforto.

— Que seja — disse a mulher, parecendo concordar. — Tirem toda essa bagunça da minha sala.

Ela deslizou perto de Daniel ao passar por eles. Sem olhar para trás, seguiu para o andar de cima. O quimono era muito curto, e os dois irmãos observaram boquiabertos enquanto ela subia a escada.

— Você dispensou *ela*? — murmurou Alex baixinho.

Kevin a escutou e riu novamente.

— Vamos tirar essas coisas daqui antes que ela expulse a gente.

* * *

O QUARTO EXTRA era maior do que o apartamento de Alex em Washington. E ela não morava mal: os corretores descreviam seu antigo imóvel como um apartamento de luxo. Mas o dúplex da loura estava muitos níveis acima do simples luxo. Kevin parecera sincero quando dissera que a mulher era prostituta, mas Alex não sabia que a profissão podia pagar tão bem.

Kevin empilhou as malas encostadas em uma parede.

— Espirra, você ainda tem aquela cama de armar, certo? Tem um closet imenso do lado do banheiro. Dê uma olhada e veja se serve para você. Você *poderia* se instalar em um daqueles sofás lá fora, mas talvez seja melhor mantê-la longe das vistas da Val o máximo possível.

— Claro que a Alex vai dormir na cama — disse Daniel.

Kevin franziu a testa com ceticismo.

— Sério? Você vai ser um cavalheiro com a *Espirra*?

— Parece até que você nunca conheceu a nossa mãe.

— Fique tranquilo — interveio Alex enquanto Kevin demonstrava irritação. — A gente vai dar um jeito.

— Tudo bem — disse Kevin.

— Eu deveria ter sido mais cuidadosa com minhas palavras lá fora? — perguntou. — Você disse que ela não é confiável.

Kevin balançou a cabeça.

— Não, está tudo bem. A Val pode querer expulsar todo mundo quando se cansar, mas ela não vai entregar a gente. Eu comprei o tempo e a discrição dela. Ela não vai abrir a boca. Tem uma reputação a preservar.

— Tudo bem — concordou Alex, embora não soubesse ao certo se compreendia completamente as políticas de Val.

Ele foi até a porta, então parou, com a mão na maçaneta.

— Tem um monte de comida na geladeira se vocês estiverem com fome, ou então a gente pode pedir alguma coisa.

— Obrigada — disse Alex. —Vou arrumar minhas coisas primeiro.

— Isso — disse Daniel. — Deixe a gente se situar primeiro.

Kevin hesitou mais um instante, depois voltou para o quarto.

— Ahn, eu só queria dizer... é bom ver você. Estou feliz que esteja bem.

Como antes, no momento em que saíra do sítio, Kevin parecia não se opor a um abraço. Daniel ficou parado sem jeito, sua linguagem corporal repleta de ambivalência.

— Sim, bem, graças à Alex — falou. — E eu estou feliz que você não esteja morto, como ela pensou que estivesse.

Kevin soltou uma risada.

— É, eu também. E obrigado mais uma vez, mulher-veneno. Te devo uma.

Ele saiu dando mais uma risada, deixando a porta entreaberta atrás de si.

Daniel encarou Alex por um momento, então foi até a porta e a fechou. Virou-se para ela, e ficou claro que uma discussão estava prestes a começar. Ela fez sinal para que ele a acompanhasse para dentro da suíte de hóspedes.

Por um instante, o banheiro fez com que ela se esquecesse do motivo pelo qual fora naquela direção. Havia uma banheira do tamanho de uma piscina instalada no chão, cercada de mármore e uma parede coberta por azulejos azul-claros que cintilava como um mar pálido. Havia também uma ducha do diâmetro de um pneu de caminhão suspensa acima dela.

— *O que é* este lugar? — arfou Alex.

Daniel fechou a porta atrás deles.

— A Kate... ou melhor, a Val... parece ser muito bem-sucedida.

— Você acha que ela é uma prostituta mesmo ou o Kevin só estava tentando melhorar a história?

— Eu não entrei aqui para falar sobre a Val. — Ela se virou para ele, franzindo os lábios. — Alex, eu não gosto de mentir para ele.

— Quem mentiu?

— Fingir, então. Fingir que não somos nada um para o outro.

Ela abafou um suspiro.

— Só não estou pronta para a reação inevitável. Já tenho estresse suficiente.

— A gente vai ter que contar em algum momento. Por que não fazer isso logo? — Ele viu a expressão de Alex mudar enquanto ela avaliava as opções. — Você ainda não acredita que teremos *algum momento*, né? — acusou ele.

— Bom... *existe* uma probabilidade alta de ele ou eu estarmos mortos daqui a uma semana, então, por que cutucar a onça?

Daniel a puxou abruptamente para um abraço apertado que, de alguma forma, foi mais repreensivo do que reconfortante.

— Não diga isso. Não suporto ouvir você falar desse jeito.

— Desculpe — disse ela contra a camisa dele.

— Podemos fugir. Hoje. Vamos nos esconder. Você sabe como fazer isso.

— Podemos pelo menos esperar até depois de dormir e comer? — perguntou

ela com uma voz queixosa.

Ele riu sem querer do tom dela.

— Acho que posso permitir isso.

Ela relaxou nos braços dele por um instante, desejando mais uma vez que fugir fosse a opção certa. Parecia uma escolha muito mais fácil, quase tranquila.

— Vamos só sair de mãos dadas e namorar no sofá — sugeriu Daniel.

— Primeiro, vamos comer e dormir. Eu não vou lidar com os resultados de uma grande revelação até estar segura de ter pensado em todas as formas que a reação poderá assumir e se eu preciso estar armada... ou melhor, *quão* armada preciso estar. Neste exato momento não estou conseguindo raciocinar direito.

— Tudo bem. Vou dar esta noite para você, porque sei que está exausta. Mas vamos voltar a esta discussão de manhã, e eu pretendo ser bem inflexível.

— O Kevin vai ficar aqui também? — indagou ela. — A mulher disse que só tinha um quarto extra. Isso não vai facilitar muito qualquer discussão.

— Duvido.

Ela percebeu na voz de Daniel que ele devia estar revirando os olhos e se afastou para encará-lo. Ele não a soltou, mas deixou os braços mais frouxos ao redor de sua cintura.

— Ah, você acha que ela quis dizer que este era o único quarto extra *vazio*?

— Não, eu acho que ele está dormindo no quarto dela.

Ela franziu o nariz.

— Sério? Ela não pareceu gostar muito dele.

— Isso sempre acontece com as mulheres com quem ele se envolve.

Ela ainda não estava convencida.

— Mas... ela poderia conseguir algo muito melhor.

Daniel riu.

— Não vou discordar disso.

CAPÍTULO 24

A imensa geladeira de duas portas de Val estava muito mais abastecida do que a de Arnie. Na verdade, era muito mais abastecida do que a geladeira da maioria dos restaurantes. Pelo jeito, a mulher planejava alimentar mais uma dúzia de hóspedes além dos que já tinha na casa — embora, aparentemente, não soubesse da existência de Alex e Daniel até momentos antes da chegada deles.

A incongruência disso incomodou Alex um pouco, mas não o bastante para afastá-la da tigela de uvas. Ela tinha a sensação de que havia semanas que não comia nada fresco, embora, na verdade, não fizesse tanto tempo assim. Parecia que haviam se passado meses desde que saíra do sítio. Ela mal conseguia compreender como o tempo que transcorrera podia ser tão curto.

Alex sentou em um dos bancos altos, ultramodernos e branquíssimos. Não era muito confortável.

Daniel gemia de prazer ao examinar os utensílios.

— Isto é que é cozinha — murmurou.

Ele começou a mexer nas gavetas mais baixas, avaliando as panelas disponíveis.

— Estamos nos sentindo em casa, é? — Daniel se levantou depressa. Alex parou com uma uva a caminho da boca. Val entrou no ambiente dando risada, ainda vestindo o quimono curtíssimo. — Relaxem. Tudo isto está aqui para vocês. Eu não uso este ambiente, na verdade.

— Hum, obrigado — disse Daniel.

Ela deu de ombros.

— Foi o Kevin quem pagou tudo. Então, você gosta de cozinhar?

— Tento.

— Ele está sendo modesto — interveio Alex. — Ele é um chef cinco estrelas.

Val sorriu carinhosamente para Daniel enquanto esticava o corpo por cima da ilha na direção dele, quase tocando o mármore com o queixo.

— Ah, que bom. Eu nunca tive um chef em casa antes. Parece... divertido.

Alex se perguntou como Val conseguia carregar tantas insinuações diferentes em uma única palavra.

— Ahn, acho que sim — disse Daniel, ficando um pouco corado. — Cadê o Kevin?

— Passeando com o cachorro.

Val voltou o rosto para Alex, que se preparou para mais agressões.

— Perguntei ao Kevin sobre você. Ele contou que você torturou *ele* — disse,

indicando Daniel com a cabeça.

— Ah, bem, tecnicamente, foi isso mesmo. Mas foi um caso de identidades trocadas.

Os olhos de Val brilharam de interesse.

— O que você fez? Você o queimou?

— O quê? Não, não... ahn, usei tratamentos químicos injetáveis. Considero esse tipo de coisa mais eficiente, além de não deixar cicatrizes.

— Humm. — Val escorregou o corpo de lado pelo mármore até estar novamente virada para Daniel, então deitou a cabeça sobre o próprio braço. O quimono foi parcialmente deslocado pela manobra, e Alex imaginou que a vista de Daniel estava bem interessante. Ele ficou parado com um ar constrangido, uma mão na porta da geladeira. — Doeu muito? — perguntou Val.

— Mais do que qualquer coisa que eu pudesse imaginar — admitiu Daniel.

A loura pareceu fascinada.

— Você gritou? Implorou? Você se *contorceu*?

Daniel não conseguiu conter um sorriso diante do entusiasmo dela.

— Todas as opções anteriores, acho. Ah, e eu também chorei feito um bebê.

Ainda sorrindo, ele pareceu subitamente confortável. Virou-se de novo para a geladeira e começou a remexer lá dentro.

Val suspirou.

— Eu queria muito ter visto isso.

— Você gosta de tortura? — perguntou Alex, disfarçando sua preocupação. Claro que Kevin os colocaria na casa de uma verdadeira sádica.

— Não da tortura em si, mas é inebriante, não é? Esse tipo de poder?

— Acho que eu nunca pensei nisso dessa forma...

Val entortou a cabeça, olhando para Alex com indisfarçado interesse.

— Não tem tudo a ver com poder?

Alex pensou um pouco no assunto.

— De acordo com a minha experiência, não. Sinceramente, quando isso era meu trabalho, e isso parece ingênuo agora até mesmo para mim, eu na verdade estava apenas tentando salvar pessoas. Sempre havia muita coisa em jogo. Era estressante.

A loura pensou no que Alex disse, apertando os lábios.

— Isso parece ingênuo mesmo. — Alex encolheu os ombros. — Você nunca sentiu nenhum barato? De estar no controle? — Os grandes olhos azuis de Val se fixaram nela.

Alex se perguntou se as pessoas se sentiam assim em um consultório de psiquiatra — com essa compulsão por falar. Ou talvez fosse mais como estar algemado à mesa da própria Alex.

— Quero dizer... talvez. Eu não pareço muito perigosa. Acho que houve vezes que gostei do... respeito.

Val assentiu.

— Claro que sim. Me diga uma coisa, você já torturou uma mulher?

— Duas vezes... bem, uma vez e meia.

— Explique.

Daniel mantinha a cabeça inclinada para trás enquanto ajustava a chama do fogão. Estava prestando bastante atenção. Alex detestava falar sobre isso na frente dele.

— Na verdade, eu não precisei fazer nada com a primeira garota. Ela começou a confessar antes mesmo de estar presa à mesa. De qualquer maneira, ela nem devia ter ido parar no meu laboratório. Qualquer interrogatório normal teria obtido os mesmos resultados. Coitada.

— O que ela confessou?

— Uma célula terrorista estava tentando coagir alguns homens-bomba em Nova York. Sequestravam a família da pessoa no Irã. No caso, tinham sequestrado os pais dela. E matavam os reféns se o alvo não fizesse o que mandavam. A NSA controlou a situação antes que as bombas fossem detonadas, mas muitos dos reféns foram perdidos. — Ela suspirou. — É sempre horrível com terroristas.

— E a segunda?

— *Essa* foi uma situação completamente diferente. Traficante de armas.

— Foi difícil fazer com que ela falasse?

— Ela foi uma das mais difíceis da minha carreira.

Val sorriu como se a resposta a tivesse agradado muito.

— Eu sempre achei que as mulheres conseguem aguentar muito mais dor do que o suposto sexo forte. Os homens são umas crianças grandes, na verdade. — Ela suspirou. — Eu já fiz homens implorarem e já fiz com que se contorcessem, e talvez tenham surgido algumas lágrimas aqui e ali, mas nenhum deles *chorou feito um bebê*. — O lábio inferior carnudo fez um beicinho.

— Tenho certeza de que eles teriam chorado se você pedisse — encorajou Alex.

A loura abriu seu sorriso cintilante.

— É provável que você tenha razão.

Agora Daniel estava picando alguma coisa. Alex decidiu que pegaria mais leve com as uvas. O jantar sem dúvida valeria a espera. Val rolou para o lado novamente para observá-lo, e Alex sentiu uma súbita necessidade de distraí-la.

— Este apartamento é lindo.

— É mesmo, não é? Ganhei de um amigo.

— Ah, e ele fica aqui com frequência?

Quantas pessoas saberiam sobre eles? Ela já havia sido estúpida e estranhamente sincera com aquela mulher desconhecida. Com certeza isso se voltaria contra ela.

— Não, não. Zhang e eu terminamos há *séculos*. Ele era muito sufocante.

— E ele deixou você ficar com o apartamento?

Val encarou Alex, incrédula.

— *Deixou*? Que tipo de presente seria se a escritura não estivesse no meu nome?

— Faz sentido — concordou Alex depressa.

— O que foi aquilo que você disse mais cedo sobre derrubar o Kevin?

— Ah, posso contar a história, por favor? — intrometeu-se Daniel. — É a minha preferida.

Daniel alongou a história, dando uma floreada para arrancar risadas e comentários de espanto de Val. Ele fez Alex parecer mais no controle do que ela de fato estivera e inventou as partes em que não estivera acordado para testemunhar. Ela precisava admitir que a história ficara muito melhor com a narração dele. A expressão de Val ao avaliar Alex agora havia mudado cento e oitenta graus em relação ao que fora quando as duas se viram pela primeira vez.

Então a comida ficou pronta, e Alex parou de se importar com qualquer outra coisa. Fazia algum tempo que ela não comia carne vermelha, e a carnívora que havia dentro dela assumiu o controle. Quando saiu do estado de êxtase, viu que Val a observava de novo, absorta.

Alex olhou para baixo. Daniel dera um prato a Val também, mas ela havia comido apenas algumas fatias do bife.

— Você sempre come tanto? — perguntou a loura.

— Quando tem comida disponível, acho que sim. Quando Daniel cozinha, definitivamente.

Val estreitou os olhos.

— Aposto que você nunca engorda um quilo sequer, não é?

— Não sei. Devo engordar às vezes, certo?

— Você tem uma balança? — indagou Val.

— Eu tenho uma que serve para pesar miligramas — respondeu Alex, confusa.

Val bufou, fazendo com que as mechas de cabelo que lhe caíam sobre a testa se mexessem.

— Pessoas com metabolismo naturalmente acelerado me irritam.

— Sério? — disse Alex, olhando para a outra de cima a baixo. — Você vai reclamar *comigo* sobre nossas heranças genéticas?

Val a encarou por alguns instantes, então sorriu e balançou a cabeça.

— Bem, acho que uma garota não pode ter tudo.

— E você é apenas a exceção que comprova a regra?

— Acho que gosto de você, Espirra.

— Obrigada, Val. Mas meu nome é Alex.

— Que seja. Sabe, você tem muito potencial inexplorado. Com um cabelo

decente, um pouco de maquiagem e uns peitos médios, você ficaria bem.

— Ahn, eu estou bem assim, obrigada. Minhas expectativas em relação à vida são menores. Isso torna as coisas mais fáceis.

— Falando sério, você mesma corta o seu cabelo, não é?

— Eu não tenho outra opção.

— Confie em mim, sempre há uma alternativa a *isto*.

Ela se esticou para o outro lado do balcão e tentou tocar nas mechas que caíam sobre os olhos de Alex, mas Alex desviou. Era verdade que estava na hora de aparar o cabelo.

Val se virou para Daniel, que estava tentando ser discreto, apoiando-se no balcão logo atrás de Val enquanto terminava de comer, quase como se estivesse se escondendo dela. Bem, Alex compreendia isso. E compreendia completamente por que Daniel achara Val assustadora no primeiro encontro deles.

— Me ajude aqui, Danny. A Espirra não poderia ser bonita se tentasse?

Daniel deu aquelas piscadas que sempre dava quando era surpreendido.

— Mas a Alex já é bonita.

— Que cavalheiro. É como se você fosse o Kevin Bizarro.

— Vou considerar isso um elogio.

— É um elogio. Talvez o melhor que tenha dado na vida — concordou Val.

— Há quanto tempo você conhece ele? — perguntou Daniel.

— Há tempo demais. Não sei por que continuo abrindo a porta quando ele vem implorar. Acho que é aquela coisa do poder. — Ela encolheu os ombros, e um dos lados do robe de seda deslizou pelo braço. Ela não arrumou a roupa. — Eu gosto de ver alguém tão forte tendo que me obedecer.

Uma chave fez barulho na porta da frente. Alex desceu do banco alto, ficando de pé, com os músculos automaticamente tensos. Val observou Daniel olhando para Alex, todo tenso também, pronto para seguir sua deixa.

— Vocês dois são engraçados — murmurou ela.

Einstein entrou correndo e arfando na cozinha, e Alex relaxou.

Val olhou para o cachorro, a língua de fora e os olhos pidões.

— Ele quer alguma coisa.

— Deve estar com sede — respondeu Alex.

— Ah.

Ela olhou ao redor na cozinha, então pegou uma tigela de cristal decorativa do centro da ilha e a encheu na pia. Einstein lambeu a mão dela agradecido e, então, começou a beber a água.

— O cheiro está ótimo — comentou Kevin ao entrar na cozinha.

— Você pode terminar o meu — disse Val sem olhar para ele. — Já estou satisfeita. — Hesitante, ela fez carinho em uma das orelhas de Einstein.

Kevin se apoiou confortavelmente na ilha, parecendo muito à vontade

enquanto começava a cortar a comida de Val.

— Todo mundo se dando bem?

— Você tinha razão — respondeu Val.

Kevin sorriu, triunfante.

— Eu disse que ela não deixaria você entediada.

Val se endireitou e sorriu de volta.

— Qualquer uma que tenha acorrentado você ao chão tem tudo para se dar bem comigo.

O sorriso de Kevin desapareceu.

— Foi um empate.

Val inclinou a cabeça para trás e deu risada, deixando o pescoço ainda mais longilíneo do que antes.

Daniel abriu a torneira da pia e procurou o detergente. Alex se juntou automaticamente a ele, reconfortada pelos simples acordes de abertura da rotina dos dois. Mais uma vez, ela estava em um lugar desconhecido, bem distante da realidade dela, insegura e correndo perigo. Mas, com Daniel ali, conseguia dar conta. Ele era como uma máscara de gás: um símbolo de refúgio. Ela sorriu ao pensar no quanto ele não gostaria dessa comparação. Bem, ela não era a romântica do casal.

— Ah, não se preocupe com isso, querido — disse Val a Daniel. — O faxineiro vem todo dia de manhã.

Alex lançou um olhar tenso para Kevin. Val percebeu.

— Vou deixar um bilhete no balcão para ele ficar longe dos quartos — garantiu a loura. — Sei que é tudo cheio de mistério. Não se preocupem, vocês não serão expostos por minha causa.

— Eu não me importo — disse Daniel. — Lavar a louça me relaxa.

— O que é este seu irmão? — perguntou Val a Kevin. — Posso ficar com ele?

Alex sorriu quando viu os olhos de Daniel se arregalarem em pânico, mas ele manteve o rosto abaixado na direção da pia e, portanto, Val não viu a expressão dele. Daniel entregou um pegador a Alex, que secou o objeto com um pano de prato que parecia de seda e que provavelmente era feito para servir de enfeite. Ela tinha a sensação de que Val não se importava com coisas assim.

— Ele não é o seu tipo — respondeu Kevin.

— Mas eu tenho muitos tipos, não é mesmo?

— É verdade, mas não acho que ele vá manter o seu interesse por muito tempo.

Ela suspirou.

— Eles raramente mantêm.

— Então, ahn, voltando para o faxineiro... a que horas ele chega, vai embora etc.? — indagou Alex.

Val deu risada.

— Você leva as coisas muito a sério.

— É que as pessoas tentam me matar com certa frequência.

— Isso deve ser irritante — disse Val, num tom casual. — Quando estou em casa, o Raoul vem cedo e vai embora bem rápido. Ele nem vai acordar vocês. Ele é bom.

— Então só vou trancar a porta.

— Se você quiser.

— Nós não vamos dormir até tarde amanhã, Espirra — observou Kevin. — Temos muitas coisas para preparar antes de agirmos, e eu não quero perder mais tempo.

— Dê uma manhã de folga a ela — insistiu Daniel. — Faz uma semana que ela passa as noites dirigindo, dormindo no banco traseiro de carros. Ela precisa descansar.

Kevin fez uma careta irritada.

— Ela não é uma criança, Danny. Os adultos têm trabalho a fazer.

— Não tem problema — interveio Alex, rapidamente. Olhou para o relógio acima do fogão. Eram apenas sete da noite. — Eu vou cair no sono agora de qualquer maneira, então tenho certeza de que vou estar de pé bem antes de o Raoul chegar.

— Eu vou repassar meu inventário com você, então você pode me dizer do que mais precisa. Tenho imagens em vídeo do seu alvo, que tenho certeza que você vai querer assistir, e então...

— Amanhã, Kevin — interrompeu Alex. — Agora, dormir.

Kevin inspirou fundo pelo nariz, fazendo barulho, e revirou os olhos para o teto.

Alex quase estendeu a mão para Daniel ao sair da cozinha. Precisou fechar os dedos em um punho e torcer para que Kevin não tivesse percebido. O gesto não pareceu natural, e Daniel sentiu o mesmo. Ele foi logo atrás dela, quase como se estivesse pensando em fazer alguma coisa para provocar a conversa (ou possível discussão) que ela estava tentando evitar. Não *agora*, ela tentou comunicar a ele telepaticamente, sem se virar. Começou a andar mais rápido, mas o esforço foi desperdiçado. As pernas de Daniel eram compridas demais para ela conseguir manter a distância dele.

Ela se sentiu muito melhor quando o escutou fechar a porta atrás de si e trancar a fechadura.

— Obrigada — disse, virando-se para passar os braços pela cintura dele.

— Só porque estamos exaustos — lembrou ele. — Eu vou ser muito mais teimoso amanhã.

Como estava de fato se arrastando, ela passou apenas pelas partes mais importantes da rotina. Não queria ter que trocar o curativo do rosto, por isso decidiu deixar a pele respirar durante a noite. A ferida ainda estava vermelha e

franzida, e os pontos na orelha estavam muito aparentes, embora ela tivesse usado um fio de sutura da cor da pele. Mas parecia que as duas metades do lóbulo iriam se juntar novamente. Ela ficaria com uma cicatriz feia, mas não queria se preocupar com isso agora.

Pensou em deixar a cama de armar montada no closet para disfarçar, mas decidiu esperar até de manhã. Kevin não iria fazer uma inspeção do quarto. Ela também pensou em prender uma linha ligada a uma lata de gás na porta. Achou que não teria a energia necessária para isso e, de qualquer maneira, se conseguisse passar por Einstein, qualquer intruso sem dúvida iria primeiro à suíte principal. Optou por deixar sua SIG e o cinto sobre a mesa de cabeceira.

Daniel se deitara antes dela, mas ainda estava acordado.

— Você acha que eu devo deixar minha arma ao alcance? — perguntou ele.

— É um quarto grande, mas provavelmente um pouco apertado para o fuzil. Posso pegar a espingarda.

Ele olhou para ela com ar exasperado.

— Eu estava brincando.

— Ah. Certo.

Ele abriu os braços para ela. Alex apagou o abajur e deitou no seu lugar já tradicional. A cama era absurda, uma espécie de nuvem macia e firme que provavelmente era feita de fios de ouro ou crina de unicórnio.

— Boa noite, Alex — sussurrou Daniel contra o cabelo dela, e depois ela caiu no sono.

* * *

QUANDO ELA ACORDOU, ainda estava escuro do lado de fora. A luz fraca que cintilava pelas bordas das persianas era o amarelo-esverdeado artificial da iluminação da cidade. Ela não conseguiu encontrar um relógio, mas imaginou que fossem em torno de quatro horas. Uma ótima noite de sono e mais um pouco. Ficou satisfeita. O dia seria longo. Havia anos que tudo o que ela fazia era fugir e sobreviver. Agora precisava passar para um modo mais proativo e estava apavorada com isso. Sim, houvera a aventura fora do comum no Texas, mas ela a colocava na conta da adrenalina do momento e da incumbência desconhecida de ser responsável por algo. Ela nunca teria *planejado* fazer aquilo.

Assim, quando Daniel, acordado por seus movimentos, começou a beijar seu pescoço, ela não se importou em procrastinar um pouco.

Perguntou-se como seria ser uma pessoa normal. Poder esperar que manhãs assim — acordando ao lado de alguém que se escolheu — acontecessem muitas e muitas vezes. Atravessar um dia com a certeza de que se deitaria na mesma cama à noite, com aquele mesmo alguém ao lado. Ela duvidava de que muitas pessoas dessem valor a tal certeza quando a possuíam. Seria uma parte da vida

cotidiana, algo considerado natural. Ninguém sequer pensaria em se sentir grato por isso.

Bem, ela não podia contar com outra manhã como essa, mas podia se sentir grata por ela no momento.

Alex começou a arrancar a camiseta de Daniel, e ele afastou as mãos do cabelo dela apenas por tempo o bastante para que ela conseguisse terminar de despi-lo. Alex tirou a própria blusa, ansiosa por sentir a pele dele contra a dela. Os beijos dele, que haviam começado tão suaves, foram ficando cada vez mais intensos, embora ela quase fosse capaz de escutá-lo lembrando a si mesmo de ser cuidadoso. Ela não queria nada daquilo. Retribuiu os beijos de Daniel de um jeito que pretendia fazer com que ele se esquecesse de quaisquer considerações.

Não houve nenhum som, nenhum aviso. Ela não ouviu a fechadura girar ou a porta se abrir. E então, de repente, o clique metálico de uma arma sendo destravada a centímetros da cabeça dela. Ela ficou paralisada e sentiu Daniel fazer o mesmo. Alex não sabia ao certo se ele também havia reconhecido o clique silencioso ou se estava apenas reagindo a ela.

Pelo som, ela sabia que o intruso estava mais perto do que ela da mesa de cabeceira em que estava sua arma. Ficou furiosa consigo mesma por ter negligenciado a segurança básica e se esforçou para pensar em qualquer outro movimento que lhe restava. Talvez se ela tentasse girar e chutar a arma para longe, Daniel tivesse tempo de pegar o invasor.

Então o intruso falou.

— Afaste-se do civil, sua *cobrinha* venenosa.

Ela soprou a imensa quantidade de ar que estava prendendo.

— Uuuuh! Ahn! Está bem. Ah. Vamos abaixar a arma agora, seu psicopata.

— Não enquanto você não largar o meu irmão.

— Isso está tão além de passar dos limites que eu nem sei que nome dar à sua atitude — disse Daniel em um tom de voz irritado. — Você *arrombou a fechadura*?

— Daniel, preste atenção em mim. Ela drogou você de novo. É isso que está acontecendo aqui.

— Como se eu fosse desperdiçar meu estoque limitado com recreação — resmungou Alex. Rolou na cama, puxando os lençóis para se cobrir, e estendeu o braço para o abajur. Sentiu o cano frio da arma tocar sua testa.

— Você é ridículo — disse ela, acendendo a luz.

Kevin deu um passo para trás, piscando com a claridade. Ainda estava com a pistola com silenciador apontada para o rosto dela.

A cama sacudiu quando Daniel saltou agilmente por sobre o corpo de Alex e se colocou entre ela e Kevin.

— O que você está *fazendo*? Não aponte isso para ela!

— Daniel, eu não sei o que ela fez com você, mas vamos tirar isso da sua

corrente sanguínea, eu juro. Venha comigo.

— Se você sabe o que é bom para você, vai dar meia-volta e ir embora *agora*.

— Eu estou salvando você aqui.

— Obrigado, mas não precisa. Eu estava bem feliz com o que estava fazendo antes de você interromper tudo de modo tão grosseiro, e gostaria de retomar aquilo. Feche a porta ao sair.

— O que aconteceu? — perguntou Alex, vestindo a camiseta. Não havia tempo para aquele bate-boca. Kevin estava usando apenas uma calça de pijama; portanto, fosse o que fosse, o catalisador não tinha dado a ele tempo de se preparar. Não era do feitio de Kevin deixar alguma coisa, até mesmo algo tão ofensivo a ele, distraí-lo quando estava com problemas. Ela deu a volta em Daniel para pegar seu cinto e afivelá-lo na cintura enquanto falava. — A gente precisa andar? — Pegou a SIG e a enfiou na parte de trás do cinto.

Kevin abaixou a arma lentamente e começou a parecer menos confiante ao ser confrontado com o pragmatismo de Alex.

— Não acreditei nela, então vim conferir — admitiu ele, subitamente sem graça. — Eu não planejava que Danny sequer soubesse que eu estava aqui.

— Nela? — perguntou Daniel.

— Na Val... ela me disse que vocês dois estavam juntos. Ela estava tão confiante. Eu disse que de jeito *nenhum*.

A voz dele foi assumindo novamente um tom furioso.

Daniel soltou o ar pelo nariz, irritado.

— Bem, espero que você tenha feito alguma aposta. Com uma consequência bem humilhante por perder.

— Isto é punição suficiente — resmungou Kevin.

— Falando sério — disse Daniel. — Saia daqui, Kevin.

— Eu não acredito nisso, Danny. O que você está pensando? Depois do que ela fez com você?

Alex ainda estava bloqueada pelo corpo de Daniel, por isso não conseguia ver o rosto dele, mas de repente conseguiu ouvir um sorriso em sua voz.

— Você é supostamente tão durão, tão perigoso. E ainda assim está me dizendo que deixaria uma dorzinha ficar entre você e a mulher que você deseja? Sério?

Kevin deu um passo para trás e levou uns instantes para responder.

— Mas por quê? Por que você quer a *ela*?

A raiva havia desaparecido. Quando ele olhou para Alex, havia apenas espanto.

— Eu vou explicar para você quando você crescer. Agora, pela última vez, saia daqui, ou... — Ele estendeu o braço ao redor do corpo de Alex e tirou a arma das costas dela. — Eu vou atirar em você.

Ele apontou a arma para o peito de Kevin.

— Hum, ela está destravada — murmurou Alex.

— Estou contando com isso — disse Daniel.

Kevin encarou os dois: Daniel segurando a arma com firmeza, Alex olhando de trás do braço dele. Então endireitou os ombros de novo.

Ele apontou para Alex com a mão livre.

— Vocês. Simplesmente... parem... — Acenou com a mão fazendo um gesto largo e inclusivo, abrangendo os dois e a cama. — Com tudo isso. Saímos em quinze minutos. Estejam prontos. — Então apontou para Danny. — Eu... — Ele expirou longamente, balançou a cabeça e então se virou e saiu pela porta. Não se deu ao trabalho de fechá-la. — Caramba, Val! — gritou enquanto seguia pelo corredor escuro, como se tudo aquilo fosse de alguma maneira culpa dela. Einstein latiu do andar de cima.

Alex suspirou e se espreguiçou.

— Bom, isso se desenrolou exatamente como eu imaginei. Sem nenhum tiro. Acho que tudo transcorreu da melhor forma possível.

— Aonde você está indo? — perguntou Daniel.

— Tomar uma ducha. Você o escutou. Quinze minutos.

— Estamos no meio da madrugada!

— Melhor ainda para esconder o meu rosto. Você não está cansado, está? Acho que dormimos pelo menos nove horas.

Daniel fez uma careta.

— Não, eu não estou nem um pouquinho cansado.

— Bem, então...

Ela começou a seguir para a porta do banheiro.

— Espere.

Daniel deu um salto, mexendo no cabelo enquanto caminhava até a porta do quarto, que fechou e trancou novamente.

— Sério, de que adianta fazer isso? — indagou Alex.

— *Touché* — disse Daniel, dando de ombros. Ele foi até Alex e envolveu os braços dela com as mãos, segurando-a firme. — Eu não estava pronto para sair da cama.

— O Kevin não vai bater antes de entrar — lembrou-lhe ela. — É provável que ele nem me dê todos os quinze minutos.

— Não gosto de deixar ele dar as ordens. Eu não apenas não estava pronto para sair da cama, como também não estava pronto para você sair da cama.

Ele abaixou a cabeça para beijá-la, as mãos deslizando devagar pelos ombros dela até segurarem seu rosto. Ela sabia que, em circunstâncias normais, ele precisaria de muito pouco esforço para fazê-la concordar. Mas aquelas não eram circunstâncias normais, e a ideia de que Kevin poderia entrar no quarto a qualquer momento, provavelmente mais uma vez com uma arma na mão, fez com que Alex pensasse bem na resposta que daria.

Ela recuou.

— Que tal um acordo?

O olhar que ele lhe devolveu não foi nem um pouco empolgado.

— Eu me recuso categoricamente a fazer qualquer concessão pelo Kevin.

— Posso pelo menos fazer a minha argumentação antes de você dispensá-la?

Ele manteve a expressão séria, mas ela percebeu que ele queria sorrir.

— Faça o que quiser, mas eu não vou ceder.

— Temos um tempo limitado, e nós dois precisamos tomar um banho. Aquela banheira-barra-piscina lá dentro comporta duas pessoas com facilidade. Bom, na verdade, acho que caberiam umas doze cabeças ali dentro. E eu estava pensando que nós podíamos fazer duas coisas ao mesmo tempo.

A expressão dura desapareceu do rosto de Daniel.

— Eu imediatamente retiro minha oposição e ofereço minha total cooperação.

— Pensei mesmo que você ia concordar.

CAPÍTULO 25

— Porque não há motivo para você ir — argumentou Kevin.

Ele estava diante das portas do elevador, bloqueando o botão de chamar com os braços cruzados diante do peito.

— Por que não? — questionou Daniel.

— Você não vai participar da ofensiva, Danny. Então, não precisa participar da preparação.

Daniel fez uma careta.

— Não custa nada ele... — Alex começou a falar suavemente.

— Só que alguém poderia ver o rosto dele — rosnou Kevin.

— Você quer dizer o *seu* rosto? — retrucou ela.

— *Eu* sou esperto o bastante para manter a cabeça abaixada.

Daniel revirou os olhos.

— Eu fico no porta-malas se você quiser.

Kevin avaliou os dois por um longo instante.

— Vocês vão deixar eu me concentrar?

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Alex.

Kevin fechou os olhos. Parecia estar se acalmando. Inspirou pelo nariz e então olhou para Daniel.

— Estas são as minhas exigências para você se juntar a nós neste exercício muito chato de padrão de reconhecimento: ninguém vai falar sobre o que aconteceu hoje de manhã. Eu não serei obrigado a me lembrar das coisas nauseantes que testemunhei. Não haverá discussões que possam fazer alusão a tais coisas nauseantes. Isto é trabalho, e vocês se comportarão de acordo. Combinado?

O pescoço de Daniel começou a ficar vermelho. Alex tinha certeza de que ele ia mencionar o fato de que, se não houvesse arrombado um quarto trancado no meio da noite, Kevin não teria visto nada. Antes que Daniel pudesse protestar, ela disse:

— Combinado. Comportamento profissional adequado.

Kevin olhou de um para o outro, avaliando os dois novamente. Depois se virou e chamou o elevador.

Daniel olhou para ela com ar de *é sério isso?*. Alex encolheu os ombros.

— Nada disso! — ordenou Kevin, apesar de ainda estar de costas para eles.

— O quê? — reclamou Daniel.

— Posso *sentir* vocês dois se comunicando em silêncio. Parem com isso.

* * *

FOI UM TRAJETO silencioso no sedã preto de aparência comum. Ela não sabia se era o carro de Val ou um que Kevin havia comprado. Não parecia fazer o estilo de Val, mas talvez ela gostasse de passar despercebida às vezes. Alex gostou das janelas muito escurecidas. Sentia-se menos exposta sentada com o boné puxado para baixo e olhando para a cidade que ainda dormia. Haviam saído cedo o bastante para não pegarem o horário do rush matinal.

Kevin dirigiu até uma parte mais pobre da cidade — o tipo de vizinhança no qual ela esperava que o esconderijo dele ficasse. Kevin parou em frente a um depósito que parecia ter sobretudo imensos contêineres de carga. Não havia nenhum guarda, apenas um teclado numérico e um portão pesado de metal com arame farpado na parte de cima. Kevin os levou até um ponto perto dos fundos do terreno cercado e estacionou atrás de um contêiner laranja encardido.

O local parecia estar vazio, mas Alex manteve a cabeça abaixada e caminhou sem demonstrar feminilidade pelo caminho até as portas duplas que funcionavam como parede frontal do contêiner. Kevin formou uma sequência complicada de números no pesado cadeado retangular e então o tirou. Abriu uma das portas apenas alguns centímetros e fez sinal para que eles entrassem.

Ficou tudo escuro quando Kevin fechou a porta atrás de si. Então houve um clique baixinho, e cordas de luz ganharam vida ao redor do teto e do piso.

— Exatamente quantas Batcavernas você *tem*? — perguntou Alex.

— Apenas algumas, aqui e ali, onde posso precisar delas — respondeu Kevin. — Esta é móvel, o que ajuda.

O interior do contêiner de carga de Kevin estava muito abarrotado, porém compulsivamente organizado. Como no celeiro no Texas, havia um lugar para cada coisa.

Araras de roupas — disfarces, na verdade — estavam encostadas na parede adjacente às portas duplas. Ela tinha certeza de que era de propósito. Se alguém olhasse ali para dentro quando as portas estivessem abertas, tudo o que veria seriam roupas. Um observador casual não pensaria nada de mais. Um observador mais atento poderia achar estranho que uniformes de todas as forças militares estivessem pendurados juntos, ao lado de macacões de mecânico e vários outros uniformes de empresas de serviços públicos, sem falar nos componentes esfarrapados de um disfarce de mendigo pendurados a poucos centímetros de uma sequência de ternos escuros que iam desde itens de lojas comuns até os de grife. Uma pessoa podia passar despercebida em muitas situações com aquelas roupas.

Os acessórios ficavam em caixas organizadoras acima das araras — pastas executivas e pranchetas, caixas de ferramentas e malas. Os sapatos ficavam em caixas plásticas transparentes sob as roupas.

Atrás das roupas, estavam instalados armários profundos de metal que iam do chão ao teto. Kevin a guiou por cada um deles. Ela anotou as coisas de que poderia precisar. Como no celeiro, havia um espaço para armas, munição, blindagem, explosivos e facas. Havia outras coisas que não vira no Texas ou, se estavam lá, que estavam mais bem escondidas do que o resto. Ele tinha um armário cheio de itens tecnológicos — câmeras e microfones minúsculos, dispositivos de rastreamento, óculos de visão noturna, binóculos e telescópios, geradores de pulso eletromagnético de diversos tamanhos, alguns laptops e dezenas de equipamentos que ela não reconheceu. Kevin identificou os criptógrafos, os leitores de frequência, os bloqueadores de frequência, os hackers de sistemas, os minidrones... Ela se perdeu depois de um tempo. Era improvável que fosse querer usar algo com que não tivesse familiaridade.

O armário seguinte era de compostos químicos.

— Oba — vibrou ela, fuçando para ver o que havia atrás da primeira fileira. — *Isto* eu posso usar.

— Achei que você fosse gostar.

— Você se importa? — perguntou ela, mostrando um cilindro lacrado de um catalisador de que sabia estar quase sem.

— Pegue tudo o que quiser. Acho que nunca usei nenhuma dessas coisas.

Ela se agachou até a prateleira mais baixa e colocou muitos outros potes e pacotes na mochila. *Ah*, deste ela precisava.

— Então por que você tem isso tudo?

Kevin deu de ombros:

— Eu tinha acesso. A cavalo dado não se olham...

— Rá! — Ela o encarou com expressão de triunfo.

— O que foi?

— Você me disse que esse era um ditado idiota.

Kevin olhou para o teto.

— Às vezes é muito difícil não bater em você.

— Sei exatamente como você se sente.

Daniel se colocou entre ela e Kevin. Ela fez que não com a cabeça. Era apenas uma brincadeira. Depois do breve sermão sobre comportamento adequado, Kevin havia voltado ao seu normal — algo entre um serial killer e o irmão mais velho mais irritante do mundo. Alex estava se acostumando com isso. Não se preocupava mais tanto com ele.

Resmungando sobre *comunicação silenciosa*, Kevin voltou ao armário de munições e começou a encher uma grande sacola preta com reservas.

— Primeiros socorros? — perguntou ela.

— No armário de facas, prateleira de cima.

Havia várias bolsas pretas fechadas com zíper acima das facas, algumas delas mais ou menos do tamanho de uma mochila, outras menores, como kits de

barbear. Como Alex não alcançava nenhuma delas, Daniel as pegou e Alex as examinou no chão.

A primeira bolsa menor que ela abriu não tinha artigos médicos — em vez disso, havia pequenos maços de documentos cuidadosamente presos com elásticos para facilitar sua localização. Ela logo pegou um passaporte canadense e olhou a página de identificação. Como esperava, havia uma foto de Kevin com um nome diferente: Terry Williams. Alex olhou para cima. Kevin estava de costas. Ela pegou dois dos maços e os enfiou no fundo da mochila, que fechou logo depois.

Esses itens específicos não a ajudariam em nada, mas ela precisava estar preparada para outros desdobramentos. Olhou para Daniel: ele também não estava prestando atenção nela. Estava olhando para a variedade de facas com uma expressão de descrença. Isso a fez se perguntar por quanto tempo ele conseguiria sobreviver sozinho com o que havia aprendido até então.

Alex abriu uma das bolsas maiores, porém não ficou empolgada com o que encontrou. Era um kit bem básico, com nada que ela já não tivesse. Conferiu a bolsa seguinte e então a última. Nada que não houvesse na primeira.

— O que está faltando? — perguntou Kevin.

Ela se sobressaltou, não o havia escutado se aproximar. Kevin deve ter percebido sua expressão de decepção.

— Eu gostaria de ter alguns suprimentos decentes para tratar traumas, para o caso de...

— Ok. Pegue tudo o que você quiser daqui, e então vamos buscar isso.

— Fácil assim? — perguntou ela, cética.

— Claro.

Alex levantou a sobrancelha.

— Nós vamos entrar em uma unidade médica e pedir para comprar uma quantidade extra?

— Não! — Ele fez uma careta, insinuando a idiotice da sugestão dela.

— Você nunca ouviu a expressão *caiu de um caminhão*? Você está com aquele negócio de derrubar aí com você?

— Sim.

— Então vamos logo para conseguirmos chegar antes que todos os caminhões tenham feito suas entregas.

* * *

AGORA A MOCHILA de Alex estava abastecida com munição para suas diversas armas adequadas — a SIG Sauer, a Glock que ela não havia abandonado, a espingarda, o fuzil de Daniel — e sua própria pistola. Ela tinha pegado duas pistolas e munição extras do depósito só para prevenir. Da caixa de

artigos tecnológicos, havia pegado dois pares de binóculos, alguns rastreadores e dois geradores de pulsos eletromagnéticos de diferentes tamanhos. Ela não sabia ao certo para que os usaria, mas talvez não tivesse tempo de voltar ali se houvesse uma emergência. Enquanto ela vasculhava o equipamento dele, Kevin redefiniu o segredo do cadeado para que o usual código da data de nascimento a deixasse entrar.

Ou Daniel se as coisas de fato se complicassem.

— Então, quais são as minhas alternativas para incapacitar quimicamente outro ser humano? — perguntou Kevin quando estavam de volta à estrada. Alex estava dirigindo dessa vez.

— Deixe-me ver... você quer aéreo ou de contato?

Kevin olhou para ela de soslaio.

— Qual você recomenda?

— Depende da sua abordagem. O alvo estará em um espaço fechado?

— Como vou saber? Vou improvisar.

Ela bufou.

— Está bem. Leve os dois. Daniel, você poderia pegar o frasco de perfume no bolso lateral da minha mochila? Está em um saquinho Ziploc.

— Achei — disse Daniel após um instante. — Aqui. — Ele o passou para Kevin, que o revirou nas mãos.

— Parece vazio.

— Aham — concordou Alex. — Gás pressurizado. Agora — disse ela, estendendo a mão esquerda para ele. — Pegue o de prata.

Ele tirou o anel do terceiro dedo de Alex e então fez cara de surpresa quando o minúsculo tubinho transparente e a minúscula bolsinha de borracha de apertar saíram um depois do outro, como dois lenços da manga de um mágico medíocre. A expressão dele ficou cética.

— O que isso aqui deveria fazer?

— Está vendo a portinha ali dentro? Abra. Com cuidado.

Kevin examinou o minúsculo espeto oco e então olhou para a pequena bolsinha redonda de borracha. Fazia silêncio suficiente para se ouvir o barulho suave do líquido se mexendo lá dentro.

— Segure a bolsinha na palma da mão — orientou ela, imitando o movimento enquanto explicava. — Coloque a mão com força no alvo. — Fez um gesto na direção de Daniel, que gentilmente estendeu o braço. Ela agarrou o pulso dele, sem violência, apenas com firmeza. — O alvo sentirá a picada e tentará se afastar automaticamente. Segure. Se você estiver fazendo do jeito certo, o líquido da bolsinha será expelido pelo espeto. — Ela soltou Daniel quando terminou.

— E então o que acontece? — perguntou Kevin.

— O seu alvo tira uma soneca. Por uma hora, talvez duas, dependendo do tamanho dele.

— Isto aqui é minúsculo — reclamou Kevin, segurando o anel entre o polegar e o indicador e observando pelo buraco.

— Desculpe, vou tentar ter mãos maiores para você da próxima vez. Coloque no mindinho.

— Quem usa anel no mindinho?

Ela sorriu.

— Acho que vai combinar perfeitamente com você.

Daniel soltou uma risada.

Kevin enfiou o anel no dedo menor, mas a joia não passou da primeira articulação. A bolsinha mal alcançava a palma da mão. Ele precisaria de algo mais comprido se quisesse escondê-la na manga da camisa. Franziu a testa para o aparato por um instante, e então sorriu de repente.

— Legal.

Daniel se inclinou e indicou os anéis que restaram na mão de Alex.

— O que esses outros dois fazem?

Ela levantou a mão direita, agitando o dedo anelar com a aliança de ouro.

— Mata você fácil.

Então levantou o dedo do meio da mão esquerda com a aliança de ouro rosa.

— Mata você difícil.

— Ah, ei! — disse Kevin, dando-se conta de algo de repente. — Foi por isso que me deu aquele tapinha de menina nas costas em West Virginia?

— Sim.

— *Caramba*. Você é uma aranhazinha perigosa, Espirra.

Ela assentiu.

— Se eu fosse mais alta ou você, mais baixo, nós não estaríamos tendo esta conversa.

— Bem, acho que aquele foi o seu dia de sorte. — Ela revirou os olhos. — Com qual você tentou me atingir?

Ela levantou o dedo médio da mão esquerda novamente.

— Que dureza — comentou Kevin. — Por que esses anéis não têm uma quantidade de reposição? — Ele acenou com a mão, fazendo a bolsinha balançar abaixo.

— Cuidado — alertou Alex. — Isso pode se soltar.

Kevin pegou a bolsinha e a segurou na palma da mão.

— Certo.

— Meus outros anéis são revestidos de veneno. Um pouco faz um bom estrago. Apenas uma gota de veneno de caracol-cone basta para matar vinte homens do seu tamanho.

— Deixe-me adivinhar, você tem caracóis-cone e viúvas-negras como bichos de estimação em casa?

— Não tenho tempo para animais de estimação e, na verdade, o veneno da

viúva-negra está na ponta mais fraca da escala de estragos. Não, eu costumava ter acesso a muitas coisas. Estudei por um tempo o veneno do caracol-cone por causa da maneira como ele atinge classes específicas de receptores. Nunca fui de desperdiçar oportunidades. Guardei o que consegui e agora tomo cuidado com o que tenho.

Kevin olhou de novo para o anel que estava usando, refletindo. Isso o manteve em silêncio, o que agradou a Alex.

Ela escolheu o hospital da Universidade Howard, já que era um centro de trauma de ponta, e ela conhecia as instalações — a menos que muita coisa tivesse mudado nos últimos dez anos.

Alex deu uma volta lentamente ao redor dos prédios, procurando por câmeras de segurança e pela presença de policiais. Não eram nem sete horas da manhã, mas havia bastante gente entrando e saindo.

— Que tal aquele ali? — perguntou Kevin, apontando.

— Não, ali vai ter basicamente roupas de cama e papéis — murmurou ela.

— Dê um tempo antes de dar mais uma volta. Não queremos ser notados.

— Eu sei como isto funciona — mentiu ela.

Alex dirigiu algumas ruas para oeste e parou em um pequeno espaço arborizado. Um grupo de corredores estava dando suas voltas, mas, fora eles, o lugar estava bem vazio. Eles esperaram em silêncio por dez minutos, então ela saiu e percorreu um círculo maior, ficando a duas quadras das ruas ao redor do hospital. Afinal, viu algo promissor: um caminhão branco com a inscrição HALBERT & SOWERBY FORNECEDORES. Ela conhecia a empresa e tinha quase certeza de que teriam coisas úteis a bordo.

Seguiu o caminhão até uma área de carga e descarga atrás do edifício principal do hospital. Kevin estava pronto, já com os dedos ao redor da maçaneta da porta.

— Apenas me deixe atrás deles e então espere uma quadra acima — orientou.

Assentindo, ela diminuiu a velocidade até parar um pouco atrás do caminhão, perto demais para que Kevin pudesse ser visto pelos espelhos retrovisores. Depois que ele saiu, Alex deu ré por alguns centímetros e foi embora na velocidade máxima permitida. Olhou para dentro do caminhão por baixo do boné ao passar por ele. Havia apenas o motorista, nenhum passageiro. Ainda assim, havia muita gente vestindo uniforme hospitalar e de manutenção na calçada. Esperava que Kevin fosse discreto quanto a isso.

Freou na placa de pare na esquina, perguntando-se como ficaria esperando ali, já que não havia estacionamento. Antes que pudesse decidir, ela viu o caminhão branco surgindo e um carro atrás dela. Seguiu devagar, incentivando o carro entre eles a passar, e então deixando Kevin passar também. Viu o motorista — um negro de aparência muito jovem — apoiado na janela do carona com os

olhos fechados.

— Bem, não tem nenhum policial seguindo Kevin... ainda — murmurou Alex enquanto começava a segui-lo.

— O cara vai ficar machucado? — perguntou Daniel. — O que Kevin injetou nele?

— Na verdade, não. Ele vai ter uma ressaca horrorosa quando acordar, mas nada permanente.

Kevin dirigiu por cerca de vinte minutos, primeiro para manter certa distância entre eles e o hospital, depois em busca do local certo para a transferência dos itens. Ele escolheu um tranquilo parque industrial, parando atrás de um lugar onde havia vários espaços de carga e descarga vazios com portas de acesso fechadas. Deu marcha à ré em um deles, e ela estacionou ao seu lado, contra o vento, onde não poderia ser vista por quem quer que entrasse no terreno.

Vestiu um par de luvas de látex, entregou outro a Daniel e enfiou mais um no bolso.

Kevin já estava com a porta de trás do caminhão aberta. Alex lhe entregou o par extra de luvas e então subiu no compartimento de carga. Tudo ali dentro estava em caixotes plásticos brancos e opacos, empilhados até o alto e presos às paredes com cordas de náilon vermelhas.

— Me ajude a abrir essas aqui — instruiu ela. Kevin começou a puxar as caixas para baixo e a abrir as tampas. Daniel entrou também no compartimento e fez o mesmo que o irmão. Alex ia atrás deles, verificando o conteúdo.

Sua maior preocupação era levar um tiro. Parecia o resultado mais provável de uma ação ofensiva. Claro que ela não descartava a possibilidade de levar uma facada ou uma pancada com um objeto pesado. Ainda assim, ficou muito feliz por ter encontrado uma caixa com kits para tratar ferimentos graves. Cada um deles tinha torniquetes, gaze impregnada com agente hemostático e uma variedade de curativos oclusivos. Ela começou a fazer uma pilha, acrescentando vários tipos de curativos e pacotes de gaze, faixas de compressão e cobertura, pacotes de aquecimento e esfriamento químicos, kits de reanimação, algumas máscaras com bolsa-válvula, lenços umedecidos com álcool e iodo, talas e coleiras ortopédicas, curativos para queimaduras, sondas e cateteres intravenosos, bolsas de soro fisiológico e punhados de seringas lacradas.

— Você está planejando abrir seu próprio hospital de campo? — perguntou Kevin.

— Nunca se sabe do que podemos precisar — respondeu, acrescentando mentalmente: *talvez seja você quem precise dessas coisas, idiota*.

— Aqui — ofereceu Daniel, virando de cabeça para baixo uma das caixas que ela já havia vasculhado e jogando o que havia sobrado em outra. Então pegou a caixa vazia e começou a organizar a pilha dela lá dentro.

— Obrigada. Acho que tenho tudo o que queria.

Kevin prendeu as caixas na parede, então limpou a porta. Ela o seguiu de novo até que ele encontrou um lugar para deixar o caminhão e o motorista, atrás de um pequeno shopping a céu aberto. Rapidamente ele limpou suas impressões digitais na cabine, e os três foram embora.

Quando voltaram ao apartamento, o faxineiro Raoul havia chegado e ido embora, e Val estava deitada em um sofá baixo assistindo a uma TV de tela grande que Alex podia jurar que não estava ali no dia anterior. Estava passando um filme em preto e branco.

Agora Val estava usando um macacão azul-claro com short curto e um decote profundo. Einstein estava deitado no sofá ao lado dela com o focinho em seu braço. Ela o acariciava ritmadamente, e o cachorro não se levantou para cumprimentá-los quando entraram pela porta. Apenas bateu o rabo no sofá quando viu Kevin.

— E então, como foi toda a espionagem? — perguntou ela com a voz preguiçosa.

— Só uma preparação chata — respondeu Kevin.

— Argh, então nem me contem. E não deixem nada disso aí também. Eu não quero bagunça.

— Sim, senhora — concordou Kevin docilmente e então seguiu para o quarto de Alex e Daniel para colocar as coisas na pilha de armazenamento.

— Vou conectar você ao meu computador, Espirra — disse ele enquanto empilhava as coisas. — Você pode ver as gravações das câmeras que tenho em Carston. E também pode ouvir: tem um grampo no carro e um microfone direcional na sala dele. O carro também tem um rastreador, então dá para acompanhar os movimentos dele nos últimos dias.

Alex suspirou, já exausta com a quantidade de informações que tinha para analisar.

— Obrigada.

— Estou faminto — disse Daniel. — Mais alguém quer café da manhã?

Alex e Kevin responderam ao mesmo tempo:

— Sim, por favor — disse Alex.

— Nossa, sim — disse ele.

Daniel sorriu e se virou para a porta.

Alex o observou se afastando, então se deu conta de que Kevin a observava observando Daniel.

— O que foi?

Kevin tensionou os lábios, como se buscasse a maneira certa de se expressar. Automaticamente olhou para a cama — ainda desarrumada; Raoul não tinha permissão para entrar ali — e estremeceu.

Alex deu as costas para ele e foi pegar o próprio computador. Queria passar os arquivos importantes para ele.

— Espirra...

Ela não tirou os olhos do que estava fazendo.

— O que foi?

— Posso...

Ela segurou o computador junto ao peito e se virou para encará-lo, esperando que terminasse. Inconscientemente, endireitou os ombros.

Kevin hesitou mais uma vez, então perguntou:

— Posso fazer algumas perguntas sem receber qualquer resposta muita específica ou explícita?

— Tipo o quê?

— Essa história com Danny... eu não quero que ele se machuque.

— Isso não é uma pergunta.

Kevin lhe lançou um olhar furioso, então respirou fundo, forçando-se a relaxar.

— Quando terminarmos aqui, para onde você vai?

Foi a vez dela de hesitar.

— Meio que... bem, meio que parece que dará azar supor que vou sobreviver. Eu sinceramente não pensei no que vem a seguir.

— Qual é, não é tão difícil — disse ele num tom de menosprezo.

— Não é como eu faço as coisas. Você lida com a situação do seu jeito, e eu lido do meu.

— Você quer que eu cuide de Carston também?

— Não — resmungou ela, embora pudesse ter se sentido tentada caso o tom dele não tivesse sido tão condescendente. — Eu cuido dos meus próprios problemas.

Kevin fez uma pausa e em seguida perguntou:

— Então... o quê? Você acha que simplesmente vai seguir conosco depois?

— Não, essa não seria a minha primeira escolha. Considerando que ainda estarei viva, é claro.

— Você é realmente pessimista.

— É parte de como me planejo. Esperar o pior.

— Que seja. De volta ao ponto: se você seguir o seu próprio caminho, o que será de Danny? Vai ser só *Adeus, obrigada pelas risadas*?

Ela virou o rosto e olhou para a porta.

— Eu não sei. Isso vai depender do que ele quiser. Não posso falar por ele.

Kevin ficou calado por tempo suficiente para Alex ter que olhar de novo para ele. O rosto dele estava estranhamente vulnerável. Como sempre, quando estava com o rosto relaxado, ficava muito mais parecido com Daniel.

— Você acha que ele escolheria ir atrás de você? — perguntou Kevin bem baixinho. — Quer dizer, ele acabou de conhecer você. Ele mal a conhece. Mas... acho que a essa altura ele provavelmente tem a impressão de que mal me

conhece também.

— Eu não sei o que ele vai querer — disse ela. — Eu nunca pediria que ele fizesse essa escolha.

Kevin ficou olhando para o nada, alguns centímetros acima da cabeça dela.

— Eu queria muito uma chance de compensar as coisas para ele. De lhe dar uma vida que ele suportasse levar. Eu esperava que, depois de um tempo, nós dois pudéssemos ser irmãos de novo.

Ela sentiu uma vontade esquisita de percorrer o espaço entre eles e colocar uma mão no ombro de Kevin. Era provável que isso se devesse apenas ao fato de que ele ainda estava parecido com Daniel.

— Eu não vou me intrometer nisso — prometeu ela.

E estava sendo sincera. O mais importante era que o melhor para Daniel se concretizasse, fosse o que fosse.

Kevin a encarou por um instante, com o rosto ficando tenso e voltando ao normal. Ele soltou um imenso suspiro.

— Ah, caramba, Espirra, eu queria simplesmente ter deixado aquela coisa de Tacoma para lá. Milhões de vidas salvas... sério, qual é a importância disso em comparação ao meu irmão dormindo com Lucrécia Bórgia?

Alex ficou paralisada.

— O que você disse?

Ele sorriu.

— Está surpresa que eu saiba fazer uma analogia histórica adequada? Eu era um ótimo aluno na escola, na verdade. Tenho tantos neurônios quanto o meu irmão.

— Não, sobre Tacoma. O que você quis dizer?

O sorriso dele deu lugar à confusão.

— Você sabe tudo sobre esse assunto... eles lhe deram o arquivo. Você interrogou o Danny...

Ela se inclinou na direção dele, inconscientemente apertando o computador com mais força contra as costelas.

— Isso tem a ver com o trabalho que você fez com De la Fuentes? O *T* de TCX-1 é de *Tacoma*?

— Eu nunca ouvi falar de TCX-1. O trabalho com De la Fuentes tinha a ver com o vírus Tacoma.

— A Peste Tacoma?

— Eu nunca ouvi ninguém chamando o vírus disso. O que está acontecendo, Espirra?

Alex abriu o computador rapidamente enquanto sentava ao pé da cama. Acessou o arquivo mais recente em que estivera trabalhando — suas anotações codificadas sobre casos. Rolou a tela pela lista de números e iniciais, sentindo a cama se mexer quando Kevin apoiou um joelho no colchão, inclinando-se para

ler por cima de seu ombro.

Ela tinha a sensação de que muito tempo se passara desde que fizera aquelas anotações. Tanta coisa acontecera que os pensamentos que ela relacionara àquelas breves linhas tinham quase desaparecido.

Lá estava: evento terrorista número três, *TP*, a Peste Tacoma. As letras dançaram diante dos olhos dela, apenas algumas delas se transformando em palavras em sua memória. *J, I-P*, era a cidade na Índia, na fronteira com o Paquistão. Ela não conseguia lembrar qual era o nome da célula terrorista, apenas que era originária de Fateh Jang. Olhou para as iniciais dos nomes relacionados. *DH*: esse era o cientista, Haugen. *OM* era Mirwani, o terrorista, e então *P*... o outro americano de quem ela não conseguia se lembrar. Apertou o punho contra a testa, tentando forçar a lembrança a vir à tona.

— Espirra? — disse Kevin mais uma vez.

— Eu trabalhei nesse caso... anos atrás, quando a fórmula foi roubada dos Estados Unidos. Muito antes de De la Fuentes pôr as mãos nela.

— Roubada dos Estados Unidos? De la Fuentes a conseguiu no Egito.

— Não, ela foi desenvolvida em um laboratório nos arredores de Tacoma. Era para ser teórico, apenas pesquisa. Haugen... Dominic Haugen, esse era o cientista. — Conforme ela se concentrava, a história ia voltando. — Ele estava do nosso lado, mas, com o roubo, a situação ficou delicada demais para ele continuar onde estava. A NSA o escondeu em um laboratório em algum lugar sob controle. Nós conseguimos capturar o vice-comandante da célula terrorista. Ele entregou a localização do laboratório em Jammu que estava conseguindo obter sucesso na criação do vírus a partir da documentação roubada. Operações secretas destruíram o laboratório. Achavam que haviam conseguido bloquear o aspecto da arma biológica, mas alguns integrantes da célula escaparam. Até onde sei, o departamento ainda estava trabalhando com a CIA para tentar pegá-los alguns anos depois... quando Barnaby foi morto. — Alex olhou para ele, com a cabeça funcionando tão rápido que se sentia tonta. — Quando a CIA chamou você, quando queimaram você... você disse que havia algumas questões que você estava tentando rastrear. Que questões eram essas?

Ele piscou depressa, fazendo com que ela se lembrasse de Daniel de novo.

— As embalagens das vacinas... a parte externa era em árabe, mas a parte interna, os rótulos originais... era tudo em inglês. E o nome também: Tacoma. Isso não fazia sentido. Se De la Fuentes as quisesse traduzidas, teria mudado de árabe para espanhol. Eu queria rastrear o caminho do vírus. Tinha certeza de que não havia se originado no Egito. Imaginei que devia haver um americano ou um britânico trabalhando com os desenvolvedores em algum lugar. Queria encontrar o sujeito. Você está dizendo que isso começou no *estado de Washington*?

— Com certeza está tudo relacionado. As datas se encaixam. Conseguimos algumas informações sobre um vírus, e de repente começam a observar a mim

e a Barnaby. Dois anos depois... mais ou menos quando De la Fuentes pôs as mãos nele, certo?... Barnaby é assassinado. Esse deve ser o catalisador. Foi por isso que o mataram e tentaram me matar. Porque o vírus estava por aí de novo e, se o público descobrisse, eu e Barnaby sabíamos algo que poderia apontar para a origem dele...

Barnaby nunca lhe contara o que havia disparado sua paranoia, por que ele decidira que os dois precisavam se preparar para fugir. Ela olhou para as letras na tela. *DH*, Dominic Haugen. Seus inimigos tinham sentido a necessidade de apagar a ela e a Barnaby, portanto era improvável que deixassem Haugen vivo. Será que Haugen havia sido o primeiro a ser eliminado? Era provável que tivesse morrido de uma forma totalmente normal e esperada. Acidente de carro. Ataque cardíaco. Existiam muitas maneiras de fazer com que uma morte parecesse inocente. Seria possível que Barnaby houvesse visto alguma informação sobre a morte de Haugen? Seria essa a pista?

Ela queria fazer uma rápida pesquisa on-line, mas, se seu raciocínio estivesse certo, o nome de Haugen sem dúvida estaria sinalizado. Qualquer um procurando informações sobre a morte dele seria percebido. O fato de o método de busca ser anônimo não importava.

Quem era o *P*? Ela não conseguia sequer ter certeza de que aquela letra estava certa. Havia sido uma menção fugaz. Algo curto, ela pensou, algo conciso...

— Espirra, a embalagem... ela parecia... profissional. É esta a palavra correta? Não era algo montado em um laboratório improvisado em algum lugar do Oriente Médio.

Os dois se entreolharam por um instante.

— Eu sempre achei que fosse um exagero — murmurou ela. — Que alguém conseguisse de fato fabricar o vírus a partir de nada além do projeto teórico de Haugen. Parecia o equivalente a acertar na loteria terrorista.

— Você acha que eles roubaram mais do que anotações?

— Haugen deve ter conseguido... deve ter realmente criado a coisa. Se havia um carregamento tão grande, se a vacina estava tão bem embalada... Sem dúvida eles a estavam produzindo. Então, trabalhar em vírus que servissem como armas biológicas não era apenas o hobby de Haugen. Era um projeto militar. Havia sinais disso... algo sobre o envolvimento de um tenente-general. Ninguém queria investigar o lado americano das coisas. Eles nos mantinham focados na célula. Em geral, podíamos fazer as perguntas que surgiam naturalmente... mas eu lembro que nesse caso foi diferente. Carston me passava as perguntas que queria que fossem feitas.

— Então nós fomos queimados no mesmo caso — disse Kevin, sombrio.

— Eu não acredito em uma coincidência tão grande.

— Eu também não.

— Quem será que eles estão protegendo? — perguntou-se Alex. — Deve ser quem está no comando. O que quer dizer que ele sabe sobre nós dois.

— O que quer dizer que a gente precisa chegar a ele também.

Os dois se encararam novamente.

— Alex? Kev? Pessoal? Este quarto é à prova de som? — Alex levantou os olhos devagar, sem conseguir focar totalmente em Daniel, que entrava pela porta. — Tem alguma coisa errada? — perguntou ele, em um tom de voz mais baixo, ao perceber o cenário. Apressou-se até a cama e colocou uma mão no ombro de Alex.

— A gente só está encaixando algumas peças — respondeu Kevin, irritado.

Daniel olhou para Alex.

— Precisamos acrescentar outro nome à nossa lista — disse ela.

— Quem?

— Esse é o problema — respondeu Kevin.

— Estou pensando... — disse Alex. — Se eu não soubesse a resposta para essa pergunta, eles não teriam tentado me matar. — Ela olhou para Kevin. — Eu sei que isso é bem pouco específico, mas você ouviu alguma vez um nome que começa com *P* que estivesse envolvido com essa história do seu lado?

— Com *P*? Vou ter de pensar, mas, de cara, não me lembro de nada. Vou repassar as ligações do Deavers de novo, ver se consigo encontrar algo.

— Vou pensar nisso enquanto repasso o material do Carston.

Kevin assentiu, então olhou para Daniel.

— Espero que você tenha entrado aqui porque tem comida pronta. Precisamos alimentar o cabeção da Espirra para ela desvendar isso.

* * *

OS DOIS COLOCARAM seus computadores sobre a grande ilha da cozinha e começaram a mexer neles enquanto comiam. Val e Einstein não haviam saído do lugar, mas agora estavam assistindo ao canal de compras. Daniel puxou um banco alto para se sentar ao lado de Alex e ficou olhando enquanto ela fazia uma varredura no vídeo da frente do sobrado de aparência muito respeitável de Carston. Ela avançou até o momento em que não havia ninguém em casa ao mesmo tempo que ouvia os telefonemas de Carston com os fones de ouvido. Carston era cuidadoso: suas conversas sobre trabalho eram vagas, e ele nunca citava pessoas ou projetos especificamente. Como as chamadas do escritório eram gravadas por um microfone externo, ela conseguia ouvir somente o lado dele da conversa. Ele usava tantos pronomes que era impossível acompanhar. Ela sabia apenas que havia alguns *ele* e *dele* que estavam dando nos nervos de Carston e que pelo menos um projeto não estava indo bem. Ele parecia estressado. Talvez isso se devesse ao que havia acontecido no Texas e ao e-mail

para Deavers. Talvez Carston se sentisse em perigo. Será que achava que Kevin sabia sobre ele? Ele teria que se cuidar, por precaução. Carston não chegara à posição que ocupava por falta de paranoia.

A casa dele tinha um sistema de alarme, grades ornamentais nas janelas do primeiro andar e câmeras externas. Algumas das imagens que Kevin dera a ela pareciam ser dessas câmeras — ele devia ter invadido o sistema. A rua não era ideal: muitos vizinhos próximos, muita atividade na rua tanto de manhã quanto à noite. Uma abundância de testemunhas.

— Vocês precisam invadir *isso*? — murmurou Daniel enquanto ela observava as janelas com grades filmadas a partir de outro ângulo.

— Espero que não.

Alex apontou para a mulher pequena que subia pela escada da frente. Ela segurava com dificuldade várias sacolas de compras de papel ao enfiar a chave na porta e destrancá-la. Desse ângulo, Alex pôde vê-la parar na entrada para digitar o código do alarme. A mão dela cobriu o teclado. Não havia como identificar a sequência.

— Faxineira? — perguntou Daniel.

— É o que parece. E ela faz as compras dele.

— Isso é bom?

— Poderia ser. Se eu conseguisse trocar de rosto para poder segui-la.

— E eu? — perguntou Daniel. — Faz um tempo que estou fora do noticiário.

— Faz um tempo que a gente não assiste ao noticiário — observou ela.

— Você acha que eles estão fazendo as matérias sobre o bandido agora?

— É possível. É bom conferir.

— Vocês querem ver as notícias? — perguntou Val do sofá na sala ao lado.

— Se você não estiver usando a TV agora — disse Daniel educadamente.

— Tem outra TV no armário à esquerda da geladeira — informou ela.

Daniel foi até o armário indicado e abriu a porta, revelando uma tela escondida no espaço. A porta deslizou para um compartimento lateral.

— Legal — murmurou Kevin, erguendo os olhos do próprio computador por um instante.

Alex voltou à sua pesquisa enquanto Daniel passava pelos canais até encontrar uma rede de notícias vinte e quatro horas. Deixou o volume baixo e então voltou a se sentar com ela.

Alex não ouviu Val se levantar, mas, de repente, a loura estava inclinada por cima do ombro dela.

— Isso parece muito chato — comentou Val.

— Bem, acrescentar minha mortalidade à equação apimenta um pouco a história — disse Alex.

— Você disse que precisava de um rosto novo?

— Hum, é. Sabe, os ferimentos e curativos fazem com que meu rosto se

destaque demais.

— E se destacar não é uma coisa boa no seu caso?

— Não.

— Eu poderia fazer isso.

— Ahn? — fez Alex.

— Dar um novo rosto a você.

Alex se virou para dar atenção total a Val.

— O que você quer dizer?

CAPÍTULO 26

— Isso seria mais fácil se você parasse de tentar fazer duas coisas ao mesmo tempo — reclamou Val.

— Desculpe, eu meio que tenho um prazo.

— É só ficar com a cabeça parada.

Alex fez o melhor que pôde. Estava com o notebook de Kevin apoiado nos joelhos, com os fones de ouvido plugados nele. Quando Carston estava no carro, ela conseguia ouvir os dois lados das conversas. Infelizmente, parecia que, em geral, ele escolhia usar o tempo que passava dirigindo para se conectar com a filha única, Erin. Os dois falavam quase sem parar sobre a neta (aquela cujo retrato estava no medalhão de Alex), e, depois da primeira discussão de quarenta minutos sobre qual jardim de infância tinha mais probabilidade de resultar em uma boa universidade, Alex começara a avançar as gravações assim que ouvia a voz da filha ou, nas ocasiões em que Carston estava no escritório, quando escutava o tom especial que usava apenas para falar com Erin. Os dois conversavam muito mais do que Alex poderia esperar. Ela esticou os dedos e tocou no botão de *play*. Erin ainda falava sem parar, algo sobre levar Livvy ao zoológico. Alex não havia perdido nada de importante. Apertou o botão de avançar novamente.

— Quero que saiba que este trabalho está imperfeito, e a culpa é sua.

— Qualquer imperfeição é culpa minha, combinado — disse Alex.

Val a virara de costas para a parede de espelhos no banheiro, para que Alex não pudesse ver o que estava sendo feito. Ela tinha apenas a sensação de que uma camada de tinta pesada à base de óleo havia sido aplicada sobre sua pele. Algo repuxava o corte em sua mandíbula, apertando e contraindo.

Ela achara o banheiro de hóspedes opulento, mas o palácio em que estava agora era uma loucura. Duas famílias de cinco pessoas cada poderiam morar confortavelmente naquele ambiente.

Ela voltou a se concentrar na tela do computador. A faxineira estava chegando novamente à casa de Carston. Parecia levar compras do mercado a cada dois dias. Alex prestou atenção no que conseguia ver na parte de cima das sacolas: um litro de leite orgânico desnatado, uma caixa de cereal, suco de laranja, café. Ela anotara a placa do carro da faxineira, e Kevin havia conseguido um endereço. Depois que escurecesse, ela poderia sair e prender um rastreador no carro da mulher para poder segui-la até o mercado.

Conferiu o áudio mais uma vez, e Erin estava se despedindo. Alex não sabia

como Carston conseguia dedicar tanto tempo a ouvir a filha falar. O fato de ele ter apenas uma filha era uma sorte. Era provável que ele fizesse várias coisas ao mesmo tempo, exatamente como Alex estava fazendo.

Nos telefonemas profissionais, nenhum nome havia sido mencionado, muito menos um que começasse com *P*. Ela achava que, se conseguisse simplesmente empurrar essa preocupação para o fundo da mente, seu subconsciente descobriria a informação. Infelizmente não conseguia parar de pensar no assunto de um jeito obsessivo, portanto era claro que não estava fazendo qualquer progresso.

— Muito bem, o toque final — disse Val, enfiando com força uma peruca na cabeça de Alex.

— Ai.

— Beleza é dor. Pode olhar agora.

Alex se levantou, com os músculos rígidos por terem ficado imóveis por tempo demais, e se virou de frente para os espelhos.

Levou um susto. Não se reconheceu de imediato como a mulher baixinha parada ao lado de Val.

— Como... — Seus dedos foram automaticamente para onde a cicatriz feia deveria estar.

Val deu um tapa na mão dela.

— Não toque em nada, você vai borrar tudo.

— Onde foi parar tudo aquilo?

O rosto da mulher no espelho estava ileso e perfeito. Sua pele parecia pertencer a uma jovem de catorze anos. Seus olhos estavam imensos, realçados sem parecerem exagerados. Os lábios estavam mais carnudos, e as maçãs do rosto, mais pronunciadas. Estava com cabelo na altura do ombro, castanho com reflexos avermelhados. Os fios caíam em mechas bonitas ao redor daquelas maçãs do rosto subitamente marcadas.

— *Voilà*, seu novo rosto — disse Val. — Foi divertido. Da próxima vez, vou testar transformá-la em uma loura. A cor da sua pele é boa para isso: vai parecer natural com vários tons de cabelo.

— Que incrível. Não estou conseguindo acreditar. Onde você aprendeu a fazer isso?

— Eu interpreto muitos papéis diferentes. — Val deu de ombros. — Mas é divertido ter uma modelo. Sempre quis uma daquelas cabeças de Barbie para pentear quando era pequena. — Ela levantou a mão e deu um tapinha no alto da peruca de Alex. — Ou uma irmã mais nova. Mas minha preferência era pela cabeça de plástico.

— É provável que eu seja dez anos mais velha do que você — protestou Alex.

— Que ótimo elogio. Mas qualquer que seja a minha idade real, você ainda não é mais velha em relação àquilo que mais importa.

— Se você está dizendo. — Alex não ia discutir; Val acabara de libertá-la de um jeito inesperado. — Nem a minha mãe me reconheceria.

— Pode ser mais sexy — prometeu Val. — Mas você queria imperceptível...

— Este é provavelmente o visual mais sexy que eu já tive na vida. Tenho até medo de pensar como é *mais sexy*.

— Aposto que o Danny gostaria — ronronou Val.

— Aliás... Onde foi que eu errei? O que fez com que você percebesse?

Val sorriu.

— Por favor. Quando duas pessoas estão tão a fim uma da outra, isso *irradia* delas. Você não fez nada.

Alex suspirou.

— Obrigada por transmitir as suas observações ao Kevin.

— Você está sendo sarcástica, mas *deveria* me agradecer. As coisas não estão mais fáceis agora, sem o segredo?

— Acho que sim... mas ele quase me deu um tiro na cabeça.

— Quem não arrisca não petisca.

Alex se aproximou da parede de espelhos e se inclinou para examinar o disfarce mais de perto. Havia uma espécie de pele protética cobrindo a ferida em seu maxilar. Ela mexeu a boca com cuidado, em busca de expressões que poderiam tornar o disfarce evidente. Conseguia enxergar uma leve ondulação quando sorria, mas, de qualquer maneira, as mechas da peruca cobriam a maior parte daquele lado do rosto. Ela não precisaria se preocupar quanto a alguém perceber algo de errado nela, mesmo de perto. Claro, as pessoas conseguiriam ver que ela estava usando maquiagem, mas a maioria das mulheres normais usava maquiagem. Isso dificilmente chamaria atenção.

Ela poderia acelerar seus planos agora. Não precisava esperar pela escuridão. Sorriu, então suavizou a expressão para diminuir a tensão sobre a pele falsa. A nova liberdade era algo inebriante.

Alex desceu a escada depressa, com o computador enfiado embaixo do braço. Já tinha um plano bem viável — com risco baixo, exposição mínima —, então estava ouvindo as ligações apenas porque ainda tinha um fio de esperança vã de que Carston cometesse um erro e dissesse algo importante. Era improvável, mas ela terminaria aquilo. Mais tarde. Agora, podia começar a preparação específica.

— Humpf — resmungou Kevin. Alex viu que ele olhava para um ponto atrás dela: para Val, que a seguia. — Ei, Val, quantas virgens você precisou sacrificar para deixá-la com essa aparência?

— Não preciso de nenhuma ajuda satânica para fazer o que eu faço — respondeu a loura. — E virgens não servem para nada.

Daniel levantou do sofá de onde estava assistindo ao noticiário (levando isso a sério como sua tarefa) e foi até a escada para ver sobre o que Kevin e Val

estavam falando.

Alex hesitou no último degrau, sentindo-se estranhamente vulnerável. Não estava acostumada a se preocupar se estava bonita ou não.

Daniel olhou duas vezes, então seu rosto relaxou em um sorriso.

— Eu me acostumei tanto a ver você com os ferimentos que quase havia me esquecido de como é sem eles — disse, e então abriu ainda mais o sorriso. — É bom ver você de novo.

Alex sabia que ela não estava *assim* no metrô, mas deixou passar.

— Estou saindo para colocar o rastreador — disse. — Não devo demorar muito.

— Quer que eu vá junto? — perguntou Daniel.

— Melhor manter seu rosto escondido durante o dia — respondeu ela.

Ele não pareceu contente, mas fez uma expressão resignada. Ela imaginou como se sentiria se Daniel saísse para alguma vigilância e conseguiu compreender a relutância dele.

— Não vai ser nada — prometeu.

— Leve o sedã — disse Kevin, apontando para as chaves no balcão.

— Entendido, comandante — disse Alex, imitando o tom de soldado dele. E ele não pareceu perceber.

Era provável que a faxineira de Carston estivesse em casa agora, a menos que tivesse coisas para fazer. Ela só trabalhava lá pelas manhãs. Claro que poderia ter outros clientes, mas Alex imaginou que Carston pagasse bem para não precisar dividir a funcionária — ele devia querer que ela ficasse livre para o caso de precisar de alguma coisa. Alex dirigiu o sedã pela cidade, indo parar não muito longe do apartamento vazio de Daniel. Ela estava satisfeita por ele estar escondido em segurança no apartamento de Val. Tinha certeza de que havia algum tipo de vigilância na casa dele, na esperança de que ele fosse burro o bastante para voltar atrás da escova de dente ou da camiseta preferida.

No bairro da faxineira não havia garagens, apenas vagas na rua. Ela encontrou a minivan branca com uma década a uma quadra do prédio onde a mulher morava. O lugar estava bastante movimentado, tanto com carros quanto com pedestres. Ela encontrou uma vaga perto do minimercado na esquina e saiu para uma caminhada.

O calor do começo do verão fez com que ela começasse a suar quase de imediato. Ao contrário de Kevin, ela não tinha uma porção de fantasias para escolher, por isso estava novamente usando seu blazer, que parecia duas vezes mais grosso do que de costume. Bem, ela precisava dos bolsos. Com sorte, a maquiagem não escorreria com o suor.

Havia gente o bastante ao seu redor para que se sentisse invisível, apenas mais uma na multidão. O número de pessoas diminuiu quando Alex atravessou a rua para a quadra seguinte, mas ela ainda assim não se destacava.

Tirou o telefone do bolso e apertou para ligar para o número discado mais recentemente.

Kevin atendeu ao primeiro toque.

— Qual é o problema, Espirradeira?

— Só estou ligando para dar um oi — disse ela.

— Ah. Se misturando?

— Claro.

— Fale com Danny. Eu não tenho tempo para me misturar com você.

— Prefiro falar com ele de qualquer maneira — disse ela, mas Kevin já havia saído da linha.

Ela ouviu um ruído surdo do telefone batendo em alguma coisa, e então Daniel disse "Ai".

Alex respirou fundo para se acalmar. Kevin sempre a deixava com vontade de esfaquear alguma coisa.

— Alex, você está bem?

— Perfeitamente.

Kevin gritou algo ao fundo.

— O Kevin disse que você está tentando parecer natural — disse Daniel.

— Isso é uma parte — concordou ela.

Agora ela estava a apenas dois carros da minivan. Havia um homem à sua frente, caminhando na mesma direção, de costas para ela. Alex não conseguia ouvir ninguém próximo atrás, mas poderia haver alguém que estivesse olhando em sua direção. Não se virou para conferir.

— Então acho que a gente devia puxar algum assunto sobre o qual as pessoas normais conversam — disse Daniel.

— Isso.

— Hum, o que você quer jantar? Quer comer em casa de novo?

Alex sorriu.

— Ficar em casa parece ótimo. Como qualquer coisa que você quiser cozinhar.

— Você facilita muito as coisas para mim.

— Já tem dificuldades demais no mundo, não preciso acrescentar as minhas. — Ela tirou algumas mechas da peruca da frente dos olhos, batendo com os dedos no telefone. O aparelho saltou pela calçada e ficou equilibrado no meio-fio. — Espere um pouco — gritou ela na direção do celular. — Deixei o telefone cair.

Ela se ajoelhou e pegou o telefone, apoiando-se no pneu da minivan. Voltou a ficar de pé, espanando os joelhos da legging.

— Desculpe por isso — disse ela.

— Você acabou de instalar o dispositivo de rastreamento?

Alex voltou a andar, seguindo para o final da quadra, onde poderia começar a

retornar para o carro.

— Sim.

— Muito tranquilo.

— Eu disse que não era nada. Vejo você logo, logo.

— Dirija com cuidado. Te amo.

Kevin berrou ao fundo, e houve outra pancada seca perto do telefone.

— Você está *brincando*? — gritou Daniel em resposta. — Uma faca?

Alex encerrou a ligação e acelerou o passo. Ela não podia deixá-los sozinhos por vinte minutos.

As coisas haviam voltado ao normal — ou à nova normalidade da vida de Alex — quando ela chegou ao apartamento. Daniel ainda estava assistindo atentamente ao noticiário. Val acabara de retornar de uma caminhada com Einstein e estava pondo água para ele na linda tigela de cristal. Kevin estava observando as imagens de suas câmeras e afiando um machete. Lar doce lar.

— Alguma coisa? — perguntou a Daniel.

— Nada sobre mim. Parece que, no fim das contas, o vice-presidente vai sair antes das eleições. Acho que aqueles boatos recentes não são totalmente infundados. Então é claro que todo mundo está especulando sobre quem o presidente Howland vai escolher para sua chapa.

— Fascinante — murmurou Alex em um tom que insinuava o oposto.

Ela largou a bolsa em um dos bancos altos, sentou no que ficava ao lado e abriu o computador. Como tudo parecia calmo na Casa Carston, ela começou a voltar as imagens para ver se perdera algo importante enquanto estivera fora. Ainda não descobrira nenhum visitante regular além da faxineira e do serviço de segurança que passava de carro em frente ao sobrado uma vez por dia, à tarde.

Daniel trocou o canal e passou para outra rede de notícias, que transmitia outra versão da mesma história.

— Você não se importa quem é o vice da chapa do presidente na eleição? — perguntou ele. — O Howland é muito popular. Seja quem for o escolhido, é provável que ele se torne o vice-presidente e, daqui a quatro anos, o presidente.

— Bonecos de ventríloquo — resmungou Kevin, largando o machete e começando a trabalhar em uma faca de desossar.

Alex assentiu em sinal de concordância enquanto diminuía a velocidade das imagens para ver dois adolescentes passarem em frente à casa de Carston e seguirem pela quadra.

— O que você quer dizer? — perguntou Daniel.

— Eu não me preocupo com a marionete — disse Kevin. — Eu me preocupo com o cara que está mexendo os pauzinhos.

— Essa é uma postura bem cínica a respeito da nação democrática para a qual você trabalhava.

Kevin deu de ombros.

— Pois é.

— Alex, republicana ou democrata? — perguntou Daniel.

— Pessimista.

Ela estendeu a mão para o outro computador, que tinha as ligações grampeadas, e conectou os fones de ouvido.

— Então ninguém se importa que o principal candidato seja um senador de ultradireita do estado de Washington que trabalhava para a Agência de Inteligência de Defesa?

Pelo tom de voz carinhoso e paternal de Carston, Alex percebeu que a primeira chamada que havia perdido era mais uma conversa com a filha. Começou a avançar.

— Faz sentido — concordou Val, tirando um elástico do cabelo. Ela estava usando roupas de ginástica suadas e, mesmo assim, parecia uma modelo de capa de revista. — O Howland é um molenga. Alguém com um toque conservador arranca alguns eleitores de cima do muro. Além disso, o cara novo é metade avô, metade bonitão, com um nome de duas sílabas fácil de decorar. O Howland sem dúvida tinha escolhas piores. — Ela balançou o cabelo dourado, que caiu em ondas perfeitas sobre suas costas.

— É triste, mas você provavelmente tem razão. Isso não passa de um concurso de beleza.

— Tudo é um concurso de beleza, querido — disse Val.

Alex parou para conferir a gravação, mas Carston ainda estava apenas escutando e murmurando *humms* gentis.

Acelerou novamente.

— Acho que é melhor eu me acostumar com isso, porque acho que não vou mais poder votar. — Daniel franziu a testa. — Vice-presidente Pace. Vocês acham que ele nasceu com esse nome ou mudou para agradar os eleitores? Wade Pace. Você daria esse nome a uma criança?

— Eu não daria nenhum nome a uma criança — respondeu Val. — Porque eu nunca seria burra o bastante para trazer uma para casa.

Os dedos de Alex pararam automaticamente a gravação.

— O que você disse? — perguntou ela.

— Só estou explicando que não sou do tipo maternal — disse Val.

— Não, Daniel, que nome era aquele?

— Senador Pace? Wade Pace?

— Esse nome... parece familiar.

— Eu acho que todo mundo sabe o nome dele — disse Daniel. — Ele vem se posicionando para receber bastante atenção, não é exatamente do tipo discreto.

— Eu não acompanho política — disse Alex. Olhou fixamente para a TV, mas a tela exibia apenas um âncora de telejornal. — O que você sabe sobre esse cara?

— Só o que está no noticiário — respondeu Daniel. — Histórico impecável de serviço militar, todos os clichês de sempre.

— Ele era militar?

— Era, um tipo de general, eu acho.

— Um tenente-general?

— Talvez.

Kevin estava prestando atenção agora.

— Wade Pace. Pace com *P*. É o nosso cara?

Alex ficou olhando fixamente para o nada, inconscientemente se balançando para a frente e para trás em seu banco alto.

— Ele é do estado de Washington... trabalhou na inteligência de defesa... — Ela olhou para Kevin. — Digamos que a Agência de Inteligência de Defesa esteja teoricamente explorando algumas opções de armas biológicas. Esse cara já tem algumas aspirações políticas, então é claro que ele se certifica de que o dinheiro seja gasto em sua cidade natal. Eles teriam muitas metas inócuas na superfície... As pessoas de fora só veriam a melhora na economia local. É provável que isso o tenha ajudado a conseguir a vaga no Senado. Ótimo. Mas então, anos mais tarde, o vírus fabricado é roubado. Evidentemente, ninguém pode saber que ele teve qualquer participação na criação do vírus. Ninguém pode saber que o vírus existe. Nós vamos atrás dos bandidos, e eles revelam informações demais. Wade Pace sonha grande. Qualquer um que tenha ouvido seu nome relacionado a esse vírus...

— Precisa ser silenciado por precaução — concluiu Kevin. — E quem sabe exatamente o que o agente da CIA minucioso demais pode ter visto? Melhor calar a boca dele também.

— Não se pode correr nenhum risco — sussurrou Alex. — Não quando se está mirando tão alto.

Houve silêncio por trinta segundos.

— Nossa! — exclamou Val, tão alto que fez Alex dar um pulo. — Vocês vão assassinar o vice-presidente? — Ela parecia muito empolgada com a ideia.

— Ele ainda não é o vice-presidente — disse Kevin. — Oficialmente, não é nada. Isso significa que não está protegido pelo Serviço Secreto.

Daniel estava boquiaberto.

As apostas subiam mais uma vez, mas não tanto. No fim das contas, independentemente do que representasse, Wade Pace era apenas mais um coração batendo.

Kevin e Alex se encararam.

— Então ele manda apagarem a mim, meu irmão, você, seu amigo... para que ele pudesse tentar ser presidente. Ah, eu vou *gostar* desse.

Ela abriu a boca, mas a fechou rapidamente. Seria muito mais fácil e mais seguro (para ela) deixar Kevin fazer o máximo possível do trabalho sujo.

Mas havia o anonimato dela — e também o de Daniel, de modo que ela podia acrescentar o rosto igual ao de Kevin à equação —, que precisava ser protegido acima de tudo o mais para que o plano funcionasse. Kevin podia ser um matador melhor do que ela, mas Alex tinha certeza de que conseguia apagar alguém com repercussões menores. *Se você quer algo bem feito...*

— Por mais que eu deteste privar você de qualquer diversão, acho que talvez seja melhor eu assumir esse caso. — Ela estremeceu. Era provável que isso fosse um grande erro. Talvez ela estivesse se transformando em uma viciada em adrenalina, justamente o que acusara Daniel de ser. *Achava* que não. Não sentia nada além de pavor diante da ideia de acrescentar mais uma tarefa à sua lista. — Silêncio é a meta, certo? Se nosso aspirante a presidente morrer de um ataque cardíaco ou um derrame, isso não vai chamar muita atenção. A cobertura da imprensa vai ser bem menor do que se ele fosse morto a tiros depois de uma invasão à casa dele.

— Eu consigo ser discreto — insistiu Kevin, franzindo a testa e fazendo uma careta.

— Discrição do tipo causas naturais?

— Perto disso.

— *Perto disso* coloca nossos outros alvos em estado de alerta.

— Eles já estão em estado de alerta.

— Então qual é a sua ideia?

— Eu improviso quando chegar lá.

— Ótimo plano.

— Você sabe quantas pessoas morrem em acidentes domésticos todos os dias neste país?

— Não. Mas tenho certeza de que mais homens brancos de sessenta e poucos anos morrem de problemas relacionados à saúde do que por qualquer outro motivo.

— Tudo bem, ótimo, um ataque cardíaco seria a forma *mais silenciosa* de Pace morrer, concordo. Como você vai entrar, baixinha? Vai bater na porta e pedir uma xícara de açúcar emprestada? É melhor usar seu avental de babados para convencer de verdade.

— Eu posso adaptar o plano do Carston. Só vou precisar de mais alguns dias de pesquisa sobre o Pace...

Kevin bateu a mão com força sobre o balcão.

— Nós não temos tempo. Já atrasamos tudo demais. Você sabe que o Deavers e o Carston não estão desperdiçando o tempo de preparação que já demos a eles.

— A pressa só deixa brechas que eles podem aproveitar. Uma preparação adequada...

— Você é muito *irritante*!

Ela não havia se dado conta de como Kevin e ela haviam se aproximado,

basicamente cuspindo um no rosto do outro a menos de vinte centímetros de distância, até a mão de Daniel surgir de repente entre eles.

— Posso interromper para sugerir o óbvio? — perguntou ele.

Kevin empurrou a mão do irmão para longe.

— Fique fora disso, Danny.

Alex respirou profundamente para se acalmar.

— O que é o óbvio? — indagou ela.

— Alex, você tem o melhor plano para... hum, assassinar o senador. — Ele balançou a cabeça rapidamente. — Não acredito que isto esteja acontecendo.

— Está acontecendo — disparou Kevin, irritado. — E eu não chamaria um plano que não tem um ponto de entrada de "melhor plano".

— Me deixe acabar. A Alex tem a melhor... metodologia. Kevin, você tem mais chances de entrar sem ser detectado.

— É, tenho — disse Kevin, furioso.

— Ah — disse Alex, sentindo-se subitamente decepcionada por algum motivo. Era provável que fosse apenas orgulho ferido e irritação por ter que cooperar com alguém tão insuportável. — Você tem razão — admitiu ela a Daniel. — De novo.

Ele sorriu.

— O quê? — indagou Kevin. — E parem com esses olhos melosos, vocês vão me fazer vomitar.

— Obviamente — Alex pronunciou a palavra sílaba por sílaba — nós precisamos agir juntos. Você entra com a minha solução previamente misturada. Na verdade... — Seu cérebro começou a avaliar opções. — Mais de uma solução, acho. Vamos precisar nos manter em contato para que eu possa orientar você com a melhor aplicação...

Kevin lançou um olhar fulminante para ela.

— *Você* está no comando e eu vou simplesmente seguir ordens no local?

Alex o encarou.

— Me conte seu melhor plano.

Kevin revirou os olhos, mas então voltou a se concentrar.

— Tudo bem. Faz sentido. Que seja.

Alex já estava se sentindo melhor. Ela poderia fazer sua parte sem qualquer risco. E, embora não adorasse admitir, sabia que Kevin conseguiria fazer a parte dele.

Kevin soltou uma risada como se conseguisse ouvir os pensamentos dela, então disse:

— Posso pedir um favor?

— O que você quer?

— Quando você estiver misturando seus veneninhos, pode produzir algo que doa desta vez? Que doa *muito*?

Alex sorriu, apesar do temor.

— *Isso* eu posso fazer.

Ele espremeu os lábios por um instante.

— Que estranho, Espirra. Eu... bem, eu quase estou gostando de você agora.

— Isso vai passar.

— Você tem razão... já está passando. — Ele suspirou. — De quanto tempo você precisa com o seu kit de química?

Alex calculou rapidamente.

— Me dê três horas.

— Vou pesquisar meu novo alvo, então.

Kevin pegou o machete e outras facas e subiu a escada, assoviando.

Alex se levantou e se alongou. Mesmo com a nova pressão e o medo ligado a ela, ter a resposta dava uma sensação boa. O nome que faltava havia sido irritante, como uma coceira dentro do crânio. Agora ela podia se concentrar no movimento seguinte.

* * *

— CERTO, ESTOU NO banheiro principal.

A voz de Kevin estava baixa para os padrões dele, mas ainda mais alta do que Alex considerava um volume seguro. Se ela mencionasse sua preocupação, ele apenas a lembraria de que ele era o especialista agora, mas... Ele era muito presunçoso.

Alex se perguntou se ele levara Einstein para dentro da casa. Era provável que sim, pensou, mas obviamente o cachorro não fazia nenhum barulho.

— Certifique-se de que você acerta o lado dele das coisas. Eu não quero matar a esposa. — Alex não conseguiu falar mais alto do que um sussurro, apesar do conforto aparente de Kevin.

— O quê?

— Certifique-se de que encontrou as coisas *dele* — murmurou ela, um pouco mais alto. — Nada unissex, como pasta de dente.

— Tenho certeza de que o armário do lado direito é do nosso cara. Lâminas de barbear, paracetamol, filtro solar fator quarenta e cinco, Centrum Silver, alguma maquiagem, mas tudo em tom de pele...

— Tenha certeza.

— Eu tenho. Vários batons e perfumes do lado esquerdo.

— Talvez eles compartilhem algumas coisas... confira as gavetas embaixo do armário.

Alex imaginou a loura bonita que ela vira ao lado de Wade Pace nas fotos oficiais. Carolyn Josephine Merritt-Pace. Era apenas dez anos mais jovem do que o senador, mas parecia uns bons vinte e cinco anos mais nova. Quaisquer que

fossem as cirurgias pelas quais havia passado, ela fora cuidadosa o bastante para manter tudo bem discreto. Ela ainda tinha o sorriso suave e alegre que enrugava os cantos dos olhos e parecia genuíno. Herdara uma fortuna de sua família sulista aristocrática, grande parte da qual ela usava para financiar suas diversas causas: alfabetização, combate à fome infantil, preservação de programas de música em escolas dos bairros pobres da cidade, construção de abrigos para sem-teto. Nunca fazia nada controverso. Ela havia sido mãe em tempo integral das duas filhas do casal, ambas formadas nas melhores universidades do sul do país e agora casadas com homens respeitáveis — um pediatra e um professor universitário. Por tudo o que Alex descobrira em sua pesquisa apressada sobre a esposa do senador, a Sra. Merritt-Pace parecia uma mulher bastante agradável. Certamente não merecedora da dolorosa morte que o marido estava prestes a sofrer. Que Alex *esperava* que fosse sofrer, corrigiu. Ainda havia muita coisa que dependia de sorte.

— Tenho três caixas de sabonete em barra, um pacote de escovas de dente, protetor labial em dois sabores, cereja e morango... pomada, cotonetes, algodão... Próxima gaveta. Ah, olhe só. Pomada para hemorroidas. Isso é adequado. Supositórios também. O que você acha, Espirra?

— Isso pode funcionar. Eu adoraria usar algo tópico em vez do meio oral, apenas para separar isso o máximo possível do Carston. Mas talvez ele não use nem a pomada nem os supositórios com frequência.

— Faz sentido. Embora fosse ser incrível literalmente enfiar esse veneno no... opa, ei, o nosso cara é fumante?

— Hum... espere um instante.

Alex digitou a frase *Wade Pace fuma?* na janela aberta do seu navegador. Foi imediatamente inundada por textos e imagens. Clicou nas imagens — fotografias de baixa qualidade tiradas de trás ou a uma grande distância. Wade Pace, mais jovem do que agora, ainda com o cabelo mais escuro, em geral de uniforme militar, nunca estava no centro da foto, mas era fácil encontrá-lo de cigarro na mão. E então as fotos mais recentes, em que ele *estava* no centro. Essas haviam sido feitas depois de ele ter se transformado no "bonitão", como Val se referira a ele, e Pace nunca estava com um cigarro. Mas vários fotógrafos haviam focado no adesivo de nicotina ligeiramente visível através da manga da camisa branca. Outra foto durante as férias, com uma camisa havaiana espalhafatosa, o canto inferior do adesivo cor da pele aparecendo logo abaixo da manga. A foto das férias era de abril. Não fazia tanto tempo.

— Parece que era — disse Alex. — Me diga que você encontrou os adesivos.

— NicoDerm CQ. Uma caixa usada pela metade, com três unidades fechadas ainda. Vou conferir o lixo.

Alex esperou ansiosamente durante o curto período de silêncio.

— Afirmativo. Adesivos usados na lixeira embaixo da pia dele. Eu diria que

este cesto é esvaziado regularmente, então ele ainda os está usando ativamente.

— Isso não poderia ser mais perfeito — comentou Alex entre os dentes. — Use a seringa marcada com o número três.

— Certo.

Ela ouviu o som baixinho de um zíper se abrindo.

— Não deixe o líquido entrar em contato com a sua pele. Injete a partir da emenda da embalagem... Não deixe um buraco visível.

— Eu não sou idiota. Quanto?

— Aperte a seringa até a metade.

— Ela é muito pequena, você tem certeza... quer saber, deixa para lá. Quanto tempo leva para secar?

— Algumas horas. Coloque...

— Embaixo do adesivo de cima, certo? — interrompeu Kevin. — No segundo de cima para baixo.

— Isso, assim vai funcionar.

Alex ouviu a risada baixa de Kevin.

— Missão cumprida. Wade Pace é um homem a caminho da morte merecida. Passando para o alvo número dois.

— Você vai entrar em contato quando estiver posicionado?

— Negativo. Deve levar menos de vinte e quatro. Vejo você no apartamento.

— Tudo bem.

— Vá para o seu cara, Espirra.

A voz dela ficou um pouco aguda quando ela respondeu:

— É. Eu vou ter, ahn, feito isso antes de você voltar.

Ele percebeu o nervosismo dela e assumiu um tom de voz impaciente, autoritário.

— É melhor mesmo. Se eu deixar rastros, seu plano pode não funcionar.

— Certo.

Ele desligou antes dela. De novo.

Alex respirou fundo e largou o telefone e o computador na cama ao seu lado.

Daniel estava sentado no chão, com as pernas cruzadas, abaixo dela, com uma mão segurando levemente sua canela. Os olhos dele não desviaram do rosto de Alex durante toda a ligação.

— Você ouviu tudo aquilo? — perguntou ela.

Daniel fez que sim.

— Eu não acredito que ele não tenha acordado ninguém. Me diga que a minha voz não é tão intensa quanto a dele.

Ela sorriu.

— Não é.

Ele se inclinou para a frente e apoiou o queixo no joelho dela. Alex sentiu a mão de Daniel apertar sua perna.

— E agora é a sua vez. — Ele disse as palavras quase num sussurro, mas o volume não disfarçou sua intensidade.

— Ainda não. — Ela olhou automaticamente para o relógio digital que havia instalado como parte de seu laboratório temporário. O mostrador indicava 4:15. — Tenho algumas horas até a hora do espetáculo. — Ela sentiu a mudança em sua pele quando o maxilar dele ficou tenso. — Eu não vou fazer nada perigoso — assegurou. — Não vou arrombar a fortaleza de ninguém. Não é muito diferente de instalar o rastreador.

— Eu sei. Fico dizendo isso a mim mesmo o tempo todo.

Alex se levantou, espreguiçando-se, e Daniel se inclinou para trás para lhe dar espaço. Ela acenou com a cabeça para o canto onde o equipamento de laboratório estava espalhado desengonçadamente sobre diversas mesas laterais. Aproveitara a instalação para criar um saudável estoque de *Sobrevida* depois de terminar as receitas para Pace.

— Acho que é melhor eu limpar isto aqui antes que Val fique incomodada.

Daniel ficou de pé.

— Posso ajudar?

— Claro. Só não toque em nada sem luvas.

Não demorou muito. Ela tinha bastante prática em montar o laboratório e desmontá-lo, às vezes com um prazo urgente. Daniel aprendeu depressa a ordem das coisas, e logo já estava com o estojo certo preparado antes mesmo de ela desmontar por completo o equipamento. Enquanto enrolava cuidadosamente o último frasco de fundo redondo, Alex olhou para o relógio mais uma vez. Ainda faltavam horas para Val precisar começar a fazer sua maquiagem.

— Você parece exausta — comentou Daniel.

— Começamos cedo. Val vai me arrumar para eu ficar apresentável.

— Um cochilo também não vai atrapalhar.

Alex tinha quase certeza de que não conseguiria cair no sono. Estava se esforçando para parecer calma e não preocupar Daniel, mas na verdade conseguia sentir as sementes do pânico criando raízes em seu estômago. Não que tivesse mentido a ele sobre qualquer coisa que fosse fazer, mas estava longe de se sentir tranquila em relação à fase seguinte do plano. A parte da ação para valer. A verdade era que ela havia voltado à sua mentalidade de sempre, ficado muito confortável com a preparação. Agora que estava na hora de colocar o plano em prática, seu sistema nervoso estava em marcha acelerada. Ainda assim, era provável que apenas descansar fosse bom.

— Boa ideia.

* * *

ENQUANTO OBSERVAVA A faxineira de Carston passando pelas portas

automáticas do imenso supermercado, Alex respirou fundo e devagar algumas vezes, tentando se centrar. Examinou o próprio rosto no retrovisor e se sentiu reconfortada pela ilusão que Val havia criado. Estava loura, muito convincente. Sua maquiagem parecia discreta, apesar de toda a cobertura. Ficou contente de ver que seu nariz estava se fixando em seu novo formato, provavelmente de modo permanente. Tudo ajudava.

Mais alguns clientes estacionaram e entraram, e Alex sabia que estava na hora de se mexer. Respirou fundo mais uma vez. Não era tão difícil. Por enquanto, apenas umas compras.

O mercado estava movimentado. O grupo de clientes era bem diversificado, e Alex tinha certeza de que não iria se destacar. De repente se lembrou das compras catastróficas de Daniel em Childress e ficou surpresa ao se flagrar sorrindo. Responsabilizou o nervosismo pela reação.

Apesar do movimento, não foi difícil encontrar a mulher que estava procurando. A faxineira estava usando um vestido transpassado amarelo, e a cor se destacava. Em vez de segui-la pela loja, Alex percorreu o caminho oposto e cruzou com ela em alguns corredores. Isso a colocava no campo de visão da mulher com mais frequência, mas parecia mais natural, menos sinistro. A mulher (que, de perto, aparentava ter em torno de cinquenta anos, estava em boa forma e era razoavelmente atraente) não prestou atenção em Alex. Enquanto isso, Alex encheu seu carrinho com itens aleatórios que pareciam inócuos — leite, pão, pasta de dente — e acrescentou os poucos produtos que importavam.

Carston gostava de umas garrafas pequenas de suco de laranja orgânico. Elas deviam ter um período de validade curto, porque a faxineira comprava algumas toda vez que ia ao supermercado, mas nunca fazia estoque. Alex pegou três — o mesmo número que havia no carrinho da faxineira — e as colocou na cadeirinha de criança do seu carrinho.

Foi até um corredor vazio — não havia ninguém procurando cartões de aniversário ou material de escritório naquela manhã — e destampou a pequena seringa em seu bolso. Era uma agulha muito fina, que praticamente não deixou marca alguma quando ela a enfiou no plástico da garrafa de suco de laranja, logo abaixo da tampa. Ela manteve o corpo virado na direção dos cartões, como se estivesse atrás da frase sentimental perfeita. Quando terminou, pegou um cartão de felicitações cor-de-rosa e o colocou no carrinho. Talvez o entregasse a Kevin quando ele terminasse sua missão. Tinha o tipo de purpurina que ficava grudado na pessoa durante semanas.

Ela e Barnaby haviam batizado essa substância simplesmente de *Ataque Cardíaco*, porque era o que provocava. Às vezes, depois de o interrogatório ter terminado, o departamento precisava se livrar de um alvo de uma forma que parecesse natural. Após cerca de três horas, o *Ataque Cardíaco* se transformava em um metabólito que era difícil de identificar. Um homem com a idade de

Carston e suas condições físicas, acrescidas do trabalho com alto nível de estresse... bem, Alex duvidava muito que alguém fosse examinar atentamente a causa da morte, pelo menos no começo. Claro, se ele tivesse vinte e cinco anos e corresse maratonas, o caso poderia parecer mais suspeito.

Em seguida, ela passou para a padaria, porque ficava perto dos caixas e permitia uma visão desobstruída dos clientes que estavam esperando para pagar. Ficou dez minutos fingindo se decidir entre uma baguete e um ciabatta, mas então a faxineira saiu do corredor dezenove e entrou na fila do caixa. Alex jogou a baguete no carrinho e entrou na fila ao lado.

Esta era a parte complicada. Ela precisaria ficar muito perto da mulher quando as duas saíssem da loja. O discreto sedã preto de Alex estava estacionado bem ao lado da minivan. Enquanto a mulher estivesse colocando as compras no carro, Alex tropeçaria com as mãos cheias de sacolas e cairia sobre o para-choque da minivan. Não deveria ser muito difícil deixar seu suco no porta-malas do carro. Com sorte, ela conseguiria pegar uma das garrafas de suco da mulher, mas, senão, imaginava que a faxineira colocaria todas na geladeira, mesmo que houvesse uma a mais do que comprara.

Alex olhou para a esteira ao lado dela, conferindo mais uma vez que o suco estava lá. Viu o que procurava e desviou depressa o olhar.

Enquanto suas próprias compras passavam pelo caixa, ela franziu a testa. Tinha alguma coisa estranha. Algo que não correspondia ao quadro mental que formara do momento. Olhou novamente para a esteira ao lado, tentando identificar o que era.

O empacotador estava colocando uma caixa de Lucky Charms na sacola. Até onde Alex tinha visto, a faxineira nunca havia comprado esse tipo de cereal para Carston. Ele era uma criatura de hábitos e comia o mesmo cereal com alto teor de fibras todas as manhãs. Marshmallows açucarados com brindes de plástico não eram o seu *modus operandi*.

Mais uma espiadela, com a cabeça abaixada. Os grãos de café de sempre, o creme light, o litro de leite desnatado, mas também havia uma garrafa de leite integral e uma caixa de biscoitos wafer.

— Papel ou plástico, moça? Moça?

Alex voltou a se concentrar rapidamente, abriu a carteira e pegou três notas de vinte.

— Papel, por favor — disse.

A faxineira sempre pegava papel.

Sua mente ficou maquinando sem parar enquanto ela esperava pelo troco.

Talvez a mulher adquirisse itens para si mesma quando fazia compras para Carston. Mas, se comprasse o próprio leite, ela teria que levá-lo para dentro da casa e colocá-lo no refrigerador de Carston até acabar o trabalho do dia, para que o calor não o estragasse. E ela nunca fizera isso antes.

Será que Carston receberia visitas?

O coração de Alex disparou desconfortavelmente enquanto ela seguia a mulher pelas portas automáticas da frente do supermercado, segurando firme as duas sacolas na mão esquerda.

Precisava que Carston tomasse aquela garrafa de suco de laranja. Mas e se um amigo a pegasse em vez dele? Um amigo que *tivesse* vinte e cinco anos e fosse maratonista? O que ela tentara fazer ficaria evidente. Carston mudaria de hábitos, reforçaria a segurança. E saberia que havia sido Alex, sem dúvida. Que ela estava viva e por perto.

A caçada recomeçaria, mais próxima do que nunca.

Será que ela deveria arriscar? Carston gostava muito daquele suco. Provavelmente não o ofereceria a outra pessoa. Mas e se oferecesse?

Enquanto sua mente repassava as possibilidades, uma pequena informação sem importância (ou pelo menos era como ela a havia categorizado) surgiu em sua cabeça e sugeriu uma nova perspectiva.

O zoológico. A filha falara sem parar sobre o zoológico. E aquela quantidade de ligações, todo dia, algumas delas com horas de duração. E se Erin Carston-Boyd não fosse sempre tão próxima ao pai? E se Alex, em sua pressa para chegar aos telefonemas importantes, tivesse deixado passar informações vitais — como uma visita iminente da filha e da neta dele? O zoológico de Washington era famoso. Exatamente o tipo de lugar para se levar a neta de fora da cidade. Exatamente como o Lucky Charms era o tipo de cereal que um avô indulgente teria à mão para o café da manhã da menina.

Alex deu um suspiro silencioso, mas profundo.

Não podia correr o risco de envenenar a criança.

E agora? Os grãos de café? Mas Erin também devia tomar café. Talvez outro tipo de toxina, algo que se parecesse com salmonela?

Ela não podia esperar até a família voltar para casa. Deavers e Pace estariam mortos até lá, se é que já não estavam, e Carston ficaria em alerta total. Esta era sua única chance de se adiantar à reação de pânico. Haveria seis garrafas de suco, apenas uma envenenada... era muito provável que Carston a bebesse... era improvável que a criança fosse atingida...

Argh, rosnou ela mentalmente, desacelerando o passo. Sabia que não ia fazer aquilo. E não poderia voltar ao restaurante preferido dele e acrescentar um ingrediente extra ao seu frango à parmegiana. Ele sem dúvida abandonara aquele hábito depois que ela entrara em contato com ele lá. Agora sua única opção seria algo realmente óbvio e perigoso, como pegar o fuzil de Daniel emprestado e dar um tiro em Carston através da janela da cozinha dele. Suas chances de ser apanhada — e morta — seriam muito, muito maiores do que ela havia planejado.

Kevin ia ficar furioso. Ela tinha apenas uma pessoa em sua lista e já havia

estragado tudo. Não poderia se ressentir dessa reação. Ela também estava furiosa consigo mesma.

Como se pudesse ler seus pensamentos, Kevin ligou naquele exato instante. Ela sentiu a vibração em seu bolso, então pegou o aparelho e viu o número. Atendeu a ligação e levou o celular ao ouvido, mas não disse nada. Ainda estava perto demais da faxineira e não queria que a mulher ouvisse sua voz e se virasse, olhando mais uma vez, mais de perto, para a loura que a estava seguindo. Talvez a faxineira ainda fosse o meio de entrar na casa. Alex não podia se dar ao luxo de ser notada.

Esperou que Kevin começasse a passar sermão, irracionalmente certa de que, de algum jeito, ele percebera que ela estava falhando. *Grande largada de bola, Espirradeira*, diria ele meio berrando, ou seja, no volume normal de sua voz.

Kevin não disse nada. Ela olhou mais uma vez para a tela. A ligação havia caído? Ele ligara para ela por acidente?

A chamada estava ativa. Os segundos seguiam contando no canto inferior da tela.

Alex quase disse "*Kevin?*".

Quatro anos de paranoia pararam sua língua.

Ela apertou o telefone contra a orelha e ficou ouvindo atentamente. Não havia som ambiente de carro ou movimento. Nada de vento. Nenhum som de animal, nenhum som humano.

Alex sentiu um arrepio nos braços e na nuca. Já passara pelo sedã, então precisava continuar caminhando. Olhava por todo lado mexendo apenas os olhos e mantendo a cabeça parada. Focou em uma lixeira na parte de trás do terreno. Apressou o passo. Estava perto demais do centro do poder do seu inimigo. Se eles estivessem rastreando a ligação, não levariam muito tempo para chegar ali. Ela queria correr, queria muito correr, mas manteve o ritmo em uma caminhada rápida e decidida.

Ainda não ouvia som algum do outro lado da linha. O buraco frio e pesado na boca do estômago ficou maior.

Kevin não ia começar a falar com ela de repente, ela sabia disso. Ainda assim, hesitou por mais alguns instantes.

Fez o que sabia que precisava fazer. Estava tudo acabado. Sua única conexão com Kevin foi cortada.

Ela desligou. Os números na parte inferior da tela disseram a ela que a chamada havia durado apenas dezessete segundos. Parecia que muito mais tempo havia passado.

Ela caminhou até a lateral da lixeira, onde não podia ser vista do estacionamento. Não conseguia ver ninguém, o que esperava que significasse que ninguém conseguiria vê-la.

Largou as compras no chão.

No forro da bolsa, tinha um pequeno kit de arrombamento de fechaduras. Nunca o usara para seu propósito real, mas vinha a calhar de vez em quando, quando ela trabalhava com alguns de seus anéis de refluxo e adaptadores menores. Pegou a sonda mais fina e então a usou para arrancar a bandeja do cartão SIM do telefone. Tanto o cartão quanto a bandeja foram parar dentro de sua bolsa.

Usando a bainha da camiseta, ela limpou cuidadosamente o telefone, segurando-o apenas através do tecido. O comprimento da camiseta fez com que a tarefa de enfiar o telefone pelo acesso lateral da lixeira, que ficava alto demais, se tornasse mais difícil. Ela precisou atirar o aparelho, mas conseguiu acertar na primeira tentativa.

Alex pegou as sacolas de papel, deu meia-volta e foi rapidamente até o carro. A minivan estava saindo do estacionamento. Ela não sabia se a faxineira havia reparado em sua caminhada. Deu os passos mais longos que conseguiu ao voltar apressadamente para o carro.

Ela não estava mais com o telefone, porém quase conseguia ver os segundos ainda passando no canto da tela. Havia duas possibilidades agora, e uma delas lhe dava um prazo muito apertado.

CAPÍTULO 27

— Alex, o celular dele estava no bolso e acabou fazendo uma ligação sem querer, só isso — argumentou Daniel.

— Danny tem razão — concordou Val. — Você está exagerando. Não foi nada.

Alex balançou a cabeça, sentindo a pressão no maxilar ao cerrar os dentes.

— Precisamos nos mexer — disse ela, simplesmente.

— Porque os bandidos podem estar torturando Kevin por informações enquanto conversamos — recapitulou Val.

Ela usou aquela voz paciente e cômica que as pessoas usam com crianças muito pequenas e pessoas muito velhas.

A resposta de Alex foi dura e fria:

— Não vai ser engraçado se eles vierem atrás de você, Val. Posso garantir.

— Olhe só, Alex, seu próprio plano tinha acabado de fracassar — lembrou Val. — Você já estava chateada. Kevin ligou para você e não disse nada. Foi tudo o que aconteceu. Acho que é um pouco precipitado supor que tenha sido mais do que um acidente.

— É o que eles fazem — disse Alex lentamente, em um tom de voz tranquilo. Mesmo antes de Barnaby lhe dar o material de leitura confidencial adequado, ela havia visto parte disso em ação. — O alvo tem um telefone com um número gravado. Você liga para o número e vê qual tipo de informação consegue tirar. Depois rastreia o sinal que acabou de criar. E encontra a pessoa do outro lado da linha.

— Bom, mas não há nada para ser encontrado, certo? — perguntou Daniel, com ar encorajador. — Você jogou o telefone fora. O máximo que o aparelho pode fazer é levá-los a um estacionamento qualquer sem relação conosco.

— O telefone é um beco sem saída — concordou ela. — Mas se eles estiverem com Kevin...

O rosto de Daniel foi atravessado pela dúvida. Val ainda estava com uma expressão condescendente.

— Você acha que eles o teriam matado? — perguntou Daniel, quase em um sussurro.

— Esse é o melhor cenário possível — disse ela, de repente. Ela não sabia como dourar a pílula ou mesmo dizer de uma maneira mais suave. — Se ele estiver morto, não podem mais machucá-lo. E nós estamos em segurança. Se ele estiver vivo... — Ela respirou fundo e retomou o foco. — Como eu disse,

precisamos nos mexer.

Val não estava convencida.

— Você realmente acha que ele entregaria Danny?

— Olhe só, Val, eu jamais questionaria a sua compreensão de qualquer coisa remotamente feminina. É o seu mundo. Mas este é o meu. Eu não estou exagerando quando digo que todo mundo se entrega. Não importa o quanto Kevin seja forte ou o quanto ama o irmão. Pode levar um tempo, mas ele *vai* dizer onde estamos. E, pelo bem dele, eu espero que não leve muito tempo.

Mas levaria, e ela sabia disso. Por mais que seu relacionamento com Kevin sempre tivesse sido conturbado, ela havia aprendido a confiar nele, a *conhecê-lo*. Ele conseguiria dar a ela o tempo necessário para levar Daniel e Val para algum lugar seguro. Em parte porque realmente amava o irmão e em parte por causa de seu orgulho. Ele jamais daria a Deavers de mão beijada o que ele queria. Kevin os faria trabalhar para arrancar cada palavra dele.

Ficou feliz por não ser dela a tarefa de fazer Kevin ceder. Tinha certeza de que ele seria o caso mais difícil com que ela teria lidado. Se alguém poderia fazer isso — realmente levar os próprios segredos para o túmulo —, essa pessoa seria Kevin Beach. Talvez ele estragasse o histórico impecável dela.

Por um instante, ela conseguiu ver claramente — Kevin amarrado em cima da mesa moderna do velho laboratório, ela pairando sobre ele. Como ela teria trabalhado no caso? Se as coisas tivessem saído de maneira apenas um pouco diferente — se seu alvo paquistanês jamais tivesse murmurado o nome Wade Pace —, o cenário que ela imaginou poderia ter sido sua realidade.

Ela se livrou dessa imagem e olhou para Daniel e Val. Alex pôde ver que sua tensão — sua intensidade e a certeza sombria — estava finalmente afetando Daniel, pelo menos.

— Se eles realmente pegaram Kevin... o que você acha que aconteceria com Einstein? — perguntou Val, ainda cética, mas com os profundos olhos azuis estranhamente vulneráveis.

Alex se retraiu. Por que ela havia aprendido a se importar tanto com um animal acima de todo o resto? Que coisa idiota de se fazer.

— Não temos tempo de pensar em tudo agora — disse ela. — Você tem algum lugar para ir, Val? Um sobre o qual Kevin não saberia?

— Eu tenho um milhão de lugares para ir. — O rosto de Val endureceu. Seus traços perfeitos de repente pareciam pertencer a uma boneca bonita, fria e vazia. — E vocês?

— Nossas opções são um pouco mais limitadas, mas vou pensar em algo. Arrume as coisas que você quer guardar. Não vai ser seguro voltar para cá. Posso ficar com a peruca?

Val assentiu com a cabeça.

— Obrigada. Você tem mais algum carro além daquele que vínhamos

usando?

Kevin tinha levado o SUV dos McKinley quando ele e Einstein saíram logo depois da meia-noite.

— Tenho dois aqui. Aquele não é meu. Kevin estava com ele quando chegou.

Val deu meia-volta graciosamente e então seguiu com tranquilidade rumo à escada. Alex não sabia dizer se ela ia arrumar suas coisas ou se estava subindo para tirar um cochilo. Val não acreditava nela.

A mente de Alex estava agitada e correndo para todas as direções. Eles teriam que arranjar um carro novo rapidamente e deixar para trás aquele sobre o qual Kevin sabia. Havia muitos detalhes em que precisava pensar, e tinha que fazer isso rápido.

Alex se virou e correu em direção ao quarto de hóspedes. Também precisava arrumar suas coisas.

E pensar. Ela não havia se planejado para nada daquilo. Deveria ter feito isso.

Daniel a seguiu pelo corredor.

— Diga o que eu preciso fazer — pediu ele quando os dois passaram pela porta.

— Você consegue colocar tudo dentro das bolsas? Eu... eu preciso pensar por alguns minutos. Não podemos cometer nenhum erro hoje. Só deixe eu me concentrar, está bem?

— É claro.

Alex deitou na cama e em seguida cruzou os dois braços por cima do rosto. Daniel estava quieto trabalhando no canto. O barulho não a distraía. Ela tentou pensar em todos os movimentos que tinham disponíveis, tudo o que Kevin não sabia.

Não era muita coisa. Ela nem sequer poderia voltar para buscar Lola — foi Kevin quem havia escolhido o hotel de animais.

Ela respirou profundamente mais uma vez e afastou esse pensamento. Não havia tempo para tristeza agora.

Eles ficariam em pequenos motéis por um tempo. Pagando tudo em dinheiro vivo. Por sorte ela tinha bastante do dinheiro das drogas de Kevin. Eles conseguiriam passar despercebidos.

É claro que Carston esperaria por isso. O rosto dela e o de Daniel acabariam em um folheto da polícia enviado por e-mail para todas as potenciais paradas em quase dois mil quilômetros. Como eles já haviam passado a história de Daniel, talvez a considerassem sua prisioneira. Seria difícil vender a versão contrária, considerando os tamanhos de Alex e Daniel.

Eles poderiam acampar em qualquer carro que encontrassem, como já haviam feito. As buscas seriam intensas. Assim que o pessoal de Carston encontrasse o veículo de Kevin, iria atrás de todos os carros usados vendidos, todos os classificados, todos os carros roubados em um raio de cento e cinquenta

quilômetros. Qualquer descrição que combinasse com o cenário entraria para uma lista, e, se um policial relatasse ter visto o veículo, o pessoal de Carston estaria logo atrás.

Talvez estivesse na hora de voltar para Chicago. Talvez Joey Giancardi não fosse matá-la imediatamente. Talvez ele estivesse disposto a trocar algum tipo de contrato de servidão por duas reconstruções faciais. Ou talvez ele fosse capaz de ver um resquício qualquer do desespero dela e soubesse que havia um bom dinheiro envolvido em vendê-la de volta para as pessoas que a estavam perseguindo.

Ela tinha identidades sobre as quais Kevin não sabia nada, mas Daniel, não. Os documentos que ela havia pegado na Batcaverna móvel de Kevin não seriam seguros.

A menos que Daniel agisse rápido o bastante.

Ela descobriu o rosto e se sentou.

— Você acha que entendeu os princípios básicos do esconde-esconde?

Daniel se virou com duas bolsas de munição nas mãos.

— Talvez o *mais* básico dos básicos.

Alex assentiu com a cabeça.

— Mas você é esperto. Você fala espanhol muito bem, certo?

— Eu me viro. Você quer ir para o México?

— Bem que gostaria. O México provavelmente não é totalmente seguro por causa do seu rosto, já que você esteve lá muitas vezes. Mas há muitos lugares bons para se esconder na América do Sul. É barato também, então você não vai precisar correr atrás de dinheiro por um tempo. Você não vai se misturar, mas há muitos estrangeiros...

Daniel hesitou por um instante, então colocou cuidadosamente a munição em uma das bolsas. Foi até o lado dela.

— Alex, você está usando muito o pronome "você" nessa conversa. Está falando em nos separarmos agora?

— Você vai estar mais seguro fora do país, Daniel. Se ficar na sua em algum lugarzinho tranquilo no Uruguai, talvez nunca encontrem...

— Então por que não podemos ir juntos? É porque eles estarão procurando por um casal... se... se Kevin falar?

Ela encolheu os ombros. Foi meio um dar de ombros, meio um movimento defensivo.

— É porque eu não tenho passaporte.

— Você não acha que estarão esperando que Daniel Beach tente embarcar em um avião?

— Você não será Daniel Beach. Tenho dois conjuntos de identidade de Kevin. Vai levar um bom tempo até perguntarem a ele sobre identidades falsas, isso se um dia perguntarem. Você terá tempo suficiente para pegar um voo com destino

ao Chile hoje à noite.

A expressão dele ficou dura de repente, quase com raiva. Ele estava parecendo Kevin, e ela ficou surpresa ao reparar em como isso a entristeceu.

— Então só eu me salvo? Deixo você para trás?

Mais um quase dar de ombros.

— Como você disse, eles estarão procurando por um casal. Eu vou escapar pelos buracos na rede.

— Eles estarão procurando por *você*, Alex. Não vou...

— Tudo bem, tudo bem — interrompeu ela. — Preciso pensar um pouco mais. Vou ter alguma ideia.

Daniel a encarou por um longo momento. Lentamente, sua expressão suavizou, até ele voltar a parecer consigo mesmo. Por fim, ele relaxou os ombros e fechou os olhos.

— Sinto muito — sussurrou ela. — Sinto muito que isso não tenha dado certo. Sinto muito que Kevin...

— Fico esperando que ele entre pela porta — admitiu Daniel, abrindo os olhos e mirando fixamente para baixo. — Mas minha intuição diz... que isso não vai acontecer.

— Eu sei. Eu queria estar errada.

Os olhos dele encontraram os dela.

— Se nossas posições estivessem trocadas, ele faria alguma coisa. Ele daria um jeito. Mas não há nada que *eu* possa fazer. Eu não sou Kevin.

— Kevin estaria na nossa posição. Ele não saberia onde estariam mantendo você. Se soubesse, ainda teria uma desvantagem absurda em relação a armamento. Não haveria nada que ele pudesse fazer.

Daniel balançou a cabeça e afundou na cama.

— De alguma maneira, nada disso o impediria.

Alex suspirou. Daniel provavelmente tinha razão. Kevin teria algum informante secreto, ou outro ângulo de câmera ou uma maneira de invadir o sistema de Deavers. Ele não desistiria e fugiria. Mas Alex também não era Kevin. Ela não conseguiu sequer envenenar Carston enquanto ele ainda estava distraído. E ele não estava mais, ela tinha certeza.

— Deixe eu pensar — repetiu ela. — Vou tentar descobrir uma maneira de sair dessa.

Daniel assentiu com a cabeça.

— Mas juntos, Alex. Nós saímos juntos. Nós ficamos juntos.

— Mesmo que isso nos coloque em risco?

— Mesmo assim.

Alex se atirou de volta na cama, escondendo o rosto novamente com os braços.

Se houvesse alguma fuga perfeita para os dois, ela já teria tentado. Todo o

motivo pelo qual ela estava ali antes de tudo era que a opção da fuga não tinha dado certo. Agora, a opção do ataque havia falhado. Isso não a fazia se sentir muito otimista.

É curioso como não nos damos conta do quanto temos a perder até perdermos. Sim, ela sabia que estava profundamente envolvida com Daniel, ela havia se entregado a essa desvantagem. Mas quem diria que ela sentiria falta de Kevin? Como ele havia se tornado seu amigo? Nem mesmo amigo, porque escolhemos nossos amigos. Era mais como família — o irmão que a gente tenta evitar nas reuniões familiares. Ela nunca tivera nada parecido, mas devia ser assim, a dor de perder alguém que nunca queríamos por perto, mas com quem acabávamos contando de qualquer maneira. A autoconfiança arrogante de Kevin fazia com que ela se sentisse quase segura, de um modo que não se sentia fazia anos. Ele era do time vencedor. Sua invulnerabilidade era a rede de segurança.

Ou costumava ser.

E o cachorro. Ela nem ao menos podia pensar no cachorro, ou ficaria sem forças. Ela não conseguiria fazer o cérebro funcionar para encontrar qualquer solução.

Mais uma vez, a imagem de Kevin em cima de sua mesa passou pela escuridão do interior de suas pálpebras. Se ao menos ela soubesse que ele já estava morto, seria alguma coisa. Se ela pudesse acreditar que ele não estava passando por uma agonia naquele instante. Ele com certeza era esperto o bastante para ter encontrado uma saída. Ou ele era tão seguro de si que o fracasso nunca fez parte do plano?

Ela achava que conhecia o suficiente sobre Deavers, pelos movimentos dele até agora, para ter certeza de que ele não desperdiçaria uma oportunidade sequer se houvesse qualquer maneira de encontrar uma vantagem nisso.

Ela sinceramente desejava que a situação estivesse invertida. Se tivesse sido a apanhada, ela teria conseguido achar uma saída rápida e indolor, deixando Deavers e Carston sem qualquer informação sobre os outros. O que quer que Kevin tenha feito de errado, fosse lá com quem ele tenha falhado, ele ainda era o mais qualificado para manter Daniel vivo. E Val também, aliás. Val teria a fuga mais fácil no curto prazo, mas nem Carston nem Deavers pareciam ser do tipo de pessoa que desiste de uma testemunha.

Se Kevin estivesse no lugar de Alex, tentando pensar em um plano, o que ele faria?

Alex não sabia. Ele tinha recursos dos quais ela fazia ideia, recursos que ela não podia replicar. Mas, mesmo assim, fugir teria que ser a única opção dele. Ele poderia voltar para tentar novamente mais tarde, mas não era como se ele pudesse continuar depois da potencial morte do vice-presidente hoje. Agora era o momento de desaparecer e se reorganizar.

Ou, no caso dela, de desaparecer e tentar continuar desaparecida.

Aquela imagem nefasta de Kevin em sua mesa não saía de sua cabeça. O problema de ser uma interrogadora profissional era que ela sabia, nos mínimos detalhes, todas as opções para o que poderiam estar fazendo com ele. Era impossível não registrar os minutos passando, imaginar como o interrogatório estava evoluindo.

Daniel estava em silêncio. Arrumar as coisas não havia tomado muito tempo. Eles não haviam se espalhado, ficado confortáveis ali. Eles sabiam desde o início que talvez tivessem que sair a qualquer instante, fosse por conta de outro desastre ou simplesmente por esgotarem a hospitalidade de Val.

Ela podia imaginar o que ele estava sentindo. Ele não queria acreditar que as coisas tinham dado tão errado. Não queria acreditar que Kevin poderia estar morto ou que a morte fosse o melhor resultado para ele no momento. Ele lembraria como Kevin havia entrado pelo telhado no meio da noite para salvá-lo e se sentiria culpado por não poder fazer a mesma coisa. Mais do que culpado — impotente, fraco, furioso, responsável, covarde... Todas as coisas que ela já estava começando a sentir.

Mas não havia nada que ela pudesse *fazer* em relação a Kevin. Se ela e Kevin trocassem de lugar, também não haveria nada que Kevin pudesse fazer. Ele não saberia onde era o cativeiro. Os bandidos não escolheriam um local sobre o qual Alex ou Kevin soubessem. Eles tinham milhares de opções à disposição. E se *houvesse* alguma maneira de saber onde era o esconderijo, eles certamente não seriam descuidados quanto à segurança do lugar. Kevin estaria tão impotente quanto ela estava.

Ela não podia perder tempo pensando no impossível. Precisava manter o foco.

Precisava trabalhar com a suposição de que Kevin ainda não tinha morrido e que os bandidos logo saberiam que tanto ela quanto Daniel ainda estavam vivos, e por perto. Eles saberiam o nome e o endereço de Val. Saberiam a marca, o modelo, a cor e provavelmente a placa dos únicos dois carros a que eles tinham acesso no momento. Estava na hora de se distanciarem o máximo possível desses fatos.

Alex se sentou lentamente.

— É melhor carregarmos o carro e nos mexermos.

Daniel estava encostado na parede ao lado da pilha de malas com os braços cruzados na altura do peito. Os olhos estavam vermelhos. Ele assentiu com a cabeça.

Val não estava por perto quando eles saíram para a sala grande, ambos carregados de bagagem. O espaço parecia mais frio e maior sem o cachorro ali. Alex caminhou rapidamente até a porta da frente.

Os dois não falaram no elevador nem a caminho do carro. Alex largou a bagagem ao lado do porta-malas e procurou as chaves no bolso.

Um barulho baixinho, como se algo estivesse sendo arranhado, interrompeu o

curto silêncio. Parecia vir bem do lado ou talvez de debaixo do carro.

Eu sou uma idiota, Alex pensou enquanto se agachava ao lado da mala e esperava desesperadamente que ela contivesse as armas, mas muito provavelmente havia lá dentro apenas suprimentos médicos. Ela sabia o quanto a situação deles era precária, mas mesmo assim andou desarmada pelo estacionamento.

Havia contado que Kevin seguraria por mais tempo. Burra.

Daniel estava com as malas mais pesadas. Assim que pousou a mão sobre a mala à sua frente, ela soube que continha material de primeiros socorros — material para o qual ela não teria uso por ora. Pelo menos tinha os anéis e o cinto. Ela precisaria ficar perto. Sem resistir inicialmente. Quer dizer, isso se eles simplesmente não atirassem nela de imediato.

Nem mesmo um segundo se passou enquanto ela fazia esses cálculos. O primeiro ruído foi rapidamente seguido por outro, um gemido baixo que com certeza vinha de debaixo do carro. O barulho a levou de volta para um momento de pânico diferente, ao lado de uma varanda escura no Texas. Não era um barulho humano.

Alex se abaixou mais, inclinou a cabeça para baixo, quase tocando o asfalto da garagem. A sombra escura embaixo do sedã se aproximou.

— *Einstein?* — disse ela, arfando.

— Einstein? — repetiu Daniel, atrás dela.

Alex deu a volta rastejando até o lado do carro em que Einstein estava mais perto.

— Einstein, você está bem? Venha aqui, garoto.

O cachorro se arrastou na direção dela até se desvencilhar do carro. Ela passou as mãos pelo dorso e pelas patas do animal.

— Você está machucado? — sussurrou ela. — Está tudo bem, vou cuidar disso.

O pelo dele estava embaraçado e molhado em alguns pontos, mas, quando ela olhou para as mãos, não estavam vermelhas — apenas sujas. As patas de Einstein estavam com alguns cortes, e ele ofegava como se estivesse desidratado ou exausto ou as duas coisas.

— Ele está bem? — perguntou Daniel, logo atrás dela.

— Acho que sim. Mas parece ter tido uma noite difícil.

— Venha aqui, garoto — disse Daniel, estendendo a mão para o animal. Einstein se levantou, e então Daniel o pegou no colo. Einstein lambeu o rosto dele sem parar.

— Leve ele lá para cima. Vou colocar essas coisas no carro e depois subo.

— Ok — concordou Daniel, hesitante, então engoliu em seco. — É tudo verdade.

— Sim — disse ela, abrindo o porta-malas sem olhar para cima.

Ela o ouviu dar meia-volta e se afastar. O barulho da respiração ofegante de Einstein desapareceu.

Em pouco tempo, ela já tinha arrumado as coisas para a partida deles. A garagem ficou em silêncio e vazia, como sempre. Talvez Val fosse dona daquela parte do estacionamento. Talvez todos aqueles carros pertencessem a ela. Alex não ficaria totalmente chocada se fosse o caso.

Alex não deveria se sentir melhor por Einstein estar bem? Parte dela devia esperar que estivesse errada, que estivesse exagerando. Que havia sido apenas um engano.

Quando ela entrou na sala, Val estava no chão com o cachorro. Einstein estava enroscado no colo dela com a cabeça em seu ombro e Daniel ajoelhado ao lado deles.

Val olhou para ela, ainda com a expressão fria no rosto de boneca.

— Agora é o momento em que você diz *eu avisei*.

— Você precisa de ajuda para sair daqui? — perguntou Alex.

— Já precisei desaparecer antes. Faz algum tempo, mas não é algo que a gente esquece.

Alex assentiu com a cabeça.

— Sinto muito, Val.

— Eu também — respondeu Val. — Vocês acham... vocês vão levar o cachorro?

Alex piscou, surpresa.

— Vamos.

— Ah. — Val apertou o rosto contra o pelo de Einstein. — Me deem um minuto. — A voz dela saiu abafada.

— Claro — concordou Alex.

Eles tinham algumas horas. Aquele local era a última coisa que Kevin entregaria. Ele havia mandado o cachorro para alertá-los. Estava lutando por eles.

Além disso, ela ainda tinha uma improvável via de informações, e talvez devesse conferi-la enquanto tinha acesso a uma internet de alta velocidade. Foi até o computador em cima da ilha.

Carston estivera bem calado até então, mas talvez tivesse enfim entregado alguma coisa. No mínimo, ela poderia conseguir estimar o horário aproximado em que Kevin havia sido apanhado. Com certeza haveria uma ligação para marcar isso. Talvez alguma viagem. Carston era o especialista nessa área, não Deavers.

O rastreador foi fácil de checar. O veículo de Carston estava em seu escritório, o normal para um dia de trabalho. Mas ele poderia ter usado outro carro. Ela conferiu a transmissão de áudio — Carston estava no escritório. Ela voltou a gravação para escutar as conversas dele.

Havia ali algo revelador. Carston estava no escritório fazia algum tempo — ele normalmente entrava às seis, mas as atividades começaram por volta das três e meia da madrugada. Ela queria se matar por não ter conferido as gravações antes de sair naquela manhã.

A primeira ligação dele foi curta. Apenas "Estou aqui" e "Qual é o status?". Não era difícil tirar conclusões a partir disso. Alguém havia acordado Carston com a notícia, e ele tinha ido para o escritório. Sem trânsito algum, ele teria levado apenas dez minutos para fazer o trajeto. Considerando o tempo de vestir alguma coisa, escovar os dentes etc., a ligação devia ter sido feita em qualquer momento entre duas e meia e três e quinze da madrugada.

Ela olhou para o relógio no computador, calculando quanto tempo eles estavam com Kevin. Talvez tenham precisado dominá-lo no começo, depois esperar que ele ficasse perfeitamente ciente se o tivessem nocauteado. Então precisariam decidir sobre um plano de ação e chamar um especialista...

Aquela teria sido a segunda ligação de Carston? Às três e quarenta e cinco, Carston havia feito uma chamada.

— Qual é a jogada?... Não gostei... Tudo bem, tudo bem, se essa é a melhor opção... O quê?... Você sabe o que eu penso a respeito disso... Como você diz, isso é problema *seu*... Quero atualizações.

Ele nunca dizia muita coisa, e as palavras provavelmente possuíam milhares de interpretações, mas ela não conseguia deixar de aplicar suas próprias.

Não, Kevin não estava morto.

Houve um longo período de silêncio. Digitação, passos, respiração: só isso. Nenhuma chamada. Ele não pareceu ter saído da sala uma única vez. Era quase possível escutar a ansiedade de Carston, e isso a deixou ainda mais ansiosa. Onde estavam as atualizações dele? Ele estava recebendo tudo por e-mail?

Talvez eles estivessem com sorte. Talvez o especialista precisasse ser trazido de longe. Talvez Kevin estivesse apenas detido, na expectativa. Esse era um aspecto do jogo, e ela já havia feito essa jogada — deixar o alvo esperar, imaginar, entrar em pânico. Fazê-lo perder a luta na própria cabeça antes de ela começar de fato.

Não era provável, neste caso. Eles sabiam que Daniel estava vivo. Suspeitavam que tinha outra fonte de ajuda na cidade. Não iriam querer dar aos aliados de Kevin tempo de fugir.

O tempo também estava passando para Carston e Deavers. Eles haviam feito a ligação. Eles a ouviram atender e então desligar. Ela não havia ligado de volta para saber se tinha sido uma chamada acidental. O telefone havia sido descartado. Eles imaginariam que o parceiro já estava fugindo.

Como ela *deveria* estar fazendo.

Alex saiu de seu intenso devaneio, percebendo pela primeira vez que Daniel estava encarapitado no banquinho ao lado dela, observando as reações de seu

rosto. Val estava apoiada no balcão ao lado da pia, com Einstein a seus pés, também observando.

— Só mais um pouco — pediu ela, repassando o longo silêncio no escritório de Carston. Ela não queria perder nada, mas não podia se dar ao luxo de ouvir todos os espaços vazios em tempo real.

Fez uma pausa quando ouviu a voz dele, e então retrocedeu com cuidado a gravação. Ele tinha ligado para alguém mais uma vez. O tom de sua voz era o extremo oposto de como estava antes. Foi uma mudança tão grande que a espantou. Ela se perguntou se havia cometido algum erro no programa e aberto uma gravação de mais cedo.

Era a voz de avô bonzinho que ele usava.

— Eu não acordei você, acordei? Dormiu bem? Sim, desculpe, estou com uma pequena emergência por aqui. Precisei vir ao escritório... Não, não cancele os programas. Leve Livvy ao zoológico. Vai ficar mais quente amanhã... Você sabe que eu não tenho escolha nessas coisas, Erin. Me desculpe por não poder estar aí hoje, mas não há nada que eu possa fazer quanto a isso... Livvy vai se divertir muito sem mim. Ela pode me contar tudo na hora do jantar. Tirem muitas fotos... Não posso prometer nada, mas espero estar liberado até a hora do jantar... Isso não é justo... Sim, eu lembro que tinha dito que seria uma semana tranquila, mas você sabe como é o meu trabalho, querida. Nenhuma garantia.

Um grande suspiro.

— Te amo. Dê um beijo em Livvy por mim. Aviso quando eu for liberado.

Alex sentiu arrepios quando ele desligou. Carston achava que estaria tudo acabado na *hora do jantar*? Ou ele estava apenas acalmando a filha?

Mais silêncio, mais digitação. Ele devia estar recebendo as atualizações por vias eletrônicas. Kevin estava no meio de tudo, Alex tinha certeza. Será que já estava falando? Ela não fazia ideia.

Não houve mais nada digno de registro até o momento presente. Ela checou o rastreador. Carston não estava indo a lugar nenhum. Deavers devia estar tratando do problema *dele*.

Ainda escutando pelos fones de ouvido, Alex apoiou a testa nos braços. Carston estava digitando de novo.

Ela o imaginou em sua mesa, com ar impassível enquanto enviava ordens ou perguntas. Será que estava tomado pela ansiedade? Será que havia suor escorrendo por sua cabeça branca e careca? Não, ela tinha certeza de que ele estaria calmo e com tudo no lugar, tão tenso quanto se estivesse digitando um simples pedido de material de escritório.

Ele saberia as perguntas certas a fazer, mesmo que Deavers não soubesse. Ele poderia gerenciar toda a operação de sua cadeira ergonomicamente perfeita. Ele faria Kevin ser torturado até a morte e então correria para seu jantar reservado sem pensar duas vezes.

A raiva súbita que tomou conta dela quase a sufocou.

O que estava acontecendo naquele momento não tinha nada a ver com segurança nacional nem com salvar vidas. Carston estava promovendo uma vingança pessoal de um homem que possivelmente era o tipo de pessoa que de fato pertencia a uma mesa de interrogatório. Carston ultrapassara havia muito tempo a linha que separava as operações confidenciais e necessárias dos atos puramente criminosos, e isso pelo visto não o afetara de maneira alguma. Talvez sempre tivesse sido assim. Talvez tudo o que ela havia feito para ele, toda atitude desumana que tinha tomado em nome da segurança pública, tivesse sido uma fraude.

Ele achava que era tão intocável assim? Acreditava que essas escolhas ocultas jamais chegariam à sua vida pública? Ele se considerava imune? Não se dava conta de que também tinha responsabilidades?

Havia coisas piores do que ser envenenado.

Alex prendeu a respiração. Inesperadamente, um novo caminho, algo que ela nunca havia levado em consideração, abriu-se em sua mente. Era algo arriscado, e ela sabia disso. Havia mil coisas que provavelmente dariam errado, um milhão de maneiras de estragar tudo. Seria quase impossível, mesmo com um ano para planejar cada detalhe.

Ela sentiu a mão de Daniel nas suas costas. Mesmo com os fones de ouvido, ela o escutou chamar "Alex?" com um tom de voz preocupado.

Ela olhou para ele lentamente. Encarou Daniel, fazendo uma avaliação. Lançou para Val um olhar semelhante.

— Me deem mais dez minutos — pediu ela, então abaixou a cabeça sobre os braços e se concentrou mais uma vez.

CAPÍTULO 28

Alex falou rapidamente enquanto explicava o plano, enfatizando um pouco mais do que o necessário os detalhes dos quais tinha certeza. Tentou fazer tudo parecer bem pensado, como se estivesse confiante. Daniel parecia estar comprando a versão dela, ouvindo com atenção, assentindo de quando em quando, mas Alex não conseguia entender Val de maneira alguma. Seus olhos estavam focados em Alex, mas parecia olhar através do rosto dela, para a nuca. Sua expressão era educada, mas distante.

Alex explicou a conclusão, que nem de perto era à prova de falha como gostaria que fosse, e sabia que não estava vendendo o resultado tão bem quanto havia vendido as preliminares. Olhou para a cara de Einstein apoiada em sua perna em vez de olhar para os rostos humanos, fazendo mais carinho no cão conforme o desconforto aumentava. Numa tentativa de encerrar a explanação com algo positivo, falou por um pouco mais de tempo do que deveria. Ainda estava no meio de uma frase quando Val a interrompeu:

— Não.

— Não? — repetiu Alex.

Ela usou a entonação de uma pergunta, mas já estava resignada.

— Não. Não vou fazer isso. Vão matar você. É legal que queira voltar para Kevin, mas seja realista, Alex. Isso não vai funcionar.

— Pode funcionar. Eles não vão estar esperando por isso. Não vão estar preparados.

— Não importa se vão estar preparados ou não. Eles vão compensar isso estando em grande número. Então, mesmo se você der sorte e derrubar um, o cara ao lado dele vai te pegar.

— Nem sabemos quantas pessoas estarão lá.

— Exatamente — disse Val, indiferente.

— Val, eles não vão prestar atenção em você. Você será apenas uma ajuda anônima. Essas pessoas veem centenas de assistentes todos os dias. Você será invisível para eles.

— Nunca fui invisível na vida.

— Você entendeu o que quero dizer.

Val olhou para ela com uma expressão tranquila.

— Não.

Alex respirou fundo. Sabia que não era justo colocar Val nisso. Ela teria que servir.

— Tudo bem — disse ela, desejando que a voz saísse mais forte. — Eu mesma vou fazer isso, então.

— Alex, você não pode fazer isso — insistiu Daniel.

Ela deu um sorriso fraco para ele.

— Posso, sim. Não sei como vou fazer, mas preciso tentar, certo?

Daniel olhou para ela, sentindo-se dividido. Ela percebia que ele queria discutir, queria dizer que não, que ela não precisava tentar, mas isso significaria ir embora, deixar Kevin para morrer em agonia. A posição dele era insustentável. Agora que havia alguma esperança, como poderia dar as costas a ela?

— Juntos vamos conseguir concluir a primeira parte — disse a ele. — Não vai ser necessário ninguém além de nós dois.

— Mas assim que você for separada de Carston, ele vai te trair.

Alex deu de ombros.

— Vou precisar vender minha ameaça. Se ele achar que me trair significa a morte da refém, talvez jogue limpo.

— Você não vai saber como ele vai jogar. Não vai estar preparada.

— Val não quer arriscar a vida dela. Você pode discutir com ela?

Com os olhos semicerrados, Val observou Daniel hesitar.

— Não — respondeu ele. — Mas posso fazer a parte dela. Vamos trocar. Val, você pode fazer a minha parte, não é?

Alex fechou os olhos com força e então voltou a abri-los lentamente.

— Daniel, você sabe que isso não vai funcionar. Mesmo que não fosse irmão gêmeo de Kevin, são aquelas pessoas que exibem o seu rosto no noticiário.

— Val pode dar um jeito em mim, não pode? Me deixar bem diferente?

A expressão de Val mudou abruptamente, tornando-se mais concentrada. Ela examinou o rosto dele de perto.

— Na verdade... acho que sim. — Depois se virou para Alex. — E não vai ter ninguém procurando por ele lá. Pode acreditar que muito mais gente olharia para mim... mesmo eu sendo uma assistente sem nome. Acho que posso deixá-lo bem diferente para que ninguém olhe duas vezes para ele.

— Não estou duvidando da sua capacidade, Val... mas eles são *gêmeos*.

— Posso tentar? — perguntou ela, com um estranho tom de súplica. — Quero ajudar Kevin. — Quando ela disse o nome dele, Einstein olhou para cima. — Só não quero morrer para fazer isso. Mas me deixe fazer alguma coisa.

Einstein apoiou novamente a cabeça na perna de Alex.

— Acho que eu poderia deixar você tentar. Mas é uma perda de tempo, e nós já não temos muito agora.

— Não vou levar tanto tempo assim.

— E você estaria disposta a fazer a parte de Daniel do plano?

— Claro, essa é fácil. Ninguém vai atirar em mim.

Alex estremeceu.

O que ela estava pensando? As pessoas certamente iriam atirar em Alex, e ela já estava tranquila em relação a isso. Mas se Val conseguisse disfarçar bem Daniel, o que Alex nem ao menos conseguia *imaginar*, talvez atirassem nele também. Ela lembrou a si mesma todos os motivos pelos quais deveriam ir atrás de Kevin. Ele tinha muitas informações vitais. Se ele contasse aos bandidos tudo o que sabia sobre Alex e Daniel, os carros que estavam usando, os lugares aonde precisavam ir, a forma como Alex operava, a agência não teria dificuldade para encontrá-los. Val também. De qualquer maneira era muito provável que todos morressem.

Morreriam como covardes, fugindo.

Mas os motivos eram irrelevantes. Se havia uma maneira de salvar Kevin do que estava acontecendo, ela precisava fazer isso. Havia um laço que ela nem sequer havia se dado conta de que estava se formando. Ele era amigo dela. Seu segundo fardo. Ele estava sendo ferido enquanto ela continuava ali, sentada, pensando. Ela precisava acabar com isso.

— Mãos à obra, Val. A primeira parte vai me tomar duas horas, se eu tiver sorte. Quando eu terminar, reavaliamos.

* * *

EMBORA TENHA MORADO em Washington por quase uma década, Alex nunca tinha visitado o zoológico. Ela sempre pensara que era um local para crianças, mas parecia haver muitos adultos ali sem a companhia de filhos.

Ainda havia muitas, muitas crianças. Ao que parecia, eram milhares delas gritando com vozes agudas e dando voltas, correndo ao redor das pernas dos pais. Como todas aparentavam ter menos de cinco anos, ela supôs que as férias escolares ainda não tinham começado, embora não devesse faltar muito.

Ela tentou calcular há quanto tempo conhecia Carston, mas não conseguia pensar no tempo de maneira que fizesse sentido. Daniel ainda tinha três semanas de aula na época. Havia se passado mais tempo do que isso... Não? Talvez as aulas de Daniel tivessem terminado mais cedo do que de costume.

A primeira parada de Alex foi na fila do serviço de atendimento ao cliente. Não estava longa. A maioria dos visitantes havia chegado cedo, de manhãzinha. A hora do almoço se aproximava, com o sol quase a pino. Algumas pessoas iriam embora nesse horário, evitando os preços altos da comida dentro do parque. Iriam para casa e tirariam uma soneca.

Ela tinha bastante informação sobre Erin e Olivia, tudo tirado do perfil de Erin no Facebook. O mesmo lugar em que, meses antes, ela havia encontrado a foto de Olivia que passou a carregar pendurada no pescoço.

Alex sabia que Olivia tinha três anos e meio. Ainda era pequena o bastante para caber em um carrinho. Alex conhecia quase todos os ângulos de Erin e

sabia qual era o estilo de roupa que ela usava. Sabia que Erin acordava tarde e provavelmente não teria chegado ao zoológico na hora em que abriu. Sabia que Olivia estava mais ansiosa para ver os pandas.

Alex pagou nove dólares em espécie para alugar um carrinho de criança, em seguida colocou a mochila dentro dele e seguiu para o parque. Olhou ao redor, procurando algo. Fazia sentido que estivesse atrás de alguém, talvez uma irmã e sobrinhos, ou o marido e o filho deles. Havia muita gente procurando alguém. Ela não se destacava.

A essa altura, Erin e Livvy já teriam passado pelos pandas havia muito tempo e provavelmente estavam pensando em almoçar. Alex analisou o mapa que pegara com o carrinho. Tentaria primeiro na área dos macacos, depois, na dos répteis.

Saiu andando depressa, ignorando as transversais e as áreas de observação dos animais.

Erin tinha a pele clara dos ruivos, como o pai. Havia postado fotos de si mesma queimada de sol e reclamando das sardas. Erin estaria usando chapéu e, provavelmente, uma blusa de manga comprida. Seu cabelo era claro e batia no meio das costas. Isso chamaria atenção.

Alex observava a multidão enquanto passava rapidamente pelas pessoas, procurando uma mulher com uma criança, descartando as que estivessem com amigos, maridos e mais de um filho. Passou algum tempo seguindo uma mulher com o cabelo preso embaixo de um chapéu de palha de aba larga que empurrava um carrinho, mas então a criança saiu para andar com ela e... era um menino.

Ela deu uma volta rápida ao redor dos grandes felinos e depois seguiu em direção aos animais pequenos. O tempo todo, mantinha-se consciente de como estava: de mapa na mão, procurando atentamente por seus acompanhantes. Usava um chapéu de palha por cima da peruca louro-escura e grandes óculos escuros. Vestia uma camiseta simples, calça jeans estilo *boyfriend* e um misto de sapatilha e tênis que lhe permitiria correr, se fosse preciso. Nada nela seria particularmente memorizável.

Várias tonalidades de cabelos ruivos haviam atraído sua atenção durante a busca, mas muitas delas eram claramente artificiais. Outras eram de mulheres velhas demais para serem Erin, ou jovens demais, ou que tinham mais de um filho. Nesse momento, ela viu uma na trilha em direção à exibição amazônica, com uma longa trança de cabelo ruivo-dourado balançando embaixo do chapéu branco. A mulher empurrava um carrinho que se parecia muito com o de Alex: era de plástico moldado bege com toldinho verde-escuro. Ela usava uma regata e seus braços eram cheios de sardas. Alex a seguiu depressa.

Como a mulher não caminhava rápido, Alex não levou muito tempo para ultrapassá-la. Manteve a cabeça baixa e, ao passar, olhou para o carrinho.

Parecia ser a menininha certa. Ela estava com o rosto virado para o lado, mas o cabelo louro e volumoso parecia igual. Seu tamanho se encaixava no perfil.

Alex continuou andando e chegou à exibição antes da mãe e da filha. Ela parou o carrinho no local apropriado ao lado dos banheiros, limpando discretamente as alças com a barra da camiseta antes de tirar a mochila e colocá-la de volta nos ombros. Como estava quase certa de que a mulher era Erin e que Erin tinha o próprio carrinho, não precisava daquele.

Ela localizou a mulher e a criança seguindo lentamente pela trilha. Um grupo maior as havia alcançado e as ultrapassava por ambos os lados. Alex estava vendo com mais clareza o rosto da mulher e teve certeza de que era a filha de Carston. Erin havia parado para oferecer água a Olivia.

O caminho ficava cada vez mais lotado. Como estava quente, a peruca fazia sua cabeça coçar e suar. O chapéu de palha não ajudava.

Alex focou em um banco vazio a cerca de três metros da dupla. Havia outro grupo grande atrás do primeiro. Se havia calculado direito, conseguiria interceptar Erin perto do banco enquanto o segundo grupo estivesse passando.

Alex voltou com determinação pelo caminho de onde viera, observando através dos óculos escuros para conferir se havia alguém prestando atenção nela. O primeiro grupo — que parecia se tratar de uma família grande e barulhenta, com várias crianças pequenas, muitos pais e uma mulher mais velha de cadeira de rodas — a cercou por um instante. Ela desviou deles e então diminuiu um pouco o passo.

O segundo grupo era formado apenas por adultos — turistas estrangeiros aproveitando o passeio do dia, imaginou ela, muitos deles usando pochetes — e alcançou Erin quando ela estava perto do banco. Alex seguiu em sentido contrário ao fluxo até estar quase diante de sua presa. Quando Erin passou a menos de meio metro do banco, Alex se virou, passando por um homem mais velho, e fingiu tropeçar. Estendeu o braço e agarrou a mão de Erin na alça do carrinho. A palma de sua mão esmagou a bolsinha de fluido claro e a forçou a esvaziar com um forte aperto.

— Ei! — disse Erin, virando-se.

Alex se abaixou outra vez, escondendo-se parcialmente atrás do visitante mais próximo. Erin ficou frente a frente com o septuagenário careca.

— Com licença — disse ele, um pouco hesitante, para as duas, sem saber como havia se enroscado nelas.

Ele se livrou de Alex e deu a volta em Erin e no carrinho.

Alex observou Erin piscar uma vez e depois outra. Suas pálpebras pareceram ficar coladas na segunda piscada. Alex saltou para a frente e agarrou Erin pela cintura quando ela estava prestes a desabar, então a empurrou em direção ao banco para que as duas caíssem juntas ali. Alex bateu o cotovelo com força no encosto de madeira. Surgiria um hematoma, mas ela se recuperaria com

tranquilidade. Como Erin era mais alta e mais pesada, Alex não conseguiu evitar que as duas caíssem desajeitadamente. Alex deu uma risada meio maníaca. Com sorte, se alguém estivesse observando, acreditaria que as duas estavam brincando.

A menininha cantava sozinha dentro do carrinho. Pelo visto, não percebera que ele havia parado de andar. Alex se desvencilhou da mãe e puxou o carrinho para mais perto, posicionando-o em um ângulo de forma que Olivia ficasse olhando para o lado oposto a Erin.

Erin estava refestelada no banco, boquiaberta e com a cabeça caindo sobre o ombro direito.

Um terceiro conglomerado de visitantes passou por elas. Ninguém parou. Como estava com pressa, Alex não podia registrar as reações dos outros, mas ninguém havia acionado o alarme ainda.

Ela pôs o chapéu em cima do rosto de Erin, escondendo sua expressão sem vida. Alex pegou o pequeno frasco de perfume no bolso lateral da mochila. Enfiou as mãos na lateral do toldo do carrinho e apertou o spray por dois segundos. A cantoria parou, e, pela estrutura de plástico do carrinho, Alex sentiu a leve pancada da criança caindo no assento.

Movimentando-se da maneira mais casual possível, Alex deu um tapinha no ombro de Erin, então se levantou e se alongou.

— Vou almoçar. Aproveite e descanse — disse Alex, ajeitando a peruca embaixo do chapéu, caso o tombo a tivesse tirado do lugar.

Ela sondou o entorno, os olhos escondidos atrás dos óculos. Ninguém parecia se interessar pela cena que ela fizera. Ela segurou a alça do carrinho e seguiu em direção ao estacionamento. A princípio, saiu andando sem pressa. Passava olhando para as jaulas dos animais, da mesma forma que as outras pessoas. Quando se afastou do banco, acelerou. Como se fosse mãe e tivesse um compromisso à tarde.

Do lado de fora do banheiro no centro de visitantes, ela estacionou o carrinho e pegou Olivia nos braços. A menina devia ter mais de quinze quilos e parecia mais pesada por estar com o corpo relaxado. Alex tentou colocar a menina inconsciente na mesma posição que vira outros pais carregando os filhos, então passou as pernas dela ao redor do seu quadril e aninhou a cabeça no ombro. Ela não parecia ter acertado, mas precisava seguir em frente de qualquer maneira. Cerrou os dentes e andou o mais depressa possível até passar pelo portão. Ela queria ter estacionado mais perto, mas não havia conseguido, e, por fim, com o suor encharcando a camiseta, chegou ao carro.

Alex não tivera tempo de arranjar uma cadeirinha para o carro. Olhou ao redor disfarçadamente para conferir se havia alguém olhando, mas aquela parte do estacionamento estava quase lotada de carros, e quem chegava tinha que parar longe dali. Os que saíram mais cedo já haviam ido embora. Ela estava

sozinha.

Colocou a criança deitada no banco de trás e passou o cinto de segurança ao redor da cintura dela. Então cobriu Olivia com um cobertor para escondê-la.

Alex se empertigou e voltou a procurar por testemunhas. Não havia ninguém por perto. Ninguém a observava. Ela tirou uma seringa do bolso interno da mochila e se inclinou para administrar a droga à criança que dormia. Havia calculado aquela dose para alguém com dezessete quilos. Deveria manter Olivia apagada por cerca de duas horas.

Alex virou a chave do carro e ligou o ar-condicionado. Teve a impressão de respirar pela primeira vez desde que entrara no zoológico.

A fase um havia sido um sucesso. Erin acordaria em quarenta e cinco minutos, mais ou menos. Alex tinha certeza de que, a essa altura, ela já estaria sendo atendida por paramédicos. Quando acordasse, soaria o alarme sobre a filha desaparecida. Primeiro vasculhariam o zoológico, e então a polícia seria chamada. Alex precisava estar posicionada quando Erin percebesse que a filha fora levada, que não havia simplesmente saído andando enquanto a mãe sofria uma crise repentina. Alex tinha oitenta e cinco por cento de certeza sobre para quem seria a primeira ligação de Erin.

Quando chegasse ao novo esconderijo, Alex realmente esperava que Val tivesse feito sua mágica para que ela soubesse qual plano seria levado adiante; não porque houvesse decidido qual resultado queria mais. Ir sozinha... isso seria suicídio. Mas levar Daniel... seria assassinato-suicídio?

Talvez a confiança de Val em si mesma estivesse equivocada. Talvez Daniel fosse ficar parecido com ele mesmo de peruca.

Alex poderia fazer aquilo sozinha. Apenas deixaria bem claro o que aconteceria com Olivia caso ela — Alex — não sobrevivesse à noite. Isso manteria Carston na linha, não?

Ela não queria pensar nas coisas que Carston era capaz de botar em prática. As armadilhas que poderia montar para que, depois de receber Olivia de volta, Alex fosse dele.

Ao se aproximar do novo prédio, Alex ligou para Val. Quando parou na garagem subterrânea, Val estava esperando ao lado dos elevadores com um carrinho de compras. Parecia que era um hóspede de hotel recebendo o serviço de quarto. Além de Val, não havia mais ninguém na garagem. Alex não viu nenhuma câmera, mas manteve o corpo entre a porta de trás do carro aberta e o interior do veículo. Nem Val nem Alex falaram nada. Alex colocou a criança dormindo na parte de baixo do carrinho, então arrumou novamente o cobertor em cima dela para disfarçar.

Aquele elevador era mais normal do que o que levava para a cobertura de Val; era apenas uma caixa prateada, como na maioria dos prédios em que Alex havia morado. Ficou nervosa ao pensar que a caixa poderia reduzir a velocidade

de repente, e as portas se abririam, expondo as duas. Val devia estar sentindo a mesma coisa. Ela manteve a mão no botão do décimo sexto andar, como se mantê-lo pressionado fosse garantir uma subida expressa.

Enquanto o elevador subia, Alex notou a expressão de Val pela primeira vez. Ela estava... um pouco estimulada demais. Esperava que Val não tivesse exagerado no açúcar e estivesse tendo algum barato.

As portas do elevador se abriram para um corredor vazio. Era um ótimo prédio, com sancas elegantes e pisos de mármore, mas parecia simples em comparação ao outro apartamento de Val.

Val empurrou o carrinho pelo pequeno corredor, sinalizando para Alex seguir em frente.

— Número 1609, no final do corredor. Não está trancado — disse ela, e o tom ansioso de sua voz deixou Alex novamente desconfiada.

Mas se Val ficasse estimulada demais, talvez mudasse de ideia e fosse com Alex para o evento principal.

Alex entrou apressada no apartamento. Havia muita coisa para arrumar, e ela precisava ser rápida. Mal observou a área comum da sala de estar e da cozinha, as janelas cobertas por tecidos ou o esquema de cores em tons de bege. Notou que havia uma porta aberta na parede mais distante, revelando um quarto muito iluminado com uma cama *queen size*, e foi até lá. Viu algumas de suas mochilas em cima da colcha de estampa florida.

Antes mesmo de apreender todas as características do local, ela já estava na metade do caminho até a porta, e então fixou o olhar no homem parado no meio da cozinha pouco iluminada.

Embora estivesse esperando por *alguma coisa*, isso não a impediu de se assustar. Ela deu um salto para trás, com os polegares indo automaticamente para os espetinhos de seus anéis envenenados.

— E então? — perguntou ele.

O homem alto e de terno preto barato ficou esperando, lutando contra um sorriso.

— Eu falei — disse Val, atrás dela, e Alex pôde escutar, mesmo sem virar para trás, o sorriso convencido no rosto dela.

O homem parecia nórdico com a pele clara e pálida e o cabelo louro quase branco. Sua barba loura estava bem aparada e, para Alex, lembrava a de um professor universitário. As sobrancelhas dele eram tão claras em contraste com a pele que eram quase invisíveis, mudando completamente a aparência dos olhos e da testa. O cabelo era liso, curto e estava muito bem penteado. O topo da cabeça era pálido, brilhoso e totalmente careca, e fazia com que parecesse dez anos mais velho. Ele usava óculos de armação prateada e fina, e seu rosto era surpreendentemente redondo. Seus traços mais marcantes eram os olhos azul-claros cintilantes e gelados, emoldurados por cílios quase brancos.

— Você parece um vilão de James Bond — disparou Alex.

— Isso é bom? — perguntou Daniel, com a voz meio fora do tom. Estava um tanto entrecortada, um pouco arrastada.

Alex sentiu o coração afundar ao examinar a transformação mais de perto. Se não estivesse procurando especificamente por uma versão disfarçada de Daniel, teria passado direto por esse homem na rua. Mesmo se estivesse procurando por Daniel, apenas a altura teria feito dele um suspeito. Enquanto o desespero tomava conta de suas entranhas, Alex achava que Val falharia.

— Val fez um bom trabalho — disse Alex, e então começou a se mexer novamente. — Vamos arrumar Olivia.

Einstein farejava ao redor da criança coberta. Ele ganiu baixinho, pouco à vontade.

— Está bom *o bastante*? — insistiu Daniel enquanto tirava a criança de debaixo do carrinho e a ninava contra o peito.

— Deixe eu pensar enquanto faço isso — enrolou Alex.

Daniel deitou Olivia sobre a colcha floreada, afastando os cachos suados de sua testa. Alex levou apenas alguns segundos para pendurar os sacos de soro. Um claro, um branco e opaco, além de uma bolsinha muito pequena que continha um fluido verde-escuro. Rapidamente, ela colocou o cateter intravenoso usando a menor agulha que tinha e começou a injetar os fluidos.

— Saia do caminho — disse a Daniel.

Alex ligou a câmera de um celular que Val tinha lhe dado — deixado para trás por um *amigo*, segundo Val — e tirou algumas fotos de Olivia dormindo. Examinou-as e escolheu uma que serviria.

— Esta é a parte do plano de que eu menos gosto — murmurou Daniel.

Ela olhou para cima e reparou na expressão de dor em seu rosto. Era uma expressão que, naquela nova face, parecia estranha.

— Vamos torcer para Carston sentir a mesma coisa.

Ele franziu a testa profundamente. Alex pegou a mão dele e o conduziu para fora do quarto. A maneira como ele mantinha a boca fechada deixava o formato arredondado de suas bochechas ainda mais proeminente.

— O que ela fez com o seu rosto? — perguntou Alex.

Daniel enfiou dois dedos na boca e tirou um pedacinho de plástico.

— É difícil falar com isto aqui.

Com um suspiro, ele recolocou o plástico, e suas bochechas ficaram arredondadas de novo.

Val esperava por eles na grande sala de estar, com os olhos ainda iluminados por seu sucesso.

— Aquele bebê não vai acordar, certo? — perguntou ela.

— Certo.

— Ótimo. Eu não saberia o que fazer com uma criança. E agora, o que você

acha? Totalmente alterado, né?

Alex olhou para Daniel mais uma vez e relaxou os ombros. Ele estava com a barriga maior também. Ela não tinha percebido isso. Tudo parecia muito verdadeiro.

— Você não acha que está bom o bastante, não é? — perguntou Daniel.

— Está bom o bastante — respondeu Val em seu lugar. — E ela sabe disso. É por isso que está tão sombria. Ela preferia mil vezes arriscar a minha vida à sua.

Daniel olhou para Alex, esperando pela resposta.

— Val tem razão. Exceto pela parte sobre arriscar a vida dela. Eu não quero arriscar a vida de ninguém.

Val começou a rir.

Daniel agarrou a mão de Alex e a puxou contra o peito dele.

— Vai ficar tudo bem — murmurou ele. — Podemos fazer isso juntos. Seus planos sempre funcionam. Vou seguir suas instruções ao pé da letra, e vamos conseguir. Eu juro.

Alex fechou os olhos bem apertados, tentando segurar as lágrimas.

— Não sei, Daniel. O que eu estou fazendo?

Ele beijou o topo da cabeça dela.

— Parem com isso — interrompeu Val. — Vocês dois estão me deixando com ciúme, e isso nunca é algo seguro de se fazer.

Alex abriu os olhos e se afastou, passando a mão no terno de Daniel para se certificar de que não o havia sujado de maquiagem.

— Estou vendo que vocês tiveram tempo de buscar as coisas de que eu precisava na Batcaverna. Esta caixa de ferramentas é perfeita.

— Mais do que perfeita. Dê uma olhada na quinta gaveta de cima para baixo. Arrumei o resto como você pediu — disse Daniel. — Você quer dar uma olhada antes de eu colocar no carro?

— É uma boa ideia.

A caixa de ferramentas prateada — um dos acessórios do estoque de Kevin, imaginou ela — tinha rodinhas e uma alça, como uma mala, mas, diferente de uma mala, muitas gavetas trancadas. Ela abriu rapidamente as gavetas de cima, localizando as diferentes drogas de acordo com os anéis coloridos ao redor das seringas. As seringas estavam empilhadas nas bandejas de borracha em que ela costumava armazená-las. A próxima gaveta tinha uma variedade de bisturis e lâminas de barbear. Ela não precisaria de tantas. O objetivo era fazer a gaveta parecer cheia. A seguir, havia bolsas de soro fisiológico e sondas, junto com agulhas e cateteres de diferentes tamanhos. O compartimento seguinte era mais profundo. Continha seus cilindros pressurizados e diversos produtos químicos aleatórios dos armários de Kevin.

A penúltima gaveta era fundamental. Continha outra bandeja de seringas — essas vazias — e parecia mais rasa do que a anterior. Alex inspecionou as bordas

do fundo da gaveta. Claro que Kevin teria algo parecido. Ela podia enfiar as unhas ao redor e levantar o fundo falso. Espiou para ver o que havia por baixo.

— Vamos torcer para que Carston esteja a fim de uma atuação merecedora de Oscar — murmurou ela para si mesma.

Alex examinou a última gaveta, a mais profunda, em que Daniel havia armazenado os acessórios mais ostentosos dela — o maçarico, as tesouras de arame e os alicates junto com variadas ferramentas que Daniel havia acrescentado a partir dos itens disponíveis entre os equipamentos de Kevin.

Havia mais uma coisa útil de que ela precisava — apenas uma minúscula configuração de arames que ela havia pegado na primeira vez em que foram à Batcaverna. Ela a tirou da mochila e a escondeu na terceira bandeja da primeira gaveta, embaixo de uma seringa. Queria ter acesso fácil àquela.

Alex se endireitou.

— Perfeito. Obrigada.

— Você — disse Val, apontando para Daniel. — Vá para o ponto de encontro. Você — continuou ela, apontando para o rosto de Alex. — Vamos arrumar você e sair. O tempo está passando. — Ela fez um sinal para as portas duplas do outro lado da sala.

— Estarei lá em trinta segundos — prometeu Alex.

Val revirou os olhos.

— Tudo bem, façam a ceninha de despedida de vocês. — Ela se virou e passou pelas portas.

— Alex... — começou Daniel.

— Espere.

Ela segurou a mão dele de novo e o levou em direção à porta da frente, puxando a caixa de ferramentas com a mão livre. Ele estava com a bolsa grande de primeiros socorros pendurada no ombro. Einstein tentou segui-los e ganiu quando ela fechou a porta na cara dele.

Os dois percorreram o corredor silencioso até o elevador. Alex apertou o botão. Quando as portas se abriram, Daniel entrou, e ela o seguiu, colocando um pé na brecha para mantê-lo aberto. Alex largou a alça da caixa de ferramentas e segurou o rosto de Daniel com as mãos.

— Escute — disse ela baixinho. — No porta-luvas do sedã, tem um envelope de papel pardo. Dentro há dois conjuntos de identidades... passaportes, carteiras de motorista e um monte de dinheiro.

— Eu não estou tão parecido com Kevin agora.

— Eu sei, mas as pessoas envelhecem, perdem cabelo. Você pode se livrar dos óculos, tirar a barba, voltar a ter cabelo castanho. E, se as coisas derem errado, vai precisar fazer tudo isso. Depois vá para o aeroporto mais próximo. Pegue qualquer voo que esteja saindo da América do Norte, está bem?

— Não vou deixar você para trás.

— Quando eu digo *derem errado*, quero dizer que eu não vou estar por perto para você me esperar.

Ele a encarou com o rosto preocupado, mas naquela nova versão esquisita.

— Está bem? — repetiu ela, com insistência.

Ele hesitou, então assentiu com a cabeça.

— Ótimo — disse ela, tentando dar a entender que a discussão estava encerrada.

Ela não estava sentindo convicção no gesto dele, mas não havia tempo para discutir aquilo.

— Fique em silêncio esta noite — instruiu ela. — Não fale com ninguém a menos que precise. Pense como um subalterno. Você só está lá para dirigir o carro e carregar as malas, está bem? Isto é apenas um salário. Nada do que está acontecendo tem a ver com você. Não importa *o que* você vir, isso não afeta você. Você não tem qualquer reação emocional. Entendeu?

Ele assentiu com o ar sério.

— Entendi.

— Se a coisa começar a ficar feia, vai fazer sentido você sair correndo. Isso não é problema seu.

— Certo — concordou ele, mas sua resposta foi menos decidida desta vez.

— Aqui.

Ela arrancou o anel de ouro do dedo. Era o maior dos dois. Ela afastou os braços de Daniel e tentou colocar a joia em todos os dedos dele. Como aconteceu com Kevin, o anel serviu apenas no mindinho. Pelo menos ela conseguiu fazê-lo passar por todas as juntas. Com sorte, não pareceria muito estranho ao personagem.

— Seja *extremamente* cuidadoso com isso — disse ela. — Deslize esta janelinha para fora se precisar usá-lo. O que quer que faça, não toque no espeto. Se não estiver usando, mantenha-o fechado. Mas, se estiver fugindo e houver alguém no seu caminho, você só precisa colocar esse espeto em contato com a pele dele.

— Entendi.

Alex olhou para aqueles impressionantes olhos azuis, procurando Daniel por trás da estranheza daquele disfarce surpreendentemente simples. Suas instruções haviam terminado, e os sentimentos que ela queria compartilhar com ele pareciam não ter palavras correspondentes.

— Eu... eu não sei como voltar para a minha vida anterior — disse ela, tentando explicar. — Eu não sei mais como fazer aquilo, sem você. Ter você como meu fardo foi a melhor coisa que já aconteceu comigo.

Ele sorriu só um pouquinho, embora o sorriso não tenha se refletido nos olhos.

— Eu também amo você — sussurrou ele.

Ela tentou sorrir de volta.

Daniel passou as mãos pelos ombros dela e a beijou por um longo instante. Então sorriu novamente para ela, estranho e familiar ao mesmo tempo. Ela deu um passo para trás.

— Eu disse que estaria aqui quando você precisasse de apoio — disse ele.

As portas do elevador se fecharam.

CAPÍTULO 29

Não usou peruca dessa vez, fez apenas um corte rápido que até deixou o cabelo parecendo ter estilo. Um corte joãozinho, ela achava que era assim que se chamava. Pintou de louro-médio, o que iluminou seus traços. Também favorecia o formato de seu rosto de uma maneira como o cabelo verdadeiro não fazia desde... ela não se lembrava da última vez que o cabelo havia estado tão bonito.

— Sério, você estudou cosmética? — perguntou Alex.

Val aplicou o rímel com uma mão firme como a de uma cirurgiã.

— Não. Eu nunca gostei muito de estudar. A escola sempre me pareceu um pouco como uma prisão. Eu não ia querer estudar além do necessário. Apenas gostava de brincar com a minha aparência, com um rosto novo para cada humor. Eu pratico muito.

— Acho que você tem um talento genuíno. Caso ser a mulher mais bonita do mundo um dia fique entediante, você poderia abrir um salão de beleza.

Val exibiu seus dentes brilhantes.

— Nunca pensei que fosse querer uma amiga de verdade. É mais divertido do que eu imaginava.

— Idem. Por curiosidade, e você não precisa responder se não quiser, mas Val é de Valerie?

— Valentine. Ou Valentina. Depende do humor e da circunstância.

— Ah — disse Alex. — Combina melhor.

— É muito *eu* — disse Val. — Não é o meu nome de batismo, é claro.

— O de quem é? — murmurou Alex.

Val assentiu.

— É pura lógica. Meus pais nem sequer me *conheciam* quando escolheram meu nome. Claro que não ia combinar.

— Eu nunca pensei nisso dessa maneira, mas faz sentido. Minha mãe escolheu um nome para um tipo de menina muito mais... feminina.

— Meus pais evidentemente imaginaram que eu seria muito entediante. Corrigi esse equívoco bem depressa.

Alex soltou uma risada. Como acontecia com frequência nos últimos tempos, a risada trazia com ela o som mal disfarçado do pânico. Era bom conversar como achava que a maioria das pessoas fazia, tentar esquecer que aquela poderia ser a última conversa amistosa e mundana que teria, mas ela não poderia manter os pensamentos focados em amabilidades.

Val deu um tapinha na cabeça dela.

— Vai ficar tudo bem.

— Você não precisa fingir que acredita no plano. Isso é só para nós, trouxas, que estamos colocando o nosso na linha de fogo.

— Não é um plano ruim — garantiu Val. — Eu apenas não sou de correr riscos. Nunca fui. — Ela encolheu os ombros. — Se fosse corajosa, eu iria.

— Não foi justo eu pedir para você fazer isso.

— Não, foi justo sim. Eu realmente... me importo com Kevin. Parte de mim simplesmente não consegue acreditar que o que você diz que está acontecendo com ele de fato esteja acontecendo. Ele sempre pareceu tão invulnerável. É o que me atrai nele. Como eu disse, não sou corajosa, por isso sou fascinada por pessoas que são. A outra parte de mim...

Val se recostou por um instante, tremendo de leve o aplicador de gloss labial. Seu rosto ainda estava perfeito, mas de repente se tornou de novo aquele rosto de boneca. Perfeito, porém vazio.

— Val, você está bem?

Val piscou, e seu rosto ganhou vida novamente.

— Estou.

— Você vai embora daqui, depois da sua parte, certo?

— Com certeza. Tenho muitos amigos que podem me proteger. Talvez eu vá visitar Zhang. Sei que ele ainda deve ser enfadonho, porém tem um apartamento incrível em Pequim.

— Pequim parece ótimo. — Alex soltou um leve suspiro.

Se sobrevivesse àquela noite, faria todo o possível para colocar as mãos em um passaporte. Gastaria todo o resto de suas economias, todo o dinheiro de droga de Kevin. Estar fora do alcance fácil do governo americano parecia uma versão do paraíso.

— Se... — *Apesar de* quando *provavelmente ser a palavra mais adequada*, pensou Alex consigo mesma. — Se você não tiver notícias nossas até o amanhecer, vá atrás de Zhang. Se conseguir, ligo para você de um telefone público.

Val deu um leve sorriso.

— Você tem o meu número. — Ela pressionou os lábios. — Sabe, tem um cara... talvez eu consiga um colete de cão-guia.

Alex a encarou por um instante, então fez uma careta. Com o novo plano, o plano suicida, realmente não havia como Alex manter Einstein em segurança.

— Excelente ideia. Assim fico mais tranquila. — As palavras positivas não combinavam com sua expressão.

Val estendeu o pé descalço e o deslizou pelas costas de Einstein. O rabo dele bateu uma vez no piso de mármore, mas sem entusiasmo.

— Muito bem — disse Val com uma voz mais animada. — Você está pronta. Vou me arrumar e então saímos.

Enquanto Val desaparecia no closet, Alex conferiu o próprio rosto. Val havia feito mais um trabalho excelente. Alex estava bonita, porém sem ser espalhafatosa. O cabelo era evidentemente dela, o que era importante. Sem dúvida Alex seria examinada com atenção naquela noite, e uma peruca seria evidente demais. Ela parecia mais ou menos crível para o papel que havia escolhido. Claro que ela se sentiria mais confortável sem maquiagem — pela sua experiência, era assim que as pessoas que desempenhavam esse papel específico se apresentavam, sem exagero ou vaidade. Mas isso era apenas o conhecimento que tinha do passado.

Ela se ajoelhou no chão ao lado de Einstein. O cão lhe lançou um olhar inconfundivelmente suplicante. Alex acariciou o focinho dele e então coçou suas orelhas.

— Vou fazer todo o possível — prometeu ela. — Não voltarei sem ele. Se eu estragar tudo, Val vai cuidar de você. Vai ficar tudo bem.

Os olhos de Einstein não mudaram. Eles não aceitavam desculpas ou prêmios de consolação. Apenas imploravam.

— Eu vou *tentar* — jurou ela.

Encostou a cabeça na orelha dele por apenas um instante. Então, com um suspiro, levantou-se. Einstein pousou a cabeça nas patas e soltou um suspiro.

— Val? — chamou Alex.

— Dois segundos — respondeu Val. Sua voz pareceu distante, como se ela estivesse do outro lado de um campo de futebol. Aquele banheiro era bom, como o de um quarto de hotel de luxo, mas não uma loucura como o do outro apartamento de Val. Talvez o excesso ali estivesse confinado ao closet.

Ela ouviu Val fechar a porta e olhou para cima. Sentiu um leve choque com a mudança e então assentiu.

— Está bem bom — aprovou.

— Obrigada — retrucou Val. — Eu consigo lidar bem com algumas partes de ser espiã.

A roupa que Val estava usando não era discreta. Era o tipo de vestido longo fluido que a cobria do queixo aos pulsos e até o chão, parecido com um sári, porém cobrindo mais. Tinha pedaços semelhantes a echarpes que formavam uma cascata ao seu redor, escondendo a forma de seu corpo. Parecia algo saído diretamente de uma passarela de vanguarda, e é provável que fosse mesmo. Era memorável. Mas, de trás, tudo o que se via do corpo de Val era que ela era alta. Usava uma peruca escura com cachos que despontavam selvagemente para todos os lados. Isso também chamava atenção ao mesmo tempo que ocultava a forma da sua cabeça e cobria partes do rosto. Com os óculos escuros de armação grande que segurava, ficaria bem escondida.

— Vamos? — perguntou Val.

Alex respirou fundo e assentiu.

* * *

ALEX ESTACIONOU O exagerado Jaguar verde de Val em uma vaga na ladeira em frente a um grande bloco de escritórios de fachada de concreto cinza encardido. Val insistira no carro verde — presente de outro admirador, naturalmente. Aquele era o carro que ela não lamentaria afundar em um lago caso fosse necessário.

De onde estavam, dava para ver a entrada para a garagem subterrânea. Na verdade, era meio triste que Carston nunca tivesse se mudado para um escritório melhor. Talvez ele gostasse do entorno deprimente. Talvez parecesse adequado ao trabalho e ele gostasse que tudo estivesse de acordo. Facilitar as coisas para Alex provavelmente não estava em seus planos, mas era bom que tivesse sido assim.

Ela e Val ficaram no Jaguar por mais de uma hora, com Val saindo uma vez para colocar moedas no parquímetro. As duas não conversaram. A mente de Alex estava a quilômetros de distância, avaliando as falhas no plano e tentando consertá-las enquanto ainda era possível. Havia muita coisa que precisara ser deixada ao acaso. Ela detestava o acaso.

Alex imaginava que a mente de Val estivesse em Pequim. Era um bom lugar para o qual fugir. Val estaria segura ali. Alex desejou que ela e Daniel estivessem embarcando em um avião para Pequim naquele instante.

Daniel provavelmente não estava gostando da espera muito mais do que ela. Deveria estar no parque agora, sem nada com que se ocupar até Alex chegar, sem nenhuma maneira de saber o que estava acontecendo. Ela pelo menos tinha Val, mesmo que nenhuma delas estivesse sendo uma boa companhia no momento.

Enfim houve movimento abaixo, e ela endireitou a postura. A cancela listrada de vermelho e branco da entrada da garagem estava levantando para deixar alguém sair. Os dois últimos alertas haviam sido caminhões de entrega, mas, daquela vez, um sedã escuro deixava o estacionamento. Alex deu a partida no motor e saiu com o carro. Alguém buzinou atrás, mas ela ignorou. Não tirou os olhos do outro carro. À distância, parecia o BMW preto de Carston. Passava um pouco das quatro horas, não era um horário plausível para funcionários do governo deixarem o serviço.

Ali estava a primeira grande chance. Assim que tivesse certeza de que a filha estava desaparecida, Erin Carston-Boyd ligaria para o pai em pânico, certo? Erin sabia que ele tinha um trabalho importante no governo. Devia considerá-lo poderoso e capaz. Não contaria apenas com a polícia no caso da filha sequestrada. Será que deveria ter levado tanto tempo? Quando Alex conseguiu conferir, nenhuma ligação havia sido recebida, e Carston ainda estava no escritório. Administrando o interrogatório de Kevin, sem dúvida.

Alex achava que ele iria ficar com a filha. Essa parecia a única resposta

possível. Mas e se Carston tivesse outras opções? E se ele enviasse uma equipe de operações especiais em seu lugar? Será que era tão frio? Se precisasse ser... provavelmente sim.

Mas com certeza Deavers poderia cuidar do interrogatório sozinho por algumas horas. Certo?

Alex estava dirigindo de maneira muito mais ofensiva do que defensiva enquanto prosseguia, recusando-se a parar até para os sinais prestes a fechar. Ela conhecia os dois melhores trajetos do escritório de Carston até o zoológico, de onde achava que a ligação de Erin havia sido feita. Será que a mãe apavorada deixaria o último lugar onde vira a filha antes de ter certeza de que a menina não estava se escondendo em algum canto entre as plantas? Se a ligação tivesse vindo de uma delegacia de polícia, o que representava várias opções possíveis, Carston poderia escolher entre diversos trajetos.

Muitas coisas deixadas para o acaso.

A BMW estava descendo a rua correta, a que ela teria escolhido como caminho mais rápido para o zoológico. Ele também estava dirigindo de um jeito meio errático. Alex o acompanhava cuidadosamente atrás de dois carros. Não queria assustá-lo.

Era o carro certo. As placas conferiam. A cabeça do motorista parecia ser a cabeça quase completamente calva de Carston.

Alex tentou ver olhos no retrovisor da BMW, mas ele parecia focado no caminho. Ela manobrou o carro para a pista paralela.

Imaginava que deveria se sentir melhor com o fato de que essa parte estava indo conforme o planejado. Mas tinha a sensação de que algo estava perfurando um enorme buraco em seu estômago. Achou que poderia vomitar se andasse emparelhada com o carro dele. O fato de essa parte ter dado certo significava que ela precisava seguir com o resto do plano.

O sinal à frente ficou amarelo. Os carros continuaram passando, mas Carston desacelerou. Ele sabia que estava longe demais para conseguir passar. O carro à frente dele também freou. Alex poderia ter parado na fila de sua pista — o carro na frente dela havia virado à direita. Em vez disso, parou bem ao lado de Carston.

Alex acenou, olhando para o perfil dele. O movimento foi deliberadamente amplo, com o objetivo de ser flagrado pela visão periférica dele.

Carston olhou automaticamente para a origem do movimento, com a mente distante, a preocupação franzindo sua testa. Levou um instante para se dar conta do que estava vendo. Naquele momento de choque, antes que pudesse pisar o acelerador, sacar uma arma ou discar um número de telefone, ela mostrou o celular que tinha na mão. Exibia a imagem aproximada do rosto da criança dormindo.

Ele fechou a cara quando tudo começou a fazer sentido.

Ela logo saltou do carro em que estava e estendeu a mão para a porta do

carona da BMW. Não olhou para trás para ver Val passar para o assento do motorista, porém ouviu a porta atrás de si se fechar. Alex ficou esperando com os dedos na maçaneta da BMW até ouvir as travas sendo abertas. Sentou-se ao lado dele. Toda aquela comunicação em silêncio havia levado menos de dois segundos. Os ocupantes dos carros atrás deles poderiam ficar curiosos, mas provavelmente se esqueceriam da troca até o sinal seguinte.

— Vire à esquerda — disse a Carston enquanto Val seguia para a direção contrária. O Jaguar desapareceu na esquina.

Carston se recuperou depressa. Ligou o pisca-alerta e pegou a pista da esquerda, quase batendo na van que seguia para o sinal. Alex tirou o celular dele do porta-copos, desligou e o enfiou no bolso.

— O que você quer? — perguntou ele. Sua voz parecia calma, mas ela percebeu a tensão em sua falta de inflexão.

— Eu preciso da sua ajuda.

Carston levou um instante para digerir isso.

— Vire à direita na próxima esquina.

Ele obedeceu cuidadosamente.

— Quem é a sua parceira?

— Alguém que contratei. Não é da sua conta.

— Eu realmente achei que você estivesse morta desta vez.

Alex ficou em silêncio.

— O que você fez com Livvy?

— Nada permanente. Ainda.

— Ela só tem três anos. — A voz dele ficou embargada de um jeito nada comum.

Alex se virou para lhe lançar um olhar de incredulidade, o que foi uma perda de tempo, já que ele não desviou os olhos da rua.

— Sério? Você espera que eu me importe com civis a essa altura?

— Ela não fez nada contra você.

— O que três pessoas inocentes no Texas fizeram contra você, Carston? Deixe para lá — disse quando ele abriu a boca para responder. — Essa foi obviamente uma pergunta retórica.

— O que você quer de mim?

— Kevin Beach.

Houve mais uma longa pausa enquanto ele organizava os pensamentos.

— Vire à esquerda no próximo quarteirão — instruiu ela.

— *Como* você... — Ele balançou a cabeça. — Não estou com ele. A CIA é que está.

— Eu sei quem está com ele. E sei que Deavers está seguindo as suas orientações no interrogatório — blefou ela. — É o seu especialista que está à frente do caso. Tenho certeza de que você sabe onde estão trabalhando nele.

Ele ficou olhando impassível através do para-brisa.

— Eu não entendo o que está acontecendo — murmurou ele.

— Vamos falar sobre o que você entende, então — disse Alex com frieza. — Claro que você se lembra de um preparo que Barnaby e eu criamos para você chamado *Prazo*.

A pele pálida dele começou a ficar toda marcada, com manchas vermelhas surgindo no rosto e no pescoço. Alex mostrou o celular, e ele olhou para o aparelho automaticamente. Agora a foto estava no tamanho normal, e as bolsas ligadas ao braço da neta dele apareciam claramente ao fundo. Havia uma bolsa de soro, uma bolsa de nutrição e, presa logo abaixo, uma bolsa menor verde-escura.

Ele observou a foto por um longo tempo, então voltou a olhar para a rua.

— Quanto tempo? — perguntou entre os dentes.

— Eu fui generosa. Doze horas. Uma já se passou. Esta operação não deve levar mais do que quatro. Então Livvy será entregue em segurança de volta à mãe, sem nenhum dano.

— E eu estou morto?

— Vou ser sincera com você. Não são boas as chances de qualquer um de nós sair ileso disso. Há muita coisa dependendo da sua habilidade de atuação, Carston. Para sua sorte, nós dois sabemos quanto você pode ser convincente.

— O que acontece se você morrer sem ser por culpa minha?

— Azar para Livvy. E para a mãe dela, aliás. As coisas já estão em andamento. Se você se importa com a sua família, fará tudo que puder para me deixar viva.

— Você pode estar blefando. Você nunca foi tão sangue-frio assim.

— A política muda. As pessoas mudam. Posso contar um segredo?

Ela lhe deu um instante para responder, mas Carston apenas continuou olhando fixamente para a frente com o maxilar tenso.

— Kevin Beach não estava no Texas quando Deavers enviou o esquadrão da morte. *Eu* estava. — Ela deixou as duas últimas palavras pairando no ar por um momento antes de continuar. Carston não era o único com talento para atuar. — Não sou mais a pessoa que você conheceu, Carston. Você ficaria surpreso com o que sou capaz de fazer agora. Pegue a próxima à direita.

— Eu não sei o que você pretende conseguir aqui.

— Vamos ao ponto — disse Alex. — Onde Kevin está?

Carston não hesitou.

— Ele está em uma instalação no oeste da cidade. Era um local de interrogatórios da CIA, mas não é usada há anos. Oficialmente, está abandonada.

— Qual é o endereço?

Ele respondeu de cabeça, sem fazer nenhuma pausa.

— Que tipo de segurança?

Carston a olhou, examinando-a por um instante antes de responder.

— Eu não tenho essa informação. Mas, conhecendo Deavers, é mais do que a necessária. Ele terá exagerado. Tem pavor de Kevin Beach. Foi por isso que criou toda a história com o irmão dele. *Sem risco*, era como chamava. — Carston riu. Foi um som amargo, nem um pouco divertido.

— Ele conhece meu rosto?

Os olhos de Carston se viraram para ela, surpresos.

— Você vai entrar lá?

— Ele vai me reconhecer? — perguntou ela. — Quanto do meu arquivo ele viu? Você mostrou a ele as imagens do metrô?

Carston apertou os lábios.

— Nós concordamos desde o princípio em manter nossas... situações separadas. Sabíamos apenas o necessário. Anos atrás, ele teve acesso ao seu antigo arquivo de recrutamento, suas anotações de alguns interrogatórios. Talvez ainda tenha essas coisas, porém nada mais atual. A única foto naquele arquivo antigo era do enterro da sua mãe. Você era muito jovem. Seu cabelo, mais comprido e escuro... — Fez uma pausa, parecendo perdido nos próprios pensamentos. — Deavers não é um cara detalhista. Duvido que consiga relacionar você à foto. Você não se parece mais tanto com aquela Juliana Fortis de dezenove anos.

Alex esperava que ele tivesse razão.

— Tem mais coisa do que a minha vida em risco — lembrou a ele.

— Estou ciente. E... esta é uma aposta que eu faria. Mas não sei o que você pensa que vai fazer quando entrar lá.

— *Nós*, Carston, nós. E provavelmente vamos morrer com uma rajada de balas.

— E Livvy pagará por isso? É inaceitável — rosnou ele.

— Então me dê mais elementos com que trabalhar.

Ele respirou fundo, e Alex o observou. Carston parecia exausto.

— Que tal o seguinte — sugeriu ela, que estava seguindo sua intuição. Havia escutado a contrariedade de Carston com aquele *ele* específico nos telefonemas e achava que podia adivinhar de quem se tratava. Afinal, fora o plano de Deavers que fracassara tão espetacularmente diversas vezes. — Seria correto afirmar que você está descontente com a gestão de Deavers nesta operação conjunta?

Ele resmungou.

— Você e Deavers discordaram sobre os procedimentos?

— Pode-se dizer que sim.

— Ele acha que você confia nele para comandar o interrogatório de Kevin Beach?

— Não. A esta altura, eu diria que ele não acha que eu confie nele sequer para

fechar a própria braguilha.

— Me fale sobre o seu especialista em interrogatório.

Carston fez uma careta.

— Não é meu. É um subalterno de Deavers, e é um imbecil. Eu disse a Deavers que Beach morreria antes de revelar algo para um interrogador comum. Você pode ficar tranquila se esta é a sua preocupação. Eles não vão conseguir fazê-lo ceder. Beach não contou nada sobre você, exceto que a matou. Não acho que eles tenham conferido a informação. Para ser justo, eu também acreditei nisso.

Ela ficou surpresa.

— Então você nunca me substituiu?

Carston fez que não com a cabeça.

— Eu tentei. Não estava mentindo sobre isso no começo, você se lembra? "Talento genuíno é um bem limitado." — Ele citou a si mesmo e suspirou. — Há tempos Deavers tem exercido o controle total do departamento, desde que "perdi um recurso perigoso". A CIA bloqueou meu processo de recrutamento e fechou tudo menos o laboratório. As coisas que produzimos agora poderiam ser criadas por qualquer farmacêutico mediano. — Ele sacudiu a cabeça. — Eles agem como se não fossem responsáveis por você ser perigosa para início de conversa.

— Você ainda finge que não participou daquela decisão?

— Se tiver participado, estou sendo punido por isso agora. — Carston ficou olhando fixamente com ar ressentido pelo para-brisa.

— Deavers ficaria chocado de descobrir que você estava desenvolvendo um talento em paralelo?

Carston sempre foi rápido. Ele apertou os lábios e assentiu enquanto falava.

— Por mais ou menos meio segundo, depois simplesmente ficará irritado. Ele concorda totalmente com o programa atual, mas sabe que as minhas dúvidas vêm aumentando. Não, ele não ficará muito surpreso.

— Você não gosta de como Pace faz as coisas? Ele parece uma pessoa pragmática. Achei que você fosse concordar.

— Então você entendeu tudo. Achei que faria isso. Mas aposto que jamais teria entendido se Pace não houvesse reagido de maneira exagerada, para começar. Maquiavelismo não me incomoda. Burrice, sim. Erros acontecem, mas Pace tem propensão a combinar um erro com um segundo ainda pior. E depois um terceiro. Ele nos colocou nessa confusão.

— O que você está dizendo, Carston? Que nós estamos do mesmo lado? Como você disse, todo mundo comete erros, mas não conte com a minha ingenuidade novamente.

— Não espero que você acredite em mim, mas as coisas são como são. Não tenho nada a ganhar com as diretrizes atuais. Se Pace tiver sucesso, Deavers vai despontar. Ele vai acabar diretor da CIA. O trabalho da minha vida inteira já está

sendo desmantelado. Nós estamos mais do mesmo lado do que você imagina.

— Se dizer isso deixa você feliz... Mas não muda o plano.

— Nós entramos juntos — observou ele. — Você é minha protegida secreta. Eu insisto que você assuma o lugar do açougueiro de Deavers. O plano pode dar certo até esse ponto. Não sei o que você acha que acontece depois.

Ela tentou disfarçar o estremecimento quando Carston disse a palavra *açougueiro*. Muita coisa dependia do que restava de Kevin.

— Vamos ver — disse ela, tomando cuidado para manter a voz tranquila.

— Não, não me conte. É melhor. Desde que você tenha um plano.

Ela não retrucou. Seu plano não era forte o bastante.

— Apenas por curiosidade — perguntou Alex, tentando disfarçar sua reação. — Quando Dominic Haugen morreu?

— Duas semanas depois de o laboratório em Jammu ser destruído.

Ela assentiu. Então foi como havia suspeitado. Barnaby vira algo e começou os preparativos.

— Eu tenho uma ideia — ofereceu Carston.

— Isso pode ser bom.

— O que você acha de forjar um ferimento? Uma tipoia, quem sabe? Tivemos um problema na Turquia há nove dias, conseguimos algumas boas informações de um cabo esperto. Exatamente o tipo de pessoa que eu teria interesse em recrutar, mas a situação ficou ruim. O cabo não sobreviveu à tentativa de resgate das forças hostis. Mas talvez na verdade a informação tivesse sido conseguida pelo meu projeto paralelo secreto, que *conseguiu* sobreviver.

Ela o encarou.

Carston levantou a mão, como que se rendendo.

— Tudo bem, não precisamos fazer do meu jeito. Foi apenas uma ideia. Deavers sabe da história. Ela faria a sua presença parecer bem pensada, menos improvisada.

— Acho que consigo forjar alguns ferimentos — disse Alex secamente.

* * *

OS DOIS REPASSARAM a história algumas vezes antes de chegarem ao ponto de encontro, e ele descreveu a sala de interrogatório em detalhes. Não era um bom quadro, e Alex sentia suas chances de sobrevivência ficando mais sombrias.

Carston entrou no estacionamento ao lado do pequeno parque municipal e parou a BMW ao lado do único outro carro ali, como foi orientado a fazer. Alex levou um susto, embora esperasse por aquilo, ao ver o homem louro e alto esperando no banco do parque.

Era o primeiro teste, e, se Daniel não passasse, ela abortaria o plano. Carston com certeza vira fotos de Daniel no noticiário, independentemente do quanto ele

e Deavers mantivessem suas operações separadas. Ela observou Carston com o canto do olho, avaliando sua reação. Sua expressão era impassível.

— Quem é esse? — perguntou ele.

— Seu novo assistente.

— Isso é necessário?

— Desligue o motor.

Daniel se levantou e caminhou depressa na direção deles. Alex ficou observando Carston em busca de qualquer mudança em sua expressão enquanto Daniel se aproximava.

— Eu não posso vigiar você o tempo todo, Carston — disse ela suavemente. — Abra o porta-malas.

Ela e Carston esperaram em silêncio enquanto Daniel passou o material do banco de trás do sedã para o porta-malas da BMW. Quando terminou, ele parou ao lado da porta de Carston e ficou esperando.

— Saia — disse Alex.

Devagar e sempre mantendo as mãos à vista, Carston abriu a porta e saiu do carro. Quando saiu, Alex percebeu a maneira como ele estava olhando para Daniel. Alex tentou avaliar Daniel com imparcialidade: era um sujeito grande que parecia capaz de cuidar de si mesmo, apesar dos óculos e dos quilinhos extras. Fazia sentido, diante das circunstâncias, que Carston fosse cuidadoso e provavelmente estivesse assustado, embora disfarçasse bem.

Como instruído, Daniel não disse nada. Fez um rápido contato visual com Alex e manteve a expressão neutra. Projetou o maxilar apenas um pouco, da mesma maneira como fizera para intimidar os garotos bêbados em Oklahoma City. Isso o fazia parecer mais perigoso, mas também ligeiramente mais parecido com Kevin. Será que Carston tinha visto fotos de Kevin?

Daniel parou junto à porta do motorista, com os braços soltos ao lado do corpo, preparado.

— Mãos no teto — ordenou Alex a Carston. — Não se mexa até eu voltar.

Carston assumiu a posição de um suspeito detido contra um carro de polícia. Manteve a cabeça abaixada, porém Alex percebeu que ele estava examinando o que conseguia ver de Daniel pelo reflexo do vidro da janela. Não houve sinal de reconhecimento, mas não dava para saber se Carston estava dissimulando. Alex estava distraída com a maneira como as luzes do estacionamento cintilavam das cabeças carecas dos dois nos mesmos pontos.

— Este é o Sr. Thomas — disse a Carston. — Se você tentar me entregar, fugir ou me machucar, estará morto em cerca de dois segundos e meio.

Uma gota de suor estava se formando na têmpora de Carston. Se fosse fingimento, Alex ficaria realmente impressionada.

— Não farei nada que coloque Livvy em perigo — disparou ele.

— Ótimo. Eu já volto. Vou arranjar uns ferimentos.

Os olhos azul-claros de Daniel se voltaram para ela quando Alex disse a palavra *ferimentos*. Então se forçou a olhar novamente para Carston.

Todas as coisas dela estavam guardadas com cuidado no porta-malas da BMW. Ela abriu a mochila com os artigos de primeiros socorros e vasculhou o conteúdo depressa até encontrar o que queria, então cortou um pedaço de gaze e esparadrapo. Pegou sua bolsa e se virou, deixando o porta-malas aberto. O banheiro público ficava do outro lado do parquinho. Ela foi depressa até o toalete feminino e acendeu as luzes.

Como não havia bancada e nada era limpo fazia dias, talvez semanas, ela continuou com a bolsa pendurada no ombro. Usou o sabonete em pó arenoso para remover o lindo trabalho de maquiagem de Val. Era melhor assim. A maquiagem não combinava com a personagem, e a tira de pele falsa chamaria atenção de qualquer um que olhasse de perto. Era óbvio que os ferimentos e curativos chamariam atenção, mas também a tornariam menos reconhecível. As pessoas ficariam menos propensas a examinar o rosto por trás dos machucados.

Ficou feliz ao ver o que restava dos olhos roxos, da forma amarelada do hematoma na bochecha. O trabalho com cola no maxilar era amador demais, porém, de todo modo, uma pessoa normal o manteria com curativo.

Não havia toalhas, apenas um secador de ar quebrado. Ela usou a camiseta para secar o rosto e então prendeu a gaze com esparadrapo no maxilar e na orelha, usando alguns segundos extras para fazer o trabalho direito e transparecer que os curativos haviam sido feitos por um médico. A camiseta preta e a legging grossa funcionavam bem — roupas confortáveis faziam parte do trabalho e o jaleco branco no porta-malas lhe daria a aparência profissional que desejava.

Enquanto voltava para o carro na escuridão que aumentava, ouviu Carston tentando puxar conversa com Daniel, mas Daniel apenas o encarava com os lábios bem fechados.

Alex pegou o jaleco do porta-malas e o vestiu, alisando-o na frente para tirar o amarrotado. Quando ficou satisfeita, fechou o porta-malas e abriu a porta traseira do carro.

— À vontade, Lowell — disse a Carston. Ele se endireitou com cautela. — Você vai comigo no banco de trás. O Sr. Thomas vai dirigir.

— Que sujeito taciturno — comentou Carston enquanto entrava pela porta aberta.

— Ele não está aqui para entretê-lo. Está aqui para mantê-lo na linha.

Alex fechou a porta atrás dele, então deu a volta no carro para entrar do outro lado. Carston a encarou.

— Seu rosto... ficou um trabalho bem realista, Jules. Sutil. Nem parece que está usando maquiagem.

— Eu desenvolvi muitas novas habilidades, e o nome é Dra. Jordan Reid. Por favor, oriente o Sr. Thomas quanto ao nosso destino. Quando estivermos a cinco

minutos de distância, você terá o celular de volta.

Os olhos dela encontraram os de Daniel pelo retrovisor. Ele assentiu bem de leve. Carston não tinha dito nada que levasse Daniel a acreditar que o havia reconhecido durante o tempo que ficaram a sós.

Ele deu a partida no motor. Carston lhe passou o endereço e algumas instruções. Daniel assentiu.

Carston se virou para Alex e disse:

— Suponho que haja alguém com Livvy agora.

— Suposições nunca são uma aposta segura, você sabe disso.

— Se eu der o meu melhor, Jules, se eu fizer tudo o que puder... — começou Carston. De repente endureceu o tom de voz. — Por favor. Por favor, deixe Livvy ir. Dê o telefonema, o que quer que precise fazer. Mesmo se... mesmo se você não conseguir escapar. Sei que você tem todos os motivos para me machucar, mas, por favor, não machuque a menininha. — No fim, ele estava sussurrando. Alex achou até que estava falando de coração, como se tivesse um.

— Não posso fazer nada por ela se eu não sobreviver. Sinto muito, Carston. Gostaria de ter feito as coisas de um jeito diferente, mas não tive nem o tempo nem os recursos para isso.

Ele cerrou os punhos no colo e olhou fixamente para eles.

— É melhor você saber o que está fazendo.

Alex não retrucou. Ele provavelmente podia adivinhar o que isso significava.

— Se formos apanhados — disse ele num tom mais firme —, pelo menos leve aquele maldito do Deavers conosco. Você pode fazer isso?

— Farei questão disso.

* * *

— ESTAMOS A CERCA de cinco minutos do local.

— Muito bem. Aqui.

Alex entregou o celular a Carston. Ele ligou o aparelho e, depois de um instante, ligou para um número da agenda. O telefone tocou duas vezes pelo alto-falante do carro.

— Por que você está me interrompendo? — questionou um homem no outro lado da linha. O tom de voz era baixo, quase um sussurro, mas Alex percebeu que era um barítono profundo. Ele parecia irritado.

Carston também estava irritado.

— Suponho que não tenha havido progresso.

— Eu não tenho tempo para isso.

— Nenhum de nós tem tempo para isso — disparou Carston. — Já chega. Estarei no portão em dois minutos. Certifique-se de que estejam esperando por mim e meus assistentes.

— O que... — Deavers começou a falar, mas Carston desligou.

— Que combativo — comentou Alex.

— É a nossa forma normal de interação.

— Espero que sim.

— Eu vou fazer a minha parte, Jules. Se Livvy não estivesse envolvida, acho que eu estaria gostando disso. Estou *de saco cheio* daquele idiota afetado.

O prédio diante do qual pararam pareceria abandonado se não fosse pelos dois carros estacionados ao lado da entrada. O terreno pequeno era protegido por montes artificiais em três lados, com a construção térrea simples de concreto ocupando o quarto lado. Só dava para ver a fachada do prédio quando já se estava no terreno. O local ficava escondido no meio de quilômetros de armazéns e prédios de escritórios em estilo soviético, todos com certeza pertencentes a algum braço do governo e aparentemente vazios. Assim como o labirinto de ruas ao redor deles. Alex duvidava que alguém fosse parar ali por acidente e se sentiu feliz por terem Carston para guiá-los pelo labirinto. Esperava que Daniel tivesse prestado atenção. Ela tentara decorar o caminho, mas era improvável que estivesse ali para orientá-lo sobre como sair.

Não havia luz nas janelas pequenas e sombreadas, porém isso era esperado. O térreo não passava de camuflagem.

Carston saiu do carro e deu a volta para abrir a porta para ela, já desempenhando seu papel. Alex quase sorriu, lembrando-se de como era quando ela era *o talento*. Bem, era o papel que representaria naquela noite. Precisava entrar na personagem.

Daniel tirou do porta-malas a caixa de ferramentas de aço com rodas e a levou até Alex. Alguém provavelmente já estava observando, embora ela não conseguisse descobrir onde as câmeras estavam escondidas.

— Cuidado com isso — reclamou ela num tom sério, pegando a alça da mão dele. Endireitou o punho direito do jaleco e espanou uma sujeira imaginária da manga. Daniel ficou parado logo atrás do ombro direito de Carston. Ela notou o anel de ouro no mindinho. Não combinava com sua caracterização, mas o resto, sim: mesmo no terreno escuro, o terno preto parecia perfeito, conservador, barato. Todo agente do FBI no país tinha algo exatamente assim no armário. Não tinha distintivo, mas, por outro lado, não era esperado que qualquer assistente trabalhando para *aquele* departamento tivesse identificação. Não era uma organização do tipo que usa distintivos.

Alex endireitou os ombros e olhou para o prédio escuro, tentando ficar em paz com o fato de que provavelmente nunca mais voltaria a ver aquele estacionamento feio.

CAPÍTULO 30

— Por aqui, Dra. Reid — disse Carston, levando-a até uma porta cinza sem sinalização. Daniel continuou muito próximo dele, de costas para Alex. Ela caminhou depressa atrás dos dois, esforçando-se para acompanhá-los com suas pernas mais curtas.

Carston não bateu na porta, simplesmente ficou parado diante dela. Ficou esperando como se já tivesse tocado a campainha.

A porta se abriu um segundo depois de Carston se postar ali. O homem que os recebeu usava um terno muito parecido com o de Daniel, mas o dele era tão novo que ainda tinha certo brilho. Era mais baixo do que Daniel, com os ombros mais largos. Havia uma protuberância evidente sob seu braço esquerdo.

— Senhor — disse o homem, cumprimentando Carston. Seu cabelo estava cortado no estilo militar, e Alex imaginou que ele se sentiria mais à vontade de uniforme. Mas a aparência dele fazia parte do disfarce. Os uniformes deveriam estar ali embaixo.

— Preciso ver Deavers imediatamente.

— Sim, senhor. Ele informou que o senhor estava a caminho. Por aqui.

O soldado se virou de supetão e marchou para dentro.

Alex seguiu Daniel até um escritório sombrio: carpete cinza, alguns cubículos apertados, algumas cadeiras que pareciam desconfortáveis. A porta se fechou atrás dela com um baque seco e forte e um clique agourento. Não havia dúvida de que alguém ainda os vigiava. Ela não podia se dar ao luxo de olhar para a fechadura. Precisava ter a esperança de que o objetivo dela era manter as pessoas do lado de fora, não dentro. O soldado não havia demorado muito para abrir a porta para eles.

O soldado seguiu rapidamente por um corredor mal iluminado, levou-os através de várias salas escuras com portas abertas e então parou bem no final. Havia uma porta com a inscrição MATERIAL DE LIMPEZA. Ele enfiou a mão na manga esquerda e tirou um fio em espiral com uma chave. Abriu a porta e os conduziu para dentro.

O ambiente era pouco iluminado por uma placa de saída de emergência acima de outra porta oposta à primeira. Havia esfregões e baldes encostados na parede, provavelmente para disfarçar. O soldado abriu a porta de emergência, revelando uma caixa revestida de metal sem qualquer detalhe. Um elevador. Alex sabia que devia esperar por isso. Esperava que Daniel estivesse controlando suas expressões.

Eles se juntaram ao soldado no elevador. Quando se virou de frente para a porta, Alex viu que havia apenas dois botões. O soldado apertou o de baixo, e ela sentiu a descida começar na mesma hora. Alex teve a impressão de terem descido pelo menos três andares. Não era de todo necessário, mas definitivamente era desconcertante. Embora o prédio não fosse usado para o mesmo tipo de interrogatórios que ela conduzia, ainda assim seria parte da rotina fazer com que o alvo se sentisse assustado e isolado.

Funcionou. Ela se sentiu mais assustada e mais isolada.

O elevador parou de repente, e as portas se abriram para uma antessala bastante iluminada. Parecia um posto de segurança de aeroporto, mas com menos movimento e menos cor. Havia mais dois homens, que usavam uniforme azul-escuro do Exército e um detector de metal com uma pequena bancada e até as bandejinhas de plástico para cintos e chaves de carros. Por causa dos uniformes, Alex achou que eles deviam ser homens de Pace.

As câmeras de vigilância estavam bem à mostra nesse ambiente.

Carston avançou, impaciente e seguro de si. Colocou o celular na bandeja junto com um punhado de moedas. Então passou pela estrutura retangular. Daniel seguiu depressa atrás dele, colocando as chaves do carro em outra bandeja e então pegando os pertences de Carston e devolvendo a ele antes de pegar as chaves de volta.

Alex passou a caixa de ferramentas de aço pela lateral do detector.

— Infelizmente, acho que você terá de fazer a varredura aqui à mão — disse ela enquanto atravessava a estrutura retangular. — Tenho muitas ferramentas de metal. Por favor, seja cuidadoso. Algumas das minhas coisas são quebráveis, outras, pressurizadas.

Os dois soldados se entreolharam, claramente sem saber o que fazer. Olharam para o rosto ferido de Alex e então para a caixa de ferramentas. O mais alto se ajoelhou para abrir o compartimento superior, enquanto o mais baixo olhou fixamente para o rosto dela mais uma vez.

— Por favor, seja cuidadoso — repetiu ela. — Essas seringas são delicadas.

O soldado mais baixo agora observava enquanto o mais alto levantava a bandeja superior de seringas, apenas para encontrar uma bandeja idêntica logo abaixo. Ele a recolocou no lugar com muito cuidado, sem conferir as duas bandejas embaixo. Abriu o segundo compartimento, então lançou um rápido olhar para seu companheiro. E então olhou para Carston.

— Senhor, não podemos permitir a passagem de armas por este ponto.

— Mas é óbvio que vou precisar dos meus bisturis — argumentou Alex, deixando transparecer certa irritação na voz. — Não estou aqui para jogar palavras cruzadas.

Os soldados olharam de novo para ela, com a compreensão começando a ficar visível em seus olhos.

Sim, Alex queria dizer, *eu sou* esse *tipo de convidada.*

Eles devem ter lido as palavras na expressão dela. O mais alto se endireitou.

— Precisamos de autorização para isso. — O soldado deu meia-volta e atravessou as portas duplas de metal atrás deles.

Carston bufou alto, exasperado, e cruzou os braços. Alex assumiu uma expressão de impaciência. Daniel permaneceu imóvel do lado direito de Carston, com a expressão impassível. Estava se saindo bem. Ninguém havia prestado atenção nele até então. Para os soldados, ele era apenas um daqueles carregadores de pasta anônimos, exatamente o que Alex queria que pensassem. Val tinha razão até então — eles teriam prestado muito mais atenção nela.

As portas se abriram de novo apenas alguns minutos depois. O soldado mais alto estava de volta com outros dois homens.

Foi fácil perceber qual era Deavers. Era mais baixo e mais magro do que sua voz sugerira, porém se movimentava com evidente autoridade. Não olhou para ver aonde os outros homens tinham ido, esperava que se movimentassem ao redor dele. Vestia um terno preto bem cortado, muitíssimo mais caro e cheio de estilo do que os que Daniel e o guarda da porta usavam. O cabelo era grisalho, porém ainda farto.

Devido à falta de formalidade, Alex imaginou que o sujeito atrás de Deavers fosse o interrogador. Vestia uma camiseta amarrotada e uma calça preta que pareciam uniforme de hospital. O cabelo castanho escorrido estava oleoso e desgrenhado. Havia olheiras significativas sob os olhos avermelhados. Embora claramente ele tivesse tido um dia difícil, Alex viu fogo nos olhos dele quando focaram seu jaleco e depois a caixa de ferramentas, com a bandeja de bisturis ainda exposta.

— O que é isto, Carston? — gritou ele.

Nem Carston nem Deavers olharam para ele. Estavam concentrados um no outro.

— O que você acha que está fazendo? — questionou Deavers com a voz inalterável.

— Eu não vou deixar esse aí matar o alvo quando tenho uma opção melhor.

Deavers olhou para Alex pela primeira vez. Ela tentou transparecer calma, mas sentiu o coração acelerar enquanto ele a examinava, os olhos se demorando no rosto ferido.

Ele se virou de novo para Carston.

— E onde você conseguiu de repente esta opção melhor?

Pelo menos ele não a havia reconhecido imediatamente. E não tinha olhado para Daniel. Os dois homens estavam mais uma vez concentrados um no outro, com o antagonismo passando por eles como uma corrente elétrica.

— Eu venho desenvolvendo alternativas para salvar o programa. Esta já se provou mais do que capaz.

— Se provou como?

Carston ergueu o queixo de leve.

— Uludere.

A corrente pareceu se quebrar com aquela palavra. Deavers deu um passo para trás inconscientemente e bufou irritado. Olhou para os ferimentos de Alex mais uma vez, e então para o adversário.

— Eu devia saber que havia mais coisas acontecendo na Turquia. Carston, isso está além da sua autoridade.

— Eu estou sendo subutilizado. Apenas estou tentando me valorizar.

Deavers pressionou os lábios e olhou de novo para ela.

— Ela é boa?

— Você vai ver — prometeu Carston.

— Mas estou em um ponto crítico — protestou o interrogador. — Não podem me tirar do caso agora.

Carston lhe lançou um olhar fulminante.

— Cale a boca, Lindauer. Essa decisão não lhe cabe.

— Tudo bem — disse Deavers, de mau humor. — Vejamos se a sua opção consegue o que queremos.

* * *

O CÔMODO ERA como Carston havia descrito. Paredes simples de concreto, piso simples de concreto. Uma porta, um grande espelho unidirecional entre aquela sala e a de observação, uma luminária redonda presa ao teto.

Em algum momento, deve ter havido uma mesa naquela sala, duas cadeiras e uma luminária de mesa muito forte. Alvos deviam ter sido questionados, repreendidos, ameaçados e pressionados, mas apenas isso.

Agora, uma mesa cirúrgica havia tomado o lugar da mesa. Era como algo tirado de um filme da Primeira Guerra Mundial, uma peça sólida de aço inoxidável sem forração com rodas como as de uma maca. Havia uma cadeira dobrável no canto. Aquele lugar não era nem de perto tão funcional quanto as salas de ponta do departamento, mas o interrogatório em questão claramente estava fora até dos registros das seções mais secretas.

Ela manteve a frieza ao observar o ambiente e rezou para que Daniel tivesse o autocontrole necessário para aquilo.

Daniel tinha ido com Carston e os outros para a sala de observação e não podia ser visto atrás do vidro. Antes de o grupo se dividir, nem Deavers nem qualquer um dos outros havia olhado para o rosto dele. Alex esperava desesperadamente que ele não fizesse nada que transformasse a indiferença deles em desconfiança.

Kevin estava deitado na mesa sob a única luz do cômodo, algemado e

acorrentado. Estava nu, com o corpo todo molhado de suor e sangue. Longas marcas de queimadura formavam uma porção de linhas paralelas irregulares em seu peito. Cortes finos subiam por suas costelas, com pele rasgada esbranquiçada nas beiradas — provavelmente com ácido. As solas dos pés estavam cobertas de bolhas e também esbranquiçadas. Lindauer havia derramado ácido naquelas queimaduras. Kevin estava sem outro dedo do pé esquerdo, ao lado do primeiro toco.

As ferramentas de Lindauer estavam espalhadas pelo chão, todas sujas de sangue e com marcas de suas mãos sujas. Ela sabia que também havia um dedo ali, mas não conseguiu encontrá-lo à primeira vista.

Alex esperava encontrar um cenário limpo e frio, era com isso que estava acostumada. Aquilo ali era selvageria. Torceu o nariz de nojo.

Kevin estava alerta. Ele a observou enquanto Alex entrou atrás do interrogador, a expressão controlada.

Com uma precisão que pretendia debochar dos hábitos pouco profissionais de Lindauer, ela se abaixou até a caixa de ferramentas e arrumou com cuidado algumas de suas bandejas de seringas.

— O que é isso? — perguntou Kevin com a voz rouca. Ela levantou a cabeça automaticamente e viu que estava falando com o espelho, não com ela. — Acham que uma menininha pode me dobrar? Eu achava que esse infeliz era o fundo do poço. Sinceramente, vocês nunca deixam de decepcionar.

Lindauer, que insistira em ficar na sala, inclinou-se furiosamente sobre a mesa. Enfiou o dedo em uma ferida aberta que cortava uma queimadura no peito de Kevin, que gemeu e cerrou os dentes.

— Não se preocupe, Sr. Beach. A *menininha* é apenas um bom período de descanso. Recupere as suas forças. Voltarei mais tarde, e então teremos algumas conversas produtivas.

— Já chega, *doutor* — disparou Alex em um tom melódico. — Concordei em deixá-lo observar, mas, por gentileza, afaste-se do meu alvo agora.

Lindauer olhou para o espelho, como que esperando por apoio. Ao obter apenas silêncio como resposta, franziu a testa com ar carrancudo e foi se acomodar na cadeira do canto. Sentado, ele pareceu murchar um pouco — Alex não sabia dizer se de exaustão ou vergonha.

Alex virou as costas para Lindauer e vestiu um par de luvas de látex azuis. Ao fazê-lo, o pedacinho de metal que ela tinha colocado na palma da mão ficou invisível sob a luva direita.

Foi até a beirada da mesa, abrindo cuidadosamente um espaço na bagunça de Lindauer com o pé.

— Olá, Sr. Beach. Como está se sentindo?

— Bem para aguentar mais uns rounds, querida. Parece que alguém já se entreteve um pouco com você, hein? Espero que tenha sido divertido para ele.

Enquanto ele cuspia as palavras pelos dentes, Alex começou a examiná-lo, apontando uma pequena lanterna para os olhos e verificando as veias nos braços e nas mãos.

— Acho que está um pouco desidratado — disse ela. Olhou diretamente para o espelho enquanto colocava a mão direita de Kevin de volta na mesa, deixando a chavezinha embaixo dela. — Imaginei que haveria um equipamento intravenoso aqui. Podem me trazer um poste, por favor? Trouxe soro fisiológico e agulhas.

— *Aposto* que você sabe como dançar ao redor do poste — provocou Kevin.

— Não precisa ser grosseiro, Sr. Beach. Agora que estou aqui, as coisas serão muito mais civilizadas. Peço desculpas pelas condições atuais. Isto tudo é muito pouco profissional. — Ela fungou com desprezo, olhando de soslaio com severidade para Lindauer, que virou o rosto.

— Querida, se está fazendo o papel da policial boazinha, sinto muito, mas você não faz o meu tipo.

— Garanto, Sr. Beach, que não sou a policial boazinha. Sou uma especialista e devo alertá-lo de que não vou fazer os mesmos jogos bobos com que este... *interrogador* — o desejo de usar uma palavra menos lisonjeira era evidente em sua inflexão — desperdiçou o seu tempo. Nós iremos direto ao ponto.

— Isso, doçura, vamos direto ao ponto, é disso que estou falando. — Kevin estava tentando manter a voz alta e o tom sarcástico, mas Alex percebeu o esforço que isso lhe custava.

A porta se abriu atrás dela. Alex observou pelo espelho o soldado mais alto trazendo um poste com soro. Até então, tinha visto apenas outros quatro além de Deavers e Lindauer, mas provavelmente havia mais escondidos.

— Apenas coloque isso na cabeceira da mesa, obrigada — disse Alex com a voz indiferente e sem se virar para ele. Ela se abaixou para pegar a seringa que queria.

— Você vai dançar para mim agora? — murmurou Kevin.

Ela olhou friamente para Kevin enquanto se endireitava.

— Isto será apenas uma amostra do que faremos hoje à noite — retrucou ela enquanto dava a volta na mesa. Deixou a seringa ao lado da cabeça dele enquanto pendurava a bolsa de soro fisiológico e as sondas. A porta se fechou, mas ela não desviou os olhos de Kevin. Examinou suas veias de novo, então escolheu o braço esquerdo. Kevin não resistiu. Enquanto inseria a agulha com cuidado, ela tentou ver a chave que lhe dera, mas não a encontrou em lugar algum. Pegou a maior lâmina que achou no chão e a colocou ao lado do braço direito dele. — Sabe, eu não preciso dessas armas tão grosseiras. Tenho algo melhor. Sempre acho mais justo informar ao alvo o que ele enfrentará antes de usar a carga total. Diga o que você acha.

— Vou dizer o que eu acho, sua... — Kevin disparou uma avalanche de

palavrões que deixou no chinelo todas as provocações criativas anteriores. O homem tinha talento.

— Reconheço sua coragem, de verdade — disse Alex quando ele terminou. Ela posicionou a ponta da seringa contra a entrada intravenosa. — Mas, por favor, saiba que não adiantará nada. O recreio acabou.

Espetou a agulha no plástico e apertou o êmbolo.

A resposta foi quase imediata. Ouviu a respiração dele acelerar, e Kevin começou a berrar.

Lindauer levantou a cabeça de repente. Alex percebeu que ele nunca tinha obtido uma reação assim de Kevin apesar de todos os seus esforços. Ouviu movimentação atrás do espelho enquanto a plateia se aproximava mais do vidro e o murmúrio distante de vozes. Achou ter ouvido um tom de surpresa, o que foi gratificante. Embora, na verdade, tudo se devesse à atuação de Kevin.

Alex sabia como ele estaria se sentindo agora, com a força percorrendo suas veias e toda a dor desaparecendo. Usara mais do que o dobro da dose mais alta de *Sobrevida* que já aplicara em si mesma, levando em conta a grande massa corporal e a necessidade dele. Os gritos de Kevin eram primitivos, quase triunfantes. Ela esperava ter sido a única a perceber essa nuance e que ele se lembrasse de que os estragos feitos ao seu corpo ainda eram bem reais, quer ele os sentisse ainda ou não.

Esperou por apenas cinco minutos — batendo o pé no chão e o observando sem qualquer emoção — enquanto Kevin fazia sua parte, mantendo os gritos altos e constantes. Queria que ele tivesse o máximo de tempo possível com as drogas em seu sistema — quando o efeito passasse, ele ficaria incapacitado.

— Pronto, Sr. Beach — disse, injetando apenas soro fisiológico na sonda. Deu a ele a deixa de que precisava. — Acho que nos entendemos agora, e posso terminar com isso. Vamos conversar?

Kevin levou mais tempo para se recuperar do que deveria, mas ele não conhecia as drogas de Alex. Fingiu melhorar devagar, e ela gostou de pensar que Daniel estava ao lado de Carston com o anel coberto de veneno a postos. Apenas Carston poderia reconhecer a fraude.

Kevin ainda estava respirando pesadamente depois de um minuto e lágrimas escorriam pelo rosto. Era fácil para Alex esquecer que ele era um profissional do disfarce, porque nunca o vira em campo, mas deveria saber que desempenharia bem seu papel.

— Bem, Sr. Beach, e agora? Podemos ir para a carga total ou você gostaria de conversar primeiro?

Ele se virou para encará-la, os olhos arregalados de medo convincente.

— Quem é você? — sussurrou.

— Uma especialista, como lhe disse. Acredito que o *cavalheiro* — ela disse a palavra cheia de sarcasmo e indicando Lindauer com a cabeça — tem algumas

perguntas a lhe fazer.

— Se eu falar — disse Kevin, ainda em um sussurro —, você vai embora?

— Claro que vou, Sr. Beach. Sou apenas um meio para um fim. Depois que o senhor tiver satisfeito meus empregadores, jamais voltará a me ver.

Lindauer estava boquiaberto agora, mas Alex ficou preocupada. Eles precisavam seguir em frente, mas, ao mesmo tempo, será que alguém acreditaria que Kevin poderia ceder com tamanha facilidade?

Kevin gemeu e fechou os olhos.

— Eles não vão acreditar em mim.

Alex não sabia bem como, mas achou que a algema direita dele não estava mais presa ao seu pulso. Havia um minúsculo desalinhamento das duas metades da pulseira que Alex achava que só ela tinha como reparar.

— Eu vou, se você falar a verdade. Apenas me diga o que quer contar.

— Eu tive ajuda... mas... eu não posso...

Alex segurou a mão dele como se tentasse tranquilizá-lo. Sentiu a chave cair em sua mão.

— Você *pode* me contar. Mas, por favor, não tente ganhar tempo. Eu não tenho muita paciência.

Deu um tapinha na mão dele, então contornou sua cabeça para examinar o soro.

— Não — murmurou ele baixinho. — Não vou fazer isso.

— Muito bem, então — disse ela. — O que você quer me contar? — Cobriu a mão esquerda dele com a sua, enfiando a chave entre os dedos de Kevin.

— Eu tive ajuda... de um traidor de dentro.

— *O quê?* — gritou Lindauer.

Alex olhou furiosa para ele, então se virou para o espelho.

— O homem de vocês não consegue se controlar. Eu o quero fora desta sala — disse com a voz severa.

Houve um ruído eletrônico na sala. Alex procurou pelo alto-falante, mas não o encontrou.

— Continue — ordenou a voz desencarnada de Deavers. — Ele será escoltado para fora se houver mais uma conduta imprópria.

Ela franziu a testa para o próprio reflexo, então se virou e se inclinou sobre Kevin.

— Eu preciso de um nome — insistiu.

— Carston — sussurrou.

Não!

Com os nervos já em frangalhos e tensos, ela precisou conter a vontade de dar um tapa nele. Mas era óbvio que Kevin não tinha como saber como ela havia chegado ali.

Ela ouviu uma comoção na sala de observação e se apressou a falar alto:

— Acho muito difícil acreditar nisso, Sr. Beach, já que o Sr. Carston é o motivo de eu estar aqui com você. Ele não me mandaria aqui se quisesse esconder a verdade. Ele sabe do que sou capaz.

Kevin a fulminou com os olhos semicerrados e então gemeu de novo.

— Foi o nome que o meu contato me deu. Só posso contar o que ele me disse.

Boa, pensou ela sarcasticamente.

A comoção não terminara nem com sua observação, nem com a de Kevin. Dava para ouvir vozes exaltadas e algum movimento. Lindauer também estava distraído, olhando para o espelho.

Ela tentou mais uma vez, pegando outra seringa e colocando um pequeno dispositivo debaixo dela no bolso.

— Perdoe-me por pensar que foi tudo fácil demais...

— Não, espere — disparou Kevin, falando um pouco mais alto. — Deavers mandou o cara. Ele sabe de quem estou falando.

Bem, talvez isso complicasse um pouco as coisas. Colocar os dois nomes na mesa.

Mas isso não parou o que quer que estivesse acontecendo na sala de observação. Ela precisava agir. A única coisa boa sobre a situação imprevista atrás do espelho era que eles obviamente não estavam observando Alex e Kevin com muita atenção. O tempo havia acabado.

— Sr. Lindauer — chamou Alex rispidamente sem olhar na direção dele. Pelo espelho, pôde ver que ele também estava preocupado com o que se desenrolava na outra sala. Ele se virou depressa para Alex.

— Estou preocupada que essas correntes dos tornozelos estejam um pouco apertadas demais. Preciso da circulação dele em perfeitas condições. Você tem a chave?

Kevin adivinhou o que aquilo queria dizer. Contraiu os músculos, preparando-se. Lindauer correu até o pé da mesa. Uma voz sobressaiu na sala de observação, gritando.

— Não sei do que você está falando — reclamou Lindauer, olhando para os tornozelos e os pés feridos de Kevin. — A contenção não está prendendo a circulação dele. Não é seguro soltá-la nem um pouco. Você não sabe com que tipo de homem está lidando.

Alex se aproximou dele, falando baixinho para que tivesse que se inclinar em sua direção. No bolso, pressionou com o polegar o minúsculo capacitor de flash do emissor de pulso eletromagnético.

— Eu sei exatamente com que tipo de homem estou lidando — murmurou.

Alex acionou o capacitor com a mão esquerda e enfiou a agulha da seringa no braço de Lindauer com a direita.

A luz acima deles piscou e estourou, os cacos das lâmpadas quebradas fazendo barulho contra a estrutura de acrílico da luminária. Por sorte o pulso não explodiu

o acrílico, o que teria sido ruim para a pele exposta de Kevin. A sala ficou escura.

O pulso não teve força suficiente para atingir a outra sala. Uma luz fraca cintilava através do espelho, e dava para ver vultos escuros se movimentando do outro lado, mas Alex não conseguiu identificar quem era quem ou o que estava acontecendo.

Lindauer deu um grito abafado antes de ter convulsões no chão. Ela ouviu Kevin se mexendo também, embora esses sons fossem muito mais discretos e decididos do que os de Lindauer se debatendo.

Ela sabia exatamente onde estava a caixa de ferramentas no escuro. Virou-se e se ajoelhou ao lado dela, abriu a penúltima gaveta, esvaziou a bandeja de seringas no chão e procurou o compartimento escondido no fundo.

— Espirra? — sussurrou Kevin. Alex percebeu que ele estava fora da mesa, perto do poste de soro.

Pegou as duas primeiras armas em que tocou e avançou na direção da voz dele. Deu de encontro com o peito de Kevin, que a segurou e impediu que caísse para trás. Ela pressionou as armas contra o corpo dele no instante em que dois tiros soaram na outra sala. Não houve vidro quebrado: não estavam atirando na sala de interrogatório.

— Danny está lá dentro — sibilou quando Kevin arrancou as armas das mãos dela.

Alex se ajoelhou mais uma vez enquanto ele se afastava e enfiou a mão na caixa de ferramentas. Pegou as outras duas armas, a forma conhecida de sua pistola e outra que não reconheceu pelo toque. Sem querer dera sua SIG Sauer a Kevin.

Não tinha importância. Havia cumprido os principais objetivos do plano: libertar Kevin e colocar uma arma carregada em suas mãos. Agora ela era basicamente apoio. Só precisava torcer para que o astro estivesse em condições de fazer o que ela precisava que fizesse. Se o sádico Lindauer o tivesse ferido demais... bem, então estariam todos mortos.

Lindauer recebera o que merecia. Provavelmente ainda estava vivo, mas não por muito tempo. Ele não ia gostar nem um pouco do que lhe restava de vida.

Não tinha se passado sequer um segundo inteiro quando outro tiro soou de maneira ensurdecedora através da pequena sala de concreto, e dessa vez houve o barulho abafado de vidro temperado rachando.

Fachos de luz amarela atravessaram o vidro como uma teia de aranha quando quatro tiros foram disparados sucessivamente. Os tiros em resposta não modificaram o padrão da luz. Mais uma vez, as balas não foram direcionadas para a sala de interrogatório. Ainda estavam atirando uns contra os outros na sala de observação.

Alex permaneceu abaixada enquanto avançava, com as armas apontadas para o quadrado rachado caso alguém saísse por ali. Mas o movimento veio do

seu lado: uma sombra se chocou contra o mosaico de fragmentos de vidro e atravessou para a sala do outro lado.

Os homens na sala de observação estavam a apenas três metros dela, muito mais perto do que os fardos de feno com que havia praticado e que lhe pareceram tão fáceis de acertar. Apoiou as mãos na mesa de aço e atirou contra os uniformes que ocupavam a sala. Não se permitiu reagir ao fato de que não conseguia localizar Daniel nem Carston. Tinha dito para Daniel se abaixar quando o tiroteio começasse. Ele estava apenas seguindo suas orientações.

Uma chuva de tiros soava agora, mas nenhum era destinado a ela. Os soldados estavam atirando contra o homem nu ensanguentado que saltara no meio deles com uma saraivada de balas. Havia seis homens uniformizados ainda de pé, e ela logo abateu três antes que pudessem se dar conta de que o ataque vinha de duas frentes. Ao caírem, revelaram o homem de terno que estavam protegendo. Os olhos dele estavam focados em Alex enquanto ela mirava, o corpo já em movimento quando a bala saiu da arma. Ela não soube ao certo se fizera mais do que feri-lo quando ele caiu para fora de seu alcance.

Alex não conseguiu identificar a posição de Kevin, mas os outros três soldados estavam no chão. Ela não tinha mais nada no que atirar de onde estava.

Correu até a beirada da janela aberta, com vidro espatifando-se sob os sapatos, e se apoiou de costas na parede ao lado.

— Espirra? — chamou Kevin com a voz forte e controlada.

O corpo dela foi tomado por uma onda quente de alívio com o som da voz dele.

— Sim.

— Estamos sozinhos. Entre aqui. Danny caiu.

A onda gelada percorreu o mesmo caminho que a quente havia acabado de fazer.

Ela largou as armas nos bolsos, enrolou as mãos nas dobras do jaleco e saltou por cima do peitoril cheio de vidro da janela. O chão tinha se transformado em um amontoado de corpos com uniformes escuros, com respingos vermelho-escuros marcando tudo que fosse claro o bastante — os rostos, o piso, as paredes. Kevin estava empurrando um corpo que claramente usara como escudo. Ainda havia movimento e mais do que um murmúrio arfante. Então, eles não estavam totalmente sozinhos, mas Kevin devia achar que tudo estava sob controle e, como era óbvio, a necessidade era urgente.

Daniel estava no canto direito ao fundo — ela distinguiu o cabelo louro no couro cabeludo pálido dele, mas a maior parte de Daniel estava encoberta por dois corpos de uniforme que pareciam ter se amontoado sobre ele. Carston estava caído a alguns metros dali, com sangue jorrando em sua camisa a partir de vários ferimentos. O peito dele ainda se mexia.

Alex levou menos de um segundo para absorver tudo isso, já em movimento,

indo direto para Daniel.

— Deavers está vivo — murmurou ao passar por Kevin e, com a visão periférica, o viu assentir e ir em direção ao canto esquerdo da sala.

Havia muito pouco sangue no soldado deitado sobre o peito de Daniel, mas seu rosto tinha um tom nada saudável de roxo e havia bolhas rosadas em seus lábios. Uma olhada rápida para o homem atravessado sobre as pernas dele revelou as mesmas manifestações. Os dois estavam morrendo do veneno no anel de Daniel. Uma nova espuma de bolhas sanguinolentas se formou nos lábios do primeiro enquanto Alex tentava tirá-lo de cima de Daniel.

Parte dela estava muito distante do que se desenrolava — a parte que precisava gritar, entrar em pânico e hiperventilar. Ela deixou que o gelo de seu medo a mantivesse focada e fria. Mais tarde, teria tempo para a histeria. Naquele momento, precisava ser uma médica no campo de batalha, rápida e certeira.

Alex enfim rolou o homem de cima do peito de Daniel e de repente havia sangue por todo lado. Rasgou a camisa toda vermelha de Daniel e encontrou a fonte fácil demais. Todo o seu treinamento, todo o tempo que passara trabalhando como médica de trauma lhe dizia que era tarde demais.

Fora um tiro perfeito para matar, bem no lado esquerdo superior do peito dele. Quem quer que tivesse disparado aquela arma sabia exatamente o que estava fazendo. Era um dos poucos tiros que derrubavam um indivíduo na mesma hora, direto no coração, morto antes de chegar ao chão. Morto provavelmente antes de sentir a dor.

Não havia nada que ela pudesse ter feito, mesmo que jamais tivesse saído do lado dele. Alex o havia deixado acompanhá-la para protegê-la, e essa escolha o matara tanto quanto a bala em seu coração.

CAPÍTULO 31

Não era para ter acontecido assim. As armas deveriam ter sido apontadas para Alex e Kevin. Na confusão, ninguém havia atirado nela, nem mesmo uma vez. Ela saiu completamente ilesa. Daniel deveria estar ao fundo, invisível. Não havia motivo para desperdiçar um tiro tão perfeito em um assistente anônimo. Aquele atirador habilidoso deveria ter mirado em Alex.

Ela soubera que o plano tinha muitas falhas, mas jamais sonhara que fosse sair do tiroteio intacta. Daniel deveria ser o sobrevivente.

Uma fila de rostos sem nome — gângsteres que ela não conseguira salvar — passou por sua mente. Um deles tinha nome: Carlo. Ele morrera exatamente da mesma maneira. Ela não conseguira fazer nada. O que Joe G dissera? *A gente ganha umas, perde outras.* Mas como ela conseguiria viver depois dessa perda?

A parte surtada dela estava muito perto da superfície. Só o choque continha o ataque de dor. O momento de paralisia foi interminável, absolutamente nítido, com todos os detalhes definidos. Ela tinha consciência do som de uma luta em algum lugar muito distante, e de que Kevin gritava, com sua voz mais furiosa: *Onde está o seu perímetro profundo agora, Deavers?* Ela sentia o fedor das vítimas de seu anel e o cheiro quente e *vivo* de sangue fresco. Ouvia a respiração esforçada às suas costas, onde Carston morria.

Então, de repente, o som de outra inspiração rasa, um chiado bem próximo de sua cabeça abaixada.

Seus olhos, que ela nem sequer havia se dado conta de que estavam fechados, abriram de repente. Ela conhecia aquele som.

Freneticamente, arrancou a luva e a apertou contra o buraco no peito de Daniel. Observou incrédula a força que o pulmão dele fazia ao tentar sugar o ar através do látex. Levantou a borda da luva para a expiração, deixando o ar passar, e então a apertou novamente para que ele inspirasse.

Daniel estava *respirando*.

Como? De alguma maneira, o tiro não atingira o coração, embora a mira parecesse perfeita. Ela se levantou depressa e se deu conta de que, na verdade, não havia tanto sangue como havia pensado. Não o bastante para sugerir um buraco no coração dele. E ele estava respirando, o que não aconteceria se a bala tivesse acertado o alvo.

Enfiou a outra mão por baixo do ombro dele, procurando freneticamente por um orifício de saída. As pontas de seus dedos encontraram o buraco no paletó, e ela as enfiou pelo tecido até o ferimento nas costas dele, tentando fechar a

passagem de ar. O buraco não parecia maior do que o do peito. A bala o atravessara completamente.

— Kevin! — O berro bruto transportou todo o pânico que ela estava anestesiada demais para sentir. — Preciso da minha caixa de ferramentas. Agora!

Mais um movimento, mas ela não levantou os olhos para ver se era Kevin que a estava ajudando ou um Deavers vitorioso se aproximando para matá-la. Descobriu que, caso fosse isso, não se importava. Não estava com medo de qualquer coisa que ele pudesse fazer com ela. Porque, se Kevin estivesse caído e não fosse capaz de pegar os itens de que ela precisava imediatamente, Daniel poderia morrer em minutos.

Ela tinha uma quantidade maior do que precisava no carro, mas não fazia ideia de como levar Daniel de volta à superfície.

Ouviu um barulho metálico ao lado de seu cotovelo direito.

— Sacos Ziploc — instruiu ela freneticamente. — No compartimento de baixo, à esquerda, e esparadrapo... deve estar bem em cima.

Kevin colocou os materiais de que ela precisava sobre o peito de Daniel, ao lado da mão dela. Rapidamente, durante a expiração, ela trocou a luva pelo saco plástico e instruiu Kevin a prendê-lo bem com o esparadrapo em três lados. Como não tinha nada que funcionasse como válvula para extrair o excesso de ar, precisava deixar uma parte aberta. O plástico deveria ser sugado pelo buraco quando Daniel inspirasse e, então, deixar o ar sair quando ele expirasse.

— Vire ele na minha direção. Preciso fechar o ferimento de saída.

Com cuidado, Kevin virou de lado o irmão inconsciente. Ela esperava que a posição tirasse um pouco da pressão do pulmão intacto de Daniel. Enquanto Kevin mexia nele, ela precisou interromper por um instante o contato com o ferimento. Em seguida, teve que mais uma vez tirar as pontas dos dedos do orifício enquanto usava um bisturi para cortar a camisa e o paletó. Prendeu um segundo saco plástico contra a pele enquanto analisava a poça de sangue no chão, que, na verdade, não era muito grande. Por um milagre, a bala não havia afetado o coração nem os vasos principais. O ferimento de saída parecia limpo, e ela não viu nenhum fragmento de osso. Se fosse capaz de mantê-lo respirando, conseguiria fazê-lo atravessar a hora seguinte.

A voz de Kevin interrompeu seu planejamento frenético:

— Carston ainda está vivo. O que você quer que eu faça com ele?

— Ele pode ser salvo? — perguntou ela enquanto conferia as vias aéreas e a pressão de Daniel.

Ele havia perdido muito sangue; estava em estado de choque. Ainda dava para sentir os batimentos no pulso dele, mas estavam fracos e diminuindo cada vez mais. Ela pegou uma seringa da bandeja de cima e injetou cetamina e um analgésico separadamente.

— Duvido. Muitos estragos. Ele só deve aguentar por mais alguns minutos. Ah, hum, oi. Desculpe, cara.

A voz de Kevin havia mudado nas últimas palavras. Ele não estava mais falando com ela.

— Ele está lúcido? — questionou ela.

Passou as mãos pelos braços e pelas pernas de Daniel, procurando outros ferimentos.

— Jules? — arfou Carston, baixinho.

— Kevin, traga a mesa de operação até aqui. Precisamos levar Daniel até o carro. — Ela respirou fundo. — Lowell, está tudo bem, eu não envenenei a Livvy. Claro que não. Ela está apenas sedada. Vai estar com a mãe de manhã, independentemente de eu sair daqui ou não.

Enquanto tranquilizava Carston, sem desviar os olhos de Daniel por um instante sequer, ela ouviu Kevin sair e voltar. A mesa provocou um barulho metálico pesado enquanto era passada pela janela e uma pancada úmida ao atingir os corpos no chão. Ela mordeu o lábio enquanto trabalhava em Daniel. Afastou os pedaços de borracha do disfarce da boca para que ele não se engasgasse e tirou com cuidado as lentes de contato de seus olhos. Quanto tempo até que Kevin desmoronasse? Ele ainda tinha uns bons cinquenta minutos para aproveitar as substâncias que estavam em seu sistema, mas isso não afetaria quanto seu corpo poderia de fato suportar. Ela precisava tentar se lembrar de que ele não era o mesmo Kevin, o Kevin capaz de tudo. Precisava pegar mais leve com ele. Mas como? Daniel precisava de velocidade. Se ela ao menos conseguisse levá-lo até o carro...

— Estou orgulhoso de você, Jules — arfou Lowell Carston. — Conseguiu continuar com sua alma. Impressionante... — A última palavra sumiu com uma expiração fraca e ruidosa.

Ela ficou tentando escutar mais, mas tudo ficara em silêncio atrás dela.

Alex sobrevivera a Carston, um feito em que jamais teria apostado. Em vez de sentir o triunfo pelo qual sempre esperara, sentia-se ambivalente. Talvez o triunfo viesse mais tarde, quando o pânico que a dominava desaparecesse.

— Podemos levantá-lo? — perguntou Kevin.

— Com cuidado. Tente manter o peito dele o mais imóvel possível. Vou segurar as pernas.

Juntos, os dois ergueram Daniel com cuidado e o apoiaram na mesa. Ela examinou seu pulso mais uma vez, desejando que os batimentos cardíacos continuassem perceptíveis.

— Me dê dois segundos, Espirra — disse Kevin, começando a despir o soldado que havia caído sobre as pernas de Daniel, o que estava menos ensanguentado. — Quantos mais tem lá em cima?

Ela olhou para os rostos no chão. Achou que reconhecia o guarda mais baixo

do detector de metais.

— Pelo menos um não está aqui, com certeza. Ele estava na porta. Parecia vazio lá em cima, mas eu não vi a maioria destes caras aqui antes.

Ele já estava de calça, pondo as meias sobre os pés feridos e depois experimentando os sapatos. Eram pequenos demais. Kevin arrancou mais um par do outro soldado envenenado. Parecia um pouco grande demais, mas ele apertou os cadarços.

— Você vai ter que cortar isso para conseguir tirar depois — disse ela.

Ele abotoou a camisa branca, então jogou o casaco azul-marinho por cima, sem se preocupar com a gravata.

— Vou fazer o que for preciso quando sobrevivermos a isso. Tire o jaleco, está coberto de sangue.

— Certo — concordou ela, enfiando as armas de qualquer jeito no elástico das costas da legging. O elástico mal conseguia segurar as duas no lugar.

Alex tirou o jaleco e o largou no chão.

— Muito bem, vamos passar com essa mesa por todos esses corpos, e então você deve conseguir levá-la pelo corredor. Eu vou na frente para me livrar de quem ainda possa haver por aqui.

Em segundos, ela estava empurrando Daniel pelo corredor, caminhando rápido enquanto Kevin desaparecia na escuridão, de alguma forma correndo a toda velocidade. Então chegou à sala do detector de metais, e Kevin a estava esperando, segurando o elevador. O cômodo estava vazio. Todos deviam ter corrido para a sala de observação quando os tiros começaram. Ela se lançou para dentro do elevador.

Kevin apertou o botão enquanto as portas se fecharam em silêncio atrás dela. Alex ficou olhando fixamente para a mão direita dele no botão, sua mão dominante, e então ela foi tomada por um surto de compreensão que a fez cair em uma gargalhada delirante.

Kevin a encarou, ríspido.

— Segure a onda, Espirra.

— Não, não, olhe só, o *coração* dele, Kev. O coração dele é do lado errado... do lado *direito*. Foi por isso que o atirador errou. — Ela segurou outra risada. — Ele está vivo porque é o oposto de você.

— Calada — ordenou ele.

Ela assentiu uma vez com a cabeça, respirando fundo para se conter.

O elevador parou e se abriu para o armário de material de limpeza. A porta ao fundo estava fechada. Kevin levantou a beirada da mesa acima do degrau do elevador e, então, seguiu para a porta.

Ela esperava que ele a abrisse devagar, mas, em vez disso, Kevin usou a força, produzindo um estrondo.

— Socorro! — berrou Kevin. — Precisamos de ajuda aqui!

Então começou a correr silenciosamente. Ela ouviu passos mais altos saindo do outro cômodo e indo na direção deles — apenas um par de pés, ela tinha certeza. Empurrou Daniel fazendo o mínimo de barulho possível.

Kevin estava posicionado antes que o guarda fizesse a curva no corredor. O homem passou correndo por ele, com a arma na mão, mas abaixada, apontada para o chão. A de Kevin estava levantada. Ele atirou na nuca do guarda. O homem caiu no chão. Por garantia, Kevin deu um passo para a frente e disparou mais uma vez na cabeça dele.

O corredor era estreito demais para que conseguissem empurrar a maca. Kevin a agarrou com as duas mãos e a levantou. Alex fez o possível para ajudar, mas sabia que Kevin estava segurando a maior parte do peso. Não sabia como ele ainda conseguia fazer tanto esforço e estava com medo de que acabasse se matando.

Não havia mais nenhum guarda.

— Leve Daniel para o carro — ordenou Kevin. — Deixe eu acabar aqui.

Ninguém tentou impedi-la. Não houve um disparo sequer a partir de uma janela escurecida enquanto ela corria para o estacionamento. O céu estava completamente escuro agora. O único poste de luz perto da porta da frente formava um suave círculo amarelado na direção dos carros estacionados. Ela remexeu nos bolsos de Daniel até encontrar as chaves de Carston. Abriu o porta-malas e correu para pegar seu kit turbinado de primeiros socorros.

Ela sabia exatamente onde estava o equipamento de explosão. Supusera que levaria um tiro, ou que Kevin seria ferido, ou ainda que ambos acabariam atingidos, e se preparara para isso. Não precisava do torniquete nem da gaze coagulante, mas tinha vários curativos oclusivos que funcionariam melhor do que seus sacos plásticos. Tinha também um cobertor térmico, além de solução salina e alguns potentes antibióticos intravenosos. Balas eram sujas, e infecções seriam uma preocupação... caso ela conseguisse manter Daniel vivo por tempo suficiente.

Ela sabia que não seria capaz disso. Com o que tinha ali, conseguiria mantê-lo vivo por vinte e quatro horas no máximo. O desespero fez suas mãos tremerem enquanto ela abria os pacotes.

Então Kevin surgiu ao seu lado. Ele jogou um quadrado pesado preto e prateado no porta-malas.

— O HD com as gravações das câmeras — explicou. — Vou colocar Daniel no banco de trás.

Ela fez que sim, enchendo os braços com itens de cuidados paliativos.

Quando se posicionou no apoio de pés do banco traseiro, viu que Kevin fizera tudo certo. Daniel estava deitado sobre o lado esquerdo, a cabeça, apoiada no descanso de cabeça do motorista, que Kevin arrancara do lugar — aparentemente com violência. Ela conferiu as vias aéreas e o pulso de Daniel

mais uma vez. Ainda conseguia sentir os batimentos fracos na carótida. A cetamina ainda faria efeito por um tempo. Ele não estava sentindo nenhuma dor. Seu sistema continuaria o menos estressado possível diante das circunstâncias.

O carro começou a andar. Ela percebeu que Kevin tentava ir devagar para que ela pudesse trabalhar, mas não estava lento o bastante.

— Pare — disse ela. — Me dê um minuto para colocar as coisas no lugar.

Ele freou.

— Rápido, Espirra.

Ela levou apenas alguns segundos para trocar seus curativos improvisados pelos verdadeiros. Injetou o cateter intravenoso rapidamente e prendeu a bolsa de soro na parte de trás do banco.

— Pronto. — Ao falar, ela mal conseguiu reconhecer a própria voz. Sabia que não havia mais nada que pudesse fazer, e o desespero começava a tomar conta dela. — Pode ir.

— Não desista de mim agora, Espirradeira — resmungou Kevin. — Você é mais forte do que isso. Eu sei que você pode salvá-lo.

— Mas não há nada mais que eu possa fazer — engasgou ela. — Eu fiz tudo. Não é o suficiente.

— Ele vai sobreviver.

— Ele precisa de uma emergência bem-equipada, Kevin. Precisa de um cirurgião torácico e de uma sala de cirurgia. Não posso limpar os ferimentos dele nem entubá-lo na traseira de um maldito *carro*!

Kevin ficou em silêncio.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Alex, mas ela ainda não estava sofrendo. Sentia apenas raiva — da injustiça, das limitações da situação em que se encontravam e de si mesma, pelo fracasso final.

— Se nós o deixarmos em um pronto-socorro... — soluçou ela.

— Isso significaria entregá-lo aos nossos inimigos. Eles vão procurar nos hospitais.

— Ele vai morrer — sussurrou ela.

— Melhor isso do que acabar em uma sala como aquela da qual vocês acabaram de me tirar.

— Mas nós não acabamos de matar nossos inimigos?

— O Pace ainda está no comando, Espirra, até colocar o adesivo certo no braço. E, considerando o nível de estresse atual, ele pode simplesmente começar a fumar de novo. Se ele não morrer... mesmo sem os parceiros, o que não falta é gente sob o comando dele. O hospital está fora de questão.

Alex abaixou a cabeça, derrotada.

Os segundos passavam. Ela os marcava pela pulsação fraca, mas constante, no pescoço de Daniel. Era provável que ela devesse estar dirigindo. Não sabia como Kevin ainda estava aguentando, mas ele nem sequer parecia abalado pelo

que havia passado, não tendo diminuído em nada a velocidade, mesmo com seus múltiplos ferimentos. Ele era uma máquina. Pelo menos Daniel compartilhava da mesma constituição de ferro... Mas, no momento, encontrar qualquer desculpa para ter esperança não era uma atitude inteligente.

— Se... — começou Kevin, pensativo.

— Sim?

— Se eu conseguisse levar vocês a uma sala de cirurgia... Se eu conseguisse as coisas de que você precisa... Você seria capaz de fazer o papel de cirurgiã torácica?

— Não é a minha especialidade, mas... eu provavelmente daria conta do básico. — Ela balançou a cabeça. — Kev, como seria possível encontrarmos uma sala de cirurgia em funcionamento? Se estivéssemos em Chicago, tudo bem, talvez eu conhecesse alguém, mas...

Kevin soltou uma risada que mais pareceu um latido.

— Espirra, eu tive uma ideia.

* * *

ALEX NÃO TINHA noção de que horas eram. Talvez três da manhã, talvez quatro. Estava destruída de tão exausta, mas também ligada e agitada. A mão que segurava o sétimo copo de café tremia tanto que a superfície do líquido parecia uma tempestade marítima em miniatura. Bem, isso não era um problema. Ela não precisava mais de mãos firmes.

Joey Giancardi. Ela jamais teria pensado que sentiria tanto carinho em relação a seu velho chefe mafioso, mas naquela noite ela estava grata por conhecê-lo. Se não tivesse feito o que acabara sendo um curso intensivo de medicina de emergência com a Máfia, jamais teria conseguido tirar Daniel daquela situação. Cada capanga e gângster que ela salvara lhe dera experiência a mais, e o resultado foi que ela conseguiu ser ao mesmo tempo técnica de emergência médica e cirurgiã naquela noite. Talvez devesse enviar um cartão de agradecimento a Joey.

Passou a mão trêmula pelo cabelo e de repente se viu desejando ser fumante, como Pace. Fumantes sempre pareciam muito serenos com um cigarro na mão. Ela precisava de algo para acalmá-la, para tranquilizar seu coração agitado, mas o único conforto físico que conseguia encontrar era o copo de café preto forte que segurava, e ele não estava exatamente ajudando a relaxar.

O Dr. Volkstaff roncava sobre um sofá detonado espremido entre dois armários encostados na parede dos fundos de seu local de trabalho. Ele havia sido surpreendentemente competente, apesar da idade e especialidade. Os dois tinham precisado improvisar muitas das coisas de que necessitaram para a cirurgia, mas ele era criativo e conhecia suas ferramentas, e ela estava inspirada

pelo desespero. Juntos, os dois haviam formado uma equipe incrível. Tinham conseguido até mesmo montar uma válvula de Heimlich improvisada que parecia funcionar perfeitamente. O bipe suave do monitor cardíaco de Daniel era o som mais tranquilizador que ela já ouvira. Não que esse ruído pudesse ter qualquer efeito sobre a superestimulação cafeinada de seu sistema nervoso. Sem pensar, ela tomou mais um gole de café.

A cor de Daniel estava boa, sua respiração, constante. Aparentemente, ele de fato compartilhava de algumas características físicas de Kevin. Havia sido projetado para sobreviver. O Dr. Volkstaff dissera que nunca tinha visto um procedimento mais tranquilo, e o médico já lidara com muitos ferimentos pulmonares ao longo da vida, embora em geral se tratasse de perfurações. Era possível que Daniel saísse dali no dia seguinte caminhando.

Alex colocou o copo sobre o balcão com cuidado e cerrou as mãos trêmulas enquanto voltava para sentar no banquinho ao lado da cama de Daniel. Na verdade, o leito era formado por duas mesas de cirurgia juntas. Nada ali era grande o suficiente para ele.

Depois de um instante, ela encostou a cabeça no colchonete fino coberto de plástico e fechou os olhos.

Pensou no que eles tinham feito ao longo da noite, nos acontecimentos que quase haviam custado a vida de Daniel.

Deavers e Carston estavam mortos. Talvez não houvesse outra pessoa viva — além de Wade Pace — que soubesse de sua existência. E as horas dele estavam contadas. Pelo menos era o que ela esperava.

Kevin roncava no chão, usando uma velha cama de cachorro como travesseiro. Ela lhe dera a maior dose de analgésicos que ele poderia tomar sem riscos, e Volkstaff limpara seus ferimentos depois que Daniel estava a salvo. Dormir era a melhor coisa para Kevin agora.

A essa altura, Val devia ter deixado Livvy no centro de atendimento de emergência — escolhido pela ausência de câmeras externas — com um bilhete de desculpas de Alex mal-escrito e manchado de lágrimas. Ela se perguntou com que afinco a polícia continuaria procurando pelo sequestrador. Livvy estava ilesa, sem qualquer lembrança do período que passou afastada de Erin. A polícia de Washington não devia ter muito tempo para ir atrás de uma mãe enlouquecida que achara que a menininha era idêntica a uma versão mais velha da própria filha, roubada dois anos antes por um pai distante. Era provável que houvesse vários casos de crianças desaparecidas que coincidiam com as informações soltas que ela fornecera. Isso manteria as autoridades concentradas na direção errada. Talvez relacionassem o sequestro de Livvy à morte do avô dela no mesmo dia, mas isso provavelmente não aconteceria. Havia uma cornucópia totalmente separada de motivos ligados à morte violenta de Carston. A convergência das histórias pareceria nada mais do que uma terrível coincidência.

Os poderes ocultos, as pessoas que mexiam os pauzinhos das marionetes, *teriam* de encobrir tudo. Um fato se destacaria para esses indivíduos: o segundo no comando da CIA e o diretor de um programa de operações confidenciais que não deveria existir haviam matado um ao outro, além de um punhado de soldados americanos. Era provável que os manipuladores de marionetes demolissem todo o complexo antes de terem tempo sequer de compreender as provas existentes lá. Classificariam o ocorrido como um terrível acidente, um desmoronamento provocado por uma falha estrutural, que pena.

Ela pensou nas últimas coisas que Kevin lhe dissera antes de capotar.

— Você vai conseguir, Espirra. Eu sei que vai salvar a vida dele. Porque você precisa fazer isso. E depois todos estaremos seguros. Isso não vai voltar a acontecer com Danny, então *faça ele sair dessa*.

Alex se perguntou se ele realmente tinha tanta confiança assim nela ou se estava apenas tentando evitar que ela entrasse em pânico. Mas ele teria se permitido dormir se não acreditasse nas próprias palavras?

— Alex?

Ela virou a cabeça tão rápido que o banquinho com rodas onde estava sentada andou alguns centímetros. Levantou-se de um salto e se inclinou sobre Daniel, segurando a mão que se mexia na direção da dela.

— Eu estou bem aqui.

Ela olhou para o cateter na mão dele. A cetamina devia ter saído do sistema dele, mas Daniel ainda estava recebendo um analgésico intravenoso que o impediria de sentir muito desconforto.

— Onde estamos?

— A salvo, por enquanto.

Os olhos de Daniel se abriram lentamente. Levaram um instante para encontrá-la e mais um momento para focar.

Fazia pelo menos duas ou três horas que ela sabia com certeza que ele voltaria a abrir os olhos, mas o conhecido cinza-esverdeado quase a deixou sem fôlego. Sentiu as lágrimas vindo à tona.

— Você se machucou? — perguntou ele.

Ela fungou.

— Nem um arranhão.

Daniel sorriu ligeiramente.

— Kevin? — perguntou ele.

— Está ótimo. É dele o ronco que você está escutando, não é uma serra elétrica.

Os cantos da boca de Daniel baixaram quando ele fechou os olhos novamente.

— Não se preocupe com seu irmão. Ele vai ficar bem.

— Ele parecia... muito mal.

— Ele é mais durão do que qualquer pessoa deveria ser... Tipo você.

— Desculpe. — Ele suspirou. — Levei um tiro.

— É, eu notei.

— O Carston pegou a arma do cara ao meu lado quando o Deavers apontou uma arma para ele — explicou, abrindo as pálpebras apenas alguns milímetros. — Ele se mexia rápido para um cara de meia-idade. Os dois estavam gritando um com o outro, mas todos os soldados estavam do lado do Deavers.

Alex assentiu.

— Eram gente dele.

— O Deavers deu a ordem, e um deles atirou no Carston e depois em mim. O Carston caiu de joelhos, mas começou a atirar. Como eu não tinha uma arma, agarrei os tornozelos das pessoas que estavam perto de mim com o seu anel.

— Você fez bem.

— Eu queria uma arma, mas os dois caras que eu peguei caíram em cima de mim. Não consegui levantá-los. Meus braços não estavam funcionando direito.

— O que estava caído sobre o seu peito provavelmente salvou a sua vida, na verdade. Ele manteve o seu ferimento coberto até eu chegar lá.

Daniel piscou os olhos e os abriu mais uma vez.

— Eu pensei que fosse morrer.

Alex precisou engolir em seco.

— Sinceramente, também achei isso por um tempo.

— Eu queria aguentar até você chegar lá. Queria dizer algumas coisas para você. Foi horrível quando eu soube que não iria conseguir.

Ela acariciou o rosto dele.

— Está tudo bem. Você conseguiu. Você aguentou.

A sensação de conforto se tornara mais costumeira para ela ultimamente. Havia mudado muito desde que conhecera Daniel.

— Eu só queria que você soubesse que não me arrependo de nada. Sou grato por cada segundo que tive com você... até mesmo os ruins. Eu não teria perdido isso, Alex, por nada.

Ela apoiou a testa na testa dele.

— Eu também não.

Os dois permaneceram imóveis por um longo instante. Ela ficou ouvindo o som da respiração dele, o bipe constante dos monitores e os roncos altos de Kevin ao fundo.

— Eu te amo — murmurou Daniel.

Ela deu uma risada. Um som rápido e agitado que combinou com os tremores em suas mãos.

— É. Acho que eu já tinha me dado conta disso. Levei um bom tempo, não é mesmo? Mas, de qualquer maneira, eu também te amo.

— Enfim falamos a mesma língua. — Ela riu mais uma vez. — Você está tremendo — disse ele.

— Tomei muita cafeína. Preciso me desintoxicar.

Na rua, ainda reinava o silêncio da madrugada, portanto foi fácil identificar o barulho de um carro parando nos fundos do prédio. Alex se surpreendeu com a leveza da reação de seus nervos. Percebeu que não lhe sobrava muita coisa. Enquanto se endireitava e liberava as mãos, tudo o que sentiu foi cansaço. Pegou a arma das costas.

— Só espero que seja Val — murmurou ela.

— Alex... — sussurrou Daniel.

— Não se mexa nem um centímetro, Daniel Beach — sussurrou ela em resposta. — Passei muito tempo consertando seu corpo para você sair estragando agora. Só estou sendo cuidadosa. Volto em um instante.

Ela se apressou até a porta dos fundos e espiou pelo lado da cortininha. Era o carro que estava esperando (o Jaguar verde feioso), com Val no banco do motorista. Viu Einstein de pé no lado do carona.

Alex sabia que devia estar sentindo algo mais por saber que tudo havia terminado, que quase todas as pontas soltas estavam resolvidas. Deveria estar exultante, aliviada, grata, talvez até derramando lágrimas de alegria. Mas seu corpo estava completamente acabado. Depois que o efeito do café passasse, ela ficaria em estado de coma.

— É Val, como imaginei — disse ela a Daniel baixinho enquanto deixava a arma na beirada da cama improvisada.

— Sua cara é de quem está prestes a desmaiar.

— Em breve — concordou ela. — Ainda não.

— Alex? — chamou Val com cautela ao passar pela porta.

— Sim.

Einstein entrou saltando na sala, o rabo indo de um lado para outro à procura de Kevin. Ele fez uma pausa e ganiu baixinho quando encontrou o dono no chão. Inclinou a cabeça e, em seguida, deu duas lambidas no rosto de Kevin, cujo ronco saiu entrecortado.

Alex esperava que Einstein se enroscasse ao lado do melhor amigo, mas, abanando o rabo, o cachorro se virou e correu para ela. Saltou e colocou as duas patas em seus quadris para lamber seu rosto. Ela precisou se segurar na cama de Daniel para não ser derrubada.

— Cuidado, Einstein.

Ele soltou um latido baixinho, como se estivesse respondendo. Então voltou a ficar sobre as quatro patas e trotou até Kevin, aninhando-se ao lado dele e lambendo seu pescoço sem parar.

Alex ficou chocada quando Kevin falou. As substâncias que tinha dado a ele deviam mantê-lo apagado por... Bom, ela não sabia exatamente quanto tempo fazia. Seu cérebro estava exausto demais para conseguir fazer uma soma simples.

— Oi, cara, oi — disse ele, no tom de sempre: alto demais. A voz parecia impossivelmente vigorosa para alguém cujo corpo devia estar tão dolorido. — Você sentiu saudade? Bom garoto. Você contou a eles o que tinha acontecido. Eu sabia que faria isso.

— Kev? — chamou Daniel.

Alex pôs a mão firme na testa dele quando Daniel se mexeu como se quisesse se levantar.

— Danny? — disse Kevin, quase gritando.

Volkstaff roncou e virou de lado.

Kevin se levantou, encolhendo-se de dor.

— Acho que você não deveria se mexer... — começou Alex. Como ele a ignorou completamente, ela pediu: — Ei, pelo menos não fique de pé!

— Eu estou bem — resmungou Kevin.

— Você é um idiota — disse Val, ríspida. — Apenas fique parado por dois segundos.

Val não estava mais usando a coisa tipo sári de alta-costura de vanguarda, que trocara por uma calça de moletom e uma camiseta. Saiu por uma porta que tinha a inscrição SALA DE ESPERA. Kevin ficou esperando, intrigado, ajoelhado no linóleo com uma das mãos na parede. Ela voltou quase de imediato, empurrando uma cadeira de escritório com rodinhas, a expressão furiosa. Se Alex ainda tivesse alguma energia, teria suspirado de inveja. Val estava ridiculamente linda para alguém de rabo de cavalo, sem maquiagem e que não havia dormido mais do que qualquer um dos presentes na sala.

— Tenho quase certeza de que não tem cadeira de rodas aqui, mas isso deve servir por enquanto — disse Val. — Sente. — Embora sua voz parecesse profundamente irritada, ela ofereceu as duas mãos para puxá-lo. Kevin assoviou e cambaleou quando as solas dos pés tocaram o chão, mas, assim que sentou, começou a tentar usá-los para empurrar a si mesmo para mais perto de Daniel. — Argh, pare com isso — reclamou a loura.

Ela empurrou a cadeira para o outro lado da sala enquanto Kevin mantinha os pés a pouco centímetros do chão. Val parou quando Kevin chegou ao lado de Alex, que foi um pouco para o lado para abrir espaço.

Kevin observou em choque os olhos abertos e a cor boa de Daniel. Com cuidado, mexeu no cabelo do irmão, claramente com medo de tocar em qualquer outra parte dele.

— Parece que a sua mulher-veneno conseguiu — disse Kevin com a voz rouca. — Mas não sei direito o que dizer sobre essa história de sueco careca.

— Ideia da Val.

Kevin assentiu distraidamente por um instante.

— Você não deveria ter ido atrás de mim. Eu não queria que você fizesse isso.

— Você teria feito isso por mim.

— É diferente. — Ele balançou a cabeça quando Daniel começou a protestar. — Mas você vai ficar bem?

Kevin olhou para Alex atrás da resposta.

Ela expirou pelo nariz e fez que sim.

— Parece que ele vai ficar completamente bom. Não sei o que há com vocês dois. Tem certeza de que a mãe de vocês não passou uma noite com um super-humano modificado geneticamente?

Quando a mão de Kevin foi na direção dela, o primeiro instinto de Alex foi achar que havia ultrapassado o limite com o comentário sobre a mãe. Mas, antes que ela pudesse se preparar para o golpe, Kevin a agarrou de qualquer jeito e a puxou para um abraço caloroso e atrapalhado. Ela se pegou meio no colo dele, com os braços apertados embaixo dos dele, e não houve nada que pudesse fazer quando ele decidiu lhe dar um beijo bem na boca com um *smack* barulhento e molhado.

— Ei! — protestou Daniel. — Tire essa boca de cima da minha mulher-veneno!

Alex virou a cabeça, finalmente voltando a sentir alguma coisa: náusea.

— Argh, *saia* de cima de mim, seu psicopata.

Ela ouviu Val dando risada.

Kevin conseguiu dar um giro completo na cadeira.

— Você é um gênio, Espirra. Não acredito que tenha conseguido.

— Vá agarrar o Volkstaff. Ele fez metade do trabalho.

Kevin não a soltava. Era como se nem tivesse percebido que ela estava tentando (violentamente) se desvencilhar.

— Que desempenho! Não *acredito* que você simplesmente entrou lá e me soltou! Nunca mais me diga que você não é da área de operações confidenciais... Querida, você é o que as operações confidenciais *sonham* em ser!

Einstein ganiu, e Alex sentiu a mandíbula do cachorro se fechando levemente ao redor do pulso dela. Ele a puxou, tentando ajudá-la a escapar. Kevin não pareceu perceber o movimento.

Ela sabia onde estavam os piores ferimentos de Kevin. Se fosse preciso, usaria esse conhecimento em breve.

— Me solte!

— Kevin — disse Daniel, a voz tranquila, mas fria. — Se você não soltar a Alex agora, vou atirar em você com a arma dela.

Kevin enfim deixou os braços caírem. Ela se libertou, e os dois se viraram para Daniel, ansiosos.

— Não se mexa — disseram em uníssono.

Alex voltou a respirar quando viu que Daniel não havia de fato tentado pegar a arma.

— Volkstaff? — perguntou Daniel. — Eu conheço esse nome... Onde nós

estamos?

— Você se lembra do Dr. Volkstaff — disse Kevin. — Ele salvou a vida do meu melhor amigo no quinto ano depois que ele ficou preso na armadilha para urso. Você não pode ter se esquecido disso.

Daniel piscou.

— O Tommy Velasquez ficou preso em uma armadilha para urso? — perguntou, espantado.

Kevin sorriu.

— O Tommy não era meu melhor amigo. — Ele acariciou a cabeça de Einstein, e o cachorro esfregou a cara na perna do dono, ainda delirando de alegria.

— Espere... *Volkstaff*? — repetiu Daniel, finalmente juntando as informações. — Você me trouxe para o *veterinário*?

Alex pôs uma mão na testa dele.

— Shhh. Foi o lugar certo. O Volkstaff é um astro do rock. Ele salvou a sua vida.

— Ora, ora — interrompeu a voz áspera de Volkstaff. — Eu fui apenas o assistente, Dra. Alex. Não tente me dar o crédito por salvar Danny. — O veterinário estava sentado no sofá, ajeitando os tufos desgrenhados de cabelo branco que formavam uma auréola ao redor de sua cabeça. Isso fez Alex pensar em Barnaby, e ela se deu conta do motivo pelo qual se sentira tão confortável trabalhando com o amistoso senhor que parecia continuar muito dedicado à família Beach. — Foi uma honra trabalhar ao seu lado, doutora — continuou Volkstaff, caminhando na direção deles. Agora parecia fragilizado pela idade, mas não demonstrara qualquer fraqueza durante a longa noite. Ele sorriu para Daniel. — Que bom vê-lo acordado, filho. — Diminuiu o tom de voz até um sussurro fingido. — Você encontrou uma vencedora, garoto. Não estrague as coisas com ela.

— Ah, eu sei disso, senhor.

Alex franziu a testa. Ela não dissera nada sobre seus sentimentos em relação a Daniel, e Daniel estava inconsciente. Como eles podiam ser sempre tão óbvios?

Volkstaff se virou.

— Que pastor maravilhoso. Este não pode ser o Einstein, pode? Faz muitos anos.

— É o neto dele, na verdade — informou Kevin.

— Que coisa incrível! — O veterinário se abaixou para acariciar a orelha do cachorro. — Que beleza. — Einstein lambeu sua mão. Estava cheio de boa vontade em relação à humanidade naquela noite. — Agora, Kevin — disse Volkstaff, endireitando-se. — Você quer voltar a andar? Porque, se quiser, vai precisar manter esses pés elevados, e todos vocês precisam descansar. Não ouse me olhar desse jeito, rapaz. Você pode usar o meu sofá ali. Ahn, senhorita... —

Volkstaff arregalou um pouco os olhos ao reparar em Val pela primeira vez.

Alex havia dito que o quarto integrante do grupo apareceria mais tarde, mas ele claramente não esperara uma modelo digna da Victoria's Secret.

— O senhor pode me chamar de Valentine — ronronou Val.

— Ah, sim, obrigado. Srta. Valentine, pode empurrar o Kevin até o sofá e ajudá-lo a deitar? Exatamente... obrigado.

Alex observou, sentindo-se novamente anestesiada, com a cabeça desconectada de todas as outras partes do corpo, enquanto Val meio que empurrava Kevin da cadeira para o sofá. Ela estava com a expressão irritada, as mãos duras, mas Alex a viu abaixar-se de repente para beijar a testa dele.

— E você, doutora... — Alex se virou devagar para olhar para Volkstaff. — Há mais sofás na sala de espera. Vá usar um deles. É uma ordem.

Ela hesitou, balançando no lugar, olhando para Daniel.

— Eeeei, vocês dois — disse Val enquanto atravessava a sala. — Durma antes de desmaiar, Alex. Eu dormi algumas horas. Vou ficar de olho nele.

— Se *qualquer coisa* mudar nos monitores dele, a menor variação...

— Eu arrasto você de volta para cá por esse seu cabelo melhorado — prometeu a loura.

Alex se abaixou e deu um beijo suave em Daniel.

— Volkstaff e eu tivemos muito trabalho para remendar você — murmurou ela contra os lábios dele. — Não estrague o nosso trabalho.

Os lábios dele roçaram nos dela ao falar.

— Eu não sonharia em fazer isso. Seja uma boa garota e durma um pouco, como o nosso velho veterinário de família mandou.

— Para sua informação, eu estou no ápice da minha vida — protestou Volkstaff.

— Vamos lá — disse Val, de repente bem no ouvido de Alex. — Vamos enquanto você ainda consegue caminhar. Tenho certeza de que consigo carregar você, mas não *quero* fazer isso.

Alex deixou Val guiá-la pelo corredor escuro, concentrando-se em mover os pés e nada mais. Ao seu redor, não havia nada além de um borrão escuro. Val precisou abaixá-la até o sofá, mas Alex tinha certeza de que teria ficado igualmente feliz no chão. A inconsciência tomou conta dela enquanto ainda estava caindo.

CAPÍTULO 32

Foi uma manhã estranha.

Para Alex, foi também uma manhã que começou muito tarde. O hospital veterinário estava vazio e tranquilo, e ninguém a perturbou. Ela soube depois que Volkstaff havia ligado para a equipe, cancelado todas as consultas e colocado um cartaz na porta que dizia FECHADO POR EMERGÊNCIA FAMILIAR.

Era um lugar curioso para se sentir tão segura — um local desconhecido, onde ela não preparara qualquer armadilha ou defesa.

Mas as coisas tinham mudado. Na realidade, ela pensara em simplesmente resgatar Kevin, mas o que eles haviam feito na noite anterior também modificara de modo significativo a posição em que estavam.

Kevin acordou com a energia de sempre, apesar de estar mais uma vez preso à cadeira de escritório, com os pés enfaixados com gaze levantados no banquinho com rodas. Assim que viu Alex, Val desapareceu e foi dormir no sofá. Daniel estava de olhos fechados para ignorar o irmão, mas "acordou" depressa quando ouviu a voz de Alex. Aparentemente, Volkstaff saíra para almoçar. Os outros deixaram bagel e cream cheese para ela.

Assim que terminou de examinar Daniel — que estava se recuperando mais rápido do que qualquer um que não tivesse trabalhado com Kevin Beach poderia acreditar —, Alex pegou o café da manhã e o jornal que Volkstaff comprara junto com os bagels. Leu furiosamente enquanto comia. Eles estavam na primeira página, embora apenas as pessoas naquela sala soubessem desse fato.

— Isso tudo parece um anticlímax, Espirra — reclamou Kevin, usando uma vassoura para empurrar a cadeira em círculos ao redor da sala. — Teria sido muito mais divertido atirar nele.

A grande manchete do dia era o aneurisma fatal de Wade Pace. Os jornalistas mal haviam feito um minuto de silêncio antes de começar a tentar adivinhar qual seria a estratégia do presidente Howland para encontrar seu novo candidato a vice.

— Bem, você atirou no Deavers.

— Mas eu estava estressado demais a respeito do Danny para aproveitar o momento — divagou ele.

Kevin havia sido conciso em sua explicação de como Deavers conseguira se adiantar a ele. Alex percebeu que ele estava envergonhado, mas o episódio não afetara sua opinião sobre Kevin. Como qualquer um poderia ter se preparado para os extremos a que Deavers chegara, impulsionado pela paranoia? Mais de

quarenta homens, posicionados em três perímetros, um deles a quase dois quilômetros de onde o patrão se encontrava. Quando Deavers apertara o botão do pânico, o sistema de segurança entrara em colapso. Kevin havia afirmado que, se não tivesse ignorado seu instinto de levar um lançador de foguetes, teria conseguido escapar.

No jornal, não havia mais nenhuma informação sobre o caso. Nada a respeito de um violento tiroteio em um bunker subterrâneo nos arredores da cidade. Nenhuma palavra sobre um diretor adjunto da CIA desaparecido. Nenhuma menção a Carston, nem mesmo ao sequestro relativamente público da neta dele. Talvez no noticiário do dia seguinte.

Kevin achava que não.

— Vai ser uma explosão de tubulação de gás ou coisa parecida. A verdadeira história vai ser enterrada tão fundo que é provável que declarem que Jackie Kennedy foi a autora dos disparos em Dallas antes de qualquer coisa ser divulgada.

Ele provavelmente tinha razão.

Claro que eles não poderiam ter cem por cento de certeza, e continuariam se comportando com cautela, mas a pressão havia diminuído significativamente. Alex sabia que sentiria a leveza como uma camada de hélio sob sua pele se algum dia conseguisse se convencer da própria sorte.

Depois do almoço, Volkstaff retirou os pontos da orelha de Alex e elogiou a mão firme de Daniel quando ela deu os créditos a ele. Alex ficou espantada pelo fato de aquele senhor de cabelo branco estar levando tudo na esportiva. Nenhum deles havia tentado explicar os ferimentos estranhos nem inventar uma desculpa, mas Volkstaff não perguntou nada e não demonstrou qualquer curiosidade. Não fez nenhum comentário sobre o fato de que Kevin teria supostamente morrido na prisão, embora, pelo jeito — Daniel informou a ela em um sussurro —, o veterinário tivesse ido ao funeral. Ele perguntou apenas por velhos conhecidos da época em que os gêmeos eram crianças, mais especificamente sobre animais que eles haviam conhecido juntos. Embora tivesse acabado de aprender a identificar o amor, Alex achou que talvez estivesse se apaixonando um pouco por Volkstaff também.

Ainda assim, o grupo não poderia morar no hospital veterinário para sempre. Volkstaff tinha outros pacientes. Depois de alguns minutos discutindo as opções, Val surpreendeu Alex ao se oferecer para abrigá-los novamente na cobertura suntuosa, agora que era seguro fazer isso. Mediante um pagamento, claro. Kevin pareceu o mais chocado com a oferta.

— Não deixe isso subir à cabeça — disse a loura a ele. — Eu quero o cachorro. E eu *gosto* da Alex e do Danny. Quase tanto quanto não suporto você.

Então ela o beijou. Por tempo suficiente para que todos se sentissem desconfortáveis. Volkstaff se virou de costas educadamente, mas Alex ficou

olhando fixo na direção dos dois. Ela jamais compreenderia o que Val via em Kevin.

* * *

— ENTÃÃÃÃO... — KEVIN COMEÇOU.

Alex parou a arrumação e se virou; ainda não estava exatamente fazendo as malas. Kevin estava parado na porta do quarto que Alex e Daniel sempre haviam dividido na casa de Val, o braço esquerdo no batente. Por um instante, Alex sentiu uma inveja irrelevante de pessoas altas de um modo geral. Não era uma sensação incomum agora que vivia cercada por gigantes. Tirou o pensamento da cabeça.

— Então o quê?

— Então, como foi a consulta hoje? O que você e o Volkstaff concluíram?

Ele não precisou perguntar onde o irmão estava: o volume normal da cantoria de Daniel no chuveiro o teria encrencado se houvesse moradores mais perto. A fase Bon Jovi ainda não havia passado. No momento, ele gostava especialmente de "Shot Through the Heart". Alex não achava muito engraçado o fato de que a música falava sobre um tiro no coração, mas tentava não ficar irritada.

— O veterinário acha que Daniel já pode receber alta. Eu concordo. Vocês são uma raça encantada. — Alex balançou a cabeça, ainda um pouco incrédula com a rapidez e a eficiência com que Daniel se recuperara. — Além disso, ele quer dar uma olhada nos seus pés.

Kevin fez uma careta.

— Meus pés estão ótimos.

— Não mate o mensageiro. E estou falando isso literalmente.

Kevin desfez a careta e voltou a exibir sua expressão normal, mas continuou parado na porta, encarando-a.

— Entãããão...? — repetiu ela.

— Então... vocês têm alguma ideia de para onde vão agora?

Alex deu de ombros, sem querer se comprometer.

— Nada muito específico ainda.

Como uma covarde, ela se virou novamente para sua mochila de viagem desbotada e examinou seus elementos químicos mais uma vez, conferindo se todos estavam protegidos contra solavancos. Admitiu para si mesma que talvez tivesse exagerado um pouco na organização. Era provável que as substâncias não precisassem estar em ordem alfabética. Mas ela tinha muito tempo livre agora. Além de navegar na internet atrás de possíveis novidades, não havia muito o que fazer. Daniel não queria ser examinado mais do que quatro vezes por dia.

— Você conversou com o Danny sobre isso?

Ela assentiu, ainda virada de costas para ele.

— Ele diz que qualquer lugar que eu escolher está bom para ele.

— Ele está planejando ir com você, imagino.

A voz de Kevin parecia casual, mas Alex sabia que ele devia estar se esforçando para mantê-la assim.

— Eu não falei sobre isso com ele, mas, sim, parece ser o caso.

Kevin não disse nada por um instante, e ela realmente não tinha mais nada a fazer com a mala. Virou-se devagar para encará-lo.

— É — disse ele. — Imaginei que as coisas fossem para esse lado.

A expressão dele estava indiferente. Apenas seus olhos revelavam a profundidade da dor que sentia.

Ela não queria contar toda a história, mas se sentiu culpada de não dizer nada.

— Se isso faz você se sentir melhor, ele também parece supor que você estará junto.

As sobrancelhas de Kevin abandonaram a posição contraída de costume.

— É mesmo?

— É. Não acho que ele tenha imaginado mais uma separação a esta altura.

Kevin inclinou o queixo.

— Entendo isso. O garoto passou por muita coisa.

— Ele está se recuperando muito bem.

— Verdade. Mas não é bom traumatizá-lo de novo. Não quero que ele regrida.

Alex sabia aonde Kevin estava indo com aquela conversa. Conteve ao mesmo tempo um suspiro e um sorriso, mantendo a expressão neutra.

— É verdade — disse, em seu tom profissional. — Talvez seja melhor manter o ambiente o mais estável possível, além de todas as mudanças inevitáveis.

Kevin não conteve o suspiro *dele*. Expirou longamente e cruzou os braços.

— É provável que seja uma situação bem chata, mas acho que consigo ficar por perto até ele estar adaptado.

Alex não conseguiu resistir em avançar só um pouquinho.

— Tenho certeza de que ele não iria querer que você fizesse um esforço muito grande. Ele vai sobreviver.

— Não, não. Eu devo a ele. Vou fazer o que for preciso.

— Ele vai gostar disso.

Kevin a encarou por um longo instante, a expressão sincera e, então, subitamente tímida. O momento passou, e ele sorriu.

— Qual é mais ou menos a região em que você está pensando? — perguntou.

— Eu estava pensando talvez no sudoeste, ou nas Montanhas Rochosas. Uma cidade de tamanho médio, uma casa no subúrbio. O de sempre.

Não havia ninguém procurando por eles, até onde sabiam, mas Alex sempre gostava de primar pela segurança, por garantia. De qualquer maneira, precisaria usar um nome falso: Juliana Fortis estava legalmente morta.

A cantoria de Daniel parou e depois recomeçou, abafada por uma toalha.

— Sei de uma cidade que pode funcionar.

Alex balançou a cabeça lentamente. Era provável que Kevin já tivesse alugado uma casa e conseguido novas identidades. Ela escolheria o próprio nome, não importava o que ele tivesse feito.

— Claro que sim.

— O que você acha do Colorado?

EPÍLOGO

Adam Kopecky arrumou os arquivos do dia em cima da mesa e pegou o telefone já com um sorriso nos lábios. Ele tinha o melhor emprego do mundo.

Trabalhar como produtor assistente de um reality show de estrada de um chef famoso poderia significar muitas coisas, mas, para Adam, isso queria dizer horários flexíveis, uma salinha tranquila e um fluxo de positividade quase constante.

Era encarregado de gerenciar as visitas aos diversos restaurantes familiares que seu chef apresentaria no programa. Embora às vezes tivesse inveja de Bess e Neil, que passavam o tempo todo na estrada experimentando a comida de todos os lugares escondidos que encontravam, ele acreditava estar fazendo o que era mais adequado ao seu temperamento. Além disso, Bess e Neil precisavam comer muita porcaria para encontrar os diamantes brutos, e Neil havia engordado pelo menos dez quilos na temporada anterior do programa. Adam improvisara uma mesa alta para ser obrigado a trabalhar de pé, de forma que suas atividades mais sedentárias não afetassem seu peso. Além disso, por necessidade, não se sabia quem eram Bess e Neil, para que ninguém ficasse especialmente empolgado ao receber um telefonema ou uma visita deles.

A tarde de quinta-feira era a preferida de Adam. Era quando ele ligava para os escolhidos.

O programa iria para a região de Denver em um mês, e os sortudos vencedores eram uma churrascaria em Lakewood, uma padaria bem no centro e, por fim, o forasteiro, um bar e restaurante que ficava mais perto de Boulder do que de Denver. Adam havia se mostrado cético, mas Bess insistira que o Refúgio seria o ponto alto do episódio. Se possível, a equipe deveria ir até lá em uma noite de sexta-feira. O lugar era um ponto de karaokê. Adam detestava karaokê, mas Bess tinha sido persistente.

— Não é o que você está pensando, Adam — prometera ela. — Esse lugar é tão *cool* que o chef vai precisar de uma jaqueta. Do lado de fora o restaurante não parece nada de mais, mas o estilo está lá. Aquele *je ne se quoi* e tudo o mais. Além disso, os proprietários são realmente prontos para a câmera. O nome do cozinheiro é Nathaniel Weeks. Então, *tudo bem*, deixe eu dizer. Detesto admitir estar sendo pouco profissional, mas eu me insinuei. Não recebi nenhuma resposta. A garçonete me disse que ele era casado. Os bons são sempre comprometidos, né? Mas parece que ele tem um irmão. Ele é segurança no bar à noite. Talvez eu vá junto com o chef dessa vez.

Ela havia tirado um monte de fotos com seu iPhone. Como dissera, o lado de fora era bem sem graça. Poderia ser qualquer lugar no oeste. Rústico, cheio de madeira, com jeito de *saloon*. A maioria das outras fotos era de pratos de comida que pareciam ter estilo demais para um lugar tão banal. Algumas das outras fotos eram do cozinheiro de quem ela gostara tanto — alto, barba cheia, cabelo cacheado espesso. Adam não o achou especialmente atraente, mas talvez Bess gostasse do estilo lenhador. Havia uma mulher baixinha de cabelo curto e escuro ao fundo de muitas das fotos, mas ela nunca olhava para a câmera... Talvez fosse a mulher do chef. Adam tinha os nomes de todos os proprietários pela licença para venda de bebidas alcoólicas. Como Nathaniel Weeks era o chef, Kenneth devia ser o irmão segurança e Ellis, a esposa.

Adam continuava hesitante, mas o Refúgio também havia recebido a aprovação entusiasmada de Neil. Era a melhor comida que ele experimentara nas três temporadas do programa.

Havia sempre dois locais de reserva — uma cafeteria na Parker e um lugar que só servia café da manhã em Littleton estavam na lista —, mas Adam muito raramente precisava contatar as alternativas. O programa tinha um histórico de incrementar o movimento dos restaurantes em um percentual bem alto durante dois meses depois de um episódio ir ao ar, com uma melhora contínua pelo restante do ano. Havia inclusive um bando de tietes que tentavam seguir o chef e comer em todos os lugares apresentados por ele. O chef sempre elogiava os restaurantes, e o programa quase sempre atraía perto de um milhão de telespectadores todas as noites de domingo. Era a melhor propaganda do mundo, e de graça.

Então, Adam estava preparado para a reação da churrascaria de Lakewood, a Whistle Pig. Assim que ele disse o nome do programa, a proprietária começou a gritar. Adam achou inclusive que escutou os pés dela batendo no chão enquanto ela pulava. Era como aparecer na porta da casa de alguém com um daqueles caminhões de prêmios de programa de auditório.

Depois que a proprietária se acalmou, Adam repassou a lenga-lenga de sempre, acertando a data, passando as informações de contato necessárias, preparando-a para o tipo de acesso que o programa precisaria ter etc. Durante toda a conversa, ela continuou a agradecer a Adam e, de vez em quando, a gritar a boa notícia para alguém que tivesse acabado de chegar.

Adam fizera a mesma ligação mais de oitocentas vezes, mas sempre terminava sorrindo e se sentindo como o Papai Noel.

O telefonema para a padaria foi parecido, mas, em vez de gritar, a confeiteira-chefe teve um acesso de riso contagiante que fez com que ele acabasse rindo junto. Essa chamada levou mais tempo do que a primeira, mas no fim Adam acabou se recompondo, mesmo que a confeiteira não tenha sido capaz de se conter.

Adam havia deixado o Refúgio por último, sabendo que um karaokê de sexta-feira seria algo um pouco mais complicado de produzir. Ele achava que o local seria muito diferente do que o programa costumava apresentar, mas imaginou que poderiam fazer algumas imagens tanto das refeições quanto das apresentações, e depois editar para ver o que funcionaria.

— Refúgio — atendeu uma voz feminina. — Em que posso ajudar?

Ao fundo, Adam conseguia ouvir os ruídos esperados: louças sendo guardadas, coisas sendo picadas e o murmúrio de algumas conversas mais baixas por conta do telefonema. Logo, logo as vozes se elevariam novamente.

— Olá — cumprimentou Adam em um tom alegre. — Posso falar com a Sra. Weeks... Sra. Ellis Weeks... ou com algum dos Srs. Weeks?

— Aqui é a Sra. Weeks.

— Ótimo. Oi. Meu nome é Adam Kopecky, e eu estou ligando em nome do programa *A grande viagem da comida americana*.

Ele ficou esperando. Às vezes, demorava um tempo até que a informação fosse assimilada. Ele se perguntou se a Sra. Weeks era uma gritadora ou uma arfadora. Talvez uma choradora.

— Sim — respondeu ela, com um tom indiferente. — Em que posso ajudá-lo?

Adam soltou uma risada meio constrangida. Acontecia às vezes. Nem todo mundo conhecia o programa, embora tivesse se tornado bem famoso.

— Bem, somos um reality show focado em gastronomia que segue os caminhos do chef...

— Sim, eu conheço o programa. — Havia um tom de impaciência na voz agora. — E em que posso ajudá-lo?

Adam ficou um pouco intrigado. Havia uma estranha desconfiança na reação da mulher, como se ela estivesse achando que se tratasse de um golpe. Ou talvez coisa pior. Ele não conseguiu entender direito.

Apressou-se para esclarecer.

— Estou ligando porque o Refúgio foi escolhido para participar do nosso programa. Nossos espiões... — Ele deu uma risadinha — ... voltaram empolgadíssimos com o cardápio e o entretenimento oferecidos por vocês. Ficamos sabendo que vocês se tornaram um lugar bem famoso na região. Adoraríamos fazer o perfil do restaurante. Divulgá-lo a quem ainda não tenha ouvido falar.

Agora ela entenderia, sem dúvida. Como dona de um terço do restaurante, devia estar pensando nas possibilidades financeiras. Adam ficou esperando o primeiro grito de comemoração.

Nada.

Ainda conseguia ouvir o barulho de louças e talheres, o murmúrio e, ao fundo, alguns cães latindo. Do contrário, teria achado que a ligação havia caído. Ou que ela tinha desligado na cara dele.

— Alô, Sra. Weeks?

— Sim, estou aqui.

— Bem, então... ahn, parabéns. A ideia é chegar na sua região na primeira quinzena do mês que vem, e podemos ser um pouco flexíveis nesse período para nos ajustarmos à sua agenda. Soube que as noites de sexta-feira são um destaque, então, podemos planejar para...

— Sinto muito... Sr. Kopecky, é isso?

— Sim, mas pode me chamar de Adam, por favor.

— Sinto muito, Adam, ficamos... lisonjeados, mas eu não acho que poderemos participar do programa.

— Ah — disse Adam, meio arfando, meio resmungando.

Houvera algumas ocasiões em que as agendas não tinham fechado, em que circunstâncias do tipo mais sério (casamentos, funerais, transplantes de órgão) haviam atrapalhado a produção, mas o sonho jamais morrera sem um grande esforço por parte dos proprietários seguido por uma grande decepção. Uma pobre mulher em Omaha havia chorado ao telefone por cinco minutos inteiros.

— Muito obrigada por pensarem em nós...

Como se não fosse nada além de um convite para uma festa de aniversário no quintal de um parente distante.

— Sra. Weeks, não sei se a senhora tem noção do que isso poderia fazer pelo seu negócio. Eu poderia enviar algumas estatísticas... A senhora ficaria impressionada com a diferença que uma participação no programa poderia significar aos seus lucros.

— Tenho certeza de que o senhor tem razão, Sr. Kopecky...

— O que houve, Espirra? — interrompeu uma voz.

Uma voz muito grave e alta.

— Com licença — disse a Sra. Weeks a Adam, e então sua voz ficou um pouco abafada. — Pode deixar comigo — falou ela para o homem da voz alta. — É aquele programa... da coisa da *Viagem da comida americana*...

— O que eles querem?

— Pelo jeito, mostrar o Refúgio.

Adam respirou fundo. Talvez um dos outros proprietários fosse responder adequadamente.

— Ah — disse a voz grave, e o tom dele lembrou Adam da primeira reação da mulher. Indiferente.

Como era possível que isso fosse uma notícia ruim? Adam teve a impressão de que se tratava de alguma pegadinha. Será que Bess e Neil estavam tentando pregar uma peça nele?

— Sério? — falou alguém de longe. Outra voz grave, mas mais entusiasmada. — Querem nos mostrar no programa?

— Sim — respondeu a Sra. Weeks. — Mas não...

Algumas comemorações interromperam o que quer que ela fosse dizer. Adam não relaxou. Não conseguiu sentir nenhuma mudança diretamente do outro lado da linha.

— Quer que eu fale com ele, Espirra? — perguntou a voz alta.

— Não, vá lidar com *eles* — disse a Sra. Weeks. — Talvez o Nathaniel precise de uma bebida. Talvez os atendentes também. Eu cuido disso.

— Entendido, comandante.

— Peço desculpas pela interrupção, Sr. Kopecky — disse a Sra. Weeks, a voz nítida. — E, sinceramente, muito obrigada pela oferta. Eu lamento muito que não vá dar certo.

— Eu não estou entendendo. — Adam pôde ouvir o desânimo na própria voz e teve certeza de que ela também conseguia percebê-lo. — Nós podemos ser flexíveis, como eu disse. Nunca... nunca ninguém disse que não queria.

Agora a voz dela estava mais animada... tranquilizadora, gentil.

— E nós sem dúvida iríamos querer, se fosse possível. Sabe... — Ela fez uma breve pausa. — Tem um problema, um problema legal, que estamos enfrentando. Uma situação pecuniária com a ex-namorada do meu cunhado. Foi um empréstimo ou um presente? Blá-blá-blá, você entende. É tudo muito delicado... complicado, sabe. E, por ora, nenhuma notícia é uma boa notícia. Precisamos manter a discrição. Espero que compreenda. *Estamos* muito lisonjeados.

Adam ouviu o irmão barulhento discutindo com alguém ao fundo, mais latidos e alguns resmungos mais baixos que pareciam reclamação.

Agora, sim. Um motivo concreto, mesmo que ele não compreendesse como um problema legal poderia ser impactado de modo negativo pelo envolvimento do restaurante com o programa... A menos que eles estivessem achando que teriam de pagar algum percentual do que o restaurante valia?

— Sinto muito por saber disso, Sra. Weeks. Talvez algum dia, no futuro? Eu posso lhe dar meu...

— Com certeza. Muito obrigada. Entrarei em contato se algum dia pudermos aceitar o convite.

A linha ficou muda. Ela nem sequer lhe deixara dar o número de telefone.

Adam ficou olhando para os papéis à sua frente por alguns segundos, tentando se livrar da sensação de ter sido rejeitado depois de convidar por pena uma menina para ir ao baile de formatura.

Alguns minutos se passaram enquanto ele continuava a olhar fixamente para o telefone. Por fim, balançou a cabeça e pegou o arquivo com os restaurantes da reserva. A cafeteria na Parker ficaria grata de ser escolhida. Adam precisava de alguns bons gritos.

AGRADECIMENTOS

Eu não poderia ter escrito esta história sozinha, e sou imensamente grata a todas as pessoas que me deram tanto de seu tempo, sua paciência e seu conhecimento.

A estrela do time foi a Dra. Kirstin Hendrickson, da Escola de Ciências Moleculares da Universidade Estadual do Arizona, e seu colega Dr. Scott Lefler. A Dra. Hendrickson passou muito tempo trabalhando em maneiras realistas para eu matar, torturar e manipular quimicamente pessoas fictícias, e agradeço muito pela ajuda dela.

Minha enfermeira preferida, Judd Mendenhall, também foi de imensa ajuda para manter Daniel Beach vivo ao me explicar sobre o ferimento no peito e apresentar a solução do veterinário.

Sem a ajuda brilhante do Dr. Gregory Prince com biologia molecular e anticorpos monoclonais, eu não teria conseguido dar a Alex a história prévia que ela merecia.

Um enorme agradecimento a cada uma das seguintes pessoas incríveis: Tommy Wittman, agente especial aposentado da Agência de Álcool, Tabaco, Armas de Fogo e Explosivos dos Estados Unidos, que me deu um excelente curso rápido sobre máscaras de gás; Paul Morgan e Jerry Hine, que foram assustadoramente prestativos com a mecânica de construção de uma armadilha mortal funcional; sargento Warren Brewer do Departamento de Polícia de Phoenix, que examinou minhas transações com drogas; S. Daniel Colton, ex-capitão da Força Aérea americana, por sua expertise na criação da história prévia de Kevin; suboficial de primeira classe John E. Rowe, que está sempre disposto a falar sobre armas comigo ou sobre qualquer outra coisa acerca da qual eu possa ter curiosidade.

E um imenso agradecimento também às minhas fontes que preferiram continuar anônimas. Agradeço muito a ajuda de vocês.

Todo o meu amor aos suspeitos de sempre: minha família extremamente compreensiva, que tem tanta paciência com os meus surtos insones e maníacos de escrita; minha brilhante editora, Asya, que nunca me diz que estou louca, mesmo quando estou; minha agente ninja, Jodi, que inspira medo em todos os que se opõem a ela (e às vezes a quem não se opõe); minha agente cinematográfica cheia de classe, Kassie, em quem eu quero me transformar quando crescer; minha parceira de produção, Meghan, que carrega todo o peso da Fickle Fish para que a empresa não pegue fogo na minha ausência. E, é claro, meu coração está cheio de amor por todos que escolhem meus livros e dão uma

chance a eles — obrigada por me deixarem contar histórias a vocês.

E, por fim, obrigada a Pocket, meu pastor-alemão lindo e desprivilegiado intelectualmente, que, ao menor sinal de perigo, se acovarda atrás das minhas pernas. Que nunca me amará tanto quanto ama meu marido. Que ainda não entende os princípios básicos da brincadeira de pegar a bolinha. Também amo você, seu medrosão burro e maravilhoso.

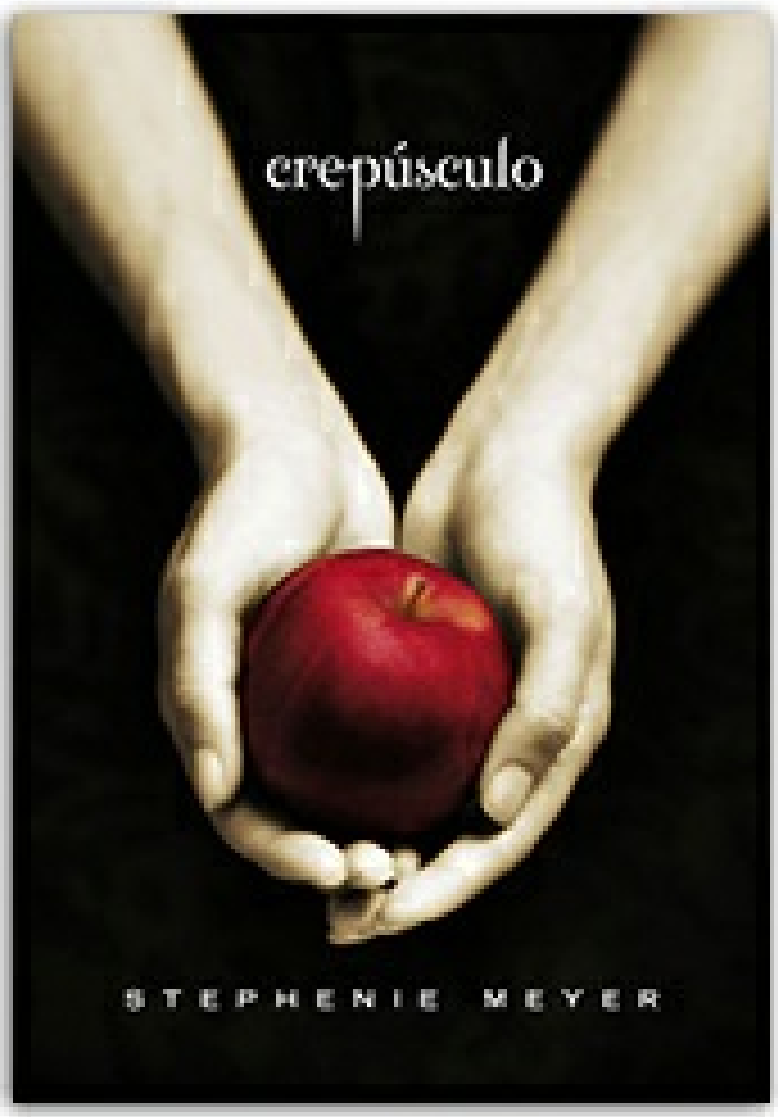
SOBRE A AUTORA



© Jake Abel

STEPHENIE MEYER formou-se em literatura inglesa na Brigham Young University. Estreou como autora com o lançamento da série de livros *Crepúsculo*, best-seller internacional que vendeu 155 milhões de exemplares no mundo todo. Em 2008, Meyer publicou *A hospedeira*, seu primeiro livro voltado ao público adulto. A trama figurou nas principais listas de best-sellers do mundo, com mais de 9 milhões de exemplares vendidos, e foi adaptada para os cinemas, com produção da própria autora. *A química* é seu segundo romance adulto. A autora mora com o marido e os três filhos no Arizona.

CONHEÇA OS OUTROS TÍTULOS DA AUTORA



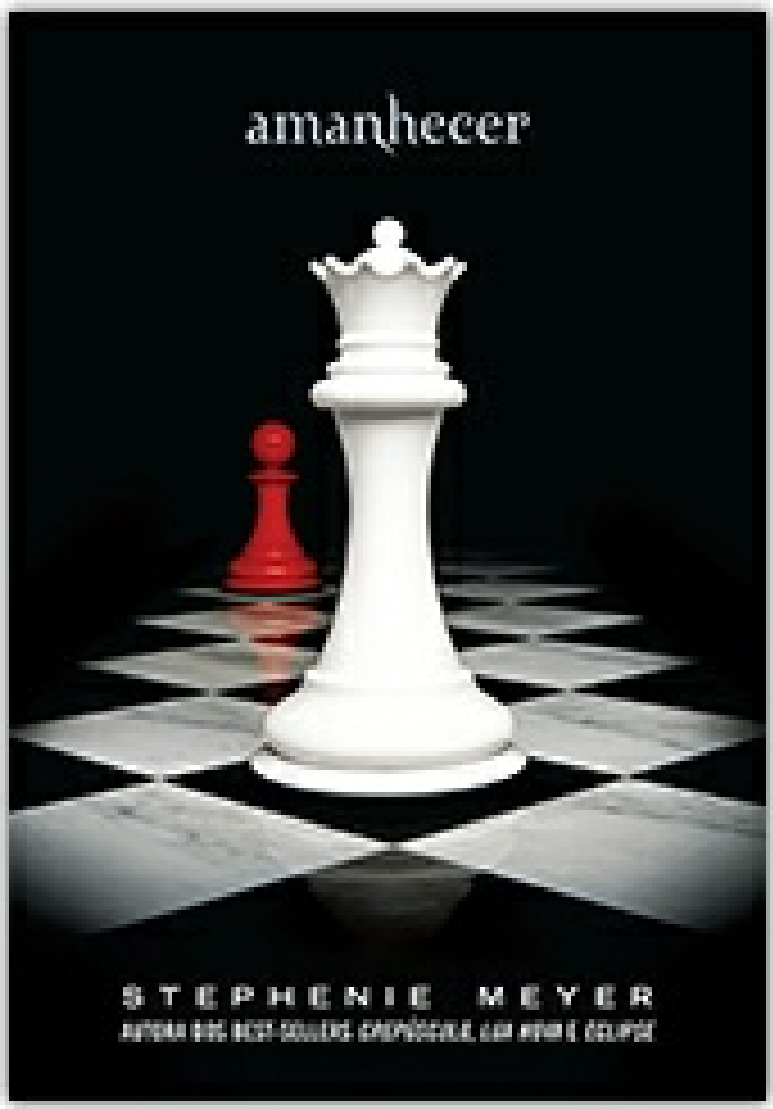
Crepúsculo



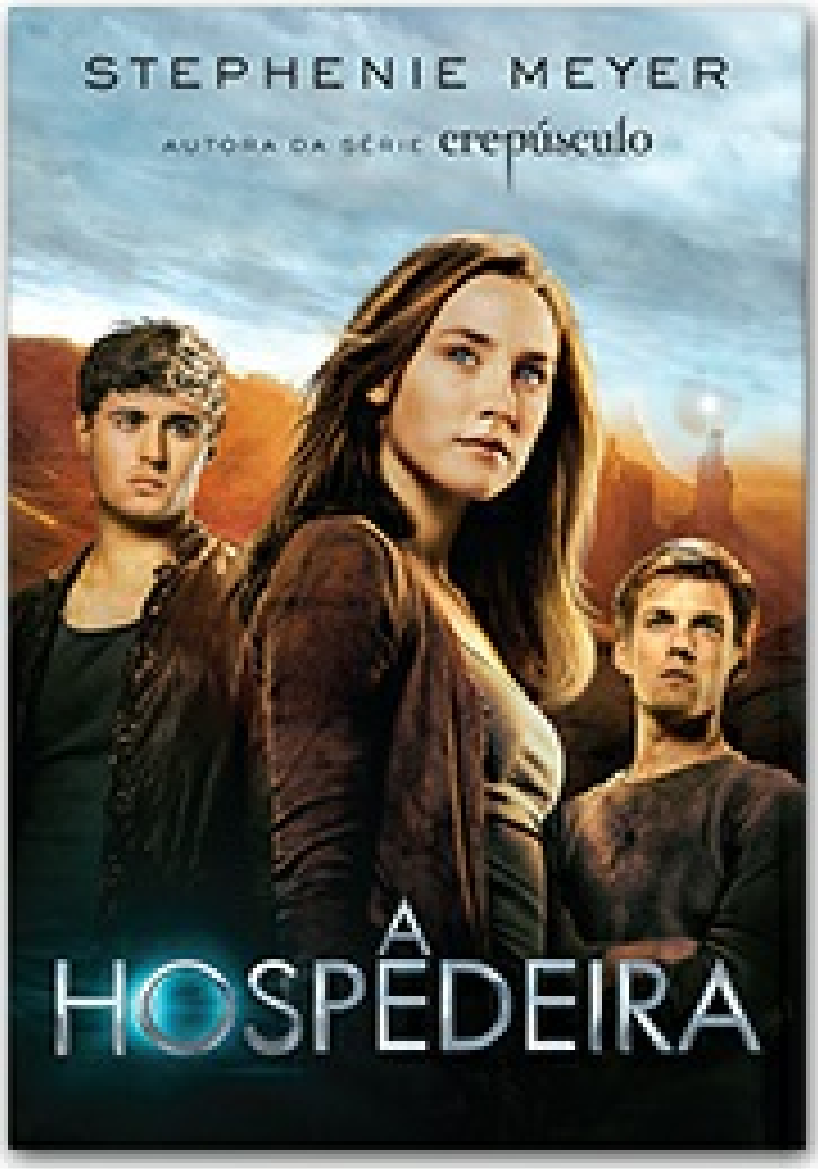
Lua nova



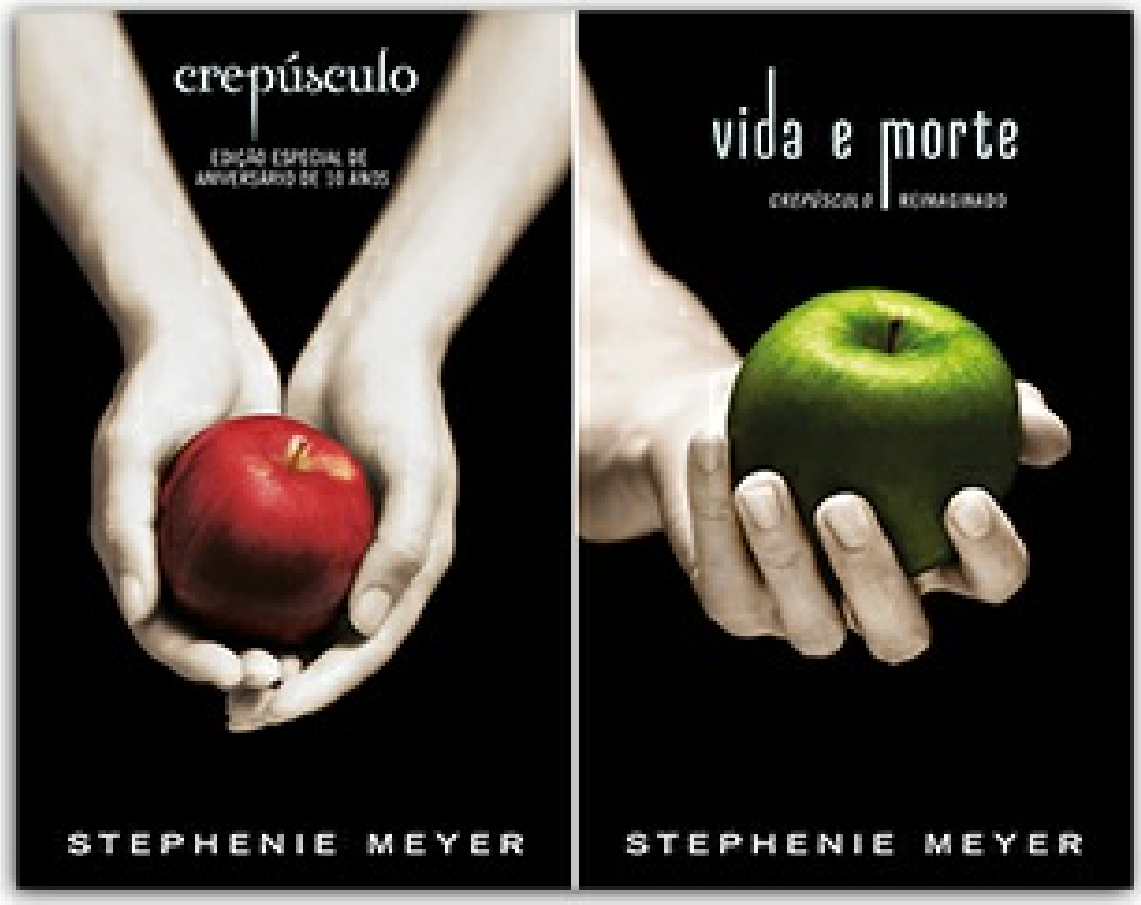
Eclipse



Amanhecer

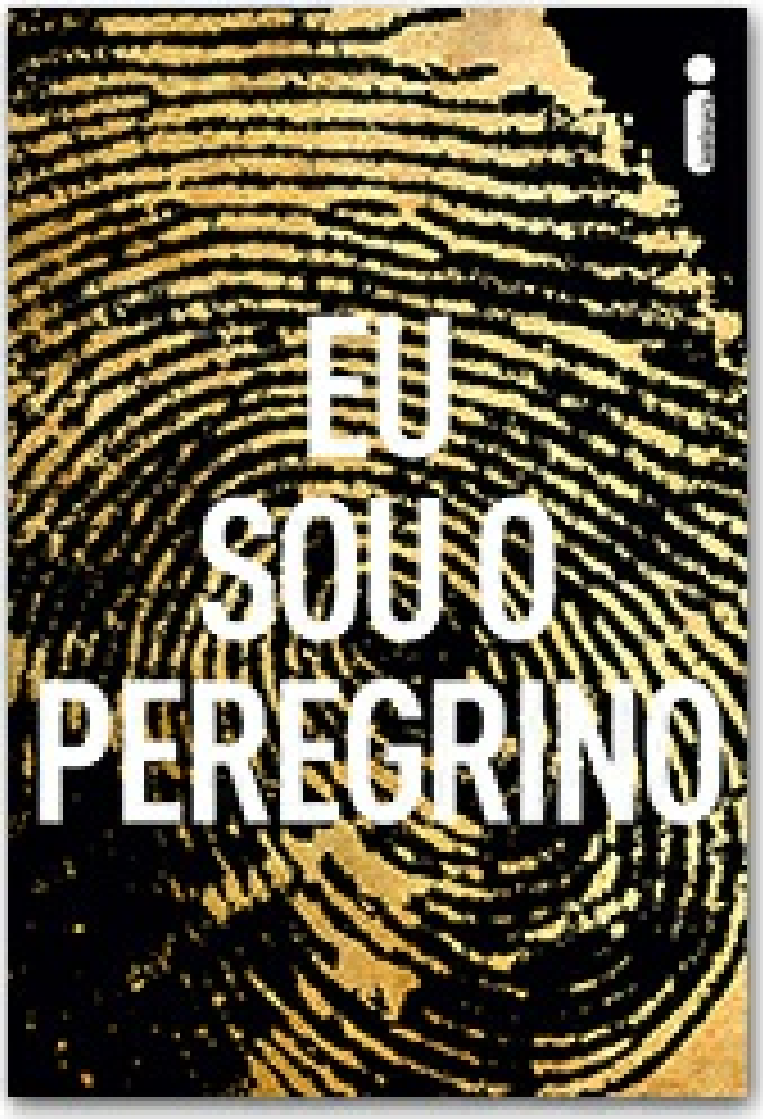


A hospedeira

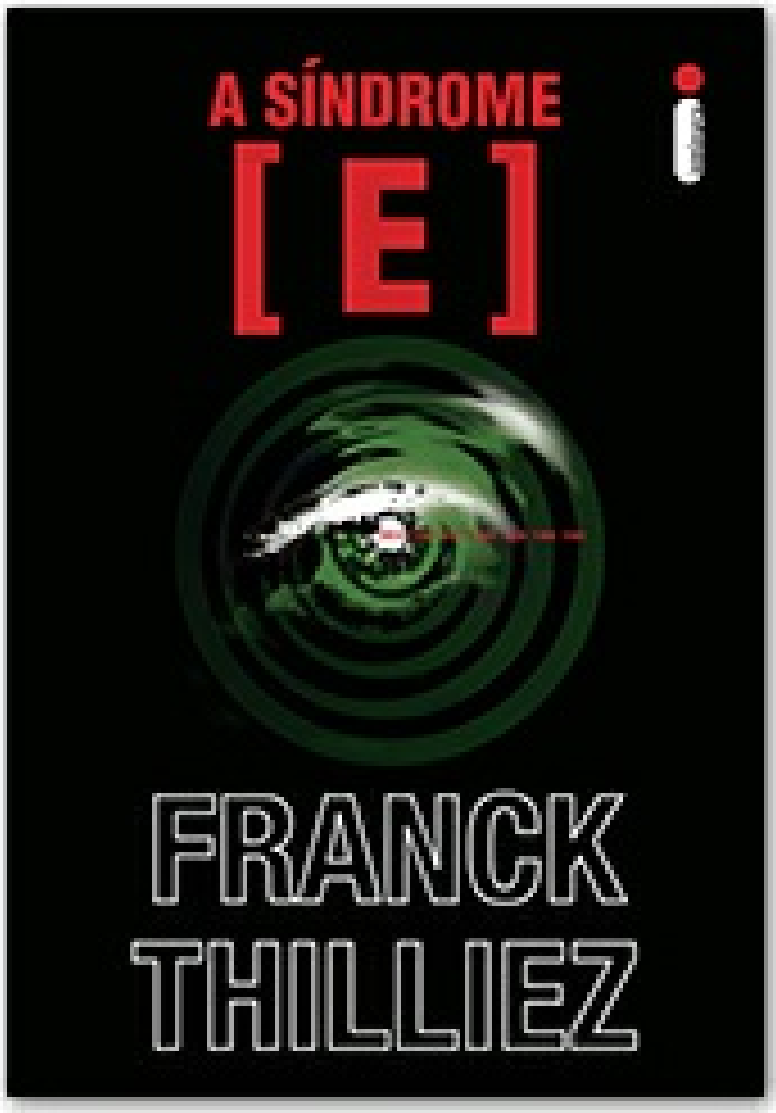


Crepúsculo:
Edição especial de aniversário de 10 anos

LEIA TAMBÉM



Eu sou o Peregrino
Terry Hayes



A síndrome E
Franck Thilliez